



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA



Elisangela Silva da Costa

**“VERBA VOLANT, SCRIPTA MANENT”:  
DESVENDANDO ANNUNCIADA  
CHAVES POR MEIO DE SEUS ESCRITOS (1915-2006)**

BELÉM  
2024

Elisangela Silva da Costa

**“VERBA VOLANT, SCRIPTA MANENT”: DESVENDANDO ANNUNCIADA  
CHAVES POR MEIO DE SEUS ESCRITOS (1915-2006)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará a fim de obter o título de Doutora em História Social da Amazônia.

Linha de Pesquisa: População, família, migração e gênero.

Orientadora: Professora Dra. Maria de Nazaré Sarges.

BELÉM  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

C837v Costa, Elisangela Silva da.  
"Verba volant, scripta manent": : desvendando a Profa. Maria  
Annunciada Chaves por meio de seus escritos (1915-2006) /  
Elisangela Silva da Costa. — 2024.  
350 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Maria de Nazaré Sarges  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em  
História, Belém, 2024.

1. Chaves, Maria Annunciada Ramos, 1915-2006 -  
Biografia. 2. Chaves, Maria Annunciada Ramos, 1915-2006 -  
História e crítica. 3. Historiadores - Biografia. 4. Bibliotecas  
particulares -Pará. 5. Bibliofilia. I. Título.

CDD 981.15092

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA  
CURSO DE DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA



Elisangela Silva da Costa

**“VERBA VOLANT, SCRIPTA MANENT”:  
DESVENDANDO ANNUNCIADA  
CHAVES POR MEIO DE SEUS ESCRITOS (1915-2006)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará a fim de obter o título de Doutora em História Social da Amazônia.

Linha de Pesquisa: População, família, migração e gênero.

Orientadora: Professora Dra. Maria de Nazaré Sarges.

JULGADO EM : \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Maria de Nazaré Sarges - PPHIST/UFPA  
Presidente

---

Prof. Dr. Fabiano Cataldo de Azevedo – UFBA  
Membro externo

---

Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda – PPHIST/UFPA  
Membro interno

---

Profa. Dra. Ana Carolina de Abreu Coelho– PPHIST/UFPA  
Membro interno

---

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo – PPHIST/UFPA  
Membro interno

---

Profa. Dra. Magda Maria Oliveira Ricci – PPHIST/UFPA  
Suplente

A todas as pessoas que se ocupam em  
salvaguardar o patrimônio bibliográfico  
mundial.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo que tenho e tudo que sou, pois de fato ele é alfa e ômega das nossas vidas;

Como boa afonseana, não poderia deixar de agradecer a Santo Afonso de Ligório, a quem sempre recorri em meio às adversidades estudantis desde a infância até os dias de hoje, pelo suporte espiritual, inspiração, direcionamento intelectual, motivação e auxílio nas horas de atribulações ou desânimo;

Aos meus pais Maria José Silva da Costa e José Carlos Trindade da Costa (*in memorian*), exemplos de retidão moral, religiosidade e valorização da intelectualidade;

Aos meus irmãos: Nazaré (*in memorian*), Nazareno, Regina, Socorro, Jorge; e, sobrinhos: Anderson (*in memorian*), Ellen, Kelly, Thayane e Diandra pela compreensão e apoio nos momentos difíceis. Em especial: à minha irmã Elizabeth Costa pela revisão gramatical e a minha sobrinha Katrine Costa pela digitalização dos documentos;

A todo corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPHIST/UFGPA), especialmente, à minha orientadora Profa. Dra. Maria de Nazaré Sarges, pelos valiosos ensinamentos, pelo exemplo como professora, gestora e pesquisadora, pela prestimosa orientação que tornou essa tese exequível;

Ao Prof. Dr. Antônio Otaviano Vieira Junior, cuja insistência no levantamento infatigável das fontes, me fez ter material suficiente para trabalhar no período da pandemia;

À Profa. Dra. Anna Carolina de Abreu Coelho pelas valiosas observações feitas em meu exame de qualificação

À Profa. Franciane Gama Lacerda, pelas orientações ao longo da disciplina Seminário de Tese II e pelos ensinamentos não só acadêmicos, como também morais; uma pessoa rara, verdadeira sábia, que não se deixa contaminar e nem abater pelas vaidades acadêmicas;

À Professora Dra. Magda Ricci e à Professora Dra. Cristina Donza Cancela, pela lapidação do meu projeto de pesquisa e orientações generosas na disciplina Seminário de Tese IV;

À Lilian e Fernanda Reis, secretarias do PPHIST que diligentemente sempre me assessoraram ao longo deste percurso acadêmico;

Aos colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Patrimônio Bibliográfico e Documental, pelas frutíferas discussões epistemológicas, pela luta constante em defesa do patrimônio bibliográfico e, em especial, ao Prof. Dr. Fabiano Cataldo da UFBA (coordenador do grupo), pelos livros e conhecimentos compartilhados, cuja participação em um de seus cursos me deu o *insight* para fazer um estudo biográfico a partir dos vestígios de uma biblioteca particular, e pelo convívio amistoso e erudição;

Ao Prof. Flávio Augusto Sidrim Nassar (*in memoriam*), saudoso mecenas da cultura paraense, pela coordenação do resgate dos livros da professora Annunciada Chaves da rua, por ter criado o Projeto Memorial do Livro Moronguêta/PROINTER/UFPA e me convidado a fazer parte dele, pela bibliografia franqueada e pelas diversas informações que me forneceu sobre a vida da professora Annunciada Chaves, e se vivo estivesse, com certeza me ajudaria nessa leitura final da tese e a para de arrestas;

À Célia Ribeiro (diretora do Sistema de Bibliotecas da UFPA), à Nelma Maia (coordenadora de Processamento da Informação da BC/UFPA), à Profa. Dra. Magda Ricci e ao Prof. Antônio Maurício Costa, pela compreensão em relação à ausência para cursar as disciplinas do doutorado ou para fazer pesquisas;

Às bibliotecárias da BC/UFPA Ruth Negrão e Michelly Bacelar, pelo auxílio na localização e empréstimo de materiais bibliográficos;

À minha amiga e colega da BC/UFPA Mariana Araújo, pelo empréstimo de livros pessoais, que me auxiliaram sobremaneira na feitura desta tese;

Aos colegas da Turma de Doutorado de 2018 do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da UFPA, em especial: André Yvis, Daniela, Diana, Élide, Elielton, Elizângela, Marcos, Pedro, Stela, Telmo e Walter, pelo convívio, pelos conselhos, pela concordância e até pelas divergências, que com certeza nos fizeram evoluir intelectual e moralmente;

A Lucas Ayres, meu colega de trabalho do Centro de Memória da Amazônia e de estudo, pelo auxílio na elaboração de meu relatório de qualificação e trâmites acadêmicos no PPHIST.

Ao João Marcelo Dergan, meu colega de trabalho do Centro de Memória da Amazônia, pelas sugestões bibliográficas e metodológicas, além de leitura acurada frequente desta tese;

À amiga Soraya Maria Bitar de Lima Souza, pelo adminículo perene e pela cedência de diversas resoluções dos Conselhos Superiores da UFPA, que subsidiaram consideravelmente esta tese;

À Geisa Dias, bibliotecária do Instituto Evandro Chagas, minha amiga, que me ajudou, juntamente com o Pro Flávio Nassar, a desenvolver o Memorial do Livro Moronguêta, pelas indicações de livros e discussões que me ajudaram a desenvolver esta tese;

Aos juristas: Roberto Santos, Clóvis Ferro Costa e Baim Klautau; ao livreiro Raimundo Jinkings; ao literato Dalcídio Jurandir; aos críticos de arte Machado Coelho e Francisco Paulo Mendes; e aos professores: Annunciada Chaves, Clóvis Moraes Rego, José Caripunas e Célia Bassalo (todos *in memoriam*) e Aluizio Lins Leal, verdadeiros baluartes da ciência e cultura paraense que durante muito tempo colecionaram livros preciosíssimos que foram insumos precípuos ao desenvolvimento deste trabalho;

Ao Leandro Salles, pelo auxílio na coleta de documentos. Ao Roger Santos e Renan Souza, pela localização de documentos importantes para o desenvolvimento desta pesquisa;

A todas as pessoas que recolheram os livros de Annunciada Chaves da rua, principalmente as que os doaram para o Memorial do Livro Moronguêta;

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a feitura desta pesquisa.



“[...] colecionamos livros na crença de que os estamos preservando quando na verdade são os livros que preservam seu colecionador. Não que os livros se tornem vivos nele [...]. É ele quem vive nos livros”.

(Walter Benjamin, 2007).

## RESUMO

O patrimônio bibliográfico representa um vasto campo de estudo a ser desbravado na academia, sendo assim esta pesquisa possui o objetivo de investigar a trajetória biobibliográfica da intelectual paraense Maria Annunciada Ramos Chaves por meio dos vestígios que ela deixou em sua biblioteca particular. Caracteriza-se como uma pesquisa de cunho biográfico, do tipo bibliográfica e documental. Averigou-se que o acervo analisado contém: documentos oficiais e pessoais, livros, revistas, fotografias, cartões-postais, programas de peças teatrais, recortes de jornais, legislação sobre ensino e anotações diversas - que permitem mapear e construir aspectos do ensino da História entre as décadas de 1930 a 1990. A investigação centrou-se no entendimento da ação dessa protagonista para a promoção do ensino da História analisadas na perspectiva da História da Cultura, em âmbito regional e nacional. Consideram-se, também, diálogos no âmbito dos estudos sobre o patrimônio bibliográfico, colecionismo e bibliofilia, pela análise das instâncias que custodiam e caracterizam um acervo pessoal como um bem cultural. Detectou-se que a professora Annunciada Chaves, apesar de não ser uma historiadora de formação, criou instituições, se profissionalizou e desenvolveu várias atividades que auxiliaram no engrandecimento do ensino da História no Pará. Identificou-se Annunciada Chaves como uma intelectual mediadora, foi jurista, professora, historiadora, gestora e ocupou cargos em instituições culturais e educacionais que lhe proporcionaram um lugar de projeção em uma rede de sociabilidade de intelectuais de relevância local, nacional e internacional, como enunciam as dedicatórias constantes em seus livros. O teor de sua biblioteca pessoal, objeto de estudo desta tese, se configurou como um legado histórico-educativo cujos livros e as dedicatórias neles contidos operam como agentes e testemunhas.

**Palavras-chave:** Chaves, Annunciada, 1915-2006 - biografia; Biblioteca particular; História cultural; Patrimônio bibliográfico; Bibliofilia.

## ABSTRACTS

The Bibliographic heritage represents a vast field of study to be explored in academia, and so this research aims to investigate the bio-bibliographical trajectory of the intellectual from Pará, Maria Annunciada Ramos Chaves, through the traces she left in her private library. It is characterized as a biographical research, of the bibliographic and documentary type. It was found that the collection analyzed contains: official and personal documents, books, magazines, photographs, postcards, programs of plays, newspaper clippings, legislation on teaching and various notes - which allow mapping and constructing aspects of the teaching of History between the 1930s and 1990s. The investigation focused on understanding the action of this protagonist for the promotion of the teaching of History analyzed from the perspective of the Cultural History, at regional and national levels. Dialogues within the scope of studies on bibliographic heritage, collecting and bibliophilia are also considered, through the analysis of the instances that guard and characterize a personal collection as a cultural asset. It was found that Professor Annunciada Chaves, despite not being a historian by training, created institutions, became a professional and developed several activities that helped to enhance the teaching of History in Pará. Annunciada Chaves identified herself as an intellectual mediator; she was a jurist, teacher, historian, manager and held positions in cultural and educational institutions that gave her a prominent place in a social network of intellectuals of local, national and international relevance, as stated in the dedications in her books. The content of her personal library, the object of study of this thesis, was configured as a historical-educational legacy whose books and the dedications contained in them operate as agents and witnesses.

Keywords: Chaves, Annunciada, 1915-2006 - biography; Private library; Cultural history; Bibliographic heritage; Bibliophilia.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 -	Professora Maria Annunciada Ramos Chaves .....	25
Foto 2 -	Residência de Annunciada Chaves .....	28
Pintura 1 -	<i>A Young Woman Reading</i> , de Gustave Courbet (1866 – 1868) .....	31
Pintura 2 -	<i>La Liseuse de Romans</i> , pintado por Aintoine Wiertz (1853) .....	31
Foto 3 -	Joaquim Chaves .....	45
Foto 4 -	Maria D’Ascensão Ramos Chaves .....	45
Foto 5 -	Maria Annunciada (à esquerda) e suas irmãs: Maria Paula, Maria de Lourdes e Maria Júlia .....	45
Foto 6 -	Documento solicitando matrícula de Annunciada Chaves no 3 <sup>o</sup> ano do Curso de Direito .....	53
Foto 7 -	Almoço de congregação da OAB-PA, oferecido por Aldebaro Klautau em 1951 .....	56
Foto 8 -	Livros que os membros da Família Ramos Chaves se presenteavam	57
Foto 9 -	Livro que Annunciada ganhou de seu pai, um dos primeiros livros que deu origem ao Acervo de Annunciada Chaves .....	58
Gráfico 1 -	Distribuição do acervo por tipologia documental .....	60
Tabela 1 -	Autores lidos por Annunciada Chaves .....	61
Quadro 1 -	Autores lidos por Annunciada Chaves agrupados por correntes historiográficas .....	63
Tabela 2 -	Editoras mais presentes na Biblioteca particular de Annunciada Chaves .....	65
Gráfico 2 -	Idade do acervo da Biblioteca Particular de Annunciada Chaves .....	67
Tabela 3 -	Assuntos mais lidos por Annunciada Chaves .....	67
Foto 10 -	Visitas Pastorais, de D Dr. João de São José de Queiroz .....	74
Foto 11 -	Livro didático que a professora Annunciada recebeu como cortesia	77
Foto 12 -	Livro histórico religioso, escrito por Maria Paula Chaves, irmã de Annunciada .....	79
Foto 13 -	Livro de cunho turístico e religioso, escrito pelo Arcebispo Antônio Gaudêncio Ramos .....	79
Foto 14 -	Obras de temática não católica que constam na Biblioteca Particular de Annunciada Chaves .....	79

Gráfico 3 –	Idiomas em que estão escritos os livros da Biblioteca Particular de Annunciada Chaves .....	81
Gráfico 4 –	Distribuição dos livros por período de aquisição .....	83
Gráfico 5 -	Formas de aquisição dos Livros da Biblioteca Particular de Annunciada .....	84
Foto 15 -	Registro de dados da compra do livro que a professora Annunciada fazia .....	85
Foto 16 -	Ex-Libris com inscrição simples .....	85
Foto 17 -	Ex-Libris com monograma de Vitor Hugo .....	86
Foto 18 -	Ex-Libris com brasão de Américo Lacombe .....	87
Foto 19 -	Ex-Libris de José da Silveira Netto .....	87
Foto 20 -	Ex-libris com frase significativa, da Fiocruz .....	88
Foto 21 -	Ex-libris da Bibliotheca e Archivo Público do Pará, feito por Theodoro Braga .....	89
Foto 22 -	Ex-libris da Bibliotheca de São Paulo, feito por Theodoro Braga .....	89
Gráfico 6 –	Tipos de ex-libris encontrados no Acervo Annunciada Chaves .....	89
Foto 23 -	<i>Ex-Libris</i> manuscrito de Annunciada Chaves .....	90
Foto 24 -	<i>Ex-Libris</i> da professora Annunciada Chaves em forma de carimbo	90
Foto 25 –	Carimbo com letras góticas de Annunciada .....	91
Foto 26 -	<i>Super-Libris</i> manuscrito de Annunciada Chaves .....	92
Foto 27 –	Livro do Acervo da professora Annunciada Chaves que trazia índices feito pela leitora .....	93
Foto 28 –	Livro do Acervo Annunciada Chaves marcados com lápis de cor ...	93
Foto 29 –	Livro do Acervo Annunciada Chaves que trazia um santinho para marcar a página .....	94
Foto 30 –	Livro do Acervo Annunciada Chaves que lhe foi doado e ela manteve o cartão de visita de quem a presenteou .....	94
Foto 31 –	Lembretes que Annunciada guardava dentro do livro .....	95
Foto 32 –	Cartão postal que Annunciada usava para marcar o livro .....	95
Foto 33 –	Anverso do cartão postal ilustrado por Weighant .....	97
Foto 34 –	Verso do cartão postal ilustrado por Weighant .....	97
Foto 35 -	Artigos afixados nos livros de Annunciada Chaves .....	98
Foto 36 -	Um exemplar de livro intonso, que pertenceu a Annunciada Chaves	99

Foto 37 -	Livro com encadernação em capa inteira .....	100
Foto 38 -	Livro com encadernação meia lombada .....	100
Foto 39 -	Livro com encadernação meia lombada com cantoneiras .....	100
Foto 40 -	Cadernos em que Annunciada Chaves colava recortes relacionados a sua vida profissional .....	102
Foto 41-	Recortes do Caderno 1 .....	103
Foto 42-	Recortes do Caderno 2 .....	103
Foto 43 -	Fachada da Livraria Contemporânea .....	105
Foto 44 -	Ivo Moreira, proprietário da Livraria Pará .....	106
Foto 45 -	Propaganda da Livraria Pará .....	106
Foto 46 -	Etiquetas da Livraria Bittencourt .....	106
Foto 47 -	Etiquetas da Livraria Tavares Cardoso (A) .....	106
Foto 48 -	Etiquetas da Livraria Tavares Cardoso (B) .....	106
Foto 49 -	Eduardo Tavares Cardoso, proprietário da Livraria Universal .....	107
Foto 50 -	Vista interior da Livraria Universal .....	107
Foto 51 -	Fachada da Livraria Universal nos tempos áureos .....	108
Foto 52 -	Loja Aline Modas local onde funcionava anteriormente a Livraria Universal .....	108
Foto 53 -	Etiqueta da Livraria Clássica .....	109
Foto 54 -	Carimbos da Livraria Clássica .....	109
Foto 55 -	Alexandre Couto, um dos proprietários da Livraria Clássica .....	109
Foto 56 -	Última sede da Livraria Clássica .....	109
Foto 57 -	Carimbo da Livraria Maranhense .....	110
Foto 58 -	Carimbo seco da Livraria Alfacinha .....	110
Foto 59 -	Carimbo úmido da Alfacinha .....	110
Foto 60 -	Livraria Alfacinha .....	110
Foto 61 -	Altino Pinheiro, proprietário da Papelaria da Moda .....	111
Foto 62 -	Fachada da Papelaria da Moda .....	111
Foto 63 -	Carimbo da Agência Veneza .....	111
Foto 64 -	Carimbo da livraria Pará-Intelectual .....	111
Foto 65 -	Carimbo da Livraria Fluminense .....	111
Foto 66 -	Fachada da Livraria Carioca .....	111
Foto 67 -	Variações do Carimbo da Livraria Carioca .....	112

Foto 68 -	Carimbo da Livraria Vitória .....	112
Foto 69 -	Carimbo da Livraria Moderna .....	112
Foto 70 -	Varição do Carimbo da Livraria Moderna .....	112
Foto 71 -	Alberto Pinheiro, proprietário da Liv. Globo .....	112
Foto 72 -	Sede da Livraria Globo .....	112
Foto 73 -	Carimbo do representante comercial Rocha Falcão & Cia .....	112
Foto 74 -	Brasileiras do Acervo Anunciada Chaves .....	113
Foto 75 -	Antônio Pinheiro do Nascimento, representante em Belém da Companhia Editora Nacional .....	113
Foto 76 -	Sede da Representação da Companhia Editora Nacional em Belém ...	113
Foto 77 -	Carimbo da Livraria Olinda .....	114
Foto 78 -	Etiqueta da Livraria Grão-Pará .....	114
Foto 79 -	Carimbo seco da Agência Martins .....	114
Foto 80 -	Propaganda da Agência Martins .....	114
Foto 81 -	Carimbo da Agência Martins .....	114
Foto 82 -	Sede da Agência Martins .....	114
Foto 83 -	Etiqueta da Livraria Escolar .....	114
Foto 84 -	Eduardo Failache, proprietário da Livraria Econômica .....	115
Foto 85 -	Sede da Representação da Companhia Editora Nacional em Belém	115
Foto 86 -	Etiqueta da Livraria do Povo .....	115
Foto 87 -	Carimbo da Livraria Brasil .....	116
Foto 88 -	Manoel Brito Lourenço proprietário da Livraria Contemporânea ...	116
Foto 89 -	Carimbo da Livraria França .....	116
Foto 90 -	Carimbo da Livraria N. S. Rainha dos Corações .....	116
Foto 91 -	Carimbo úmido da Nova Livraria .....	116
Foto 92 -	Carimbo seco da Livraria Ponto e Vírgula .....	116
Foto 93 -	Carimbo da Livraria Salão <i>Chic</i> .....	117
Foto 94 -	Etiqueta da Livraria D. Quixote .....	117
Foto 95 -	Propaganda da Livraria D. Quixote .....	117
Foto 96 -	Raimundo Jinkings, proprietário da Livraria Jinkings .....	118
Foto 97 -	Sede da Livraria Jinkings .....	118
Foto 98 -	<i>Ex-libris</i> manuscrito de Anunciada Chaves .....	122
Foto 99 -	Modelo de carimbos úmidos utilizados por Anunciada Chaves .....	122

Foto 100 –	Anverso do Cartão da Livraria Francesa .....	123
Foto 101 –	Inscrições no verso do Cartão da Livraria Francesa .....	123
Foto 102 –	Conjunto de estanterias da Casa da Profa. Annunciada Chaves .....	124
Foto 103 –	Dedicatória nº 2486/2012 feita por Salomão Larêdo .....	129
Foto 104 –	Dedicatória nº 2815/2012 feita por Donato Mello Júnior .....	130
Foto 105 –	Exemplo de dedicatória feita com cartão .....	132
Foto 106 –	Dedicatória nº 0444/2012 feita por Ricardo .....	132
Foto 107 –	Dedicatória nº 2736/2012 feita por Mariasinha Jovita .....	133
Foto 108 –	Dedicatória nº 2808/2012 feita por Arnaldo Machado .....	133
Foto 109 –	Dedicatória nº 0117/2012 feita por Joaquim Inojosa .....	134
Foto 110 –	Dedicatória nº 0279/2012 feita por Arruda Dantas .....	135
Foto 111 –	Dedicatória nº 0454/2012 feita por membros da família do escritor Bruno de Menezes .....	135
Foto 112 –	Dedicatória nº 0077/2012 feita por Ítala Bezerra da Silveira .....	136
Foto 113 –	Dedicatória nº 0133/2012 feita por Violeta Loureiro .....	136
Foto 114 –	Dedicatória nº 2807/2012 feita por Eidorfe Moreira .....	137
Foto 115 –	Dedicatória nº 0143/2012 feita por Paulo e Lourdes .....	138
Foto 116 –	Dedicatória nº 0196/2012 feita por Leandro Tocantins .....	138
Foto 117 –	Dedicatória nº 2864/2012 feita por Manuel José Miranda Neto .....	139
Foto 118 –	Dedicatória nº 0284/2012 feita por Ruy Meira .....	139
Foto 119 –	Dedicatória nº 0324/2012 feita por Maria Eunice Reymão .....	140
Foto 120 –	Dedicatória nº 2349/2012 feita por Antônio Sampaio .....	141
Foto 121 –	Dedicatória nº 0432/2012 feita por Ascendino Leite .....	142
Foto 122 –	Dedicatória nº 2821/2012 feita por Adélia Engrácia Oliveira .....	142
Foto 123 –	Dedicatória nº 2835/2012 feita por Nilo Pereira .....	143
Foto 124 –	Dedicatória nº 0319/2012 feita por Gilberto Freyre .....	143
Foto 125 –	Dedicatória nº 0407/2012 feita por Armando Dias Mendes .....	145
Foto 126 –	Dedicatória n. 0222/2012 feita por Sérgio Pandolfo .....	146
Foto 127 –	Dedicatória n. 0242/2012 feita por Arthur Reis .....	147
Foto 128 –	Dedicatória nº 405/2012 feita por Agildo Monteiro .....	148
Foto 129 –	Dedicatória nº 2813/2012 feita por Tereza Gurjão .....	148
Foto 130 –	Dedicatória nº 0169/2012 feita por Machado Coelho .....	149
Foto 131 –	Dedicatória nº 0028/2012 feita por Ápio Campos .....	150



Foto 132 –	Dedicatória nº 3174/2012 feita por Diana Penalber .....	151
Foto 133 –	Dedicatória nº 0104/2012 feita por Sebastião Godinho .....	153
Foto 134 –	Dedicatória nº 1435/2012 feita por Carlos Rocque .....	154
Foto 135 –	Dedicatória nº 2771/2012 feita por Adherbal Meira Mattos .....	155
Foto 136 –	Dedicatória nº 2721/2012 feita por Licínio Castro .....	156
Foto 137 –	Dedicatória n. 2263/2012 feita por Geraldo Coelho .....	156
Foto 138 –	Dedicatória n. 0460/2012 feita por Celeste Proença .....	158
Foto 139 –	Dedicatória n. 2823/2012 feita por <i>Gelmirez</i> .....	158
Foto 140 –	Dedicatória n. 725/2012, de Orlando Zoghbi .....	159
Foto 141 –	Dedicatória n. 0615/2012 feita por João Chrysóstomo de Oliveira .....	160
Foto 142 –	Dedicatória n. 0025/2012 feita por Acyr Castro .....	161
Foto 143 –	Dedicatória n. 0747/2012 feita por Clóvis Meira .....	162
Foto 144 –	Dedicatória n. 0286/2012 feita por Ubiratan Rosário .....	163
Foto 145 –	Dedicatória n. 0116/2012 feita por Aziz Elmhias .....	164
Foto 146 –	Dedicatória n. 2711/2012, de Sally Knopf .....	165
Foto 147 –	Carta de Cecília Meireles, p. 1 .....	166
Foto 148 –	Carta de Cecília Meireles, p. 2 .....	166
Foto 149 –	Dedicatória n. 0557/2012, de Rômulo Souza .....	166
Foto 150 –	Dedicatória n. 2711/2012, de Mizar Bonna .....	167
Foto 151 –	Dedicatória n. 0177/2012 feita por Orlando Costa .....	167
Foto 152 –	Dedicatória n. 0078/2012 feita por Ricardo .....	168
Foto 153 –	Dedicatória n. 2813/2012 feita por Lindanor Celina .....	168
Foto 154 –	Dedicatória n. 2813/2012 feita por Benedito Nunes .....	169
Foto 155 –	Antigo prédio da Sociedade Civil de Agronomia e Veterinária do Pará .....	171
Foto 156 –	Atual Colégio Estadual Visconde de Souza Franco .....	171
Foto 157 –	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Pará ...	172
Foto 158 –	Associação dos Pais e Amigo dos Excepcionais .....	172
Foto 159 –	Campus Pioneiro do Guamá .....	173
Foto 160 –	Cidade Universitária José da Silveira Netto .....	173
Foto 161 –	Dedicatória n. 2909/2012 feita por <i>Mário Barata</i> .....	174
Foto 162 –	Dedicatória n. 0202/2012 feita por Maria Amélia Ferro de Souza .....	175
Foto 163 –	Dedicatória n. 0202/2012 feita por Augusto Corrêa Pinto .....	176

Foto 164 –	Dedicatória n. 1506/2012 feita por Jorge Amado .....	178
Foto 165 –	Dedicatória n. 2295/2012 feita por Líbero Luxardo .....	178
Foto 166 –	Dedicatória n. 0247/2012 feita por Dirceu Bittencourt Figueiredo .....	179
Foto 167 –	Dedicatória n. 2813/2012 feita por Fernando Guilhon .....	179
Foto 168 –	Dedicatória n. 2868/2012 feita por Jader Barbalho .....	180
Foto 169 –	Dedicatória n. 0056/2012 feita por Silvio Meira .....	181
Foto 170 –	Dedicatória n. 0335/2012 feita por Clóvis Meira .....	181
Foto 171 –	Dedicatória n. 2622/2012 feita por Victorino Chermont de Miranda ..	182
Foto 172 –	Dedicatória n. 0366/2012 feita por Clóvis Meira .....	183
Foto 173 –	Dedicatória n. 2805/2012 feita por Cícero Nobre de Almeida .....	185
Imagem 1 -	Miniatura de dedicação integrante da obra ' <i>Chroniques de Hainaut</i> '	185
Foto 174 –	Dedicatória n. 783/2012 feita por José Ildone .....	187
Foto 175 –	Dedicatória n. 2439/2012 feita por Antônio Coelho Sampaio .....	188
Foto 176 –	Dedicatória n. 2934/2012 feita por Gian Neri .....	188
Foto 177 –	Dedicatória n. 1792/2012 feita por Ubiratan Rosário .....	189
Foto 178 –	Dedicatória n. 0001/2012 feita por Sylvia Helena Tocantins .....	189
Foto 179 –	Dedicatória n. 0454/2012 feita por Sylvia Helena Tocantins .....	190
Foto 180 –	Dedicatória n. 2774/2012 feita por Sylvia Helena Tocantins .....	190
Foto 181 –	Dedicatória n. 1259/2012 feita por Benedito Monteiro .....	191
Foto 182 –	Dedicatória n. 0350/2012 feita por Denis Cavalcante .....	192
Foto 183 –	Dedicatória n. 2500/2012 feita por Dalcídio Jurandir .....	192
Foto 184 –	Dedicatória n. 2787/2012 feita por Max Martins .....	193
Foto 185 –	Dedicatória n. 0099/2012 feita por Ângela Castro .....	194
Foto 186 –	Dedicatória n. 0167/2012 feita por Bernardo Élis .....	194
Foto 187 –	Dedicatória n. 0419/2012 feita por Veríssimo de Melo .....	195
Foto 188 –	Dedicatória nº 0288/2012 feita por Adalcinda Camarão .....	195
Foto 189 –	Dedicatória nº 0068/2012 feita por Cassiano Nunes .....	196
Foto 190 –	Lançamento da obra <i>Diálogos de Platão</i> , em 1973, na UFPA .....	197
Quadro 2 -	Séries da Coleção Amazônia da UFPA .....	198
Foto 191 –	Dedicatória nº 2777/2012 feita por Isabel Barreto .....	198
Foto 192 –	Dedicatória n. 2715/2012 feita por Joaquim Inojosa .....	199
Foto 193 –	A escritora Clarice Lispector, contemplando Belém do Pará, na Praça da República .....	202

Foto 194 –	Dedicatória n. 2550/2012 feita por Enid Silva Santos .....	203
Foto 195 –	Dedicatória n. 2804/2012 feita por Otávio Mendonça .....	204
Foto 196 –	Dedicatória n. 2529/2012 feita por Francisco Barbosa .....	205
Foto 197 –	Dedicatória n. 1455/2012 feita por Jorge Amado .....	205
Foto 198 –	Dedicatória n. 0071/2012 feita por Simão Bitar .....	207
Foto 199 –	Reinauguração da APL (1903) .....	214
Foto 200 –	Documento do SNI solicitando informações sobre a Profa. Annunciada Chaves .....	222
Foto 201 –	Documento governamental que levanta suspeitas de subversão de Annunciada Chaves .....	223
Foto 202 –	Decreto que exonerou a Profa. Annunciada Chaves .....	224
Foto 203 –	Matérias jornalísticas que denunciaram a suspeita exoneração da Profa. Annunciada Chaves .....	225
Foto 204 –	Notícia sobre a reunião do Conselho Regional de Estudantes .....	226
Foto 205 –	Decreto que reconduz a Profa. Annunciada Chaves ao cargo de professora do CEPC .....	227
Foto 206 –	Matéria jornalística que noticia a recontração da profa. Annunciada Chaves (A) .....	228
Foto 207 –	Matéria jornalística que noticia a recontração da profa. Annunciada Chaves (B) .....	228
Foto 208 –	Portaria n. 187 no Diário Oficial do Estado do Pará informando o provimento de vaga .....	230
Foto 209 –	Temário da prova escrita .....	231
Foto 210 –	Temário da prova didática .....	232
Foto 211 –	Matéria jornalística sobre a defesa de tese da profa. Annunciada Chaves .....	233
Foto 212 –	Divulgação do resultado do concurso para docente do CEPC .....	234
Foto 213 –	Notícia sobre o jantar em comemoração da aprovação no concurso	234
Foto 214 –	Homenagem à Professora Annunciada Chaves .....	235
Foto 215 –	Jantar de comemoração da aprovação de Annunciada Chaves no Concurso para provimento do cargo de professor de História do Brasil do CEPC (1952), realizado no Grande Hotel, em Belém do Pará .....	235

Foto 216 –	Anverso do menu do Jantar em Homenagem a Anunciada Chaves	236
Foto 217 –	Verso do menu do Jantar em Homenagem a Anunciada Chaves .....	236
Foto 218 –	Frente do prospecto da Peça teatral <i>Vila Rica</i> (1950) .....	243
Foto 219 –	Verso do prospecto da Peça teatral <i>Vila Rica</i> (1950) .....	243
Mapa 1 –	Localização das ruas transversais a Rua dos Pariquis .....	287
Foto 220 –	Capa da Revista Página da SPE .....	293
Foto 221 –	Expediente da Revista Página .....	293
Foto 222 –	Laboratório de História Profa. Maria Anunciada Ramos Chaves .....	296
Foto 223 –	Placa de inauguração do Laboratório de História Profa. Maria Anunciada Ramos Chaves .....	296

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO 1 - ESCAPANDO DA SINA DE QUE “O MELHOR LIVRO É A ALMOFADA E O BASTIDOR”: A FORMAÇÃO INTELECTUAL DE MARIA ANNUNCIADA CHAVES .....</b>	<b>43</b>
<b>1.1 Nasce uma mestra: Dos estudos iniciais ao tão almejado nível superior .....</b>	<b>43</b>
<b>1.2 A biblioteca: <i>célula-mater</i> da intelectualidade de Annunciada Chaves .....</b>	<b>55</b>
1.2.1 A biblioteca analisada .....	58
1.2.2 Como foi composta a Biblioteca de Annunciada Chaves .....	103
<b>1.3 Traços bibliofílicos de Maria Annunciada Chaves .....</b>	<b>118</b>
<b>CAPÍTULO 2 - DEDICATÓRIAS, AUTÓGRAFOS E REDE DE SOCIABILIDADE DE UMA HISTORIADORA PARAENSE: MARIA ANNUNCIADA CHAVES .....</b>	<b>125</b>
<b>CAPÍTULO 3 - UM BAÚ DE ESCRITOS: DISCURSOS, CONFERÊNCIAS, PARECERES, TESE E LIVROS .....</b>	<b>210</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>297</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>306</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>335</b>
<b>APÊNDICE A - PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA PROFESSORA MARIA ANNUNCIADA RAMOS CHAVES .....</b>	<b>338</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma biblioteca particular não é um conjunto de livros aleatórios acumulados compulsivamente por um indivíduo apaixonado por eles, ou que nutre uma mania irracional por possuí-los apenas para ostentá-los para as demais pessoas do seu convívio e, assim, demarcar a sua distinção como intelectual, ou pelo menos transparecer essa imagem. Segundo Umberto Eco, a biblioteca particular deve ser considerada como um “instrumento de trabalho” e não um “mero depósito de livros lidos”<sup>1</sup>.

Antônio Cândido considerava que o estudo de bibliotecas particulares serve para trazer à lume a história intelectual ou a formação das mentalidades de um determinado momento histórico. Para ele, o avanço da cultura de um indivíduo se afere pelos livros que ele leu e, através deste, é possível identificar a história intelectual de uma época, uma vez que “[...] a formação de uma biblioteca equivale geralmente à superposição de camadas de interesse que refletem a época através da pessoa”<sup>2</sup>.

Walter Benjamin também comunga da opinião de Antônio Cândido<sup>3</sup>, e considerava que: “[...] Só depois que o colecionador tivesse disposto seu último livro na estante e morrido — quando sua biblioteca pudesse falar por si mesma, sem a presença do proprietário para perturbar ou ofuscar — os volumes individuais poderiam revelar o conhecimento “preservado” de seu proprietário”<sup>4</sup>. Como ele afirmava a sua posse, escrevendo seu nome na contracapa ou colando uma etiqueta *ex-libris* sobre uma página inteira; se os deixava manchados e com dobras nos cantos das páginas, ou se as páginas permaneciam intactas e não lidas. Benjamin sugeriu que uma biblioteca particular serve de testemunha permanente e confiável da personalidade do seu colecionador, levando-o à seguinte ideia filosófica: “coleccionamos livros na crença de que os estamos preservando quando na verdade são os livros que preservam seu colecionador”. “Não que os livros se tornem vivos nele”<sup>5</sup>, Benjamin postulou. “É ele quem vive nos livros”<sup>6</sup>.

Neste sentido, percebe-se que é possível investigar uma história dos livros, das bibliotecas ou dos leitores, se considerarmos os pressupostos da Escola de *Annales*, que preconizava uma atomização dos estudos históricos, pluralizando o seu objeto de estudo. Principalmente depois dos anos 1970, materializados no texto *O livro: uma mudança de*

<sup>1</sup> ECO, Umberto. Como justificar uma biblioteca particular. *In*: ECO, Umberto. **O Segundo diário mínimo**. Rio de Janeiro : Record, 1993. p. 191.

<sup>2</sup> CÂNDIDO, Antônio. Recado dos livros. *In*: CÂNDIDO, Antônio. **Recortes**. São Paulo : Cia das Letras, 1996. p. 216-221.

<sup>3</sup> *Id.*, p. 23.

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. Unpacking my library: A talk about book collecting. *In*: BENJAMIN, Walter. **Illuminations**. Edited by Hannah Arendt; trad. inglês Harry Zohn. New York: Schocken Books, 2007, p. 61.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 64.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 65.

perspectiva, escrito por Roger Chartier e Daniel Roche, em 1974, no volume 3, da coletânea intitulada: *Fazer história: novos objetos*, organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora<sup>7</sup>, foi possível perceber que os livros e por extensão as bibliotecas e seus leitores podem vir a ser objetos de estudo historiográfico.

Ademais, como pontuou E. T. Thompson, a importância da terceira geração dos *Annales* reside no fato de eles terem expandido as fronteiras da história de modo a viabilizar a feitura de estudos sobre: o sonho, o odor, o corpo, as emoções, os excluídos (crianças, mulheres, operários, pobres) etc., e sobretudo, o “itinerário intelectual de alguns historiadores [...] transferiu-se da base econômica para a superestrutura cultural do porão ao sótão”<sup>8</sup>.

Entretanto, para Darnton, a preocupação com o estudo da História dos Livros “não começou ontem”<sup>9</sup>, muito pelo contrário, ele salienta que suas origens remontam ao período do Renascimento Cultural a partir da criação dos tipos móveis reutilizáveis de Gutenberg, no século XV (ou até mesmo antes disso) e se cristalizaram no século XIX, por meio do capitalismo industrial, que colocou o livro, irreversivelmente, dentre os produtos de consumo preferidos pelos burgueses.

Nessa esteira, é válido ressaltar que o livro como objeto histórico já havia sido estudado desde os fins dos anos 1950, na obra *L'Apparition du Livre* (O Aparecimento do Livro), escrito por Lucien Febvre e Henri-Jean Martin<sup>10</sup>, publicado pela Albin Michel em 1958. A obra de Febvre e Marin embora tenha sido pioneira no que tange à discussão sobre o livro do ponto de vista historiográfico, apresenta um certo equívoco em relação ao seu título pois remete à ideia de que o livro só apareceu com a invenção da imprensa de Gutenberg, quando de fato estudiosos, como: Wilson Martins<sup>11</sup>, Steve Dahl<sup>12</sup>, Douglas Mc Murtrie<sup>13</sup>, Gaston Litton<sup>14</sup>, Robert Escarpit<sup>15</sup>, e Úrsula Katzenstein<sup>16</sup> revelam que o livro já existia bem antes deste período em suportes e formatos diferenciados, tais como: as tabuinhas de argila, folhas de palmeira,

<sup>7</sup> CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 99-115.

<sup>8</sup> THOMPSON, E. P. **A Miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981 p. 48.

<sup>9</sup> DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 12.

<sup>10</sup> FEBVRE, Lucien Paul Victor; MARTIN, Henri-Jean. **L'Apparition du livre**. Paris: A. Michel, 1958. 557 p. (Bibliothèque de synthèse historique. L'évolution de l'humanité; 49).

<sup>11</sup> MARTINS, Wilson. **A Palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. Com um capítulo referente à propriedade literária e, em apêndice, às convenções de Berna, de Washington. São Paulo: Anhembi, 1957.

<sup>12</sup> DAHL, Svend. **Histoire du livre de l'antiquité à nos jours**. 2<sup>ème</sup>. Paris: Poinat, 1960.

<sup>13</sup> MC MURTRIE, Douglas. **O Livro**. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

<sup>14</sup> LITTON, Gaston. **O livro e sua história**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975.

<sup>15</sup> ESCARPIT, Robert. **A Revolução do livro**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1976.

<sup>16</sup> KATZENSTEIN, Úrsula E. **A Origem do livro: da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no ocidente**. São Paulo : Hucitec ; Brasília : INL, 1986.

pedras, tecidos, os papiros egípcios e os pergaminhos<sup>17</sup>, dessa forma, mais adequado seria a obra de Febvre e Martin se denominar “O Aparecimento do Livro Impresso”.

Uma nova perspectiva de História do livro se deu quando Roger Chartier<sup>18</sup> resolveu compreender os efeitos que o objeto livro causa em quem o lê, analisando as práticas de leitura e a própria História da leitura.

Sendo assim, ganha grandes proporções a História das Bibliotecas, sobretudo as Bibliotecas particulares. Neste sentido, convém destacar trabalhos mais contemporâneos que abordam a relação que intelectuais ou estadistas mantêm com suas bibliotecas. Um estudo interessante foi desenvolvido por Timothy Rybach<sup>19</sup> em sua obra intitulada *A Biblioteca esquecida de Hitler*, em que o autor revela aspectos inusitados da personalidade de Hitler ao declarar que esse estadista alemão era apaixonado por livros e que possuía três bibliotecas, uma em sua casa e as outras em seus *bunkers* onde se escondia de seus adversários.

Rybach identificou também que Hitler lia de fato seus livros, não era um mero colecionador, porque grifava os trechos que lhe interessava, escrevia comentários concordando ou discordando do ponto de vista dos autores, grafava o significado das palavras que não conhecia etc. Constatou ainda que Hitler tinha predileção por romances, principalmente os que envolviam relacionamentos amorosos baseados em hierarquia, retratando relações entre chefes e secretárias, patrões e empregadas etc. Esse autor advertiu que boa parte dos livros que pertenceram a Hitler foi perdida ou extraviada, pois os bibliotecários se recusaram a tratar dos livros depois que descobriram a quem eles pertenceram.

No Brasil, estudos sobre a História das Bibliotecas e seus proprietários também vem ganhando espaço. Em 2001, José Luís Jobim<sup>20</sup> organizou a coletânea intitulada *A Biblioteca de Machado de Assis*, a obra é composta por um conjunto de dez ensaios que revelam diferentes aspectos de interação de Machado de Assis com seus livros. No primeiro ensaio, escrito por Jean-Michel Massa<sup>21</sup>, cujo título é homônimo à coletânea, o autor analisou a presença e a ausência de renomados literatos agrupados por sua nacionalidade, a que Massa atribuiu o nome de domínios.

Dessa coletânea, o texto que mais me chamou a atenção foi o *Reverendo a Biblioteca de Machado de Assis* escrito por Glória Vianna<sup>22</sup>, em que ela fez um estudo quantitativo do que

---

<sup>17</sup> KATZENSTEIN, *op.cit.*

<sup>18</sup> CHARTIER, Roger. *Écouter les morts avec les yeux*. Paris : Collège de France ; Fayard, 2008.

<sup>19</sup> RYBACK, Timothy. *A Biblioteca esquecida de Hitler*. São Paulo : Companhia das letras, [19--].

<sup>20</sup> JOBIM, José Luís (org.). *A Biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro : TopBooks; ABL, 2001.

<sup>21</sup> MASSA, Jean-Michel. *A Biblioteca de Machado de Assis*. In: JOBIM, José Luís (org.). *A Biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro : TopBooks, Academia Brasileira de Letras, 2001, p. 21-90.

<sup>22</sup> VIANNA, Glória. *Reverendo a Biblioteca de Machado de Assis*. In: JOBIM, José Luís (org.). *A Biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro : TopBooks, Academia Brasileira de Letras, 2001.



restou da referida biblioteca, cujas fichas de registro eu adaptei para efetuar a coleta de dados desta tese. Dessa forma, quero registrar que tal passeio pela origem e a constituição de bibliotecas particulares se justifica pelo objetivo da minha pesquisa, que visa fazer um estudo bio-bibliográfico da intelectual paraense Maria Anunciada Ramos Chaves (ver foto 1), por meio dos vestígios que ela deixou em sua biblioteca particular.

Foto 1 – Professora Maria Anunciada Ramos Chaves



Fonte: APL (1988, p. 147)<sup>23</sup>.

Continuando a nossa investigação acerca do assunto, outro trabalho que analisa uma biblioteca particular foi a tese escrita por Helen Castro da Silva<sup>24</sup> sob o título: *A Biblioteca da Fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX*, em que a autora detectou que a biblioteca em análise tem um valor expressivo porque atravessou décadas e até períodos históricos, ela existe desde o Império e sobreviveu à passagem para a fase republicana brasileira.

Outra obra importante para o estudo de bibliotecas particulares foi escrita em 2014 pela historiadora Tânia Maria Bessone<sup>25</sup> no livro *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*, nela Bessone identificou quem eram as pessoas que

<sup>23</sup> ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS. Maria Anunciada Chaves. In: ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS. **Poesia & prosa**. 2. ed., rev. atual. Belém: Edições CEJUP, 1988, p. 147-148.

<sup>24</sup> SILVA, Helen Castro da. **A Biblioteca da Fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX**. 2002. 327 f. Tese (doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, Araraquara, 2002. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102417/silva\\_hc\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102417/silva_hc_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20.08.2019.

<sup>25</sup> BESSONE, Tânia Maria Tavares. **Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. São Paulo: EdUSP, 2014.

possuíam grandes bibliotecas privadas na passagem do século XIX para o XX no Rio de Janeiro por meio do levantamento de inventários *post mortem* de famílias abastadas cariocas.

Mais recentemente, uma tese de bastante fôlego foi defendida em 2016, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, por Andréa Figueiredo Leão Grants<sup>26</sup>, em que se propôs a estudar aspectos da vida e da obra da poetisa Cora Coralina a partir de sua biblioteca particular. Na tese, Grants trabalha com o conceito de Biografemas.

Em 2018, Maria do Rosário Alves Moreira da Conceição<sup>27</sup> publicou parte dos resultados de sua tese de doutorado em História, a ser defendida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, intitulada *A Biblioteca de Almeida Garrett: a formação de um homem de Letras oitocentista*, publicado na coletânea *Imprensa, livros e política no oitocentos*, organizada por Tânia Bessone, nessa obra Maria do Rosário Conceição avalia a biblioteca particular do escritor português João Baptista de Almeida Garrett, por meio da consulta do inventário *post mortem* do escritor. A autora identificou que Garrett não possuía uma biblioteca muito numerosa, porém os 370 livros que a compunham eram bem significativos, possuía, inclusive, algumas raridades bibliográficas, tais como a primeira edição de *Os Lusíadas*.

No Pará, destaca-se uma dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras, que foi elaborada em 2011 por Antônio Carlos Pimentel Pinto Júnior<sup>28</sup>, intitulada *A Biblioteca Vermelha de Raimundo Jinkings: uma história de livros*, em que o autor analisa os escritores e os livros que mais influenciaram o ativista político e livreiro maranhense, nesse trabalho o autor bifurca o acervo em dois polos: o acervo político e o acervo literário, chama a atenção para as marcas de leitura deixadas nos livros e complementa algumas suposições com base no depoimento da viúva Isa Jinkings.

Ao traçar esse breve panorama, é possível verificar que os estudos sobre a formação de bibliotecas de intelectuais e o uso que eles faziam delas vêm sendo desenvolvidos com parcimônia; no Pará, então, estudos dessa natureza têm bem menos recorrência.

Nessa seara, a presente tese busca discutir a possibilidade de compreender o perfil da intelectual paraense Maria Annunciada Ramos Chaves (1915-2006) a partir do que ela conservou em sua biblioteca pessoal. De uma maneira mais específica, objetiva mostrar como

---

<sup>26</sup> GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)arquivar biografemas: a Biblioteca de Cora Coralina**. 2016. 459 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/174705>. Acesso em: 12.09.2019.

<sup>27</sup> CONCEIÇÃO, Maria do Rosário Alves Moreira da. *A Biblioteca de Almeida Garrett: a formação de um homem de Letras oitocentista*. In: BESSONE, Tânia et al (Org.). **Imprensa, livros e política no oitocentos**. São Paulo : Alameda, 2018, p.

<sup>28</sup> PINTO JÚNIOR, Antônio Carlos Pimentel. **A Biblioteca vermelha de Raimundo Jinkings: uma história de livros**. 2011. 131 f. Dissertação (mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

o estudo de livros pertencentes a um determinado indivíduo pode revelar suas escolhas e seus modos de se relacionar com a palavra escrita e impressa.

Considerando o pensamento de Antônio Cândido<sup>29</sup>, ao afirmar que: “Estudar uma biblioteca particular requer compreender a biografia do seu proprietário”. Resolvi fazer o caminho inverso e investigar a vida da professora Annunciada Chaves a partir dos vestígios encontrados na biblioteca supracitada.

Como aduz Matthew Battle “De uma época a outra as bibliotecas crescem e mudam, chegam ao apogeu e desaparecem”<sup>30</sup>. Essa premissa é particularmente verdadeira no caso de Annunciada Chaves, pois sua biblioteca surgiu quando ela tinha 10 anos ao receber de seu pai um livro de contos infantis, cresceu a ponto de conter cerca de 20.000 exemplares<sup>31</sup> e foi quase extinta após os livros terem sido postos na rua, devido à sua morte e consequente tentativa de venda da sua casa<sup>32</sup>. Esse processo de venda foi um tanto quanto controvertido, visto que Maria Annunciada Chaves não se casou e nem teve filhos e, àquela altura suas irmãs já tinham falecido. Ela morava sozinha em uma imensa residência (ver Foto 2), situada na Trav. Rui Barbosa, n. 921, esquina com a Rua Boaventura da Silva, e possuía vários colaboradores.

Foto 2 - Residência de Annunciada Chaves.



Fonte: Bessa (2007)<sup>33</sup>.

<sup>29</sup> CÂNDIDO, Antônio. A Evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. **Notícia Bibliográfica e histórica**, v. 22, n. 138, p. 82, abr./jun. 1990.

<sup>30</sup> BATTLES, Matthew. **A Conturbada história das bibliotecas**. São Paulo : Planeta, 2003, p. 21.

<sup>31</sup> DAMASO, Daniela. **Annunciada: a história de um compromisso**. [1997]. Orientador: Lúcio Flávio Pinto. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Comunicação Social) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 1997.

<sup>32</sup> O processo de venda da Casa da professora Annunciada Chaves foi embargado devido uma solicitação feita por seus amigos à Secretaria de Cultura do Pará (SECULT), requerendo o tombamento daquele imóvel sob o argumento de que: “Esta é a única casa, embora tenha sofrido sérias descaracterizações após o falecimento da professora Maria Annunciada Chaves, que possui, como anexo, casas de dote. Um conjunto ímpar para a cidade de Belém”. Em 24 de agosto de 2010, foi publicada no *Diário Oficial do Estado do Pará* a certidão de tombamento da sua residência que passou a pertencer ao Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (DPHAC).

<sup>33</sup> BESSA, Esperança. Polêmica ronda espólio de professora. **O Liberal**, Belém, p. 5. Domingo, 28 de janeiro de 2007. Caderno Atualidades.

Annunciada Chaves faleceu<sup>34</sup> em 16 de agosto de 2006 e Armando Grello, advogado do Grupo *Pop Som*, interessado em comprar a casa, persuadiu Wilma Lobato, vizinha, amiga e inventariante<sup>35</sup>, sob a alegação de que herdaria uma vultuosa dívida por conta de ter que pagar os vários colaboradores que trabalharam para Annunciada Chaves há anos, o advogado convenceu a inventariante<sup>36</sup> a vender a casa e os móveis.

O dia do novo inquilino tomar posse chegou, e um de seus maiores tesouros – a biblioteca – foi posta na rua, sendo levada por quem transitava pelo local. Os amigos de Annunciada Chaves se deslocaram para lá e recolheram o máximo de livros, certificados, fotos, cartas, etc, que puderam a fim de evitar a iminente dilapidação de tão portentoso legado<sup>37</sup>. Objetivando que essas obras fossem preservadas, seus amigos se mobilizaram para conseguir o tombamento da casa e do acervo (ou o que sobrou dele), intento que foi obtido respaldado pela Lei estadual nº 5.629, de 22 de agosto de 2010<sup>38</sup>, assim sendo a casa e o acervo foram inscritos no Livro de Tombo nº 03 do Instituto do Patrimônio Histórico e Geográfico Nacional – Seção Pará<sup>39</sup> em 24 de agosto de 2010.

Ressalta-se que Annunciada Chaves jamais imaginaria que sua biblioteca particular, tão cuidadosamente amalhada por anos, teria esse destino infortunado, na verdade, ela estava crente que seus livros seriam incorporados ao Acervo da Biblioteca Central da UFPA, como se pode verificar na entrevista que ela concedeu a Daniela Damaso, ao declarar: “Não tenho nem ideia de quanto vale essa biblioteca. Na verdade, nem penso em vendê-la. Os livros serão doados para a Universidade Federal do Pará”<sup>40</sup>.

Antes de ocorrer o despejo, o prof. Flávio Nassar bem que tentou conseguir uma nova morada para os livros da professora Annunciada Chaves, ele fez negociação com o dirigente da Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV), entretantes esta unidade de informação não dispunha nem de espaço físico, nem de recursos humanos para higienizar e organizar o acervo. A Biblioteca Central da UFPA também foi sondada, mas também declinou da oferta pelo mesmo motivo alegado pelos dirigentes da BPAV, além do que boa parte de seus livros eram

<sup>34</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Enterro Missa-Convite. **O Liberal**, Belém, p. 4, 16 de agosto de 2006. Obituários.

<sup>35</sup> NASSAR, Flávio, coordenador do Fórum Landi e do Projeto Memorial do Livro Moronguêta. **Informações verbais**. Entrevista concedida em 05.07.2019.

<sup>36</sup> BESSA, *op. cit.*, p. 5.

<sup>37</sup> NASSAR, *op. cit.*

<sup>38</sup> PARÁ. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Seção Pará. Lei estadual n. 5.629, de 22 de agosto de 2010. Dispõe sobre a Preservação e Proteção do Patrimônio Histórico, Artístico, Natural e Cultural do Estado do Pará. **Diário Oficial do Estado do Pará**, Belém, 20 de agosto de 2010. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei\\_n\\_5.629\\_de\\_20\\_de\\_dezembro\\_de\\_1990.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_n_5.629_de_20_de_dezembro_de_1990.pdf). Acesso em: 06.11.2019.

<sup>39</sup> PARÁ. Departamento de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural. **Certidão de Tombamento sob a denominação Antiga Residência de Maria Annunciada Chaves e o Acervo Documental e Bibliográfico da Biblioteca Pessoal da Referida Professora**, Belém, 24 de agosto de 2010.

<sup>40</sup> DAMASO, 1997, *op. cit.*, f. 6.

clássicos e estavam, portanto, fora da Bibliografia Básica do MEC. Considerando esses óbices, o prof. Flávio Nassar, que há época era coordenador do Fórum Landi, resolveu ceder uma das salas deste sodalício dedicado aos estudos do eminente arquiteto bolonhês, e com esse ato fundou o espaço cultural - Memorial do Livro Moronguêta (MLM)<sup>41</sup>.

Os livros ficaram guardados em caixas por seis anos. A fim de que a biblioteca da professora Anunciada Chaves ficasse disponível para consulta, em agosto de 2012, o prof. Flávio Nassar me convidou para ordenar este acervo, a oferta surgiu devido eu ter reorganizado a Biblioteca particular do ex-reitor José da Silveira Netto por ocasião do jubileu de ouro da UFPA ocorrido em 02 de julho de 2007. Portanto, desde 2012 estou envolvida com a pesquisa da vida e obra de Anunciada Chaves, devido ao fato que o estudo da vida do proprietário de uma biblioteca, se configura em uma condição *sine qua nom* para a compreensão e reorganização de sua biblioteca, tentando-se aproximá-la ao máximo da conformação de como o antigo proprietário a mantinha.

Enquanto organizava os livros da professora Anunciada Chaves, eu divagava: Por que esses livros tiveram esse destino? Quem foi Anunciada Chaves? E por que houve essa grande mobilização para salvar os livros dessa professora, pois, infelizmente, o ato de descartar livros na rua é muito corriqueiro<sup>42</sup>? Essa série de questionamentos aliada ao episódio do destino imerecido que recebera a sua biblioteca que me motivaram a concorrer a uma vaga no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da UFPA, apresentando o projeto que visava fazer um estudo bio-bibliográfico de Anunciada Chaves, enveredei pela linha de pesquisa *População, Família, Migração e Gênero*, a fim de estudar quem foi essa intelectual tão eminente e que, ao mesmo tempo, teve esse triste episódio de dilapidação de sua biblioteca após sua morte. Por ironia do destino acabei por escolher como sujeito de minha pesquisa a pessoa que nomeia o Laboratório de História da UFPA.

Conforme salienta Maria do Rosário Alves Moreira da Conceição, estudos sobre “bibliotecas privadas permitem uma ampla gama de reflexões sobre os sujeitos e as práticas históricas que permitem traçar um perfil cultural [do proprietário daquela biblioteca]”<sup>43</sup>.

<sup>41</sup> Mais informações a esse respeito consulte: TOMBADO acervo de Anunciada. **O Liberal**, Belém, p. 3, 25 de agosto de 2010. Magazine.

<sup>42</sup> A este respeito consulte: EM BELÉM, livros didáticos novos são encontrados no meio do lixo. **Portal G1 Pará**. 20/06/2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/05/em-belem-livros-didaticos-novos-sao-encontrados-no-meio-do-lixo.html>. Acesso em: 20.10.2019. Ver também: SALLES, Carolina. Escolas brasileiras jogam livros no lixo. **Jus Navegandi**. 2014. Disponível em: <https://carollinasalle.jusbrasil.com.br/noticias/131353928/escolas-brasileiras-jogam-livros-no-lixo>. Acesso em: 20.10.2019. Ver também: CENTENAS de livros são descartados no meio da rua em bairro nobre de Belém. **Portal G1 Pará**. 20/06/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/centenas-de-livros-sao-descartados-no-meio-da-rua-em-bairro-nobre-de-belem.ghtml>. Acesso em: 20.10.2019.

<sup>43</sup> CONCEIÇÃO, *op. cit.*, p. 349.

Metodologicamente esta pesquisa pode ser definida como do tipo descritiva e exploratória. Trata-se de pesquisa descritiva, porque pretende-se recontar aspectos biobibliográficos da trajetória existencial da professora Annunciada Chaves. Os estudos de natureza descritiva propõem-se a investigar o "que é", ou seja, a descobrir as características de um fenômeno como tal<sup>44</sup>. Nesse sentido, são considerados como objeto de estudo uma situação específica, um grupo ou um indivíduo. Para Richardson, uma pesquisa deste tipo analisa o "papel das variáveis que, de certo modo, influenciam ou causam o aparecimento dos fenômenos"<sup>45</sup>.

O estudo tem também cunho exploratório, devido ter o objetivo de "reunir dados, informações, padrões, ideias ou hipóteses sobre um problema ou questão de pesquisa com pouco ou nenhum estudo anterior"<sup>46</sup>, uma vez que há poucos estudos sobre essa intelectual paraense e menos ainda sobre bibliotecas de bibliófilas. De acordo com Suellen Diaconoff<sup>47</sup> a imagem dos livros associado às mulheres foram apagadas ou subestimadas, ou poderíamos dizer até demonizadas na história, haja vista que, principalmente no século XIX, houve uma onda misógina que associava a leitura a comportamentos lascivos, como demonstram as pinturas de *La Liseuse de Romans*, quadro pintado por Aintoine Wiertz (1853); *Odalisque with Book* de Francesco Hayez (1866); e *A Young Woman Reading*, de Gustave Courbet (1866 – 1868), que sugerem a leitura de romances, em sua grande maioria, em que as mulheres são retratadas em momentos de intimidade, vestidas mais à vontade ou totalmente despidas, sugerindo o autoerotismo.

Pintura 1 - *A Young Woman Reading*, de Gustave Courbet (1866 – 1868).



Fonte: COURBET (2023)<sup>48</sup>

Pintura 2 - *La Liseuse de Romans*, pintado por Aintoine Wiertz (1853).



Fonte: WIERTZ (2023)<sup>49</sup>

<sup>44</sup> RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2017.

<sup>45</sup> *Ibid*, p. 71.

<sup>46</sup> BRAGA, João Alberto de Oliveira. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana P. M. **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. 192 p., p. 17-38.

<sup>47</sup> DIACONOFF, Suellen. **Through the reading glass: women, books, and sex in the French Enlightenment**. New York: State University of New York Press, 2005.

<sup>48</sup> COURBET, Gustav. **A Young Woman Reading**. 2023. Arthurio. Disponível em: <https://arthur.io/art/gustave-courbet/a-young-woman-reading>. Acesso em. 09.08.2023.

<sup>49</sup> WIERTZ, Antoine. **La liseuse de romans (1853)**. Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique. [2023]. Disponível em: <http://fine-arts-museum.be/fr/la-collection/antoine-wiertz-la-liseuse-de-romans?artist=wiertz-antoine>. Acesso em. 09.08.2023.

Outro ideário extremo costumava associar a mulher leitora à histeria e outras desordens mentais, como salienta a doutora em Literatura Comparada Ana Cristina Comandulli, que durante a sua palestra intitulada *A Biblioteca Mental de Maria Peregrina de Sousa*, chama a atenção para o fato que a leitura compulsiva foi a causa de muitas internações de mulheres em sanatórios, porque a leitura era um escapismo, uma forma de se afastar das regras opressoras da sociedade patriarcal<sup>50</sup>.

Não raro também era associar a imagem da mulher leitora à bruxaria e a uma série de comportamentos contrários ao que preconizava a igreja católica. A analogia da mulher leitora à bruxa era muito eficiente, por fazer as mulheres em suas mais variadas idades temer a aproximação com os livros, não só pelo poder maléfico que supostamente ele poderia despertar na leitora, como também pela repressão que pais, irmãos, maridos, amigos e vizinhos etc. dispensavam às mulheres que ousavam se aproximar deste impresso objeto de desejo. Os castigos aplicados às mulheres consideradas bruxas na Idade Média eram os piores possíveis, desde o uso de uma máscara (parecidas com uma focinheira) envolvendo, não raro, a sua morte na fogueira em praça pública. O etnógrafo Daniel Fabre fez um relato nos Perineus de que uma mulher estava lendo a obra *Le Petit Albert*, um manual de magia popular, e que, durante a leitura, foi possuída pelo diabo, lhe provocando a paralisia das pernas, e que ela só recuperou os movimentos de seus membros inferiores após ter sido levada em uma peregrinação a Lourdes<sup>51</sup>.

No caso citado por Fabre, a mulher obteve a cura da paralisia, porém, na maioria dos casos, as mulheres que discordavam da opinião dos homens, que tinham comportamento diferente do que era imposto a estas, tais como: ser solteira, independente, ser curandeira, parteira ou qualquer atividade ligada à medicina sem ter formação (porque as mulheres foram impedidas de estudar em universidades), garantia-lhes o recebimento de sanções bárbaras, a fim de coibir que outras mulheres enveredassem por esses caminhos.

A oficialização do combate às práticas consideradas heréticas, se tornou mais efetiva após a redação do *Malleus Maleficarum*, mais conhecido como *Martelo das Bruxas*, escrito por Heinrich Kramer e James Sprenger, que se configurou como um manual que determinava quais atitudes eram heréticas e quais penas seriam aplicadas a quem as cometessem, melhor dizendo, as que cometessem<sup>52</sup>, pois segundo um estudo feito pela historiadora Philipa Carter, intitulado

<sup>50</sup> COMANDULLI, Ana Cristina. *A Biblioteca Mental de Maria Peregrina de Sousa. Informações verbais ...* In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL “AS MULHERES E SUAS BIBLIOTECAS PESSOAIS NO CONTEXTO DO PATRIMÔNIO BIBLIOGRÁFICO”. Salvador, 2022.

<sup>51</sup> LYONS, Martyn. Introdução: o poder e a magia dos livros. In: LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. São Paulo : Senac, c2011., p. 7-14.

<sup>52</sup> KRAMER, Heinrich; SPRENGER, Jacobus. **Malleus Maleficarum: Manual da Caça às Bruxas**. São Paulo : Ed. Três, 1976.

*Work, gender and witchcraft in early modern England*, publicado no periódico *Gender & History*, em 2023, cerca de 70% a 80% daquilo que era considerado bruxaria na Inglaterra entre os séculos XVI e XVII, eram praticados por mulheres<sup>53</sup>. O que revela que quem elaborou esse material estava mais preocupado em cercear o comportamento das mulheres do que propriamente investigar a fundo práticas verdadeiramente opostas aos designios de Deus, visto que boa parte das mulheres que foram presas e julgadas com base nos preceitos do Martelo das Bruxas foram presas, porque liam, ou eram parteiras, curandeiras ou eram solteiras, ou seja, não dependiam de homens para tomar decisões ou sobreviver.

Observou-se também que tais ideários misóginos tinham rebatimentos no contexto brasileiro do século XIX, em que se concebia que o espírito da mulher era dissociado do conhecimento, reforçado por um adágio muito comum àquela época, “à mulher, basta saber ler para compreender o catecismo”.

Como a historiadora Luana Jales aduz:

[...] Indígenas, negros e mulheres estão entre os atores históricos menos reconhecidos. Não que não tenham sido importantes, não que não tenham influenciado a sua própria geração e as seguintes: simplesmente não foram por muito tempo objeto de atenção de pesquisadores. O olhar dos historiadores não se voltava para eles, não por acaso a grande historiadora francesa Michelle Perrot fala que é difícil escrever a História das mulheres pela escassez das fontes, sua má preservação e até mesmo uma negligência proposital em relação aos registros capazes de contar sobre o feminino<sup>54</sup>.

Majoritariamente, esse imaginário de “espírito fraco” imputado ao sexo feminino estava ligado a um ideário ainda mais descabido, isto é, de que ela teria uma mente fraca e manipulável, como dizia Arthur Schopenhauer que: “a mulher possui os cabelos longos e as ideias curtas”<sup>55</sup>. Ou, como enumerou Antero Figueiredo, alguns intelectuais faziam um péssimo juízo sobre as mulheres, tal como:

[...] Proudhon que a considerava um animal inferior, ou ainda, o espiritualista Chamfort e o amoral Nietzsche que não reconheceram nela uma só qualidade; afasto-me desses pensadores, porque eles não estão na verdade, e se o estivessem, os únicos culpados seriam os homens, que há séculos, por descuido ou propósito, deixaram viver a mulher na mais sombria incultura<sup>56</sup>.

<sup>53</sup> CARTER, Philipa. *Work, gender and witchcraft in early modern England*. **Gender & History**. London, 2023. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-0424.12717>. Acesso em: 06.05.2024.

<sup>54</sup> JALES, Luana. Visibilidade histórica para mulheres, negros e indígenas. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos combates pela História: Desafios, ensino**. São Paulo: Contexto, 2021, p. 203.

<sup>55</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **A Arte de lidar com as mulheres**. São Paulo: Ed. Brasileira, 1982. 3V.; v. 1, p. 11. (Os grandes clássicos da Literatura; v. 3)

<sup>56</sup> FIGUEIREDO, Antero de. **A Arte na educação da mulher**. 2. ed. Paris ; Lisboa : Liv. Aillaud e Bertrand; Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1914, p. 6.



O preconceito contra a mulher no exercício da intelectualidade era tamanho no século XIX que muitas delas só podiam publicar sob um pseudônimo masculino, como é o caso das escritoras oitocentistas: as inglesas Charlotte, Emily e Anne Brontë, que assinavam respectivamente como Currer, Ellis e Acton Bell; e a francesa Amantine Dupin, que assinava como George Sand; curiosamente, Mary Ann Evans continuou a assinar com o seu pseudônimo masculino de George Eliot, mesmo depois do mundo literário ter se aberto às escritoras, devido a uma enxurrada de críticas que recebeu quando assinou um livro com o seu verdadeiro nome<sup>57</sup>.

O mundo dos livros sempre foi dificultado às mulheres, tanto as que tentavam os escrever quanto as que tentavam o consumir, prova disso é a pouca produção de obras que tratam de bibliófilas, muito embora esse tema ter sido preocupação de alguns autores nos oitocentos.

Ernest Quentin-Bauchart escreve *Les femmes bibliophiles de France (XVIe, XVIIe & XVIIIe siècles)* e publicado em 1886, cuja introdução deixa a ideia de que é uma discussão que já vinha sendo feita há um tempo no país<sup>58</sup>. Com essa linha de raciocínio, escreve um livro que seleciona perfis biográficos relacionados à bibliofilia e influência social de vinte e quatro mulheres da nobreza francesa. Em alguns momentos, exorta a contribuição que algumas coleções dão aos estudiosos da história da encadernação na França e menciona casos em que a biblioteca teria sido fundamental para as ações políticas de algumas dessas mulheres.

O tema mulheres bibliófilas e seus ex-libris foi objeto de interesse da pintora inglesa Norma Labouchere, que, em 1895, publicou em Londres um livro inovador intitulado *Ladies' book-plates: an illustrated handbook for collectors and book-lovers*. A literatura anterior só mostrava as mulheres sendo desenhadas nos *ex-libris*, geralmente em poses sensuais, e não estar do outro lado do *ex-libris* e ser proprietária do livro<sup>59</sup>.

A publicação de Labarouche chama a atenção, pois não se trata de um livro sobre *ex libris* com figuras femininas, mas um livro sobre *ex-libris* que algumas mulheres usaram em suas bibliotecas. É notório o fato de ser escrito e assinado por uma mulher, diferentemente de outros que vieram antes e depois, escritos por homens.

<sup>57</sup> COSTA, Camila. As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. **BBC News Brasil**. 15 abril 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em: 18.06.2020.

<sup>58</sup> QUENTIN-BAUCHART, Ernest. **Les Femmes bibliophiles de France (XVIe, XVIIe, & XVIIIe siècles)**. Paris: Damascène Morgand, libraire, 1886, *apud* AZEVEDO, Fabiano Cataldo; SILVA, Kátia Leal da; COSTA, Elisangela Silva da. *Bibliófilas, sim! Breves apontamentos sobre duas bibliotecas de mulheres brasileiras*. Herança, Lisboa, 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/44330753/Bibliófilas\\_sim\\_Breves\\_apontamentos\\_sobre\\_duas\\_bibliotecas\\_de\\_mulheres\\_brasileira\\_s](https://www.academia.edu/44330753/Bibliófilas_sim_Breves_apontamentos_sobre_duas_bibliotecas_de_mulheres_brasileira_s). Acesso em: 20.02.2021

<sup>59</sup> LABOUCHERE, Norma. **Ladies' Book-plates: an illustrated handbook for Collectors and Book-lovers**. London. George Bell & Sons, 1895, *apud Ibid.*

Em sua obra, Labouchere ainda informa que, na antiguidade, já existiam bibliófilas como Cleópatra e Santa Brígida. Nesse capítulo especificamente, a autora citará alguns exemplos ocorridos na França, sendo curioso notar, em algumas passagens, que além de rainhas, princesas e abadesas, havia outras senhoras da aristocracia que conseguiram ter sua própria biblioteca. Por fim, há um outro capítulo todo dedicado à heráldica e às frases usadas nos *ex-libris* de bibliotecas de mulheres.

Hastings afirma que colecionar livros implicava a circunstância de que a mulher tivesse tido acesso a uma educação requintada, fato é que, muitas bibliófilas, até o final do século XIX e início do século XX, tinham um alto poder aquisitivo, contudo ainda assim, essas mulheres não eram consideradas colecionadoras sérias e sim acumuladoras fúteis que só colecionavam livros porque tal procedimento estava na moda e não porque soubessem da importância deles, ou seja, isso era tachado como uma frivolidade de mulher rica.

W. Robert, em 1895, escreveu um capítulo em seu livro *The book-hunter in London*<sup>60</sup>, dedicado às mulheres que colecionam livros, mas apesar da pretensa inclusão e inovação, para época, de levar em consideração as mulheres como colecionadoras, a escrita desse capítulo apresenta uma redação muito machista. Curiosamente, ele começa o texto afirmando que considerava uma contradição o fato de as mulheres inglesas serem formalmente reconhecidas como maiores e melhores leitoras do que os homens, uma vez que suas práticas como colecionadoras e compradoras de livros eram quase desconhecidas. Por outro lado, na França, o assunto da *femmes bibliophilie* ganhava notoriedade com vários livros publicados. No entanto, para ele, a “analysis of their book-possession, however, leads one to the conclusion that with them their sumptuously-bound volumes partake more of the nature of bijouterie than anything else”<sup>61</sup>.

Em uma tentativa de mostrar uma visão menos depreciativa sobre bibliotecas de mulheres, Albert Cim lançou, em 1919, a obra *Le femmes et les livres*<sup>62</sup>, sua ponderação soa crítica àqueles que consideram as mulheres como inimigas dos livros ou meras acumuladoras. A seguir, Cim faz uma revisão de literatura que arrola pontos de vistas negativos sobre a relação mulher e livro, sempre em tom muito crítico.

---

<sup>60</sup> ROBERTS, W. **The book-hunter in London**: historical and other studies of collectors and collecting. London: Elliot Stock, 1895, apud AZEVEDO; SILVA; COSTA, 2020, *op.cit.*

<sup>61</sup> *Id., Ibid.*

<sup>62</sup> CIM, Albert. *Les femmes et les livres*. Paris: Ancienne Librairie Fontemoing. In: COURCELLES, Dominique de; VAL JULIÁN, Carmen (org.). **Des femmes et des livres: France et Espagne, XIVe-XVIIe siècle**: actes de la journée d'étude organisée par l'École nationale des chartes et l'École normale supérieure de Fontenay/Saint-Cloud (Paris, 30 avril 1998). Paris: École des Chartes, 1919, *apud Ibid.*

Ao longo da história, observa-se que o juízo que se faz sobre a relação das mulheres com os livros não é dos mais animadores.

Na literatura consultada, notou-se que, no século XIX, o “termo técnico” mais usado passou a ser *femme bibliophiles*, que, em raros casos, só era considerada como tal dependendo do seu histórico no contexto da cultura política do momento. Caso contrário, o seu hábito era considerado algo fútil, dizia-se que colecionavam mais porque valorizavam o aspecto estético dos livros, do que pela importância dos assuntos neles abordado, pois as mulheres não eram capazes de fazer esse tipo de avaliação temática<sup>63</sup>.

Outra falácia muito comum no meio intelectual se deve ao fato de que as mulheres não sabiam lidar com os livreiros, já que era comum, principalmente nos casos de morte de maridos intelectuais, que os livreiros se aproveitarem da inocência das viúvas em relação ao valor daquele acervo, do mesmo modo subestimava-se que uma mulher tivesse competência para selecionar e negociar obras com livreiros. Gelber afirmava que uma bibliófila só poderia ser levada a sério se ela colecionasse livros tal quais os homens<sup>64</sup>. Contrariando esse pensamento de Gelber, o historiador baiano Pablo Antônio Iglesias Magalhães, não só demonstrou que mulheres sabiam lidar com livreiros, como também algumas delas se tornaram livreiras, como é o caso de Rosa Maria Conceição Servo, que não só administrou os negócios após a morte de seu marido, o famoso livreiro baiano Manuel Antônio da Silva Serva, assim como a ampliou o mercado de venda de livros, chegando até a vender livros para o exterior, na Bahia dos oitocentos<sup>65</sup>.

O escritor argentino Jorge Luís Borges, em seu *Poema de los dones*, imaginava que o paraíso seria uma espécie de biblioteca<sup>66</sup>, porém, há quase cem anos antes, Eugene Field (1850-1895) também tinha uma visão edênica parecida, no entanto, o paraíso dele era repleto de livros e ausente de mulheres<sup>67</sup>.

Anne Lyon Haight, no início dos anos 30 do século passado, lançou a obra *As mulheres são as inimigas naturais dos livros?*, em que elenca várias mulheres que se dedicaram a colecionar livros, mas, apesar de tudo, a autora adverte que poucos trabalhos se dedicam a falar sobre as bibliófilas em comparação aos que existem sobre bibliófilos<sup>68</sup>.

---

<sup>63</sup> ROBERTS, *op. cit.*

<sup>64</sup> GELBER, Steven M. **Hobbies**: leisure and the culture of work in America. New York. Columbia University Press, 1999.

<sup>65</sup> MAGALHÃES, Pablo Antônio Iglesias. Rosa Maria Conceição Servo: a primeira empresária das letras no Brasil (1819-1846). **Informações verbais ... In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL “AS MULHERES E SUAS BIBLIOTECAS PESSOAIS NO CONTEXTO DO PATRIMÔNIO BIBLIOGRÁFICO”**. Salvador, 2022.

<sup>66</sup> BORGES, Jorge Luis. **Poesía**. Trad. de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>67</sup> GELBER, *op. cit.*, p. 35.

<sup>68</sup> HAIGHT, Anne Lyon. Are women the natural enemies of books? *In: ROGERS, Bruce; STEIN, Gertrude; WAKEFIELD, Lucina Smith. Bookmaking on the Distaff Side*. New York. The Distaff Side, 1937.

No contexto brasileiro, a relação das mulheres com os livros também não era animadora, tal como Cavedon advertia que frases, como: "Viúvas, alegria do sebo", ou ainda: "O fétetro sai por uma porta e a biblioteca pela outra" eram constantemente atribuídas às mulheres, principalmente as dos intelectuais que tinham a biblioteca de seus maridos como rivais, quase amantes, a quem seus maridos dispensavam a maior parte de sua atenção. Corrobora essa assertiva, o episódio ocorrido com a biblioteca do literato Machado de Assis, descrito por Jean-Michel Massa no capítulo do livro intitulado *A Biblioteca de Machado de Assis*, em que adverte que a pesquisa foi em parte comprometida devido ao fato da biblioteca em questão estar incompleta, ou, como Massa externou, que ela foi "amputada por duas vezes"; a primeira, um dia após a sua morte, quando sua viúva doou parte da biblioteca; e a segunda, quando livros que ficaram abandonados no porão da casa de herdeiros acabaram se deteriorando.

O historiador cearense Capistrano Abreu, hábil selecionador de livros que enriqueceram a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, aproveitava os velórios de eminentes intelectuais para convencer suas viúvas a doarem livros à Biblioteca Nacional<sup>69</sup>.

Rubens Borba de Moraes, em sua obra *o Bibliófilo aprendiz*, destaca, na crônica *Mulher de colecionador*<sup>70</sup>, uma situação em que um colecionador amigo seu, nos últimos anos, só comprava livros pequenos a fim de que sua esposa não percebesse suas novas aquisições, ao dizer:

[...] como é o caso de um amigo meu muito querido que tive, que morreu, não de moléstia do coração, como disseram os médicos, mas de frustração, pelo fato de não poder comprar livros, de medo da mulher. O meu pobre amigo só comprava livros pequenos, que podia levar pra casa no bolso, e escorregar entre os outros sem a mulher dele perceber.

Quando esse bom homem me vinha ver, não dava a menor importância aos meus livros de pequeno formato. Extasiava-se folheando os meus in-quatros, babava-se, sobraçando in-fólios. Um dia perguntei maliciosamente porque não comprava livros grandes. Respondeu-me melancolicamente: 'Ela percebe!'. Tenho pra mim que a vida inteira sonhou possuir uma Flora, de Martius: uns quarenta volumes in-folio!

Quando meu amigo morreu, a viúva criminosa vendeu a biblioteca por uma pequena fortuna que nunca imaginou valessem os livros do bibliófilo frustrado. Mas, o divertido da história é que, daí por diante, passou ela a elogiar sem medida o critério do marido, o tino financeiro que teve em empregar dinheiro em livros que aumentam tanto o preço e não desvalorizam como o nosso cruzeiro, etc<sup>71</sup>.

Entretanto, algumas esposas de grandes bibliófilos são exceção a essas regras, é o caso de Maria Augusta Viana Bandeira (esposa de Rui Barbosa), Guita Mindlin (esposa de José

<sup>69</sup> CARVALHO, Gilberto Villar de. **Biografia da Biblioteca Nacional: 1807 – 1990**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994.

<sup>70</sup> MORAES, Rubens Borba. *Mulher de colecionador*. In: MORAES, Rubens Borba. **O Bibliófilo aprendiz**. 4. Ed. Brasília: Briquet de Lemos; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005, p. 29-30.

<sup>71</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 29.

Mindlin) e Zélia Gatai (esposa de Jorge Amado), que ajudavam seus maridos a organizar ou selecionar obras para as suas bibliotecas.

Essa breve enumeração nos revela a longa trilha que se tem a percorrer no sentido de reavivar a trajetória intelectual dessas bibliófilas, portanto é hora de trazermos essas personagens para o debate historiográfico. Desta feita, enfatizarei mais a questão do apagamento das mulheres nos meios intelectuais, sobretudo no que tange a relação dessas mulheres com os livros.

Eneida de Moraes, Celeste Proença, Sylvia Helena Tocantins, Betina Ferro de Souza, Helena Nobre, Carmem Souza, Antonieta Cruz, Francisca Menezes, Maria Sylvia Nunes e Annunciada Chaves são mulheres conhecidas na cena intelectual paraense, no entanto, pouco ou nada se fala sobre as bibliotecas que possuíam. A biblioteca da Annunciada, em particular, possuía uma quantidade expressiva de volumes – cerca de 20.000 exemplares – maior do que a de muitos homens, mas nem isso a conferiu a notoriedade que merecia. Vale ressaltar que a referida biblioteca era impressionante em quantidade e qualidade e era cobiçada por muitos estudiosos. Apesar de ser uma biblioteca particular, ela era consultada por muitos estudantes, por pessoas próximas à Annunciada Chaves, ou que chegaram a ela encaminhadas por seus amigos, mas eram todos bem recebidos, em alguns casos, ela até chegava a emprestar exemplares para os estudantes.

Considera-se também um estudo de cunho documental, porque se propõe a analisar: cartas, documentos administrativos, diplomas, relatórios e documentação pessoal da biografada.

Teoricamente esta pesquisa se embasa nos princípios do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, exposto em sua obra intitulada: *Mitos, emblemas e sinais*<sup>72</sup>, no qual prevê: que o mérito das circunstâncias está em observar os pormenores, a fim de chegar a constatações de determinados fenômenos ao invés de fazer simples deduções sobre algum aspecto investigativo. Esse princípio foi particularmente muito útil, pois a proposta desta tese é identificar aspectos bio-bibliográficos da professora Annunciada Chaves a partir dos indícios existentes em sua biblioteca particular, para isso foram estudados: marcas de proveniência (*ex-libris*, carimbos, etiquetas) e marcas de leitura (marginálias, notas avulsas, marcadores de página) que ela deixou em seus livros (ver capítulo 1), bem como as dedicatórias e autógrafos constantes em seu acervo (ver capítulo 2) e de seus escritos (ver capítulo 3).

---

<sup>72</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

A coleta de dados será feita com base na Bibliografia material, uma técnica da Bibliografia que consiste no levantamento de todas as características do exemplar a ser inventariado, que orbita sobre três aspectos: aspectos bibliográficos (informações sobre autores, título, data, impressor, local de publicação, paginação, presença de licenças e/ou privilégios etc; aspectos físicos (ilustrações, gravuras, caracteres especiais, disposição do texto, marcas tipográficas etc); e aspectos intrínsecos (falhas na paginação, presença de anotações manuscritas, marcas de propriedade – assinaturas, carimbos, *ex-libris*)<sup>73</sup>.

Os dados extraídos a partir da Bibliografia material foram dispostos em um banco de dados (instrumentos de pesquisa), desenvolvido no software Microsoft Excel, construído especialmente para a pesquisa, os quais se bifurcam nos seguintes modelos: o primeiro, que foi usado para extrair dados relativos à materialidade dos livros que compõem a biblioteca analisada, a saber: autor, título, edição, local, editora, data de publicação, idioma, forma de aquisição, data de aquisição, local de aquisição, se é uma tradução, quem traduziu, se foi encadernado, quem encadernou, se possui marcas de proveniência (*ex-libris*, carimbos, etiquetas, selos), se possui marcas de uso (grifos, anotações, marcadores de página), etc.; e, o segundo modelo em que se registraram dados relativos às dedicatórias constantes nos livros da professora Annunciada Chaves ambos modelos foram adaptados de Glória Vianna<sup>74</sup>.

Nesta etapa, várias foram as dificuldades em categorizar os livros do acervo: como não cometer anacronismos nesse processo na medida em que as classificações também se transformam historicamente? Como simplificar ambiguidades de modo que a obra fosse classificada em um único campo no banco de dados? Em muitos casos, principalmente quando se trata dos livros de catálogo, foi necessário um trabalho paciente para complementar os dados por meio de fontes secundárias, com livros sobre o tema e *sites* de busca na internet.

A aparente mudez desses documentos nos conduz a um mundo pretérito, dotado da tessitura de tramas cotidianas e da produção de significados, numa mediação entre passado e presente. Uma realidade passada torna-se acessível, uma vez que documentos pessoais ordinários podem ser considerados vestígios de sensibilidades circunscritas num tempo e espaço. Ao contemplá-los e percebê-los como objetos de memória, o exercício da reflexão propicia a elaboração de perguntas sobre as circunstâncias históricas de produção e de consumo desses, em geral, suportes da cultura escrita, como a produção de significados pelos sujeitos que os produziram. Esse trabalho de consulta às fontes primárias caracteriza aquilo que Maria

---

<sup>73</sup> REYES GÓMEZ, F. El libro moderno desde la bibliografía material y la biblioteconomía. *Ayer*: revista de historia contemporánea, Madrid, v. 58, n. 2, p. 35-56, 2005.

<sup>74</sup> VIANNA, *op. cit.*

Zilda Cury considera como: "Historiografia do cotidiano, trabalho de formiga, é o estudo da fonte primária, lente que permite ver na produção final do conjunto de obras de um autor um palimpsesto de inúmeras outras escritas e outras vivências"<sup>75</sup>.

Ressalta-se que, nesta tese, se faz mister enfatizar a faceta bibliófila da professora Annunciada Chaves, não só por seu comportamento que se adequa ao *modus vivendi* das pessoas que são aficionadas em livros, como também por existirem poucos trabalhos realizados sobre bibliófilas. Estudos sobre Bibliofilia vêm crescendo no meio científico, entretanto, boa parte deles versam sobre os homens, tais como: José Mindlin (maior bibliófilo brasileiro)<sup>76, 77, 78</sup>, Diogo Barbosa Machado<sup>79</sup>, o lusitano José Vitorino de Pina Martins<sup>80</sup>, José Carlos Rodrigues<sup>81</sup>, Machado de Assis<sup>82, 83</sup>, Rui Barbosa<sup>84, 85</sup>, Rubens Borba de Moraes<sup>86, 87, 88</sup>, Raymundo Ottoni de Castro Maya<sup>89</sup>, dentre outros. Já, estudos sobre bibliófilas ainda são pouco verificados, contudo, destaca-se a tese *A Bibliofilia no Brasil*, escrita por Oto Reifschneider, em que o autor faz referências às professoras Regina Fiúza (Fortaleza) e Ana Maria Camargo (São Paulo) como bibliófilas<sup>90</sup>. Tem também o trabalho de conclusão de curso intitulado *A biblioteca de uma mulher*, escrito por Katia Leal Silva em 2018, em que a autora descreve a

<sup>75</sup> CURY, Maria Zilda Ferreira. A biblioteca como metáfora. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG. n.10. p. 42-45. dez. 1989.

<sup>76</sup> ARAÚJO, Adema Ferreira de. **Rubens Borba de Moraes e José Mindlin: bibliofilia como patrimônio informacional**. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/25239/1/DISSERTAÇÃO%20Adelma%20Ferreira%20de%20Araújo.pdf>. Acesso em: 10.11.2019.

<sup>77</sup> VOGT, Carlos. A raridade Mindlin. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 2011. Editorial. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=65&id=819>. Acesso em: 12.03.2020

<sup>78</sup> FREIRE, Flávio. José Mindlin: Vida dedicada aos livros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28.12.2006.

<sup>79</sup> CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. **Colecionar, Escrever** A História: A História de Portugal e de suas possessões na perspectiva do bibliófilo Diogo Barbosa Machado. 175 f. 2007. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

<sup>80</sup> MARTINS, José V. de Pina. **História de livros para a História do Livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

<sup>81</sup> JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. **José Carlos Rodrigues: um interlocutor privilegiado nos bastidores do poder (1867-1915)**. 2015. 273 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

<sup>82</sup> BRANDÃO, Ruth Silviano; OLIVEIRA, José Marcos Resende. **Machado de Assis: uma viagem à roda de livros**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011.

<sup>83</sup> JOBIM, 2001, *op. cit.*

<sup>84</sup> FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. A biblioteca de Rui Barbosa: uma concepção de cidadania. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 13., Rio de Janeiro, 2018. **Anais eletrônicos ...** Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2008. Disponível em: [http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212979382\\_ARQUIVO\\_AbibliotecadeRui.cidadania.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212979382_ARQUIVO_AbibliotecadeRui.cidadania.pdf). Acesso em: 10.11.2019.

<sup>85</sup> PIRES, Homero. **Rui Barbosa e os livros**. 5. ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB\\_HomeroPires\\_RuiBarbosa\\_e\\_os\\_livros.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_HomeroPires_RuiBarbosa_e_os_livros.pdf). Acesso em: 10.11.2019.

<sup>86</sup> BANDEIRA, Suelena Pinto. **A Paixão que vem dos livros: um estudo biográfico sobre Rubens Borba de Moraes**. 1990. 308 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Da Informação) - Universidade De Brasília, Brasília. 1990.

<sup>87</sup> ARAÚJO, 2017, *op. cit.*

<sup>88</sup> COSTA, C. O Amante dos livros: o bibliófilo José Mindlin ganha documentário e Cecília Costa participa de homenagem a Castro Maya. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 maio. Prosa & Verso, p. 2, 2002.

<sup>89</sup> ALENCAR, V. (Org.). **Castro Maya bibliófilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2002.

<sup>90</sup> REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. **A Bibliofilia no Brasil**. 303 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/10744>. Acesso em: 12.05.2020.

coleção e perfil bibliofílico da jurista gaúcha Salete Maccalóz, cuja coleção foi doado ao Centro Cultural Justiça Federal do Rio de Janeiro<sup>91</sup>.

Em oposição, Adelma Araújo, em sua dissertação intitulada *Rubens Borba de Moraes e José Mindlin: bibliofilia como patrimônio informacional*, constata que não são feitas menções à Guida Mindlin como bibliófila, e a autora ainda questiona se “Existirão mulheres no futuro da história da bibliofilia?” e se “Serão pesquisadas bibliófilas?”. A centelha foi lançada em tal questionamento motiva para que, nesta tese, se evidencie as características bibliofílicas da professora Annunciada Chaves. Quando falamos de Belém do Pará, a situação se torna ainda mais rarefeita, pois apesar da cidade possuir uma elite intelectual consolidada, não foi encontrada nenhuma produção científica sobre bibliófilos belenenses, muito menos sobre mulheres colecionadoras de livros.

O trabalho está estruturado em três capítulos, delineados da seguinte maneira:

O primeiro capítulo intitula-se: *Escapando da sina de que “O melhor livro é a almofada e o bastidor”*: *A formação intelectual de Maria Annunciada Ramos Chaves*, em que se fez um levantamento sobre o início da trajetória existencial do sujeito da pesquisa, enfatizando sua vida escolar desde os seus estudos iniciais até a conclusão de seu bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais. Este capítulo contempla também uma análise de sua biblioteca (ou o que restou dela) e faz um balanço dos assuntos e autores que ela mais leu. Nele, se verifica também o período em que o sujeito da nossa pesquisa mais comprou livros e o associa com o período de sua existência, baseando-se na teoria dos ciclos de vida. Outro aspecto visualizado neste capítulo diz respeito à forma como a biblioteca foi sendo constituída, principalmente do ponto de vista da aquisição de livros, revelando as livrarias que ela mais frequentava e comprava livros, apresentando dados sobre estes estabelecimentos comerciais que são pouco estudados e que desapareceram com o tempo. Para finalizar, são estudadas as marcas de proveniência e de posse das obras reveladas por meio de carimbos e inscrições que o sujeito da pesquisa fazia em seus livros, e ainda foram vistas as marcas de uso, ou seja, a interação da professora Annunciada Chaves com seus livros, as anotações que fez, o modo como marcou as páginas que de seu interesse, os grifos, as correções e, sobretudo, uma espécie de forma de estudo muito peculiar que consistia em apensar recortes de jornal contendo uma biografia do autor da obra ou uma explicação sobre o assunto.

---

<sup>91</sup> SILVA, Kátia Leal. **A Biblioteca de uma mulher**: a doação da coleção Salete Maccalóz ao Centro Cultural Justiça Federal. 2018. 60 f. Orientador: Fabiano Cataldo Azevedo. TCC (Graduação em Biblioteconomia) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: [http://www.unirio.br/cchs/eb/arquiv/os/tccs-2018-2/TCC\\_Katia\\_Leal\\_da\\_Silva\\_2018\\_2\\_v.final.pdf](http://www.unirio.br/cchs/eb/arquiv/os/tccs-2018-2/TCC_Katia_Leal_da_Silva_2018_2_v.final.pdf). Acesso em: 10.11.2019.



As dedicatórias e autógrafos existentes nos livros de Annuciada Chaves foram o mote do segundo capítulo e se tornam úteis por revelar a rede de sociabilidade do sujeito de nossa pesquisa. A professora Annuciada Chaves era uma intelectual que pertenceu a várias instituições: de ensino (Colégio Moderno, Colégio Santa Rosa, Colégio Gentil Bittencourt, Colégio Paes de Carvalho (atual Escola Estadual de Ensino Médio Paes de Carvalho), Curso de História da Universidade do Pará (atual Faculdade de História da Universidade Federal do Pará); culturais: Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), Academia Paraense de Letras (APL), Conselho Estadual de Cultura do Pará (CEC-PA); administrativas: sub-reitoria de extensão da Universidade do Pará; bem como, associações de classe: Ordem dos Advogados do Brasil - Seção Pará, Sociedade Paraense de Educação e Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil - Seção Pará (AJEB-PA).

A imagem da professora Annuciada Chaves geralmente estava associada ao estudo, à pesquisa e aos livros, por conta disso era um hábito contumaz a seus parentes, amigos, alunos e coetâneos lhe presentear com livros. Essas marcas deixadas em seus livros me permitiram tecer a sua rede de sociabilidade mantida com: escritores, jornalistas, historiadores, artistas, arquitetos, críticos de arte, professores e políticos, bem como ex-alunos e jovens escritores.

A fim de refinar minha análise sobre as dedicatórias constantes nos livros do sujeito desta pesquisa, tomei por base os estudos de Stephanie Cavalcanti Freire, professora da Faculdade de Biblioteconomia da UniRio, que desenvolveu uma pesquisa acurada das dedicatórias manuscritas constantes nos livros do literato Manuel Bandeira<sup>92</sup>, bem como baseou-se no estudo que Glória Vianna<sup>93</sup> fez sobre os livros da biblioteca particular de Machado de Assis.

Para analisar as dedicatórias fiz uso da técnica da Transcrição Quasifacsimile<sup>94</sup>, na qual se faz a escrita da dedicatória e a marcação representada por duas barras inclinadas para indicar que houve mudança de linha etc.

Ressalta-se que as dedicatórias são importantes para depreender as relações de poder simbólico, pertencimento institucional, rito de passagem, prática de um determinado grupo,

---

<sup>92</sup> FREIRE, Stefanie Cavalcanti. **Dedicatórias manuscritas**: relações de afeto e sociabilidade na biblioteca Manuel Bandeira. 2013. 406 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12139>. Acesso em: 18.04.2020.

<sup>93</sup> VIANNA, *op. cit.*

<sup>94</sup> Para mais informações sobre Transcrição Quasifacsimile, consulte: GARCÍA AGUILAR, Idália. **Secretos del estante**: elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo. Ciudad de México: Universidad Nacional de México, 2011; GASKELL, Philip. Photographic Reproduction versus Quase-Facsimile transcription. **Library** 5th ser. 7, 1952, p. 135-137; GASKELL, Philip. **A New introduction to bibliography**. London: Oak Knoll, 1995; MONTANER FRUTOS, Alberto. La Edición de textos Aljamiados: balance de um decênio (1994-2004). **Romance Philology**, n. 59, v.2, 2006, p. 343-371; PARKER, Wyman W. Henry Stevens: The Making of a bookseller. **The Papers of the bibliographical Society of America**, v. 48, n. 2, jul./dec., p. 149-169, 1954. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24299574>. Acesso em: 04.10.2024.

agradecimento, retribuição, afeto e, até mesmo, segundas intenções, pois alguns livros lhe foram ofertados por editoras didáticas na época em que a professora Annunciada Chaves foi diretora ou membro do corpo docente de renomadas instituições de ensino ou, ainda como se identificou em outros casos, foram livros ofertados por jovens escritores na tentativa de conseguir uma divulgação de seus trabalhos ou auxílio para editoração de reedições, novas edições, ou edição de outras publicações. Ou seja, as dedicatórias são muito reveladoras, visto que sempre há um discurso subjacente; e foi esse caráter transmutado que ensejou a escolha do estudo das dedicatórias para compor esta tese que pretende identificar traços biográficos da dedicatária<sup>95</sup> desses livros.

No último capítulo, foi feita a análise da produção escrita de Annunciada Chaves, em que foi verificada a sua concepção de história, bem como os gêneros textuais que ela mais produzia, suas ideologias, suas características de escritura etc.

A iniciativa de analisar os escritos da professora Annunciada Chaves não foi tarefa das mais fáceis, haja vista que ela não se considerava escritora, apesar de ter produzido uma lavra expressiva e ter recebido, inclusive, lãureas literárias. Entretanto, seus escritos dizem muito sobre ela, principalmente seus discursos, necrológios e prefácios; visto que seu estilo de escrita revelava algum fato ou episódio de proximidade com a pessoa sobre a qual ela está dissertando.

Este trabalho é uma pesquisa pretérita que vem sendo engendrada desde o primeiro contato que esta pesquisadora teve com o espólio da professora Annunciada Chaves em agosto de 2012 e foram iniciados os trabalhos de tratamento técnico do acervo documental. A pesquisa, por motivos acadêmicos, se encerra agora, mas será retomada futuramente porque esse é o ofício de quem trabalha com o tratamento de acervos documentais, um labor diligente e constante, pois quanto mais se estuda o proprietário daquele acervo mais se permite oferecer serviços de qualidade à comunidade científica e, assim, fomentar novas possibilidades de pesquisa.

---

<sup>95</sup> O termo dedicatária diz respeito à “pessoa ou pessoas a quem é dedicada uma obra” segundo FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro:** da escrita ao livro eletrônico. São Paulo : Edusp, 2008.

## **CAPÍTULO 1 – ESCAPANDO DA SINA DE QUE “O MELHOR LIVRO É A ALMOFADA E O BASTIDOR”: A FORMAÇÃO INTELECTUAL DE MARIA ANNUNCIADA CHAVES**

A trajetória de um intelectual pode ser coligida, em certa medida, pelos livros que colecionou, pela documentação que guardou, pelos prêmios que recebeu, pelos seus escritos e pelo aquilo que escreveram sobre ele. Dessa maneira, neste capítulo será apresentado um retrospecto da vida da professora Maria Annunciada Ramos Chaves, evidenciando as suas relações familiares, enfatizando a sua trajetória acadêmica e, sobretudo, dando ênfase para o processo de formação, desenvolvimento e dissolução de sua biblioteca.

Ao longo deste capítulo, também é importante perceber como as venturas e desventuras ocorridas na vida de Maria Annunciada Chaves contextualizam o papel que a mulher ocupava na sociedade paraense no transcorrer do século XX.

A biblioteca pessoal da ilustre mestra era um elemento essencial em sua vida, pois ela passou boa parte de sua existência a alimentando, era admirada pelos seus amigos e pares, e apesar de ter recebido destino infausto, representa na atualidade o elemento que permite à autora desta pesquisa resgatar peças que compõe o imbricado quebra-cabeças que representou a vida da jurista e professora de História Annunciada Chaves.

Para finalizar o capítulo, serão apresentados traços bibliofílicos que conferem ao sujeito desta pesquisa a sua projeção na cena intelectual paraense, bem como o seu lugar na história da bibliofilia, assunto em que as mulheres ainda estão invisibilizadas.

### **1.1 Nasce uma mestra: Dos estudos iniciais ao tão almejado nível superior**

A professora e jurista paraense Maria Annunciada Ramos Chaves foi uma intelectual que nasceu no primeiro quartel do século XX, mais precisamente em 16 de dezembro de 1915, em Belém do Pará<sup>96</sup>. Filha primogênita do contador Joaquim Chaves (ver foto 3) e da dona de casa Maria D’Ascensão Ramos Chaves (ver foto 4), também paraenses, que além de Annunciada Chaves tiveram mais três filhas: Maria Paula, Maria de Lourdes e Maria Júlia (ver foto 5)<sup>97</sup>.

---

<sup>96</sup> SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. **Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Pará**. Belém, 2016. 13p.

<sup>97</sup> BECKMANN, Clodoaldo F. R. Homenagem à Maria Annunciada Chaves. **Revista de Cultura do Pará**, v. 17, n. 2, p. 177-182, jul./dez. 2006.

Foto 3 – Joaquim Chaves



Fonte: CMA (2022)

Foto 4 – Maria D'Ascensão Ramos Chaves



Fonte: CMA (2022)

As fotos acima se adequam ao contexto de uma época em que o homem era retratado sozinho, bem trajado e com postura altiva, e a mulher sempre precisava estar na casa, cercada por objetos de requinte, como se ela mesma fosse mais um desses adornos que compõe o lar de um homem de sucesso.

Foto 5 – Maria Annunciada (à esquerda) e suas irmãs: Maria Paula, Maria de Lourdes e Maria Júlia.



Fonte: CMA (2022).

A família Ramos Chaves, assim como as demais famílias abastadas daquele tempo, sempre gostava de ostentar suas posses em álbuns de fotografia, que, àquela época, representava uma grande manifestação de poder, pois, naquele período poucas pessoas poderiam tirar retratos, e as fotografias também transmitiam a quem as admirava as condições de vida dos fotografados, aquilo que Mariana Muaze chama de a “invenção de si”, que consistia em compor

um cenário, ou usar o ambiente opulento de suas próprias residências, vestir roupas e acessórios requintados, a fim de mostrar para parentes, amigos ou a quem mais tivesse contato com aquelas fotos, como aqueles indivíduos viviam suntuosamente e queriam ser conhecidos pelo passar do tempo<sup>98</sup>. Salienta-se que este era um comportamento muito recorrente entre os membros das famílias ricas do Brasil Imperial, mas que se manteve vivo ainda na República, e a Família Ramos Chaves é um exemplo disso.

Maria D' Ascensão foi a segunda esposa de Joaquim Chaves, que anteriormente tinha casado com Júlia Ramos Chaves, sua irmã, porém ela faleceu prematuramente, e como era costume da época, Joaquim Chaves em pouco tempo se casou com outra filha da família Ramos<sup>99</sup>. Vale salientar que o casamento endogâmico era uma prática muito comum, que remonta ao período colonial, essa forma de casamento era necessária para manter a riqueza naquele seio familiar, expandir a fortuna, ou impedir que pessoas desvalidas ingressassem na família<sup>100</sup>.

Annunciada Chaves fez seus estudos iniciais no curso particular da professora Amância Pantoja Borralho, por sinal esta lente a acompanhou mesmo em outros níveis de educação que cursou<sup>101</sup>. Ela a considerava como fonte de inspiração em sua vida, bem como seus pais, a professora Enid Santos (professora de inglês do Curso Secundário) e o professor Augusto Serra (fundador da Sociedade Anônima Colégio Moderno)<sup>102</sup>, que, anos mais tarde foi homenageado em seu discurso proferido no Colégio Paes de Carvalho, quando foram incluídos, na galeria dos professores, os retratos de Augusto Serra e de Emiliana Ferreira, assim ela relata:

[...]

Augusto de Oliveira Serra, falecido no Rio de Janeiro, a 16 de maio de 1977, nove dias depois de ter completado oitenta anos, foi, de fato, o educador perfeito. Conheci-o quando iniciava meu curso ginasial, submetendo-me a exames de admissão neste colégio [Colégio Paes de Carvalho]. Todo de branco vestido, os olhos azulados ocultos por óculos escuros, lecionava Matemática e era respeitado por colegas e estudantes unânimes em reconhecer-lhe o brilho intelectual, a limpidez do raciocínio, a clareza da palavra, a firmeza de atitudes. Bem longe estava eu de imaginar, naqueles idos e vividos tempos, que o austero discípulo de Pitágoras seria, um dia, meu sócio e meu amigo[...]<sup>103</sup>.

<sup>98</sup> MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Sem perder a pose!. In: FIGUEIREDO, Luciano (org). **Imagens de uma nação**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009, p. 28 (Coleção Revista História da Biblioteca Nacional no bolso; 4).

<sup>99</sup> PARÁ. Tribunal de Justiça. **Processo de Joaquim Chaves**. Out. 1913. Cx. 54. Notação A. Procedência 2ª Vara. Disponível no Centro de Memória da Amazônia da Universidade Federal do Pará.

<sup>100</sup> Para saber mais sobre casamentos endogâmicos no Pará, consulte CANCELA, Cristina Donza. **Casamentos e família em uma capital amazônica**: Belém 1870-1920. Belém: Ed. Açai, 2011.

<sup>101</sup> SARGES, 2016, *op. cit.*

<sup>102</sup> ALENCAR, Gualter Loiola (edt.). Maria Annunciada Ramos Chaves. In: Gualter Loiola (edt.). **Quem é quem no Pará**. [Belém] : Ed. Persona, [1970]. p. 392-394.

<sup>103</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Em memória de Augusto Serra e Emiliana Sarmiento Ferreira, no ato de inauguração dos seus retratos na galeria da Congregação do Colégio Estadual Paes de Carvalho, em 13 de março de 1979. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 9, n. 33/34, p. 109, jan./jun. 1979.

Na segunda metade da década de 1920, o ensino primário público era muito deficitário, frequentes eram as reclamações dos intendentess, como aduz Dionísio Ausier Bentes:

Não nos foi possível cuidar do aumento de escolas. O estado de penúria em que encontramos as escolas da capital e do interior a respeito do mobiliário tem dificultado a remessa de carteiras para allí, visto estarmos ainda cuidando dos grupos da capital, para os quaes já remetemos duzentas carteiras com capacidade para quatrocentos alumnos, e preparando no Instituto Lauro Sodré mais quinhentas para mil creanças<sup>104</sup>.

Devido aos óbices assinalados na fala de Ausier Bentes, o ensino público ficava relegado às crianças de classe menos favorecidas economicamente; ao passo que as filhas de famílias mais abastadas recebiam:

[...] educação em suas próprias casas através das preceptoras ou sob a orientação dos pais. Enquanto isso, as demais, ainda que houvesse a possibilidade de estudar numa escola pública, raramente o faziam; permaneciam em suas casas em pleno meados do século XIX, condenadas à mesma sorte de suas antepassadas<sup>105</sup>.

E, complementarmente, pode-se dizer que essa situação não se modificou tanto no início do século XX, pois foi exatamente o que aconteceu com Annunciada Chaves.

Em 1925, Belém possuía grupos escolares públicos, escolas agremiadas e escolas mantidas pela intendência de Belém. Quanto à Instrução particular, Belém possuía 80 colégios nesta modalidade. No tocante à Instrução Secundária particular existia 5 estabelecimentos: a Escola de Commercio, a Phenix Caixeiral, o Progresso Paraense, a Escola Prática, e o Colégio N. Sra. do Carmo<sup>106</sup>.

O governador Dionísio Bentes, em sua Fala do dia 7 de setembro de 1925, reforça a importância das escolas particulares para o progresso educacional do Estado do Pará, ao dizer: “O nosso Estado sempre contou com a coadjuvação da iniciativa privada na disseminação dos ensinoss primários e secundários”<sup>107</sup>.

Foi nesse contexto que a professora Annunciada Chaves fez os estudos secundários no Instituto Gentil Bittencourt (atual Colégio Gentil Bittencourt), instituição que inicialmente era um orfanato, o chamado Colégio Nossa Senhora do Amparo, criado em 1804, por iniciativa do

<sup>104</sup> PARÁ. Governador (1925-1929 : Dionísio Bentes). **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado, em sessão solenne de abertura da 2ª reunião de sua 12ª legislatura, a 7 de setembro de 1925**. [Belém]: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1925. 137 p., p. 39.

<sup>105</sup> LIMA, Constância Duarte. Nísia Floresta e a educação feminina no século XIX. In: LÔBO, Yolanda; FARIA, Lia (org.). **Vozes Femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008, p. 107.

<sup>106</sup> PARÁ. 1925, *op. cit.*, p. 34.

<sup>107</sup> PARÁ. Governador (1925-1929 : Dionísio Bentes). **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado, em sessão solenne de abertura da 3ª reunião de sua 12ª legislatura a 7 de setembro de 1926**. [Belém]: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1926. 155 p., p. 51.

bispo D. Manoel de Almeida Carvalho, para o atendimento de meninas desvalidas<sup>108</sup>. Mas gradativamente foram investidas tantas verbas, e o ensino era admirável, que com o passar dos anos, as modalidades de ensino nele ofertadas foram se ampliando, como fica patente na Fala do governador Dionísio Bentes, enunciando:

[...]

O ensino de Letras é dado por um corpo de 5 professores e igual número de adjuntos, havendo 4 escolas elementares e uma complementar. Completaram o curso, obtendo certificados de estudos primários, 10 alumnas.

O ensino de música e desenho é ministrado às educandas, havendo bom aproveitamento nas que se destinam a esses cursos.

Todas as meninas receberam regularmente instrução de gymnastica, que como os cursos anteriores, é superintendido pela Diretoria Geral de Instrução Pública.

As aulas de prendas são dirigidas pelas religiosas que administram o Instituto, e a sociedade paraense, todos os anos, é testemunha do aproveitamento das educandas, na valiosa exposição, que ali se faz, dos seus trabalhos.

As educandas fazem também o curso de dactylographia, tendo diplomado o anno passado 9 alumnas.

[...]

Annexo ao internato das orphãs, continua a funcionar, numa das amplas alas do prédio, o pensionato, **frequentado pelas filhas das mais conceituadas famílias paraenses**, attingindo o corrente anno, a matricula, o número de 55 internas e 60 externas<sup>109</sup>.

A Fala do ex-governador evidencia a completeza do ensino feminino oferecido no Instituto, o que permite depreender o porquê de Annunciada Chaves ter ido estudar neste educandário, que iniciou suas atividades atendendo as meninas desvalidas, mas que gradativamente passou a fornecer também serviços educacionais de qualidade para meninas oriundas de classe econômicas privilegiadas.

No entanto, era norma da época que todos os alunos de diferentes estabelecimentos de ensino prestassem exames admissionais em instituições equiparadas ao Colégio Pedro II do Rio de Janeiro (antigo Gymnasio Nacional), e o único educandário paraense credenciado àquela época era o Gymnasio Paes de Carvalho (atual Escola Estadual de Ensino Médio Paes de Carvalho)<sup>110</sup>, como previa o Decreto Federal nº 4.271, de 27 de março de 1925<sup>111</sup>. Destaca-se ainda, que o Gymnasio Paes de Carvalho foi o primeiro estabelecimento oficial de ensino secundário do Pará, e o terceiro fundado no país<sup>112</sup>.

<sup>108</sup> Cf. VIANNA, Arthur. **O Instituto Gentil Bittencourt**: esboço histórico. Belém: Typ. e Enc. Do Instituto Lauro Sodré, 1906.

<sup>109</sup> VIANNA, *op. cit.*, p. 26. (grifo meu).

<sup>110</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Colégio Estadual Paes de Carvalho: Histórico. **A Província do Pará**, Belém, 14 de dezembro de 1955.

<sup>111</sup> BRASIL. Decretos e Leis. Decreto Federal nº 4.271, de 27 de março de 1925. **Coleção das leis da República dos Estados Unidos do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 20-96, 1926.

<sup>112</sup> Cf. CHAVES, Maria Annunciada. O 110º Aniversário do Colégio Estadual “Paes de Carvalho”. **Estado do Pará**, Belém, p. 3, de 26 de agosto de 1951.

A professora Anunciada Chaves informou como eram procedidos os exames de admissão no Gymnasio, relatando:

Penetrei pela primeira vez no casarão da Praça da Bandeira em dezembro de 1926, levada pela mão amiga de Amância Pantoja, minha professora do curso primário. Ia fazer exame de admissão.

Conheci, então, Nelson Ribeiro, que chamava os candidatos pausadamente. Era secretário do Ginásio e braço direito do diretor, dr. Genuíno Amazonas de Figueiredo, também presidente do Senado.

A primeira prova foi a de Português –eliminatória. José Alves Vera dirigia o exame na sala em que fiquei lotada e fez o ditado, em voz serena e nítida: “Um célebre poeta polaco descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu país[...].

Dois ou três dias depois – provas orais. Banca austera, sob a presidência da professora Emiliana Sarmiento Ferreira, considerada por todo o Gymnasio, com razão, uma fortaleza inexpugnável. Silvio Nascimento, Misael Seixas, Arnaldo Lobo, Hélio Frota Lima e Cláudio Chaves examinavam<sup>113</sup>.

O excerto acima foi extraído do discurso da professora Anunciada Chaves e revela a rigidez da avaliação educacional estadual, e o respeito que o Gymnasio Paes de Carvalho desfrutava naquela época, e que perdurou durante muitos anos, tanto que a motivou, posteriormente, a se submeter ao concurso à cátedra de História do Brasil no conceituado casarão da rua Saldanha Marinho.

A partir de 1930, Belém já possuía: 10 grupos escolares públicos, 4 escolas agremiadas, 7 escolas isoladas diurnas, 1 escola isolada diurna na Cadeia de S. José, 1 escola isolada noturna no Arsenal de Marinha, 2 escolas isoladas noturnas (Grupo Epitácio Pessoa e Instituto Lauro Sodré), 4 grupos escolares no interior da capital, 173 escolas isoladas e 38 escolas mantidas pela intendência de Belém. Quanto à Instrução Profissional, tinha: 1 pensionato do Gentil Bittencourt, 1 Escola Prática de Comércio, (a Phoenix Caixeiral Paraense), e o Curso Commercial Raymundo Chaves. Quanto à Instrução Particular: 14 colégios particulares, e 90 escolas particulares<sup>114</sup>. Entre esses 14 colégios particulares arrolados por Eurico Valle, destacava-se o Curso Preparatório Moderno (atual Colégio Moderno), estabelecimento de ensino particular, fundado em 1917, por iniciativa dos professores portugueses Clotilde e Adolfo Pereira<sup>115</sup>, que resolveram voltar para sua terra natal, vendendo o educandário para os irmãos Augusto e Osvaldo Serra<sup>116</sup>.

<sup>113</sup> CHAVES, Maria Anunciada. Os 127<sup>o</sup> anos do CEPC. In: REGO, Clóvis Silva de Moraes. **Subsídios para a história do Colégio Estadual Paes de Carvalho**. Belém : Edufpa ; LA Ed., 2002, p. 377-378.

<sup>114</sup> PARÁ. Governador (1929-1930 : Eurico de Freitas Valle). **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Pará, em sessão solenne de abertura da 3ª reunião de sua 13ª legislatura, a 7 de setembro de 1929**. Belém: Off. Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1929, p. 57.

<sup>115</sup> COLÉGIO MODERNO. **Histórico**. 2020. Disponível em: < <http://colegiomoderno.com.br/institucional/historico/>>. Acesso em: 08 jan. 2020.

<sup>116</sup> MEIRA, Clóvis. A mestra esquecida. **O Liberal**, Belém, p. 3, 30 de outubro de 1988.



O soerguimento do Curso Preparatório Moderno em meio ao ensino particular paraense, aliado ao fato de que Annunciada Chaves tinha interesse em cursar nível superior, fez com que seus pais a matriculassem neste destacado liceu, para estudar o último ano do nível secundário<sup>117</sup>, que por sinal fazia jus a seu nome, tendo sido o primeiro colégio misto da cidade, além de oferecer o curso ginásial como preparatório. No entanto, Annunciada Chaves estudou na nova fase do Moderno, já na gestão de Nelson Ribeiro e dos irmãos Augusto e Osvaldo Serra, que compraram o empreendimento em 1926, e coube a Augusto Serra a troca de designação de Curso Preparatório Moderno para Colégio Moderno, considerando este nome como mais adequado, pois iria atravessar décadas sempre se mantendo atual<sup>118</sup>.

Diferente da maioria das moças de sua época, que nessa idade só estavam preocupadas com namoro e casamentos, Annunciada Chaves só tinha interesse em continuar seus estudos, ela não queria parar no ensino secundário e almejava o ensino superior. Atitude que foi muito incentivada pelo Dr. Orlando Lima, padrinho de Maria Júlia, irmã de Annunciada Chaves, cuja lembrança foi por ela evocada em discurso proferido em alusão ao centenário do cirurgião, dizendo: “[...] O competente cirurgião [...] aplaudiu a minha resolução de prosseguir os estudos”<sup>119</sup>.

Apesar das brasileiras já terem conquistado o direito de cursar o nível superior desde 1881, motivadas pelo Art. 16 do Decreto imperial n. 8.024, de 12 de março de 1881, que permitiu às mulheres a matrícula em Faculdades de Medicina<sup>120</sup>, foi difícil vencer a barreira anterior, pois “os estudos secundários eram essencialmente masculinos, além de caros; e os cursos normais não habilitavam as mulheres para as faculdades”<sup>121</sup>. Segundo Maria Lúcia de Arruda Aranha<sup>122</sup>: “a primeira mulher a se matricular na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi Ambrozina de Magalhães, em 1881”. Já para Nathalia Bezerra: “a primeira mulher a ingressar na universidade, no Brasil, foi no estado da Bahia, no ano de 1887, formando-se

<sup>117</sup> CHAVES, Maria Annunciada, Falam os mestres. **A Vanguarda**, Belém, p. 5, 15 de junho de 1957.

<sup>118</sup> BONNA, Mauro; MENDONÇA, Beth. **Antônio Vaz: A trajetória de um mestre: do papel do pão à Reitoria**. Belém: Ed. Verde; Ed. Guia, 2014, p. 107-113. (Sucesso Paraense, 6).

<sup>119</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Centenário de Orlando Lima. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, n. 28, p. 108, jul./dez. 1987.

<sup>120</sup> BRASIL. Decreto n. 8.024, de 12 de março de 1881. Manda executar o Regulamento para os exames das Faculdades de Medicina. **Coleção de Leis do Império do Brasil - 1881**, Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1881, p. 171, v. 1, pt 2. Também disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-8024-12-marco-1881-546191-publicacaoorig inal-60103-pe.html>. Acesso em: 24.03.2020.

<sup>121</sup> BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A Reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.Php.cp/article/view/277>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

<sup>122</sup> ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

pela faculdade de medicina”<sup>123</sup>. Para Kaizô Iwakami Beltrão e José Eustáquio Diniz Alves<sup>124</sup>, foi somente em 1887 que Rita Lobato Velho Lopes tornou-se a primeira mulher a obter o título de médica no Brasil. Apesar da divergência nas informações, todas confirmam que o acesso da mulher ao ensino superior só ocorreu nos anos de 1880 no Brasil.

O advento da República, concomitante ao fim do trabalho escravo, foram alguns dos principais acontecimentos do final do século XIX que afetaram as condições educacionais no país. A Constituição republicana de 1891 determinou a descentralização do ensino, sendo que a União ficou responsável pela criação e o controle de instituições de ensino secundário e superior. A cargo do Estado ficaram: a criação de escolas, o monitoramento e controle do ensino primário, “assim como do ensino profissional de nível médio que compreendia as escolas normais para as moças e as escolas técnicas para os rapazes. Nessa época, houve uma expansão quantitativa do sistema educacional, mas pouca mudança qualitativa”<sup>125</sup>.

Todas essas alterações legislativas ocorridas no final do século XIX auxiliaram Annunciada Chaves a dar seguimento a sua trajetória acadêmica.

É importante frisar que Joaquim Chaves, pai de Annunciada Chaves, como a maioria dos patriarcas da época, não se preocupava com o ingresso de mulheres no ensino superior; entretanto, ele nutria o sonho de cursar Direito, intento que fora frustrado, porque o pai dele morreu prematuramente obrigando-o a ser o arrimo da família muito cedo<sup>126</sup>. Apesar de Joaquim Chaves ser um respeitado contador da Companhia de Seguros Aliança do Pará<sup>127</sup>, ele nunca esqueceu a Advocacia e sonhava em ter um filho para cursar Direito em seu lugar. E esse foi o estratagema utilizado por Annunciada Chaves para obter o seu tão desejado nível superior, ela convenceu seu pai a poder realizar seu sonho por meio dela, já que ele só conseguiu conceber meninas, e ela era a primogênita, e como seus pais já estavam em uma idade avançada, não poderiam mais continuar tentando conceber um menino<sup>128</sup>.

Assim, em 1932, ela ingressou na Faculdade Livre de Direito do Pará, e embora tenha recebido nota máxima em todas as disciplinas que cursara, a cada semestre tinha que apresentar uma carta escrita pelo seu pai autorizando sua matrícula para o semestre seguinte; sem este

---

<sup>123</sup> BEZERRA, Nathalia. Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. Conferência Internacional sobre os Sete Saberes, 2010, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: UECE, 2010. p. 1-8. Disponível em: <<http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/420-07082010-184618.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

<sup>124</sup> BELTRÃO; ALVES, *op. cit.*

<sup>125</sup> *Ibid.*

<sup>126</sup> OLIVEIRA, J. C. Joaquim Chaves. **A Palavra**. Belém, 6 de junho de 1940.

<sup>127</sup> REGISTRO fúnebre. **Folha do Norte**, Belém, 21 de novembro de 1967.

<sup>128</sup> ROCQUE, Carlos. CHAVES, Maria Annunciada Ramos. In: ROCQUE, Carlos. **Grande enciclopédia da Amazônia**. Belém: Amel, [1967]. 6 v., v. 2., p. 492-493.

documento ela não poderia se matricular, apesar do desempenho acadêmico irrepreensível (Ver Foto 6). Há época somente as alunas tinham que apresentar tal documento.

Quando estava cursando o 3º ano do Curso de Direito, Annuciada Chaves recebeu um convite, feito pelo prof. Augusto Serra, para lecionar as disciplinas de História e de Geografia no Colégio Moderno. Fato que não agradou em nada a seu pai. Mas, ela aceitou o convite e, aos 18 anos, fez o seu tirocínio na docência. Joaquim Chaves ficou contrariado e tentou a todo custo demovê-la dessa ideia. Todavia, a docência a agradava, e para garantir que não pudesse ser afastada da sala de aula, fez uso de parte de sua herança, que lhe foi antecipada por seu pai, e comprou metade das ações do Colégio Moderno. Joaquim Chaves ficou revoltado, de acordo com Annuciada Chaves: “Foi a primeira vez que o desobedeci. Com meu próprio dinheiro – não pedi nenhuma contribuição a meus pais -, tornei-me sócia da Sociedade Civil Colégio Moderno. Meu pai queria que eu dedicasse tempo integral à faculdade”<sup>129</sup>. Além disso, não era de bom tom que moças de classes abastadas trabalhassem, o trabalho era relegado aos homens e, em último caso, às mulheres desvalidas.

Annuciada Chaves também revelou que sua mãe concordava com sua decisão, ao dizer: “Escondida do meu pai ela me apoiava bastante”<sup>130</sup>. Para os padrões sociais dos anos finais da década de 1920 e início dos anos 1930, a matriarca da família Ramos Chaves jamais iria contestar seu marido em frente a sua filha, mas sem que Joaquim Chaves soubesse, ela encorajava a filha a seguir o magistério, porque ela era normalista e lecionou no Colégio Francês, porém teve que abandonar o emprego em 1913, para casar e ter que se dedicar inteiramente à família. Ela cumpriu aquilo que, segundo Roderick Barmann, era a missão de vida da mulher:

[...] consistia em prestar apoio, conforto e lealdade ao marido e em gerar e criar seus filhos. As mães educavam as filhas não só para contar com esse destino, mas também para aceitá-lo de bom grado. A falta de alternativas na vida, a possibilidade de escapar à condição dependente e obediente de filha e a atração da sexualidade masculina eram poderosos incentivos para aceitar esse fato. Aos olhos da sociedade, o casamento conferia *status* (grifo do autor) e certa influência à mulher [...]<sup>131</sup>.

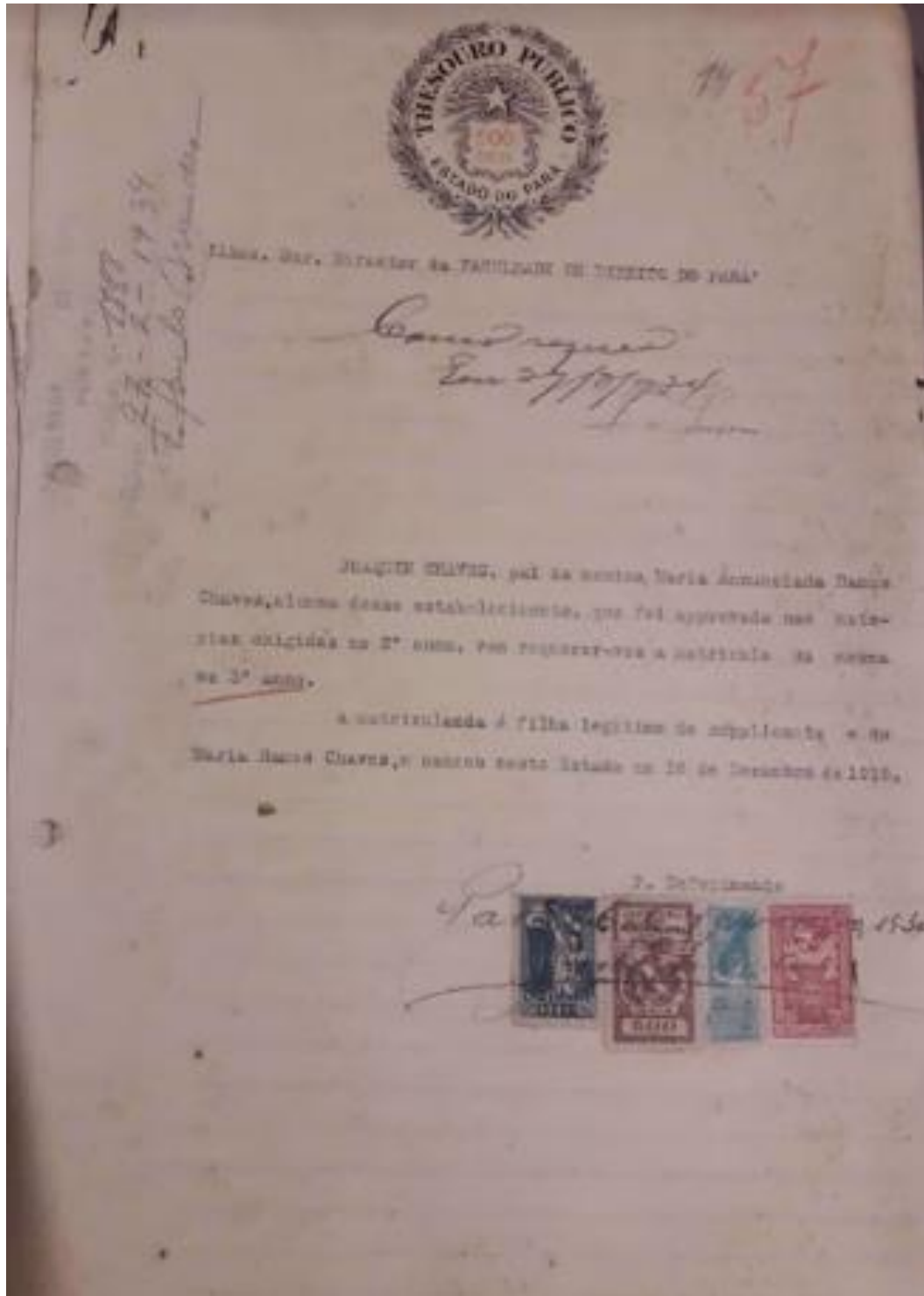
---

<sup>129</sup> DAMASO, *op. cit.*, p. 4.

<sup>130</sup> *Ibid.*

<sup>131</sup> BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel: gênero e poder no século XIX**. Tradução de Luiz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Ed. UNESP, 2005, p. 78.

Foto 6 - Documento solicitando matrícula de Anunciada Chaves no 3 ano do Curso de Direito.



Fonte: UFPA (2019).

Entretanto, considera-se que Maria D' Ascensão cumpriu, em parte, “a missão de vida da mulher” exposta por Barman, promovendo um destino diferente às suas filhas, pois: Anunciada Chaves graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais e seguiu carreira no magistério secundarista e superior; Maria Júlia foi normalista e funcionária da Primeira Comissão

Demarcadora de Limites; Maria de Lourdes diplomou-se em piano pelo Conservatório Carlos Gomes; e Maria Paula licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Pará<sup>132</sup>, instituição que Annunciada Chaves foi uma das fundadoras<sup>133</sup>.

Maria D'Ascensão também tinha interesse em ser musicista, estudou no Conservatório Carlos Gomes e foi discípula do Maestro Menelau Campos, mas o casamento a afastou de seus planos<sup>134</sup>. Maria D' Ascensão entendia muito bem o intento de sua primogênita em querer se manter em sala de aula e, indiretamente, sua filha estava realizando o seu sonho também.

Outro grande apoiador dessa decisão de Annunciada Chaves era o Dr. Orlando Lima, como relembra em um de seus discursos:

Minhas relações com o Dr. Orlando Lima estreitaram-se quando iniciei o curso de Direito. Eram poucas, ainda, entre nós, as mulheres que ingressavam em cursos superiores. O competente cirurgião não só aplaudiu a minha resolução de prosseguir os estudos, como se mostrou entusiasmado, quando, na terceira série do curso jurídico, comecei atividade no magistério secundário, no qual mais tarde tive a oportunidade de ter como aluna sua filha Isabel, hoje esposa do conceituado oftalmologista Aracy Barretto<sup>135</sup>.

Em 6 de dezembro de 1936, Maria Annunciada Ramos Chaves se tornou Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, juntamente a: Carlos Moisés Serfaty, Claudionor de Souza Franco, Emanuel Simões Rodrigues, Fernando da Silva Pereira Leal, Irêne Erna Sofia Schumann, Isaltino Gustavo Nobre, Itamar de Morisson Faria, José Afonso de Nascimento Moreira, José Marques Soares da Silva, Luiz Guilherme Ramos Ribeiro, Manoel de Matos Viana, Milton Duarte Soeiro, Osvaldo da Rocha Ribas, Osvaldo da Silva Brandão, Raimundo Ferrari Puget, Rubens Lameira de Carvalho, Tomaz de Vila Nova Monteiro Lopez e Valter Alencar<sup>136</sup>.

Apesar de Annunciada Chaves ter sido uma das poucas mulheres a cursar nível superior na primeira metade do século XX, cabe registrar que ela não foi a primeira paraense a atingir este nível de instrução elevado, sendo assim é possível destacar as seguintes mulheres que se graduaram antes de Annunciada Chaves: em Direito: Hilda Vieira (1910), Ormindia Ribeiro Bastos (1919), Iná Pontes de Carvalho (1923), Helena Valdez (1932)<sup>137</sup>; em Odontologia:

<sup>132</sup> FALECIMENTOS. Sra Maria D' Ascensão Ramos Chaves. **Província do Pará**, Belém, p. 9, 21 de novembro de 1967.

<sup>133</sup> BECKMANN, 2006, *op. cit.*

<sup>134</sup> REGISTRO fúnebre. **Folha do Norte**, Belém, 21 de novembro de 1967.

<sup>135</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Centenário de Orlando Lima. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 28, p. 108, jul./dez. 1987.

<sup>136</sup> BORBOREMA, Augusto Rangel de; SOUZA, Joaquim Gomes de Norões e. **Memória histórica da Faculdade de Direito do Pará**. Belém: [s.n.], 1956.

<sup>137</sup> *Ibid.*, *passim*.

Eneida de Moraes (1921)<sup>138</sup>; e, em Medicina: Bettina Ferro de Souza, que se graduou pela Faculdade de Medicina em 1935<sup>139</sup>.

A advocacia foi exercida por pouco tempo por Annuciada Chaves, ela foi Primeira Secretária da Caixa de Assistência dos Advogados do Pará<sup>140</sup>, e também trabalhou para o tabelião Edgar Chermont fazendo inventários<sup>141</sup>. No entanto, ela percebia uma certa discriminação dos colegas com o sexo oposto, eles as consideravam nas palavras de Annuciada Chaves, como “excessivamente sábias”<sup>142</sup>. Além do que, naquele período, havia uma certa divisão sexual do trabalho, da seguinte forma: profissões que aferiam grandes ganhos materiais, tais como: Advocacia, Medicina e Engenharia eram consideradas “profissões de homens”, ao passo que profissões que lidavam mais com o livre pensar, a imaginação e a memória, sendo por conta disso pouco remuneradas, eram consideradas “profissões de mulheres”, tais como: o Magistério, Enfermagem, Letras, Biblioteconomia etc.

A professora Annuciada Chaves ainda revelou que havia uma convenção social para as mulheres que seguissem a carreira na advocacia, como aduz: “[...]A regra era – as que conseguiam – iam lecionar ou atuar em repartições públicas[...]”<sup>143</sup>. Pelas convenções sociais esboçadas pelos seus pares masculinos, a advocacia iria garantir *status* profissional para as mulheres em qualquer meio, porém elas jamais teriam condição de defender causas em tribunais. Independentemente da hostilização velada dos colegas ou dos preconceitos da sociedade patriarcal em que vivia, Annuciada Chaves resolveu abandonar a advocacia e trilhar seu rumo na docência, como ela mesma afirmou: “[...] logo percebi que não era essa minha vocação e resolvi me desligar da OAB [...]. Eu tinha consciência que poderia me destacar na advocacia se me dedicasse. Só que eu já amava o magistério”<sup>144</sup>.

Apesar de ter dado baixa no seu registro na Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Pará (OAB-PA), Annuciada Chaves sempre era convidada para contribuir com revistas de cunho jurídico, proferia palestras em efemérides forenses, e também participava de eventos sociais de advogados, como pode ser visto na foto 7.

<sup>138</sup> Cf. SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. Eneida (1904-1971). In: SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 203-204.

<sup>139</sup> Cf. ALENCAR, Cristina. **A Trajetória de Bettina Ferro**: e sua contribuição para a ciência e a sociedade. Belém: Ponto Press, 2013.

<sup>140</sup> REGO, 2002, *op. cit.*, p. 148.

<sup>141</sup> DAMASO, [1997], *op. cit.*, p. 5

<sup>142</sup> *Ibid.*

<sup>143</sup> *Ibid.*

<sup>144</sup> *Ibid.*

Foto 7 – Almoço de congregação da OAB-PA, oferecido por Aldebaro Klautau em 1951.



Fonte: CMA. Acervo iconográfico (2023).

Na foto 7, vemos Annuciada Chaves, a única mulher ao lado do anfitrião e todos os demais colegas da OAB-PA. É interessante perceber o quanto ela era influente por participar desse evento apesar de não estar mais exercendo a carreira de advogada.

O magistério foi a ocupação com a qual Annuciada Chaves verdadeiramente se identificou, era a atividade que a envolvia em sala de aula, palestras, exames de currículos, avaliação de livros, elaboração de concursos etc. Era essa atmosfera de erudição que a agradava.

## **1.2 A biblioteca: *célula-mater* da intelectualidade de Annuciada Chaves**

A palavra escrita sempre foi muito cultivada no seio da família Ramos Chaves. Ao consultar os livros da professora Annuciada Chaves pertencentes ao Centro de Memória da Amazônia foi possível identificar obras com as quais ela presenteou as suas irmãs e a sua mãe, ou recebeu de seu pai, ou foi presenteada por sua madrinha.

Foto 8 – Livros que os membros da Família Ramos Chaves se presenteavam.

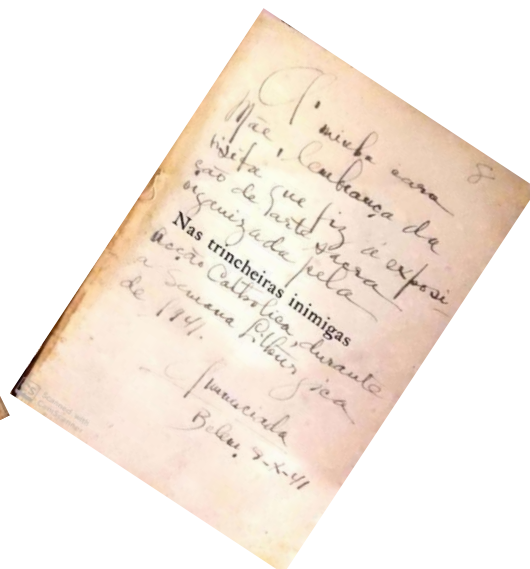
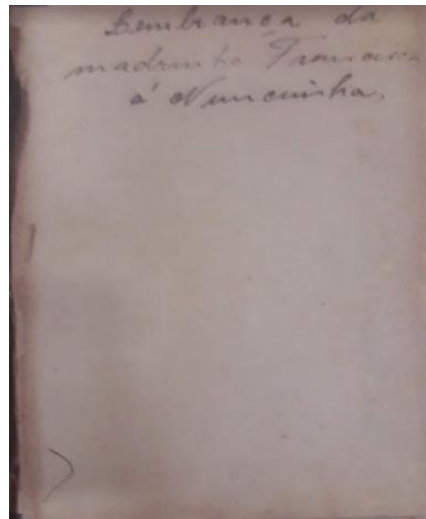
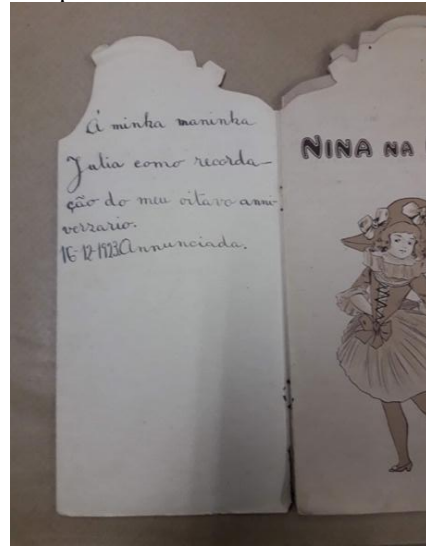
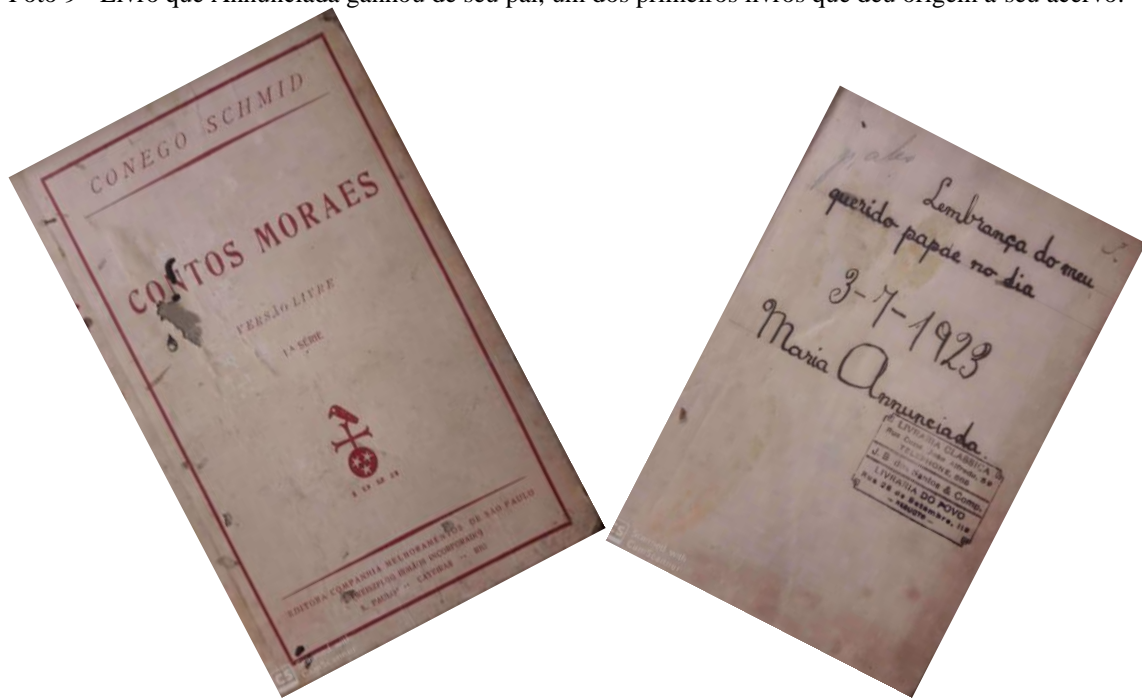




Foto 9 - Livro que Anunciada ganhou de seu pai, um dos primeiros livros que deu origem a seu acervo.



Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

A professora Anunciada Chaves tinha um fascínio pelos livros, tanto que na sessão do dia 29 de outubro<sup>145</sup> de 1979, do Conselho Estadual de Cultura do Pará (CEC-PA), ela fez questão de registrar em Ata uma oração homenageando o Dia Nacional do Livro, em que disse:

Enquanto ouvia V. Exa., com a atenção que merece de todos nós, lembrei-me que hoje é o Dia Nacional do Livro, e o Conselho Estadual de Cultura não pode, nobres colegas, ficar alheio a uma tão significativa data. Embora se afirme que outros meios de informação podem substituir o Livro, pelo menos na camada média da cultura humana, continuo-lhe fiel, certa de que nada poderá exercer tão grande influência, nem ter ação tão profunda sobre a formação do espírito e da inteligência como o Livro. Não irei ocupar a atenção de V. Exas. entoando um hino em louvor ao Livro. Isso tem sido feito muitas vezes por pessoas mais abalizadas do que eu. Posso afirmar, entretanto, que o Livro tem representado para mim, e, tenho certeza, para todos os presentes, um sustentáculo na vida, não só para a formação intelectual, como também para as horas amargas, as horas duras, as horas difíceis. Montaigne, o grande Montaigne – dizia nunca ter sofrido um desgosto que uma hora de leitura não tivesse feito passar. Não chegarei a tanto – tenho tido muitos desgostos, que muitas horas de leitura não fizeram passar, mas afirmo que me ajudaram a suportá-los, às vezes, a superá-los. Honra ao livro! Portanto! Proponho, pois, que se inclua na Ata de hoje esta modesta manifestação e que nela se registre o regozijo do Conselho de Cultura do Estado do Pará pelo decurso de um dia tão expressivo<sup>146</sup>.

<sup>145</sup> No Brasil, o Dia Nacional do Livro começou a ser comemorado no dia 29 de outubro, em alusão à data de fundação da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, ocorrida em 29 de outubro de 1810. (Cf. DUARTE, Marcelo. **A Origem de datas e festas**. São Paulo: Ed. Panda, 2005, p. 127). Alguns livros de Estudos Sociais atribuíam erroneamente o Dia Nacional do Livro a 18 de abril, em alusão ao aniversário do escritor infantil Monteiro Lobato, porém 18 de abril é o Dia Nacional do Livro Infantil. (Cf. DUARTE, *op. cit.*, p. 56).

<sup>146</sup> CONSELHO DE CULTURA DO ESTADO DO PARÁ. **Ata**. Belém, 29 de outubro de [1979], p. 7. Oração proferida pela conselheira Anunciada Chaves em alusão ao Dia Nacional do Livro.

O apreço da professora Anunciada Chaves pelos livros é inegável, como se percebe não só pela honorífica oração supracitada, como também, pelo significativo acervo que o sujeito da nossa pesquisa conservou até o fim da vida (faleceu aos 90 anos), uma biblioteca composta por múltiplas fontes, oriunda não só de seus próprios livros, mas também por aqueles que herdou das suas três irmãs e de seus pais, livros ofertados, presenteados, prefaciados e os livros que ela comprou, cuja análise pormenorizada dessa biblioteca (ou o que sobrou dela) será exibida nos subcapítulos a seguir.

### 1.2.1 A biblioteca analisada

Darnton ressalta que nem sempre a posse de um livro implica a sua leitura, e o número de livros efetivamente lidos por alguém pode ultrapassar aqueles que constam em sua biblioteca, na medida em que podem ser tomados de empréstimo. O estudo das bibliotecas pessoais permite, como afirma o autor unir o *'o quê'* com o *'quem'* da leitura<sup>147</sup>. Assim, além de buscar estabelecer as clássicas relações entre as preferências de certos gêneros literários e de classes sociais, e de identificar o “onde” e o “quando” da leitura, objetivos de vários estudos realizados pela História Cultural, procura também responder às questões apontadas pelo autor como as mais difíceis da História da Leitura, quais sejam: compreender como lia e por que lia a mulher proprietária da biblioteca em questão. Nesse sentido, mesmo considerando que não necessariamente as bibliotecas resultam de escolhas e aquisições do seu proprietário, é possível presumir que, de alguma maneira, uma biblioteca expressa seus gostos ou como as pessoas que como ela conviveram construíram simbolicamente esses gostos.

Para realizar a pesquisa, em uma primeira etapa, os livros da biblioteca (2.805 títulos) foram classificados em relação: à esfera do discurso, à autoria, aos locais de edição, às editoras, ao idioma e à procedência. Posteriormente, foram analisadas as marcas de leitura presentes nos livros. Na pesquisa mais ampla, também serviram como fontes os escritos do sujeito (sua produção técnico-científica), depoimentos orais, documentos oficiais e dos acervos da escola em que lecionou.

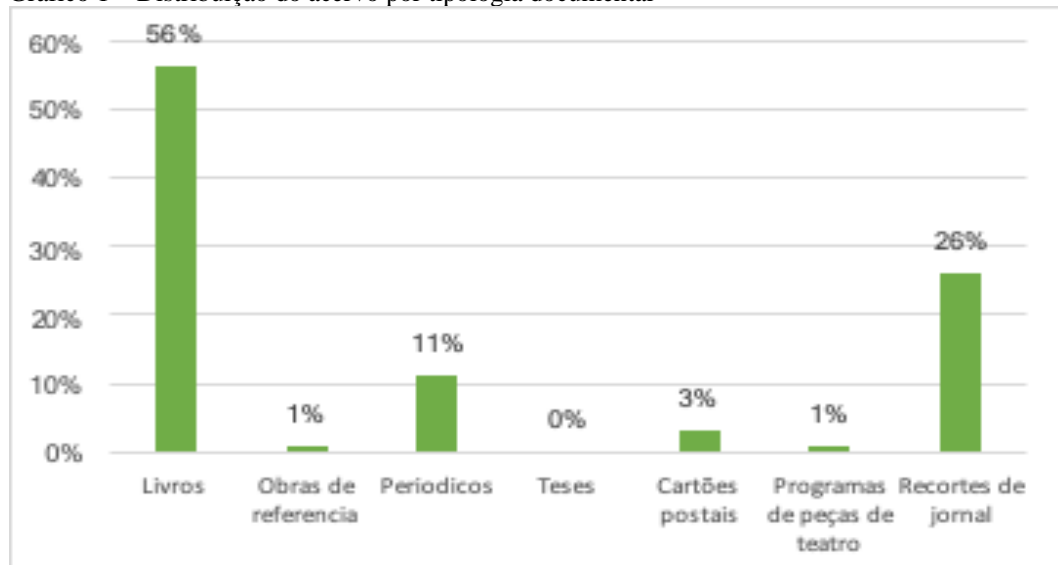
---

<sup>147</sup> DARNTON, 1995, op. cit.

## ● TIPOS DE DOCUMENTOS

A biblioteca analisada possui diferentes tipos documentais, dentre os principais, temos: livros, obras de referência, fotografias, periódicos, teses e dissertações, discursos, recortes de jornal, cartões postais e programas de peças teatrais.

Gráfico 1 – Distribuição do acervo por tipologia documental



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

Apesar da pouca quantidade de dicionários encontrados no Centro de Memória da Amazônia, esse tipo de material bibliográfico era muito estimado pela professora Annuciada Chaves, como revelou Ruth Burlamaqui, que os dicionários eram a sua paixão desde a infância, ela sempre os mantinha em sua mesa de trabalho, consultava-os e os lia frequentemente, mesmo que não estivesse procurando uma palavra específica<sup>148</sup>.

## ● A AUTORIA

Os gostos de leitura da professora Annuciada Chaves eram bem variados, entretanto, percebeu-se que os autores mais lidos por ela são autores-entidades, principalmente de instituições governamentais brasileiras, como pode ser visto na tabela 1, destaques para as obras do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apresenta 15 títulos; seguidos de obras do Ministério da Educação e Cultura (MEC), perfazendo 11 títulos.

<sup>148</sup> MORAES, Ruth, *op cit.* p. 12.

Dentre os autores pessoais, destaca-se o geógrafo alemão, Erwin Scheu, com 11 títulos; seguido por Armando Gonçalves e do sociólogo Ignácio de Loyola, com 8 títulos cada. Os demais autores podem ser visualizados na tabela abaixo.

Tabela 1 – Autores lidos por Annunciada Chaves

<b>AUTOR(ES)</b>	<b>F</b>
IBGE	15
BRASIL. MEC; SCHEU, Erwin.	11
GONÇALVES, Armando (Coord.); LOYOLA, Ignácio de	8
MONTELLO, Josué	5
ARGENTIÈRE, R.; PROUST, Marcel; COELHO NETTO, Henrique Maximiano;	4
ANDRADE, Mário de; BARBOSA, Rui; CASTELLO BRANCO, Camillo; CRUZ, Ernesto; FRANCE, Anatole; GODINHO, Sebastião; MEIRA, Cecil; MEIRA, Clóvis; MEIRA, Silvio; MELO, Veríssimo de; MOREIRA, Eidorfe; MUSSUMECCI, Victor; RODRIGUES, José Honório.	3
ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS; ACKERMANN, Fritz Louis; AMADO, Jorge; ARQUIDIOCESE DE BELÉM DO PARÁ; ASSIS, Machado de; BASBAUM, Leôncio; CAMPOS, Ápio; CASCUDO, Luís da Câmara; CASTRO, Acyr; CASTRO, Therezinha de; CAVALCANTE, Paulo B.; CONSELHO DE REITORES DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS; FIGUEIREDO, Fidelino de; FREYRE, Gilberto; FUNCK-BRENTANO, Frantz; GAROZZO, Filippo; GÓMEZ CARRILLO, E; GRIMBERG, Carl; GUEDES, Max Justo; HERMIDA, Antônio José Borges; ILDONE, José; KOSMINSKI, Y.; LOPES, José Quintino Travassos; LOUREIRO, Violeta Refkalefsky; MARTINS, Wilson; MENEZES, Bruno de; MIRA Y LOPEZ, Emilio; MONTEIRO, Benedicto; OGRIZEK, Doré; ONCKEN, Guillermo; PARÁ. Governo do Estado; PARÁ. Secretaria de Estado de Administração Pública; PRADO JÚNIOR, Caio; REIS, Arthur Cezar Ferreira; SAMPAIO, Aluysio; SANTOS, Eurico; SANTOS, Paulo Rodrigues dos; SARAIVA, Antônio José; SILVA, Hélio; THOMSON, David; TOCANTINS, Leandro; VIVEIROS, Jerônimo de; e Voltaire.	2
ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LA U.R.S.S. Instituto de Filosofia; ACCIOLI, Roberto; TAUNAY, Alfredo; AGUIAR, Pinto de; AIMOND, Ch; ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de; ALBUQUERQUE, Raymundo; ALDEN, Dauril; ALENCAR, José de; ALLARD, Louis; ALLENDE, Isabel; ALMEIDA, Fialho de; ALVES, Márcio Moreira; AMARAL FILHO, Zebino Pacheco do; AMARAL, Aracy A; AMARAL, Fernando Medina do; AMARAL, Luiz; AMORA, Antônio Soares; ANDRADE, Anselmo de; ANDREONI, João Antônio; ANTHONY, K; APARICIO, Francisco de; ARAUJO-COSTA, Fernanda; ARGUEDAS, Alcides; ARNAUD, Expedito; ARNULFO, Irmão; ARON, Raymond; ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS; AUGÉ, Marc; AZAMBUJA, Darcy; AZEVEDO, Aluísio; AZEVEDO, Aroldo de; AZEVEDO, Fernando de; AZEVEDO, Maria Paula de; BANCO DE BILBAO. MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES; BANDEIRA, Manuel; BARATA, José Fernando Nunes; BARBOSA, Francisco de Assis; BARCLAY, Florence L; BATISTA, Djalma; BAUDELAIRE, Charles; BAUMONT, Maurice; BEDIN, Franca; BENOIST, Luc; BENSE, Max; BERLINCK, Manoel T.; BERNHARDT, Sarah; BERR, Henri; BERTAUT, Jules; BIBLIOTECA INFANTIL; BIBLIOTECA NACIONAL; BIROT, Pierre; BITAR, Orlando; BITAR, Simão; BLACKMER, Donald L. M (Org.); BLASCO IBANEZ, V.; BLAY, Abraão; BOOCK, Olavo José; BOSSUET, Jacques Bénigne; BOURCART, Jacques; BOURGET, Paul; BRADLEY, John Hogdon; BRAGA, Theodoro; BRANDÃO, Carlos R.; BRANDÃO, José Luís; Conselho Federal de Cultura; BRASIL. Constituição; BRASIL. Exército; BRASIL. Marinha; BRASIL. Presidência da República; Brasil. Presidente (1990-1992 : Collor); BREMER, John; BRION, Marcel; BRITO, Bernardo Gomes de; BRITO, Eugênio Leitão de; BRITO, Mário da Silva; BRITTO, Chermont de; BROCHADO, Costa; BROMFIELD, Louis; BRONTË, Charlotte; BRUN, André; BUSHNELL, G. H. S.; BUTLER, George D.; BYHAN, Arthur; CABRAL, Mario V. da Veiga; CABRAL, Pedro Corrêa; CAILLAVET, G. A. de; CAL, Ernesto Guerra da; CALDEIRA, Jorge; CAMARÃO, Adalcinda; CAMARGO, Enjolras José de C.; CAMÕES, Luís de; CAMPOS, Humberto de; CAMUS, Albert; CAPELATO, Maria Helena; CARDOSO, Ciro Flamarion S.; CARPEAUX, Otto Maria; CASTRO, Ângela Maria Bezerra de; CASTRO, Armando; CASTRO, Ferreira de; CAVALCANTE, Ophir Filgueiras; CAZAL, Edmond; CÉ, Maria de Lourdes Sulzbach; CHAMISSO, Adelbert Von; CHARBONNEAU, Michel; CHAVES, João; CHAVES, Maria Paula Ramos; CHAZOURNES, Félix de; CHESSMAN, Caryl; CÍCERO, Marco Túlio; CONRAD, Joseph; CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS; CORRÊA, Maria da Graça Diniz; CORRÊA, Serzedelo; COSTA, Américo de Oliveira; COSTA, Rafael; COURBET, Gustave; COUTINHO, Afrânio; CRAPOULET, Jean-Claude; CROCE, Benedetto; CROSBY, Alfred W.; CROZALS, J.;	

CULICAN, William; CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da; CUNHA, Osvaldo Rodrigues da; CUNLIFFE, Marcus; D'AZAMBUJA, Gabriel; DANA, R. H.; DANTAS, Arruda; DANTAS, Júlio; DARTIGUES, André; DARWIN, Charles; DAUS, Federico A.; DAUS, Ronald; DAVATZ, Thomas; DEFOE, Daniel; DELORME, Jean; DEMANGEON, Albert; DENIS, Léon; DEONNA, W.; DONNAY, Maurice; DUHAMEL, Georges; DUMONT, Henri; EAST, W. Gordon; ÉLIS, Bernardo; ELTON, G. R.; ENNES, Ernesto; EPSTEIN, Edward Jay; Eurípides; EWEN, David; FARO, Annibal Mello de Noronha e; FARRÈRE, Claude; FARRINGTON, Benjamin; FAUST, Jean Jacques; FLENLEY, R; FERREIRA, Adriano Bessa; FERRERO, Guglielmo; FIGUEIREDO, Antero de; FIGUEIREDO, Euclides; FLERS, Robert de; FOCH, Maréchal; FONSECA, José Wilson Malheiros da; FRANCASTEL, Pierre; FRANCO, Afonso Arinos de Melo; FRANS-BOEUF, Claude; FROTA, Lélia Coelho; Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FNBEM); FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA; GADELHA, João do Rego; GALBRAITH, John Kenneth; GALSORTHY, Jonh; GAMOW, George; GANDON, Yves; GAULLE, Charles de, Gen; GAUPP, Robert; GAUTHIER, Joseph; GAUTHIER, Maximilien; GAXOTTE, Pierre; GENTILE, Giovanni; GÉRALDY, Paul; GIACONE, Antônio; GIDE, André; GLOTZ, Gustave; GOMES, Isaac Dias; GRIECO, Agrippino; GUILHON, Fernando; GUILHON, Norma de Azevedo; HAECKEL, Ernest; HAGGARD, Rider; HAMSUN, Knut; HARCOURT-RIVINGTON, S. Humphry; HARMS-BALTZER, Kate; HAUTECEUR, Louis; HELENA, Sylvia; HELLER, John H.; HERAS, Carlos; HERCULANO, Alexandre; HOLANDA, Sérgio Buarque de; HOLLAND, Thompson; HOMERO; HOOK, Sidney; HORA, Dinair Leal da; HOUAISS, Antônio; HUNTINGTON, Ellsworth; IGLÉSIAS, Francisco; INOJOSA, Joaquim; INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-SOCIAL DO PARÁ; INSTITUTO DE RESSEGUROS DO BRASIL; INSTITUTO EUVALDO LODI. Núcleo Regional do Pará; INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO; IONESCO, Eugène; JACKSON, J. Hampden; JAMUNDÁ, Theobaldo; JASPERS, Ludgero; JOBIM, Anísio; JURANDIR, Dalcídio; KAFKA, Franz; KAIGO, Tokiomi; KAZANTZAKI, Nikos; KELLER, Gottfried; KELLY, Celso; KENNEDY, John. F.; KEPLER, Johannes; KETTER, Peter; KILLEFFER, D. H.; KIPLING, Rudyard; KOESTLER, Arthur; KOLODY, Helena; KROPOTKIN, Pedro; KRUGER, Paul; KUNDERA, Milan; LA CONDAMINE; LA FONTAINE, Jean de; LADISLAU, Alfredo; LAGE, Amyntas de Assis; LARÊDO, Salomão; LAUNAY, Louis de; LE DANTEC, Felix; LE GOFF, Jacques; LE HIR, Yves; LEAL, Monsenhor Américo; LEÃO, A. Carneiro; LEBRUN, Gérard; LEDA, João; LEITE, Ascendino; LENZ, Luís Gonzaga; LEONCIO, Carlos, Pe.; LEONI, J. H.; LEVENE, Ricardo; LEWINSOHN, Richard; LLEWELLYN, Richard; LINDSAY, Kenneth; LINS, Álvaro; LOBO, Hélio; LOPES, José de Ribamar (Org.); LOPEZ, Roberto S.; LOUREIRO, Antônio José Souto; LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom; LUDWIG, Emil; LYRA, Heitor; MACAULAY, Neil; MACEDO, Joaquim Manoel de; MACEDO, Raymundo Mario Cavalheiro de; MACIEL, Marco; MAGALHÃES, Luiz; MANSFIELD, Katherine; MANVELL, Roger; MALAGÓN, Javier; MARCOU, M. F. L.; MARIOTAVIA; MARQUES, Antônio Nonato; MAUGHAM, W. Somerset; MAUPASSANT, Guy de; MAURIAC, François; MAUROIS, André; MAYER, D. Antonio de Castro; MEIRA, Augusto; MEIRA FILHO, Augusto; MELLO, Agenor Bandeira de; MENDONÇA, José Xavier Carvalho de; MICHAUD, Guy; MICHAUD, Joseph-François; MILLIKAN, Max F.; MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de (Org.); MIRANDA NETO, José; MIRANDA, Fernando Marquez; MOCBEL, Alberto Moia; MONBEIG, Pierre; MONTEIRO, Agostinho; MONTEIRO, Domingos; MONTEIRO, Mário Ypiranga; MONTENEGRO, Edmilson; MONTENEGRO, Francisco; MONTGOMERY, Bernard; MORAES, Rubens Borba de (Dir.); MORAIS, Raimundo; MOREYRA, Álvaro; MORGAN, Charles; MORGAN, Jacques de; MORRIS, Lawrence S.; MOSCHZISKER, Michel Von; MOTA, Inácio Francisco da Silveira da; MULLER-BOCHAT, Eberhard; MUSSET, Alfred de; NABUCO, Carolina; NASCIMENTO, Francisco Paiva do; NASCIMENTO, João Affonso; NEMÉSIO, Vitorino; NERUDA, Pablo; NUNES, Cassiano; OCTAVIO, Rodrigo; OLIVEIRA, João Chrysostomo de; OLIVEIRA, Justina Bastos C. de; OLIVEIRA, Rafael Corrêa de; OLIVEIRA, Valdemar de; ORICO, Osvaldo; ORTENCIO, Waldomiro Bariani; PACHECO, Mário Victor de Assis; PAES, J. Lima; PAHISSA, Jaime; PANDOLFO, Sérgio Martins; PARÁ. CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA; PARÁ. Secretaria do Estado da Fazenda; PARÁ. Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral; PARANÁ. Secretária de Educação e Cultura; PARDO, Antonio Meiji de; PATO, Bulhão; PEIXOTO, Afrânio; PEÑA, José L. Asian; PEREIRA, Antônio Olavo; PEREIRA, João Carlos; PÉREZ, José; PHILIP, André; PI Y MARGALL, F.; PIJOAN, José; PILLA Raul; PINTO, Gouveia; PINTO, Leonardo; PINTO, Lúcio Flávio; PORTELLA, Eduardo; PORTER, Eric; PORTO-ALEGRE, Apolinário; PORTUGAL, Manuel de; PRADO, J. F. de Almeida; PROENÇA, Celeste; QUEIROZ FILHO, Antônio de; QUEIROZ, Rachel de; RABELLO, Sylvio; RAEDERS, Georges; RAMA, Carlos M.; RAMOS, Alberto (Arcebispo); RAMOS, Arthur; RAMOS, Graciliano; RAMOS, Plínio de Abreu; RANK, Otto; RAYMONT, T.; RÉBILLON, Armand; REGO, Orlando L. M. de Moraes; RÉMOND,

René; RIGGS, Arturo Stanley; RIBEIRO, Bernardim; RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, De Campos; RIBEIRO, Ernane; RIBEIRO, Ernesto Carneiro; RIBEIRO, João; RIO-BRANCO, Miguel P. do.; RIQUER, Martin de; ROBERTSON, William Spence; ROCQUE, Carlos; RODRIGUES, Fernando Mariano; RODRIGUES, José Wash; RODRIGUES, Maria do Carmo A. S.; ROMANOVSKY, V.; RONDON, Frederico; ROQUES, Mário; ROSÁRIO, José Ubiratan; ROSTAND, Edmond; ROTH, Karl; ROUGERIE, Gabriel; ROULE, Louis; ROSA, Virgínio Santa; ROUMIÉ, Pedro; ROWBOTHAM, F. J.; RUCH, Gastão; RUFENACHT, J. G.; RUSSOMANO, Mozart Victor; RUTHERFORD, J. F.; RUTHERFORD, Ward; RYBAKOV, B.; SAMPAIO, Mário; SANGNIER, M.; SARMENTO, Paulo; SCHMIDT, Carlos Borges; SCHNEIDER, Wolf; SCHROEDER, Orlando Borges; SCHWEITZER, Albert; SCROSOPPI, Horácio; SÉCHÉ, Alphonse; SEÉ, Henri; SEIGNOBOS, Charles; SEMJONOW, J.; SENNA, Homero; SERAINE, Florival; SETUBAL, Paulo; SHAKESPEARE, William; SILVA, Antônio José da; SILVA, Cyro; SILVA, Fernando Correia da (org.); SILVA, Ribamar; SILVEIRA, Ítala Bezerra da; SIMÕES, Mário F.; SOBOUL, Albert; SOBRAL, Maria de Lourdes; SOURY, Jules; SOUSA, J. Galante de; SOUSTELLE, Jacques; SOUTO MAIOR, A.; SOUZA, Bettina Ferro de; SOUZA, Rômulo Augusto de; SPALDING, Walter; SPENGLER, Oswald; STAROBINSKI, Jean; STEFANSSON, Vilhjalmur; SUCUPIRA FILHO, Eduardo; TARSO, Paulo; TÁVORA, Franklin; TCHEKHOV, Anton; TEJO, Limeira; TELES, Gilberto Mendonça; THALMANN, Rita; THOMAS, Dana Lee; THOMAS, Henry; TOBIAS, Maisa Sales Gama; TRONCA, Ítalo; US. Government; VAINER, Nelson; VALE Oswaldo de Souza; VALENTE, Luiz Ismaelino; VANCE, Ethel; VARELA, Fagundes; VELÁZQUEZ, Diego; VERDIER, Roger; VERNANT, Jean-Pierre; VERNE, Julio; VICENTE, Gil; VIEIRA, Affonso Lopes; VIEUILLE, Chantal; VILAÇA, Marcos Vinícios; VILLAR, Emilio Huguet del; WALCH, G.; WEECH, W. N.; WEEKS, Raymond; WEIGERT, Hans W.; WELLS, H. G.; WEST, Morris; WILDE, Oscar; WILLEMS, Emílio; WIONCZEK, Miguel S.; WODDIS, Jack; WOJTYLA, Karol; WOLFF, Pierre; WOOD, Clement; WOOLDRIDGE, S. W.; ZAVALA, Silvio A.; ZOLA, Émile e ZURARA, Gomes Eanes de.

1

Fonte: Pesquisa de campo (2020).

Colocando uma lente de aumento em relação aos autores vinculados ao estudo e ao ensino da História, é possível observar que Anunciada Chaves lia tanto os autores clássicos quanto os historiadores de linhas mais modernas. Assim sendo, encontramos obras de Tonybee, Capistrano Abreu e Serafim Leite ao lado de autores mais hodiernos, tais como: Ferdinand Braudel, Marc Bloch Jacques Le Goff e Huizinga.

Em relação aos autores paraenses, esse mesmo *continuum* acontece, pois encontramos autores como: Theodoro Braga, Arthur Viana, Ernesto Cruz, Mário Barata e Augusto Meira Filho (conhecidos como os cronistas da cidade) ao lado de Geraldo Mártires Coelho e Ubiratan Rosário.

Quadro 1 – Autores lidos por Anunciada Chaves agrupados por correntes historiográficas

HISTÓRIA	CORRENTE TRADICIONAL	CORRENTE MODERNA
Universal	Tonybee, Charles De Gaulle, Joseph-François Michaud, Gastão Ruch, Richard Lewinsohn, Guillermo Oncken.	Marc Bloch, F. Braudel, Marcel Brion.
Nacional	Heitor Lyra, Max Guedes, Antônio José Borges Hermida, Álvaro Lins, José Honório Rodrigues, Euclides Figueiredo, Walter Spalding, Ernesto Ennes, Caio Prado Junior, A. Souto Maior, Rocha Pombo.	Hélio Silva, Maria Helena Capelato, Ciro Flamarion S. Cardoso,
Regional	Theodoro Braga, Arthur Viana, Ernesto Cruz, Mário Barata, Augusto Meira, Augusto Meira Filho, Silvio Meira, Arthur Reis, Carlos Rocque, Leandro Tocantins,	Geraldo Mártires Coelho, José Ubiratan Rosário

Fonte: Pesquisa de campo (2020).

- **TÍTULO**

Embora Annunciada não se posicionasse claramente como feminista em sua produção textual, ela possuía alguns clássicos do feminismo, dos quais podemos citar a obra de Nísia Floresta *Direito das mulheres e Injustiça dos homens*; e *Balanço Final*, de Simone Beauvoir. Outro aspecto que chama a atenção nesse acervo são os livros que abordam temática relativa ao pensamento de esquerda, tais como: *Reflexões sobre a revolução cubana*, de Paul Sweezy; *Introdução ao desenvolvimento social: breve estudo comparativo e crítico das perspectivas liberal e marxista e dos problemas da sociedade não repressiva*, escrito por Hélio Jaguaribe, *A concepção materialista da história*, escrito por Guiorgui Plekhânov; e *A revolução russa*, de Alan Moorehead. Todos foram adquiridos na época da ditadura pelo que pode ser verificado na datação que a professora escreveu nos livros. Infelizmente tive acesso a esses livros fora do seu *habitat*, pois se pudesse ter consultado a Biblioteca do modo como sua proprietária a deixou, a posição em que esses livros estariam poderia dizer muito sobre o modo como ela os consultava. Annunciada Chaves foi Sub-Reitora de Assuntos Estudantis na UFPA no período de 1970 a 1977, ou seja, bem no cerne da ditadura, mesmo para uma pessoa influente como ela era perigoso ter esse tipo de literatura naquele período.

- **EDITORA**

Quanto às editoras que figuraram com mais frequência na biblioteca de Annunciada Chaves, destacam-se: a Editora Abril Cultural (25 obras), seguida da paraense Falângola (17 obras), além das editoras institucionais, a exemplo do IBGE (15 obras) e da UFPA (16 obras), [...] Zahar<sup>149</sup> (12 obras).

---

<sup>149</sup> A respeito da editora Zahar, ver: AZEVEDO, Fabiano Cataldo. **Editar livros, sonho de livreiros: os Zahar e o livro no Brasil (1940-1970)**. 2018. 402 f. Orientadora: Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira. Coorientador: Thomás Augusto Santoro Haddad. (Tese Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Tabela 2 – Editoras mais presentes na biblioteca particular de Anunciada Chaves

EDITORES	F
Abril Cultural	25
Falângola	17
UFPA	16
IBGE; J. Olympio	15
Civilização Brasileira	14
Ed. Três; Zahar	12
Companhia Editora Nacional; Melhoramentos	10
Globo; IOE-PA	9
Cejup; Grafisa; Martins; MEC	8
Cultrix; São José; W. M. Jackson	7
Anchieta; Brasiliense; Cia das Letras; DIFEL; Fulgor; INL; Nova Fronteira	6
Ed. do Brasil; F. Alves; Gallimand; IDESP; Labor; MPEG; Progresso; e PUF	5
Ateneo; Bibliex; Calman-Levy; Europa-América; Hachette; e Parceria A. M. Pereira	4
Conquista; E. Flammarion; Fundo de Cultura; Garnier; Imprensa Nacional; O Autor; Record, SAI; UFC; e Ulisseia	3
Aillaud & Bertrand; Bertrand; Bibliothèque Charpentier; Bloch; CFC; Chardron; Científica; CNPQ; Colloquim verlag; Companhia Editora de Publicações Ilustradas; CRUB; Cultura; Delagrave; Ed. 70; Edaglit; Edameris; Ediouro; Editorial Nova; EDUSP; F. Briguiet; Grund; Guimarães; IBRASA; Inova; Inquérito; Lidador; Loyola; LTC; Massangana; Meio Dia; Mitograph; Montaner y Simón; Monteiro Lobato; Mundo Latino; Nova Aguilar; Paulo Azevedo; Paz e Terra; Plon; Pongetti; Portugal; Progress; Renes; Saraiva; SECULT; Senado Federal; Shogun; Unama; e Vozes	2
A Pelican Mentor Book; A. de Azevedo Costa; AAD; ACL; Albin Michel; America; Américalee; Ancienne; Apex; Argumentos; ARP; Arthème Fayard; Associação Comercial; Aster; Auriverde; Aurora; BASA; Bernard Grasset; Bertrand Brasil; Biblioteca Nacional; BNB; Boa leitura; Bosch; Bruno Buccini; Bureaux de La Science Sociale; Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações; Carioca; Cartago; Casa de Rui Barbosa; Casa do Estudante do Brasil; Casa do Livro; Cátedra; Centro de Pesquisa de Geografia do Brasil; Cervantes; Ch. Poussiègue; Chardron de Lello & Irmão; Charpentieret Fasquelle; Científica; Clássica; Clássico Científica; CNBB; Collins; Contraponto; Copa; Cosmos; Cupolo; Darton; Divisão de Publicações e Divulgação; Divulbrás Livros; EBRASA; Ed. Coimbra; Ed. da UFSC; Eldorado; Elysio; Emecé; Ernesto Chardron; Espasa-Calpe; ETFPa; ETAM; F. Bastos; Federação Espírita Brasileira; Ferreira; Fratelli Treves; FTD; Funarte; Fundação José Augusto; Fundação Joaquim Nabuco; G. P. Putnam's; Galeria de Arte; Gernasa; GLRP; Graal; Grão-Pará; Gredos; Grolier Society; Guanabara; Heinemann; Henriqueta Galeno; Herder; Ibero-Americana; IEL; IHGB; IHGP; Imã publicidade; Império; Imprensa Universitária do Ceará; Imprensa Universitária; Impulso; Instituto Agrônômico; International Bible Students Association; IOE-AM; Itatiaia; J. de Gigord; J. R. de Oliveira; Jacinto Ribeiro dos Santos; John Wiley and Sons; Kokusai Bunka Shinkokai; La Oveja Negra; La Renaissance Du Livre; La Table Ronde; Lacerda; Larousse; Lib. Joaquín Gil; Louis – Michaud; LTr; LUX; Macmillan; Maison A. Mame; MAM; Marco Zero; Martins Fontes; Max Roesner; Mercvre de France; Ministério da Agricultura; Museu Nacional de Belas Artes; Nelson; Neogravura; Nobel; Nova Cultura; Nova Dimensão; Nueva Vision; O Cruzeiro; Ollendorff; Omega; Palácio do livro; Pan-Americana; Panorama; Paul Hamlyn; Paulinas; Payot; PMB; Porto y Cia; Porto; Portugal-Brasil; Readers Library; Reper; Revan; Revista branca; Rex; Saga; Salesiana; Salvat; San Pablo; Santelmo; Schleicher Frères; Serviço de informação agrícola; Setor de Relações Públicas da FNBEM; Société O dé; Spanos; Stock; T. Fisher Unwin; T. Loureiro; TCE-PA; Tecnoprint; Tempo Brasileiro; The Hyperion; The World Publishing; Théâtrale; Tipografia José Bastos; Travessia; Typ. Da Livraria Escolar; UFPE; UNICEF; Vecchi; Vera Cruz; Victor Leru; Victor Talking Machine; Vila Rica; Vitória; W. Collins Sons; Well Gardner; William Blackwood; Xerox do Brasil; e Z. Valverde	1

Cabe uma menção especial à Falângola, por ter ficado em segundo lugar dentre as casas publicadoras dos livros da biblioteca analisada, superando até editoras de renome do eixo Rio-São Paulo. A professora Anunciada Chaves valorizava muito a cultura local e, assim como outros membros da cultura letrada paraense, considerava a editora Falângola uma empresa de muita qualidade e seu proprietário um benemérito das letras no Pará. A Falângola foi a casa



publicadora que dominou o mercado paraense entre os anos 1960 e 1970, de propriedade do empresário carioca Giorgio Falângola, que escolheu fixar raízes no Pará já em idade avançada e ajudou a publicizar vários trabalhos de escritores novatos e veteranos. Além de livros avulsos, a Falângola publicou sete edições da *Revista da Academia Paraense de Letras*, além das obras vencedoras do Concurso Anual de Folclore, promovido pela APL<sup>150</sup>.

Outra casa publicadora que merece destaque é a Clássica, que iniciou seus trabalhos em Belém do Pará como livraria, mas acabou ramificando seus negócios para a editoração, aproveitando os fastígios da economia da borracha, obtendo seu apogeu entre os anos de 1900 a 1910, e apesar de ter sofrido um grande colapso financeiro em 1916, ainda se manteve com boa reputação até os anos 1940. Em matéria publicada no jornal *A Província do Pará*, foi divulgado que:

[...]

A Livraria Clássica foi a editora dos grandes escritores paraenses nas décadas de 10, 20, 30, 40, 50 e 60. [...] Entre os famosos escritores cujas obras foram editadas pela Livraria Clássica, estão: Alfredo Ladislau, que escreveu *Terra Imatura*, em 1925; Misael Seixas, “*Estudos e Paisagens*”, 1926; Paul Le Cointe, francês que escreveu “*Árvores e plantas úteis da Amazônia*”; Othon Chateau; Orlando Moraes; Arthur Porto; Remigio Fernandes; Ernesto Cruz; padre Dubois; Augusto Pinheiro; Jorge Hurley; Aurelinda da Rocha Gama e outros [...].<sup>151</sup>

Seus trabalhos gráficos foram premiados com medalhas de prata e de bronze em uma exposição cultural em Paris, o que lhe garantiu reconhecimento e negociações internacionais por Portugal, França, Alemanha, Inglaterra e países do Oriente<sup>152</sup>.

## ● ANO DE PUBLICAÇÃO

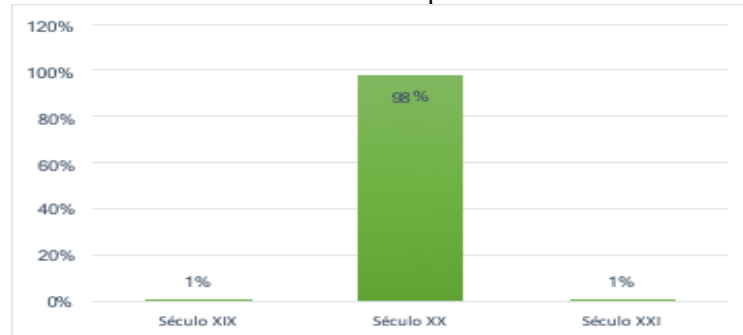
Em relação à idade do acervo, a diversidade também foi a tônica do acervo, haja vista que a professora Anunciada Chaves possuía livros do século XIX, do século XX e do século XXI. Vale ressaltar que apesar da proprietária da biblioteca ter sido uma nonagenária, ela também herdou livros de seus familiares, isto explica, sobremaneira, a existência de obras anteriores a seu nascimento, além disso ela também adquiria obras antigas em sebos e em livrarias nacionais e internacionais que frequentava ao logo de suas viagens.

<sup>150</sup> FRANCO FILHO, Georgenor. Giorgio Falângola: um mecenas das letras paraenses. *Revista da Academia Paraense de Letras*, Belém, v. 39, p. 126-129, 1997.

<sup>151</sup> CLÁSSICA, uma livraria de muito passado. *A Província do Pará*, Belém, p. 4, 17-18 de junho de 1973.

<sup>152</sup> *Ibid.*

Gráfico 2 – Idade do acervo da biblioteca particular de Anunciada Chaves.



Fonte: Pesquisa de campo (2020).

## ● TEMÁTICA

No que concerne aos assuntos, a pesquisa revelou que a temática predominante na biblioteca analisada diz respeito à: Literatura (791 obras), seguida por História (539 obras), Biografia (289 obras), Geografia (186 obras), Arte (122 obras), Educação (110 obras), Economia (102 obras), Religião (90 obras) e Cultura (70 obras). Ao passo que os menos que os assuntos de menos influência no acervo são: Ciências Naturais (8 obras), Arquitetura (6 obras), Serviço Social (4 obras) e Ciências Militares (3 obras).

Tabela 3 – Assuntos mais lidos por Anunciada Chaves.

Literatura	791
História	539
Biografia	289
Geografia	186
Arte	122
Educação	110
Economia	102
Religião	90
Cultura	70
Política	69
Filosofia	69
Sociologia	64
Direito	52
Linguagem	51
Administração	39
Antropologia	33
Ciências Exatas	27
Psicologia	23
Ciências da Terra	22
Ciências da Saúde	19
Ciências da Vida	17
Ciências Naturais	8
Arquitetura	6
Serviço Social	4
Ciência Militar	3
TOTAL	2.805

Fonte: Pesquisa de campo (2020).

Quando falamos de bibliotecas particulares, temos uma predisposição a pensar que a maior parte da coleção daquela pessoa versa sobre livros de sua área profissional, porém nem sempre as bibliotecas particulares são assim tão previsíveis. A biblioteca estudada nesta tese, por exemplo, contrariou bastante esse ideário, dado que a professora Annunciada Chaves era advogada por formação, contudo, a quantidade de livros de Direito é bem pequena no acervo existente.

No entanto, as bibliotecas particulares também são lugares de lazer e fruição, e isso talvez ajude a explicar a grande quantidade de obras de Literatura no acervo analisado. E percebe-se que a professora Annunciada Chaves tinha um gosto bem apurado em relação à Literatura, pois consumia livros de autores de várias nacionalidades, os preferidos eram: os Brasileiros (342 obras), seguido pelos Franceses (148 obras), e pelos portugueses (114 obras). Mas apesar de autores de outras nacionalidades figurarem em menor número na biblioteca, mas o que chama atenção é a diversidade de nacionalidade dos autores: uruguaia (2 obras), Africana (2), Peruana (1), Polonesa (1), Argentina (1), Australiana (1), Dinamarquesa (1), Guatemalteca (1), Bósnia (1), Libanesa (1), Sul-Africana (1), Tcheca (1), Neozelandesa (1), Nicaraguense (1) e Norueguesa (1). Autores de regiões que têm pouca tradição na literatura universal. Isto prova que a antiga proprietária da biblioteca analisada tinha um conhecimento literário profundo.

Em entrevista concedida à comunicadora social Daniela Damaso (1999), a professora Annunciada Chaves relatou que seus livros eram organizados de acordo com a nacionalidade dos seus autores, dizendo: “Há estantes específicas para escritores portugueses, ingleses, franceses e americanos”.<sup>153</sup> E destacou como importantes os seguintes livros de Literatura, constantes em sua biblioteca:

‘Obras completas de Charles Dickens’ e um exemplar raríssimo do escritor Júlio Diniz de “As Pupilas do Senhor Reitor”. Com ilustrações em aquarela, o livro foi publicado na segunda metade do século XIX. Da literatura portuguesa, a professora guarda com carinho toda a produção de Eça de Queiroz, seu autor predileto no além-mar.

Dos nacionais, ela destaca as obras completas de Fagundes Varela e Machado de Assis. O mestre carioca, por sinal, é seu irrepreensível “escritor de cabeceira”<sup>154</sup>.

Dos livros apontados como mais valiosos pela professora Annunciada, sobraram poucos exemplares. Das obras completas de Charles Dickens, só restaram dois títulos: *O Homem e o espectro: Romance*; e *Tale of two cities*. Quanto ao seu autor estrangeiro predileto – Eça de Queiroz, só foram encontrados quatro títulos, a saber: *Uma Campanha alegre*, *O Egypto: notas de viagem*, *O Primo Basílio: episódio doméstico*, e *A Tragédia da rua das flores*. Ao passo que

<sup>153</sup> DAMASO, *op. cit.*, p. 5.

<sup>154</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 7.

os exemplares do seu escritor nacional preferido – Machado de Assis, estavam bem mais preservados, foram encontradas, no MLM, onze obras: *Tu só, tu, puro amor...: comédia, Teatro* (1938), *Terpsícore, Crítica litteraria, Teatro* (1958), *Crônicas de Lélío, Contos recolhidos, Crítica teatral; e a coletânea da editora verbo Gigantes da Literatura Universal*, v. 26. Já, as *Obras completas de Fagundes Varela* em seus dois volumes constam no acervo do CMA.

Porém uma obra raríssima toda aquarelada *As Pupilas do Senhor Reitor*, de autoria do romancista português Júlio Diniz, felizmente foi recuperada pelo Memorial do Livro Moronguêta. Essa obra foi mencionada pela professora Annunciada Chaves como sendo rara<sup>155</sup> e de fato ela é.

A segunda temática mais consumida pela professora foi a História, verificou-se uma quantidade muito expressiva de livros de: História Universal (184 obras), de História do Brasil (163 obras). História do Pará (52 obras). Possui muitos livros de Teoria da História o que revela que a professora procurava estudar os fundamentos das ciências históricas.

Dentre as obras mais preciosas desta área, na opinião da professora Annunciada Chaves, figuram:

The History of the world, edição de 1908, com texto de vários historiadores ingleses, por Henry Smith Williams; a enciclopédia História Universal, com 46 volumes editada em 1934 por G. Olken<sup>156</sup>.

[...]

Os livros ‘A Guerra dos mascates de Vicente Ferrer (1915) e História dos Jesuítas no Brasil, do historiador Serafim Leite, são obras que, segundo ela, têm grande importância para estudantes, pesquisadores e historiadores interessados em se aprofundar nos assuntos<sup>157</sup>.

Compõem o acervo de História da professora Annunciada Chaves exemplares da Coleção Brasileira<sup>158</sup>. Dos 387 títulos que integram a Coleção Brasileira, a professora Annunciada possuía 20 livros, a saber: *Pernambuco e as capitanias do norte do Brasil: 1530-1630*, e *D. João VI: e o início da classe dirigente do Brasil*, de J. F. Prado; *O Amazonas: sua história: ensaio antropogeográfico e político*, de Anísio Jobim; *Quebra-quilos: lutas sociais no outono do império*, de Armando Souto Maior; *História do Brasil, v. 1: Formação, História do Brasil, v. 2: Organização; e História do Brasil, v. 3: República*, do baiano Pedro Calmon;

<sup>155</sup> DAMASO, *op. cit.*, p. 6-7.

<sup>156</sup> *Id.*, p. 5-6.

<sup>157</sup> *Id.*, p. 6.

<sup>158</sup> A Brasileira é um dos mais importantes repertórios de obras sobre o Brasil. Conforme Rubens Borba de Moraes, esta coleção arrola títulos que versam sobre o Brasil entre 1504, que é a “data do primeiro livro escrito sobre o Brasil, até 1900, e ainda aqueles escritos por brasileiros durante o período colonial” (Cf. MORAES, Rubens Borba. *O Bibliófilo aprendiz*. 3. ed. Brasília : Briquet de Lemos; Casa da Palavra, 1998, p. 182).

*Aureliano Cândido Tavares Bastos: 1839-1875*, de Carlos Pontes; *A Conquista do Brasil*, de Roy Nash; *Eça e o Brasil*, de Arnaldo Faro; *Os Dois bois*, de Jacques Lambert; *Ciclo do carro de bois no Brasil*, de Bernardino José de Souza; *O Rio São Francisco: fator precípua da existência do Brasil*, de Geraldo Rocha; *História da queda do império*, de Heitor Lyra; *Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa, o aleijadinho*, de Sylvio de Vasconcelos; *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás*, de Auguste Saint-Hilaire; *A Província: Estudo sobre a descentralização no Brasil*, de Tavares Bastos; *Singularidades da França Antártica: a que outros chamam de América*, de André Thevet; *Expansão geographica do Brasil colonial*, de Basílio de Magalhães e *Viagens no Brasil: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*, de George Gardner.

No Pará, quem possui a Coleção Brasileira quase completa foi o ex-reitor da UFPA, José Rodrigues da Silveira Netto, ele possuía as Brasileanas de luxo, as comuns e algumas em grande formato. Esses exemplares, além de demais itens de sua biblioteca pessoal (cerca de 9.000 volumes) estão disponíveis para consulta no pavimento superior da Biblioteca Central Prof. Dr. Clodoaldo Beckmann da Universidade Federal do Pará<sup>159</sup>. (da qual ele foi o fundador em 1962) e compõem uma das coleções particulares do acervo de Obras Raras e Especiais, visto que ele tinha o desejo que sua biblioteca particular servisse à comunidade universitária após a sua morte. Esse desejo foi atendido pelo reitor Alex Bolonha Fiúza de Mello, em 18 de dezembro de 2007. Em cerimônia honorífica aos 50 anos da UFPA e 45 anos de sua Biblioteca Central<sup>160</sup>.

Todavia, o bibliófilo que possuía a coleção de Brasileanas completa era o empresário paulista José Mindlin, sua coleção foi doada para a Universidade de São Paulo, onde foi construído um prédio somente para abrigá-la, e para garantir o acesso democratizado ao teor das Brasileanas, a USP mantém um projeto que digitalizou todos os exemplares das Brasileanas, que estão disponíveis via URL - <https://www.bbm.usp.br/pt-br/projetos-digitais-da-bbm/bbm-digital/>; projeto análogo também foi realizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, que permite acesso ao texto completo das Brasileanas pela URL - <http://brasilianadigital.com.br>.

A coleção perfaz um total de 387 volumes comuns, 26 em grande formato e 2 de série especial. Os livros têm autores nacionais e estrangeiros. A cobertura temporal envolve temas que falava sobre o Brasil no período do Descobrimento, passando pelo período Colonial e

<sup>159</sup> LUZ, Elias. UFPA recebe biblioteca de Silveira Netto. Acervo formado por cerca de 17 mil volumes ficará em espaço específico na Biblioteca Central. **Beira do Rio**, Belém, out. 2007.

<sup>160</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Sistema de Bibliotecas. Biblioteca Central Prof. Dr. Clodoaldo Beckmann. **Relatório de Atividades 2007**. Belém, 2008. P. 36.

chegando ao Império. A coleção foi produzida pela Companhia Editora Nacional, em 1931. A temática Brasileira é bastante ampla, “[...] abrange quatro séculos e contém livros nos mais diversos idiomas”<sup>161</sup>.

O sucesso obtido pelas Brasileanas foi tão grande que outras editoras se inspiraram em fazer coleções similares, assim: a José Olympio criou a sua *Documentos Brasileiros*, a Itatiaia lançou a sua *Reconquista do Brasil*, a Difel criou a *Corpo e Alma do Brasil*, a Civilização Brasileira lançou a *Retratos do Brasil* entre outras. A professora Annunciada Chaves possuía títulos de todas essas coleções<sup>162</sup>.

O historiador José Honório Rodrigues considera a Brasileira como uma coleção que é orgulho nacional e um estímulo superior, porém, ao mesmo tempo, este autor pondera também que, após os anos 1930, os estudos de temas brasileiros, sobretudo na perspectiva histórica, vêm diminuindo e ele atribui esse decréscimo principalmente a momentos políticos repressivos, entretanto, apesar dos sucessivos ataques que a temática História do Brasil vêm sofrendo, Rodrigues considera: “A História do Brasil uma parte importante da produção nacional de livros, porque ela, mais que nenhuma outra forma literária, desperta a consciência nacional, dá a todos o sentimento de identidade, forja as aspirações nacionais permanentes e atuais e ajuda a unificar a nação”<sup>163</sup>.

Por sinal, as duas principais temáticas a encabeçar a lista de assuntos mais frequentes dos livros do acervo da professora Annunciada Chaves são de certa forma complementares, como afirma João Batista Cardoso em sua obra *Um mapa da História sobre o mapa da ficção*, e assevera que:

[...] A realidade social é a fonte onde a literatura e a história buscam seu alimento mútuo e se condicionam. A objetivação da história se dá por meio da concretude da vida que analisa, conceitua e transporta para o texto historiográfico. A literatura, ao contrário, privilegia a subjetividade e o mito. O aspecto subjetivo da literatura evidencia-se no fato de ser ela o produto de um estranhamento entre o autor e a realidade<sup>164</sup>.

Outra temática muito frequente são as Biografias (289 obras), presume-se que este gênero literário era muito consumido pela professora Annunciada Chaves porque ela costumava

<sup>161</sup> Apesar de as Brasileanas serem mais associadas à História, outras ciências auxiliaram a compor a coleção, dado que sua abrangência se estende pelas principais áreas do saber, da História à Antropologia, Ciências Naturais, Ciência Política, Economia, Geografia, Linguística. Cf. MORAES, Rubens, *op. cit.*, p. 178.

<sup>162</sup> HALLEWELL, Laurence. Brasileira. In: HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo : Edusp, 2017, p. 420-424.

<sup>163</sup> RODRIGUES, José Honório. O Livro e a civilização brasileira. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, RJ, v. 65, n. 3, p. 21-24, abr. 1971.

<sup>164</sup> CARDOSO, João Batista. **Um Mapa da história sobre o mapa da ficção**. Goiânia: Ed. da UCG, 2009, p. 21.

escrever necrologios, discursos ou artigos biográficos para apresentar nas sessões do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), da Academia Paraense de Letras (APL) ou do Conselho Estadual de Cultura do Pará (CEC-PA). A leitura de biografias de personalidades célebres influenciou o estilo de ensino da história praticado pela professora Annunciada Chaves que era calcado na atuação desses grandes vultos.

O acervo consta de biografias individuais: de jornalistas (*Fran Paxeco no Brasil*, escrita por Eugênio Leitão; *Hipólito da Costa: ideias e ideais*, escrita por Terezinha de Castro), de advogados (*Sobre Rui Barbosa*, escrita por Rubem Nogueira; *Guillaumet ou a vida de Orlando Bitar* escrita por Simão Bitar); de políticos (*Lauro Sodré: na história da república*, escrita por Emanuel Sodré, *Barão do Rio Branco*, obra supervisionada por Afonso Arinos e Américo Lacombe; *Napoleão*, escrita por Roger Dufraisse); de músicos (*Encontro com Waldemar Henrique*, escrita por João Carlos Pereira; *Waldemar Henrique: Só deus sabe porque: seleta de textos e fotobiografia*, escrita por Sebastião Godinho; *Ravel*, escrita por Pierre Petit); de ensaístas (*Euclides da Cunha e o paraíso perdido: tentativa de interpretação de uma presença singular na Amazônia e a conseqüente evolução de um pensamento sobre a paisagem étnico-cultural, histórica e social brasileira, alargando-se nos horizontes da história transcontinental*, escrita por Leandro Tocantins), de educadores (*Paulino de Brito: obra comemorativa do cinquentenário da morte do eminente poeta e prosador, acontecimento celebrado em Belém, a 16 de setembro de 1969, obra produzida pelo Governo do Estado do Pará; e Francisca Menezes: educadora e intelectual: homenagem póstuma de seus filhos*); de cientistas (*Arquimedes*, coletânea organizada por Ignácio de Loyola e Armando Gonçalves; *A Vida de Pasteur*, escrita por René Vallery Radot; *Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista da Amazônia no século XVIII*, escrita por Napoleão Figueiredo; *Do vôo dos pássaros à dirigibilidade da navegação aérea: vida e obra do sábio paraense Júlio César Ribeiro de Souza*, escrita por Fernando Medina do Amaral; *Lamarck: et l'interprétation de la nature*, escrita por Louis Roule); de escritores (*André Malraux*, escrita por Lourenço Dantas Mota; *Fernando Pessoa: vida, personalidade e gênio* escrita por Antonio Quadros; *Rosamond Lehmann* escrita por Selina Hasting; *Manuel Bandeira: 100 anos de poesia: síntese da vida e obra do poeta maior do modernismo* escrita por Francisco de Assis Barbosa; *Machado de Assis*, escrita por Elói Pontes; *A Vida de Lima Barreto: 1881-1922* escrita por Francisco de Assis Barbosa; *La Vie amoureuse d' Alfred de Musset*, escrita por Maurice Donnay; *Diderot* escrita por Alphonse Séché e Jules Bertaut; *Para conhecer melhor José de Alencar*, escrita por Josué Montello), de artistas plásticos (o pintor *Paul Cezanne: 1839-1906*, escrita por Theodore Rosseau Júnior, o escultor *A Vida de Miguel Ângelo*, escrita por Romain Rolland, do pintor *Hommage a Georges Rouault*,

escrita pela Société Internationale d'Art XXe siècle), de folcloristas (*Viagem ao universo de Câmara Cascudo: tentativa de ensaio biobibliográfico*, escrita por Américo de Oliveira da Costa); de militares (*Vida do grande cidadão brasileiro Luís Alves de Lima e Silva*: transcrição da introdução, escrita por Monsenhor Pinto de Campos; e *Osório: síntese de seu perfil histórico*, escrita por João Batista Magalhães) e de historiadores (*Professor Toynbee's philosophy of history*, escrita por Y. Kosminski), de membros dos Institutos Históricos e Geográficos de várias partes do Brasil (*Ao redor de Juvenal Galeno*<sup>165</sup>, escrita por Wilson Bóia; *Moisés Santana*, escrita por Humberto Crispim Borges<sup>166</sup>); de reis ou de membros da nobreza (*O Infante D. Henrique*, escrita por J. Estevão Pinto; *Mémoires intimes: sur lavie privée de Louis XIV et la cour*, escrita por Saint-Simon).

É comum encontrar também biografias coletivas: *Vida de homens ilustres*, escrita por Plutarco; *Vida de grandes compositores*, escrita por Dana e Lee Thomas; *Quem é quem no Pará*, organizada por Gualter Loiola de Alencar; *Perfis biográficos*, escrita por Camilo Castelo Branco; *A Família Chermont: memória histórica e genealógica*, escrita por Victorino Coutinho Chermont de Miranda; *Patronos e acadêmicos: Academia Norte-Riograndense de Letras: antologia e biografia*, escrita por Veríssimo Melo; *Ajebianas de Sul à Norte*: edição comemorativa do 18º aniversário de fundação da AJEB 1970-1988<sup>167</sup>, escrita por Maria de Lourdes Sulzbach Cé; ainda sobre a AJEB tem o título *Ajebianas no vôo da palavra*, escrita pela própria AJEB (esta edição de 1993 foi editada pela Imprensa Oficial do Estado do Pará, pois era comum que cada estado brasileiro que possuísse membros na AJEB bancasse, pelo menos uma vez, a publicação da coletânea)<sup>168</sup>; *Antologia de poetas paraenses*, escrita por João Rebelo Gadelha; *Escritores brasileiros*, escrita por Adalberto Batista Moura *et al.*

As autobiografias também estavam presentes no acervo de Annuciada Chaves, tais como: *Ideias e opiniões* de Fernando Guilhon, *De um observador militar: a 2ª guerra mundial vista de dentro de uma prisão do Estado Novo*, escrita por Euclides Figueiredo; *The Memoirs of Paul Kruger: four times president of the South African Republic*; escrita por Paul Kruger; *Notas de um viajante apressado*, escrita pelo advogado Moazart Victor Russomano, em que Russomano escreve crônicas sobre as cidades de: Florença, Nápoles, Assis, Grotta Azzurra (na ilha de Capri) e Madrid; *Femmes illustres: de l'antiquité*, escrita por Ernst Kornemann; *O*

<sup>165</sup> Foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará.

<sup>166</sup> Tanto o biografado quanto o biógrafo foram membros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

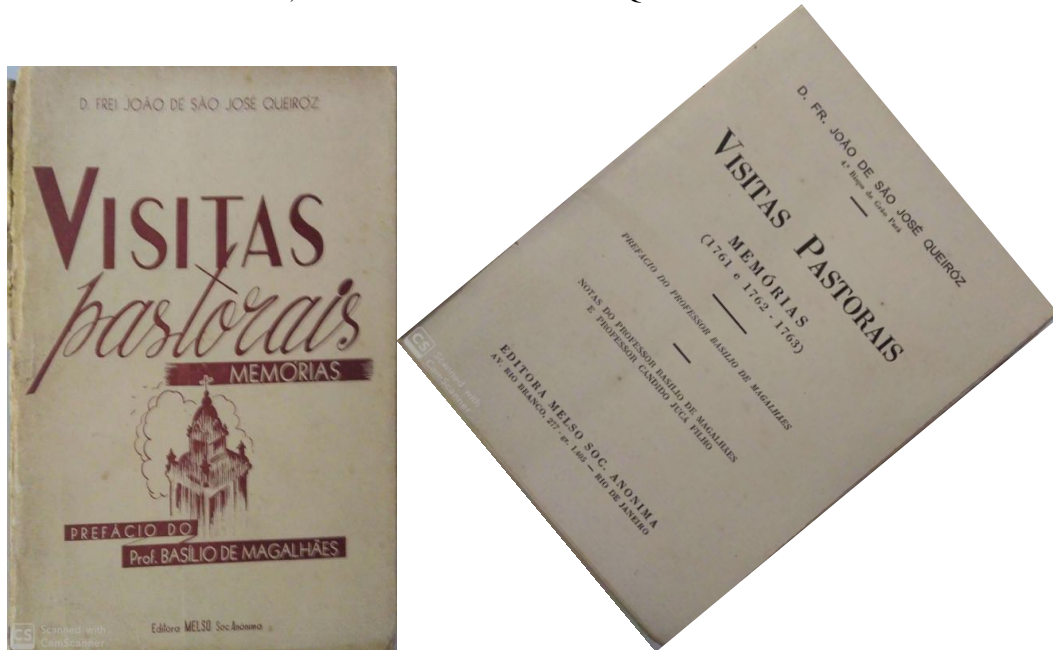
<sup>167</sup> Embora não se considerasse uma escritora, Annuciada Chaves era membro da Associação das Jornalistas e Escritoras Brasileiras (AJEB).

<sup>168</sup> ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORAS DO BRASIL. *Ajebianas no vôo da palavra*. Belém: IOE-PA, 1993, p. 6.



*Mundo que eu vi: minhas memórias*, escrita por Stephen Zweig; e *Visitas pastorais: memórias*, escrita pelo franciscano Frei João de São José de Queiroz.

Foto 10 - *Visitas Pastorais*, de D. Fr. João de São José de Queiroz



Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

As obras que versavam sobre Geografia também perfizeram uma quantidade expressiva na biblioteca estudada (186 obras), infere-se que essa temática figure no acervo devido ao fato da professora também ter lecionado Geografia no Colégio Moderno (1934-1952), no Colégio Gentil Bittencourt (1937-1941) e no Colégio Santa Rosa (1939-1943).<sup>169</sup>

A Arte é uma temática muito marcante no acervo analisado, são 122 obras, distribuídas da seguinte maneira: Teoria da Arte (54 obras), Pintura (24 obras), Música (20 obras), Teatro (12 obras), Dança (4 obras), Cinema (3 obras), Moda (2 obras), Escultura (1 obra), Fotografia (1 obra), Mobiliário (1 obra). Esse era um aspecto bem distintivo da professora, posto que muitos reconheciam os seus conhecimentos artísticos.

A professora Anunciada Chaves era uma profunda conhecedora de arte, inclusive ela integrou a comissão julgadora do I Salão de Pintura da Sociedade Artística Nacional (SAI), juntamente com o professor Francisco Paulo Mendes, e com os doutores Raimundo Souza de Moura e Mauricio Coelho de Souza. O Salão ocorreu no período de 15 de novembro a 15 de dezembro de 1951. Os trabalhos julgados compreendiam a pintura em suas mais variadas formas, inclusive desenho e pintura decorativa<sup>170</sup>.

<sup>169</sup> REGO, 2002, *op. cit.*, p. 148.

<sup>170</sup> EM ORGANIZAÇÃO o 1 Salão de Pintura da S.A.I. **O Liberal**, Belém, n. 799, p. 3, 10 de outubro de 1951.

Livros sobre Teatro também foram encontrados com certa frequência (12 no total), e isso fica patente porque a professora Annunciada Chaves colecionava programas de peças teatrais (foram encontrados 39 programas) e chegou a prestar assessoria para a Peça *Vila Rica*, encenada pela Companhia de Teatro Universitário da Universidade do Pará (ver mais detalhes no capítulo 3), foram encontrados também *tickets* de espetáculos que ela assistiu marcando páginas de seus livros.

Observou-se uma presença significativa de livros (25 títulos) na área de Educação, principalmente de Pedagogia e de Didática. Alguns títulos que constam no acervo demonstram que a professora Annunciada Chaves tinha preocupação com atualização profissional na área da educação, visto que os livros discutiam questões inovadoras para a época, tais como: o escolanovismo, escolas sem muros.

A didática da professora Annunciada Chaves era muito reconhecida, o escritor Meirivaldo Paiva, em entrevista ao Jornal *O Liberal*, afirmou:

[...] frequentei as aulas dela como ouvinte, já que cursava Letras na década de 60. Foi uma opção por causa do tipo de aula de História, expositiva. Ela tinha um conhecimento muito amplo. Prendia qualquer aluno, porque conseguia sensibilizar esses alunos para uma visão crítica<sup>171</sup>.

Bem emblemático também é o fato de integrarem o acervo duas obras que tratam da disciplina Educação Moral e Cívica, que foi inserida no currículo das escolas brasileiras por meio do Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969, cuja ementa enuncia: “Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências”<sup>172</sup>. Essa disciplina foi criada com o objetivo de inculcar valores morais e patrióticos nas crianças e adolescentes.

Existem alguns títulos ligados ao ensino superior, muito provavelmente devido à época em que a professora Annunciada Chaves foi sub-reitora de assuntos estudantis, e também foi professora na Faculdade de História, sendo estes os seguintes títulos: *Resoluções 1976 do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA*; e *Concurso vestibular: manual do candidato*.

Nesse grupo de livros, é possível encontrar também obras de grandes pensadores brasileiros. Mas ela tinha livros sobre a educação em outros países, tais como: da Inglaterra (A

---

<sup>171</sup> ANNUNCIADA Chaves morre aos 90 anos. *O Liberal*, Belém, p. 9, Quinta-feira, 17 de agosto de 2006. Caderno Atualidades.

<sup>172</sup> BRASIL. Decreto e leis. Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969. *Diário Oficial [da União da República Federativa do Brasil]*, Brasília, 15 de setembro de 1969. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-869-12-setembro-1969-375468-norma-pe.html>. Acesso em: 20.08.2019.

*Educação na Inglaterra* de Lindsay Kenneth) e do Japão (*Japanese education: its past and presente*, escrita por Tokiomi Kaigo).

Uma obra que chama atenção nesse acervo se intitula: *O Be a bá do MEC-USAID*, escrita por Márcio Moreira Alves. O MEC-USAID representou um conjunto de convênios firmados entre o Ministério da Educação (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID) a partir de 1964. Tais convênios visavam grandes reformas no ensino brasileiro por meio da implantação de padrões norte-americanos nas nossas instituições de ensino superior. Esse convênio foi responsável pelo fornecimento de muitos livros para compor os acervos das universidades, que estavam ficando empobrecidos devido à supressão de obras que foram confiscadas pelo Departamento de Ordem e Política Social (DOPS).

E nessa mesma esteira, podemos encontrar ainda livros tidos como subversivos, tais como: *Lei é lei e está acabado*, de autoria do escritor e dramaturgo Nazareno Tourinho; e o *Tarefa*, escrito pelo poeta João de Jesus Paes Loureiro.

A obra *Lei é lei e está acabado* é uma peça dramática, ambientada em uma rua movimentada de Belém do Pará, que retrata a madrugada boêmia belenense, representada por quatro personagens: um mendigo, uma prostituta, um policial e um *playboy*, que justamente expunha toda a arbitrariedade e o abuso de poder sob os quais a sociedade brasileira ficou submetida após a deflagração do golpe civil militar. Curiosamente, esta peça foi liberada em 1968 e prontamente encenada em Belém; devido a peça ter sido liberada, Nazareno decidiu transformá-la em livro em 1971, contudo o texto teve que ser submetido ao crivo da Polícia Federal, e o veredito foi sua proibição tanto da encenação quanto da comercialização do livro, cujos exemplares deveriam ser confiscados. A exibição da obra só foi autorizada em 1984, já próximo à reabertura democrática<sup>173</sup>.

Já a obra poética *Tarefa* nada tinha de teor subversivo, é tão somente uma obra lírica, porém a problemática ocorreu em relação ao dia de lançamento, desafortunadamente dia 02 de abril de 1964, um dia depois da oficialização do golpe civil militar no Brasil. A noite de autógrafos estava ocorrendo no Auditório da antiga Faculdade de Odontologia da UFPA, situado próximo à Praça Batista Campos, durante o II Seminário Latino-Americano de Reforma Universitária. O livro nada tinha de ofensivo à nova ordem imposta e a atividade muito menos, era apenas mais um lançamento de livro. Na verdade, o que os opositores à democracia queriam era tumultuar os ritos da academia, desde os mais simples aos mais elaborados. O auditório foi invadido, os livros confiscados, houve uma grande confusão, alguns inocentes foram presos. O

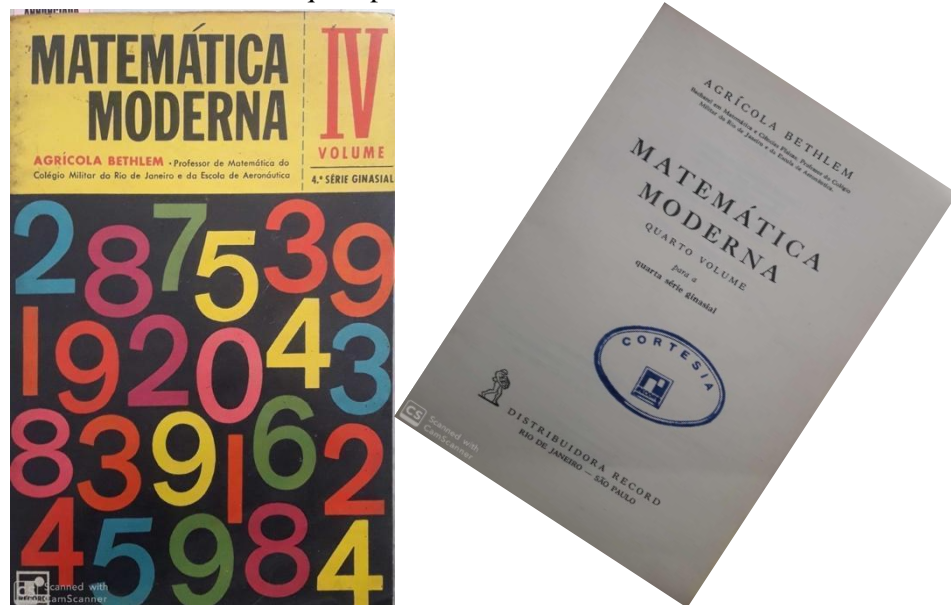
---

<sup>173</sup> TOURINHO, Nazareno. **Lei é lei e está acabado!**. Belém: [Grafisa], 1984. *passim*.

lançamento foi totalmente prejudicado, pois todos os exemplares foram levados. A obra só não desapareceu por completo porque algumas autoridades tinham recebido exemplares com antecedência, e acabaram não indo ao lançamento e salvaguardando a obra, muito provavelmente Anunciada Chaves tenha sido uma dessas pessoas. Inclusive a obra foi reeditada vinte e cinco anos depois do episódio fatídico, graças a um dos exemplares salvos<sup>174</sup>.

A grande presença dos livros didáticos no acervo pode ser justificada, em parte, devido ao fato de Anunciada Chaves ter sido diretora de colégio e professora. Contudo, é bem provável, que ela os usasse como leituras complementares, uma vez que ela manteve tanto os livros didáticos que ela estudou quando criança quanto os livros que ela usava para produzir suas aulas. Nesse sentido, os livros didáticos passam a desempenhar papel similar aos desempenhados pelos dicionários e pelas enciclopédias, aquilo que se costuma chamar de “reserva de saberes”, aos quais a professora Anunciada Chaves recorria quando precisava.

Foto 11 - Livro didático que a professora Anunciada recebeu como cortesia.



Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

A Economia também foi um tema bastante recorrente na biblioteca da professora Anunciada Chaves, pois apresentava 102 obras, assim distribuídas: Economia (Geral 93, Portos 2, Rodovia 1, Trabalho 1, Trânsito 1, Transporte 1, Comércio 1); infere-se que essa quantidade considerável de livros nessa temática se deva principalmente ao período em que a professora Anunciada Chaves escreveu a sua tese para se candidatar à cadeira de ensino de História do Brasil no Colégio Paes de Carvalho, a tese versava sobre a importância do açúcar

<sup>174</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Tarefa:** poemas. [2. ed.]. Belém: Falângola, 1989. 64 p. Apresentação, p. 3-6.

para a história do Brasil. Além do que a Economia é uma importante ciência que dialoga muito com a História.

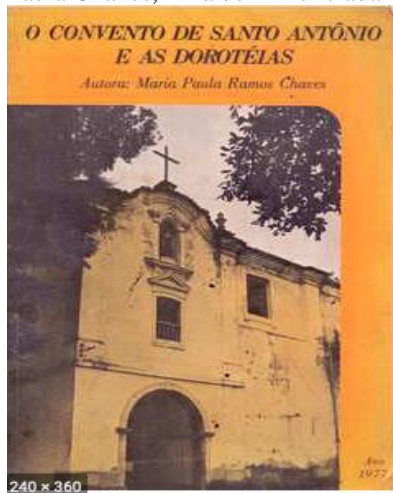
É significativa também, na biblioteca analisada, a presença de livros religiosos, pois foram encontrados 90 títulos. Considerando que a professora Anunciada Chaves teve sua formação marcada por forte influência católica, esse número não é surpreendente. Na infância, estudou no Colégio Gentil Bittencourt, dirigido pelas freiras da Irmandade de Santana.

Dentre os títulos religiosos figuram: Agendas eclesiásticas; Cartas encíclicas; História de Igrejas e de espaços religiosos católicos (*A Igreja da Sé*, escrita pelo Monsenhor Américo Leal; *Igrejas de Belém*: edição comemorativa do VI Congresso Eucarístico Nacional, escrito por Ernesto Cruz; e *Igreja da Ordem 3ª da Penitência do Rio de Janeiro*, escrito por Mário Barata; *Padre Afonso e a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré* escrito por Padre Colombo e *O Convento de Santo Antônio e as Dorotéias*, escrito por Maria Paula Chaves, irmã de Anunciada Chaves); Biografias: de padres (*Padre Chico: Mons. Francisco de Paula Rodrigues*, escrito por Antônio de Arruda Dantas; e *Paulo Evaristo Arns: cardeal da esperança e pastor da Igreja de São Paulo*, coordenado por Helcion Ribeiro; *Para conhecer o padre Antônio Vieira*, escrito por Ivan Lins); de papas (*Pio XII: e os grandes problemas do homem*, escrito por Antônio de Azevedo Pires; *João Paulo II: vida, obra, viagens* escrito por J. Alves; *Leão XIII* escrito por Constanzo Maraldi; *O Homem que deu o sorriso ao mundo* escrito, por Sérgio Lorit<sup>175</sup>); de santos (*Fátima: à luz da autoridade eclesiástica*, escrito por Luís Fischer; *Jovem corajosa: vida de Santa Catarina de Alexandria*, escrita por Cecília Petry e Berenice Ziviani e *Vida e fé de Santa Paula Frassinetti: fundadora da congregação das irmãs Dorotéias* escrita pela autora paraense Justina Bastos C. de Oliveira); bem como escritos de autores religiosos, tais como: (*No estuário amazônico À margem da visita pastoral e Solilóquios infantis ao pé do tabernáculo*, escrito por D. Antônio de Almeida Lustosa; *Renascer pela água e pelo espírito* escrito pelo Cônego Ápio Campos; o *Guia turístico do Círio de Nazaré*, escrito pelo D. Alberto Gaudêncio Ramos, que foi arcebispo de Belém, no período 1957-1990 ), além de uma coletânea dos *Sermões* do Padre Antônio Vieira e clássicos do catolicismo, como: *Sermons choisis* de Jacques Busset.

---

<sup>175</sup> Essa obra relata a vida do Papa João XXIII.

Foto 12 - Livro histórico religioso, escrito por Maria Paula Chaves, irmã de Annunciada



Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019)

Foto 13 - Livro de cunho turístico e religioso, escrito pelo Arcebispo Antônio Gaudêncio Ramos



Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019)

Entretanto, também figuram em seu acervo obras relacionadas a outras religiões, tais como: a Umbanda (*Umbanda e integração social: uma investigação sociológica na Amazônia*, escrito por Pasquale Di Paolo; *Litolatria* escrita por José de Moraes Rego), e o Espiritismo (*O Evangelho: segundo o Espiritismo: a explicação das máximas do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida*, escrito por Allan Kardec; *O Profeta*, escrito por Khalil Gibran; *Do paiz da luz: comunicações medianímicas*, escrito por Fernando Lacerda; *Espiritismo: ciência, religião, sonho ou ficção?*, escrito por Adriana Bessa Ferreira e *O Problema do ser, do destino e da dor: os testemunhos, os fatos, as leis*, escrito por Leon Denis).

Foto 14 - Obras de temática não católica que constam na Biblioteca Particular de Annunciada Chaves.



Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

Embora Anunciada Chaves fosse graduada em Direito, no seu acervo foram encontrados somente 52 títulos na área jurídica, assim distribuídos: Fontes do Direito (9 obras), Civil (8 obras), Comercial (7 obras), Penal (7 obras), Constitucional (4 obras), Família (3 obras), Processual (3 obras), do Trabalho (3 obras), Internacional (2 obras), Administrativo (2 obras), Romano (1 obras), Agrário (1 obra), Previdência (1 obra) e Marítimo (1 obra).

Depois de formada, Anunciada Chaves exerceu a Advocacia por quatro anos, porém a preteriu em favor do Magistério, como, em entrevista concedida a Daniela Damaso, afirmou:

Trabalhei com Advocacia fazendo inventários para o tabelião Edgard Chermont. Mas logo percebi que não era essa a minha vocação e resolvi me desligar.

[...]

“Não era comum as mulheres se interessarem pela profissão. A regra era – as que conseguiam – lecionavam ou atuavam em instituições públicas. Os colegas tinham um certo preconceito intelectual com as advogadas. Era uma avaliação cultural e não profissional. Eu tinha consciência que poderia me destacar na advocacia se me dedicasse. Só que eu amava o magistério<sup>176</sup>.”

Outro tema bastante recorrente no acervo da professora Anunciada Chaves reside no tópico Cultura, assim mapeado: Cultura (Folclore 24 obras, Biblioteconomia 16 obras, Geral 11 obras, Turismo 5 obras, culinária 3 obras, Arquivologia 2 obras, Jornalismo 2 obras, Museologia 2 obras, Alimentação 1 obra, Lazer 1 obra, Jogo 1 obra, Enologia 1 obra, Artesanato 1 obra). Pressupõe-se que essa temática é significativa no acervo, devido ela ter sido presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará por 14 anos consecutivos. Além do que, esse era um aspecto muito característico seu. Bem traduzido na fala de Pedro Roumié, ao dizer:

Como bem se pode constatar, Maria Anunciada Ramos Chaves é merecedora dos maiores encômios, pois como historiadora, educadora e conferencista, intelectual de renome (estadual, regional, nacional e internacional) por onde anda ou andou – e mesmo onde nunca pisou – seu nome é reconhecido pelo abalizado saber que muito simpaticamente sabe transmitir. É uma *cientista* que ultrapassa os muros da ciência histórica; é mulher *erudita* que enfeixa um saber enciclopédico recolhido pela tenacidade do estudo, que incansavelmente faz das diversas áreas do saber humano; é uma *professora* que não se contenta apenas em acumular, mas, sobretudo, em transmitir e repartir os conhecimentos adquiridos; é a intelectual que utiliza a inteligência para desvendar os mistérios escondidos em estórias que deturpam e desvalorizam o poder da história; é *pessoa compromissada*, isto é, participe dos acontecimentos, e procurando alicerçar-se na justiça, clama em favor dos desvalidos, dos excluídos e dos empobrecidos em todos os sentidos e todos os valores que contam e valem; é um *espírito crítico* que de modo destemido utiliza a História, a Cultura, a Arte literária e seu carisma natural para analisar tudo o que aconteceu ou acontece em seu redor e em sua época: é a *filósofa* cujo espírito se encontra permanentemente fascinado com a “Verdade Suprema e o Supremo Bem”<sup>177</sup>.

<sup>176</sup> DAMASO, *op. cit.*, p. 8.

<sup>177</sup> ROUMIÉ, Pedro. Anunciada Chaves e as entidades culturais. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 14, n. 1, p. 54, jan. 2003.

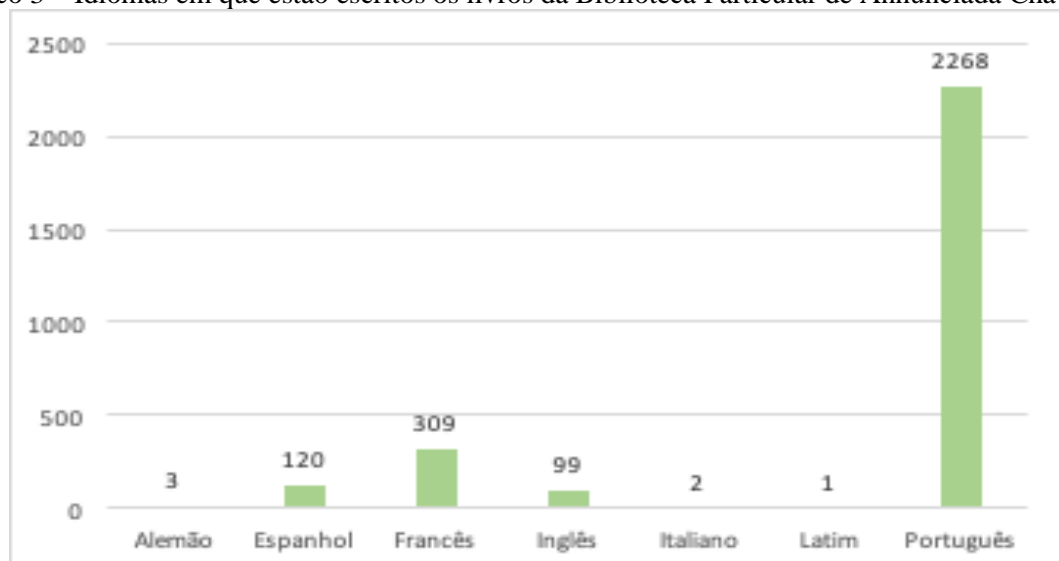
Existem também alguns títulos com assuntos totalmente fora das áreas que a professora Annunciada Chaves trabalhava, são livros que versam sobre: Física, Medicina, Astronomia, tais como: *Introdução à mecânica dos meios contínuos*, escrito por José Maria Bassalo, deduz-se que tal obra, em particular, compunha o acervo estudado devido pertencer à *Série Memórias*, a qual reeditou a tese da professora Annunciada Chaves e de outros intelectuais.

Outro título que chama atenção no acervo é o *Manual de Propedêutica médica*: programa teórico, escrito pela cardiologista Bettina Ferro de Souza. Com uma temática muito específica para a biblioteca de uma intelectual ligada às humanidades, deduz-se que essa obra integra a biblioteca analisada, devido ao fato de a autora do *Manual* ser irmã de Maria Amélia Ferro de Souza, uma grande amiga e colega de trabalho da professora. Era comum pessoas do meio cultural da professora Annunciada Chaves prestigiarem o lançamento de livros de outros intelectuais do seu convívio social, apesar de não serem da mesma categoria profissional.

- **IDIOMA**

Quanto ao idioma, a biografada revelou ter uma vasta cultura linguística, uma vez que ela possuía livros nos seguintes idiomas: *português* (2268 obras), seguido por livros em *francês* (309 obras); além de *inglês* (99 obras) e *espanhol* (120 obras) cada. Embora em menor frequência livros em: *alemão* (3 obras), *italiano* (2 obras) e *latim* (1 obra) são verificados.

Gráfico 3 – Idiomas em que estão escritos os livros da Biblioteca Particular de Annunciada Chaves.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).



De acordo com Tayassu<sup>178</sup>, a francofilia era comum no Brasil, principalmente no início do século XX, e considera que:

[...] permite rever uma Europa no corpo do Brasil. Um retrato oriundo do modelo estrangeiro, nomeadamente, o francês, o importado ou readaptado, através da moda, da mentalidade, da literatura, da transversalidade de uma cultura à outra e, assim, o imaginário de fora para dentro de um país... da elite para a classe média.

A vida e costumes franceses foram mimetizados por brasileiros de classes abastadas em todo o país, como assevera Fernando Paixão<sup>179</sup>: “o Brasil vive na virada do século XX um momento de idolatria de Paris, considerada a capital da modernidade”.

Conforme a historiadora Maria de Nazaré Sarges<sup>180</sup>, mesmo depois do colapso da economia gomífera, a cultura francesa continuou influenciando os rumos de Belém do Pará, principalmente os meios intelectuais. De acordo com Jeffrey Needle, na obra *Belle Époque tropical*<sup>181</sup>, a influência francesa deixou marcas indeléveis no Rio de Janeiro, na moda, na educação, na arquitetura, nas artes decorativas e principalmente na literatura, inclusive autores ingleses e alemães eram traduzidos para o francês por membros das elites intelectuais, e situação parecida foi vivida em Belém do Pará. Por exemplo, na própria fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, em 1838, ele foi inspirado nos moldes do Institut Historique de Paris<sup>182</sup>, e muito provavelmente a criação do Instituto Histórico e Geográfico do Pará recebeu a ressonância da douta instituição fundada 62 anos antes na então capital federal.

Esse processo de ligação cultural com a nação francesa está presente a partir da criação do IHGB, em 1838, quando um dos membros – Januário da Cunha Barbosa – enfatizava ao Institut Historique de Paris a influência que a instituição parisiense poderia exercer sobre a brasileira.

## ● DATA DE AQUISIÇÃO

Conforme Antônio Candido: “[...] os períodos de entrada de livros no acervo contariam como marcos que caracterizam as mudanças, a maturidade e as novas exigências do leitor”<sup>183</sup>.

<sup>178</sup> TAYASSU, Catitu. Prefácio. In: PINHEIRO, Alexandra Santos. **Leitoras e interlocutoras da literatura oitocentista: literatura e gênero: através do Jornal das Famílias (1863-1878)**. Porto Alegre : Renascença; Edigal, 2010, p. 17.

<sup>179</sup> PAIXÃO, Fernando (coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo : Ática, 1995, p. 12.

<sup>180</sup> SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010. 230 p. (Coleção Açai).

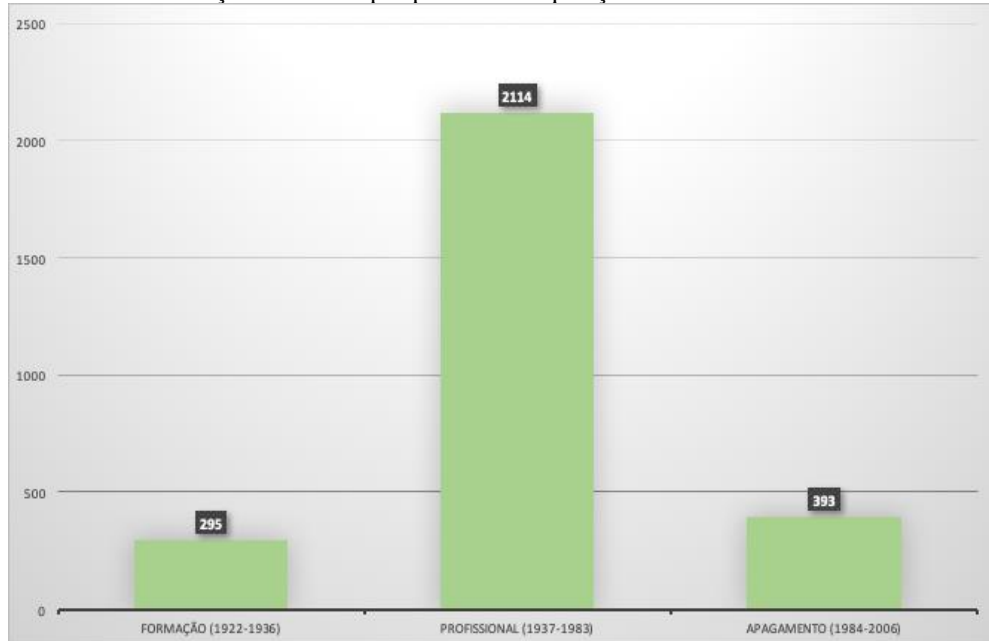
<sup>181</sup> NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

<sup>182</sup> SARGES, 2010, *op. cit.*

<sup>183</sup> CANDIDO, *op cit.*, p. 74.

Desta feita, no que se refere à data de aquisição, para facilitar a visualização, os livros foram agrupados por marcos ou datas-limite que sublinham períodos da vida de Annuciada Chaves, assim, delimitou-se o período que vai de: 1922-1936<sup>184</sup>, que corresponde à formação estudantil; de 1937-1983, concernente à fase de vida profissional; e de 1984-2006<sup>185</sup>, à fase de apagamento intelectual.

Gráfico 4 – Distribuição dos livros por período de aquisição



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

Conforme pode ser visto no gráfico 4, o período que compreende a vida profissional da professora Annuciada Chaves representa o recorte temporal em que ela mais adquiriu livros, pois, nesta época, ela viajava muito como presidente do CEC-PA, ela lecionava em importantes colégios de Belém do Pará, ela proferia palestras, montava as suas aulas etc.

### ● AS FORMAS DE AQUISIÇÃO

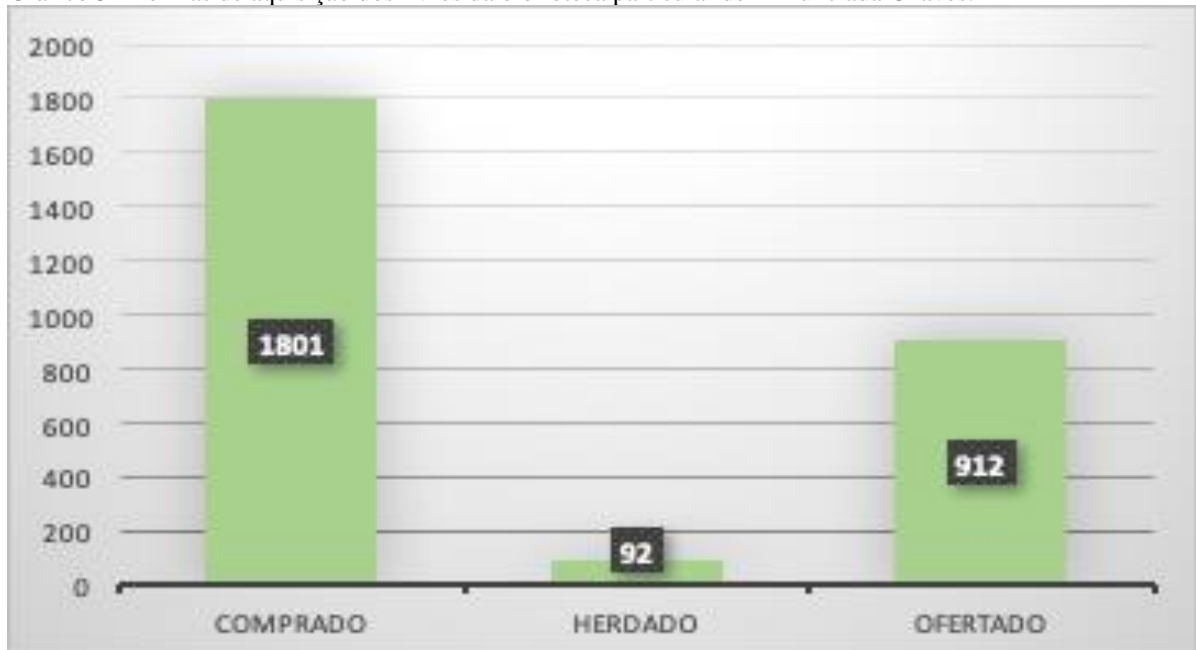
A biblioteca particular da professora Annuciada Chaves foi composta por meio de inúmeras formas de aquisição: boa parte das obras (64%) foram por ela compradas, cerca de 3% das obras foram herdadas de parentes, e 33% foram a ela dedicadas ou autografadas como forma de agradecimento por ela ter viabilizado a edição da obra, ou ofertadas por familiares, amigos ou alunos. Essa característica por sinal é muito recorrente para intelectuais como a

<sup>184</sup> Data de conclusão do Curso de Direito pela Faculdade Livre de Direito do Pará. A esse respeito ver BORBOREMA; SOUZA, *op. cit.*

<sup>185</sup> ANO em que Annuciada faleceu. Missa-enterro-convite. **O Liberal**, Belém, 17 de agosto de 2006.

professora Annuciada Chaves, ratificando aquilo que segundo Manke<sup>186</sup>: “reforça a representação desses enquanto leitores assíduos entre as pessoas com quem convivem, por serem ‘merecedores’ de tal presente”.

Gráfico 5 - Formas de aquisição dos livros da biblioteca particular de Annuciada Chaves.



Fonte: Pesquisa de Campo (2019).

A professora Annuciada Chaves e seus amigos pertenciam a um grupo ao qual Tânia Bessone<sup>187</sup> denominou de “círculo de leitores”, pessoas admiradoras da palavra escrita, acostumados a adquirir grandes quantidades de obras, emprestar livros entre si, participar de atividades culturais, se reunir para discutir sobre os livros lidos etc.

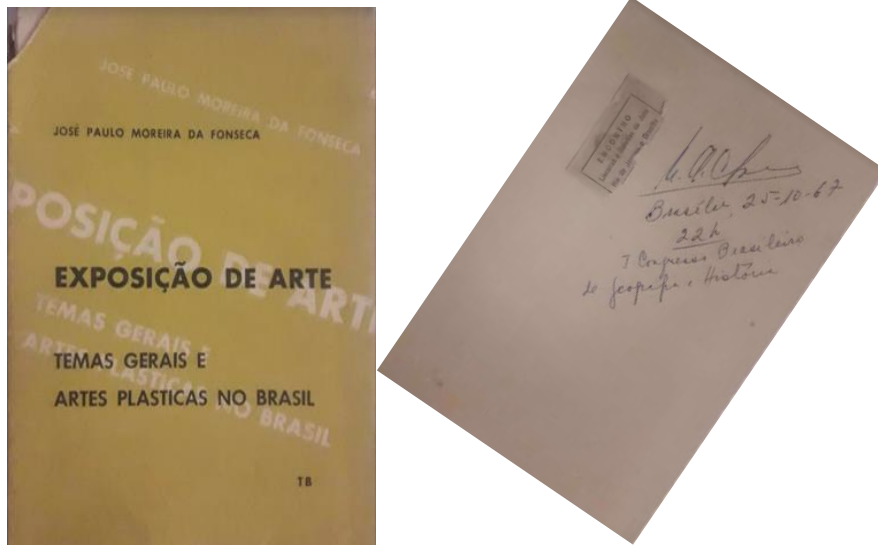
### ● AS MARCAS DE PROVENIÊNCIA

Escrever seu nome no livro é um ato corriqueiro para a maioria das pessoas, mas para colecionadores ou bibliófilos, como é o caso do sujeito de nossa pesquisa, este ato se torna ainda mais recorrente, pois todos os livros da professora Annuciada Chaves possuíam a sua assinatura (ou autógrafa dos livros que ela ganhou, ou dedicatória da pessoa que a presenteou), a data em que adquiriu a obra ou, em alguns casos, o local e até a hora em que adquiriu a obra (Ver foto 15).

<sup>186</sup> MANKE, Lisiane Sias. Práticas rurais de leitura dos acervos aos modos de ler. *Cadernos de Pesquisa*, v.43 n.150 p. 1056, set./dez. 2013.

<sup>187</sup> BESSONE, *op. cit.*, p. 33.

Foto 15 - Registro de dados da compra do livro que a professora Annunciada Chaves fazia.



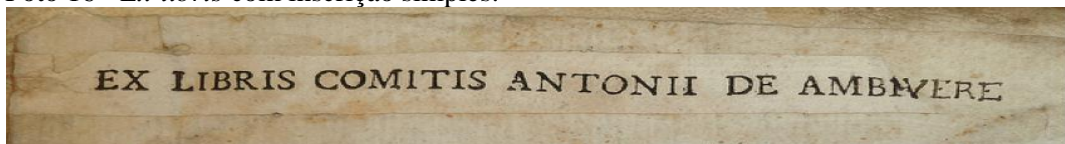
Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2020)

Um comportamento contumaz a colecionadores de livro também é a confecção de *ex-libris*, que é uma espécie de etiqueta que se cola na folha de guarda, na contracapa, no verso ou anverso da folha de rosto, para indicar a quem pertence àquele livro. Conforme Ubiratan Machado, *ex-libris* [...] é uma expressão latina formada pelo ablativo ou plural de *liber* (*libris*) e a preposição indicativa de proveniência *ex*". Em bom português, se traduz por "dos livros de" (Ver foto 16).<sup>188</sup>

Para Manuel Esteves<sup>189</sup>, a forma mais comum de se encontrar um *ex-libris* é representada por uma fórmula que traz o nome (ou monograma) do possuidor do livro (Ver foto 17), um brasão de sua família (Ver foto 18) ou figuras (Ver foto 19) e frases (geralmente escritas em latim) que sejam significativas para aquele proprietário dos livros, podendo ser pessoa física (Ver foto 20) ou jurídica (Ver foto 21).

O *ex-libris* abaixo é uma das formas mais simples, e geralmente era feito para ser colado em cima do nome do possuidor anterior.

Foto 16 - *Ex-libris* com inscrição simples.



Fonte: Azevedo, 2019<sup>190</sup>.

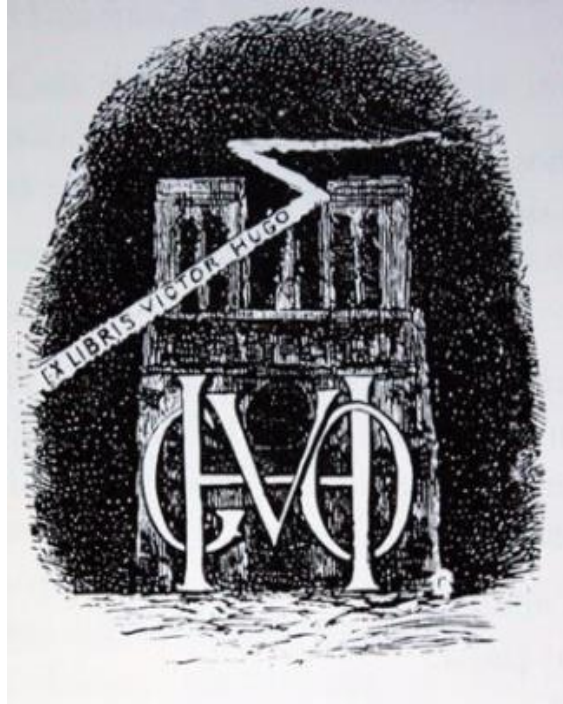
<sup>188</sup> MACHADO, Ubiratan. Sua excelência o Ex-Libris. In: SILVA, Alberto da Costa; MACIEL, Anselmo (org.). **Ex-Libris**. Rio de Janeiro: ABL ; São Paulo : Imprensa Oficial, 2014. p. 11.

<sup>189</sup> ESTEVES, Manuel. **O Ex-Libris**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1956. p. 20.

<sup>190</sup> AZEVEDO, Fabiano Cataldo. *Ex-libris* manuscrito. In: AZEVEDO, Fabiano Cataldo. *As Marcas de proveniência bibliográfica*. Belém, 5 de setembro de 2019. Curso de Gestão e Curadoria de Acervos Especiais. Slide 78.

A foto 17 apresenta o *ex-libris* do escritor francês Victor Hugo, nesta ilustração é possível ver não só as iniciais do nome do autor como também a estilização de seu prenome em latim (em que se substitui o U por V). Ao fundo da imagem também é possível ver a Catedral de Notre Dame, que notabilizou este artista devido ao romance *O Corcunda de Notre Dame*.

Foto 17 - Ex-Libris com monograma de Vitor Hugo

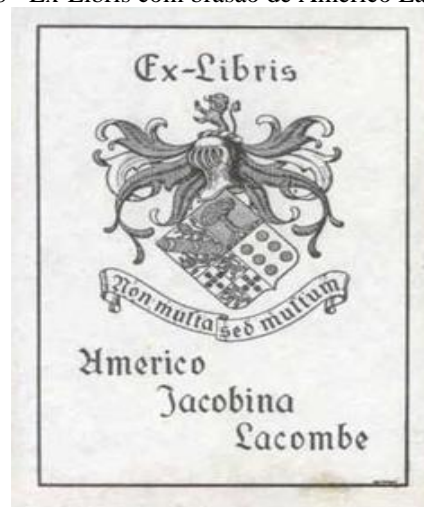


Fonte: Esteves (1956, p. 20)<sup>191</sup>.

Na foto 18 observa-se o *ex-libris* com o brasão de Américo Jacobina Lacombe (1909 - 1993), nascido no Rio de Janeiro. Ele foi Bacharel e Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais. Dirigiu a Fundação Casa de Rui Barbosa no período de (1939-1993). Lecionou História do Brasil em vários estabelecimentos de ensino superior, inclusive na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Também foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB). O desenho do *ex-libris* foi concebido por José Heitgen e a técnica utilizada foi a zincogravura<sup>192</sup>.

<sup>191</sup> ESTEVES, *op. cit.*, p. 20.

<sup>192</sup> Extraído de: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Divisão de Biblioteconomia e Documentação. **Ex-Libris**. 2010. Disponível em: <http://www.dbd.puc-rio.br/ex-libris/pg/miolo.htm>. Acesso em: 12.12.2019

Foto 18 - Ex-Libris com brasão de Américo Lacombe<sup>193</sup>

Fonte: PUC-Rio. DBD (2019)

A Foto 19 traz o *ex-libris* do bibliófilo paraense José Rodrigues da Silveira Netto (1916-1998). Ele foi médico, professor e diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará. Dirigiu a Universidade do Pará no período de 1960 a 1969, e devido às muitas realizações que ocorreram em sua gestão, o *campus* universitário da UFPA hoje se chama Cidade Universitária José da Silveira Netto<sup>194</sup>. Como ele era médico de formação, é possível ver em seu *ex-libris* o bastão de Esculápio, símbolo da Medicina, encimado pelo homem e seu ardente desejo pelo conhecimento adquirido por meio dos livros.

Foto 19 - Ex-Libris de José da Silveira Netto.



Fonte: UFPA. BC (2007)<sup>195</sup>.

<sup>193</sup> PUC-RIO. DBD, 2010, *op. cit.*, não paginado.

<sup>194</sup> FILGUEIRAS, Lorena. **Campus do Guamá passa a ser Cidade Universitária Prof. José da Silveira Netto**. 28.12.2007. Disponível em: <https://ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=1697>. Acesso em: 14.09.2019.

<sup>195</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Biblioteca Central. **Catálogo da Coleção Silveira Netto**. Belém, 2007. p. 12.

A Foto 20 ilustra o *ex-libris* da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ); na imagem, é possível ver o Castelo de Manguinhos (sede da Fiocruz) repousando sobre a divisa: *Causae a estimatio saepe morbum solvit*, que significa: O Conhecimento da causa frequentemente elimina a moléstia. O *ex-libris* foi feito de buril em cobre e mede 91x 60mm.

Foto 20 - Ex-libris com frase significativa



Fonte: SILVA; MACIEL (2014)<sup>196</sup>

Segundo o historiador Aldrin Figueiredo, o pintor paraense, Theodoro Braga era frequentemente contratado por Antônio Lemos para pintar: “inúmeras telas, desenhos e painéis com representações de pontos da cidade – ilustrativos da reforma urbana empreendida pelo prefeito –, havia também algumas incursões do pintor pelas insígnias pessoais do mecenas, especialmente nos selos e *ex-libris* feitos a bico de pena”<sup>197</sup>. As fotos 21 e 22 a seguir apresentam outros exemplares de *ex-libris* feitos por Theodoro Braga; o da esquerda foi feito para a Biblioteca Pública do Pará, e o da direita foi feito para a Biblioteca Municipal de São Paulo.

<sup>196</sup> SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (Org.). **O Livro do Ex-Libris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial, 2014.

<sup>197</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Quimera amazônica: arte, mecenato e colecionismo em Belém do Pará, 1890-1910. **Clio: Revista de Pesquisa Histórica do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco**, Olinda, v. 28, n. 1, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/viewFile/24241/19663> Acesso em: 15.09. 2019

Foto 21 - Ex-libris da Bibliotheca e Archivo Público do Pará, feito por Theodoro Braga



Fonte: Fonte: BALEIXE (2010)

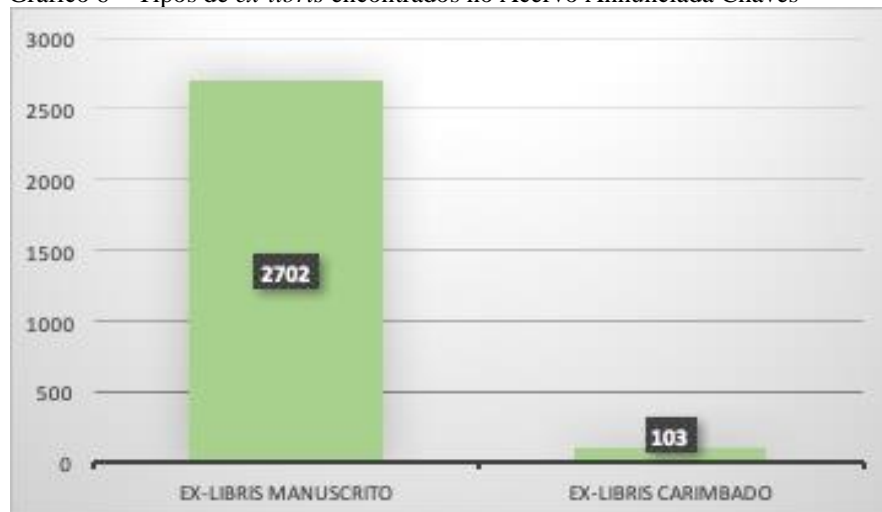
Foto 22 - Ex-libris da Bibliotheca de São Paulo, feito por Theodoro Braga



Fonte: BALEIXE (2010)

Da amostra existente no Centro de Memória da Amazônia, nenhum exemplar possui *ex-libris* impresso com etiqueta da professora Maria Annunciada Chaves. No *corpus* estudado, foram encontrados outros tipos de *ex-libris*: o *ex-libris* manuscrito (forma mais comum de sinalizar que aqueles livros são de sua propriedade<sup>198</sup>) e o *ex-libris* em forma de carimbo.

Gráfico 6 – Tipos de *ex-libris* encontrados no Acervo Annunciada Chaves



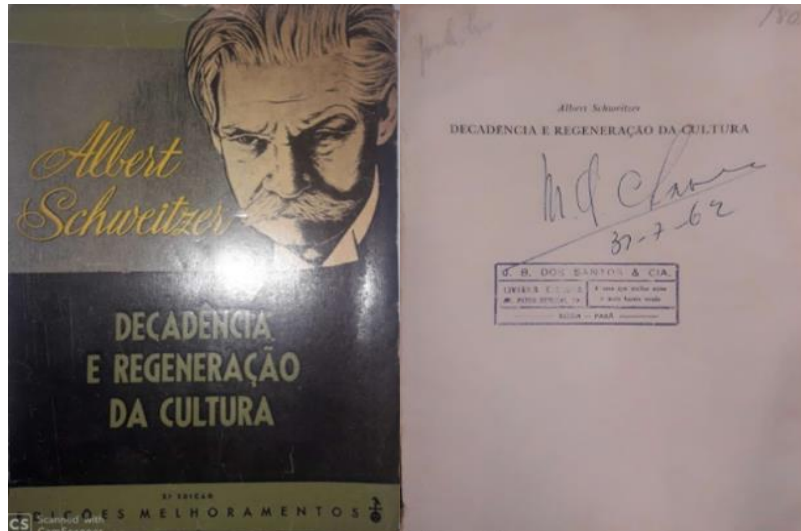
Fonte: Pesquisa de campo (2019).

<sup>198</sup> Azevedo, *op. cit.*, Slide 78.



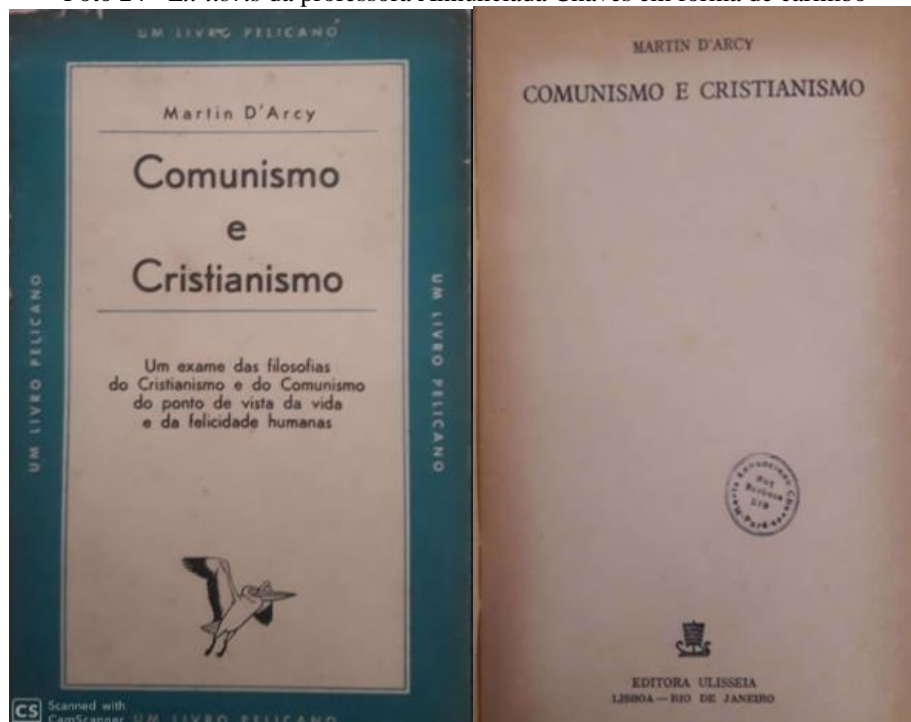
Poucos livros (4%) possuem carimbos úmidos<sup>199</sup> e a grande maioria possui *ex-libris* manuscritos (94%).<sup>200</sup>

Foto 23 - *Ex-libris* manuscrito de Anunciada Chaves.



Fonte: MEMORIAL DO LIVRO MORONGUETÁ. Acervo Anunciada Chaves (2020)

Foto 24 - *Ex-libris* da professora Anunciada Chaves em forma de carimbo



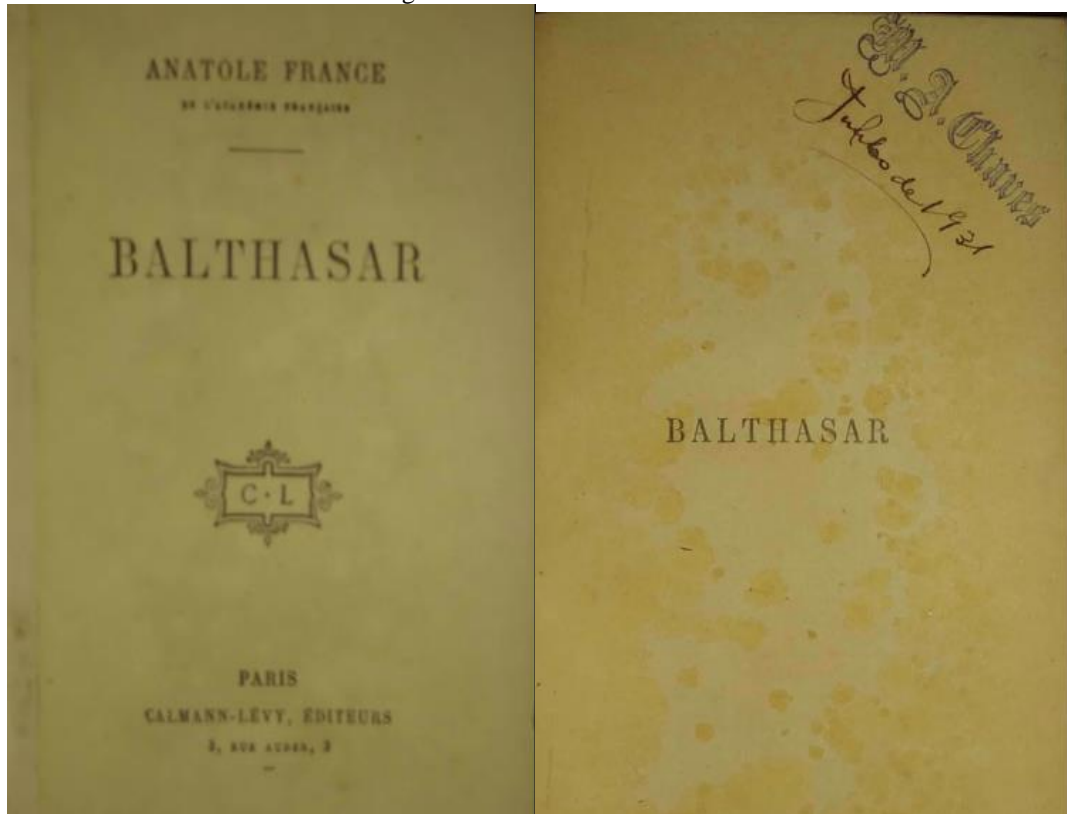
Fonte: MEMORIAL DO LIVRO MORONGUETÁ. Acervo Anunciada Chaves (2020)

<sup>199</sup> Existem dois tipos de carimbos: o carimbo úmido, que precisa de tinta para marcar o documento; e o carimbo seco, que faz a identificação no documento por meio da técnica do baixo relevo. (Cf. AZEVEDO, 2019, op. cit. Slide 22).

<sup>200</sup> Para mais informações, assista a live: COSTA, Elisângela Silva da. *Ex-libris* da Coleção Maria Anunciada Chaves. **Canal Caçadora de Ex-libris**, de 23 de março de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YAtOqyGzhYQ&t=6s>.

A professora Annuciada Chaves possuía mais de um tipo de carimbo úmido para identificar seus livros. Ela possuía este outro modelo com letras góticas (Ver foto 25).

Foto 25– Carimbo com letras góticas de Annuciada Chaves.



Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2020).

- ***SUPER-LIBRIS***

De acordo com Maria Isabel Faria e Maria das Graças Pericão<sup>201</sup>, o *super-libris* “designa uma marca de *ex-libris* gravada nas partes superiores e/ou inferiores de uma encadernação geralmente guarnecida com as armas, nome, divisa, emblema ou outros elementos relacionados com o possuidor da obra”. O *super-libris* pode ser as iniciais do nome do possuidor do livro, como é o caso do sujeito da nossa pesquisa (Ver foto 26).

<sup>201</sup> FARIA; PERICÃO, *op. cit.*, p. 683.

Foto 26 - *Super-libris* manuscrito de Annuciada Chaves*Super-libris* de Maria Annuciada Chaves

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2020)

## • AS MARCAS DE LEITURA

As marcas de leitura mais comumente encontradas em estudos sobre uso de livros são marginais, grifos e notas no fim do livro. Conforme Béatrice Bakhouche *et al.*<sup>202</sup>, marginais<sup>203</sup> é:

Une des marques les plus visibles de la lecture est l'annotation. La « fabrique de la lisibilité » comprend ainsi des gestes de lecteurs, désireux d'aménager le champ de leurs lectures, pour leur usage personnel ou pour celui d'autrui : il s'agit de gestes qui vont de l'annotation individuelle aux pratiques normatives de l'enseignement ou de l'édition savante, en passant par des formes d'écriture multiples qui, sur des plans différents, viennent encadrer un texte, l'explicitier, le mettre en perspective et ouvrir les voies de sa réception pour des lecteurs supposés dociles<sup>204</sup>.

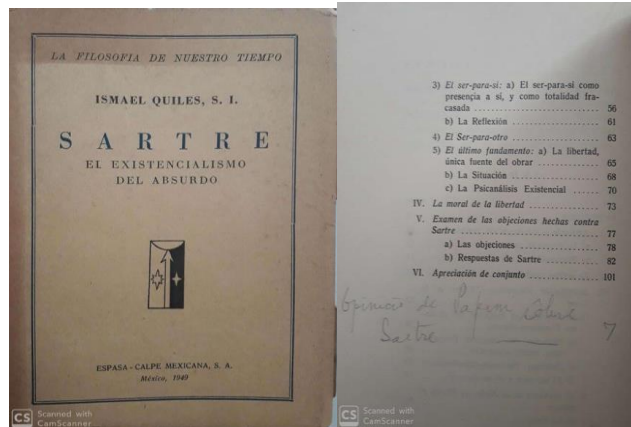
<sup>202</sup> BAKHOUCHE, Béatrice et al. **De l'annotation aux marginalia**. 2010. Disponível em: [https://www.univ-montp3.fr/uoh/lelivre/partie2/de\\_lannotation\\_aux\\_marginalia.html](https://www.univ-montp3.fr/uoh/lelivre/partie2/de_lannotation_aux_marginalia.html). Acesso em: 16.01.2020.

<sup>203</sup> Para mais informações a respeito de marginalias consulte: LLANSOL, Maria Gabriela. **Escrito nas margens**: livro de horas VIII (A marginalia na biblioteca de M. G. Llansol). Organização de João Barrento; transcrição de Maria Etelvina Santos. Porto: Assírio & Alvim, 2022.

<sup>204</sup> Marginalia é: “[...] uma das marcas mais visíveis da leitura é a anotação. A “fábrica de legibilidade” inclui, portanto, gestos dos leitores, que desejam ajustar o campo de suas leituras, para seu uso pessoal ou para o de outras pessoas: são gestos que variam de anotações individuais a práticas normativa do ensino ou publicação acadêmica, através de múltiplas formas de escrita que, em diferentes planos, passam a enquadrar um texto, esclarecê-lo, colocá-lo em perspectiva e abrir o caminho de sua recepção para leitores supostamente dóceis”. (Tradução minha).

A professora Annunciada Chaves não costumava fazer muitas marginálias em seus livros. Ela preferia fazer notas no sumário, no final do livro (fazendo uma espécie de índice remetendo para assuntos ou autores que julgava ser importante), ou fazer anotações em papéis desirmanados e guardá-los nos livros de onde tomou nota. A esta forma de fazer anotações em folhas soltas, o Prof. Fabiano Cataldo chama de marginálias avulsas<sup>205</sup>.

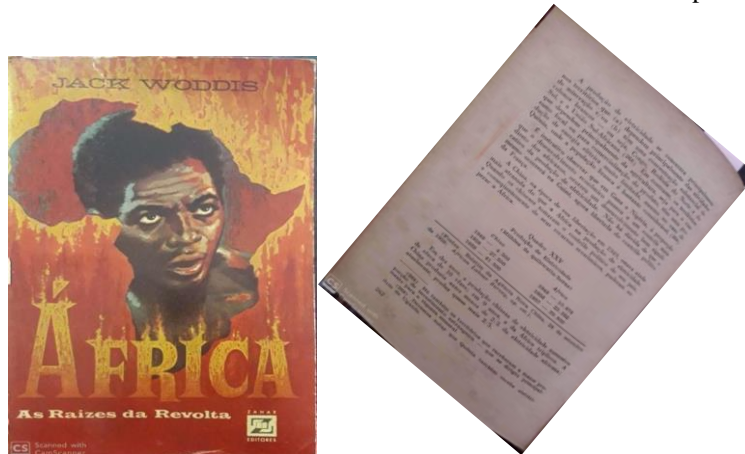
Foto 27 – Livro do Acervo da professora Annunciada Chaves que trazia índices feito pela leitora.



Fonte: MLM. Pesquisa de campo (2019).

Porém, em algumas obras deste acervo, foi possível encontrar riscos feitos a lápis. E em alguns casos, os riscos eram feitos com lápis de cor vermelho, como pode ser visto na foto 28.

Foto 28 – Livro do Acervo Annunciada Chaves marcado com lápis de cor.



Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2020).

Também não foi muito comum encontrar nos livros de Annunciada Chaves objetos para marcar páginas, tais como: flores, barbante, cliques, marcadores de páginas ou pedaços de papel.

<sup>205</sup> AZEVEDO, Fabiano Cataldo, professor universitário da UFBA e bibliotecário. **Informações verbais**. Salvador, 13 de junho de 2023. Curso de Catalogação de Obras Raras.

No entanto, foram encontrados alguns poucos marcadores em seus livros, tais como: fotografias, cartões de visita, cartões postais, cartões de Natal e marcadores de página e, principalmente, cartões com imagens de santos, porque Anunciada Chaves era católica.

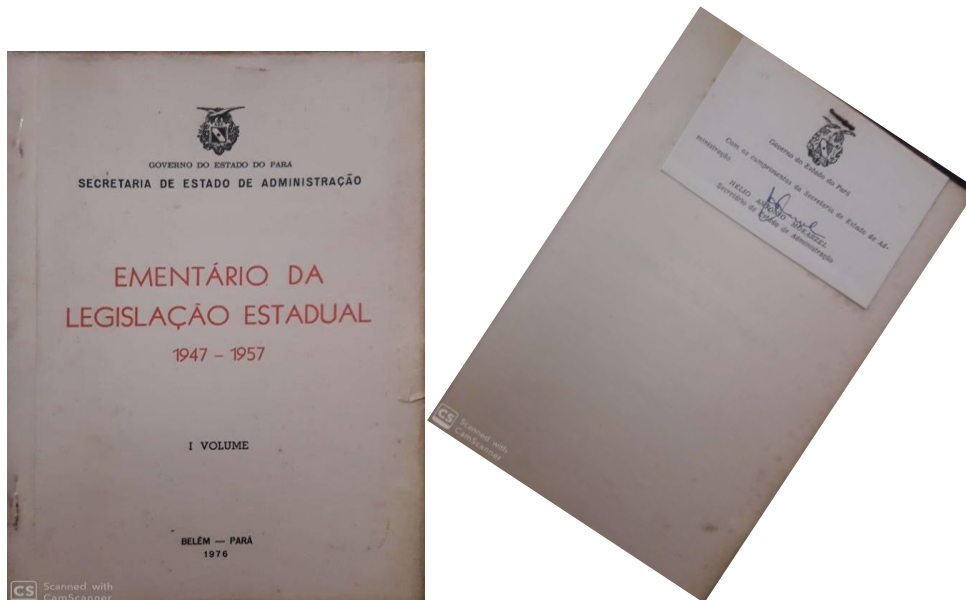
Foto 29 – Livro do Acervo Anunciada Chaves que trazia um santinho para marcar a página.



Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2020).

A proprietária desse acervo costumava deixar o cartão de visita do autor ou do responsável pela doação do livro para ela (ver figura 30).

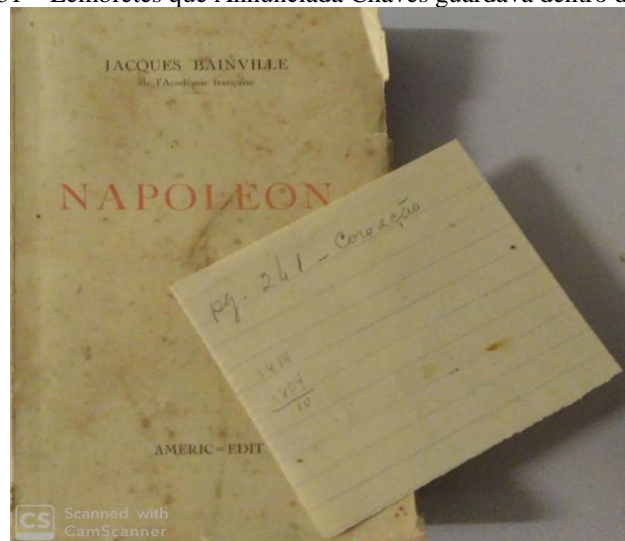
Foto 30 – Livro do Acervo Anunciada Chaves que lhe foi doado e ela manteve o cartão de visita de quem a presenteou.



Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2020)

Anunciada Chaves gostava de tomar nota do que a interessava naquele livro e guardar os lembretes dentro do livro (ver figura 31).

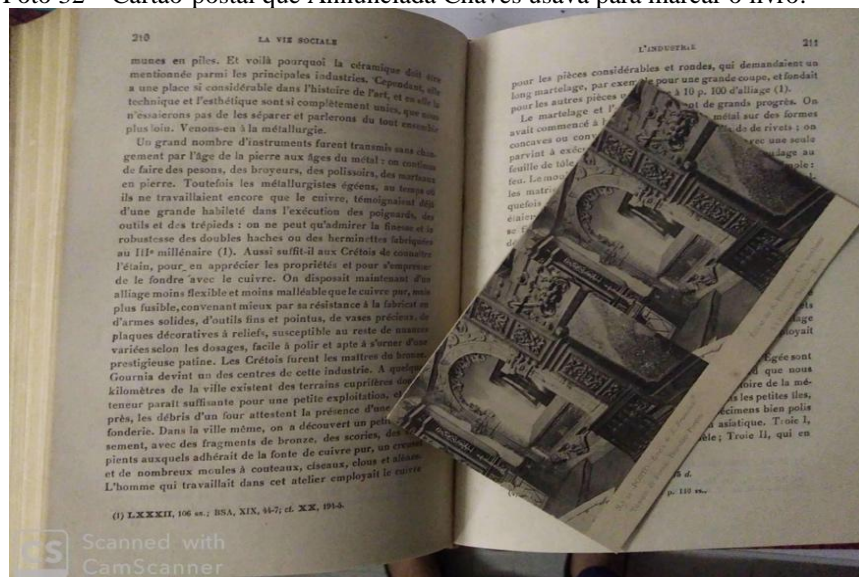
Foto 31 – Lembretes que Anunciada Chaves guardava dentro do livro.



Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2020)

Cartões-postais também eram utilizados por Anunciada Chaves para marcar as páginas de seus livros (ver figura 32). Anunciada Chaves, por sinal, era adepta da cartofilia, pois colecionava uma quantidade expressiva de cartões-postais, que eram acondicionados em álbuns, caixas, ou ficavam avulsos para serem usados como marcador de página de livros.

Foto 32 – Cartão-postal que Anunciada Chaves usava para marcar o livro.



Fonte: MLM (2019).

A cartofilia foi um hábito de colecionar muito praticado por indivíduos a partir dos anos 1960<sup>206</sup>, e Anunciada Chaves, sendo reflexo do momento histórico em que viveu, não poderia

<sup>206</sup> DALZOTO, José Carlos. **Cartão-postal, Arte e Magia**. Presidente Prudente, SP: Gráfica Cipola, 2006. Disponível em: [http://www.afsc.org.br/wp-content/uploads/2020/07/CP\\_arteemagia.pdf](http://www.afsc.org.br/wp-content/uploads/2020/07/CP_arteemagia.pdf). Acesso em: 09.04.2020.

passar incólume a essa mania, como Elysio de Oliveira Belchior, ao fazer a apresentação da obra: *A Propaganda no Brasil através do cartão-postal: 1900-1950*, escrita por Samuel Gorberg, salienta:

O cartão-postal, tal como outros meios usado em propaganda, cristaliza, na gravura ou nas mensagens que conduz, momentos da vida das sociedades: as inovações que melhoram a vida; a Fé e os remédios que salvam as almas e os corpos; as bebidas que alegram os homens e os alimentos que restauram as forças; os meios de transporte; as propostas políticas; as casas de hospitalidade e de diversão, enfim, tudo aquilo que a propaganda alcança. A sucessão desses instantâneos nos oferece a história do cotidiano.

Cada cartão-postal tornou-se o elo de longa cadeia, e basta que um se perca para criar um vácuo que nem sempre pode ser preenchido por uma única peça desaparecida. Daí o papel fundamental dos colecionadores que procuram resgatar e conservam livrando-os da ação devastadora do tempo, dos insetos e dos próprios homens. Por outro lado, esta memória do dia a dia das sociedades despertou os museus, bibliotecas e outras instituições culturais para a importância do cartão-postal como documento e a urgência de incorporá-los em seus acervos [...] <sup>207</sup>.

De fato, como evidencia Belchior os cartões-postais ajudam a recontar a história de um cotidiano pretérito, muito embora essa talvez não fosse a intenção pela qual esse documento tenha sido produzido, muito provavelmente a intenção da produção dos cartões naquela época fosse retratar uma cidade ou os costumes de seus habitantes, persuadir os consumidores a comprar um determinado produto etc. Porém, Anunciada Chaves e muitos de seus coetâneos acabaram utilizando esses artefatos e dando-lhes uma outra intencionalidade, mesmo que sem querer. O hábito de colecionar esses postais, os transformou em objetos-documentos e nos permite ter uma noção de como eram as instituições, as roupas, a culinária e a arquitetura de outrora, revisitando essa história do cotidiano pretérito.

Como o cartófilo José Carlos Dalzoto, sobre os colecionadores, adverte:

[...] colecionadores não somos meros guardadores de fotografias antigas e atuais de cidades e países, somos também um pouco historiadores, geógrafos, estudiosos dos usos e costumes de povos e países, da arquitetura mundial, dos meios de transporte, das profissões, enfim, da grande aventura do ser humano sobre a face da terra <sup>208</sup>.

E esse *hobby* tão praticado por Anunciada Chaves e outros estudiosos os ajudavam a fomentar a sua intelectualidade, estreitar suas relações de amizade e se irmanar com

<sup>207</sup> BELCHIOR, Elysio de Oliveira. Apresentação. In: GORBERG, Samuel. **A Propaganda no Brasil através do cartão-postal: 1900-1950**. Rio de Janeiro: S. Gorberg, 2002. [não paginado].

<sup>208</sup> DALZOTO, *op cit.*, p. 20.

profissionais atuantes em ofícios diferentes do seu, mas que devido ao interesse e a temática abordada no postal os aproximava.

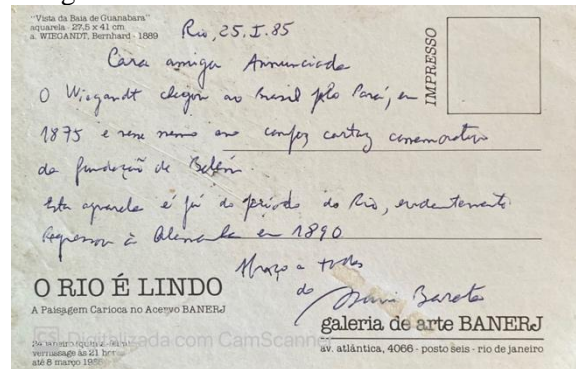
Um cartão postal bem emblemático foi encontrado no livro *A Capital federal: impressões de um sertanejo*, escrito por Coelho Netto em 1929, ele foi enviado pelo crítico de arte carioca Mário Barata, nele o emissor fornece algumas informações sobre o ilustrador alemão Weighant, que disseminou sua arte pelo Pará. Os cartões ilustrados pelo mestre alemão eram muito cultuados. Mário Barata aproveitou a missiva para esclarecer algumas curiosidades históricas e presentear a amiga cartófila.

Foto 33 – Anverso do cartão postal ilustrado por Wiegandt.



Fonte: CMA. Acervo Anunciada Chaves (2022).

Foto 34 – Verso do cartão postal ilustrado por Wiegandt<sup>209</sup>.



Fonte: CMA. Acervo Anunciada Chaves (2022).

A imagem retratada no cartão-postal supracitado diz respeito à Baía de Guanabara do final do século XIX e foi guardada em uma obra também atinente à cidade maravilhosa, o que demonstra que a professora Anunciada Chaves procurava compor uma certa lógica entre as suas obras e seus marcadores de página.

Uma marca de leitura muito comum utilizada por Anunciada Chaves era deixar apenso ou afixar em seus livros artigos de jornais. Esses artigos poderiam variar pois versavam sobre o autor daquele livro, o artigo poderia ser biográfico, um necrológico ou uma crítica literária do livro. Outra variação a essa mesma prática era afixar artigos que falavam sobre o assunto do livro onde o artigo estava afixado.

<sup>209</sup> Transcrição do cartão-postal: Rio, 25.I. 85//

Cara amiga Anunciada.//

O Wiegandt chegou ao Brasil pelo Pará; a//

1875 e nesse mesmo ano compôs o cartaz do centenário de Fundação de Belém.//

Esta aquarela é já do período do Rio, evidentemente.//

Regressou a Alemanha em 1890.//

Abraço a todos.//

Mário Barata.//



Foto 35 - Artigos afixados nos livros de Annunciada Chaves



Fonte: MLM (2019)

Ressalta-se que essa prática de leitura era muito comum entre os intelectuais paraenses dos anos 1930 até os anos 1960, haja vista que esse *modus operandi* foi encontrado em livros pertencentes a Clóvis Moraes Rego, Inocêncio Machado Coelho, Raimundo Jinkings (todos pertencentes ao Memorial do Livro Moronguêta), José da Silveira Netto, Roberto Santos e Eneida de Moraes (pertencentes a acervo de Coleções Especiais da Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará).

Entretanto, tal prática não era realizada somente por intelectuais do Pará, pois relato similar também foi feito por Ana Maria Galvão e Poliana Oliveira<sup>210</sup>, que estudaram a biblioteca particular de um intelectual pernambucano que nasceu no último quartel do século XIX e utilizava marcas de leituras similares a de Annunciada Chaves e seus coetâneos.

Existe também a marca de não-uso, representada pelos chamados intonsos (Ver foto 36), ou seja, [...] “livros cujas páginas ainda não foram cortadas”<sup>211</sup>. No livro, *Se um viajante numa noite de inverno*, Ítalo Calvino descreve as sensações provocadas nos leitores que antigamente tinham que soltar as páginas dos livros que vinham coladas pelas junções dos cadernos, relatando:

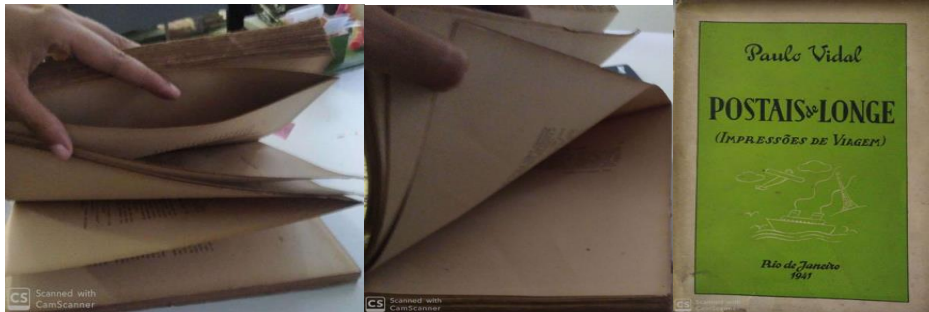
Os prazeres que o uso da espátula reserva são táteis, auditivos, visuais e, sobretudo, mentais. Para avançar na leitura, é preciso um gesto que atravesse a solidez da matéria do livro e dê a Você um acesso à substância incorpórea dele. Penetrando por baixo entre as folhas, a lâmina sobe impetuosa e abre um corte vertical numa fluente sucessão de talhos que investem contra as fibras uma a uma e as ceifam. Com uma

<sup>210</sup> GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; OLIVEIRA, Poliana Janaina Prates de. O Estudo de bibliotecas particulares e a reconstrução de trajetórias leitoras. In: YAZBEK, Dalva Carolina; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da (org.). **Cultura e História da Educação**: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa. Juiz de Fora, MG: Ed. da UFJF, 2009, p. 211-232.

<sup>211</sup> EDUCALINGO. **Intonso**. 2020. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-it/intonso>. Acesso em: 22.01.2020.

crepitação hilária e amigável, o papel de boa qualidade acolhe esse primeiro visitante que prenuncia inúmeras viradas de páginas impelidas pelo vento ou pelo olhar. [...] Abrir uma passagem com o fio da espada na fronteira das páginas sugere segredos encerrados nas palavras: Você avança na leitura como quem penetra numa densa floresta<sup>212</sup>.

Foto 36 - Um exemplar de livro intonso que pertenceu a Anunciada Chaves.



Fonte: MLM (2019).

Com base na análise que fiz na Coleção Anunciada Chaves, observei que 8% do acervo possui livros intonsos.

Walter Benjamin<sup>213</sup> costumava afirmar que boa parte dos bibliófilos tinha lido no máximo 10% de suas bibliotecas e ratificava sua assertiva com um episódio protagonizado por Anatole France, que certa vez, após mostrar sua biblioteca particular a um burguês, ouviu a prosaica pergunta que geralmente é feita a pessoas que possuem muitos livros: ‘O senhor leu todos estes livros, Monsieur France?’, a qual Anatole prontamente retrucou: “Nem um décimo deles. Nem acredito que você use sua porcelana de Sèvres todos os dias”<sup>214</sup>.

Ainda a esse respeito da relação entre a posse e a leitura do livro, Robert Darnton julga ser uma relação bem assimétrica, pois é possível que o proprietário da biblioteca tenha comprado o livro, mas não o tenha lido, bem como é possível que ele tenha lido livros que emprestou de algum amigo ou de outra biblioteca, porém inegavelmente a leitura dessas obras, independentemente de o indivíduo ser proprietário ou não da obra, nos ajuda a identificar o seu perfil de leitor<sup>215</sup>.

<sup>212</sup> CALVINO, I. **Se um viajante numa noite de inverno**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 8.

<sup>213</sup> BENJAMIN, *op. cit.*

<sup>214</sup> RYBACK, *op. cit.*, p. 69.

<sup>215</sup> DARNTON, 1995, *op. cit.*, p. 152).

## • ENCADERNAÇÃO

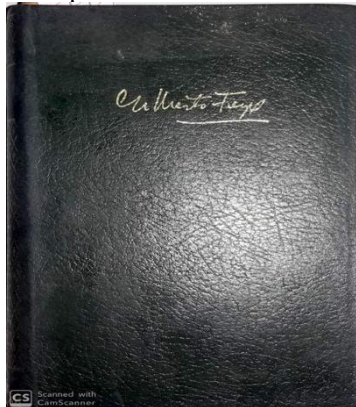
Jan Bos entende que: “[...] books are more than their content. They have a textual and a material aspect. They are content and container, and cannot be divided”<sup>216</sup>. Neste sentido, o tratamento que é dado aos livros também diz muito do possuidor do livro. Assim, era comum aos colecionadores de livro encadernarem com capa dura (que poderia ser de luxo ou não) os livros pelos quais possuíam grande predileção. Da biblioteca analisada, 26% dos livros são encadernados, percebeu-se que deste percentual a maioria são os livros franceses. De acordo com Gavin Ambrose e Paul Harris, a encadernação pode variar em três modalidades: Inteira, Meia Lombada e Meia Lombada com Cantoneiras.

– Inteira: Capa com cobertura total, utilizando um único material. Os livros cobertos, em sua totalidade, por couro, com cantoneiras douradas, por exemplo, são considerados livros de luxo, muito utilizados em *Livros de Ouro* ou livros comemorativos.

– Meia Lombada: A lombada do livro é coberta com um material e a capa por outro, porém de cores diferentes, ou até pelo mesmo tipo de material, como couro, brim ou papel marmorizado.

– Meia Lombada com Cantoneiras: Elas são colocadas, em sua maioria, nos livros feitos em meia lombada, e dão um charme a mais, podendo, assim, até ser classificados como uma encadernação de luxo. Podem ser de metal (como as utilizadas em agendas) ou de materiais como pano, plástico ou couro<sup>217</sup>.

Foto 37 - Livro com encadernação em capa inteira.



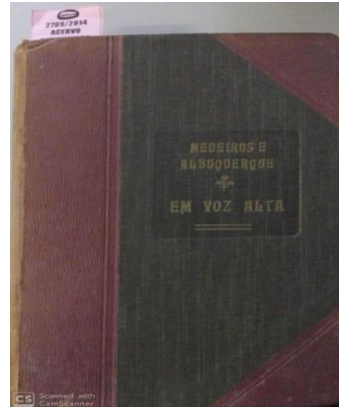
Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2020).

Foto 38 - Livro com encadernação meia lombada.



Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2020).

Foto 39- Livro com encadernação meia lombada com cantoneiras.



Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2020).

<sup>216</sup> “[...] os livros são mais do que seu conteúdo. Eles têm um aspecto textual e material. Eles são conteúdo e continente e não podem ser divididos” (Tradução minha). BOS, Jan. All books are equal, but some books... towards a modern vision of special collections. In: MOUREN, Raphaele (edt.). **Ambassadors of the book: competences and training for heritage librarians**. Hague, NE, c2012, p. 19.

<sup>217</sup> AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Impressão & Acabamento**. Porto Alegre : Bookman, 2009, p. 170-171.

O acervo analisado possui as três modalidades de encadernação, porém há uma predominância da Meia Lombada.

A encadernadora Zelina Castelo Branco afirmava que até a terceira década do século XX era comum os nossos bibliófilos mandarem encadernar seus livros na França, embora houvesse ótimos encadernadores no Brasil<sup>218</sup>. Apesar de ser francófona, não observei este comportamento em Anunciada Chaves; por sinal, boa parte de seus livros foram encadernados aqui mesmo em Belém do Pará, principalmente por Tó Teixeira<sup>219</sup>.

Segundo o jornalista Cláudio de La Rocque Leal: “biblioteca paraense sem um livro com o selo da Clássica, assim como sem um que tenha sido encadernado por Tó Teixeira não é biblioteca que se preze”<sup>220</sup>.

Ressalta-se que além dos livros, dicionários, folhetos, guias, programas de peças de teatro, mapas, fotografias e cartões-postais, um item documental muito abundante na biblioteca de Anunciada Chaves foi o recorte de jornal, o qual eu dividi em duas categorias: os recortes de assuntos diversos, e os recortes que denominei de “biográficos”.

Os recortes de assuntos diversos eram insumos de pesquisa que foram recortados por Anunciada Chaves e acondicionados como folhas soltas em pastas temáticas, eles versam sobre: o Círio, a Cabanagem, o CEPC, as greves universitárias, as igrejas, o patrimônio histórico, etc.

Já os recortes “biográficos”, se configuram como elementos de escrita de si, e foram reunidos por Anunciada Chaves em cadernos de folhas sem pauta. Os recortes eram, principalmente dos jornais: *O Estado do Pará*, *Folha do Norte* e *A Província do Pará*, e versavam sobre palestras que tinha proferido, jantares a ela dedicados, colação de grau de

<sup>218</sup> CASTELO BRANCO, Zelina. **Encadernação**: histórica e técnica. São Paulo : Hucitec, 1978, p. 61.

<sup>219</sup> Antônio Teixeira do Nascimento Filho (1893-1982): violinista, teatrólogo e encadernador paraense. Vivia humildemente no bairro do Umarizal, local periférico onde viviam os negros no início do século XX. Autodidata aprendeu a tocar violão observando outros músicos nas festas do subúrbio ou nos folguedos existentes nas casas das pessoas ricas para quem trabalhou. Aprendeu a ler e escrever trabalhando com encadernação de livros junto com Bruno de Menezes. Encenava peças no subúrbio também após assistir as encenações realizadas nas casas da elite paraense para quem trabalhou. “Ele compôs valsas, chulas, ladainhas, carimbós, e, inclusive, bambiá, que é um ritmo anterior ao carimbó, que ele recolheu material da madrinha e da avó dele, que tinham sido escravas, e colocou o violão (musicou). A importância dele é muito grande para gênese da música paraense e a história da nossa música” (Cf. HABIB, Salomão. **Tó Teixeira**: o poeta do violão. Belém: Violões da Amazônia, 2013, p. 84). Tó Teixeira foi um hábil encadernador, começou a trabalhar nas oficinas da Livraria Clássica, mas em pouco tempo ficou tão perito que abriu seu próprio negócio, trabalhava em casa, sempre mentia sobre o prazo para entregar o livro, livros que ele podia encadernar em 3 dias ele dizia que levava 5, livros que ele podia encadernar em 5 dias ele dizia que levava 7 e assim por diante, na verdade, ele sempre dava dias a mais para poder ler os livros antes, como era pobre, não tinha condições para adquirir os livros e aproveitava o ofício de restaurador para por a leitura em dia. (Cf. MIRANDA, Ana Mary, bibliotecária e estilista. **Informações verbais**. Belém, 03.05.2019. Essa somatória de contribuições à cultura paraense ensejaram o empréstimo de seu nome à Lei de Incentivo à Cultura e ao Esporte (Lei 7.850), de 17 de outubro de 1997. Cf. CHENÊ, Sérgio. Lei de Incentivo à Cultura e ao Esporte é aprimorada para acesso mais democrático e transparente. **Rede Pará**. 29.11.2019. Disponível em: <https://redepara.com.br/Noticia/206963/lei-de-incentivo-a-cultura-e-ao-esporte-e-aprimorada-para-acesso-mais-democratico-e-transparente>. Acesso em: 21.07.2023.

<sup>220</sup> LEAL, Cláudio de La Rocque. A História da Clássica, uma Alexandria N’América. **O Liberal**, Belém, p.7, sábado, 31 de maio de 2003. Caderno Cartaz.

alunos do Colégio Moderno, entrevistas que ela concedeu, o certame do concurso para provimento da cátedra de História do Brasil a que se submeteu a fim de se tornar professora catedrática do Colégio Paes de Carvalho. Anunciada Chaves colecionou algumas notícias sobre aspectos ruins de sua vida, como a sua exoneração do cargo de professora interina do Colégio Paes de Carvalho. Esse ato de colecionar notícias sobre a sua vida nos denota a impressão de que ela arquivava sua própria vida, estabelecendo uma espécie de escrita de si.

Foto 40 - Cadernos em que Anunciada Chaves colava recortes relacionados a sua vida profissional.



Fonte: Acervo do MLM (2001).

Mais voltado ao seu lado profissional, esse acervo constitui-se em um importante aporte documental que se mostra capaz de evidenciar significativas concepções sobre o universo social e cultural em que essa estudiosa estava inserida, sinalizando também as redes de sociabilidade estabelecidas em seu tempo.

Neste estudo, pretende-se abordar a protagonista não só como intelectual criadora, mas principalmente sua atuação como intelectual mediadora<sup>221</sup>, prioritariamente de um grupo composto por: divulgadores, editores, professores, jornalistas etc, e de guardadores (muito frequentemente considerados menores ou ordinários, pela qualidade de sua produção, pelas mídias utilizadas e pelo público-alvo privilegiado). Ou seja, Anunciada Chaves era considerada uma educadora/intelectual com atributos que a caracterizavam como aquela "cuja presença e importância nas várias sociedades e culturas têm grande relevância, porém nem sempre o reconhecimento"<sup>222</sup>.

---

<sup>221</sup> PECAUT, Daniel. **Os Intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

<sup>222</sup> *Ibid*, p. 32.

Foto 41 - Recortes do Caderno 1



Fonte: Acervo do MLM (2001)

Sua preocupação em coletar recortes e leis publicadas, em sua maioria, no *Diário Oficial do Estado do Pará* e artigos que ela escreveu para os jornais: *Folha do Norte* e *A Província do Pará*, permite conjecturar sobre sua observância à legislação vigente, prática certamente facilitadora para seus encargos de professora, diretora de colégio e sub-reitora.

Foto 42 -Recortes do Caderno 2



Fonte: Acervo do MLM (2001)

Infere-se que deveriam ter bastante cadernos destes, porém como os materiais bibliográficos da Profa Annunciada Chaves foram postos na rua, boa parte dessa egohistória se perdeu, chegando a nós apenas dois desses cadernos.

### 1.2.2 Como foi composta a Biblioteca de Anunciada Chaves

O constante ato de se presentear com livros entre os membros da família Ramos Chaves tornou Anunciada Chaves uma ávida consumidora da cultura impressa e *habitué* das principais livrarias belenenses, como Clóvis Moraes Rego, relata:

[...] Meu restrito convívio com Maria Anunciada Ramos Chaves ultrapassa meio século. [...] Antes, já a conhecia pelo nome, desde cedo aureolado por sucessos, e pelo alto conceito que desfrutava. Nossos primeiros caminhos foram os mesmos, os das ruas em que funcionavam, nesta cidade, as livrarias. Espiava-a, a distância, em esquiva, silenciosa e respeitosa postura. Ela, adquirindo livros, e eu, obscuro e empobrecido adolescente, ainda estudante secundarista, tão somente folheando-os<sup>223</sup>. [...]  
As livrarias entre aquelas que nos encontrávamos, Anunciada e eu, inevitavelmente aos sábados, eram sobretudo as da Trav. Campos Salles, ou seja, a Agência Martins, de Albano Martins, no prédio de n. 85 e o Sebo do Dudu, este assim popular, notoriamente conhecido, mas cujo nome exato era Livraria Econômica de Eduardo Failache<sup>224</sup>.

Esse relato de Clóvis Moraes Rego, nos ajuda a perceber que tanto Anunciada Chaves quanto ele tinham na visita às livrarias um grande *hobby*. Segundo Ronaldo Moraes Rego<sup>225</sup>, seu pai dizia que a professora Anunciada Chaves era uma referência em se tratando da compra de livros, muitas pessoas a consultavam e geralmente quando viam alguma obra em suas mãos procuravam obter também porque sabiam que se tratava de um bom livro.

O peso da opinião de Anunciada Chaves em relação aos livros se fez sentir também no relato de João Carlos Pereira, que em entrevista ao *Jornal o Liberal*, afirmou:

[...] não fui seu aluno, mas acompanhei a trajetória de Anunciada, na época em que ela era presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará, e eu era repórter da área cultural. No órgão deliberativo, ela selecionava os livros a serem editados e dava o aval à política estadual para o segmento cultural<sup>226</sup>.

Ao analisar os livros que compõem o acervo da biblioteca particular da professora Anunciada Chaves, foi possível identificar os locais onde ela adquiriu seus livros, haja vista que era comum as livrarias antigamente marcarem os livros que vendiam como forma de fazer propaganda. Essas marcas poderiam ser feitas por meio de carimbos ou etiquetas.

Para facilitar a compreensão, agrupou-se as livrarias e estabelecimentos comerciais congêneres pelas ruas onde se localizavam, a fim tentar refazer os roteiros que a professora

<sup>223</sup> REGO, 2002, op. cit., p. 23.

<sup>224</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>225</sup> REGO, Ronaldo Moraes, Artista plástico. **Informações verbais**. Belém, 17 de abril de 2014.

<sup>226</sup> ANNUNCIADA..., 2006, op. cit., p. 3.

Annunciada Chaves costumava adotar (geralmente aos sábados), quando queria adquirir seus livros.

Pelo levantamento<sup>227</sup> feito, percebeu-se que boa parte das livrarias se encontravam na Rua Conselheiro João Alfredo, a qual Ubiratan Machado considerava como a “rua das livrarias”<sup>228</sup>, pois o logradouro em questão teve oito livrarias; entretanto, nos dias de hoje, essa rua não pode mais receber essa alcunha, visto que não possui um estabelecimento livreiro sequer.

Fazendo o mapeamento no número 7, da Rua João Alfredo, era possível encontrar a *Casa Pinheiro*. Mais à frente, no nº 20, no pavimento inferior do Foto Fidanza<sup>229</sup>, existiu a *Livraria Contemporânea*, cujo proprietário era José Luiz Amaro (posteriormente, a Livraria Contemporânea mudou-se para a Tv. 15 de novembro, n. 89).

Foto 43 - Fachada da Livraria Contemporânea



Fonte: REGO (2002, p. 28).

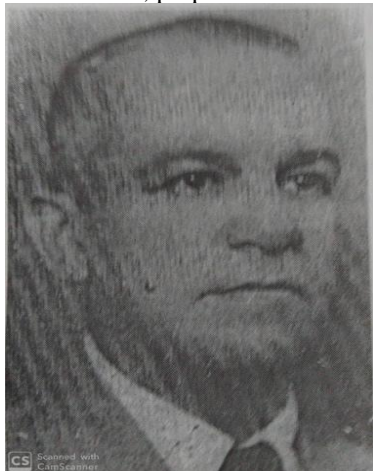
<sup>227</sup> Esse levantamento sobre as antigas livrarias de Belém foi exposto pela autora desta tese no Seminário internacional sobre Marcas de Proveniência, ocorrido em 2020 e publicado na revista Ponto de Acesso: COSTA, Elisângela Silva da; SARGES, Maria de Nazaré. Rememorando as antigas livrarias de Belém do Pará: um estudo com base nas etiquetas e carimbos dos livros da coleção Annunciada Chaves. *PontodeAcesso*, Salvador, v.16, n.3, p. 505-531, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52322>. Acesso em: 14.01. 2023.

<sup>228</sup> MACHADO, Ubiratan. *Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras*. São Paulo: Ateliê, 2008, p. 83.

<sup>229</sup> Felipe Augusto Fidanza (1847-1903) foi um fotógrafo português que teve grande projeção em seu ofício com fotografia no norte do Brasil, futuramente suas fotografias iriam fomentar a novel indústria de cartões-postais (Cf. ENCICLOPÉDIA CULTURAL ITAÚ. **Felipe Augusto Fidanza**. 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21622/felipe-augusto-fidanza>. Acesso em: 24.09. 2019. dá a importância de a Livraria Contemporânea funcionar nas dependências do Foto Fidanza. O mundo começou a conhecer a Amazônia pelas fotografias de Fidanza pois estamparam os famosos álbuns: *Álbum de Vistas do Pará* (1899); *Álbum de Belém* (1902) e *Álbum de Manaus-Amazonas* (1901-1902). Cf. PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. **Fotografia e modernidade na cidade de Belém (1846-1908)**. 2006. 190 f. Dissertação (mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Orientadora: Prof. Dr. Maria de Nazaré Sarges. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4368>. Acesso em: 26.08.2019. Cf. Vitorino Miranda, a presença de Fidanza é muito relevante para a cartofilia paraense, pois suas fotografias além de figurar em importantes álbuns das cidades também ilustraram séries de postais, como: Carta-Postal do Brasil – Pará e Union Postalle Universelle –Brazil (Cf. MIRANDA, Victorino Chermont de. Fidanza: o fotógrafo da cartofilia paraense. *Carta mensal*. Rio de Janeiro: ACARJ, v. 15, n. 110, p. 5-17, ago. 2002).



Foto 44 - Ivo Moreira, proprietário da Livraria Pará Foto 45 - Propaganda da Livraria Pará



Fonte: REGO (2002, p. 38)



Fonte: MLM (2019)

No n. 15 encontrava-se a *Livraria Bittencourt*, cujo proprietário era Raymundo Lameira Bittencourt. Essa livraria possuía como diferencial a venda de livros musicais, partituras e, sobretudo, cartões-postais, muito consumidos por Maria Anunciada Chaves e outros cartófilos da cidade.

Foto 46 - Etiquetas da Livraria Bittencourt



Fonte: MLM (2019)

Passando cinco casas encontrava-se aquela que foi uma das maiores e mais luxuosas livrarias de Belém - a *Livraria Universal*, cujo proprietário era o português Eduardo Tavares Cardoso, que chegou em Belém em 1860, e vinte e dois anos mais tarde funda a sua livraria.

Foto 47 - Etiqueta da Livraria Tavares Cardoso (A) Foto 48 - Etiqueta da Livraria Tavares Cardoso (B)



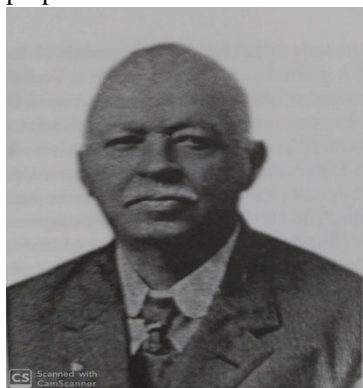
Fonte: MLM (2019)



Fonte: MLM (2019)

Muito provavelmente Eduardo Tavares veio a Belém motivado por seu tio, o também livreiro, Henrique d'Araújo Godinho Tavares<sup>230</sup>, ratificando aquilo que Luiz Guimarães chama de “imigração em rede”, e explica: “[...] essa imigração em rede, articulada por laços familiares e de solidariedade constitui um fenômeno muito presente nas imigrações transatlânticas. Imigravam juntos de uma mesma comunidade, irmãos, amigos, vizinhos, compadres, tios e sobrinhos”<sup>231</sup>.

Foto 49 - Eduardo Tavares Cardoso, Foto 50 - Vista interior da Livraria Universal  
proprietário da Livraria Universal



Fonte: REGO (2002, p. 36).



Fonte: REVISTA PARAENSE (1909, p. 5)<sup>232</sup>.

Conforme a Carta Mensal da Associação de Cartofilia do Rio de Janeiro (ACARJ), de 1988, as edições de cartões-postais vendidos pela Livraria Universal: “[...] foram muitas e variadas, ora coloridas, ora preto e branco, aqui numeradas, ali não, numa sucessão de "bilhetes", "cartes" e "tarjetas" postais que, reunidas, valem por uma verdadeira reconstituição da geografia urbana de Belém”<sup>233</sup>.

João Lúcio Azevedo (1855-1933), antes de se tornar um conhecido historiador português, trabalhou como caixeiro da Livraria Universal e, posteriormente, casou-se com Ana Amélia Botelho, filha de Mariano Botelho.

O *débaclê* da economia da borracha dificultou os negócios de muitos comerciantes, os obrigando a migrar para outras localidades mais prósperas, como Vicente Salles, no opúsculo *O Riso e o Siso de mestre Angelus*, relata:

<sup>230</sup> ESPAÇO ABERTO. **Belém nos tempos:** a livraria Tavares Cardoso. 24.02.2016. Disponível em: <http://blogdoespacoaberto.blogspot.com/2016/02/belem-nos-tempos-livraria-tavares.html>. Acesso em: 01.12.2019.

<sup>231</sup> GUIMARÃES, Luiz Antonio Valente. **De chegadas e partidas:** migrações portuguesas no Pará (1800-1850). Orientador: Antônio Otaviano Vieira Júnior. 2016. 371 f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: [http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/7231/1/Tese\\_ChegadasPartidasMigracoes.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/7231/1/Tese_ChegadasPartidasMigracoes.pdf) Acesso em: 05 de setembro de 2019, f. 24.

<sup>232</sup> REVISTA PARAENSE, Belém, v. 1, n. 6, p. 5, 10 de abril de 1909.

<sup>233</sup> CARTA MENSAL ACARJ, Rio de Janeiro, n. 9, p. 4, out. 1988.

Dias difíceis da segunda década do século XX, com as agravantes da situação mundial que não podia deixar de se refletir entre nós. Belém de 120 mil habitantes nos primeiros anos do século, depois da quebradeira chegou a ter a população reduzida. Deixou de receber imigrantes, e expeliu para suas origens portuguesas João Lúcio de Azevedo. Manaus viveu a mesma experiência desalentadora, estagnando-se, perdendo parte de sua inteligência<sup>234</sup>.

João Lúcio Azevedo retornou à sua terra natal e tornou-se um rico comerciante, o que o auxiliou a abrir uma filial da Universal em Lisboa<sup>235</sup>.

Essa livraria era muito refinada e fazia jus ao nome Universal, pois boa parte dos livros e revistas eram importados e chegavam a Belém via Livraria Tavares Cardoso. Importados não eram só os livros nela vendidos, como também os elementos estruturais e ornamentais que compunham o estabelecimento que vieram da Inglaterra. O prédio tinha três andares. Ressalta-se, também, que esse estabelecimento fazia exposições de arte<sup>236</sup>.

O prédio existe até os dias de hoje, ainda é um estabelecimento comercial, mas ao invés de vender livros, lá são vendidas confecções. A edificação está um pouco descaracterizada no pavimento inferior, porém no andar superior é possível ver as linhas originais de um belo prédio com influência mourisca.

Foto 51 - Fachada da Livraria Universal nos tempos áureos.



Fonte: REVISTA PARAENSE (1909, p. 5).

Foto 52 - Loja Aline Modas local onde funcionava anteriormente a Livraria Universal.



Fonte: Acervo particular.

<sup>234</sup> SALLES, Vicente. **O Riso e o siso de Mestre Angelus**. Brasília: Microedição do autor, 1998, p. [7].

<sup>235</sup> O trânsito de João Lúcio de Azevedo entre importantes temas historiográficos lusos e amazônicos lhe rendeu uma homenagem em 28 de setembro de 2017 (Ver MONTEIRO, Glauce. **Embaixador de Portugal Assina Cátedra do Instituto Camões na UFPA**. 29.09.2017. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/658-embaixador-de-portugal-assina-catedra-do-instituto-camoes-na-ufpa>. Acesso em: 18.08.2019), quando foi instituída a Cátedra João Lúcio de Azevedo; esta cátedra está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia e à Pró-Reitoria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pará e visa: “estreitar os laços de cooperação entre instituições de investigação brasileiras e portuguesas. A Cátedra enfatiza os estudos nos campos da História e da Cultura, bem como as suas interfaces com o patrimônio, a literatura e as artes, o urbanismo, entre outras áreas complementares, na perspectiva de contribuir para a ampliação dos conhecimentos sobre a história e a cultura luso-amazônica”. Desde sua criação, a Cátedra tem a Professora Dra. Maria de Nazaré Sarges como diretora (Cf. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Cátedra João Lúcio de Azevedo. **Histórico**. 2018. Disponível em: <https://cjlida.blogspot.com/p/historico.html>. Acesso em: 18.08.2019).

<sup>236</sup> MACHADO, 2008, *op. cit.*, p. 83-84.

Descendo a R. João Alfredo, n. 59, encontrava-se a *Livraria Clássica*, que possuía uma outra filial no número 61 da mesma rua. Uma das mais antigas livrarias de Belém, fundada em 1885 por João Garibaldi Tavares Viana e Manoel Francisco da Silva; e, posteriormente, foi adquirida pelo português Joaquim Batista dos Santos<sup>237</sup>. A Clássica foi a livraria mais insigne em relação à confecção de livros didáticos no Pará<sup>238</sup>.

Foto 53 - Etiqueta da Livraria Clássica



Fonte: MLM. (2019).

Foto 54 - Carimbos da Livraria Clássica



Fonte: MLM. (2019).

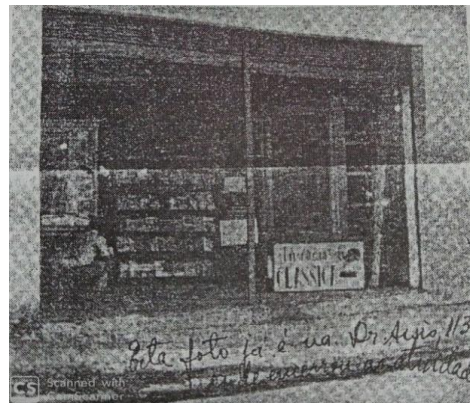
A Clássica foi uma das livrarias mais longevas que Belém teve. Funcionou de 1885 até meados dos anos 1960 na Rua João Alfredo, depois sua sede foi transferida para a Trav. Padre Eutíquio, por lá permanecendo por quase vinte anos, apenas nos segmentos de papelaria, livraria e encadernação; passados treze anos, uma nova mudança de sede ocorreu, desta vez, o bairro escolhido foi a Cidade Velha, mais precisamente na Rua Doutor Assis, n. 113; porém três anos depois, a Clássica declarou falência<sup>239</sup>.

Foto 55 - Alexandre Couto, um dos proprietários da Livraria Clássica.



Fonte: REGO (2002, p. 25).

Foto 56 - Última sede da Livraria Clássica.



Fonte: CLÁSSICA (1973, p. 11)<sup>240</sup>

<sup>237</sup> CLÁSSICA, uma livraria de muito passado. **A Província do Pará**, Belém, 17-18 de junho de 1973, p. 11.

<sup>238</sup> MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr. Aspectos econômicos políticos e educacionais na primeira metade do século XX. In: MEIRA, Clóvis; ILDONE, J.; CASTRO, Acyr. **Introdução à literatura no Pará**. Belém : Cejup, 1990, v. 1., p. 87.

<sup>239</sup> REGO, *op cit.*, p. 26.

<sup>240</sup> CLÁSSICA, 1973, *op. cit.*, p. 11.

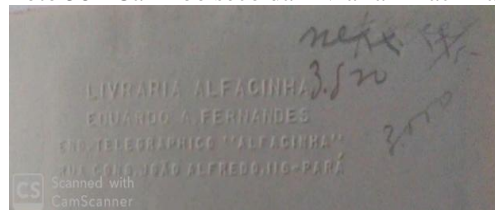
Ainda na R. João Alfredo, mais adiante, no n. 79 encontrava-se a *Livraria Maranhense*, de Antônio de Almeida Faciola, e, por fim, no número 116, a *Livraria Alfacinha*<sup>241</sup>, que inicialmente foi criada por Tavares Cardoso<sup>242</sup> e, posteriormente, vendida a Alfredo Pinheiro, que por sua vez, repassou a firma para seu irmão Altino Pinheiro, modificando o nome do estabelecimento para *Papelaria da Moda*<sup>243</sup>.

Foto 57 - Carimbo da Livraria Maranhense



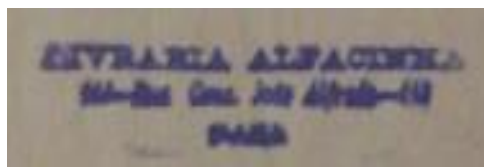
Fonte: MLM (2019).

Foto 58 - Carimbo seco da Livraria Alfacinha



Fonte: MLM (2019).

Foto 59 - Carimbo úmido da Alfacinha



Fonte: MLM (2019).

Foto 60 - Livraria Alfacinha



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: CANCELA, 2012, p. 24<sup>244</sup>

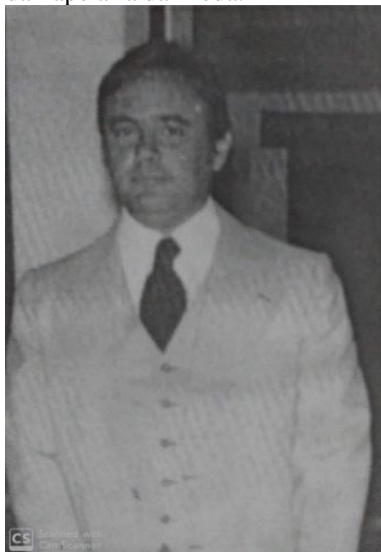
<sup>241</sup> O nome Alfacinha é típico para se referir aos lisboetas, e, de fato, advém da verdura alface. Guilherme Martins adverte que o uso do termo no diminutivo tem duas acepções: tanto pode ser considerado afetuoso, quanto depreciativo. Como pontua Martins, a explicação pende mais para a segunda acepção, quando diz que: “[...] É que provavelmente foram os moçárabes dos arrabaldes, a quem os lisboetas chamavam saloios (da palavra çaloio, que era o tributo pago pelos padeiros mouros de Lisboa), que devolveram o cumprimento, comparando os lisboetas a grilos pelo gosto das alfaces que cultivavam, comiam e encomendavam aos almocreves que pagavam os seus tributos nas portas de Benfica para entrarem na cidade”. (Cf. MARTINS, Guilherme D’ Oliveira. **Por que alfacinhas?** Centro Nacional de Cultura. 01.08.2017. Disponível em: <https://www.cnc.pt/diario-de-agosto-i-porque-alfacinhas/>. Acesso em: 06.11.2019)

<sup>242</sup> Tavares Cardoso apostava muito na venda de cartões-postais, sendo estes produtos grande sucesso de vendas tanto na Livraria Universal quanto na Livraria Alfacinha. E estes dois estabelecimentos comerciais foram citados como expoentes de vendas de postais no estado do Pará por Samuel Gorberg. (Cf. GOLBERG, Samuel. **A Propaganda no Brasil através do cartão-postal: 1900-1950**. Rio de Janeiro: S. Gorberg, 2002, p. 23)

<sup>243</sup> REGO, *op cit.*, p. 29.

<sup>244</sup> CANCELA, Cristina Donza. **A Família na época da borracha**. Belém: Estudos Amazônicos, 2012. 60 p., p. 24 (Coleção Estudos Amazônicos. História).

Foto 61 - Altino Pinheiro, proprietário da Papelaria da Moda.



Fonte: REGO (2002, p. 24).

Foto 62 - Fachada da Papelaria da Moda

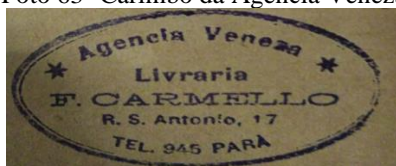


CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: GORBERG (2002, p. 61).

Outra via pública de grande concentração de estabelecimento de vendas de livros foi a Rua Santo Antônio. Neste logradouro, no n. 17, era possível encontrar a *Livraria Veneza*, dirigida por Olímpio Failache; passando duas casas, localizava-se a *Livraria Carioca*, de José Augusto Teixeira Pinto, que devido ao êxito que lograra com a venda de livros abriu outro estabelecimento na mesma rua com o nome de *Livraria Fluminense*, n. 45. Finalizando esse roteiro a professora Annunciada Chaves encontrava a *Livraria Pará-Intelectual* no n.138.

Foto 63- Carimbo da Agência Veneza



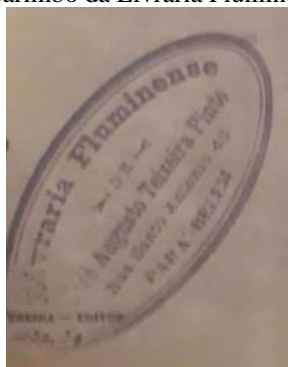
Fonte: MLM (2019).

Foto 64 - Carimbo da Livraria Pará-Intelectual



Fonte: MLM (2019).

Foto 65 - Carimbo da Livraria Fluminense.



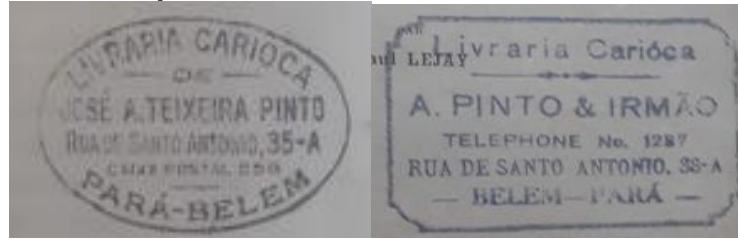
Fonte: MLM (2019)

Foto 66 - Fachada da Livraria Carioca.



Fonte: REGO (2002, p. 38)

Foto 67 - Variações do Carimbo da Livraria Carioca



Fonte: MLM (2019).

A Travessa Padre Eutíquio também era um local de alta concentração de livrarias; no n. 98, era possível encontrar a *Livraria Vitória*, dirigida por Raimundo Saraiva Freitas & Cia. Conforme Elias Ribeiro Pinto, essa livraria: “foi a primeira que Benedito Nunes frequentou. ‘Eu era muito novinho e não tinha dinheiro, mas dava para comprar os pequenos livros da coleção *Os Pensadores*, da Editora Vecchi, que trazia entre outros, excertos de *Schopenhauer* e o *Breviário do Homem de Bem*, de Benjamin Franklin [...]’ recorda o professor”.<sup>245</sup> Passando três casas, era possível encontrar a *Livraria Moderna*, cujo proprietário era Sabino Silva; mais adiante, no n. 105, ficava a *Livraria Globo* (atualmente neste local funciona a Papelaria Brazz Brazz), a qual era dirigida por Alberto da Luz Pinheiro<sup>246</sup>. No final da rua, n. 179, se encontrava o representante comercial *Rocha Falcão & Cia.*

Foto 68 - Carimbo da Livraria Vitória.



Fonte: MLM (2019).

Foto 69 - Carimbo da Livraria Moderna.



Fonte: MLM (2019).

Foto 70 - Variação do Carimbo da Livraria Moderna.



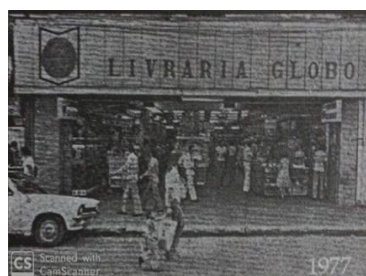
Fonte: MLM (2019).

Foto 71 - Alberto Pinheiro, proprietário da Liv. Globo.



Fonte: REGO (2002, p. 23).

Foto 72 - Sede da Livraria Globo.



Fonte: REGO (2002, p. 23).

Foto 73 - Carimbo do representante comercial Rocha Falcão &amp; Cia.



Fonte: MLM (2019).

<sup>245</sup> PINTO, Elias Ribeiro. *Livrarias e Leitores de Belém. Asas da Palavra*, Belém, v. 6, n. 12, p. 56, jul. 2001.

<sup>246</sup> Alberto Pinheiro migrou de Portugal para Belém em 1913, iniciou-se no mercado livreiro como funcionário da Livraria Martins, mas posteriormente abriu seu próprio negócio. O Sr. Alberto se especializou na área tipográfica e de papelaria, o que levou a quatorze anos após a sua chegada a Belém a firmar a sua livraria.

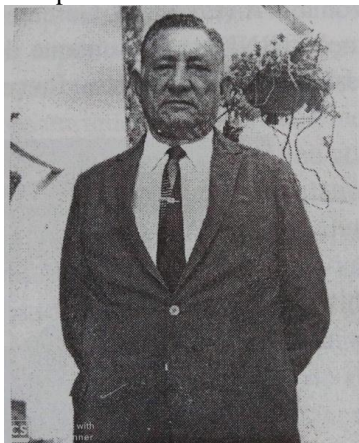
Descendo a Tv. Padre Eutíquio, era possível encontrar na Rua Senador Manoel Barata, no n. 60, a *Livraria Companhia Editora Nacional*, dirigida pelo Sr. Antônio Pereira do Nascimento, local onde Annuciada Chaves adquiriu as suas *Brasilianas*. E mais adiante, no n. 346, era possível encontrar a *Livraria de Freitas e Cia*.

Foto 74 - *Brasilianas* do Acervo Annuciada Chaves.



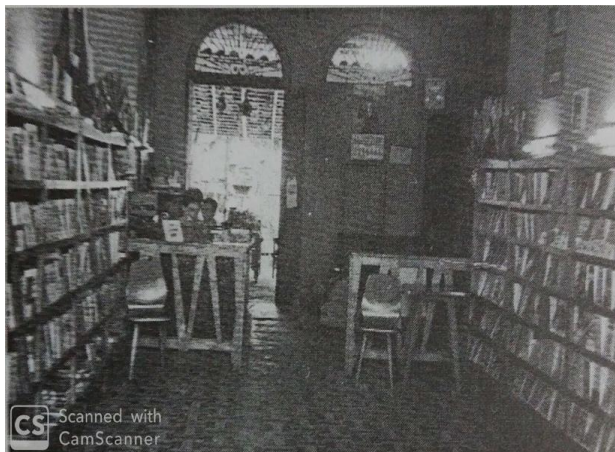
Fonte: MLM (2019).

Foto 75 - Antônio Pinheiro do Nascimento, representante em Belém da Companhia Editora Nacional



Fonte: REGO (2002, p. 29).

Foto 76 - Sede da Representação da Companhia Editora Nacional em Belém



Fonte: REGO (2002, p. 30).

Annuciada Chaves frequentava também as livrarias da Rua 13 de maio, assim, no n. 442, era possível encontrar a *Livraria Olinda*, que tinha E. Dumas de Aguiar como proprietário, e mais adiante, no n. 524, se localizava a *Livraria Grão-Pará*.



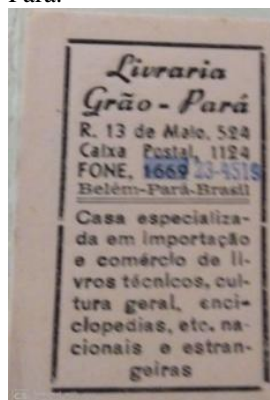
Foto 77 - Carimbo da Livraria Olinda



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: MLM (2019).

Foto 78 - Etiqueta da Livraria Grão-Pará.



Fonte: MLM (2019).

Na Travessa Campos Sales, era possível localizar livrarias muito famosas de Belém, tais como: a *Agência Martins*, n. 15, dirigida por Albano Martins, que além de livros era um importante centro de venda de jornais e artigos de papelaria; passando seis casas, ficava a *Livraria Escolar*, de propriedade de Porto de Oliveira, que fazendo jus a seu nome, se ocupava de fornecer obras didáticas. Este estabelecimento não se dedicava somente à venda, como também à editoração de livros didáticos<sup>247</sup>.

Foto 79 - Carimbo seco da Agência Martins.



Fonte: Fonte: MLM (2019).

Foto 80 - Propaganda da Agência Martins.



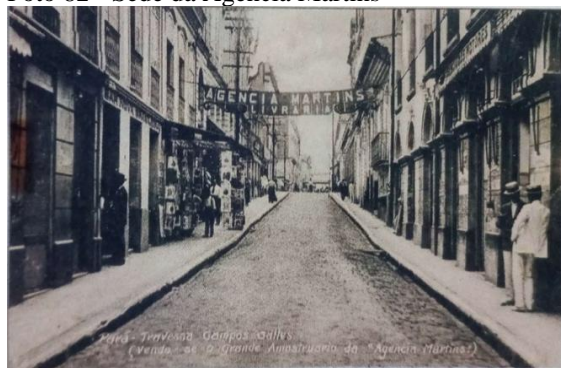
Fonte: REVISTA PARAENSE.

Foto 81 - Carimbo da Agência Martins.



Fonte: MLM (2019).

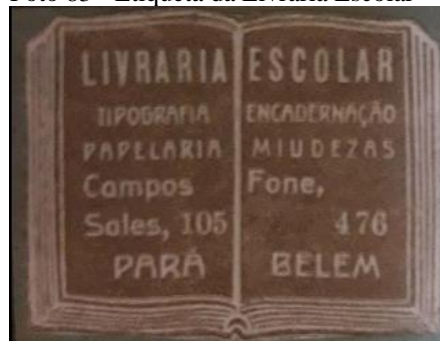
Foto 82 - Sede da Agência Martins



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: GORBERG (2002)<sup>248</sup>.

Foto 83 - Etiqueta da Livraria Escolar



Fonte: MLM (2019).

<sup>247</sup> REGO, *op. cit.*, p. 37.<sup>248</sup> GORBERG, *op. cit.*, p. 86.

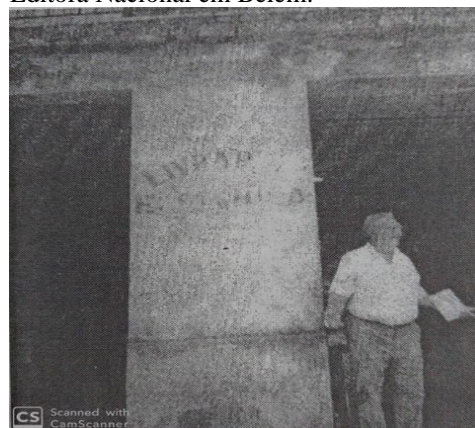
Distante dali, no n. 284, se encontrava a *Livraria Econômica*, de Eduardo Failache, no pavimento inferior do Hotel Nova América, próximo ao antigo prédio da Biblioteca e Arquivo Público do Estado do Pará (atual Arquivo Público do Estado do Pará)<sup>249</sup>. A Livraria econômica vendia livros técnicos, didáticos e muitos livros sobre a Amazônia.

Foto 84 - Eduardo Failache, proprietário da Livraria Econômica.



Fonte: REGO (2002, p. 33).

Foto 85 - Sede da Representação da Companhia Editora Nacional em Belém.



Fonte: REGO (2002, p. 33).

Caminhando para o sentido oposto da Tv. Campos Sales, encontramos a Rua 28 de setembro, e nesta, no n. 119, a Livraria do Povo, também dirigida por Joaquim Batista dos Santos. Ela era uma filial da Livraria Clássica (que estava sediada na R. João Alfredo, n. 51).

Foto 86 - Etiqueta da Livraria do Povo.



Fonte: MLM (2019).

<sup>249</sup> Em 1984, houve a desanexação da Biblioteca (que passou a se chamar Biblioteca Pública Arthur Vianna) do Arquivo Público. A biblioteca foi abrigada no Centro Cultural Tancredo Neves (atual Fundação Cultural do Pará), sito à Av. Gentil Bittencourt, n. 650, e o Arquivo Público do Estado do Pará permanece na Tv. Campos Sales, n. 273. Cf. TORII, Leonardo da Silva. *O Guardião da memória do Estado do Pará: acesso à informação e a política na criação do Arquivo Público do Estado do Pará (1894-1906)*. Orientadora Professora Dra. Magda Ricci. 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

Seguindo mais adiante, na Rua 15 de novembro, no n. 89, encontrávamos a *Livraria Brasil*, que era contígua ao Banco Moreira Gomes, cujo proprietário era Manoel Brito Lourenço. Este estabelecimento livreiro anteriormente denominava-se Livraria Contemporânea e estava sediada na R. João Alfredo, n. 20<sup>250</sup>.

Foto 87 - Carimbo da Livraria Brasil.



Fonte: MLM (2019).

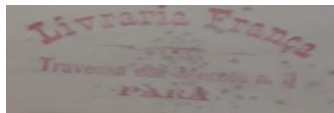
Foto 88 - Manoel Brito Lourenço proprietário da Livraria Contemporânea.



Fonte: REGO (2002, p. 29).

Saindo da Rua 15 de novembro, bem de esquina com a Tv. Frutuoso Guimarães, n. 15, se encontra a *Livraria Nossa Senhora Rainha dos Corações*, geminada à Igreja das Mercês, a livraria é especializada em livros católicos e existe até os dias de hoje. Mas adiante, na Tv. das Mercês, no n. 1, se localizava a *Livraria França*.

Foto 89 - Carimbo da Livraria França



Fonte: MLM (2019).

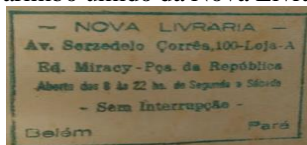
Foto 90 - Carimbo da Livraria N. S. Rainha dos Corações  
Carimbo da Liv. N. Sra Rainha dos Corações



Fonte: MLM (2019).

Na rua Conselheiro Furtado, ficava a livraria *Ponto e Vírgula*, especializada em livros para ensino de idiomas. Andando pela Av. Serzedelo Corrêa, n. 100, encontrava-se o comércio de livros, *Nova Livraria*.

Foto 91 - Carimbo úmido da Nova Livraria.



Fonte: MLM (2019).

Foto 92 - Carimbo seco da Livraria Ponto e Vírgula.



Fonte: MLM (2019).

<sup>250</sup> REGO, *op. cit.*, p. 28.

Descendo a Av. Serzedelo Corrêa, atravessando a Tv. Gama Abreu, encontrava-se a Av. 15 de Agosto (atual Av. Presidente Vargas); no n. 134, funcionava a *Livraria Salão Chic*, cujo proprietário era José Cortinhas Henriques.

Foto 93 - Carimbo da Livraria Salão Chic.



Fonte: MLM (2019).

Descendo mais ainda na Av. Presidente Vargas, no n. 18, no Edifício Palácio do Rádio, funcionou a *Livraria D. Quixote*, cujo proprietário era o jornalista e escritor Haroldo Maranhão. A *D. Quixote* teve uma duração curtíssima, pois foi inaugurada no início de 1960 e fechada em fins de 1961, quando seu proprietário se mudou para o Rio de Janeiro. Mas fez grandes realizações durante a sua breve existência, por exemplo, nela teve uma noite de autógrafos da obra *Furacão sobre Cuba*, escrita por Jean Paul Sartre, que acompanhado de Simone Beauvoir<sup>251</sup>, autografaram vários dos livros que produziram para uma imensa concentração de fãs de seus trabalhos. Foi a primeira livraria de Belém a ter ambiente climatizado, além disso o seu horário de funcionamento era bem extenso.

Foto 94 - Etiqueta da Livraria D. Quixote.



Fonte: MLM (2019).

Foto 95 - Propaganda da Livraria D. Quixote.



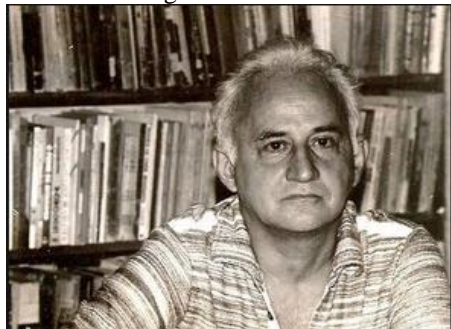
Fonte: MLM (2019).

Fora do circuito tradicional de ruas localizadas entre os bairros do Comércio e da Campina, tínhamos na Rua dos Tamoios, n. 1592, a famosa *Livraria Jinkings*; seu proprietário

<sup>251</sup> PINTO, Elias Ribeiro, *op cit.*

era Raimundo Jinkings, livreiro e ativista político comunista, que comprou aquele ponto comercial que antes era a *Boate Batuk*, o feito inusitado rendeu até uma matéria nos principais meios de comunicação da época<sup>252</sup>.

Foto 96 - Raimundo Jinkings, proprietário da Livraria Jinkings. Foto 97 - Sede da Livraria Jinkings.



Fonte: COSTA; ASSUNÇÃO (2019, p. 133)<sup>253</sup>.



Fonte: COSTA; ASSUNÇÃO (2019, p. 133)<sup>254</sup>.

Raimundo Jinkings era bancário. Trabalhou no Banco da Amazônia (BASA), mas sua esfuziante atuação política durante o período da ditadura militar, insuflando greves, lhe acarretou inúmeras prisões e a consequente exoneração do cargo. Para sustentar sua família, ele foi vender livros nas feiras livres de Belém, depois passou a vendê-los de porta em porta, posteriormente, se tornou representante comercial da Editora Brasiliense, até conseguir fundar em 22 de outubro de 1965, a sua própria livraria<sup>255</sup>.

Em pouco tempo, a Livraria “Jinkings” se tornou o ponto de encontro de muitos intelectuais em Belém, e por isso, atraiu o patrulhamento constante do Serviço Nacional de Informações (SNI), e boa parte de seu estoque foi apreendido pela Polícia, pois os censores da Ditadura condicionavam a subversão a algumas palavras-chave, todavia esse critério da censura era muito raso e grande parte das obras recolhidas nada tinham de caráter subversivo<sup>256</sup>.

Prova disto, foi o relato de Isa Jinkings, que durante a Feira Pan-Amazônica do Livro, relatou alguns episódios de intervenções ocorridos na livraria, como certa vez que a obra *Reunião*, de Carlos Drummond, foi recolhida somente pelo fato de possuir o título sugestivo a uma ação que geralmente os grupos subversivos praticavam, entretanto, o título escolhido para

<sup>252</sup> BEVILAQUA, Jaime. Fantástico. Fechou boate, abriu livraria. **A Província do Pará**, Belém, 30 set. 1979. Cad. A, p. 10.

<sup>253</sup> COSTA, Elisângela Silva da; ASSUNÇÃO, Suelene Santana. Estudo bibliométrico do Acervo Raimundo Jinkings, integrante do Memorial do Livro Moronguêta da UFPA. In: TERRA, Guilhermina de Melo (org.). **Biblioteconomia e os ambientes de informação**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2019. p. 132-139. (Biblioteconomia e os Ambientes de Informação; v. 2), 2V., v. 2. DOI 10.22533/at.ed.42219220514

<sup>254</sup> *Ibid.*

<sup>255</sup> ASSUNÇÃO, Suelene Santana. **O Livreiro Raimundo Jinkings: a venda de livros e a divulgação do Comunismo no período da Ditadura Militar em Belém – PA**. 2015. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

<sup>256</sup> OLIVEIRA, Alfredo. **Cabanos & Camaradas**. Belém: [s.n.], 2012.

denominar a obra dizia respeito a uma coletânea de escritos do eminente poeta mineiro, e nada tinha a ver com a congregação de pessoas avessas à Ditadura Civil Militar Brasileira<sup>257</sup>.

Outra obra que também foi recolhida das prateleiras da Livraria Jinkings foi *O Vermelho e o Negro*, de autoria de Stendhal, desta vez o termo que chamou a atenção dos censores foi o “vermelho”, cor constantemente associada ao pensamento esquerdista, devido ser a cor da bandeira de nações expoentes da defesa da ideologia comunista, tais como: a Rússia e a China. Contudo, novamente o “vermelho” do título dessa obra não era uma apologia ao Comunismo, na realidade o romance trata da vida de Julien Sorel, que pretendia prosperar na vida, e na França do século XIX as formas mais comuns de ascender economicamente eram: ou se tornar padre (cuja vestimenta era preta), ou se tornar militar (cuja vestimenta era vermelha), o livro trata da dualidade na escolha deste rapaz que estava em dúvida sobre qual ofício ia seguir para ser socialmente bem aceito<sup>258</sup>.

Com o processo de abertura política e as *Diretas Já*, Raimundo Jinkings pôde exercer seu ofício de livreiro com mais liberdade. A Jinkings se expandiu, além da matriz da Batista Campos, abriu mais uma filial no *Shopping Iguatemi* (atual *Shopping Pátio Belém*) em 1993, outra no Colégio Moderno, e nos municípios de Santarém, Castanhal e até no Estado do Amapá.

Após intensa atividade livreira e política, Raimundo Jinkings faleceu em 05 de outubro de 1995. Em 2013, o que restou do estoque da livraria e a biblioteca particular do livreiro comunista foram doados para o Memorial do Livro Moronguêta e atualmente encontram-se no Centro de Memória da Amazônia.

### 1.3 Traços bibliofílicos de Maria Annunciada Chaves

A professora Annunciada Chaves trouxe do berço a afeição pelos livros. Gostava de ler e era conhecida e admirada por ter um *background* cultural vastíssimo. Seus escritos, quer fossem para fins de socialização, ou quer fossem para o ensino, sempre estavam impecavelmente guarnecidos de fontes acuradas e de uma copiosa bibliografia.

Sempre que alguém lhe apresentava textos para a sua apreciação, costumava inquirir ao proponente que fizesse uma revisão de literatura ou um levantamento do estado de arte daquele assunto, a fim de obriga-lo a consultar bibliotecas; posto que a Professora Annunciada Chaves constantemente dizia que nenhum assunto emerge do nada, pois na maioria das vezes em que pensamos que somos pioneiros na feitura de alguma pesquisa, muito provavelmente alguém em

---

<sup>257</sup> ASSUNÇÃO, *op.cit.*, p. 32.

<sup>258</sup> *Ibid.*, p. 33.

algum ponto do mundo, ou em alguma era já desenvolveu estudos sobre aquele assunto, ou algo a ele relacionado. Daí, a necessidade de se fazer um estudo do estado de arte aprofundado de nossos possíveis objetos de estudo, para não cometermos equívocos ou injustiças<sup>259</sup>.

De acordo com Humberto Eco, a bibliofilia é “o amor ao objeto livro, mas também a sua história”<sup>260</sup>. Para o historiador italiano, o bibliófilo tem uma relação profunda com o livro que vai além da mera acumulação, da valorização de aspectos estéticos, ou do reconhecimento de seu valor literário ou histórico, pois a bibliofilia transcende o colecionismo, porque o bibliófilo conhece a importância do assunto, mas também as técnicas de encadernação, de fabricação de papel; as edições limitadas ou clandestinas; os *ex-libris*, dedicatórias ou autógrafos que tornam aquele livro raro ou especial. Assim, conforme Humberto Eco, um bibliófilo é mais do que um colecionador, ele é um pesquisador, um historiador<sup>261</sup>, que não apenas valoriza o livro por sua aparência estética e seu valor histórico e literário, como eventualmente doa seu acervo para que seja disponibilizado a uma audiência maior, geralmente em bibliotecas públicas. O bibliófilo não é apenas um colecionador, mas também pesquisador e historiador. Ele conhece o livro, a história de como foi feito, por quem, para quê e onde. É capaz de ver nas marginais, no frontispício, na tipologia e nas entrelinhas, reflexos de épocas passadas.

Não existe um estereótipo de bibliófilo, porém estudos de Étienne Gabriel Peignot<sup>262</sup>, Albert Cim<sup>263</sup>, Rubens Borba de Moraes<sup>264</sup> e Richard Bury<sup>265</sup>, nos ajudam a compreender essa forma de colecionismo. Embora nunca tenham se referido à professora Anunciada Chaves como bibliófila<sup>266</sup>, a proporção e qualidade de seu acervo, bem como outras características que pude observar, podem ajudar a entender esta intelectual como uma bibliófila. Desta feita, dentre os traços bibliofilia manifestados por Anunciada Chaves podemos destacar:

- a. Feitura de anotações em papéis avulsos e não nas páginas dos livros: essa característica de Anunciada Chaves é uma medida de conservação das páginas do livro, pois a

<sup>259</sup> FIGUEIREDO, Aldrin, historiador, professor da UFPA. **Informações verbais**. Belém, 14 de outubro de 2019.

<sup>260</sup> ECO, Humberto. **A Memória vegetal**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 37.

<sup>261</sup> *Ibid.*

<sup>262</sup> PEIGNOT, Étienne Gabriel. **Manual du bibliophile, ou Traité du choix des livres**. Oxford: OUP, 1823. Disponível em: <https://archive.org/details/manualdubibliop00peiggoog/page/n4/mode/2up>. Acesso em: 15.07.2022.

<sup>263</sup> CIM, Albert. **Petit manuel de l'amateur de livres**. Paris : E. Flammarion, 1908. Disponível em: <https://archive.org/details/petitmanueldelam00cimauoft/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 15.07.2022.

<sup>264</sup> MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 3. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1998.

<sup>265</sup> BURY, Richard. **Philobibliion**. Cotia, SP: Atelie Editorial, 2007.

<sup>266</sup> AZEVEDO, Fabiano Cataldo; SILVA, Kátia Leal da; COSTA, Elisangela Silva da. Bibliófilas, sim! Breves apontamentos sobre duas bibliotecas de mulheres brasileiras. **Herança**, Lisboa, 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/44330753/Bibliófilas\\_sim\\_Breves\\_apontamentos\\_sobre\\_duas\\_bibliotecas\\_de\\_mulheres\\_brasileiras](https://www.academia.edu/44330753/Bibliófilas_sim_Breves_apontamentos_sobre_duas_bibliotecas_de_mulheres_brasileiras). Acesso em: 20.02.2021.

inscrição no papel, causa desgastes, e dependendo do material de escrita utilizado, é possível que o papel seja corroído se a tinta for muito ácida;

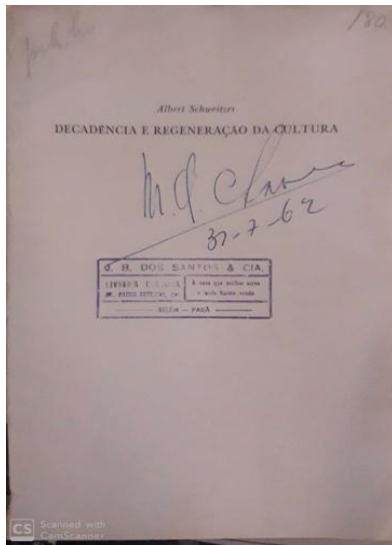
- b. Identificação da maioria de suas obras por meio de *ex-libris* manuscrito ou carimbos úmidos: a personalização de um item com a marca do proprietário é uma das maiores expressões de bibliofilia existentes: Uma característica bibliofílica importante da professora Annunciada Chaves reside na identificação de seus livros por meio de carimbos ou de sua assinatura. Entretanto, como foi visto anteriormente, não foi encontrado *ex-libris* impresso do sujeito da pesquisa, esse era um hábito contumaz entre os amantes de livros, principalmente entre colecionadores de livros abastados, tais como: José Rodrigues da Silveira Netto (ver foto 19), Palma Muniz e Theodoro Braga. A existência do *ex-libris* impresso da professora Annunciada Chaves ainda não foi descartada, uma vez que há esperança de que o CMA ainda receba uma parcela dos livros que pertenceram à professora Annunciada Chaves que foram despejados na rua (a exemplo do que vinha acontecendo no Memorial do Livro Moronguêta); portanto, é possível que em algum livro que foi pego por algum transeunte contenha esta marca de propriedade;
- c. Costume de frequentar as principais livrarias de Belém aos sábados à tarde: esse *hobby* de fim de semana, de sempre em busca de novidades livrescas e de conversas com outros intelectuais, que como ela, eram devotos dos bens culturais. Essa busca por novidades livrescas também constitui uma característica da bibliofilia muito presente em pessoas que tem paixão pelos livros, como dizia José Mindlin, “a garimpagem provoca emoção, muito mais do que a posse do livro. Quando acontece um grande achado, o coração bate mais forte. É um prazer ter o livro na estante, mas encontrá-lo é outra emoção. São duas coisas diferentes”<sup>267</sup>.

---

<sup>267</sup> MINDLIN, José. O Bibliófilo e a leitura. In: ABREU, Márcia. (org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999, p.114.

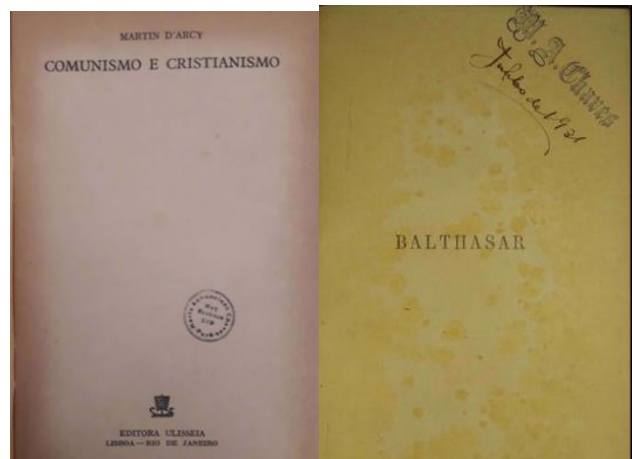


Foto 98 - *Ex-libris* manuscrito de Annuciada Chaves.



Fonte: Pesquisa de campo, nov. 2022.

Foto 99 - Modelo de carimbos úmidos utilizados por Annuciada Chaves.

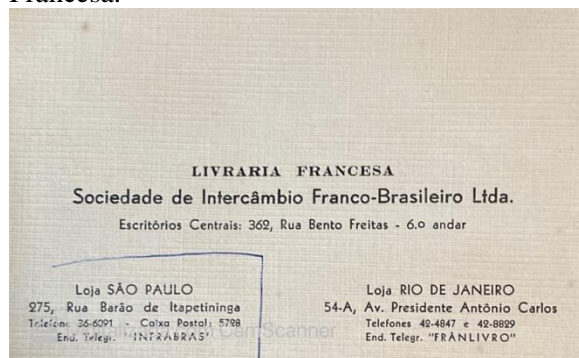


Fonte: Pesquisa de campo, nov. 2022.

- d. Aquisição de livros contendo *ex-libris* ou carimbos de intelectuais renomados;
- e. Uso de *super-libris*;
- f. Manutenção de mais de um exemplar de um mesmo livro, sendo que um continha dedicatória ou autógrafo e outro exemplar que era efetivamente usado;
- g. Adquirir várias edições de uma mesma obra;
- h. Encadernação de luxo: principalmente em suas *Brasilianas* e em seus livros em língua francesa. As encadernações de luxo com as quais a Professora Annuciada Chaves guarnecia alguns de seus livros também constitui uma característica de seu apreço à cultura impressa.
- i. Manutenção de uma sequência de livros de acordo com sua aquisição, criando uma espécie de memória do desenvolvimento de sua biblioteca;
- j. Primeiras edições de obras literárias de relevância regional, nacional ou internacional;

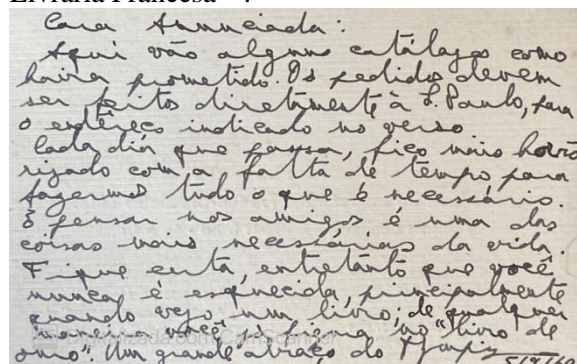
- e. Coleção de catálogos de livreiros: principalmente da livraria Kosmos e de Raridades Bibliográficas, permitindo a atualização da bibliófila e alimentando o desejo de futuras aquisições. Anunciada costumava comprar coleções inteiras e procurar livros que eram do seu interesse. Ela possuía contato direto com livreiros e recebia catálogos para fomentar ainda mais a aquisição de obras, como pode ser visto no cartão abaixo;

Foto 100 – Anverso do Cartão da Livraria Francesa.



Fonte: CMA. Acervo Anunciada Chaves (2023).

Foto 101 – Inscrições no verso do Cartão da Livraria Francesa<sup>268</sup>.



Fonte: CMA. Acervo Anunciada Chaves (2023).

- f. Disponibilização de mobiliário adequado para armazenamento dos livros: a casa de Anunciada Chaves possuía uma quantidade infinita de estantes que iam da sala à cozinha. Apesar de ter um espaço próprio destinado à biblioteca da casa, onde a professora gostava de receber as visitas, o crescimento exponencial de seu acervo demandava a obtenção de infindáveis móveis para o adequado armazenamento. Daniela Damaso, comunicadora social que entrevistou a profa Anunciada Chaves para o seu TCC, relatou que: “Em cada sala, há mais de cinco estantes repletas de raridades de várias áreas do conhecimento. Há também volumes guardados em armários, no porão: que, bem conservado, nega certa reminiscência literária de porões bolorentos que

<sup>268</sup> Cara Anunciada//

Aqui vão alguns catálogos como //  
havia prometido. Os pedidos devem //  
ser feitos diretamente à São Paulo para //  
o endereço indicado no verso.  
Cada dia que passa fico mais hor-//  
rorizado com a falta de tempo para //  
fazermos tudo o que é necessário. //  
E pensar nos amigos é uma das //  
coisas mais necessárias da vida.//  
Fique certa, entretanto, que você //  
nunca é esquecida, principalmente //  
quando vejo um livro, de qualquer //  
maneira você já figura no “Livro de //  
Ouro. Um grande abraço do Muniz, //  
05.09.60.

ocultam mistérios”<sup>269</sup>. Pela descrição feita pela comunicóloga e a visualização da foto abaixo é possível depreender que a professora Anunciada Chaves despendia muito espaços para abrigar confortavelmente seus livros.

Foto 102 - Conjunto de estanterias da casa da Professora Anunciada Chaves



Fonte: FÓRUM LANDI (2006)<sup>270</sup>

---

<sup>269</sup> DAMASO, 1997, p. 6.

<sup>270</sup> FÓRUM LANDI (2006). Arquivo fotográfico.

- k. A completeza das coleções: Maria Annunciada Chaves procurava adquirir coleções em sua integridade, não importando o volume monetário que iria dispor para adquirir aquele conjunto. Essa obsessão por concatenar todos os exemplares de uma coleção é muito bem explanada por Rubens Borba de Moraes, ao dizer: “[...] O prazer de colecionar, a emoção de encontrar um livro procurado há anos, a volúpia de completar as obras de um autor, é para o milionário que paga uma fortuna por um livro, a mesma do pobretão que encontra num sebo o volume sonhado”<sup>271</sup>;
- l. Adquirir obras que versam sobre História do livro, editoração, encadernação, tipos de papel etc. Inclusive, Annunciada Chaves possuía um exemplar do *Petit manuel de l' amateur de livres*, de Albert Cim, um clássico da Bibliofilia.

Vale ressaltar que essas características não são rigidamente definidas na literatura supracitada, porém nos ajudam a visualizar, sobremaneira, do modo como um bibliófilo se comporta, visto que esse *modus operandi* é contumaz se levarmos em consideração a bibliografia consultada.

Nesta tese, procurou-se recontar a trajetória existencial da professora Annunciada Chaves por meio dos vestígios que ela deixou em sua biblioteca, neste sentido, marcas de propriedade (carimbos, *ex-libris*, *super-libris*) e marcas de circularidade (etiquetas, carimbos e selos de livraria) nos ajudam bastante na montagem desse mosaico. No próximo capítulo, serão analisados outros vestígios – as dedicatórias manuscritas e autógrafos existentes nos livros, a fim de desvelar a sua rede de sociabilidade.

---

<sup>271</sup> MORAES, Rubens, *op. cit.*, p. 25.

## CAPÍTULO 2 - DEDICATÓRIAS, AUTÓGRAFOS E REDE DE SOCIABILIDADE DE UMA HISTORIADORA PARAENSE: MARIA ANNUNCIADA CHAVES

As dedicatórias escritas por autores ou pessoas que presenteiam as outras com livros são uma prática de escrita que sublima os meros protocolos de cordialidade, elas denotam carinho, respeito e encantamento. São usadas para esboçar gratidão, contar histórias, ou como incentivo, algumas delas são extremamente impessoais e outras mais apresentam conotação jocosa. Todavia, independentemente do meio de expressão adotado, quer seja textual ou quer seja pictórico, esses escritos transcendem o mero ato de autografar ou de galordear a pessoa a quem o livro foi ofertado. As dedicatórias (de forma direta ou não) se incumbem de relatar uma história antes de outra história. A importância de uma dedicatória é tamanha que, inclusive, elas são consideradas critério de raridade em muitas bibliotecas brasileiras, preconizado, principalmente, pela Fundação Biblioteca Nacional<sup>272</sup>.

De modo gradativo, as dedicatórias vêm chamando a atenção de pesquisadores, especialmente dos que se ocupam com a História Cultural, com a História Social, com a História da Leitura e, mais recentemente, com as questões atinentes ao patrimônio bibliográfico. Neste capítulo em particular, irei me ocupar da análise das dedicatórias encontradas nos livros que pertenceram à professora Maria Annunciada Ramos Chaves no sentido de identificar a sua rede de sociabilidade e, de certa forma, poder extrair alguns traços de personalidade e informações extras que propiciarão deprender aspectos que auxiliem no estudo de sua trajetória existencial.

O escrutínio da biblioteca pessoal da professora Annunciada Chaves demonstra que as dedicatórias constantes nos livros que lhe foram ofertados se revelam como “traços de escrituralidade [...] que se distinguem como rastros documentais”<sup>273</sup>, e que, por conseguinte, requer não se perder de vista o seu aspecto histórico para o seu entendimento como um patrimônio bibliográfico.

A relevância do estudo das dedicatórias representa para o fazer histórico um caminho para se conhecer fragmentos das sensibilidades, de “admiração profissional ou pessoal, de afeto ou gratidão por dívida intelectual ou simples cortesia para um amigo ou familiar”<sup>274</sup>.

Acredita-se que o estudo das dedicatórias se torna apropriado no contexto do fazer historiográfico por estarmos trabalhando com o conceito de representação proposto por Chartier, o qual entende a representação como o relacionamento de uma imagem presente e de

---

<sup>272</sup> BRASIL. Biblioteca Nacional. **Crítérios para a qualificação de Obra Rara**. Rio de Janeiro, 1984, p. 1.

<sup>273</sup> RICOEUR, Paul. **A História, a memória, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007, p. 31.

<sup>274</sup> CEIA, Carlos. Dedicatória. In: CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/dedicatoria/>. Acesso em: 30.01.2018.

um objeto ausente, valendo aquela por este”<sup>275</sup>. Ou seja, ao analisar as dedicatórias contidas nos livros ofertados à professora Annunciada Chaves, foi feita uma tentativa de recuperar as relações que esta nutria com seus coetâneos, as estratégias por ela desenvolvidas para se manter atuante na cena intelectual, as pactuações existentes entre intelectuais brasileiros etc.

Os exemplares dos livros que pertenceram à biblioteca analisada, que foram entregues e armazenados inicialmente no Memorial do Livro Moronguêta e atualmente estão preservados pelo Centro de Memória da Amazônia (CMA), possui um montante de 2.805 livros, dos quais 396 possuem dedicatórias. Tais itens foram ofertados por: familiares, amigos, confrades, intelectuais, escritores iniciantes e ex-alunos. Considera-se que o colecionador mantém o livro como forma de preito, de amabilidade ou de benesse. Ana Chrystina Mignot comenta o significado das dedicatórias e a relação do leitor e seus escritos com o livro:

As dedicatórias ocupam geralmente as primeiras páginas dos livros, permitindo compreender sua circulação. Se as mensagens deixadas por intelectuais em livros enviados a interlocutores privilegiados permitem identificar redes de sociabilidade que são tecidas no universo das leituras, as palavras escritas em livros ofertados por leitores comuns também revelam muitas histórias de amor pela leitura [...]. Os livros guardam também outras escritas. Além das anotações, grifos, marcadores, trazem papéis que identificam os leitores, como ex-líbris e santinhos com mensagens.<sup>276</sup>

Traçando um breve perfil dos dedicantes, é possível perceber que Annunciada Chaves orbitou em meio a uma quantidade diversificada de profissionais, dentre eles: professores, historiadores, escritores, literatos, críticos de arte, políticos, médicos, advogados, engenheiros, religiosos e militares que, em sua grande maioria, pertenciam a instituições culturais ou políticas que movimentavam a cena intelectual regional e nacional como Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen, registram: “os intelectuais têm um processo de formação e aprendizado, sempre atuando em conexão com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e tendo intenções e projetos no entrelaçamento entre o cultural e o político”<sup>277</sup>.

Por meio deste levantamento, depreende-se que Annunciada Chaves e os demais intelectuais do seu círculo faziam parte daquilo que Sirinelli denominou de Redes de Sociabilidade, também conhecidas como Estruturas de Sociabilidade – as quais representam um instrumento elucidativo para interpretar a sistematização e a performance da esfera intelectual, com seus consensos e dissensos, liames e posicionamentos, o que nos ajuda a

<sup>275</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990, p. 21.

<sup>276</sup> MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Papéis guardados**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, Rede Sirius, 2003, p. 32.

<sup>277</sup> GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação: Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

compreender não só as aproximações entre Annuciada Chaves e escritores, jornalistas, professores, críticos de arte, como também os espaços frequentados por eles na sociedade brasileira.<sup>278</sup>

Ao esquadrihar as dedicatórias do acervo em tela, percebe-se que elas compreendem, em maioria, os anos de 1930 a 2001, e nos auxiliam a ratificar a atmosfera em que Annuciada Chaves era envolta, bem como as atividades que exercia naquele tempo, e suas redes de sociabilidade, que afirmavam suas escolhas pessoais, intelectuais e políticas. Neste mesmo período, é conhecido seu vínculo com instituições culturais. Os dedicatários, muitos deles autores das próprias obras ofertadas, assumem também esse vínculo com a cena intelectual regional e, em alguns casos, nacional.

Assim como Annuciada Chaves, muitos dos indivíduos que autografaram ou dedicaram obras para ela eram mediadores culturais, agindo atuamente no cenário cultural e/ou político brasileiro. O que nos permite pensar que possivelmente havia muita interação entre eles, isto é, havia um núcleo que os conglutinava com objetivos mútuos. Neste sentido, essas dedicatórias auxiliam a traçar cenários e rememorar passagens da existência da biografada, além de identificar aspectos da cena político-cultural daquele momento histórico.

A biblioteca particular analisada revela traços de uma mulher ativa culturalmente, militante da história, do folclore e do patrimônio cultural, influente perante aqueles que comungavam ou que, de alguma forma, se relacionavam com estas causas, o que nos possibilita inferir sobre o meio intelectual do qual ela fazia parte. Sendo assim, a investigação da biblioteca em tela nos revela, ainda, obras que possuem relação direta com a formação de historiadora, que a auxiliaram a exercer seu ofício de docente e mediadora cultural, o que sobremaneira reflete o seu vasto *background* cultural, materializado na diversidade de títulos que possuía, o que contribuiu de veras para a sua cultura multifacetada, que, segundo seus pares, poderia falar horas sobre os mais variados assuntos, fornecendo riquezas de datas e fatos. Assertiva que nos permite deduzir que Annuciada Chaves não era uma bibliomaníaca<sup>279</sup> (uma colecionadora compulsiva de livros), mas sim uma bibliognasta<sup>280</sup> (profunda conhecedora do conteúdo dos livros), ou seja, ela estudava com a mesma voracidade com que adquiria os seus bens culturais.

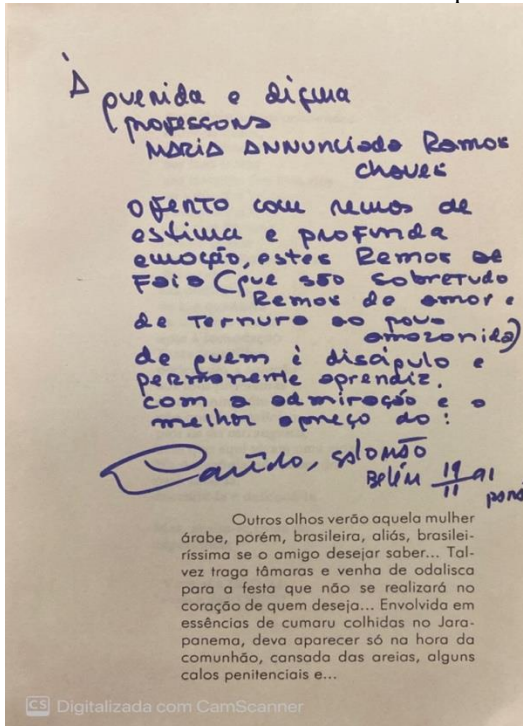
---

<sup>278</sup> SIRINELLI, Jean-François. Le Hazard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. Vingtième siècle. *Revue d' Histoire*, Paris: Sciences Po University Press, n. 9, p. 97-108, jan./mar. 1986. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3768995>>. Acesso em: 30 nov. 2011.

<sup>279</sup> Bibliomania: é a obsessiva preocupação com os livros, acompanhada da obsessiva vontade de possuí-los, exibi-los... e via de regra não lê-los, nem consultá-los. Cf. HOUAISS, Antônio. **Elementos de Bibliologia**. Rio de Janeiro: INL, 1967, p. 44.

<sup>280</sup> Bibliognosia: é o conhecimento especializado dos livros; há bibliognostas externos, profundos conhecedores de capas, de lombadas, de folhas de rosto, de manchas, de tipos, de papel e de encadernação; há bibliognostas internos, profundos conhecedores dos temas, dos textos. Cf. HOUAISS, *op. cit.*, p. 44.

Foto 103 – Dedicatória nº 2486/2012 feita por Salomão Larêdo.



Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

## Transcrição

À // querida e digna // professora //  
 Maria Annunciada Ramos // Chaves //  
 oferto, com remos de // estima e  
 profunda // emoção, estes remos de //  
 faia (que são, sobretudo, // remos de  
 amor e de // ternura do povo amazônida),  
 // de quem é discípulo // e permanente  
 aprendiz, // com a admiração e o/ melhor  
 apreço do: // Larêdo, Salomão. // Belém  
 19-11-91: // Pará

A extensão do texto de uma dedicatória pode variar de tamanho, como prevê Rosina Bahia Alice Carvalho dos Santos, ao relatar que: “Algumas [dedicatórias] apresentam uma redação sóbria, outras são rebuscadas, outras com linguagem lacônica, seca, outras ainda, mais extensas, constituindo-se em verdadeiros bilhetes ou cartas [...]”<sup>281</sup>. Ou seja, o formato da dedicatória é muito variável, porque depende de quem escreve, da relação de intimidade entre dedicador (quem dedica) e dedicatário<sup>282</sup> (a quem é ofertada). No *corpus* extraído da Biblioteca da professora Annunciada Chaves, encontramos essa variação, como pode ser visto nas dedicatórias nº 1486/2012 e nº 1805/2012.

<sup>281</sup> SANTOS, Rosina Bahia Alice Carvalho dos. **A Antiga Biblioteca de Carlos e Margarida Costa Pinto e suas dedicatórias**. Salvador: Fundação Carlos Costa Pinto, 1995, p. 38.

<sup>282</sup> Pessoa ou pessoas a quem é dedicada uma obra. Na iconografia medieval, o autor munido do livro aparece ajoelhado em frente ao dedicatário, geralmente uma pessoa altamente posicionada, rodeada por sua corte ou santo patrono, num ambiente que dá marcas de recepção favorável da obra. Esta cena tomou o nome de *accipies*, aceita, palavra intimamente ligada à cena. Cf. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria das Graças. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008, p. 224.



Foto 104 – Dedicatória nº 1815/2012 feita por Donato Mello Júnior. Transcrição



*Para Annunciada Chaves, // oferece o Donato, // 8.11.80.*<sup>283</sup>

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

Na dedicatória nº 1815/2012, o arquiteto carioca, professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Donato Mello Júnior<sup>284</sup> escreveu uma dedicatória bem simples para Annunciada Chaves, assinando apenas com seu prenome.

O livro ofertado por Donato versa sobre a afamada biblioteca do eminente jurista baiano Rui Barbosa, o qual foi um grande bibliófilo, tal qual Annunciada Chaves, sendo assim a oferta foi bem apropriada. O arquiteto carioca possuía também sensibilidade para raridades bibliográficas, tendo ele recebido, certa vez, um opúsculo da diretora da Biblioteca Nacional, intitulado: *Drama recitado no Theatro do Pará ao principio das operas, e comedia nelle postas pelo doutor juiz presidente da camara, e vereadores, do anno de 1793, em applauso do Fausto Nascimento de sua alteza real a serenissima senhora D. Maria Thereza, Princeza da Beira e*

<sup>283</sup> Para evitar possíveis mal-entendidos entre os símbolos utilizados na transcrição das dedicatórias optou-se por substituir as barras transversais que separam dia, mês e ano, por ponto (que é a pontuação recomendada pela NBR 5892:2019 da Associação Brasileira de Normas Técnicas -ABNT), devido as barras transversais serem elementos que simbolizam quebras de linha nas transcrições. (Cf. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação – Representação e formatos do tempo – darás e horas – Apresentação**. Rio de Janeiro, 2019).

<sup>284</sup> Donato Mello Júnior (Alfenas, MG, 1915 – Rio de Janeiro, RJ, 1995) veio a Belém em 1966, cedido por seis meses da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (da qual era diretor e funcionário do Escritório Técnico), a fim de compor o corpo docente que deu origem ao Curso de Arquitetura da Universidade do Pará, lecionando a disciplina Arquitetura no Brasil (Cf. SALVADOR, Cybelle; CARVALHO, Ronaldo Marques de; TUTYIA, Dinah. **Uma Formação em Curso**: esboços da graduação em Arquitetura e Urbanismo. Belém: UFPA, 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/13450372/Uma\\_Formação\\_em\\_Curso\\_esboços\\_da\\_graduação\\_em\\_Arquitetura\\_e\\_Urbanismo](https://www.academia.edu/13450372/Uma_Formação_em_Curso_esboços_da_graduação_em_Arquitetura_e_Urbanismo). Acesso em: 13.06.2020), o qual foi fundado em 22 de abril de 1964, em resposta a solicitação de engenheiros locais que precisavam de conhecimentos arquitetônicos para melhorar seus projetos, a demanda foi contemplada, e para os engenheiros foram criadas duas turmas, cuja a duração do curso seria um triênio (Cf. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de Arquitetura. **Histórico**. 2022. Disponível em: <https://fau.ufpa.br/index.php/pt/institucional>. Acesso em: 14.06.2020). Foi Donato Melo Júnior que cunhou a expressão “Raio que o parta” para o estilo arquitetônico paraense que reproduz na fachada de casas e edificações o desenho de um raio feito de vários pedaços de azulejos coloridos, o qual Donato considerava cafona e alcunhou pejorativamente como “Raio que o parta” (Cf. FARIA, Maria Beatriz Maneschy, arquiteta. **Informações verbais ...** Belém, 2022. Entrevista concedida em 13.06.2022).

*presumptiva herdeira da coroa de Portugal*. O opúsculo em tela originalmente foi impresso na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, em Lisboa, em 1794, e, de imediato, Donato o repassou para Annuciada Chaves, vendo neste uma ótima oportunidade para poder celebrar o decênio do Conselho Estadual de Cultura do Pará e o centenário do Teatro da Paz, com uma publicação atinente às representações teatrais no período colonial brasileiro<sup>285</sup>.

Donato Melo Júnior e Annuciada Chaves tiveram uma grande proximidade em 1966, período em que o arquiteto esteve em Belém para reforçar o quadro docente do recém-criado Curso de Arquitetura da Universidade do Pará<sup>286</sup>. Além disso, ele se dedicava às pesquisas sobre a influência do arquiteto bolonhês Antônio Landi, na cidade de Belém do Pará<sup>287</sup>. O grande interesse de Annuciada Chaves pelas questões do patrimônio histórico e a necessidade de conhecer mais sobre as manifestações arquitetônicas belenenses estreitou bastante as relações entre eles.

Outra forma comum de apresentação de dedicatórias é a protocolar, que é feita ao colocar um cartão de visita apenso ao livro. A professora Annuciada Chaves também recebeu esse tipo de deferência, como se pode visualizar na dedicatória n. 0259/2012, nesta Hélio Antônio Mokarzel<sup>288</sup>, então coordenador da Secretaria de Estado de Administração do Governo do Estado do Pará (SEAD-PA), a presenteou com uma obra institucional que concatenava as ementas de todas as leis emanadas no Estado do Pará no recorte temporal de 1947 a 1957.

---

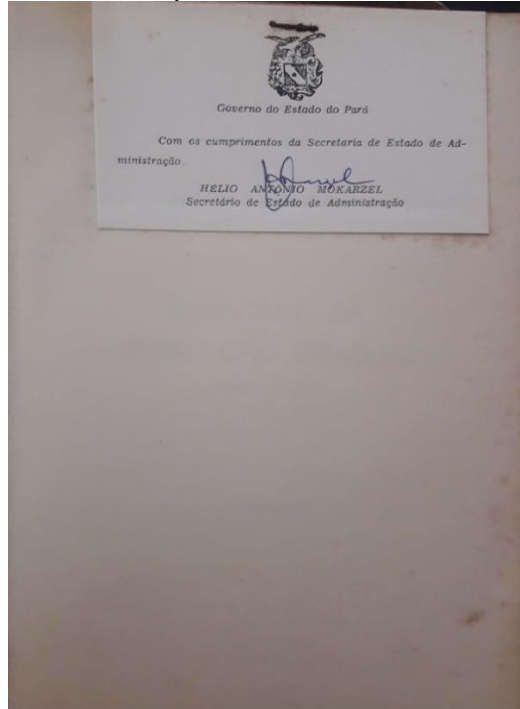
<sup>285</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Apresentação. In: LIMA, José Eugênio de Aragão e. **Drama recitado no Theatro do Pará ao princípio das operas, e comedia nelle postas pelo doutor juiz presidente da camara, e vereadores, do anno de 1793, em applauso do Fausto Nascimento de sua alteza real a serenissima senhora D. Maria Thereza, Princeza da Beira e presumptiva herdeira da coroa de Portugal**. Edição fac-similar. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1978. 22 p. (Coleção Cultura Paraense. Inácio Moura).

<sup>286</sup> MIRANDA; CARVALHO; TUTYIA, *op. cit.*, p. 93.

<sup>287</sup> Essa temporada que o prof. Donato Mello passou em Belém o motivou a desenvolver vários estudos com base nas edificações belenenses, sobretudo as que foram projetadas por Antônio Landi, dentre os quais pode-se destacar: os livros: *Iconografia de Belém do Grão Pará* (1970), *Antonio José Landi Arquiteto de Belém* (1973); e os artigos: “*O Solar do Barão do Japurá*” (1970), *A catedral que o Rio de Janeiro não chegou a ter: o primeiro projeto e a construção de uma nova Sé iniciada e abandonada por falta de recursos* (1976), *Barroquismos do arquiteto Antônio José Landi em Barcelos, antiga Mariuá, e em Belém do Grão Pará* (1983).

<sup>288</sup> Hélio Antônio Mokarzel: educador paraense, bacharel em Ciências Econômicas. Lecionou Estatística Econômica e Estatística Metodológica na Faculdade de Ciências Econômicas da UFPA, além de Matemática e Estatística em vários colégios secundaristas belenenses. Hélio Mokarzel também se dedicou à administração escolar dos educandários: Colégio Paes de Carvalho, Magalhães Barata, Barão do Rio Branco e Instituto Paraense. No tocante ao planejamento educacional, Mokarzel integrou o Conselho Estadual de Educação e ocupou os cargos de: secretário de Estado de Educação, de diretor do Departamento do Ensino Médio, e de supervisor do Ensino Secundário do Pará. E sua experiência com estatística o levou a ser secretário-geral do Instituto de Desenvolvimento Econômico - Social do Estado do Pará (IDESP). (Cf. ROCQUE, Carlos. Hélio Antônio Mokarzel. In: ROCQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**. Manaus: AMADA, 1968. v. 4, p. 1134-1135).

Foto 105 – Exemplo de dedicatória feita com cartão.



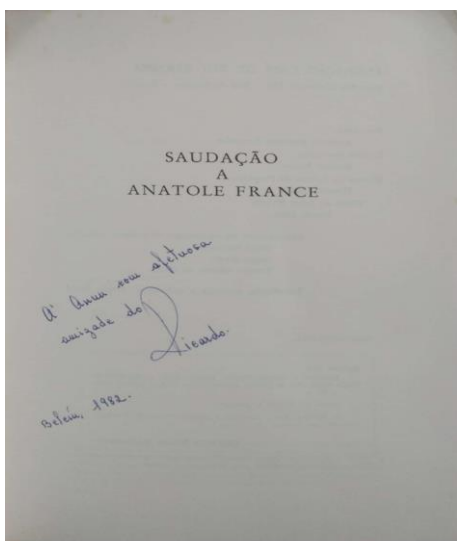
Fonte: Acervo MLM (2019).

O nível de intimidade entre dedicatário e dedicadores pode ser percebido também se observarmos as formas de se referir à Anunciada Chaves, como podemos ver nos exemplos: nº 0444/2012, nº 2736/2012, nº 2801/2012, nº 0117/2012 e nº 0279/2012. Os dedicadores das amostras nº 0444/2012 e nº 2736/2012 utilizam diminutivos de seu nome, ao passo que os dedicantes das amostras nº 0117/2012 e nº 0279/2012 já utilizam termos mais formais, como Dona, Sra., Exma. e Magnífica.

Foto 106 – Dedicatória nº 0444/2012 feita por Ricardo.

Transcrição

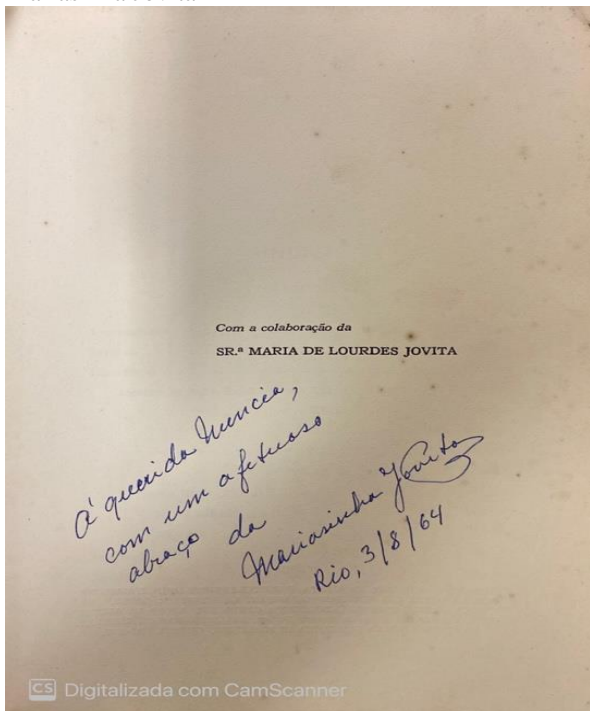
*À Annu com afetuosa // amizade do // Ricardo. // Belém, 1982.*



Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Fonte: MLM. Pesquisa de Campo (2019).

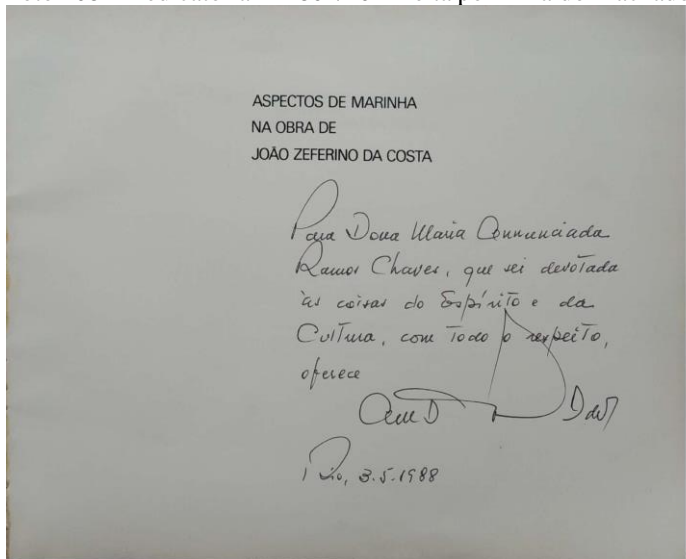
Foto 107 – Dedicatória nº 2736/2012 feita por Transcrição Mariasinha Jovita



À querida Nuncia, // com um afetuoso // abraço // da // Mariasinha Jovita. // Rio, 3.8.64.

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

Foto 108 – Dedicatória nº 2801/2012 feita por Arnaldo Machado

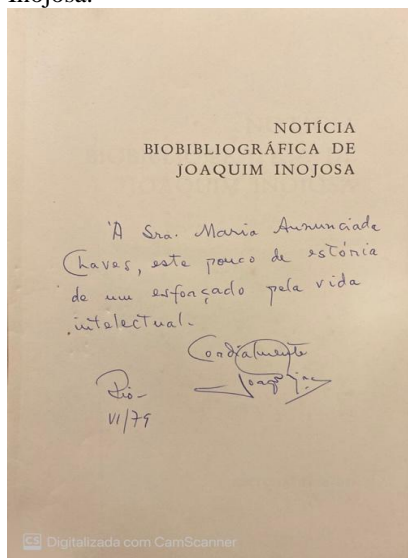


Transcrição

Para Dona Maria Annuciada // Ramos Chaves, que sei devotada // às coisas do Espírito e da // Cultura, com Todo o respeito, // oferece // Arnaldo Carvalho // Rio, 3.5.1988

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

Foto 109 – Dedicatória nº 0117/2012 feita por Joaquim Inojosa.<sup>289</sup> Transcrição



À Sra. Maria Anunciada // Chaves, este pouco de estória // de um esforçado pela vida // intelectual. // Cordialmente, // Joaquim Inojosa // Rio, // VI.79

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Nesta dedicatória, Joaquim Inojosa demonstra uma certa modéstia a respeito de sua carreira, no entanto a professora Anunciada Chaves, ao contrário de Inojosa, fez um breve retrospecto de seu itinerário intelectual, o exaltando ao chamá-lo de “ilustre pernambucano [...], fiel amigo do Pará e dos paraenses, presidente da Ordem dos Velhos Jornalistas, assíduo colaborador dos Diários Associados e advogado militante”<sup>290</sup>, durante a sessão especial do Conselho Estadual de Cultura do Pará, ocorrida em 21 de junho de 1979, em que Joaquim Inojosa discursou sobre o Conselheiro Tito Franco de Almeida.

Muitas afinidades aproximavam Inojosa e a professora Anunciada Chaves, principalmente em relação ao Modernismo, inclusive ela considerava que Inojosa foi: “um dos principais responsáveis do movimento modernista no norte do país”<sup>291</sup>.

Inojosa e Anunciada Chaves se juntavam a um grupo de intelectuais formado por professores, literatos, estudantes e aspirantes a escritores, que se reuniam no Hotel Central, ou no terraço do Grande Hotel (atual Hotel Princesa Louçã), para discutir as novas tendências da literatura e da arte, bem como fazer leituras e críticas.

<sup>289</sup> Joaquim Inojosa de Albuquerque Andrade Lima (1901-1987): advogado, jornalista, poeta e crítico pernambucano, responsável por divulgar, em Pernambuco, as inovações estéticas do modernismo paulista. Iniciou a vida de escritor muito cedo escrevendo para jornais em 1917 e literariamente em 1920. Iniciou precocemente também os estudos na Faculdade de Direito, aos 19 anos, enquanto era estudante ainda já defendia os Presos Pobres da Prefeitura de Itabaiana, PB, o que lhe permitiu angariar recursos para estudar na Faculdade de Direito de Recife, para onde se mudou definitivamente em 1922, porém as amplas discussões das questões modernistas, ocorridas na Semana de Arte Moderna, o levaram para São Paulo e o impulsionaram a viajar e difundir o Modernismo pelo Norte e Nordeste (Cf. NOTÍCIA Biobibliográfica, de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro: Ed. Meio-Dia, 1975).

<sup>290</sup> CHAVES, Maria Anunciada. Abertura de sessão especial do CEC-PA ocorrida em 21 de junho de 1979. In: INOJOSA, Joaquim. **Tito Franco de Almeida**: reações políticas. Rio de Janeiro; Belém: [Olímpica], 1979, p. 3-4.

<sup>291</sup> CHAVES, 1979, *op. cit.*, p. 3.

Foto 110 – Dedicatória nº 0279/2012 feita por Arruda Dantas.

A Exma. Sra.  
 Para Maria Annuciada  
 Chaves,  
 - agradecendo, penhoradis-  
 simo a penina, por mim  
 pedida, das obras de  
 Dom Lustosa,  
 Amaury  
 S. Pauls, 12. VIII. 77  
 Av. São João, 1.419  
 apêndice 81

Transcrição

A Exma. Sra. // Dra. Maria Annuciada //  
 Chaves. // - Agradecendo, penhoradis- //  
 sima, a remessa, por mim // pedida, das sobras  
 de // Dom Lustosa. // Amaury(?). // São Paulo,  
 12.VIII.1977.

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

As dedicatórias podem ser ofertadas por um autor ou amigo a uma pessoa, mas podem também ser dadas por um grupo a uma pessoa, ou por uma pessoa a uma instituição. A dedicatória nº 0454/2012 foi oferecida pelos membros da família do poeta paraense Bruno de Menezes à Annuciada Chaves.

Foto 111 – Dedicatória nº 0454/2012 feita por membros da família do escritor Bruno de Menezes.

le C. Chaves  
 4-10-85  
 Of. da família  
 Bruno de Menezes

Transcrição

M. A. Chaves //  
 4.10.85 //  
 Of. da família //  
 Bruno de Menezes

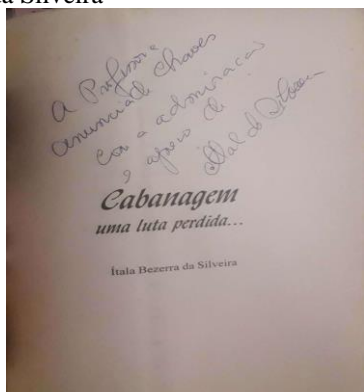
Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

Os membros da Família Menezes nutriam muita gratidão por Annuciada Chaves, especialmente por ela ter fomentado a reedição do livro *Batuque*, escrito por Bruno de Menezes em 1926 e reeditado pela sexta vez (em 1988) pelo Conselho Estadual de Cultura, no período em que esteve à frente da presidência deste silogeu. Inclusive, Maria de Belém Menezes fez um agradecimento público no documentário sobre a *Annuciada Chaves*, produzido pela Universidade da Amazônia (UNAMA) em 2001, por conta desta reedição de *Batuque*, haja

vista que apesar da relevância de tal obra para a literatura e cultura afro-paraense, enfrentou-se muita dificuldade para sua reedição, mesmo em se tratando do aniversário de morte de Bruno de Menezes e concomitantemente ao centenário da Abolição da Escravatura. Segundo Maria de Belém Menezes, a professora Annunciada Chaves foi incansável na editoração da referida obra à época da efeméride<sup>292</sup>.

Alguns autores utilizam um modelo retórico bem simples e recorrente, como pode ser observado nas dedicatórias: nº 0077/2012, nº 0133/2012 e nº 2804/2012.

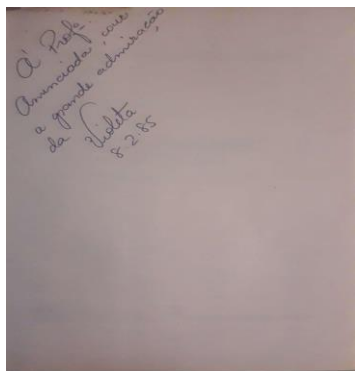
Foto 112 – Dedicatória nº 0077/2012 feita por Ítala Bezerra da Silveira Transcrição



A Professora // Annunciada Chaves, // com a admiração // e apreço de // Ítala Silveira.

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

Foto 113 – Dedicatória nº 0133/2012 feita por Violeta Loureiro<sup>293</sup>. Transcrição



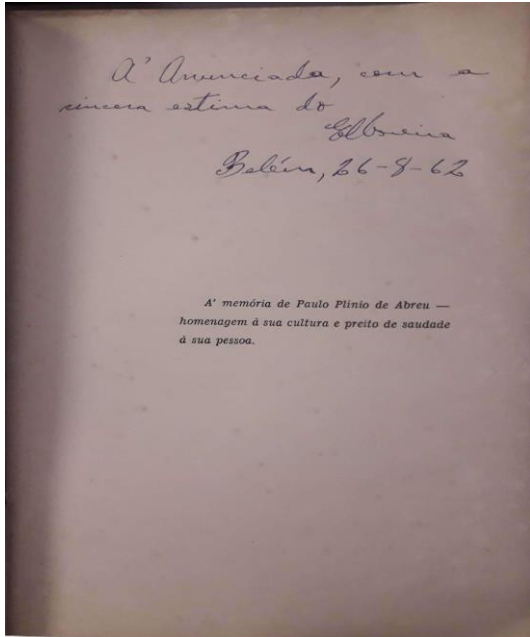
À Professora // Annunciada, com // a grande admiração // da Violeta, // 8.2.85

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

<sup>292</sup> MENEZES, Maria de Belém, professora. Informações verbais... In: UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA. **Documentário Professora Annunciada Chaves**. Belém : UNAMA, 2001. 44 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wuNH5Yf-uym4&t=7s>. Acesso em: 27.01.2019.

<sup>293</sup> Violeta Refkalefsky Loureiro (1944 - ): seus pais eram judeus austríacos e fugiram da Europa antes de começar a primeira grande guerra e se fixaram em Boa Vista, RO. Violeta graduou-se em Ciências Sociais pela UFPA (1969), cursou mestrado em Sociologia na Unicamp (1985), e fez doutorado no Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL), em Paris, França (1994); em 2006, fez pós-doutorado na Universidade de Coimbra, Portugal. Trabalhou na UFPA de 1969 a 2013, foi recontratada pela UFPA como professora voluntária desde 2014, lecionando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Direito. Foi pesquisadora do Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará (IDESP). Recebeu o título de Professora Emérita, concedido pela UFPA em 2015; e, em 2021, o Prêmio Florestan Fernandes, outorgado pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Escreveu os livros: *Os parceiros do mar* (1985); *A Amazônia no Século XXI: novas formas de desenvolvimento* (2009); *Amazônia – Estado, homem, natureza* (2014); *A pesquisa nas ciências sociais e no direito* (2018); *Amazônia – colônia do Brasil* (2022). (SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. **Violeta Refkalefsky Loureiro. Bio Notas**. 2023. Disponível em: <https://sbsociologia.com.br/project/violeta-refkalefsky-loureiro/>. Acesso em: 28.01.2023.

Foto 114 – Dedicatória nº 2804/2012 feita por Eidorfe Moreira.<sup>294</sup> Transcrição



À Anunciada, com a // sincera estima do //  
Eidorfe Moreira //  
Belém, 26.8.62

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

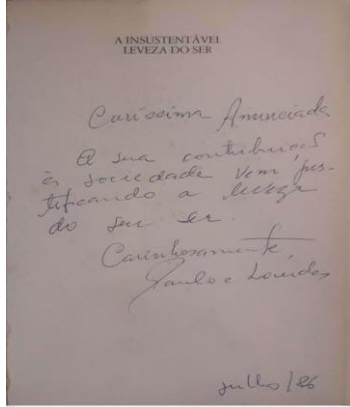
O geógrafo Eidorfe Moreira teve uma aproximação bem grande com a professora Anunciada Chaves desde a época em que ele foi seu aluno no Colégio Paes de Carvalho. Tamanha era a afinidade entre eles, que a professora foi convidada a escrever a apresentação da coletânea *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*, publicada em oito volumes, em 1989, resultante de uma parceria entre a Cejup e o Conselho Estadual de Cultura do Estado do Pará.

<sup>294</sup> Eidorfe Moreira (1912- 1989): professor, advogado, geógrafo, editor, ensaísta e articulista paraibano. Este caráter polímata que apresentava foi bastante enfatizado pelo historiador Geraldo Mártires Coelho, ao dizer: “Eidorfe foi um intelectual refinado. Representava, nesse sentido, o perfil letrado dos homens das letras, dotado de um saber construído em múltiplas frentes do conhecimento”. (COELHO, G. M. Eidorfe Moreira e o conhecimento transdisciplinar. *Novos Cadernos NAEA*, v. 15, n. 2, p. 5-20, dez. 2012.). Eidorfe veio morar em Belém em idade muito tenra (dois anos apenas), construiu toda a sua formação estudantil em Belém, fez o curso secundário (atual ensino médio) no Colégio Paes de Carvalho, alcançando até o nível superior ao ingressar na Faculdade de Direito da Universidade do Pará. Ocupou várias posições de destaque no Estado e no município de Belém, foi diretor da Divisão de Intercâmbio e Expressão Cultural da UFPA. É autor de importantes obras, tais como: *Amazônia - o conceito e a paisagem*; *Presença do mar na literatura brasileira*; *Sertão - a palavra e a imagem*; e *Belém e sua expressão geográfica*. ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amel, 1970. 6 v., v. 4, p. 138. Escreveu também: *O Fator social na consideração do solo* (1963), *Roteiro bibliográfico de Marajó* (1969), *Os Igapós e seus aproveitamentos* (1970, reeditado e ampliado pelo NAEA em 1976), *Os Sermões que Vieira pregou no Pará* (1970), *Visão geo-social do Círio* (1971), *Presença hebraica no Pará* (1972), *As Letras jurídicas no Pará: introdução ao seu estudo* (1973), *A Educação Moral, Física e religiosa no Pará* (1975), *Para a história da Universidade Federal do Pará: (panorama do primeiro decênio* (1977), *O Livro didático paraense: breve notícia histórica* (1979), *Alfredo Ladislau* (1981), *Influências amazônicas no Nordeste: Reflexos da fase Áurea da borracha* (1982), *Ideias para a concepção geográfica da vida* (2012). (UFPA. Sistema Pergamum, 2023). Pela destacada atuação de Eidorfe Moreira em prol dos conhecimentos geológicos e da ecologia trazendo lume sobre o conhecimento científico engendrado fora do eixo Rio-São Paulo, seu nome foi eleito para denominar a Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque “Professor Eidorfe Moreira”, sediada no município de Outeiro, em 1996, durante a gestão do governador Hélio Gueiros (Cf. FUNDAÇÃO CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESCOLA BOSQUE “PROFESSOR EIDORFE MOREIRA”. **Histórico**. Disponível em: <https://funbosque.belem.pa.gov.br/institucional/historia/>. Acesso em: 20.05.2023).



Existe também uma fórmula bem comum de se fazer dedicatórias incorporando o título do livro ao texto, este tipo de dedicatória foi encontrado no *corpus*, como pode ser visto nas dedicatórias: nº 0143/2012, nº 0196/2012 e nº 2710/2012.

Foto 115 – Dedicatória nº 0143/2012 feita por Paulo e Lourdes.

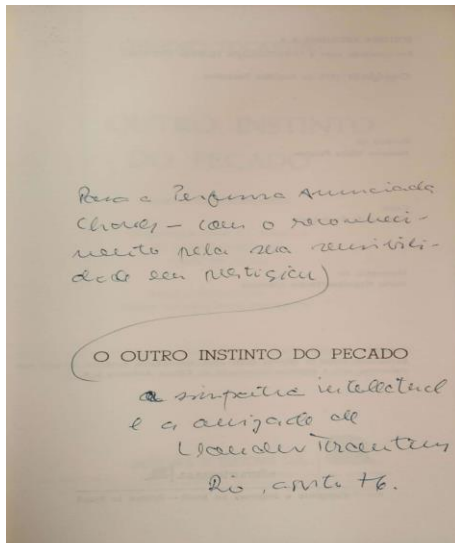


Transcrição

Caríssima Anunciada // A sua contribuição // à Sociedade vem jus // tificando a leveza // do seu ser // Cordialmente, // Paulo e Lourdes // julho 86

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Foto 116 – Dedicatória nº 0196/2012 feita por Leandro Tocantins<sup>295</sup>



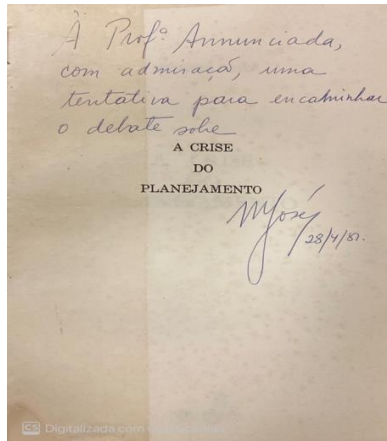
Transcrição

Para a professora Anunciada // Chaves - com o reconheci- // mento pela sua sensibili- // dade em prestigiar // "O outro instinto do pecado" // a simpatia intelectual // e a amizade de // Leandro Tocantins // Rio, agosto 76.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>295</sup> Leandro Tocantins (1919-2004): foi um advogado, ensaísta, jornalista e historiador paraense. Filho de Van Dick Amanajás Tocantins e de D. Iraides Góes Tocantins. Leandro Tocantins nasceu em Belém do Pará, porém se mudou para o Acre ainda criança, acompanhando seus pais, para cuidar dos seringais da família. Retornou a Belém anos depois, para cursar o ginásio no Colégio N. S. de Nazaré, completando o ciclo colegial no D. Pedro II, do Rio de Janeiro. Diplomou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia. Colaborou no jornal *A Manhã*, escrevendo sobre assuntos amazônicos. Em 1953, voltou a Belém para chefiar o gabinete do superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia. [...] Ocupou o cargo de Procurador da Caixa Econômica do Estado do Rio, foi representante do Amazonas na Guanabara, chefe de gabinete do Ministério da Justiça na gestão Gama e Silva e, em 1969, assumiu a função de adido cultural da Embaixada Brasileira em Portugal. Publicou as seguintes obras: *O Rio comanda a vida* (atualmente na 3. ed., a 1ª impressão saindo em 1952); *Amazônia, Natureza, Homem e Tempo* (1960); *Formação Histórica do Acre* (3 volumes, 1961); *Santa Maria de Belém do Grão-Pará* (1963); *Brasil: alguns valores essenciais* (1965); *Euclides da Cunha e o paraíso perdido* (1965, 2. ed. aum. em 1968); *Cosmoinfância* (poesia, 1969); *Adolescência, a vigília dos olhos*: novela existencial (1993). É autor também de vários opúsculos, entre eles: *Acre, Rio Branco e Espírito Luso*; *Amazônia: fundamentos de paisagem, Vida e história*; *Região, Vida e Expressão*; *Arquitetura e paisagismo na Amazônia*; e *a Integração da Amazônia no complexo cultural do Brasil*. (Cf. ROCQUE, Carlos. Leandro Tocantins. In: ROCQUE, Carlos. **Grande enciclopédia da Amazônia**. Belém: Amada, 1970. 9 v., v. 7, p. 242).

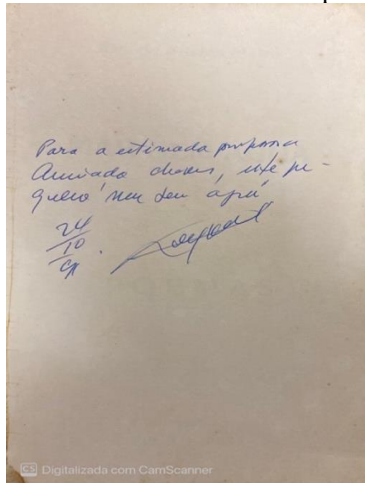
Foto 117 – Dedicatória nº 1864/2012 feita por Manuel José Miranda Neto.<sup>296</sup> Transcrição



À Professora Annuciada, // com admiração, uma // tentativa para encaminhar // o debate sobre // A Crise do Planejamento // Manuel José // 28.04.87

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

Foto 118 – Dedicatória nº 0284/2012 feita por Ruy Meira<sup>297</sup> Transcrição



Para a estimada professora // Annuciada Chaves, // este mergulho // ???/ 24.10.91 // Rui Meira

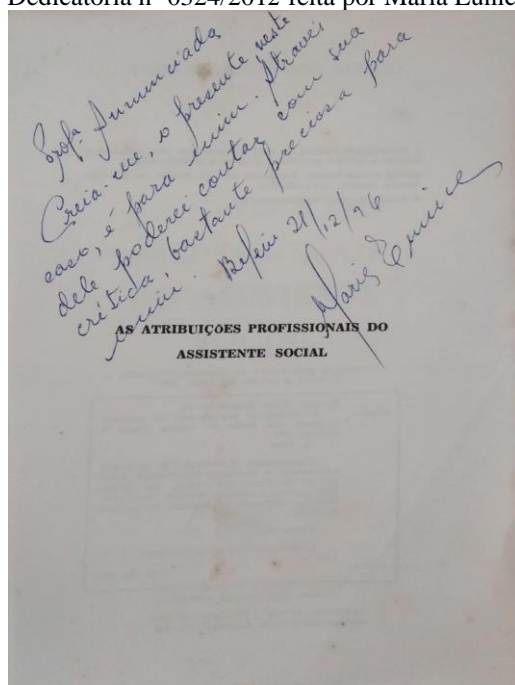
Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

<sup>296</sup> Manuel José Miranda Neto (1940 - ): economista carioca. Trabalhou no Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará (IDESP). Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é pós-graduado em Economia Rural (Stanford University); Desenvolvimento Econômico (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - CEPAL); Planejamento Urbano e Regional (Instituto Brasileiro de Administração Municipal - IBAM); e Desenvolvimento Agrícola (Fundação Getúlio Vargas - FGV). Exerceu o magistério superior e o jornalismo especializado; como Professor convidado pela Universidade Livre de Berlim; e como articulista do jornal *O Liberal* em Belém e da *Gazeta Mercantil* do Rio de Janeiro. Atuou como membro da Academia Paraense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Foi bolsista *Fulbright* do DAAD/Goethe Institut e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do IDESP. Escreveu os livros: *A Foz do Rio mar: subsídios para o desenvolvimento do Marajó* (1968), *Marajó: desafio da Amazônia, aspectos da reação a modelos exógenos de desenvolvimento* (1976); *O Dilema da Amazônia* (1979); *A Crise do planejamento* (1981), *Os Lucros da fome: o mito da escassez de alimentos* (1982); *O Colapso do sistema* (1985), *Dominação pela fome: economia política do abastecimento* (1988); *A Síndrome do caos; origem e desdobramento: roteiro de economia brasileira, algumas propostas viáveis* (1989); *A Expropriação dos alimentos: análise das relações entre a produção agrícola familiar e o capital comercial : um estudo de caso na Amazônia* (1995), *O Enigma Amazônia: desafio ao futuro* (1991); *A Opção agroambiental: dependência alimentar e exploração da miséria, lucros do caos e paradoxos do progresso* (1996); *O Caos fabricado: globalização X sustentabilidade* (1997); *Quinto poder: desafio à cidadania* (1998), *A Opção consciente: globalização, cidadania e qualidade de vida* (1999), *Desafio global: rupturas & tendência* (1999), *Furacão global: transformações cruciais na era do conhecimento: manual de sobrevivência na selva globalizada* (2001), *O Poder da cidadania: globalização x qualidade de vida* (2002). (Cf. ALENCAR, Gualter Loiola (Ed.). **Quem é quem no Pará**. Belém: Ed. Persona, 1970, p. 382-383; SISTEMA PERGAMUM, 2023).

<sup>297</sup> Ruy Augusto de Bastos Meira (1921- 1995): engenheiro, escritor, desenhista, ceramista, escultor, pintor e professor de artes plásticas. Cf. ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Ruy Meira**. 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24730/ruy-meira>. Acesso em: 27.01.2022. Estudou no colégio Moderno. Lecionou na Escola Industrial de Belém. Trabalhou na comissão de construção do monumento a Lauro Sodré (Cf. ALENCAR, op. cit., p. 509).

Ao analisar as obras pertencentes à biblioteca da professora Annunciada Chaves, verificou-se uma expressiva quantidade de obras autografadas, infere-se que a antiga proprietária do acervo recebia esse material devido a sua condição de intelectual; em outros casos, as obras lhe foram ofertadas devido ao seu cargo de presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará e, em função disso, ter viabilizado a publicação da obra oferecida, ou talvez pela esperança de que Annunciada Chaves conhecesse o trabalho daquele escritor iniciante e recomendasse a publicação de suas futuras produções, ou referendasse aquele autor para uma associação cultural. Tais fatos ficam patentes quando se observa a dedicatória feita pela assistente social Maria Eunice Garcia Reymão, que pode ser vista a seguir:

Foto 119 – Dedicatória nº 0324/2012 feita por Maria Eunice Reymão.

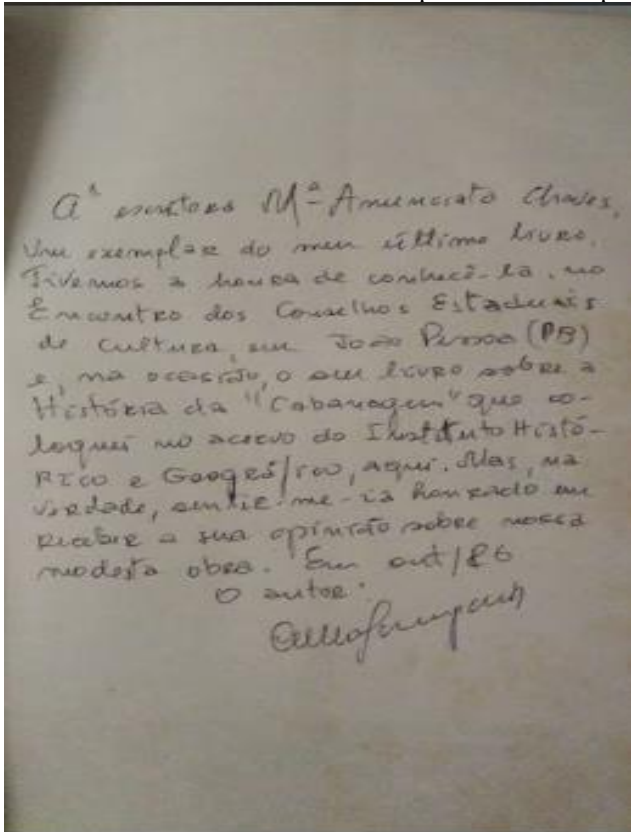


Transcrição

Professora Annunciada. // Cria-me, o presente, neste // caso, é para mim. Através // dele poderei contar com sua // crítica bastante preciosa para mim. // Belém, // 21.12.1996, // Maria Eunice.

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

Na dedicatória acima, observa-se o quão Eunice Reymão, mostra-se grata pelo seu livro *As Atribuições profissionais do Assistente Social* ter sido adquirido pela professora Annunciada Chaves, por saber que obras bem avaliadas por ela quase sempre representavam uma garantia para futuras publicações. Esse foi o mesmo sentimento de gratidão e de esperança por receber o juízo que Annunciada Chaves poderia fazer sobre o livro *Paz e União* por toda terra, ofertado por Antônio Coelho Sampaio, como pode ser visto na dedicatória n. 2349/2012.

Foto 120 – Dedicatória nº 2349/2012 feita por Antônio Sampaio<sup>298</sup>

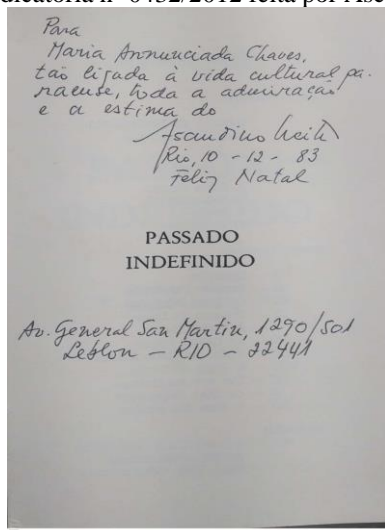
Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

## Transcrição

À escritora Ma. Annuciada Chaves, // um exemplar do meu último livro. // Tivemos a honra de conhecê-la, no // Encontro dos Conselhos Estaduais // de Cultura, em João Pessoa (PB) // e, na ocasião o seu livro sobre a // História da “Cabanagem” que co- // loquei no acervo do Instituto Histó- // rico e Geográfico, aqui. Mas na // verdade, sentir-me-ia honrado em receber a sua opinião sobre nossa // modesta obra. Em out. 86. // O autor // Coelho Sampaio

No *corpus* da pesquisa analisado, é interessante perceber como a professora Annuciada Chaves era celebrada por seus pares por valorizar a cultura paraense, os assuntos amazônicos e por ser responsável pelo enaltecimento e maior participação da região norte no debate intelectual nacional.

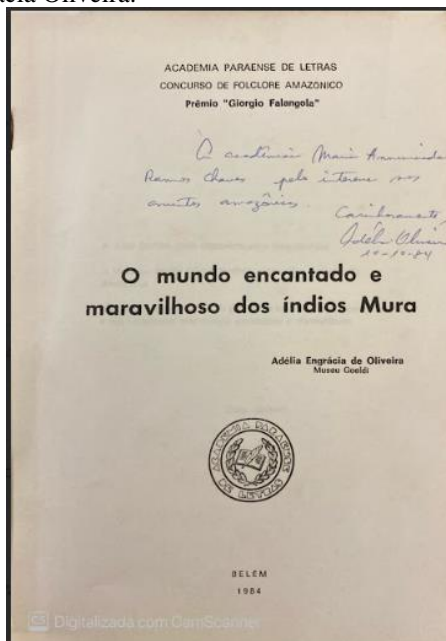
<sup>298</sup> Antônio Coelho Sampaio: escritor cearense de nascimento porém, teve maior destaque no Espírito Santo, onde se tornou jornalista e professor catedrático na Universidade Federal do Espírito Santo. Foi membro da Academia Espírito-Santense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, e da Associação Espírito-santense de Imprensa, bem como foi colaborador em instituições culturais de outros estados, tais como: a Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras, a Casa de Cultura de Alegre, a Academia Goianense de Letras, a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, o Instituto do Ceará e à Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (Rio de Janeiro). (Cf. MIRANDA, Antônio. **Poesia dos Brasis**: Antônio Coelho Sampaio. 2021. Disponível em: [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/ceara/ANTONIO%20COELHO%20SAMPAIO.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/ceara/ANTONIO%20COELHO%20SAMPAIO.html). Acesso em: 06.11.2023).

Foto 121 – Dedicatória nº 0432/2012 feita por Ascendino Leite<sup>299</sup>.

Transcrição

Para // Maria Anunciada Chaves // tão ligada à vida cultural pa- // raense, toda a admiração e a estima do // Ascendino Leite // Rio, 10.12.83.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Foto 122 – Dedicatória nº 1821/2012 feita por Adélia Engrácia Oliveira.<sup>300</sup>

Transcrição

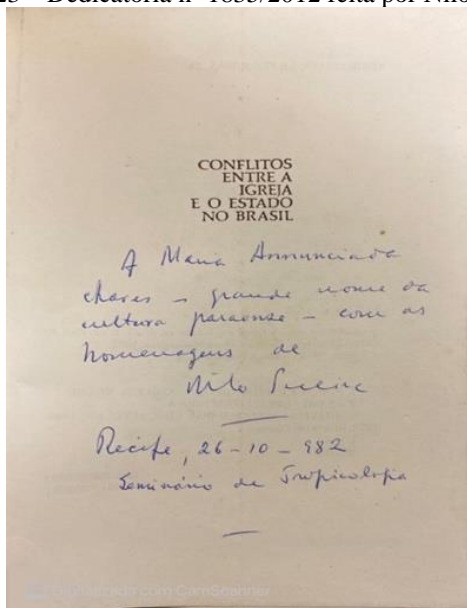
À acadêmica Maria Anunciada // Ramos Chaves pelo interesse nos // assuntos amazônicos // Cordialmente // Adélia Oliveira // 10.10.84.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>299</sup> Ascendino Leite (1915-2010): crítico, romancista, jornalista, poeta e memorialista paraibano. Foi redator de assuntos parlamentares, mas se celebrou mesmo com o chamado Jornalismo literário, inclusive seu nome integra a Enciclopédia Verbo de Autores Luso-Brasileiros. Dentre as suas publicações, constam: *Estética do Modernismo* (1936); *Notas Provincianas* (1942); *A viúva branca* (1953); *O Salto mortal e A Prisão* (1958); *O Brasileiro* (1962); *Passado indefinido, Os dias duvidosos e Os Lucros de Deus* (1963); *A Velha chama e As Coisas feitas* (1968); *Visões do Cabo branco* (1969); *Um ano no outono* (1972); *Os dias esquecidos* (1974); *Fragmentos* (1977); *O Vigia da tarde* (1979); *O Jogo das ilusões* (1980); *Os Dias memoráveis Contemporâneos*. Teresina: Comepi, 1998. p. 150).

<sup>300</sup> Adélia Engrácia Oliveira: antropóloga, trabalhou no Museu Paraense Emílio Goeldi. Escreveu o livro: *O Mundo encantado e maravilhoso dos Índios Mura* e organizou, juntamente com Phelippe Lena, o livro **Amazônia: a fronteira agrícola 20 anos depois** (publicado em 1991 e reeditado em 1992); também organizou o livro **Ciência Kayapó: alternativas contra a destruição = Kayapó science: alternatives to destruction**, em parceria com Denise Hamu (1992); além de ter prefaciado a obra fac-similar **As Regiões amazônicas: estudos chorográficos dos Estados do Gram Pará e Amazônas**, escrita pelo Barão de Marajó, José Coelho de Gama e Abreu, reeditada pela FCPTN em 1992. (UFPA. Biblioteca Central. **Relatório do Sistema Pergamum**, Belém, 2023).

Foto 123 – Dedicatória nº 1835/2012 feita por Nilo Pereira



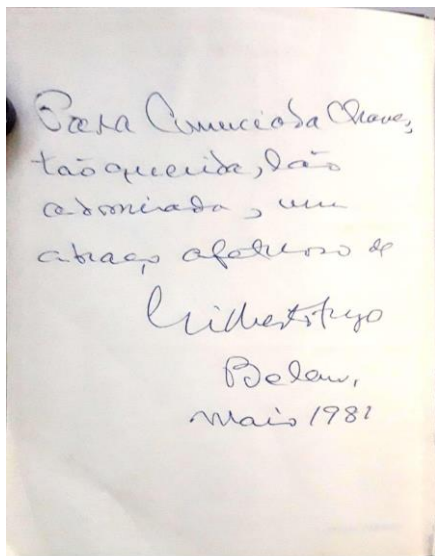
Transcrição

A Maria Anunciada // Chaves - grande nome da cultura paraense - com as homenagens de // Nilo Pereira // Recife, 26.10.982 // Seminário de Tropicologia

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Na dedicatória nº 0319/2012, o sociólogo, historiador e ensaísta pernambucano Gilberto Freyre enfatiza a sua amizade e admiração por Anunciada Chaves.

Foto 124 – Dedicatória nº 0319/2012 feita por Gilberto Freyre



Para Anunciada Chaves // tão querida, tão // admirada, um // abraço afetuoso de // Gilberto Freyre. // Belém, // maio 1981.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

A professora Annuciada Chaves e Gilberto Freyre possuíam muitas afinidades intelectuais, inclusive ele a convidou para participar do Seminário sobre Tropicologia, ocorrido em Recife em 1982, em que a professora proferiu a conferência *Trópico, mulher e atualidade brasileira*<sup>301</sup>.

Gilberto Freyre também esteve duas vezes em Belém para proferir palestras no CEC-PA a convite de Annuciada Chaves, quando ela esteve à frente da presidência deste Silogeu, cujas visitas foram registradas na Revista de Cultura do Pará<sup>302</sup>.

Aprofundando um pouco mais essa questão do estudo dos trópicos, ressalta-se que Annuciada Chaves era entusiasta de uma corrente intelectual cunhada por Leandro Tocantins como Amazonotropicalismo, a qual defendia o estudo e a defesa da Amazônia como região geográfica, buscando “conjugar-se-iam esforços para decifrar a Amazônia profunda em suas múltiplas dimensões – física, antropológica, cultural, social, econômica, histórica, biológica – e outras não citadas a serem sistematizadas na ciência dos trópicos úmidos, a amazonotropicalologia”<sup>303</sup>, estudada de preferência por cientistas autóctones, que se aprofundariam no estudo e demonstrariam para o resto do mundo suas descobertas, isentas de concepções científicas eurocêntricas ou norte-americanas.

Na dedicatória nº 0407/2012, o economista, político, advogado, professor universitário da Faculdade de Ciências Econômicas e do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), e vice-reitor da UFPA, Armando Dias Mendes, revela que tem muitas causas em comum com Annuciada Chaves, provavelmente estas causas estão ligadas à UFPA e à Amazônia.

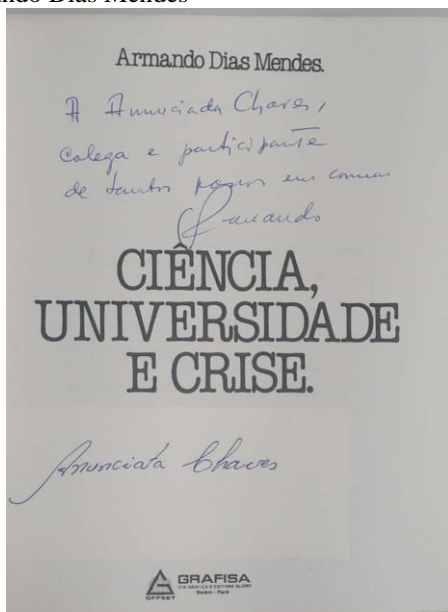
---

<sup>301</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Trópico, mulher e atualidade brasileira. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA, 1982: Recife. **Conferência ...** Recife, 1982. 73-89 f. Datilografado.

<sup>302</sup> Cf. REVISTA DE CULTURA DO PARÁ, Belém, v. 2, n. 8/9, p. 345-347, jul./dez. 1972 e REVISTA DE CULTURA DO PARÁ, Belém, v. 3, n. 10/11, P. 192, jan./jun. 1973.

<sup>303</sup> RIBEIRO, Odnei Souza. Leandro Tocantins e a Amazonotropicalologia. **Textos & Debates**, Boa Vista, n. 27, v. 1, p. 37, jan./jun. 2015.

Foto 125 – Dedicatória nº 0407/2012 feita por Transcrição Armando Dias Mendes<sup>304</sup>



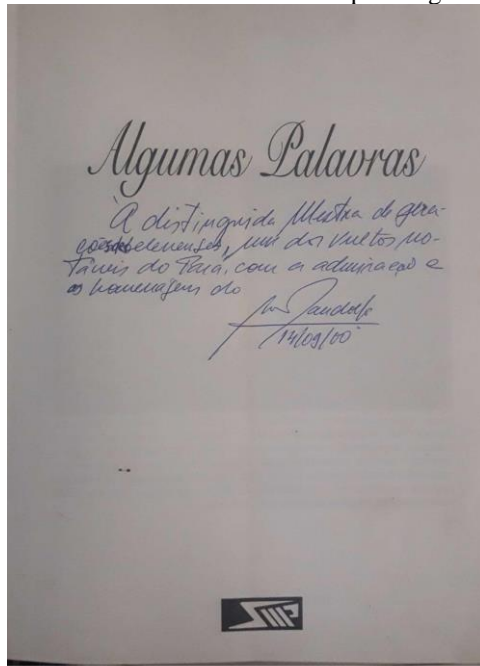
A Anunciada Chaves, // colega e participante // de tantas causas em comum // Armando

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Outra característica frequentemente atribuída a Anunciada Chaves diz respeito a sua erudição, como pode ser visto nas dedicatórias: nº 0222/2012, nº 0242/2012, nº 0405/2012, nº 1174/2012 e nº 1813/2012.

<sup>304</sup> Armando Mendes (1924 – 2012): bacharelou-se em Direito, em 1948, pela Faculdade Livre de Direito do Pará, e formou-se em Planejamento Regional, pela Fundação Getúlio Vargas, na SPVEA, em fevereiro de 1956. Foi advogado, economista, auditor do Tribunal de Contas do Estado do Pará, professor da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Autoriais da Universidade Federal do Pará; sendo vice-diretor desta instituição de 1958 a 1959, e diretor de 1959 a 1964. Exerceu ainda as funções: de assessor do superintendente do Instituto de Economia e Finanças da Bahia, de 1955 a 1958; de membro técnico do setor de crédito e comércio, de 1961 a 1962, na SPVEA; de presidente do Banco da Amazônia S/A (1964-1967); de integrante do Grupo de Trabalho do Ministério do Planejamento que criou a SUDAM; de diretor do Setor de Programação do Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Pará (IDESP). Como político exerceu o mandato de vereador da Câmara Municipal de Belém, de janeiro de 1948 a janeiro de 1951, sendo líder da oposição; e deputado estadual na Assembleia Legislativa, no período de janeiro de 1951 a julho de 1954, sendo líder da situação. Fez cursos especializados para aperfeiçoamento do ensino e levantamento técnico da realidade regional do Conselho Nacional de Economia, Fundação Getúlio Vargas e Centro CEPAL / BNDE. Estimulou o envio de economistas formados para aperfeiçoamento em outras áreas do país e no exterior. Escreveu para as seguintes revistas versando sobre economia: *Revista do Conselho Nacional de Economia*, *Revista da Faculdade de Ciências Econômicas do Pará*, e em jornais de Belém, tendo, ainda, trabalhos inéditos em cópias mimeografadas sobre planejamento regional e economia da Amazônia. Cf. ROCQUE, Carlos. Armando Dias Mendes. In: ROCQUE, Carlos. **Antologia da Cultura Amazônica**. Manaus: AMADA, 1970. v. 9: Ciência em geral, p. 73. Dentre as várias obras que escreveu, destacam-se: *Amazônia: desenvolvimento e ocupação* (1979); *Ciência, universidade e crise* (1981), *O Mato e o mito* (1987); *A Cidade transitiva: rascunho de recordância e recorte de saudade da Belém do meio do século* (1998), *Amazônia modos de (o)usar* (2001), *O Economista e o ornitórrinco: ensaios sobre a formação e a profissão dos economistas* (2001), *A Amazônia e o seu banco* (2002), *Amazônia terra e civilização: uma trajetória de 60 anos* (2004); *O Cidadão transeunte: almanaque de viveres: almanaque de olhares sobre cidades e cidadãos* (2007); e participou da coletânea *1912 - 2012 Cem anos da crise da borracha: do retrospecto ao prospecto: a Amazônia em doze ensaios* (2013). (UFPA. Sistema Pergamum, 2023).



Foto 126 – Dedicatória n. 0222/2012 feita por Sérgio Pandolfo<sup>305</sup>

Transcrição

"Algumas palavras" // À distinguida mestra de gerações de belenenses, um dos vultos notáveis do Pará, com a admiração e // as homenagens do // Sérgio Pandolfo // 14.09.00

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Na dedicatória nº 0222/2012, Sérgio Pandolfo, médico, professor da UFPA, chama Anunciada Chaves de “distinguida”, ou seja, qualidade de algo ou alguém ímpar, sem igual, que se difere dos demais. Pandolfo faz referência também à longa carreira docente de Anunciada Chaves e, por isso, ele a chama de mestra de gerações de belenenses. E ainda a considera como vulto notável, ou seja, o que denota “importância, notabilidade, pessoa importante”.<sup>306</sup>

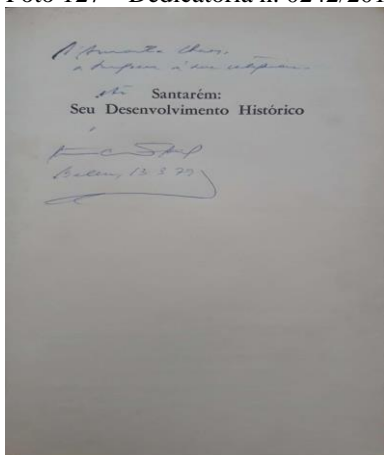
Além disso, Sérgio Pandolfo e a Professora Anunciada Chaves foram confrades no Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

A *Revista de Cultura do Pará* produzida pelo Conselho de Cultura do Estado do Pará foi também um liame que aproximou Sérgio Pandolfo da professora Anunciada Chaves, posto que Pandolfo foi consultor da revista à época em que a professora era do conselho de redação<sup>307</sup>.

<sup>305</sup> Sérgio Martins Pandolfo (1939-2013): médico, livre-docente, doutor da UFPA, nascido em Belém-PA. Dentre suas honrarias, destacam-se: titular da Academia de Medicina do Pará, da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias, e da Academia Paraense Literária Interiorana (APLI); foi membro honorário da Academia Brasileira de Medicina Militar; membro perpétuo da Academia de Imprensa de Belém; titular da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES). Foi, ainda, sócio-fundador do Colégio Brasileiro de Cirurgiões - capítulo do Pará, tendo sido vice-presidente na época da primeira direção; sócio-titular do Instituto Histórico e Geográfico do Pará; correspondente da Academia de Letras Rio-Cidade Maravilhosa e da Academia Maceioense de Letras; articulista com assídua colaboração na grande imprensa paraense; editor do Boletim Literário O Parauara, da Sobrames-PA; consultor da Revista de Cultura, uma publicação periódica do Conselho Estadual de Cultura do Pará. Publicou os seguintes livros: *Algumas Palavras*, *Português em Números*, *Metamorformas*, *10 de Junho*, *Dia de Portugal*, *de Camões e das Comunidades Portuguesas* e *O Translado da Corte Portuguesa para o Brasil*. (Cf. PANDOLFO, Sérgio Martins. **Português em números**. Belém : O Autor, 2000. Orelha; SÉRGIO Martins Pandolfo. **Site de Poesias**. Disponível em: Acesso em: <https://sitedepoesias.com/poetas/serpan>. Acesso em: 22.08.2021).

<sup>306</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Notável. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009. p. 2078.

<sup>307</sup> REVISTA DE CULTURA DO PARÁ, Belém, v. 14, n. 1, jan. 2003. Créditos.

Foto 127 – Dedicatória n. 0242/2012 feita por Arthur Reis<sup>308</sup>

## Transcrição

A Anunciada Chaves // à professora, à sua inteligência // Arthur Reis // Belém 13.03.1979

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

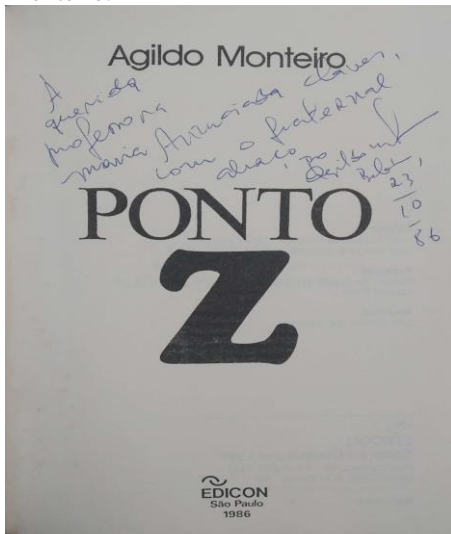
Arthur Reis e Anunciada Chaves possuíam uma estreita amizade, eles lecionaram no Colégio Moderno e participaram de várias sessões no IHGP. Benedito Nunes relatou, com muita maestria, a coincidência da trajetória existencial deles, ao dizer:

Tive a boa sorte de contar com dois excepcionais professores de História, no ginásio do Colégio Moderno, então em quatro anos, pela chamada Reforma Capanema de 1942: Arthur Cezar Ferreira de Reis e Maria Anunciada Chaves. [...] Ele era um afinado leitor, como Anunciada Chaves; ambos possuíam cuidadas bibliotecas. [...] Como não admirar esses dois professores tão paradoxais, como paradoxais eram os melhores mestres da época: ensinavam da melhor forma, da maneira mais inteligente, hábil, não superficial e compreensível, em bom, claro e límpido português, sem terem tido outra formação específica senão a da leitura sistemática e cotidiana dos livros de suas bibliotecas! Bacharéis em Direito, autoformaram-se professores.<sup>309</sup>

<sup>308</sup> Arthur Cezar Ferreira Reis (1906 – 1993): advogado, professor e ex-governador do Amazonas, membro do IHGB e do IHGP. Arthur Reis nasceu e passou sua infância e adolescência em Manaus, onde realizou seus estudos primários e secundários; no entanto, queria ser advogado e o único curso jurídico existente na Amazônia, naquele tempo, era o da Faculdade de Direito de Belém do Pará, então, transferiu-se para as terras belenenses em 1923, entretanto ele não concluiu o curso em Belém e sim no Rio de Janeiro, em 1926. Posteriormente, retornou para sua cidade natal para administrar o *Jornal do Comércio*, pertencente a sua família. As recessões trazidas pelo pós-guerra levaram Arthur Reis a se transferir para o Rio de Janeiro (à época capital federal), ingressando no serviço público. Com a criação da Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia (SPVEA), passou a coordená-la entre 1953 e 1955. Em seguida, tornou-se diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Assim, ao longo dos anos adquiriu grande familiaridade com a problemática amazônica, a que dedicaria diversos estudos, tais como: *História do Amazonas* (1931, reeditada em 1989), *O Ensino da história do Amazonas na escola primária* (1934), *A Política de Portugal no Valle amazônico* (1940), *Os Paulistas na Amazônia e outros ensaios* (1941), *Síntese da história do Pará* (1942), *Limites e demarcações na Amazônia brasileira* (1947-1948, reeditado em 1993), *A Conquista espiritual da Amazônia* (1948, reeditada em 1997), *Território do Amapá* (1949), *O Seringal e o seringueiro* (1953), *Aspectos sociais da valorização da Amazônia* (1955), *A Amazônia que os portugueses revelaram* (1956), *A Expansão portuguesa na Amazônia nos séculos XVII e XVIII* (1959), *Aspectos econômicos da dominação lusitana na Amazônia* (1960), *A Amazônia e a cobiça internacional* (1960), *Súmula de História do Amazonas* (1965), *A Amazônia e a integridade do Brasil* (1965), *A Autonomia do Amazonas* (1965), *Roteiro histórico das fortificações no Amazonas* (1966), *A Integração da Amazônia na civilização brasileira* (1965), *A Colonização européia nos trópicos* (1966), *Amazônia e o mundo atual* (1967), *O Impacto amazônico na civilização brasileira: a Transamazônica e o desafio dos trópicos* (1972), *História de Óbidos* (1979). Com o advento da Revolução de 64, foi eleito governador do Amazonas (1964-1967). Pertenceu ao Conselho Federal de Cultura, que presidiu no biênio 1967-68. Lecionou na Fundação Getúlio Vargas (FGV) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). No Pará, lecionou no Colégio Moderno, e no Amazonas, lecionou em escolas secundárias e na Faculdade de Direito. Recebeu o título de Professor Honoris Causa na Universidade do Pará em 1962 (Cf. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO. **Dicionário Biobibliográfico de autores brasileiros**. Salvador: Senado Federal, 1999, p. 411; UFPA. Sistema de Bibliotecas. **Relatório do Software Pergamum**, Belém, 2023; [PROFESSORES Honoris Causa Arthur Cezar Ferreira Reis e Waldir Bonhid - Deputado Tarso Dutra e o Reitor José da Silveira Netto. 1 fot.).

<sup>309</sup> NUNES, Benedito. Dois mestres e uma só lembrança. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 14, n. 1, p. 7, jan. 2003.

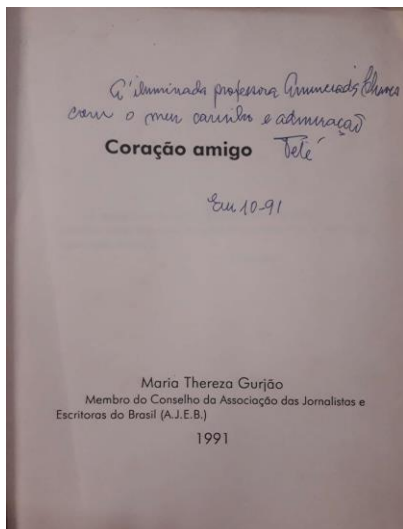
Foto 128 – Dedicatória nº 0405/2012 feita por Agildo Monteiro.<sup>310</sup> Transcrição



À // querida // Professora Maria Anunciada Chaves, // com o fraternal // abraço //do // Agildo Monteiro // Belém // 23.10.86.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Foto 129 – Dedicatória nº 1813/2012 feita por Tereza Gurjão.<sup>311</sup> Transcrição



À *iluminada* professora Anunciada Chaves, / com o meu carinho e admiração, / Teté. / Em 10.91.

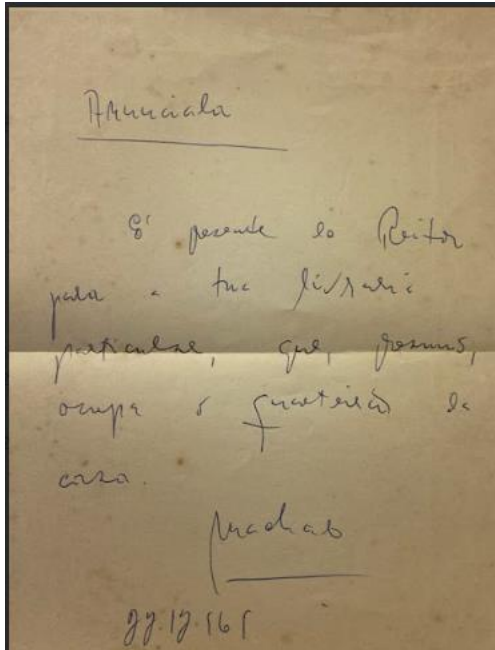
Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>310</sup> Agildo Monteiro Cavalcante: advogado, bancário, escritor e militante manauara, formado pela UFPA. Foi diretor jurídico da Associação de Escritores Paraenses e criou a Associação dos Advogados Trabalhistas de Belém. É membro da APL e escreveu os seguintes livros: *Assassinato a bordo*, *Os Ratos d' água*, *As Paisagens mortas*, *O Peixe*, *Ponto Z*, *A verde rã*, *Um Animal muito estranho* e *Brigue Palhaço* (CONTOS Paraenses. Belém: Cultural Cejup, 1988. p. 9; ILDONE; MEIRA; CASTRO, 1995, *op. cit.*, p. 271-272; ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL - SEÇÃO PARÁ. **Advogado Agildo Monteiro lança livro “Brigue Palhaço”, na OAB/PA**. 2021. Disponível em: <https://www.oabpa.org.br/noticias/advogado-agildo-monteiro-lanca-livro-brigue-palhaco-na-oabpa>. Acesso em: 20.05.2023).

<sup>311</sup> Maria Tereza Gurjão: estenógrafa, professora, jornalista, escritora, musicista e compositora belenense. Assim como Sílvia Helena Tocantins, iniciou a sua carreira de escritora tardiamente, no caso de Tereza com mais de oitenta anos. É neta de dois vultos importantes da história paraense, do maestro Eulálio Gurjão, e do militar Hilário Gurjão, que combateu na Guerra contra o Paraguai. Tereza Gurjão publicou os livros: *Falando ao coração* (1987), *O Coração não envelhece* (1989), *De Coração aberto* (1990), *Coração Amigo* (1991) e *Coragem coração, não te perturbes*. Foi articulista: do Jornal *O Liberal*, do *Diário do Pará*, e da *Voz de Nazaré*. Foi membro da AJEB (Cf. GURJÃO, Maria Thereza. **O Coração não envelhece**. Belém: CEJUP, 1989. Orelha; ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORAS DO BRASIL. **Ajenianas vôo da palavra**. Belém: IOE-PA, 1983, p. 207).

Annunciada Chaves era muito conhecida por sua sapiência e sempre estava associada a sua biblioteca, como descreve a dedicatória a seguir:

Foto 130 – Dedicatória nº 0169/2012 feita por Transcrição Machado Coelho.



Annunciada. // É presente do Reitor // para a tua livraria // particular, que, sabemos, // ocupa o quarto da // casa. / Machado, // 22.12.61.

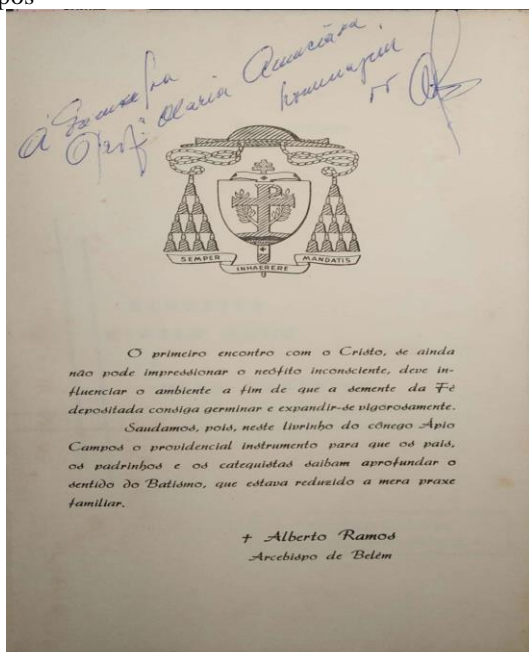
Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

Inocêncio Machado Coelho,<sup>312</sup> jornalista, crítico de arte e tradutor paraense, conviveu com Annunciada Chaves em várias instituições educativas e culturais. Porém, o período em que eles tiveram muita proximidade ocorreu entre os anos de 1973 a 1977, que corresponde a gestão do ex-reitor Clóvis Cunha da Gama Malcher, à época, a Professora Annunciada Chaves era sub-reitora de Relações Estudantis e Machado Coelho era chefe do Gabinete da Reitoria da UFPA.

<sup>312</sup> Inocêncio Machado Coelho (1909 - 2001): fez estudos secundários no Ginásio Paes de Carvalho (atual Colégio Estadual Paes de Carvalho - CEPC), os quais interrompeu, tornando-se autodidata. Machado Coelho ocupou muitos cargos públicos, especialmente voltados à cultura, destacando-se: no governo de José Malcher (1937), quando foi nomeado arquivista da Biblioteca e Arquivo Público do Pará, e mais tarde, diretor de Imprensa e Propaganda e Turismo do Departamento; no segundo governo de Magalhães Barata (1943-1945), foi nomeado bibliotecário do Museu Paraense Emílio Goeldi, fez grandes reformas, inclusive reativou a editoração do “Boletim” desta instituição científica; no governo do Marechal Zacarias de Assumpção (1951-1956), deixou o Museu e passou a secretariar a Associação Comercial do Pará. Em 1953, foi nomeado chefe de Secretaria da 1ª Junta de Conciliação e Julgamento de Belém, função de que se aposentou em 1967. Foi repórter da *Folha do Norte*, redator de *O Estado do Pará*, fundou e dirigiu, junto com o prof. Otávio Mendonça, a revista *Novidade*, e foi colaborador de *A Província do Pará*. Em 1939, publicou o seu primeiro livro, o ensaio crítico *Machado de Assis*; em 1951, *Minhas canções de Verlaine*; em 1962, *O Feitiço*; em 1965, *Seringalista, palavra nova*. Foi um dos fundadores da Aliança Francesa em Belém e presidiu esta instituição por oito anos consecutivos, inclusive, em 1956, foi condecorado por decreto do ministro da Educação Nacional da França, René Billères, com a “Ordem das Palmas Acadêmicas”, recebendo a cruz de Chevallier, condecoração esta conferida a escritores, artista e professores, sendo-lhe outorgada por serviços prestados à difusão da língua e da literatura francesa na Amazônia. (Cf. ALENCAR, Gualter Loiola (Ed.). Machado Coelho. In: ALENCAR, Gualter Loiola (Ed.). **Quem é quem no Pará**. Belém: Ed. Persona, 1970. p. 265). Usava o pseudônimo M. Co. (Cf. REGO, Clóvis S. Moraes. **O Labirinto do pseudônimo**. Belém: O Autor, 2004, p. 24).

Na dedicatória nº 0169/2012, Innocêncio Machado Coelho revela ter sido intermediário da oferta feita por Clóvis Malcher, ex-reitor da UFPA, da obra *Pelos sertões e fronteiras do Brasil*, escrito por Frederico Rondon, à Anunciada Chaves. E na dedicatória, Machado Coelho se refere à famosa biblioteca da sub-reitora, a qual ele chamou de livraria<sup>313</sup>, muito admirada pelo meio intelectual paraense.

Foto 131 – Dedicatória nº 0028/2012 feita por Ápio Campos<sup>314</sup>



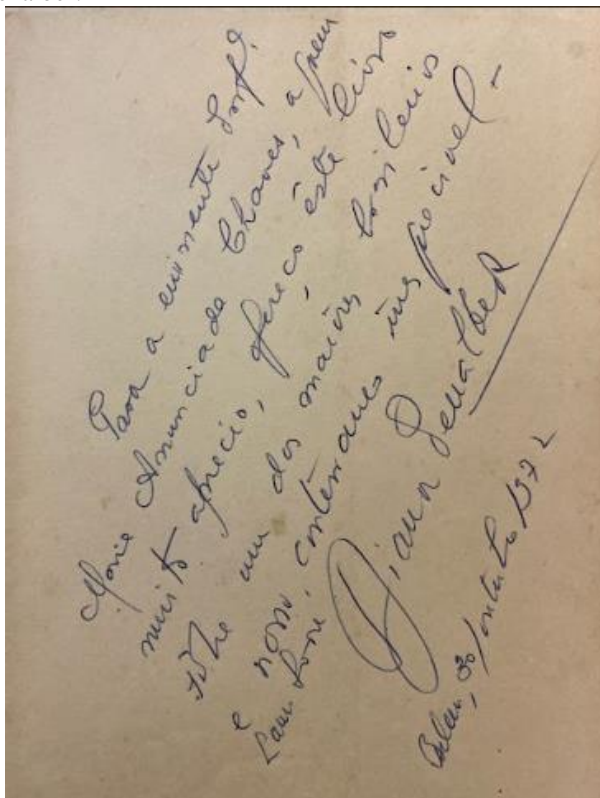
À **exemplar** // Professora Maria Anunciada,  
// homenagem // de Ápio Campos

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>313</sup> Antigamente, era muito comum tratar o termo Livraria como sendo sinônimo de Biblioteca, considerando-se essa semelhança inclusive em dicionários, como pode ser visto no Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Moraes da Silva, de 1885, que considera Biblioteca como: *s.f.* (do Gr. *Biblion*, livro, e *thêkê*, caixa, ou lugar onde se guarda alguma cousa). Collecção de livros, posta em estantes, ou armários. § Livros em que se apontam os autores de alguma nação, ou terra, com a história de sua vida, escriptos, e censura d'elles, edições, etc. (*Bibliotheca*, *Livraria*, *Syn.*). Posto que, usados frequentemente como se tivessem idêntica significação, há entre eles uma diferença. *Bibliotheca* quer dizer precisamente caixa, armário, casa em que se depositam livros e se conservam ordinariamente em certo arranjo. *Livraria* quer dizer precisamente multidão de livros, é essa a energia de sua terminação (*V.* o art. *Lisonja*). D' aqui vem que o guarda da casa de livros encarregado de seu arranjo, etc., se chama bibliotecário, e não livreiro, dando-se este último nome ao que tem multidão de livros para vender. Se um viajante, (por ex.) levasse em suas viagens uma caixa com alguns livros para lhe servirem de estudo, ou ao entretenimento, poderíamos dizer que levava consigo uma biblioteca, mas não uma livraria. *Cf.* SILVA, Antônio de Moraes da. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Typ. de Antônio José da Rocha, 1885, p. 327. O termo livraria é proveniente do latim *libro* + sufixo *aria* (coleção) = coleção de livros. Para países que falam línguas anglo-saxãs, se manteve o termo *library* para se referir a livraria. No entanto, países de língua latinas optaram pelo vocábulo grego *Bibliothek*, em que *biblio* = livro e *thek* = caixa, ou seja, lugar onde se guarda livros. Entretanto alguns intelectuais, principalmente os que pertenciam às ordens religiosas que vieram para o Brasil Colônia, costumavam utilizar o termo livraria como análogo à biblioteca.

<sup>314</sup> Ápio Campos: Conego, professor universitário, cronista, poeta, prosador, jornalista, filósofo, membro do IHGP, membro da APL (ocupante da cadeira 30), articulista do *Folha do Norte*. Trabalhou na Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia - SPVEA (atualmente Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM) e IDESP (*Cf.* MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990, p. 91). Coordenou o Núcleo de Letras da UFPA e lecionou na Faculdade de Filosofia da Universidade do Pará. Lecionou no Colégio do Carmo, no Colégio Santa Rosa, no Colégio Moderno, Escola de Agrimensura, Escola de Serviço Social do Pará (*Cf.* ALENCAR, *op. cit.*, p. 103). Possui uma vasta produção literária: *Berlinda, essa barca linda: (poemas sobre o Círio)*, *Marítimas, Árvore do tempo, Canto Agônico* (poesia), *Olhos dentro da noite, Fandango, Os anjos descem o céu* (contos); *Aquele padre velhinho, Hora de Ângelus (crônicas)*; *A Batina no Banco dos réus* (ensaio). Foi articulista de vários jornais belenenses (*Cf.* ROCQUE, *op. cit.* 1969, v. 2, p. 395).

Foto 132 – Dedicatória nº 3174/2012 feita por Diana Penalber.



Para a **eminente** Professora // Maria Anunciada Chaves a quem // muito aprecio, ofereço este livro // De um dos maiores brasileiros // e nome (?) inesquecível // Diana Penalber // Belém, 30 de outubro de 1972.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Os adjetivos: *iluminada*<sup>315</sup>, *ilustrada*<sup>316</sup>, são qualificativos relativos àquele que tem luz, ideias, é instruído, inteligente, adepto do Iluminismo; Já Ernane Ribeiro a considerava uma eminente intelectual, ou seja, qualidade de quem é “alto, elevado, que excede os outros, sublime”<sup>317</sup>. Ápio Campos a julgava exemplar, ou seja, “que serve ou pode servir de exemplo, modelo”<sup>318</sup>. Para Diana Penalber, Anunciada Chaves era uma “eminente professora”, isto é, uma docente “muito acima do que o que está em volta; proeminente, alto, elevado, que se destaca por sua qualidade ou importância; excelente, superior”<sup>319</sup>. Ou seja, isso denota que Anunciada Chaves era uma pessoa muito culta e os dedicadores faziam questão de ressaltar esse traço de sua personalidade ao lhe atribuir uma dedicatória.

Outra característica muito atribuída à professora Anunciada Chaves diz respeito ao seu exímio desempenho como docente, inclusive muitos dos dedicantes enfatizavam que foram seus alunos, como pode ser visto nos excertos: nº 0104/2012, nº 1435/2012 e nº 2771/2012, e

<sup>315</sup> FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009, p. 1071.

<sup>316</sup> *Ibid.*

<sup>317</sup> *Id.*, p. 732.

<sup>318</sup> *Id.*, p. 852.

<sup>319</sup> *Id.*, p. 732

alguns ainda relatam que trilharam a carreira do magistério inspirados nela, como se observa no excerto nº 1823/2012, escrito por Gelmirez Mello.

A proposição feita pela Professora Ruth Burlamaqui ao Conselho Superior de Ensino e Pesquisa (CONSEP, atual Conselho Superior de Ensino e Pesquisa e Extensão CONSEPE), solicitando que fosse concedido o título de Professora Emérita à Anunciada Chaves, sumariza muito bem o preito e reconhecimento de muitos de seus alunos, ao dizer:

[...]

É com muita alegria, e induzida pelo dever do reconhecimento que submeto aos meus pares proposição endereçada ao CONSEP para que conceda o título de professor Emérito à insigne Professora MARIA ANNUNCIADA RAMOS CHAVES, professora titular aposentada deste Departamento.

[...]

Todos que fomos seus alunos, todos que de alguma forma conviveram ou acompanham sua trajetória magisterial, consensualmente concordamos que não lhe ficamos indiferentes, mas fomos tocados pelas qualidades da mestra que inspirou muitos de nós – eu pessoalmente – a seguir-lhe os passos no estudo da História do Brasil e posteriormente no magistério universitário ou de 1º e 2º graus, e a cultivar um profundo espírito ético em face à profissão e à vida.

Das qualidades magisteriais de Maria Anunciada é fácil recordar. Fascinam-me o manuseio escoreito da linguagem, com construções elegantes, sem resvalar para o pernóstico, as aulas preparadas com esmero, as recomendações para que lêssemos os clássicos da História e da Literatura, sem descuidar dos contemporâneos; correções de prova que eram igualmente aulas que verificavam desde os deslizes linguísticos às omissões, aos erros e aos conteúdos insatisfatórios.

[...] <sup>320</sup>

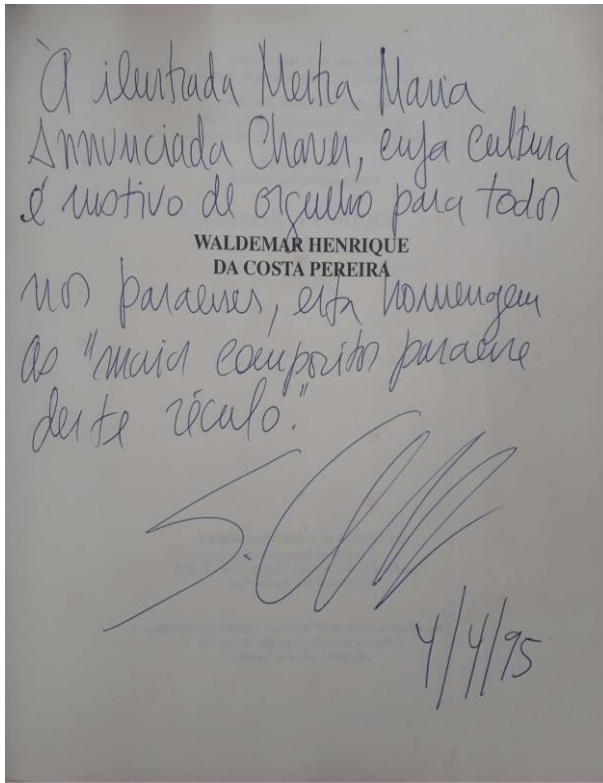
Fato é que a professora Maria Anunciada Ramos Chaves teve suas lides magisteriais reconhecidas pela UFPA quando em 01 de abril de 1992, o reitor Nilson Pinto assinou a Resolução nº 1.983, concedendo-lhe o título de Professora Emérita da UFPA. <sup>321</sup>

Sebastião Godinho, advogado, escritor e imortal pela Academia Paraense de Letras, também valoriza a sapiência da professora Anunciada Chaves, e afirma que seu *background* cultural orgulha os habitantes do Pará.

<sup>320</sup> MORAES, Ruth Burlamaqui de. Maria Anunciada e o Ensino Superior no Pará. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 14, n.1, p. 16-17, jan. 2003.

<sup>321</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino e Pesquisa. **Resolução n. 1.983, de 01 de abril de 1992**. Ementa: Concede título honorífico de professor emérito à professora Maria Anunciada Ramos Chaves. Disponível em: [https://sege.ufpa.br/boletim\\_interno/downloads/resolucoes/titulos\\_honorificos/professor\\_emerito/maria%20annunciacao.jpg](https://sege.ufpa.br/boletim_interno/downloads/resolucoes/titulos_honorificos/professor_emerito/maria%20annunciacao.jpg). Acesso em: 19.01.2021.

Foto 133 – Dedicatória nº 0104/2012 feita por Sebastião Godinho<sup>322</sup>. Transcrição



À ilustre mestra Maria // Annunciada Chaves, cuja cultura // é motivo de orgulho para todos // nós paraenses, esta homenagem // ao "maior compositor paraense // deste século". // Sebastião Godinho, // 4.4.95

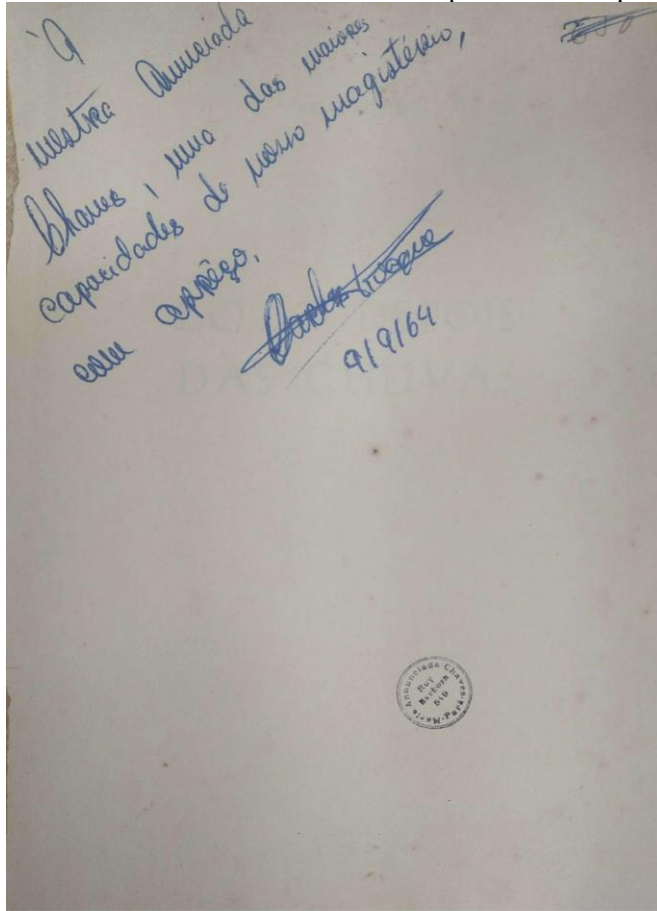
Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

O escritor e jornalista Carlos Rocque elogia Annunciada Chaves como lente, destacando-a como uma das melhores professoras do magistério paraense, considerando-a uma “capacidade”, ou seja, alguém de “grande ilustração, ou aptidão, talento, sumidade”.<sup>323</sup>

<sup>322</sup> Sebastião Godinho: advogado, escritor e imortal pela Academia Paraense de Letras. Escreveu os livros: *Avertano Rocha: um facho de luz* (1987), *O Monumento a D. Frei Caetano Brandão* (1987), também fez a seleção de texto e a fotobiografia em homenagem ao maestro paraense Waldemar Henrique, intitulada *Só Deus sabe por que* (1989), biografia aumentada posteriormente em 1994 e escrita em parceria com Yuri Gadelha, intitulada *Waldemar Henrique da Costa Pereira*. (SISTEMA PERGAMUM, 2022).

<sup>323</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Capacidade. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4. Ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009, p. 391.



Foto 134 – Dedicatória nº 1435/2012 feita por Carlos Rocque<sup>324</sup>.

Transcrição

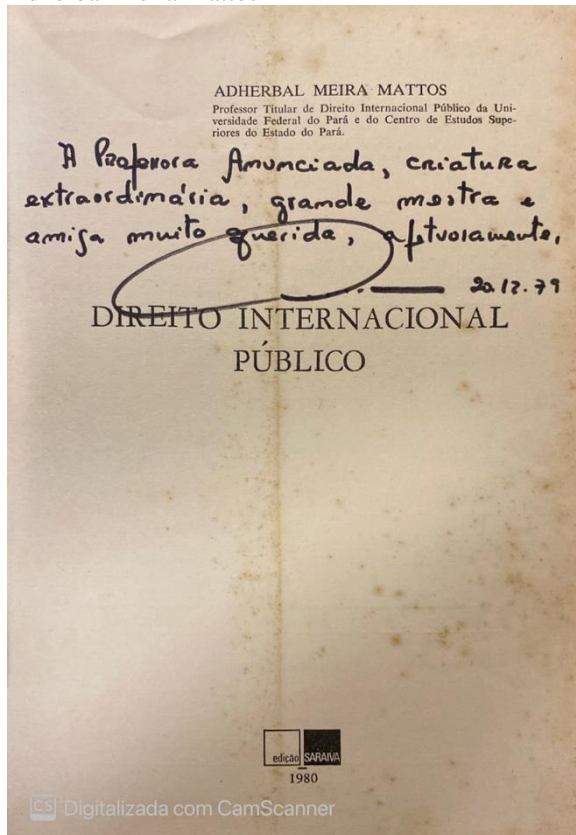
À // mestra Anunciada // Chaves, uma das  
maiores // capacidades do nosso magistério  
// com apreço // Carlos Rocque // 9.9.64.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Comungando da opinião de Carlos Rocque, o advogado e professor da UFPA, Adherbal Meira Mattos a denominava de “grande mestre”.

<sup>324</sup> Carlos Rocque (1938 - 2000): enciclopedista, jornalista, historiador, contista e romancista, nasceu em Belém do Pará, em 28 de abril de 1938. Exerceu, desde 1959, atividades em jornais do Rio de Janeiro (Diário de Notícias) e de Belém, e já publicou as seguintes obras: “O poço dos anseios perdidos” (romance), “Logo depois da chuva” (contos); “Grande Enciclopédia da Amazônia”, “Antologia da Cultura Amazônica”, “História do Círio e da Festa de Nazaré”, “Depoimentos para a História política do Pará”, “A Formação revolucionária do Tenente Barata”, “Cabanagem: epopeia de um povo”. Detentor de medalhas, diplomas e condecorações foi eleito em 30 de outubro de 1980, pela Academia Paraense de Letras, para ocupar a cadeira de n. 10, cátedra patrocinada por J. Barbosa Rodrigues, sendo seus últimos ocupantes José Maria Conduru e Augusto Ebremar de Bastos Meira. Foi empossado no dia 14 de agosto de 1981 e saudado pelo acadêmico Aldebaro Klautau. Devido ao seu ofício de jornalista e a temática histórica ser a tônica de boa parte de suas matérias, Carlos Rocque era conhecido como o “Repórter da História”, e levando-se em consideração as obras que publicou e sua atuação como homem público, implementando obras públicas alusivas à memória de vultos históricos, tais como: o Memorial Magalhães Barata; ou fatos históricos como o Memorial da Cabanagem; ou ainda fenômenos religiosos como o Museu do Círio, essa somatória de feitos conferiu a Carlos Rocque o título de Historiador da Cidade. Cf. SILVA, Maurila Bentes de Mello e. Os “Historiadores da cidade”: Ernesto Cruz, Augusto Meira Filho e Carlos Rocque. In: LACERDA, Franciane Gama; SARGES, Maria de Nazaré (Org.). **Belém do Pará: história, cultura e cidade, para além dos 400 anos.** 2. Ed. Belém: Ed. Açai, 2016. P. 267-284.

Foto 135 – Dedicatória nº 2771/2012 feita por Adherbal Meira Mattos<sup>325</sup> Transcrição

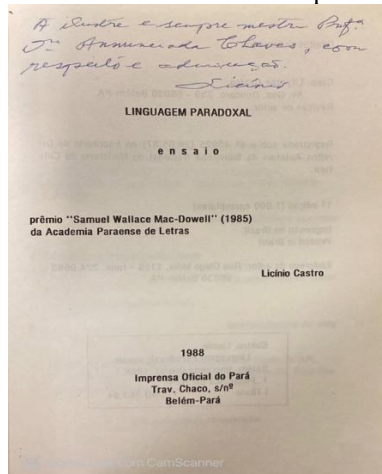


À Professora Anunciada, criatura // extraordinária, grande mestra e // amiga muito querida, afetuosamente, //Adherbal Meira Mattos, 20.12.79

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

O escritor Licínio Castro se referiu à Anunciada Chaves como “sempre mestre”, enfatizando o seu desempenho profissional, de modo análogo ao historiador Geraldo Mártires Coelho ao denominá-la de “sempre professora”.

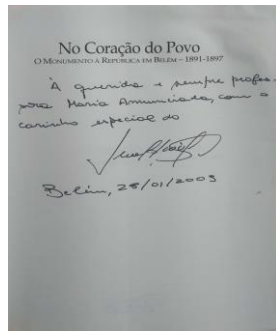
<sup>325</sup> Adherbal Augusto Meira Mattos (1933 - ): advogado, professor da UFPA, lecionando na Faculdade de Direito e no Curso de Biblioteconomia. Foi membro do Rotary Club, do *World Peace Through Law Center* (Genebra), da *American Society of International Law* (Washington, DC, EUA), do Movimento pelo Desarmamento, a paz e a liberdade (Paris). Ministrou uma quinzena de estudos sobre a “*Guadium et spes*”, na Igreja da Trindade, em 1968. Escreveu as obras: *Contribuição ao estudo econômico-social dos bancos*, *A ONU e sua obra para a paz*, *Populorum progressio* e fraternidade. (Cf. ALENCAR, Gualter Loiola (Ed.). **Quem é quem no Pará**. Belém: Ed. Persona, 1970, p. 21-21). Possuía uma coluna fixa no jornal *A Província do Pará* intitulada: *Comentário Jurídico Internacional*. Em 1968, Adherbal Mattos foi convidado pelo *State Department* dos Estados Unidos para participar do programa de Bolsas de Estudo sobre Direito Internacional, onde visitou a Organização do Estados Americanos (OEA) e entidades universitárias, como: a *Georgetown University*, a *Columbia University*, a *New York University*, a *University of Colorado (Boulder)*, a *Berkley*, a *Stanford*, a *UCLA*, a *UCS*, a *Occidental College*, e a *University of Miami in Coral Gables*, participando de aulas e seminários, proferindo palestras e realizando pesquisas (Cf. ROCQUE, 1969, *op cit.*, v. 9, p. 11). Escreveu os seguintes livros: *Direito internacional público* (1980), *Pacto Amazônico: cooperação e integração* (1982), *A busca no tempo infartado* (1986), *O Homem e o mar* (1987), *Amazônia e outros estudos* (1991), *Amazônia: desenvolvimento ou retrocesso* (1992), *Em defesa da Amazônia brasileira & outros estudos* (1995), *O Novo direito do mar* (1996), *Direito, soberania e meio ambiente* (2001), *Direito e relações internacionais* (2003), *Direito de família contemporânea e os novos direitos: estudos em homenagem ao Professor José Russo* (2006), e *Direito das organizações internacionais e direito de integração* (2008). (SISTEMA PERGAMUM, 2022). Adherbal Meira Mattos é referência no estudo do Direito Internacional e ao lado do Prof. Dr. Vicente Marotta Rangel, cristalizou os estudos sobre Direito do Mar no Brasil. E tanto esforço lhe rendeu uma grande homenagem em 2020, com a publicação do e-book, intitulado: *Direito do mar e transdisciplinaridade: estudos em homenagem ao prof. Adherbal Meira Mattos*, obra coordenada por Wagner Menezes e organizada por Bárbara Mourão Sacht e Paulo Henrique Reis de Oliveira, publicado pela editora Arraes.

Foto 136 – Dedicatória nº 2721/2012 feita por Licínio Castro<sup>326</sup>

Transcrição

À ilustre e sempre mestre Profa // Ma.  
Annunciada Chaves, com // respeito e  
admiração // Licínio.

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

Foto 137 – Dedicatória n. 2263/2012 feita por Geraldo Coelho<sup>327</sup>.

Transcrição

À querida e sempre profes- // sora Maria  
Annunciada, com o // carinho especial do //  
Geraldo Coelho // Belém, 28.01.2003.

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

<sup>326</sup> Licínio Castro: (1931- ); cronista, poeta, ficcionista e ensaísta paraense, tendo sido definido pelo crítico literário Acyr Castro como “um polígrafo”. Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará, instituição em que ingressou posteriormente como Professor Assistente de Língua e de Literatura Portuguesa. São produções de sua lavra: *Improvisos*; *Teorema*; *Mahadeva*; *Semiótica do útero*; *Zadig e O Cavalo do Rei*, nas áreas respectivamente: da poesia, da crônica, do conto e do teatro. Publicou a monografia *Sartre* e o drama *Hui-clos* (In: Revista da UFPA, n. 5, 1975), além do ensaio *Linguagem paradoxal* (1988) e do romance *Natasha* (1988); estes dois últimos textos citados lhe conferiram o Prêmio Literário Samuel Wallace Mac-Dowell da Academia Paraense de Letras e do Governo do Estado do Pará. [...]. Mais recentemente, publicou a coletânea de poemas intitulada: *Mare mundo* (1999). (Cf. MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (org.). Licínio Castro. In: MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (org.). **Introdução à literatura no Pará**: antologia. Belém: CEJUP, 1995. 8 v., v. 5, p. 130; SISTEMA PERGAMUM, 2022).

<sup>327</sup> Geraldo Mártires Coelho (1948- ): historiador paraense, professor da Faculdade de História da UFPA. Licenciou-se em História pela UFPA (1972); fez mestrado em História do Brasil na Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro (1978); foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (1975-1977); cursou doutorado em História Cultural e das Mentalidades na Universidade Nova de Lisboa (1987); foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian (1984-1987); fez estágio de pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa (1995); foi bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (1995). Escreveu os seguintes livros: *História e ideologia*: o IHGB e a República (1981); *Letras & Baionetas* (1989); *Anarquistas, demagogos e dissidentes*: a imprensa liberal no Pará de 1822 (1993); *O Brilho da supernova*: a morte bela de Carlos Gomes (1995); *Os Caminhos de Belém* (1996); *Belém trezentos e oitenta anos*: quadros da memória (1996); *Uma Crônica do maravilhoso*: legenda, tempo e memória no culto da Virgem de Nazaré (1998); *No coração do povo*: o monumento à República em Belém - 1891-1897 (2002); *O Violino de Ingres*: leituras de história cultural. (2005); *O Espelho da natureza*: poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil (2009); *A independência no Pará* (1823): Novos tempos, novos acontecimentos, novos personagens (2012). *A Lira de Apolo*: o mecenato em Antônio Lemos e Augusto Montenegro, 1897-1912 (2014). Também escreveu os artigos: *Choques culturais na Amazônia seiscentista*: colonos, padres, índios e... Antonio Vieira (2007); e os folhetos: *Rito e memória* (1991) e *Universitas*; imagem do tempo, corpo da história (2006). Faz parte do Corpo Editorial dos seguintes periódicos: *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*; *Revista Nova História*; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*; *Asas da Palavra* (UNAMA) e da *Revista de Cultura do Pará* (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO). **Geraldo Mártires Coelho. Sócios correspondentes brasileiros**. 2023. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/GMCoelho.html>. Acesso em: 27.01.2023; SISTEMA PERGAMUM, 2022).

O Colégio Paes de Carvalho foi o lugar onde Geraldo Mártires Coelho conheceu Annuciada Chaves. Ela era professora da cátedra de História do Brasil no liceu da Rua Saldanha Marinho quando ele era representante do Grêmio Honorato Filgueiras. E eles se reencontraram novamente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL).

O prof. Geraldo Mártires Coelho escreveu o prefácio do livro *O Açúcar na história do Brasil*, o qual foi apresentado anteriormente como tese, em 1950, para que Annuciada Chaves pudesse concorrer à cátedra de História do Brasil do Colégio Paes de Carvalho. A versão em livro foi publicada em 1999 pela Editora da UFPA. Segundo o prof. Geraldo Coelho, “esta tese, apesar de ter sido escrita há 38 anos, ainda se mantém atual e reúne a nata do pensamento social brasileiro”.<sup>328</sup>

A escritora Celeste Proença elogia a atuação profissional de Maria Annuciada Chaves, frisando os termos de *professora* e *mestra* em sua dedicatória. Esta justaposição de termos proposta por Proença é bastante pertinente, pois, conforme explica o educador Içami Tiba, “O professor impõe o aprendizado, precisa cobrar a matéria. O mestre desperta a vontade de aprender”<sup>329</sup>. Isto é, o mestre transcende o professor. De acordo com A. Pienta, “[...] Ser mestre é ser muito mais do que apenas bacharel, licenciado, professor, docente ou educador. Ser mestre é saber compartilhar experiências e saberes, alegrar-se com as conquistas dos alunos e apoiá-los em seus momentos difíceis”.<sup>330</sup>

O pedagogo Marcos Pereira dos Santos considera que há vários tipos de mestres, enumerando:

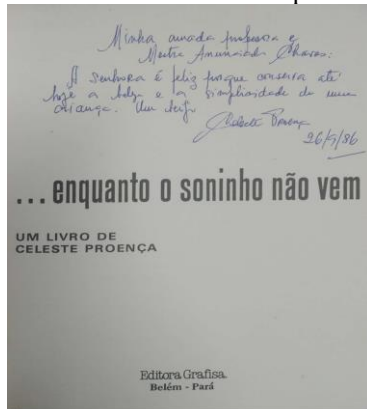
[...] uns que nos falam e nós não ouvimos; alguns que nos tocam e não sentimos; outros que nos “ferem” e nem cicatrizes deixam. Mas, há também aqueles que marcam profundamente, com palavras e ações, a vida de seus alunos. Ser mestre é coisa séria! Uns são apenas homens; outros, professores; poucos são verdadeiramente *mestres*. Aos primeiros, escuta-se; aos segundos, respeita-se; aos últimos, segue-se.<sup>331</sup>

<sup>328</sup> COELHO, Geraldo Mártires, historiador. Informações verbais... In: UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA. **Documentário Professora Annuciada Chaves**. Belém: UNAMA, 2001. 44 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wuNHYf-uym4&t=7s>. Acesso em: 27.01.2019.

<sup>329</sup> TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: novos paradigmas na educação**. São Paulo: Integrare, 2015, p. 4.

<sup>330</sup> PIENTA, A. C. G. *et al.* Educação, formação profissional docente e os paradigmas da ciência. **Revista Olhar de Professor**. Ponta Grossa: Ed. da UEPG, v. 8, n. 2, p. 97, jul./dez., 2005.

<sup>331</sup> SANTOS, Marcos Pereira dos. **Profissão mestre, por que não?**. @ProfessorNews. 2014. Disponível em: [https://professornews.com.br/utilidades/dicas-e-tecnicas-de-ensino/5591-o-verdadeiro-sentido-de-ser-mestre.html#google\\_vignette](https://professornews.com.br/utilidades/dicas-e-tecnicas-de-ensino/5591-o-verdadeiro-sentido-de-ser-mestre.html#google_vignette). Acesso em: 12.01.2019.

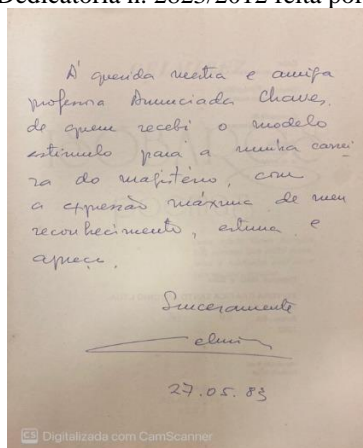
Foto 138 – Dedicatória n. 0460/2012 feita por Celeste Proença<sup>332</sup>

## Transcrição

Minha amada professora e // mestra Anunciada Chaves // A senhora é feliz porque conserva até // hoje a beleza e a simplicidade de uma // criança.  
Um beijo // Celeste Proença // 26.09.86

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Comungando do pensamento de Marcos Santos, o ator e escritor Gelmirez Melo e Silva, na dedicatória n. 2823/2012, elogia Anunciada Chaves como professora, demonstra sua amizade e ainda lhe imputa ascendência sobre sua escolha por ter seguido carreira docente.

Foto 139 – Dedicatória n. 2823/2012 feita por Gelmirez.<sup>333</sup>

## Transcrição

À querida mestra e amiga // Professora Anunciada Chaves, // de quem recebi modelo // estímulo para a minha carreira // no magistério, com // a expressão máxima de meu // reconhecimento, estima e // apreço // Sinceramente // Gelmirez // 27.05.83

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>332</sup> Celeste Magno Camarão Proença (1923-2018): professora universitária de Língua Portuguesa e Técnica de Redação, compositora, poetisa, contista, jornalista e folclorista. Foi membro da APL e da AJEB (MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990, *op. cit.*, p. 45). Trabalhou na PRC5, primeira estação de Rádio de Belém e a também a pioneira do Brasil, onde fez radionovela; foi membro: da Associação Paraense de Escritores; da Academia Castro Alves de Letras; da União Brasileira de Escritores (UBE) e do Centro Cultural, Literário e artístico da Gazeta de Filgueiras de Portugal; também foi sócia-fundadora da União Brasileira de Trovadores (UBT-PA). Escreveu os livros: *Mosqueiro e outros escritos*; *Enquanto o soninho não vem e Escorregando no tempo* (MEIRA, Clóvis. *A Lira na minha Terra*. Belém: CEJUP, 1996. p. 93-94; MAROMBA. I Antologia de contos e poesia da Associação Paraense de Escritores. Belém: Cejup, 1990, p. 30).

<sup>333</sup> Gelmirez Melo e Silva: professor, escritor, diretor teatral, radialista e ator cametaense. Colaborou com alguns jornais paraenses, dentre eles: *O Estado do Pará*, *Folha do Norte* e o *Província do Pará*. Quando adolescente, dirigiu o teatro secundarista no Colégio Estadual Paes de Carvalho, o que de certa forma lhe deu *know-how* para, anos mais tarde, fundar e dirigir o Teatro Universitário do Pará, inclusive dirigiu a peça *Vila Rica*, que contou com a consultoria histórica da professora Anunciada Chaves, em 1950 (Cf. UNIVERSIDADE DO PARÁ. União Acadêmica Paraense. Teatro Universitário do Pará. *Vila Rica*: quatro atos vividos no Brasil Colonial, Belém, 1950). Apaixonado por radialismo, fundou a Rádio Marajoara lá trabalhando como: locutor e ator; além disso, ele associou o seu ofício de professor ao radialismo, então foi o criador e locutor do programa *As Aulas do Professor Cazuza*, tendo sido muito bem recebido pelos ouvintes. Cf. Gelmirez (Escritor), *op. cit.* Sempre ligado à atuação, migrou para o cinema, atuando nos filmes: *Os Bandeirantes*, *Um Dia Qualquer* (1962), *Marajó*, *Barreira do Mar* (1967), e *Brutos Inocentes* (1974), todos sob a direção do cineasta paulista Líbero Luxardo. Gelmirez também se aventurou pelo mundo da música e criou o grupo musical denominado de *Os Mocarongos*, e com este grupo, gravou o primeiro *long-play* da Amazônia. Cf. IMDb. **Gelmirez Melo e Silva**: biography. 2022. Disponível em: [https://www.imdb.com/name/nm1293733/bio?ref\\_=nm\\_ov\\_bio\\_sm](https://www.imdb.com/name/nm1293733/bio?ref_=nm_ov_bio_sm). Acesso em: 18.01.2022.

Por sinal, esse ato de presentear com o resultado de sua produção a pessoa que inspirou e incentivou o autor daquela obra se constitui uma motivação muito contumaz ao se fazer dedicatórias, como Maria de Belém Menezes, Maria Ruth Menezes e Maria Lenora Menezes de Brito, salientam:

[...] A dedicatória [...] dada a espontaneidade de que é revestido o ato de, em um breve instante, oferecer-se algo a alguém. Tem ela dois movimentos quando se dedica um trabalho a quem o inspirou, ou se é aposta em algo já construído, elaborado.

[...]

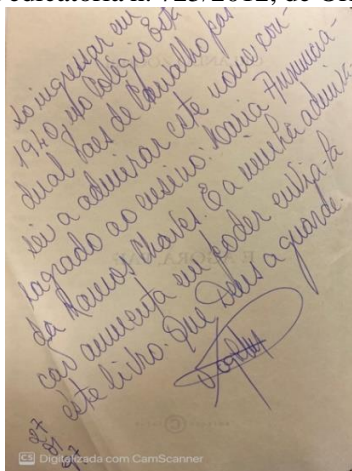
No primeiro caso, há um quê de secreto em endereçar-se a obra a quem propiciou a sua gênese, seu surgimento – “a fonte inspiradora”.<sup>334</sup>

Gelmirez nutria grande admiração pela professora Annunciada Chaves e sinalizou esse encantamento pela educadora, como sendo um dos maiores orgulhos da sua vida, pelo fato de ele ter sido o seu aluno, como assim foi descrito na orelha do seu livro *Isóbaros*:

Dentre as muitas cousas que o orgulhecem deveras, é Deus me haver dado os filhos que tanto ama e aos quais dedica todos os seus momentos disponíveis: haver tido como mestra a Professora Maria Annunciada Ramos Chaves, ter sido aluno do CEPC; dever a Moreira Júnior, um dos mais esclarecidos educadores paraenses, o direcionamento profissional que alcançou; e ter em Jarbas Passarinho – o tribuno que dignifica os momentos nacionais ou internacionais com um dimensionamento de saber difícil de ser sobrepujado – um amigo a quem muito é reconhecido pelas repetidas provas de apreço, consideração e confiança.<sup>335</sup>

A excelência na docência também foi lembrada por Orlanado Zoghbi, seu ex-aluno do Colégio Paes de Carvalho, como pode ser visto na dedicatória n. 725/2012.

Foto 140 – Dedicatória n. 725/2012, de Orlando Zoghbi



#### Transcrição

Ao ingressar em // 1940 no Colégio Esta // dual Paes de Carvalho pas // sei a admirar este nome con- // sagrado ao ensino: Maria Annuncia // da Ramos Chaves. E a minha admira // ção aumenta em poder enviá-la // este livro. Que Deus a guarde // Zoghbi // 07.07.97

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

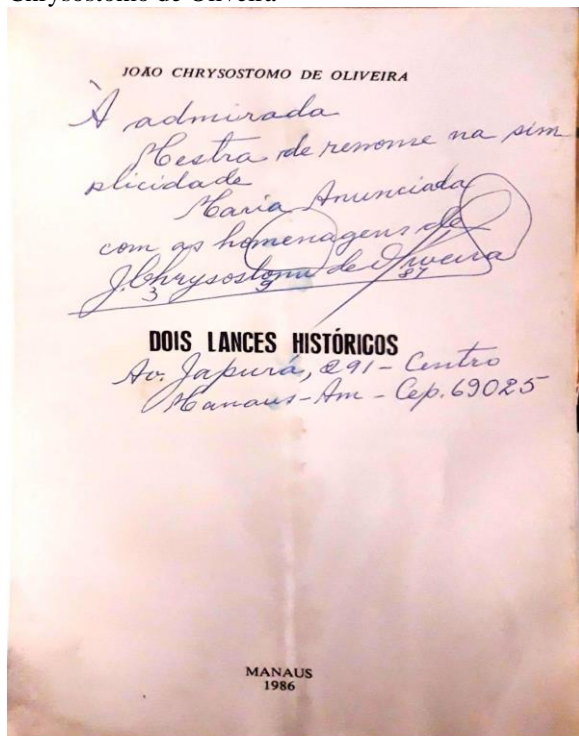
<sup>334</sup> MENEZES, Maria de Belém, MENEZES, Maria Ruth; BRITO, Maria Lenora Menezes de. Dalcídio Jurandir, dedicatórias e bilhetes. In: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon. **Dalcídio Jurandir**: romancista da Amazônia. Belém: Secult; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Instituto Dalcídio Jurandir, 2006, p. 191.

<sup>335</sup> Gelmirez (escritor). **Isóbaros**: poemas. Belém: Ed. Graf. Santo Antônio, 1983. Orelha.

O professor manauara João Chrysóstomo adverte quanto ao prestígio de Annuciada Chaves no meio docente ao alcunhar-lhe como “Mestra de renome”, ou seja, que tem bom nome, boa reputação, crédito, fama”.<sup>336</sup>

Foto 141 – Dedicatória n. 0615/2012 feita por João Chrysóstomo de Oliveira<sup>337</sup>

Transcrição



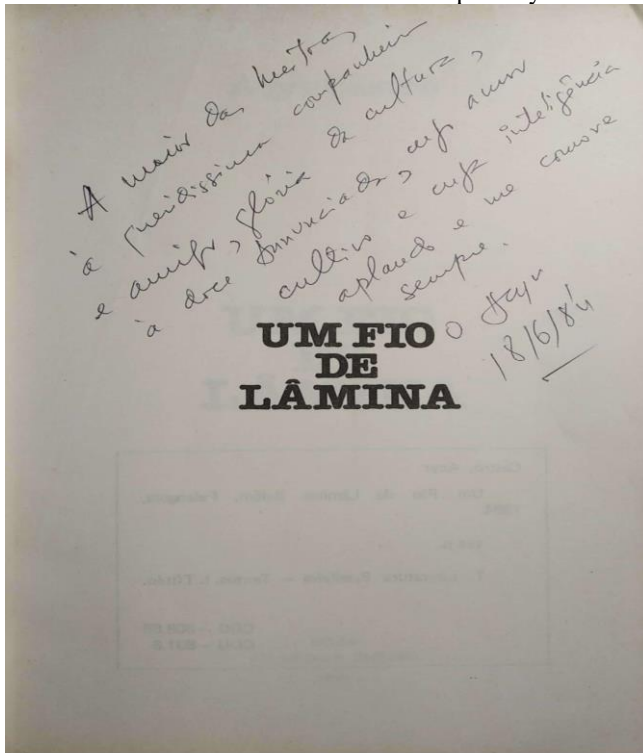
À admirada // Mestra de renome na sim- // plicidade.  
// Maria Annuciada, // com as homenagens de //  
J. Chrysóstomo, // 03.09.1987 // Av. Japurá, 291 -  
Centro //Manaus-Am-Cep 69025

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

Na dedicatória n. 0025/2012, o crítico de cinema Acyr Castro destaca a sua atuação docente, e a considerava como a *maior das mestras*, como se Annuciada Chaves estivesse num *status* acima das demais lentes paraenses.

<sup>336</sup> FERREIRA, *op. cit.* p. 1734.

<sup>337</sup> João Chrysóstomo Oliveira: advogado, professor, escritor e vereador amazonense, nascido em Tefé. Era reconhecido como um dos grandes nomes da Educação no Amazonas. Foi inspetor escolar. Ocupou a cátedra de Português do Instituto de Educação do Amazonas e de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia (Curso de Letras). Exerceu por duas vezes o cargo de Secretário de Estado de Educação e Cultura do Amazonas e Diretor de Educação no Território de Roraima. Membro da Academia Amazonense de Letras e da Academia Evangélica de Letras (*Cf. ROCQUE, 1969, op. cit., v. 5, p. 1226-1227*).

Foto 142 – Dedicatória n. 0025/2012 feita por Acyr Castro<sup>338</sup>

## Transcrição

A maior das mestras, // à queridíssima companheira // e amiga, glória da cultura, // à doce Anunciada, cujo a sua // cultura e cuja inteligência // aplaudo e me comove // sempre // O Acyr // 18.06.1984

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

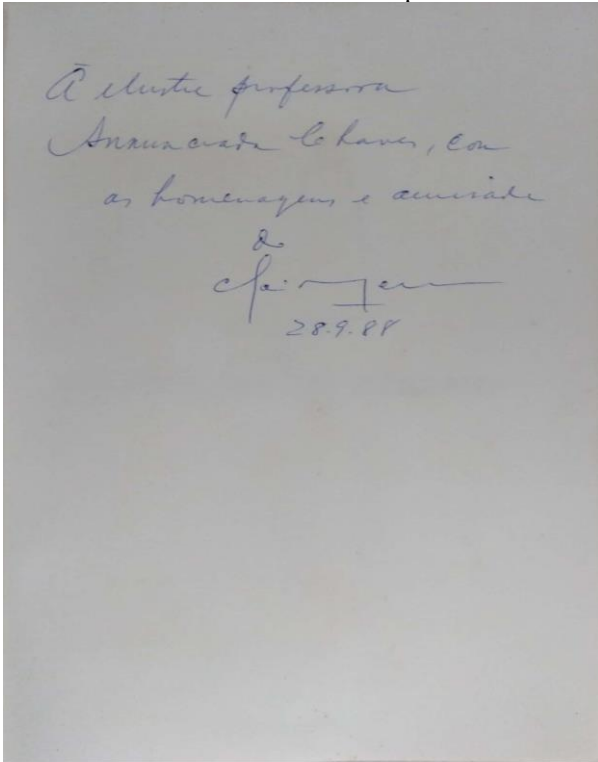
Acyr Castro, assim como a professora Anunciada Chaves, foi um grande mediador cultural, visto que suas críticas divulgadas semanalmente no *Jornal O Liberal* ajudavam o público admirador da sétima arte de Belém a prospectar a ida ou não ao cinema para assistir determinado filme. Por isso, Gomes e Hansen consideram os críticos (de literatura, música, cinema, televisão, teatro e artes plásticas) como um importante tipo de mediador cultural porque “aproximam seus públicos de bens culturais, fazendo-os conhecer de antemão”.<sup>339</sup>

A Academia Paraense de Letras também foi um terreno intelectual comum a Acyr Castro e à Professora Anunciada Chaves, por lá conviveram por longuíssimos 31 anos.

<sup>338</sup> Acyr Castro (1934 – 2016): escritor e crítico de cinema belenense. Devido a perseguições políticas ocorridas nos anos 1960, mudou-se para São Paulo, permanecendo uma década por lá. Jornalista profissional, trabalhou em todos os órgãos de comunicação de Belém do Pará; foi diretor-geral da Imprensa Oficial do Estado do Pará (IOE-PA), na administração de Aurélio do Carmo (1961-1964) e comandou no primeiro mandato do governo de Jader Barbalho (1983-1987), a Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo. Castro foi um dos fundadores da Associação Paraense de Críticos Cinematográficos e da Associação Paulista de Arte. Integrou os quadros da União Brasileira e da Associação Paraense de Escritores. Foi membro da Academia Paraense de Letras, ocupante da cadeira n. 26, que tem João de Deus do Rêgo como patrono; inclusive era o orador oficial da APL. Já escreveu: *O Grão da escrita* (1984), *Um Fio de lâmina* (1984), *Na Vertigem do texto* (1984), *Sob o signo de gêmeos* (1985), *Proteção contra a inocência* (1985), *Além do deserto* (1986), *O Detalhe da forma* (1993), *Estas poucas palavras* (1993), *Cinema: um close nos 100 anos* (1995), *Cléo Bernardo: a falta que faz: memórias* (2004), e *Cine Olympia: cem anos de história social em Belém* (2012), escrito a seis mãos, com Pedro Veriano e Maria Luzia Álvarez. Foi autor de duas coletâneas: *O Sentido da semente* e *Inverso tempo*. (ambas publicadas em 1986), além da hercúlea antologia: *Introdução à Literatura no Pará* (1990), escrita em parceria com Clóvis Meira e José Ildone. (Cf. ROCQUE, Carlos. Acyr Castro. In: ROCQUE, Carlos. *Antologia da Cultura Amazônica*. Manaus : AMADA, 1971., v. 7: Artigos e crônicas: ensaios e críticas, p. 17; UFPA, 2023).

<sup>339</sup> GOMES; HANSEN, *op. cit.*, p. 34.



Foto 143 – Dedicatória n. 0747/2012 feita por Clóvis Meira<sup>340</sup>

## Transcrição

À ilustre professora // Annuciada Chaves, com // as homenagens e amizade de // Clóvis Meira, // 28.9.1988

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

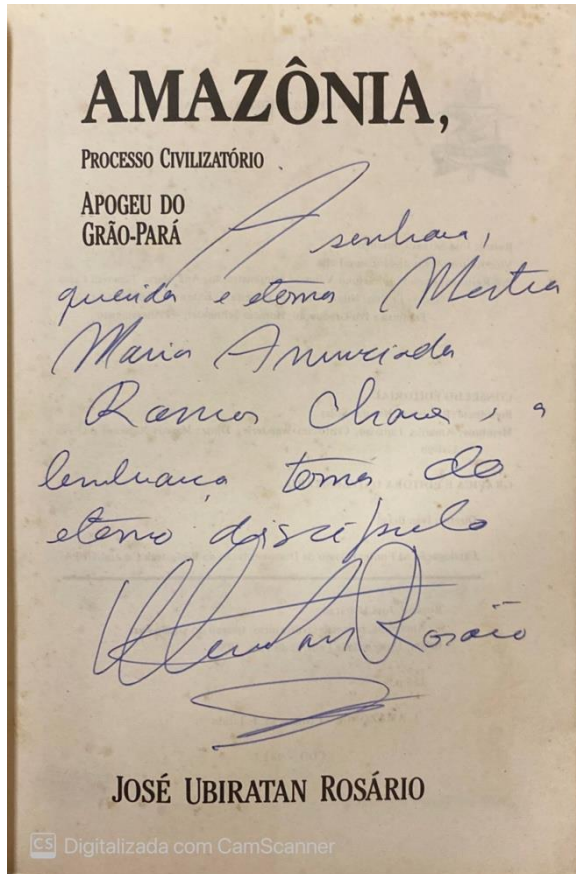
Nessa dedicatória, o médico Clóvis Meira ressalta a excelsa dedicação ao ensino de Annuciada Chaves, a epitetando de *eterna professora*. Até porque, mesmo depois de sua aposentadoria da Universidade Federal do Pará, ocorrida em 1977, ela sempre foi procurada por alunos e pesquisadores que constantemente iam a sua casa consultar a sua biblioteca. Como ela mesma dizia: “Quem quiser pode usufruir da biblioteca. A única recomendação que faço é ter o máximo de cuidado com os livros e nem pedi-los emprestados. Já muitos livros não me foram devolvidos. Não empresto mais, fiquei egoísta”.<sup>341</sup> Os estudiosos que lá frequentavam

<sup>340</sup> Clóvis Olinto de Bastos Meira (1917 - 2020): médico e professor universitário belenense. cursou as primeiras letras no Instituto Vieira, mantido pelas renomadas preceptoras Joventina Vieira e Hilda Vieira, e realizava os exames finais, no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, à época dirigido pela professora Maria Luíza Pinto do Amaral, fazia os exames complementares, no Grupo Escolar Artur Bernardes. No ano de 1930, foi aprovado no “exame de admissão” ao Ginásio Paes de Carvalho, formado em 1940, pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, exerceu vários cargos políticos. Foi médico e diretor do Pronto Socorro Municipal; médico-chefe de clínica e diretor da Santa Casa de Misericórdia do Pará; médico e Diretor da Legião Brasileira de Assistência no Pará. Diretor e professor da Escola de Enfermagem do Pará. Catedrático da Faculdade de Direito do Pará e, posteriormente, da UFPA; membro do Corpo Clínico da Beneficente Portuguesa. Clóvis Meira foi membro e associado de várias instituições científicas e culturais: Academia Paraense de Letras, IHGP, Sociedade Brasileira de Geografia, Sociedade Brasileira de Medicina Legal, Academia Nacional de Medicina e Ciências Afins, Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Sociedade Brasileira de Criminologia, Conselho Regional de Medicina do Estado do Pará, onde exerceu a presidência. Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará. Também foi escritor, além de sua produção científica, também escreveu: *Os Direitos médicos* (1980), *Barata, no centenário de nascimento* (1989), *E o tempo passou* (1990), *Memória da Legião Brasileira de Assistência no Pará*, e também foi colaborador permanente dos jornais diários: O Liberal, A Província do Pará e Folha do Norte (de Belém-PA), e O Rio Branco (do Acre) e do jornal da Associação Médica Brasileira. - JABM (Cf. MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990, *op. cit.*, p. 297-298).

<sup>341</sup> DAMASO, [1997], *op. cit.*, p. 8.

diziam que a professora sempre estava disposta a ajudar e constantemente interpelava o pesquisador a fim de saber até o quanto este dominava sobre o assunto pesquisado<sup>342</sup>.

Foto 144 – Dedicatória n. 0286/2012 feita por Transcrição Ubiratan Rosário<sup>343</sup>



À senhora, // querida e eterna mestra // Maria Anunciada // Ramos Chaves, a // lembrança tema do // eterno discípulo // Ubiratan Rosário.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

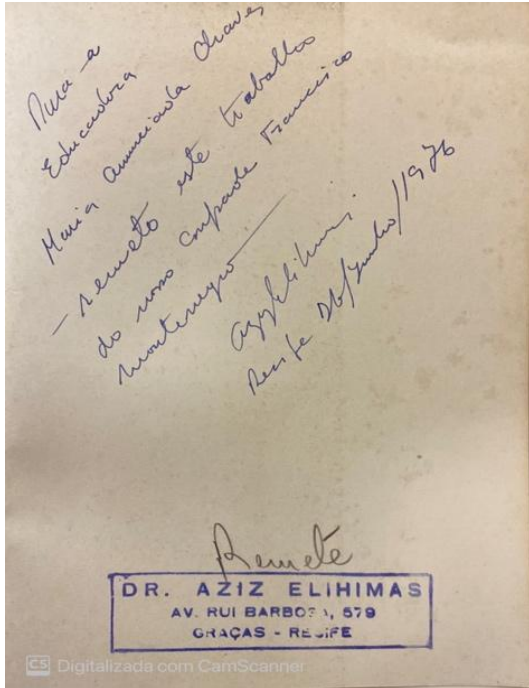
Ademais, quando Anunciada Chaves recebia o material de um jovem escritor, ela costumava fazer uma criteriosa avaliação, recomendava bibliografias, encorajava a fazer uma exaustiva revisão bibliográfica etc.

<sup>342</sup> NASSAR, Flávio. *Informações verbais...* 2018.

<sup>343</sup> José Ubiratan Rosário: (1938 - 2009): professor, historiador, folclorista e escritor. Nasceu em Viseu e criou-se em Bragança. Morou em Castanhal e permaneceu em Santarém até os treze anos, quando veio definitivamente para Belém. Ubiratan Rosário licenciou-se e bacharelou-se em História pela antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPA. [...]. Foi professor-adjunto da UFPA, em que lecionou História Antiga, História Medieval, Antropologia Cultural, Estudo de Problemas Brasileiros e criou uma disciplina específica para o curso de Turismo: História e Fundamentos da Cultura. Foi membro da Comissão Paraense de Folclore, da Associação dos Companheiros da América e da Associação Paraense de Escritores. Trabalhou na Folha do Norte como repórter e lecionou História do Brasil e História Geral em colégios. Foi sócio efetivo e perpétuo da Academia Paraense de Letras, eleito a 25 de junho de 1987, ocupava a cadeira de número n. 20, patrocinada pelo poeta Leopoldo Sousa e ocupada anteriormente por Paulo de Albuquerque Maranhão, Paulo Maranhão Filho e Pedro José Martin de Mello. Escreveu dois ensaios laureados: *Cultura Brasileira* (Prêmio Samuel Mac-Dowell, da APL); e *Amazônia, Processo Civilizatório: apogeu do Grão-Pará* (Prêmio José Veríssimo, da ABL), lançado a nível nacional pela Gráfica e Editora Universitária da UFPA, com parecer decisivo do pensador Alceu Amoroso de Lima. Sua incursão no teatro resume-se a uma peça laureada pela APL - *O Lord e a Esquadra-Fantasma na Amazônia* - Prêmio Elmana Queiroz. (Cf. MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990, *op. cit.*, p. 193-194).

A ênfase no termo educadora é dada pelo escritor pernambucano Aziz Elhímas em relação à Anunciada Chaves.

Foto 145 – Dedicatória n. 0116/2012 feita por Aziz Elhímas Transcrição



Para a // Educadora // Maria Anunciada Chaves // -  
remeto este trabalho // do meu compadre Francisco //  
Montenegro // Aziz Elhímas // Recife, 26.06.1976

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

A dedicação de Anunciada Chaves à docência era tão reconhecida pela sociedade paraense que, em 1988, ela recebeu uma homenagem pelo Dia do Professor, durante a entrega de prêmios do II Concurso Intermunicipal de Poesia e Contos “Bruno de Menezes”, cujo discurso feito pelo presidente da Federação do Centro do Comércio do Estado do Pará bem sintetiza o perfil docente de Anunciada Chaves, ao dizer:

Caríssima Professora Anunciada Chaves,  
A Federação do Centro do Comércio do Pará e o SENAC, sempre que possível, ampliam suas atividades para incluir encontros como este de natureza muito diversa dos interesses empresariais.  
Hoje homenageados os professores, simbolizados nessa mestra querida de tantas gerações que é Maria Anunciada Ramos Chaves. Nenhum estudante de Belém, pelo menos nos últimos três ou quatro decênios, ignora seu nome ou deixa de colocá-lo entre os merecedores do unânime carinho da juventude e do invariável respeito da intelectualidade paraense. Alunos dos cursos secundários e superiores, onde lecionou História Geral e do Brasil; integrantes da Universidade, de cuja direção participou por vários anos; membros do Instituto Histórico, da Academia de Letras e do Conselho de Cultura, aos quais pertencem; todos quantos, em nossa terra, algum dia se dedicaram ao estudo, ao ensino, à literatura, receberam de Anunciada Chaves a presença de apoio, a palavra de incentivo, a atitude de compreensão, o gosto de boa vontade. Ela é uma professora inata, dessas que ensinam instintivamente, quase sem perceber que o estão fazendo, em toda parte onde se encontram e com toda gente de quem se aproxima.

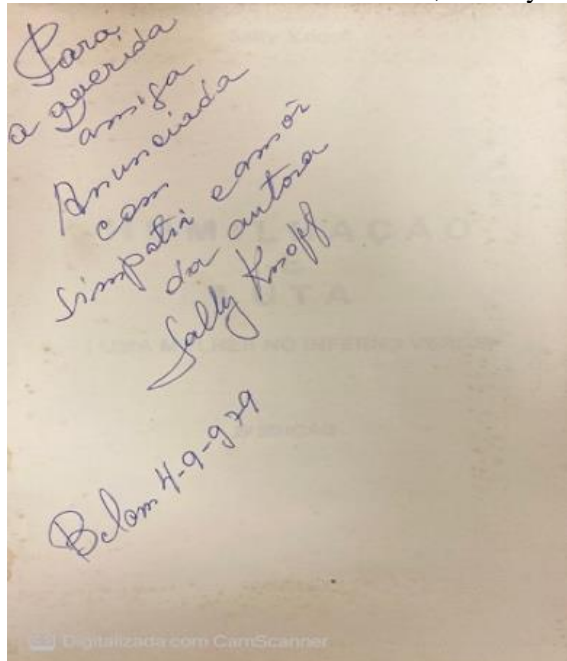
Muitos de nós fomos seus alunos e, quando não o fomos, foram nossos filhos, nossos irmãos, nossos amigos. Daquilo que sabemos, pouco ou muito, alguma coisa veio dela, de suas lições, dos seus pronunciamentos e até dos seus exemplos. Talvez nessa longa caminhada tenham sido escassos os recursos materiais que amealhou, menos imponentes os cargos que exerceu, miúdas as compensações recolhidas, pelo muito que distribuiu. Há, entretanto, em profissões como o magistério, um tipo de recompensa que não pode ser medida, nem pesada e até mesmo difícil de exprimir, por mais sincero que seja o intérprete: é o calor da confiança em torno de certas pessoas que as comunidades selecionam como paradigmas a seu afeto e gratidão. Exatamente isso, professora Anunciada, sentimos pela senhora. Os empresários do comércio e dos serviços, que não participam de seu círculo cotidiano, que não podem acompanhá-la no campo da cultura, mas podem admirá-la pela inteligência e pela dignidade que imprime a tudo o quanto faz - destacam-na como a imagem exata do mestre na sua mais alta significação.

E escolheram para recordar esse encontro os instrumentos da escrita, porque lendo, escrevendo e falando é que os professores, como a senhora, executam a mais nobre das tarefas de que se orgulhece a nossa sociedade.

Rogo a D. Alberto Ramos que entregue à Professora Anunciada Chaves a moderna e carinhosa lembrança que lhe oferecem a Federação e o Centro do Comércio do Pará e o SENAC.<sup>344</sup>

A escritora Sally Knopf recebeu o apoio da professora Anunciada Chaves para organizar a noite de autógrafos de divulgação da obra *Humilhação e Luta*, em Belém do Pará, a pedido da consagrada escritora Rachel de Queiroz (ver fotos 147 e 148), e essa mediação foi bem-sucedida, pois o livro foi lançado e Sally Knopf agradeceu à Anunciada Chaves por esse incentivo, ver dedicatória n. 2711/2012, a seguir:

Foto 146 – Dedicatória n. 2711/2012, de Sally Knopf



Transcrição

Para // a querida // amiga // Anunciada // com // simpatia e amor // da autora // Sally Knopf // Belém 4-9-979

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>344</sup> ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS. **II Concurso Intermunicipal de Poesia e Conto - Bruno de Menezes**. Belém: Cejup, [1988], p. 7-8.

Foto 147 – Rachel de Queiroz, p. 1

Rio, 3 setembro 1979

Minha prezada amiga  
D. Anunciada

Vela presente quero lhe a-  
presentar uma velha e que-  
rida amiga minha, Sally  
Knopf, que agora está de  
visita a um filho, em  
Belém. Sally é autora de  
um livro onde conta suas  
extraordinárias, quase heroi-  
cas aventuras, numa vida  
muito atípica deste Bra-  
sil, inclusive nas suas  
terras amazônicas; são,  
além, as experiências de  
"garimpeira" a parte

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2021)

Foto 148 - Rachel de Queiroz, p. 2

- 2 -

talvez mais cheia de  
interesse das suas notas  
biográficas.

É desejo de Sally fazer  
uma festa de autógrafos  
do seu livro. É para  
esse evento que peço o  
seu beneplácito, a ajuda  
do seu prestígio social  
e intelectual nos meios  
culturais da nossa, que-  
rida cidade de Belém.

Belém que continua na  
minha agenda, como item  
prioritário, assim que os  
nossos problemas de saúde  
aqui em casa, nos dêem uma  
folga. Muito muito grata  
pelo que prevê, sua amiga  
e admiradora de sempre

Rachel de Queiroz

O mesmo gesto de gratidão foi esboçado pelo professor latinista Rômulo Augusto de Souza, em que ele a agradece por ter possibilitado a publicação da obra *Manual de História da Literatura Latina*. Esse livro foi publicado pela Editora da UFPA, na época em que Anunciada Chaves era Pró-Reitora de Assuntos Estudantis e membro do Conselho Editorial da UFPA.

Foto 149– Dedicatória n. 0557/2012, de Rômulo Souza

A prezada mestra  
Maria Anunciada, as  
primícias desta edição, que  
ele tornou possível. Muito obrigado!  
Em 28/06/77  
Rômulo Souza

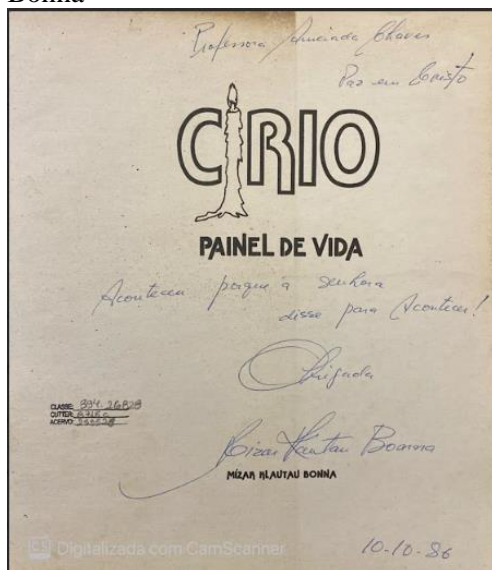
Transcrição

À prezada mestra // Maria Anunciada,  
as // primícias desta edição, que // ela  
tornou possível. Muito Obrigado! //  
Em, 28.06.77 // Rômulo Souza

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Mizar Bonna também atribui à Anunciada Chaves a publicação da sua consagrada obra *Círio: painel da vida*.

Foto 150 – Dedicatória n. 2711/2012, de Mizar Transcrição  
Bonna

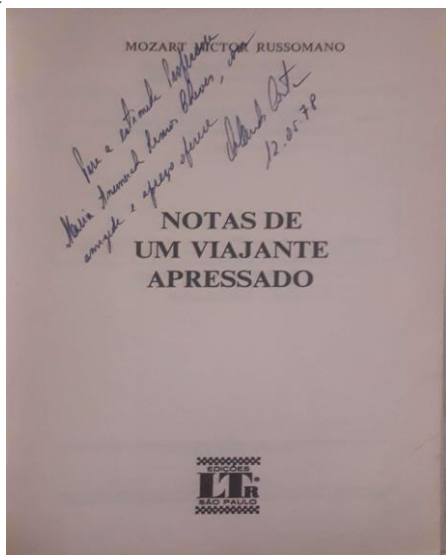


Professora Anunciada Chaves // Paz em Cristo  
// Aconteceu porque a Senhora // disse para  
Acontecer! Obrigada // Mizar Klautau Bonna,  
10.10.86

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Chama a atenção nas dedicatórias ofertadas à Anunciada Chaves a questão da fidelidade nas amizades.

Foto151– Dedicatória n. 0177/2012 feita por Orlando Transcrição  
Costa<sup>345</sup>



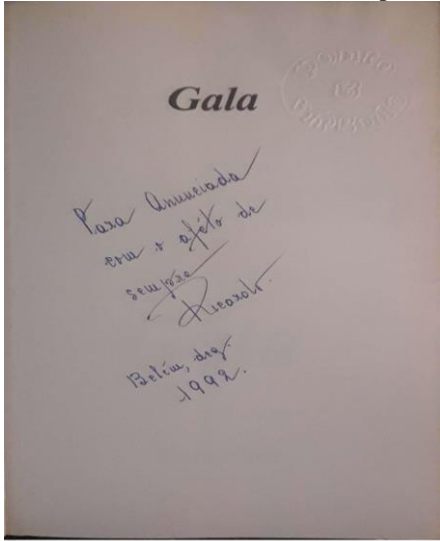
Para a estimada Professora // Maria Anunciada  
Ramos Chaves, com // amizade e apreço, oferece //  
Orlando Costa, // 12.05.78.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>345</sup> Orlando Costa: sociólogo, crítico de cinema. Trabalhou no Conselho Técnico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará, no período de 1958-1960, junto com Maria Anunciada Ramos Chaves, Francisco Paulo Nascimento Mendes, José Maria Hesketh Conduru e Edgar Pinheiro Porto, cujo diretor era o Cônego Ápio Paes Campos da Costa, gestão 1958-1961. (Cf. FACULDADE de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará: Reunião da congregação. **Folha do Norte**, Belém, 30 de março de 1958).

Na dedicatória n. 0078/2012, o dedicador enfatiza, por meio do vocábulo *sempre*, a perenidade da relação amistosa que mantém com Annuciada Chaves.

Foto 152 – Dedicatória n. 0078/2012 feita por Ricardo.

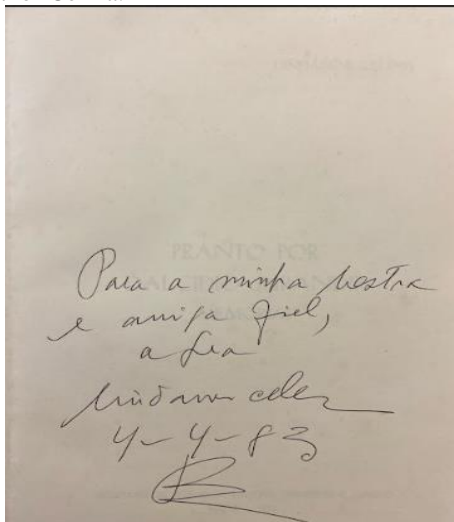


Transcrição

Para Annuciada // com o afeto de // sempre // Ricardo  
// Belém, dez. // 1992.

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

Foto 153 – Dedicatória n. 1813/2012 feita por Lindanor Celina.<sup>346</sup>



Para a minha mestra // e amiga fiel, // a sua // Lindanor  
Celina, // 4.4.83.

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

<sup>346</sup> Lindanor Celina (1921-2003): poetisa e escritora laureada. Foi professora de francês na Aliança Francesa (Belém-PA). Foi uma normalista formada pelo Colégio Santo Antônio. Diplomada em Estudos Superiores de Francês pela Universidade de Nancy (França). Amealhou os seguintes prêmios: Terêncio Porto, por seu livro de crônicas literárias *Contracanto* [...], concedido pela Academia Paraense de Letras; Samuel Wallace Mac-Dowell, o maior prêmio do estado do Pará concedido a categoria romance pela obra *Aquelas moças de Santo Amaro*, título temporariamente mudado para *Estórias do tempo – foi* (1968), [...]; Prêmio internacional St. Exupery de viagem à França, em 1957, concedido pela Aliança Francesa de Paris, em concurso literário pela sua monografia, em língua francesa, *O Outono de Verlaine*. Também escreveu *Menina que veio de Itatiaia*, em francês (Ed. Conquista); *Nicola Martins*, conto adaptado para televisão; *Estória de Rute*, adaptação bíblica encenada pelo Teatro Israelista do Pará e traduzida para o hebraico, sob os auspícios de M. Alexandre Dothan, Embaixador de Israel no Brasil, em 1963. *Menina que veio de Itatiaia*, se tornou leitura obrigatória para o Curso de Letras e para o Curso de Teatro, e em vários colégios de nível médio, no Pará. Cf. ROCQUE, Carlos. Líbero Luxardo. In: \_\_\_\_\_. **Antologia da Cultura Amazônica**. Manaus: AMADA, 1970. v. 1: Contos. Romances: Trechos escolhidos, p. 358-359.

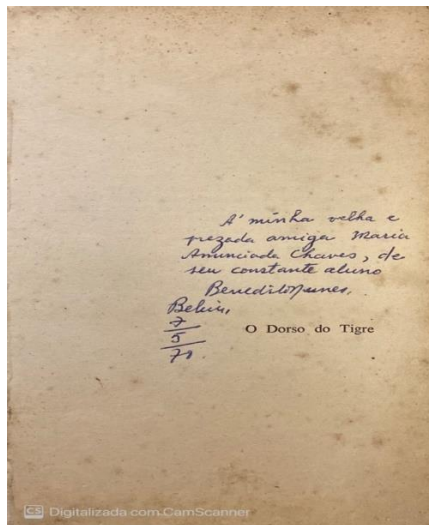
Na dedicatória n. 1813/2012, o filósofo, advogado, escritor, teatrólogo, crítico literário e professor Benedito Nunes<sup>347</sup> se refere a ela como “velha e prezada amiga”, e ainda se intitula como “constante aluno”. Esse fato se deve ao talento docente de Annuciada Chaves sempre celebrado entre seus alunos. Benedito a conheceu em sua adolescência, quando estudou no Colégio Moderno, período imortalizado pela professora no texto *Uma posição singular*, que ela escreveu para a coletânea *Benedictus*, reunião de escritos concatenados pela UFPA e lançada em novembro de 1998, na cerimônia que concedeu o título de professor emérito a Benedito Nunes, como segue:

Não me surpreendeu a atuação de Benedito Nunes no movimento cultural do País. Meu aluno no curso secundário do Colégio Moderno – já lá se vai meio século – revelava uma grande inteligência acima do comum, um gosto pelos livros raro de encontra-se em pessoas de tão pouca idade, um vivo interesse pelos aspectos mais nobres da existência humana.

[...]

A maior alegria que o professor pode experimentar é ver-se ultrapassado em saber, competência e capacidade por seus discípulos. Essa inefável sensação que experimento ao percorrer as páginas assinadas por Benedito Nunes<sup>348</sup>

Foto 154 – Dedicatória n. 2813/2012 feita por Benedito Nunes. Transcrição



À minha velha e // prezada amiga Maria //  
Annuciada Chaves, de // seu constante aluno.  
// Benedito Nunes, // Belém // 7.5.79.

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

<sup>347</sup> Benedito José Viana da Costa Nunes (1929-2011): crítico de arte, poeta, crítico literário, ensaísta, professor de Filosofia e professor de Psicologia e Estética da Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará. Nasceu em Belém a 21 de novembro de 1929. Fez seus estudos em sua cidade natal, diplomando-se pela Faculdade de Direito local. Realizou cursos de extensão no Collège de France, com Merleau Ponty, e na Sorbonne, com Paul Ricouer. Manteve intensa atividade intelectual, colaborando assiduamente no suplemento literário do Jornal *O Estado de São Paulo* e nos periódicos de Belém. Nos últimos anos da década de 1940, foi um dos realizadores da revista literária *Norte*, que circulou na capital paraense. Escreveu: um livro de interpretação de *Farias Brito* (Editora Agir, coleção “Nosso Clássicos”), um ensaio sobre *O Mundo de Clarice Lispector* (edição do Governo do estado do Amazonas, 1965), *Introdução à Filosofia da Arte* e *A Filosofia contemporânea* (integrando estes dois volumes a coleção Burti), *Estudo Crítico sobre a Obra de Mário Faustino* (que acompanhou a edição das poesias completas desse autor, lançada pela Civilização Brasileira), um ensaio sobre *Guimarães Rosa* e, recentemente, o livro também de ensaios *O Dorso do Tigre*. Cf. ROCQUE, Carlos. Benedito Nunes. In: \_\_\_\_\_. **Grande enciclopédia da Amazônia**. Belém: AMADA, 1967-1968. 6 v., v. 7, p. 201. Cf. CHAVES, Lília Silvestre (org.). **O Amigo Bené**: fazedor de rumos. Belém: SECULT, 2011.

<sup>348</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Benedictus**. Belém: [UFPA], 1998. 66 p., p. 21.



A admiração com que Maria Annunciada Chaves se refere a Benedito Nunes é mútua, quando ele lembra, saudoso, do tempo em que foi seu aluno, ao dizer:

[...] Rápida foi a passagem de Arthur Reis pelo magistério daqui, ao contrário de Annunciada Chaves, que tivemos, mais de uma vez, como professora em três distintas disciplinas: História do Brasil, História Geral e Geografia Humana. Com essa última, completou-se a sedução dela sobre nós. Ainda guardo na lembrança a ressonância da aula que nos deu sobre tipos de habitação. Foi um deslumbramento. O que ela nos dizia vinha de muitas leituras bem digeridas em aulas inteligentemente preparadas. Pela primeira vez, ouvi falar em Ratzel e de De Martone.

[...]

E o que é objeto de admiração na juventude, torna-se, na maturidade, um modelo amado e imitado. Pelo menos, no meu caso foi assim<sup>349</sup>.

Posteriormente, Benedito Nunes une esforços à Annunciada Chaves e outros intelectuais<sup>350</sup> e funda, em 17 de janeiro de 1948, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), pelo Centro Propagador das Ciências, em Belém do Pará, autorizada a funcionar pelo Decreto nº 35.456, de 4 de maio de 1954<sup>351</sup>, porém, sua instalação oficial só se deu a 28 de outubro de 1954.

A afinidade intelectual entre Annunciada Chaves e Benedito Nunes era tamanha que os dois fizeram parte da Academia Paraense de Letras; comungavam das preocupações com questões culturais, o que os levou a se afiliar ao Conselho Estadual de Cultura do Pará. E o interesse pelos assuntos históricos envolveu concomitantemente Nunes e Annunciada, o que os levou a se afiliarem ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

Não se pode perder de vista que antes da existência da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras houve a Faculdade de Filosofia aprovada pelo Decreto lei n. 5.099, promulgado em 26 de julho de 1946, sancionado por, Otávio Meira, interventor federal no Estado, criando os cursos de: Filosofia, Pedagogia e Didática, Matemática, Geografia e História, Ciências Sociais e Letras Clássicas. A qual era subvencionada pela Sociedade Civil de Agronomia e Veterinária do Pará<sup>352</sup>, instituição de ensino agrônomo pioneira no norte do Brasil, criada em 23 de janeiro de 1918, que posteriormente se transformou no Centro Propagador de Ciências e Fundação

<sup>349</sup> NUNES, Benedito. Dois mestres e uma só lembrança. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 14, n. 1, p. 7, jan. 2003.

<sup>350</sup> Cf. Manoel Cunha. Aliaram-se a Antônio Gomes Moreira Júnior (Diretor da FFCL) e Annunciada Chaves, os seguintes intelectuais: D. Mário de Miranda Vilas-Boas, Pe. Cupertino Contente, Pe. Leandro Pinheiro, Pe. Belchior Ataíde, Cônego Ápio Campos, Daniel Coelho de Souza, Otávio Mendonça, Aloísio Chaves, Francisco Paulo Mendes, Regina Gonçalves, Angelita Ferreira da Silva, Edgar Pinheiro Porto, Paulo Plínio Abreu, Orlando Bitar, Armando Bordalo (médico) e Max Boudin (etnólogo). (CUNHA, *op. cit.*, p. 229).

<sup>351</sup> BRASIL. Decretos e Leis. Decreto nº 35.456, de 4 de maio de 1954. Concede autorização para funcionamento dos cursos de filosofia, matemática, geografia e história, ciências sociais, letras clássicas e pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Belém. **Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 8875, 17.05.1954. Também disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-35456-4-maio-1954-324810-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22.07.2020.

Educacional Visconde de Souza Franco, extinta em 1969. Desde então prédio abriga a Escola Estadual Visconde de Souza Franco. A Faculdade de Filosofia iniciou suas atividades provisoriamente na sediada no lindo prédio da Sociedade Civil de Agronomia e Veterinária do Pará<sup>353</sup>.

Foto 155 – Antigo prédio da Sociedade Civil de Agronomia e Veterinária do Pará



Fonte: Silvia; Fernandes (2014, p. 41)<sup>354</sup>

Foto 156 – Atual Colégio Estadual Visconde de Souza Franco



Fonte: Agência Pará (2022)<sup>355</sup>

No entanto, o Conselho Nacional de Educação (CNE) só autorizou a Faculdade de Filosofia a funcionar no ano seguinte por meio do Decreto nº 22.810, de 25 de março de 1947. Contudo, novamente, Otávio Meira interveio nos caminhos da Faculdade de Filosofia, postergando o início as atividades acadêmicas deste silogeu para 1948, infere-se que a grande heterogeneidade das ciências que compunham a antiga Faculdade de Filosofia, motivou Otavio Meira a extingui-la, por meio do Decreto nº 747 de 27 de fevereiro de 1947.

Todavia, os cursos da faculdade extinta eram demandados pela sociedade paraense, sendo assim, em 17 de janeiro de 1948 foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belém<sup>356</sup>. Com o advento da FCCL houve a mudança de sede, que foi transferida para um belo casarão na Rua Generalíssimo Deodoro, nº 413, onde atualmente funciona a APAE.

<sup>353</sup> BASSALO, Célia Coelho; ARAÚJO, Leopoldina; ASSIS, Rosa (coord.). **Centro de Letras e Artes: breve histórico**. Belém: Ed. da UFPA, 1985.

<sup>354</sup> SILVA, Rosário Lima da; FERNANDES, Paulo Chaves (org.). **Belém da saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais**. 4. ed., rev. aum. Belém: Secult/PA, 2014, p. 18.

<sup>355</sup> AGÊNCIA PARÁ. Colégio Estadual Visconde de Souza Franco. 2022. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/galeria/14977/colégio-estadual-visconde-de-souza-franco>. Acesso em: 08.06.2024.

<sup>356</sup> Para mais informações, ler: CUNHA, Manoel Alexandre Ferreira da. História da Ciência e da Tecnologia no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA. In: SIMPÓSIO SOBRE A HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA NO PARÁ. **Anais ...**. Belém : GEU, 1985. T. 1. P. 229-249.

Foto 157 - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Pará



Fonte: UFPA (1977)<sup>357</sup>

Foto 158 – Associação dos Pais e Amigo dos Excepcionais



Fonte: Abelém (2016)<sup>358</sup>.

Em 1957 foi criada a Universidade do Pará, via Lei n. 3.191, de 2 de julho de 1957, fruto da fusão de outras seis instituições de ensino superior belenenses, a saber: Faculdade de Direito (1902)<sup>359</sup>, Faculdade de Odontologia (1914)<sup>360</sup>, Faculdade de Medicina (1919)<sup>361</sup>, Escola de Engenharia (1931)<sup>362</sup>; Faculdade de Farmácia (1941), Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais (1947) a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras veio se incorporar a essa fusão em 13 de maio de 1958<sup>363</sup>, autarquia sancionada pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, após cinco anos de tramitação legislativa.

Muitas mudanças ocorreram após a Reforma Universitária de 1969, que transformou a estrutura das faculdades e escolas para centros, assim a FFCL foi extinta dando origem aos centros: Centro de Letras e Artes (CLA), Centro de Ciências Biológicas (CCB), Centro de Educação (CE), Centro de Ciências Exatas e Naturais (CCEN) e o Centro de Filosofia e

<sup>357</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Informativo da UFPA**: UFPA 20 anos. Ed. Histórica, Belém, jun. 1977.

<sup>358</sup> ABELÉM. Auriléa Gomes. A Formação para pesquisa e planejamento em Ciências Sociais. **Memória a Belém**. 2016. Disponível em: [https://memoriaabelem.blogspot.com/2016/05/a-formacao-para-pesquisa-e-planejamento\\_30.html](https://memoriaabelem.blogspot.com/2016/05/a-formacao-para-pesquisa-e-planejamento_30.html). Acesso em: 08.06.2024.

<sup>359</sup> Cf. BORBOREMA; SOUZA, *op. cit.*; e CHAVES, J. *op. cit.*

<sup>360</sup> Para mais informações leia: BECKMANN, Clodoaldo; CORRÊA, Rogério Campos (org.). **Odontologia**: 90 anos. Belém: Edufpa, 2005 e LIMA, Marcelino Carmo de. **A Institucionalização do ensino odontológico na Escola Livre de Odontologia do Pará**: dos 'sacamuélas' aos cientificistas (1911-1920). Belém, PA, 2016. 97 p. Dissertação (mestrado) -Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

<sup>361</sup> Para mais informações, leia: MIRANDA, Aristóteles Guilliod de; ABREU JÚNIOR., José Maria de Castro. **Memória histórica da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará 1919/1950: da fundação à federalização**. Belém: FADESP, 2010 e ABREU JUNIOR, José Maria de Castro; MIRANDA, Aristóteles Guilliod de. **Memória histórica da Faculdade de Medicina da Universidade do Pará 1950-1971: da federalização à reforma universitária**. Belém: Paka-Tatu, 2022

<sup>362</sup> Para mais informações, leia: BARBOSA, José Maria de Azevedo. **O Clube de Engenharia do Pará**: suas origens. Belém: IOE-PA, 1979 e RIBEIRO, Erick Elisson Hosana. **As Condições de emergência da Escola de Engenharia do Pará (1870-1931)**. Belém, PA, 2013. 111 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Educação Ciências e Matemáticas, Belém, 2013.

<sup>363</sup> Para mais informações, leia: MOREIRA, Eidorfe. **Para a história da Universidade Federal do Pará**: (panorama do primeiro decênio). Belém: [Grafisa], 1977.

Ciências Humanas (CFCH). E a Universidade do Pará foi federalizada, passando a denominar-se Universidade Federal do Pará. A reforma Universitária trouxe alterações ideológicas e físicas a toda Universidade, pois a maioria dos Centros e cursos foram transferidos para o novel Núcleo Universitário Pioneiro do Guamá (atual Cidade Universitária José da Silveira Netto)<sup>364</sup>. O campus possuía uma estrutura bifurcada entre campus básico e campus profissional, em que a maioria das salas de aula ficava alojada no campus básico em pavilhões, o Course de História foi lotado no Bloco B.

Foto 159 - Núcleo Universitário Pioneiro do Guamá



Fonte: UFPA (2018)<sup>365</sup>

Foto 160 – Cidade Universitária José da Silveira Netto



Fonte: G1 PARÁ (2023)<sup>366</sup>.

Em 2007, quando a Universidade Federal do Pará completou o seu jubileu, ocorreu nova mudança administrativa, transformando os centros em institutos e os cursos em faculdades, assim o Centro de Letras e Artes, se tornou o Instituto de Letras e Comunicação, o Centro de Ciências Biológicas (CCB) se tornou o Instituto de Ciências Biológicas (ICB), o Centro de Educação (CE) passou a ser o Instituto de Ciências da Educação (ICED), o Centro de Ciências Exatas e Naturais (CCEN) se converteu no Instituto de Instituto de Ciências Exatas e Naturais, o mesmo aconteceu com o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), que passou a se denominar Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), que passou a ser composta pelas faculdades: Faculdade de Filosofia (FAFIL), Faculdade de Geografia (FAGEO), Faculdade de Antropologia (FAAN), Faculdade de Psicologia (FAPSI), Faculdade de Ciências Sociais (FACS) e a Faculdade de História (FAHIS).

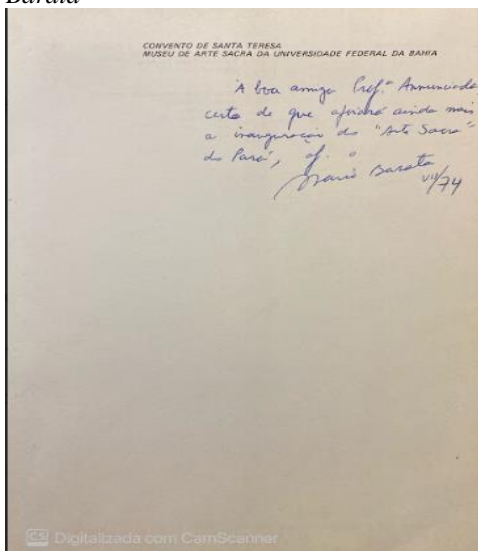
<sup>364</sup> De acordo Eugênio Brito, em abril de 1924, houve uma tentativa de criar a Universidade Livre do Pará, capitaneada por Fran Pacheco, que tentava tornar o Grêmio Literário e Recreativo Português, como a sede da Universidade. (Cf. BRITO, Eugênio Leitão de. **História do Grêmio Literário e Recreativo Português**. Belém: Santo Antônio, 1994).

<sup>365</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **No dia 13 de agosto de 1968, portanto há exatos 50 anos, a UFPA inaugurava o Conjunto Universitário Pioneiro, atual Campus Guamá**. 2018. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias/2/8794-no-dia-13-de-agosto-de-1968-portanto-ha-exatos-50-anos-a-ufpa-inaugurava-o-conjunto-universitario-pioneiro-atual-campus-guama>. Acesso em: 01.06.2024.

<sup>366</sup> G1 PARÁ. **É calouro ou caloura da UFPA? Veja o calendário da habilitação no seu campus**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/02/17/e-calouro-ou-caloura-da-ufpa-veja-o-calendario-da-habilitacao-no-seu-campus.ghtml>. Acesso em: 01.06.2024.

As amizades de Annuciada Chaves eram longevas, como expressou o crítico de arte Mário Barata<sup>367</sup> na dedicatória n. 2902/2012. Mário Barata é natural do Rio de Janeiro, porém tinha raízes fortes no Pará, pois era sobrinho neto do senador, historiador e bibliófilo paraense Manuel Barata (1841-1916)<sup>368</sup>.

Foto 161– Dedicatória n. 2909/2012 feita por Mário Barata Transcrição



A boa amiga Profa. Annuciada, // certo de que ajudará ainda mais // a inauguração do "Arte Sacra" // do Pará, of. // o // Mário Barata // vii. 74.

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

Na dedicatória n. 2909, Mário Barata, como bom museólogo que era e um defensor da cultura, ofertou o livro do Convento de Santa Tereza para inspirar Annuciada Chaves a concretizar o Museu de Arte Sacra tão almejado pelos belenenses. Contudo, apesar de todo incentivo de Mário Barata o Museu de Arte Sacra do Pará só veio a ser inaugurado vinte quatro anos depois da oferta do livro. Em 28 de novembro de 1998, adequadamente em um lugar de memória, o antigo Palácio Episcopal, que anteriormente abrigava o Colégio Jesuíta de Santo

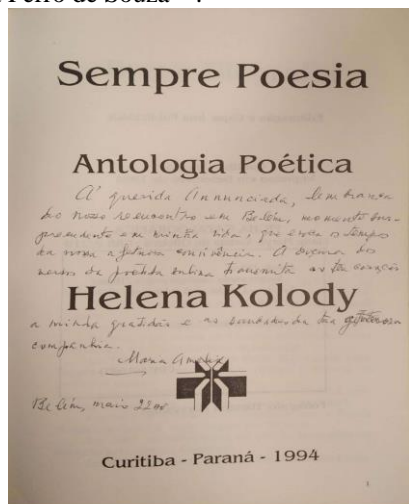
<sup>367</sup> Mário Barata (1921-2008): crítico e historiador da arte, jornalista, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e escritor. Nasceu no Estado da Guanabara em 1921. Mário Barata possuiu uma formação bem eclética, pois cursou Ciências Sociais e Museologia, licenciou-se em Letras e História da Arte pela Sorbonne, o que concomitantemente lhe conferiu uma sólida formação ligada a seara da arte, o que inclusive o ajudou a disseminar seus artigos no *Diário de Notícias* e *Jornal do Comércio*. Do ponto de vista administrativo, Mário Barata foi Secretário Geral da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e foi membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA). Em relação a docência, ele lecionou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e no curso do Museu Histórico Nacional. É autor de dezenas de monografias, ensaios e textos de apresentação. Entre seus trabalhos, salientam-se: *Ensaio de numismática e ourivesaria* (PONGETTI, Rio 19--); *Azulejos no Brasil* (Rio, 1955, tese); *Panorama da arte moderna no Brasil* (in Brasil, *Arquitetura Contemporânea*); *A Escultura de origem negra no Brasil* (idem); *A Pintura de Alberto Veiga Guignard* (idem); *A Pintura barroca Italiana e sua importância para o Brasil* (idem); *Conceito e metodologia das artes populares* (In *Cultura*, n. 3, 1949); *Notícias das artes plásticas em São Paulo durante o período colonial* (In: *Folha da Manhã*, SP, 24/01/1954), etc. Cf. ROCQUE, Carlos. Mário Barata. In: ROCQUE, Carlos. *Antologia da Cultura Amazônica*. Manaus: AMADA, 1970. v. 7: Artigos e crônicas: ensaios e críticas, p. 260 e PONTUAL, Roberto. Mário Barata. In: PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 51).

<sup>368</sup> Cf. BARATA, Mário. Manuel Barata, republicano histórico. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 12, n. 2, p. 203, dez. 1991.

Alexandre<sup>369</sup>. Este lugar foi alvo de grande atuação de Annuciada Chaves por sua defesa, porque tanto a Igreja quanto o antigo Colégio dos Jesuítas ficaram abandonados por anos.

Outra amizade bastante antiga representada nas dedicatórias é apresentada no exemplar n. 0202/2012, que lhe foi ofertado por Maria Amélia Ferro de Souza.

Foto 162 – Dedicatória n. 0202/2012 feita por Maria Amélia Ferro de Souza<sup>370</sup>. Transcrição



À querida Annuciada, lembrança // do nosso reencontro em Belém, momento sur // preendente em minha vida que evoca o tempo // de nossa afetuosa convivência. A doçura dos // tempos da juventude inteira(?) transmite a teu coração/ a minha gratidão e as saudades da tua gostosa // companhia // Maria Amélia // Belém, maio 2000

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

A dedicatória em questão celebra a reaproximação entre Maria Amélia e Annuciada Chaves, pois, após a aposentadoria de Maria Amélia, ocorrida em 1962<sup>371</sup>, ela foi morar no Rio de Janeiro. No excerto em que Amélia afirma: “que evoca o tempo de nossa afetuosa convivência”, ela se refere ao período em que elas trabalhavam no Colégio Paes de Carvalho, no qual Clóvis Moraes Rego as denominava de “trindade inseparável”<sup>372</sup>. Por sinal, as trajetórias de vida de Maria Amélia e Annuciada Chaves são bem parecidas, já que ambas vêm de origem abastada, estudaram em escolas particulares, tiveram que validar seus conhecimentos

<sup>369</sup> PARÁ. Secretaria Executiva de Cultura. **Feliz Lusitânia. Museu de Arte Sacra**. Belém: Secult, 2005. 308 p. (Restauro, 3).

<sup>370</sup> Maria Amélia Ferro de Souza (1908 - ): paraense, professora secundarista. Iniciou sua vida profissional como professora auxiliar da cadeira de Geografia no Ginásio Paes de Carvalho, em 1 de abril de 1927. Após o afastamento do titular da cadeira, Maria Amélia foi nomeada, em 17 de março de 1933, para ocupar este cargo de modo interino. Posteriormente, lecionou nos seguintes educandários secundaristas particulares: no Colégio Santa Catarina (1938 a 1949); no Colégio Santa Rosa (de 1939 a 1945), e no Colégio Progresso Paraense. Em 1944, tornou-se professora efetiva da cadeira de Geografia Geral, Padrão P, do CEPC, após ser aprovada em concurso público, ao defender a tese: *O Papel do mar na economia do mundo*, foi empossada em 3 de maio de 1945. A Professora Maria Amélia é também bastante lembrada por ter exercido o cargo de diretora do CEPC, tendo sido nomeada em 9 de agosto de 1951, por ato do governador do Estado, General Alexandre Zacharias de Assumpção; exerceu este cargo até de 12 de setembro de 1955. Aposentou-se após 35 anos de magistério, em 31 de agosto de 1962 (Cf. SOUZA, Maria Amélia Ferro de. **O Papel do mar na economia do mundo**. Belém: Ed. da UFPA, 2000. 178 p. (Memórias; 4). Passou a residir no Rio de Janeiro, retornando esporadicamente a Belém, uma de suas visitas mais recentes foi por ocasião do aniversário de 127 anos do CEPC, em que Maria Amélia fez um comvente pronunciamento relatando os dezoito anos em que trabalhou neste educandário. Outra visita memorável de Maria Amélia foi por ocasião da reedição de sua tese de cátedra, organizada por José Maria Bassalo, Paulo de Tarso Santos Alencar e José Miguel Martins Veloso, publicada em 2000.

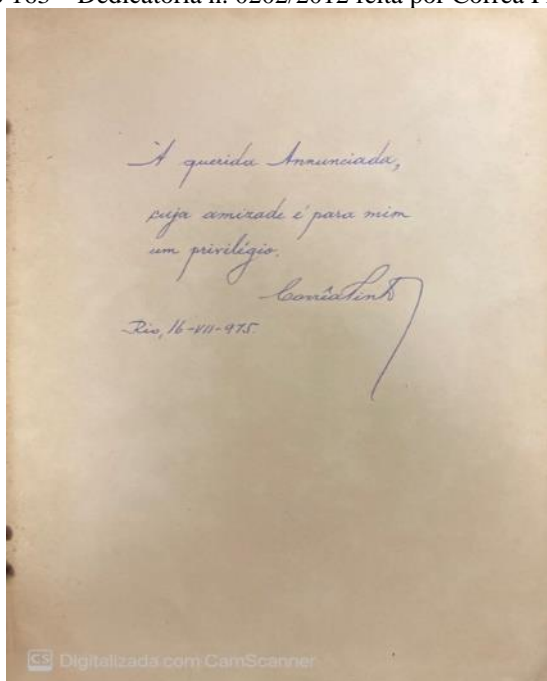
<sup>371</sup> SOUZA, *op. cit.*, p. 179.

<sup>372</sup> RÉGO, 2003, *op. cit.*, p. 49.

no Colégio Paes de Carvalho e, desde muito jovens, passaram a admirar esse educandário e almejar fazer parte de seu quadro funcional. Ambas ocuparam interinamente cátedras no CEPC, Maria Amélia na cátedra Geografia, e Maria Anunciada Chaves na cátedra de História do Brasil. Essa experiência delas serviu para que posteriormente elas fossem aprovadas em concurso público para, enfim, poderem ingressar efetivamente no quadro de professores do liceu da Rua Saldanha Marinho.

Augusto Corrêa Pinto valorizava muito a amizade que tinha com a Professora Anunciada Chaves, e a considerava um privilégio, como pode ser visto na dedicatória n. 1877/2012.

Foto 163 – Dedicatória n. 0202/2012 feita por Corrêa Pinto



Transcrição

À querida Anunciada Chaves // cuja amizade é para mim // um privilégio // Correa Pinto // Belém, 16-VII-975

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Os excertos nº 1.506/2012 e nº 2.295/2012 demonstram a personalidade multifacetada de Anunciada Chaves, que apesar de ter sido Sub-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis<sup>373</sup> da Universidade Federal do Pará, na gestão do reitor Aloysio da Costa Chaves (1969 a 1973), sendo depois reconduzida ao cargo na gestão do reitor Clóvis Cunha da Gama Malcher (1973 a 1977)<sup>374</sup>, ou seja, dois reitores que gerenciavam a UFPA em plenos “anos de chumbo”, não impediram que ela mantivesse estreitos laços de amizade com escritores assumidamente comunistas, tais como Jorge Amado, Vicente Salles e Silvio Hall de Moura,

<sup>373</sup> Atual Pró-Reitoria de Extensão (PROEX).

<sup>374</sup> UFPA, 1977, *op. cit.*

bem como com o escritor paraense Benedito Monteiro, que foi um perseguido político pelas autoridades repressoras paraenses, ao mesmo tempo em que se relacionava com militares, como: Max Justo (ver dedicatórias nº 0027/2012 e nº 0162/2012) e Dirceu Bittencourt Figueiredo (dedicatória nº 0247/2012).

Inclusive esse convite que Annunciada Chaves recebeu para se tornar Sub-Reitora de Extensão e Assuntos Estudantis, feito por Aloysio Chaves, chega a ser surpreendente, por que um ano antes de iniciar seu mandato de Reitor, a professora protagonizou um ato de muita coragem, ela fez duras críticas à ditadura militar discurso proferido durante a formatura da turma de História de 1968, episódio lembrado pela professora Ruth Burlamaqui no documento em que propunha conceder-lhe o título de Professora Emérita, assim enunciado: “[...] Nos anos difíceis do autoritarismo discricionário, quando da ocupação da Faculdade de Filosofia em 68, foi dos professores, um dos que marcou posição pela resistência ao arbítrio ao lado de uns poucos professores e dos muitos alunos”<sup>375</sup>. E mais que isso, um fato narrado por uma testemunha ocular, a professora Nazaré Sarges, que era colanda desta turma, descreve, com nitidez, o ocorrido em seu discurso de posse à cadeira de número 65 do IHGP, em substituição justamente a vacância deixada por Annunciada Chaves após a sua morte em 16 de agosto de 2006, como pode ser acompanhado a seguir:

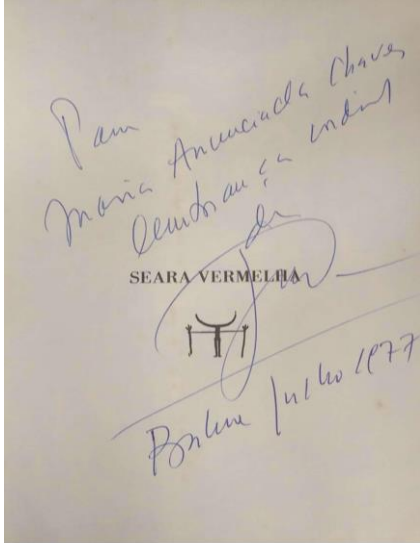
[...] Eu fazia parte desta turma que colou grau no dia 25 de novembro de 1968. Não esqueço nunca desse dia de festas e de sobressaltos. Foi uma cerimônia tensa. Vivíamos em pleno Regime Militar. Presentes à cerimônia estavam o governador do Estado Coronel Alacid Nunes (paraninfo de uma colega militar do Cursos de Letras), a Professora Nilza Fialho [...], Pedro Pinho, licenciado em Letras, era o orador da turma e fez um contundente discurso contra o Regime Militar. [...] E, para completar, a Professora Annunciada, paraninfa geral da turma de formandos, proferiu o discurso, cujo título já reflete o seu pensamento acerca dos momentos vividos em 1968: Quando não se pode falar de flores a uma juventude que perdeu a inocência. Neste, ela não poupava o Regime Militar que havia esmagado a democracia brasileira, tendo, inclusive, no mesmo ano, apoiado a ocupação da Faculdade de Filosofia pelos alunos. Pensei: sairemos daqui todos presos. É muita provocação. Felizmente fomos para nossas casas rindo de tudo o que havia acontecido na cerimônia e aplaudindo os nossos oradores. Talvez o nosso governador militar tivesse pensado “são apenas jovens sonhadores”.<sup>376</sup>

<sup>375</sup> MORAES, Ruth, *op. cit.*, p. 17

<sup>376</sup> SARGES, Maria de Nazaré. **Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Pará – IHGP**, Belém, 2017.



Foto 164— Dedicatória n. 1506/2012 feita por Jorge Amado.

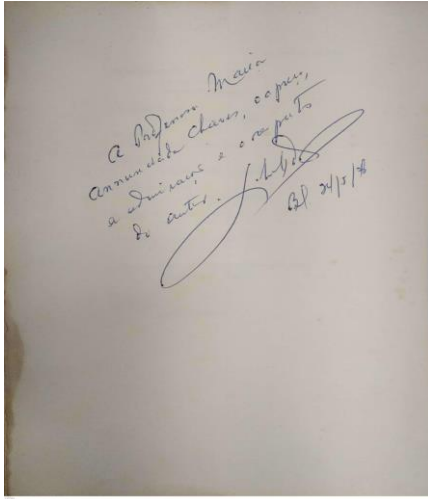


Transcrição

Para Maria Anunciada Chaves, // lembranças lindas // de Jorge Amado. // Belém, julho, 1977

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Outra amizade curiosa também é sua aproximação com Líbero Luxardo, que era um grande apoiador de Magalhães Barata, mas esse fato não foi um óbice para que se tornassem amigos.

Foto 165 – Dedicatória n. 2295/2012 feita por Líbero Luxardo<sup>377</sup>.

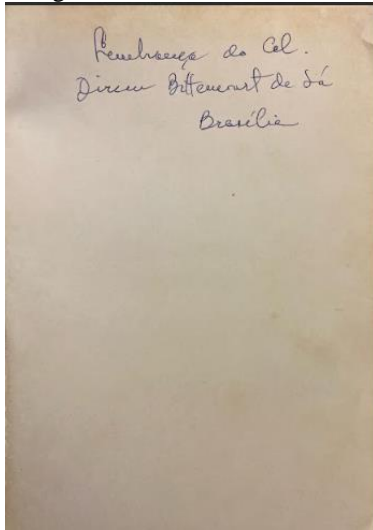
Transcrição

À Professora Maria // Anunciada Chaves, o apreço, // a admiração e o respeito // do autor. Líbero Luxardo. // Belém, // 24.05.78.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>377</sup> Líbero Luxardo (1908-1980): escritor, cineasta e jornalista paulista. Filho de Júlio Luxardo, que em Sorocaba montou um pequeno estúdio cinematográfico. Na década de 1940 transferiu-se para Belém, e ingressou na política, tendo sido eleito deputado estadual pelo ex-PSD, exercendo, posteriormente, vários cargos públicos de relevante importância. Como romancista publicou dois romances: *Marabá* e *Um Dia qualquer* e o roteiro cinematográfico intitulado *Maldição*. Como cineasta, o curta-metragem *Aruanã* (Na década de 40), ganhando vários prêmios e renome internacional. Voltou a filmar depois de 1960, produzindo os longa-metragem: *Um Dia Qualquer*, *Marajó*, *Barreira do Mar* e *Cinco Balas e um Diamante*, utilizando artistas regionais. Como jornalista, colaborou na revista *Novidade* e foi um dos fundadores do vespertino: *O Liberal*. Foi membro da APL. Cf. ROCQUE, Carlos. Líbero Luxardo. In: ROCQUE, Carlos. *Antologia da Cultura Amazônica*. Manaus: AMADA, 1970. v. 1: Contos. Romances: Trecho escolhido, p. 252.; PERGAMUM. Relatório, Belém, 2023.

Foto 166 – Dedicatória n. 0247/2012 feita por Dirceu Bittencourt Figueiredo Transcrição

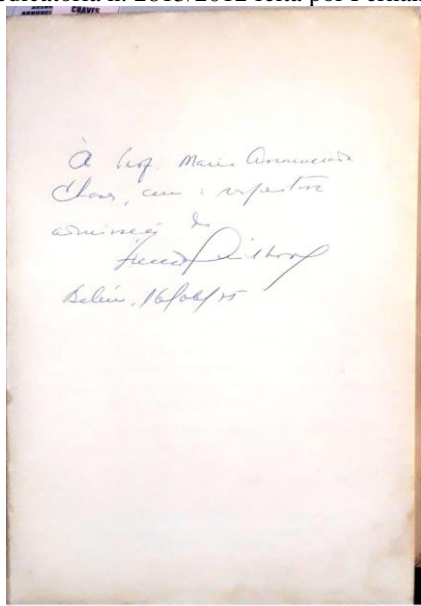


Lembrança do Cel. // Dirceu Bittencourt de Sá, // Brasília.

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

Apesar de Annunciada Chaves não gostar de se comprometer com legendas políticas, ela mantinha amizade com ex-governadores, é o caso da dedicatória n. 1813/2012.

Foto 167 – Dedicatória n. 2813/2012 feita por Fernando Guilhon<sup>378</sup> Transcrição

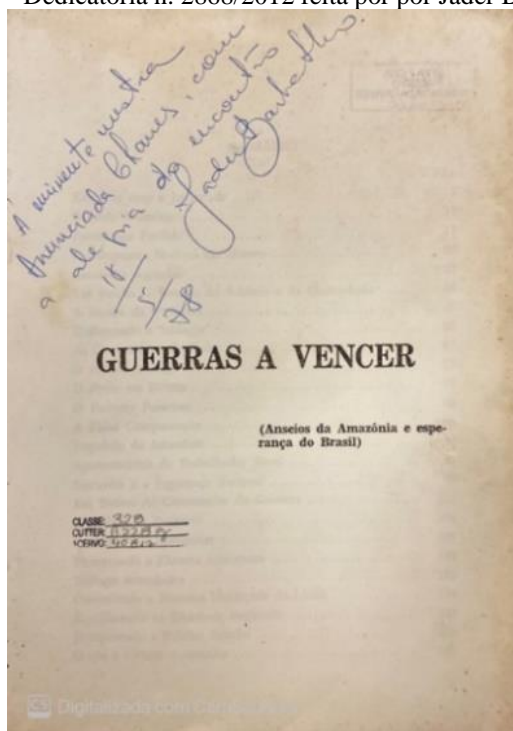


À Professora Maria Annunciada // Chaves, com respeito // admiração de // Fernando Guilhon // Belém, 16.06.65

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

<sup>378</sup> Fernando Leão Guilhon (1921- 1976): engenheiro civil. Foi governador do Pará (1971 - 1975), foi o segundo governador do Pará durante o período da Ditadura Civil-Militar indicado pelo então presidente do Brasil Emílio Médice (1969-1974) e eleito indiretamente pela assembleia legislativa, nº 7. (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL.; BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro**: 1930-1983. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984. 4. v.). Foi diretor do Departamento de Estradas e Rodagens (atual Departamento Nacional de Estradas e Rodagens – Seção Pará - DNER-PA) e da Companhia Docas do Pará (CDP). (ALENCAR, *op. cit.*, p. 233).

Foto 168 – Dedicatória n. 2868/2012 feita por por Jader Barbalho<sup>379</sup>



Transcrição

À eminente mestra // Annunciada Chaves, // com // a alegria do encontro // Jader Barbalho // Belém, 18.5.78

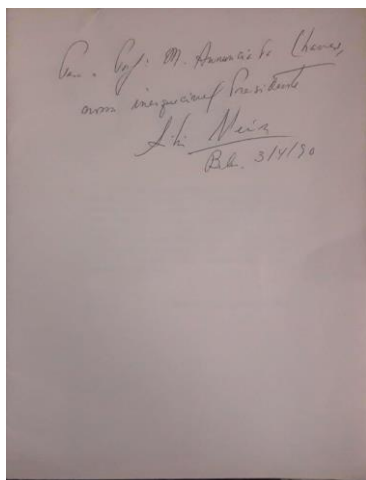
Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

A atuação de Annunciada Chaves à frente do Conselho Estadual de Cultura do Pará é constantemente lembrada por seus dedicadores, como pode ser visto nas dedicatórias: n. 0056/2012, 0335/2012, n. 2622/2012.

<sup>379</sup> Jader Barbalho (1944 - ): advogado, empresário e político paraense. Possui uma sólida carreira política: Vereador(a), PA, Partido: MDB, Período: 1967 a 1971; Deputado(a) Estadual, PA, Partido: MDB, Período: 1971 a 1975; Governador(a), PA, Partido: PMDB, Período: 1983 a 1987; Governador(a), PA, Partido: PMDB, Período: 1991 a 1995; Senador(a), PA, Partido: PMDB, Período: 1995 a 2001; Senador(a), PA, Partido: MDB, Período: 2011 a 2018; Senador(a), PA, Partido: MDB, Período: 2019 a 2027. (Cf. BRASIL. Câmara dos deputados. **Jader Barbalho**: biografia. 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/73929/biografia>. Acesso em: 21.01.2024)

Foto 169 – Dedicatória n. 0056/2012 feita por Silvio Meira.<sup>380</sup>

Transcrição

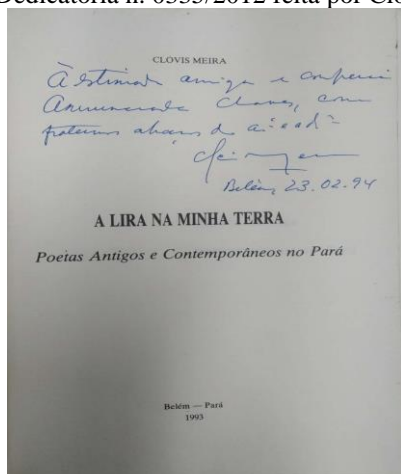


Para a Professora M. Annuciada Chaves //  
 minha inesquecível presidente // Silvio  
 Meira // Belém, 3-4-90

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

Foto 170 – Dedicatória n. 0335/2012 feita por Clóvis Meira.

Transcrição

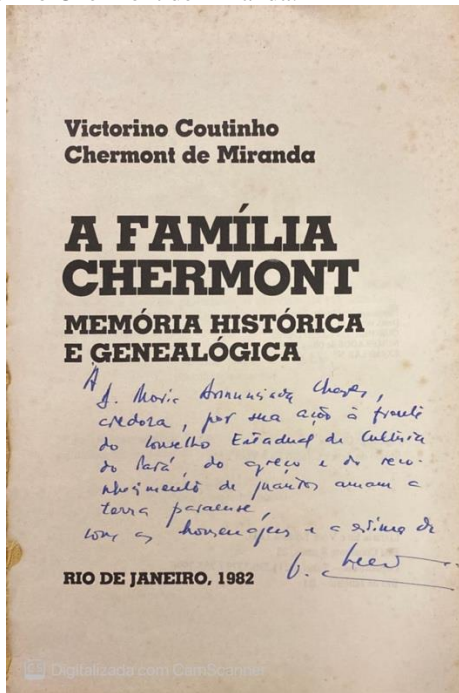


A estimada amiga e conselheira //  
 Annuciada Chaves, com // fraternos abraços  
 do A. e a D. //  
 Clóvis Meira //  
 Belém, 23.02.1994.

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

<sup>380</sup> Sílvio Augusto de Bastos Meira (1919 - 1995): advogado, político, professor universitário, artista plástico, tradutor, biógrafo e escritor belenense. Foi Deputado Estadual por duas vezes, líder da maioria e da minoria, participou da elaboração das Constituições de 1947 e 1967. Foi Suplente de Senador de 1979 a 1987. Professor de Direito e jurista de renome internacional. Catedrático de Direito Romano. Conferencista nas Universidades: de Roma, de Santiago, do México, de Veracruz (Jalapa), de Bogotá e de Lima. Diplomas "Al Mérito Acadêmico" das Universidades Nacional Autônomas do México e Veracruzana. Artista plástico, fez cursos com Pedro Nascimento e B. Siqueira, dois prêmios de Menção especial de honra, duas medalhas de bronze e várias menções honrosas, Membro da SBAAP e da AAPP do Rio de Janeiro, Membro do IHGB e dos Institutos do Pará e de Goiás. [...] Foi membro efetivo das Academia Paraense de Letras e da Academia Carioca de Letras; também foi correspondente das Academias de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Acre. Tradutor do Fausto de Goethe e do W. Tell de Schiller, dos originais alemães. Amealhou algumas honrarias, tais como: Prêmios da Academia Brasileira de Letras: Odorico Mendes, Alegro Jurzykowski e Medalha Machado de Assis, Medalha do mérito em 1ª classe (Verdienstkreuz) do Governo da Alemanha Ocidental. Benemérito da Associação dos Ex-combatentes do Pará; Honra ao Mérito da Câmara Municipal de Belém, Assembleia Legislativa do Pará, Câmara Municipal de Petrópolis, cidadão petropolitano pela municipalidade de Petrópolis e cidadão carioca pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Medalha do mérito da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, Palma de ouro da UFPA. Autor de 22 livros sobre assuntos jurídicos, históricos e literários, sendo três romances: *O Ouro de Jamaxim*, *Os Naufragos de Carnapijó* e *Os Balateiros de Maicuru*, com temática amazônica e livros históricos *A conquista do Rio Amazonas*, *"A Epopéia do Acre"*, e *Fronteiras Sangrentas*, escreveu duas biografias: a de Teixeira de Freitas e a de Clóvis Bevilacqua, além de ter escrito inúmeros artigos, monografias e conferências. Foi membro: do Conselho Federal de Cultura (1971-1977), e do CEC-PA. (ROCQUE, 1969, *op. cit.*, p. 291-292). Recebeu o título honorífico de Professor emérito da UFPA, pela Resolução nº 1.737, de 01 de março de 1989. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Universitário. Títulos honoríficos outorgados. Disponível em: [http://sege.ufpa.br/boletim\\_interno/downloads/resolucoes/titulos\\_honorificos/professor\\_emerito/silvio\\_meira.jpg](http://sege.ufpa.br/boletim_interno/downloads/resolucoes/titulos_honorificos/professor_emerito/silvio_meira.jpg). Acesso em: 26.11.2022).

Foto 171 – Dedicatória n. 2622/2012 feita por Transcrição Victorino Chermont de Miranda.<sup>381</sup>



À // D. Maria Anunciada Chaves, // credora, por sua ação a frente // do Conselho Estadual de Cultura // do Pará, do apreço e do reco- // nhecimento de quantos amam a // terra paraense, // com as homenagens e a estima de // V. Chermont.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

A professora Anunciada Chaves fez parte do CEC-PA desde a sua gênese em 1969. Ela ocupou várias frentes de trabalho neste Conselho, tendo sido inclusive sua presidente por doze anos consecutivos (1974-1986), além de ter feito parte da comissão editorial da *Revista de Cultura do Pará*.

Veríssimo de Mello, em matéria jornalística que escreveu para o periódico norte-riograndense *A República*, destaca a atuação editorial de Anunciada Chaves à frente do CEC-PA, em que diz:

[...]

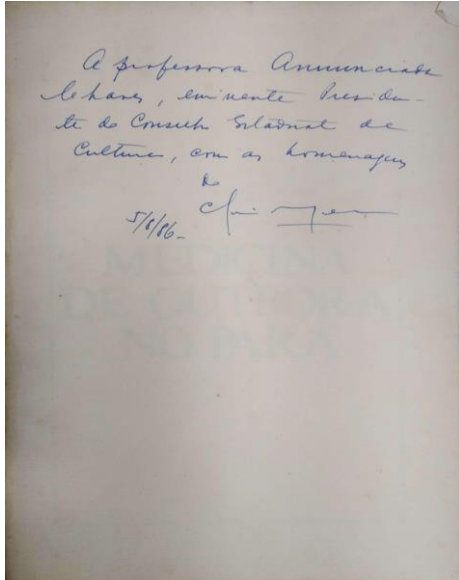
No nosso Conselho Estadual de Cultura pronunciou notável palestra sobre a formação étnica e cultural da Amazônia, concluindo com notícia circunstanciada sobre atividades do órgão que dirige. Atividades múltipla – diga-se de passagem – com editoração de inúmeros livros. Um conselho, enfim, que é mais do que uma fundação cultural do que um mero órgão deliberativo.<sup>382</sup>

<sup>381</sup> Victorino Coutinho Chermont de Miranda (1943- ): advogado, pesquisador, jornalista, genealogista e 1º vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Escreveu: *A Família Chermont: memória histórica e genealógica* (1982); *A Memória Paraense no cartão postal: 1900-1930* (1986); *A Notícia*: registro de uma folha paraense no 80º aniversário do seu aparecimento (1988); *Iconografia e bibliografia dos titulares do Império*, 6 v. (1996 - 2006) e *Louça histórica*: a coleção do Museu de Arte da Bahia, em co-autoria com Sylvia M. Athayde (2000). (Cf. MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont de. **A Notícia**: registro de uma folha paraense no 80º aniversário do seu aparecimento. Rio de Janeiro: Traço três, 1988; INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO BRASIL. **Sócios titulares**. 2023. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/VCCMiranda.html>. Acesso em: 24.01.2023).

<sup>382</sup> MELO, Veríssimo de. Maria Anunciada Chaves em Natal. *A República*, Natal, p. 6, 4 de dezembro de 1983.

Observa-se também que era comum os membros do CEC-PA e do IHGP prestigiarem o lançamento dos livros um do outro.

Foto 172 – Dedicatória n. 0366/2012 feita por Clóvis Meira



Transcrição

À Professora Annunciada // Chaves, eminente  
Presiden- // te do Conselho Estadual de Cultura,  
com as homenagens // de // Clóvis Meira, //  
5.8.86.

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

Ressalta-se que essa prática de prestigiar os lançamentos de livros dos confrades era comum entre os membros de instituições culturais, e se enquadra em uma estrutura prototípica que foi estudada por Maria Madalena Diégues Quintella, sendo exposta no capítulo do livro intitulado: *Cultura e poder ou espelho, espelho meu: existe alguém mais culto do que eu?*, integrante da coletânea intitulada: *Estado e cultura no Brasil*, sob a organização de Sérgio Miceli, publicada pela Difel em 1984.

Nessa pesquisa, Quintella analisa consensos nos comportamentos de intelectuais brasileiros afiliados às instituições de cultura nacionais, a saber: Academia Brasileira de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Conselho Federal de Cultura. A autora entendia que os indivíduos integrantes destas instituições, faziam parte de uma elite cultural, que implicava na recorrência de padrões de características profissionais e de sociabilidade. No estudo, Quintella identificou o seguinte perfil para o indivíduo integrante desse grupo que ela definiu como – elite cultural – assim sendo este indivíduo:

[...] atuava em diversas áreas do conhecimento e estava habilitado a tratar de diversos temas do cenário cultural; tinha larga experiência burocrática no setor, especialmente na direção de museus e institutos históricos e culturais; se autodefinia como representante de um estado ou região do país; realizava missões de divulgação da cultura nacional no exterior.<sup>383</sup>

<sup>383</sup> QUINTELLA, Maria Madalena Diégues. *Cultura e poder ou espelho, espelho meu: existe alguém mais culto do que eu?*. In: MICELI, Sérgio (Org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984, p. 118.

Baseada nesse conceito de elite cultural proposto por Quintela, em *Os Cardeais da Cultura*, obra escrita por Tatyana Amaral Maia, a autora em questão se vale dessa estrutura prototípica estudada por Quintela para investigar o Conselho Federal de Cultura. Desse modo, Amaral percebe que há a “[...] formação de uma rede de sociabilidade que ultrapassa os limites do campo intelectual ao se interligar à esfera política”.

Maria Madalena Diégues Quintella investigou os mecanismos simbólicos necessários à composição da elite intelectual brasileira por meio do funcionamento institucional do Conselho Federal de Cultura, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras. Consoante a análise das práticas discursivas adotadas pelo grupo, Madalena Diégues propõe que esse processo de construção de identidade dependia tanto de “requisitos formais” quanto de “informais”. Os “requisitos formais” encontravam-se redigidos nas diversas exigências para a admissão de um indivíduo ao grupo. Contudo, é com base na investigação dos “requisitos informais” apresentados por Madalena Diégues, que se observa o conjunto de representações forjadas pelo grupo na busca da legitimidade e da homogeneidade necessárias à coesão interna dessa elite intelectual.

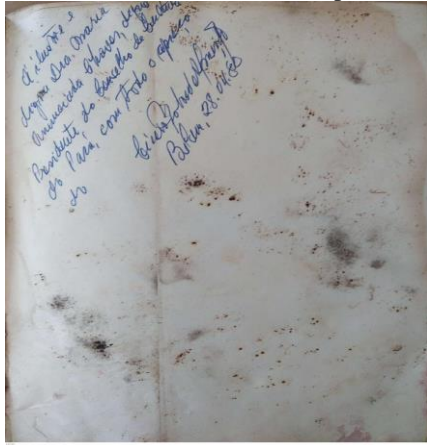
Essa imagem e reforço de comportamento de que os membros dos Conselhos de Cultura compunham uma “grande irmandade” era algo que Tatyana Amaral considerava como um relevante requisito formal engendrado por essa elite cultural, lançando mão, inclusive, de liames pessoais urdidos há muito tempo. Em todas as solenidades, o coleguismo estabelecido por anos de préstimos ao setor cultural era constantemente revivido. As inúmeras honrarias feitas aos confrades toda vez que tinha a concessão de uma premiação, a comemoração do natalício, felicitações pelo lançamento de livros e o preito pelas mortes, sempre eram o mote dos discursos, que ratificavam a imagem do “irmão, amigo, companheiro” que está sendo lembrado. Relações familiares e, sobretudo, a extensa convivência, encetada na infância, de quem frequentou os mesmos bancos escolares, eram alguns pontos a serem abordados nos discursos, e que estreitaram os laços desse distinto meio intelectual.

Com base no exposto, percebe-se que, principalmente no tocante aos requisitos informais, Anunciada Chaves prestigiava os lançamentos de livros de seus confrades, e estes em retribuição, lhe faziam dedicatórias que pontuavam essa cordialidade entre eles.

É interessante advertir que, na dedicatória n. 2805/2012, o escritor Cícero Nobre de Almeida dedica a obra *Mosaicos de Monte Alegre* e elogia Anunciada Chaves como presidente do CEC-PA. Essa prática de agradecer ao presidente ou a uma autoridade de determinado lugar é muito comum na própria história da dedicatória, posto que, especula-se que Quinto Horácio Flaco tenha sido um dos primeiros escritores a oferecer dedicatória para agradecer a Memio

Gemelo por ter viabilizado a publicação de suas *Odes*, e talvez ele tenha inspirado Virgílio, que também dedicou *As Geórgicas* ao mesmo mecenas<sup>384</sup>

Foto 173 – Dedicatória n. 2805/2012 feita por Cícero Almeida.



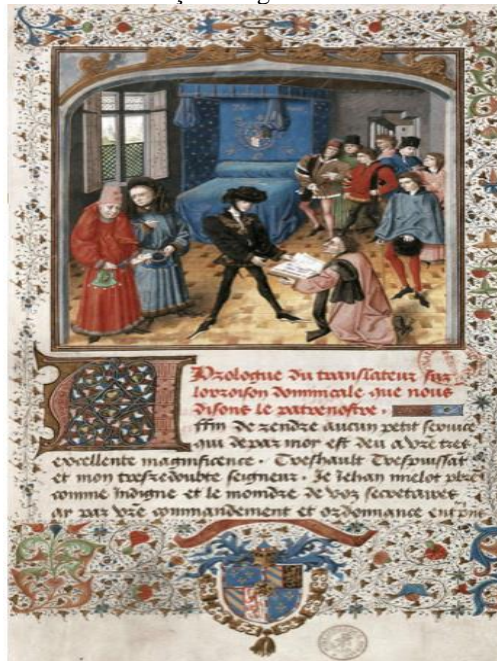
Transcrição

À ilustre e // digna Dra. Maria // Annunciada Chaves, distinta // presidente do Conselho de Cultura // do Pará, com todo o apreço // do // Cícero Nobre de Almeida. // Belém, 28.04.1980.

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

A literatura científica nos diz também que essa prática de dedicar a obra a quem patrocinou a sua vulgarização foi repassada para a Idade Média, porém com um diferencial, a dedicatória passou a ser iconográfica,<sup>385</sup> como pode ser visto na imagem 1.

Imagem 1 – Miniatura de dedicação integrante da obra '*Chroniques de Hainaut*'.



Fonte: Gallica. BnF<sup>386</sup>

<sup>384</sup> BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O Poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 2. ed. Trad. Marcelo Mortara. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006.

<sup>385</sup> CHARTIER, R. O Homem de letras. In: VOVELLE, Michel (edit.). **O Homem do iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997.

<sup>386</sup> WEYDEN, Rogier van der; Wauquelin, Jean. **Chroniques de Hainaut**. 1448. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55013200s/f18.item>. Acesso: 31.01.2021.



A imagem acima é uma miniatura de dedicação, nela são retratados os escritores Rogier van der Weyden (figura ajoelhada) e Jean Wauquelin (figura próxima em pé) dedicando as suas '*Chroniques de Hainaut*' ao monarca Filipe - o Bom (figura em pé de frente para o homem ajoelhado), que promoveu a feitura da obra.

Conforme Marc Baratin e Christian Jacob, essa prática era contumaz na Era Medieval e, em alguns casos, o desenho do dedicador era a figura do tradutor, do impressor ou até mesmo do livreiro ao invés de ser a do escritor da obra.<sup>387</sup>

Segundo Ana Carolina Delmas, a ânsia dos autores em terem seus livros patrocinados por um mecenas era tamanha que eles chegavam até a ocupar um papel de coadjuvante na transmissão do conhecimento, declarando-se como um simples tradutor das ideias impulsionadas pelo soberano.<sup>388</sup>

Na Era Clássica, a dedicatória de uma obra a um rico e poderoso protetor faz parte dos costumes, desde *La Francidae* (1572), dedicada a Carlos IX, até *Emma*, de Jane Austen (1816), que foi dedicada ao Príncipe Regente.<sup>389</sup> De acordo com Marc Baratin e Cristian Jacob, “a dedicatória de um livro ao soberano por seu autor constitui ainda no século XVIII, uma das melhores maneiras de captar a benevolência real”<sup>390</sup>.

Apesar de Honoré Balzac (1799-1850) dizer que o tempo das dedicatórias já havia sido superado, porque ele entendia que estava em outra época em que o autor não precisava mais ficar bajulando autoridades para ter seus escritos vulgarizados<sup>391</sup>, entretanto, a demonstração de agradecimento aos mecenas voltou a ser exercida fortemente no último quartel do século XIX, principalmente sob a influência da *belle époque*, pois como afirmou Jeffrey D. Needell na sua obra *Belle Époque Tropical*, a importância da Rua do Ouvidor era tamanha para os intelectuais, pois ela estava intimamente vinculada a sua relevância para a elite: “ela era um meio tanto para aqueles que já exerciam o poder quanto para os que precisavam servir ao poder para progredir”<sup>392</sup>.

Maria Annunciada Chaves não se considerava uma escritora, tanto que ela nem fez sua inscrição na APL, quem organizou seu currículo e fez a proposição, para o seu ingresso nesta instituição foram seus amigos<sup>393</sup>, todavia ela foi convidada a integrar esse douto silogeu, como

<sup>387</sup> BARATIN; JACOB, *op. cit.*, p. 172

<sup>388</sup> DELMAS, Ana Carolina Galante. Elogios impressos: dedicatórias no Brasil de D. João VI. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das Neves. **Livros impressos: retrato dos setecentos e dos oitocentos.** Rio de Janeiro : EdUERJ, 2009, p. 269-302.

<sup>389</sup> GENETTE, Gerard. **Paratextos editoriais.** Cotia, SP: Ateliê Ed., 2009. 372 p., p. 110. (Artes Editoriais, 7).

<sup>390</sup> BARATIN; JACOB, *op. cit.*, p. 190.

<sup>391</sup> CEIA, *op. cit.*, não paginado.

<sup>392</sup> NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 218.

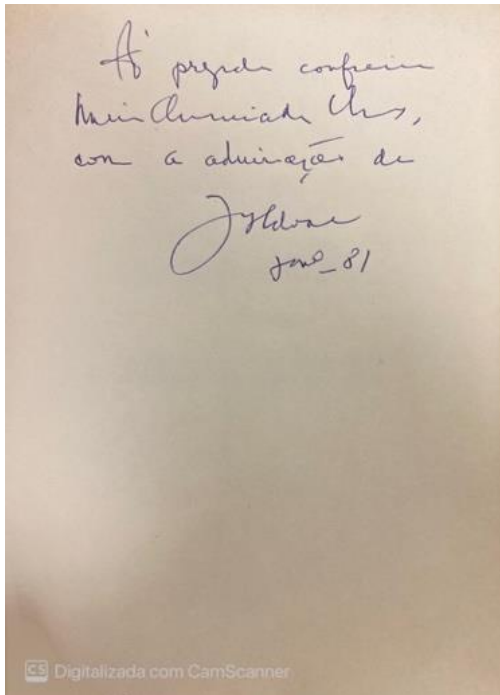
<sup>393</sup> MELO, Cláudia. Um toque feminino na Academia. **O Liberal**, Belém, 4 de outubro de 1998, p. 1. Caderno Mulher.

relata Pedro Roumié em seu artigo intitulado: *Annunciada Chaves e suas entidades culturais*, ao dizer:

Para pertencer à Academia Paraense de Letras, Maria Annunciada Ramos Chaves não fez postulação. Ao contrário, foi convidada para integrar o quadro de 40 sócios efetivos e perpétuos, tendo sido admitida por unanimidade nesta Entidade Cultural. Assim sendo, desde 1973, engrandece o silogeu onde ilustres intelectuais paraenses cultivaram e/ou cultivam as letras, a cultura e as artes<sup>394</sup>.

Corroborando as assertivas de Pedro Roumié, alguns de seus dedicantes fazem questão de enfatizar as habilidades com a arte de escrever de Maria Annunciada Chaves, como pode ser visto na dedicatória n. 2439/2012. Ela também possuía uma grande aproximação com vários escritores, como observa-se nas dedicatórias: n. 0001/2012, n. 0454/2012, n. 1792/2012 e n. 2774/2012. Além disso, José Ildone na dedicatória n. 0783/2012, fez questão de lembrar a presença de Annunciada Chaves na APL a chamando de congreira.

Foto 174 – Dedicatória n. 0783/2012 feita por José Ildone Transcrição

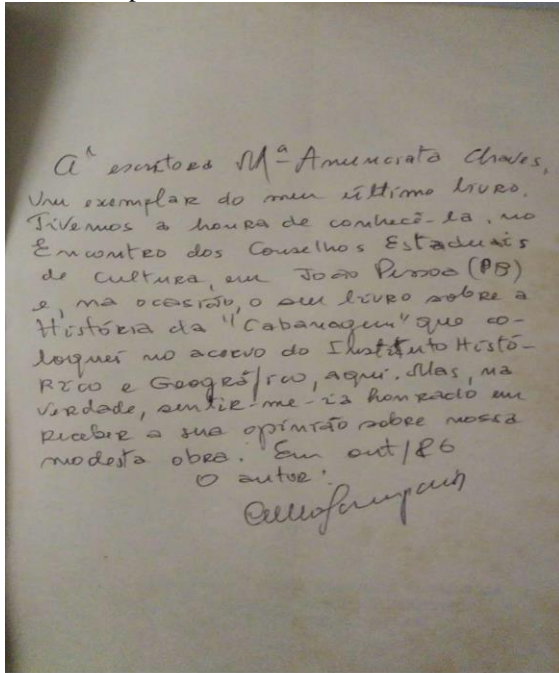


À prezada congreira // Maria Annunciada Chaves, // com a admiração de // José Ildone // jul. 1981

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

<sup>394</sup> ROUMIÉ, Pedro. Annunciada Chaves e suas entidades culturais. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 14, n. 1, p. 23, jan. 2003.

Foto 175 – Dedicatória n. 2439/2012 feita por Antônio Coelho Sampaio.



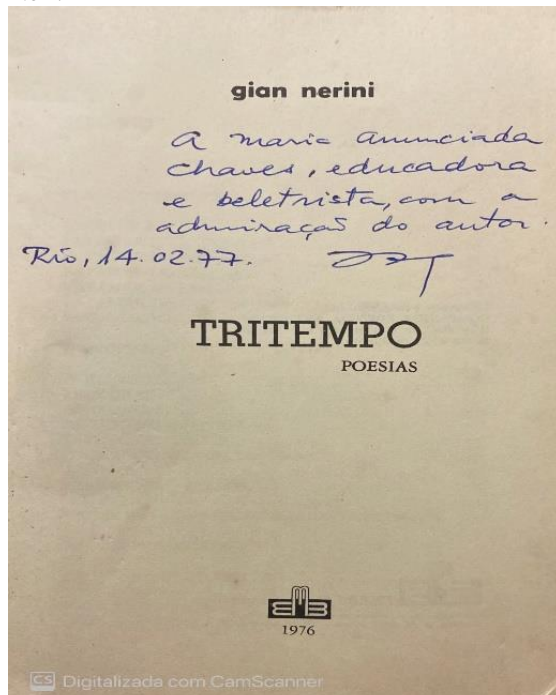
Transcrição

À escritora Ma. Annuciada Chaves, // um exemplar do meu último livro. // Tivemos a honra de conhecê-la no // Encontro dos Conselhos Estaduais // de Cultura, em João Pessoa (PB) // e, na ocasião, o seu livro sobre a // História da Cabanagem, que co- // loquei no acervo do Instituto Histó- // rico e Geográfico, aqui. Mas na // verdade, sentir-me-ia honrado em // receber a sua opinião sobre nossa // modesta obra. Em out. 86. // O autor // Coelho Sampaio.

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

José Fabiano Gianneri, escritor carioca também enfatiza as habilidades de escrita da Profa Annuciada Chaves e a chama de beletrista, ou seja, “que ou aquele que cria obras literárias”, como pode ser visto na dedicatória n. 1934/2012.

Foto 176 – Dedicatória n. 1934/2012 feita por Gian Neri.



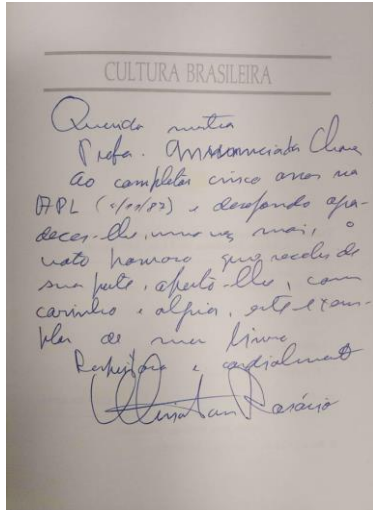
Transcrição

A Maria Annuciada // Chaves, educadora // e beletrista, com a // admiração do autor. // Rio, 14.02.77. "rubrica".

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

Na dedicatória n. 1792/2012 José Ubiratan do Rosário, escritor, historiador, professor, jornalista e pesquisador da cultura brasileira, oferta da sua publicação em agradecimento por sua recomendação deste para ingressar na Academia Paraense de Letras.

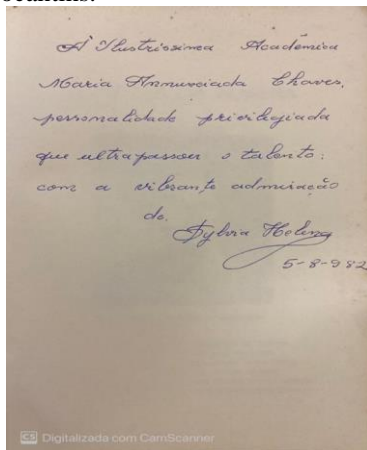
Foto 177 – Dedicatória n. 1792/2012 feita por Ubiratan Rosário. Transcrição



Querida mestra // Prof. Annunciada Chaves, // ao completar cinco anos na // APL (04.11.87) e dispondo a agra // decer-lhe, uma vez mais, o // ato honroso que recebi de // sua parte, // ofertar-lhe, com // carinho e alegria, este exem- // plar de meu livro. // Respeitosa e cordialmente, // Ubiratan Rosário.

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

Foto 178 – Dedicatória n. 0001/2012 feita por Sylvia Helena Tocantins.<sup>395</sup> Transcrição

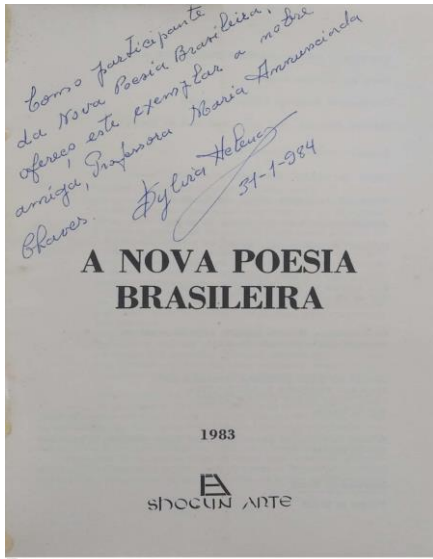


À ilustríssima acadêmica // Maria Annunciada Chaves, // personalidade privilegiada // que ultrapassou o talento: // com a vibrante admiração // de // Sylvia Helena, // 5.8.982

Fonte: MLM. Acervo Annunciada Chaves (2019).

<sup>395</sup> Sylvia Helena Tocantins Melo Eder (1933-2016): escritora e poetisa paraense. Nasceu em Belém, mas passou grande parte da sua infância na Ilha de Marajó. Estudou as primeiras letras e humanidades no Colégio Santa Catarina de Sena, em Belém. Desde muito jovem revelou pensamentos literários. Escrevia versos e mandava para os jornais que os acolhiam. Em 1987 lançou um romance naturalista, *As Ruínas de Suruanã*, narrando muita coisa do que sabe sobre o folclore da ilha e mesmo estudando e reproduzindo a linguagem característica dos nativos da antiga Ilha de Joanes, dos índios nheengaíbas. Mas, o forte de Sylvia Helena está no verso, poesia e poemas de grande sentimento e muita sonoridade, ainda que libertos de métrica e da rima. Sylvia Helena foi a presidente da Associação de Jornalistas e Escritores Brasileiros do Brasil - AJEBPa, no Pará e em 1989 assumiu a presidência nacional da Associação, eleita, que foi por aclamação, no VII Congresso Nacional, em Curitiba. Seus versos ganham outros centros culturais. Foi convidada para ocupar a Cadeira n. 19 da Academia de Letras de Barbacena, pelo Presidente Plínio Tostes de Alvarenga. Continua a mandar suas produções para os jornais de Belém “O Liberal”, “A Província do Pará”. Cf. MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (org.). **Introdução à literatura no Pará**: antologia. Belém: CEJUP, 1990. 2 v., p. 495.

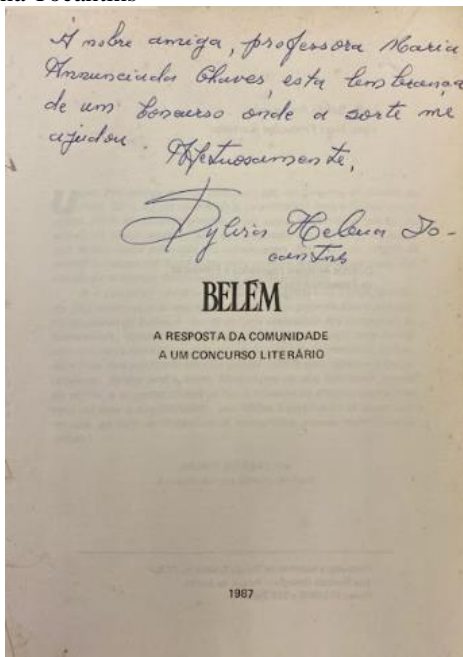
Foto 179 – Dedicatória n. 0454/2012 feita por Sylvia Helena Tocantins Transcrição



Como participante // da Nova Poesia Brasileira, // ofereço este exemplar a mestre // e amiga, Professora Maria Anunciada // Chaves // Sylvia Helena/ 31-1-984.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Foto 180 – Dedicatória n. 2774/2012 feita por Sylvia Helena Tocantins Transcrição



À minha amiga, professora Maria // Anunciada Chaves, esta lembrança // de um concurso onde a sorte me // ajudou. // Afetuosamente, // Sylvia Helena Tocantins.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

A escritora Sylvia Helena Tocantins, confrade de Anunciada Chaves na APL, eram frequentemente celebradas como expoentes da escrita feminina da Academia, inclusive ela foi a quarta mulher a ingressar na APL<sup>396</sup>, tendo sido antecedida por Anunciada Chaves.

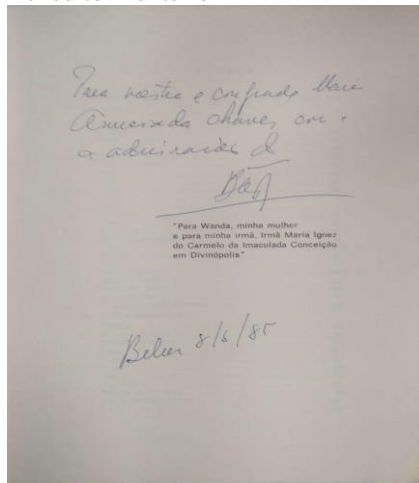
<sup>396</sup> Sylvia Helena Tocantins tomou posse na APL em 27.08.1992, da cadeira de n. 12. Cf. MELO, Cláudia. Um toque feminino na Academia. *O Liberal*, Belém, p. 1, 4 de outubro de 1998. Caderno Mulher.

Entusiasmada com a Academia, Sylvia Helena tinha muita admiração por Annuciada Chaves, posto que sua carreira como escritora começou muito tardiamente, após ela se tornar avó, então se tornar uma imortal e tê-la como colega de pena depois de tanta vivência tinha muita significação para ela, como relatou:

O mundo da intelectualidade era completamente desconhecido. Nunca pensei um dia ocupar uma cadeira da Academia. Considero isso até uma benção de Deus, porque tenho uma grande admiração pela APL, principalmente tendo como símbolo feminino Annuciada Chaves<sup>397</sup>.

Com base no exposto, é possível depreender que Annuciada Chaves foi uma intelectual muito bem relacionada, estabelecendo laços de amizade com personalidades de projeção, tanto local, quanto nacional. É possível ainda perceber que ela era uma intelectual muito orgulhosa de suas origens, e que também contribuiu para o conhecimento e divulgação Amazônia para outras regiões do Brasil, a esse respeito ver o capítulo 3 desta tese, em que a sua produção científica é estudada.

Foto 181 – Dedicatória n. 1259/2012 feita por Transcrição Benedito Monteiro<sup>398</sup>

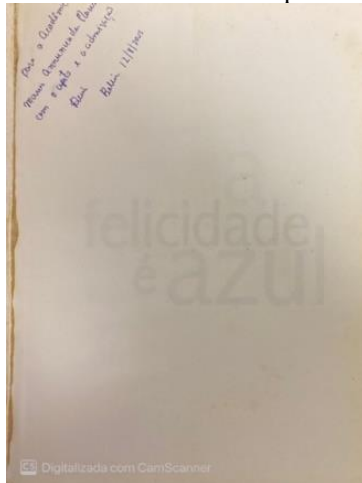


Para mestre e confrade Maria // Annuciada Chaves,  
com // admiração do // Benedito Monteiro, //  
Belém,  
8.5.85

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

<sup>397</sup> MELO, *op. cit.*, p. 1.

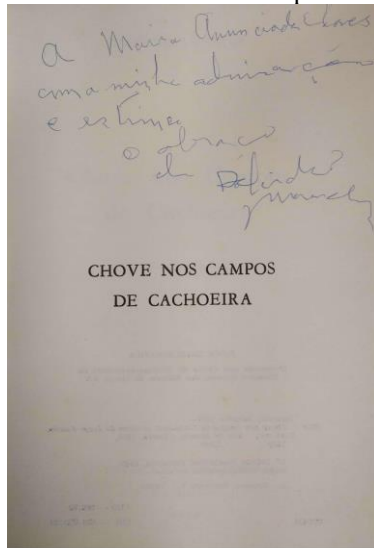
<sup>398</sup> Benedito Wilfredo Monteiro (1924 - 2008), nasceu em Alenquer, Estado do Pará, em 1º de março de 1924 [...]. Fez o curso de Humanidades no Colégio Nazaré, em Belém, o curso Científico e Vestibular para a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, formando-se em bacharel em ciências jurídicas e sociais pela faculdade de Direito do Pará. Foi vereador, promotor público, pretor e juiz de Direito no Município de Alenquer. Elegeu-se deputado estadual em 1958 e 1962, exercendo ainda os cargos de secretário de Estado de Obras, Terras e Águas, bem como a Delegacia da SUPRA no Estado do Pará. Foi cassado em 1964 e voltou a ser eleito 1º suplente de deputado federal em 1982 quando instituiu e organizou a Procuradoria Geral do Estado do Pará, sendo o seu 1º procurador. Em 1986 elegeu-se deputado federal constituinte. É autor de dois livros de poesias, “Bandeira branca” e “Cancioneiro do Dalcídio”. Escreveu e publicou a Tetralogia Amazônica composta por: *Verde Vagomundo*, *O Minossauro*, *A Terceira margem*, e o *Aquele um*: a novela, *O Carro dos milagres*, e um livro da área jurídica, *Direito agrário e processo fundiário*. Atualmente, está escrevendo um novo romance: *Maria de todos os rios* e um romance autobiográfico: *Transtempo*, ou a Ilha da Avenida, no qual ela narra a sua vida no período de cassação e sua experiência política no Brasil (ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS. **Poesia & prosa**: antologia. Belém: Cultural CEJUP, 1987. p. 77.)

Foto 182 – Dedicatória n. 0350/2012 feita por Denis Cavalcante<sup>399</sup>

Transcrição

Para a Acadêmica // Maria Anunciada Chaves // com o afeto e a admiração, // Denis. // Belém 12.08.2003.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Foto 183 – Dedicatória n. 2500/2012 feita por Dalcídio Jurandir<sup>400</sup>

Transcrição

A Maria Anunciada Chaves // com a minha admiração // e estima // o abraço // de Dalcídio // Jurandir

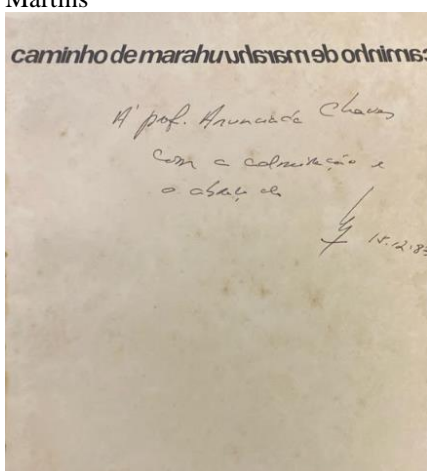
Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>399</sup> Denis de Oliveira Gomes Cavalcante (1946 - ): Empresário e escritor carioca, Membro da APL, foi dono de sebo. Escreve crônicas para o Jornal o Liberal. É autor dos livros: *A Felicidade é Azul* (esgotado), *Sobre o Amor e Outras Coisas* (quase esgotado) e *Rio Memória*, que escreveu em parceria com o escritor e jornalista João Carlos Pereira (FEIO, Aldemyr. Denis Cavalcante: um carioca que virou paraense. **Jornal do Feio**. 2008. Disponível em: <http://aldemyrfeio.blogspot.com/2008/12/denis-cavalcante-um-carioca-que-virou.html>. Acesso em: 22.02.2020).

<sup>400</sup> Dalcídio Jurandir Pereira: nasceu em Ponta de Pedras, Ilha do Marajó, Estado do Pará, em 1909. Com a idade de 13 anos, mudou-se para Belém, a fim de fazer o curso secundário. Porém não o concluiu e, cinco anos depois, ia tentar a vida no Rio. Após várias privações, que lhe amadureceram o caráter, retornou a capital paraense. Em 1931 passou a trabalhar no jornalismo, ocasião em que deu início a publicação de suas primeiras produções literárias. Em 1940 obteve o 1º lugar do concurso Dom Casmurro, patrocinado pela Vecchi, do Rio, com o romance *Chove nos Campos da Cachoeira*. Bem recebido pela crítica nacional, esse seu romance abriu-lhe as portas do êxito literário. Radicou-se na antiga capital da República, mas fez do Pará - notadamente da Ilha de Marajó - o cenário de seus romances. Além do já citado, publicou: *Marajó* (Editora José Olympio, Rio 1947); *Três casas e um rio* (Ed. Martins, São Paulo, 1958); *Linha do Parque* (o único que se passa fora da Amazônia, Ed. Vitória, 1958); *Belém do Grão-Pará* (Ed. Martins, SP, 1961), com o qual ganha os prêmios Paula Brito e Luiza Claudio de Souza; *Passagem dos Inocentes* (Ed. Martins, SP, 1963) e, *Primeira manhã* (Ed. Martins, SP, 1968). A publicar possui os seguintes romances: *Ponte do Galo*, *Os Habitantes*, *Chão dos Lobos*, *Ribanceira* e *Araquiquaia*. É Dalcídio Jurandir, na atualidade, o romancista amazônico de maior renome nacional, considerado por Jorge Amado como um dos maiores ficcionistas do Brasil. Sobre um de seus livros, assim se expressou Nelson Werneck Sodré: "Não é apenas pela sua fidelidade no ambiente que merece apreço, mas pela sua força descritiva, plena de verdade e de beleza, pela sua maneira de fazer viver a gente que povoa a s suas páginas, pela realidade que traduz os laços sociais que a dominam. Cf. ROCQUE, Carlos. Dalcídio Jurandir. In: ROCQUE, Carlos. *Antologia da Cultura Amazônica*. Manaus: AMADA, 1970. v. 1: Contos. Romances: Trecho escolhidos, p. 196.

A dedicatória n. 2787/2012 foi escrita pelo literato Max Martins e a obra ofertada diz respeito a um assunto muito caro à professora Anunciada Chaves, trata-se do *Caminho de Marahu*, é um livro de poesias sobre a praia de Marahu, situada no município de Mosqueiro, no estado do Pará, esse local era muito amado por ela, observou-se em seu acervo uma quantidade expressiva de bilhetes de passagens para esta localidade. Este era um dos seus principais *hobbies*. Ela costumava viajar para Mosqueiro quase todo final de semana, principalmente na sua velhice.

Foto 184 – Dedicatória n. 2787/2012 feita por Max Martins<sup>401</sup> Transcrição



À professora Anunciada Chaves // com admiração, // o abraço de Max Martins 17.12.1983

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Anunciada Chaves possuía uma grande amizade com a escritora Eneida de Moraes, a qual era sempre lembrada por ela como “símbolo da influência feminina no extremo norte do País”<sup>402</sup>. Particularmente, na conferência intitulada *Trópico, mulher e atualidade brasileira*, ela faz um breve retrospecto da vida da autora de *Banho de Cheiro* e atesta o porquê de considerá-la uma expoente da intelectualidade feminina.

À medida em que Anunciada Chaves vai descrevendo passagens da vida de Eneida, percebe-se o quanto elas possuíam características em comum: ambas nasceram no primeiro quartel do século XX, pertenciam à elite paraense, seus pais eram donos de seringais e enriqueceram com as benesses da economia gomífera, elas estudaram em internatos tradicionais e católicos (sobretudo, no Colégio Gentil Bittencourt), cursaram nível superior, se orgulhavam

<sup>401</sup> Max Martins (1926 - 2009): poeta modernista paraense. Ganhou um prêmio do Governo do Estado para poesias, em 1963. (ROCQUE, 1969, *op. cit.*, 6 V., v. 4, p.1086-1087). Publicou os seguintes livros: *O Estranho* (1952), *O Risco subscrito* (1980), *Caminho de Marahu* (1983), *60/35: poemas* (1986), *Não para consolar: poemas reunidos: 1952-1992* (1992), *Para ter onde ir* (1992), *O Cadafalso: antologia, 1952-2002* (2002), *Diários de Max Martins* (2007), *Anti-Retrato* (2012), *Colmando a lacuna: poesia* (2015), *A Fala entre parêntesis: poesia* (2016), *H'era poesia* (2016) e *Say it (over and over again): poemas inéditos, esparsos & fragmentos* (2021, obra póstuma). Membro da APL. (UFPA. BC. **Relatório do Sistema Pergamum**, Belém, 2022).

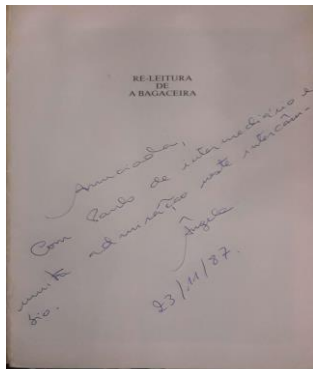
<sup>402</sup> CHAVES, Maria Anunciada. *Trópico, mulher e atualidade brasileira*. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA, 1982: Recife. **Conferência ...** Recife, 1982, p. 84. Datilografado.



e faziam questão de falar da Amazônia, dominavam outros idiomas, viajaram para outros estados e países, gostavam de literatura e tinham fascínio por suas bibliotecas<sup>403</sup>.

O círculo de amizade de Annuciada com literatos era amplo, além de seus conterrâneos Annuciada se relacionava com acadêmicos de outros estados brasileiros, como expõe as dedicatórias: nº 0099/2012 escrita pela acadêmica paraibana Ângela Castro, nº 0384/2012 escrita pelo acadêmico goiano Bernardo Elis; e nº 0167/2012, escrita pelo acadêmico potiguar Veríssimo de Melo.

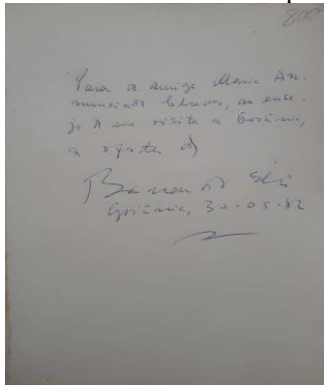
Foto 185 – Dedicatória n. 0099/2012 feita por Ângela Castro.<sup>404</sup> Transcrição



Annuciada, // com Paulo de Intermediário // e muita admiração neste intercâmbio, // Ângela, // 23.11.87.

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

Foto 186 – Dedicatória n. 0167/2012 feita por Bernardo Elis<sup>405</sup> Transcrição



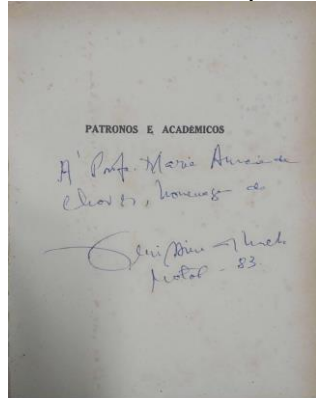
Para a amiga Maria An- // nuciada Chaves, // no ense-// jo à sua visita a Goiânia, // a oferta de // Bernardo Elis. // Goiânia, 30.05.1982

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

<sup>403</sup> A esse respeito, Annuciada Chaves fez questão de mencionar o destino tomado pela biblioteca particular de Eneida, que havia manifestado por escrito, em sua carta-testamento, meses antes de morrer, o desejo de que sua biblioteca fosse doada à UFPA, desejo prontamente atendido e oficializado via Resolução CONSUN nº 91, de 2 de maio de 1972. (UFPA. Conselho universitário. **Resolução nº 91, de 2 de maio de 1972.** Autoriza aceitação de oferta. Disponível em: [https://sege.ufpa.br/boletim\\_interno/downloads/resolucoes/consun/1972/91%20Autoriza%20aceitacao%20de%20oferta.pdf](https://sege.ufpa.br/boletim_interno/downloads/resolucoes/consun/1972/91%20Autoriza%20aceitacao%20de%20oferta.pdf). Acesso em: 10.08.2019.

<sup>404</sup> Ângela Castro: escritora, advogada, professora de Letras da UFPB.

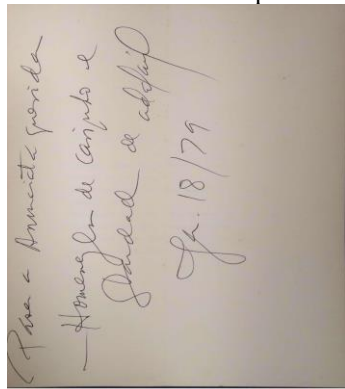
<sup>405</sup> Bernardo Elis Fleury de Campos Curado (1915- 1997): advogado, professor, poeta, contista e romancista, nasceu em Corumbá de Goiás, GO. Bernardo Elis foi o propagador do Modernismo em Goiás. Dentre os livros que escreveu, pode-se destacar: *Ermos e Gerais*: contos (1944); *As Terras e as carabinas*: novela (1952); *Primeira chuva* (1955); *O Tronco* (1956); *Caminhos e descaminhos* (1965); *Veranico de Janeiro* (1966); *Marechal Xavier Curado, criador do Exército Nacional*: ensaio histórico (1973); *Seleta de Bernardo Elis* (1974); *Caminhos dos gerais* (1975); *Estado de Goiás* (1976); *André Louco* (1978); *Vila Boa de Goiás* (1979); *Os Enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil* [19-] (Cf. ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Seleta de Bernardo Elis**. São Paulo: Abril Educação, 1983. p. 16).

Foto 187 – Dedicatória n. 0419/2012 feita por Veríssimo de Melo.<sup>406</sup>

Transcrição

À Professora Maria Anunciada //  
Chaves, homenagem // do Veríssimo  
de Melo // Natal 83.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Foto 188 – Dedicatória n° 0288/2012 feita por Adalcinda Camarão.<sup>407</sup>

Transcrição

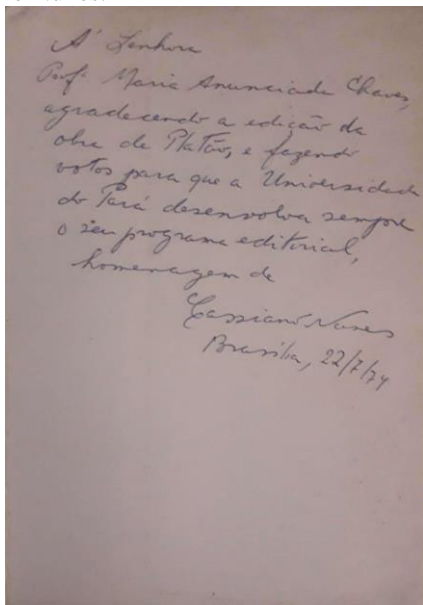
Para a Annuciata querida // -  
Homenagem de carinho e // gratidão  
da Adalcinda, // Jan. // 18 // 79.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>406</sup> Verissimo Pinheiro de Melo: advogado formado pela Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, transferiu-se, a partir do segundo ano, para a Faculdade de Direito da Universidade do Recife, formou-se em 1948. Foi procurador da Prefeitura Municipal de Natal, juiz municipal de Natal, e professor da cadeira de Etnografia do Brasil da Faculdade de Filosofia de Natal desde 1959. Posteriormente, passou a ocupar a cadeira de Antropologia Cultural na mesma Faculdade, na Escola de Serviço Social e no Curso de Sociologia da Fundação José Augusto. Foi professor adjunto da UFRN, lecionando Antropologia Cultural no curso diferenciado e no Instituto de Ciências Humanas, além de desenvolver atividades de pesquisa no Instituto de Antropologia Câmara Cascudo, da mesma Universidade, instituição da qual foi um dos fundadores. Colaborou com os seguintes jornais: em Natal (*A República, Diário de Natal, A Ordem, Tribuna do Norte*); em Recife (*Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio e Folha da Manhã*); e no Rio de Janeiro (*Correio da Manhã e Jornal de Letras*). Pertence às seguintes instituições: Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte (do qual foi presidente), Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Sociedade Brasileira do Folclore, Secretário da Comissão de Folclore do Rio Grande do Norte; sócio-correspondente da Academia Alagoana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, do Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, da Associação Brasileira de Folclore, das Secretarias de Folclore da Argentina, Chile, Colômbia, Peru, Paraguai, México e Espanha e da *Société Internationale de Ethnologie et Folclore*. Academia Norte Rio-Grandense de Letras. (Cf. MELO, Veríssimo. Veríssimo de Melo. In: MELO, Veríssimo. **Patronos e acadêmicos**: Academia Norte Rio-Grandense de Letras: antologia e biografia. Rio de Janeiro: Pongueti, 1974. 2v., v. 2. P. 115-121).

<sup>407</sup> Adalcinda Magno Camarão Luxardo (1918 - 2005): escritora e cantora muanense, posteriormente mudou-se para Belém, ainda estudante, frequentou as rodas literárias, causando admiração pelo talento que já demonstrava. Adalcinda Camarão pertencente à família do poeta Santa Helena Magno. Publicou poemas nas revistas culturais que circulavam na capital paraense, tais como: *Terra Imatura, Pará Ilustrado, Novidades e A Semana*; e os livros: *Entre Espelhos e Estrelas, Vidências, Baladas de Monte Alegre e Memórias*, sendo, por algum tempo, cantora da Rádio Clube do Pará. Em idade adulta transferiu-se para os Estados Unidos (Washington), atuando na Embaixada do Brasil, tendo sido inclusive professora de Português na Universidade da Virgínia. Adalcinda Camarão ocupa a cadeira de n. 17, de que é patrono Felipe Patroni, e da qual foi o ocupante anterior Ismaelino de Castro. Eleita em 1949, empossou-se em 25.01.1950. (Cf. APL. Adalcinda Camarão. In: APL, 1987, *op. cit.*, p. 117; MEIRA, Clóvis. A Lira e a mulher paraense. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 12, n. 2, p. 192-202, dez. 1991).

Foto 189 – Dedicatória nº 0068/2012 feita por Transcrição Cassiano Nunes.<sup>408</sup>



A Senhora Professora Maria Anunciada Chaves, agradecendo a edição da // obra de Platão, e fazendo // votos para que a Universidade // do Pará desenvolva sempre // o seu programa editorial, // homenagem de // Cassiano Nunes, // Brasília, 22.7.74.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Na dedicatória supracitada, o poeta, escritor, crítico literário e conferencista brasileiro Cassiano Nunes, aproveitou o lançamento de seu livro para agradecer à Anunciada Chaves pela edição da obra os *Diálogos de Platão*, obra que é o maior sucesso da Editora da UFPA (EDUFPA) de todos os tempos, porque refere-se à primeira edição brasileira, da importante obra do filósofo heleno, traduzida diretamente do grego pelo filósofo Carlos Alberto Nunes<sup>409</sup>, tio de Benedito Nunes. Essa obra é muito importante para a editoração nacional porque todas as demais reedições brasileiras<sup>410</sup> foram feitas a partir da obra traduzida diretamente do grego por Carlos Alberto Nunes<sup>411</sup>. A obra foi editada pela primeira vez em treze volumes, no íterim de 1973-1980, cujo lançamento congregou boa parte dos membros da alta administração da Universidade Federal do Pará (Ver Foto 190).

<sup>408</sup> Cassiano Nunes (1921-2007): poeta, escritor, crítico literário e conferencista brasileiro. Foi secretário-executivo da Câmara Brasileira do Livro (CBL). Trabalhou na Editora Saraiva (WIKIPEDIA, 2012).

<sup>409</sup> Carlos Alberto da Costa Nunes (1897 - 1990): foi um médico, poeta e literato maranhense, porém ele se notabilizou muito por suas traduções, tais como: o *Teatro completo de Shakespeare*, e as obras clássicas: a *Iliada* e a *Odisséia*, de Homero; e a *Eneida*, de Virgílio, e sobretudo, todos os *Diálogos de Platão*. Recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da UFPA. Resolução nº 548, de 1º de outubro de 1985.

<sup>410</sup> NUNES, Benedito. Prefácio. In: Platão. **Diálogos de Platão**. Tradução do grego feita por Carlos Alberto Nunes. 1. ed. Belém: Ed. da UFPA, 1973-1980. 14 v. (Coleção Amazônica. Série Farias de Brito).

<sup>411</sup> SÃO PAULO. 4º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS. Cartório Medeiros. **Termo de doação**, São Paulo, 03.10.1983.

Foto 190– Lançamento da obra *Diálogos de Platão*, em 1973, na UFPA<sup>412</sup>



Fonte: CHAVES, Lilia (2011).

Legenda: Da esquerda para direita: Clóvis Malcher (Reitor da UFPA daquela época), Georgenor Franco, Jussê Gonçalves, Nelson Ribeiro e Ophir Duarte. À frente Benedito Nunes, Annunciada Chaves e Prisco Santos.

Àquela época, Annunciada Chaves fazia parte da comissão editorial da Imprensa Universitária do Pará (atual Editora da Universidade Federal do Pará – Edufpa), e, por isso, Cassiano Nunes a está felicitando pela editoração. Por sinal, os direitos da tradução foram cedidos à Edufpa via termo de doação em cartório, assim sendo, as demais editoras só poderão fazer uso da tradução de Carlos Nunes após completados 70 anos após a data de falecimento do autor, i.e., quando cair em domínio público.

Mais precisamente Annunciada Chaves era coordenadora da Série José Veríssimo da Coleção Amazônica. Essa coleção foi muito exitosa, criada em 1971 via Resolução nº 31, de 8 de julho de 1971, gerou trinta e três livros e encerrou em 1978. Houve uma tentativa de reativá-la em 1986, mas não foi adiante. Ela possuiu nove séries que receberam o nome de intelectuais (paraenses ou que tiveram atuação destacada no Pará) importantes que ajudaram a desenvolver a temática associada aquela série, a saber:

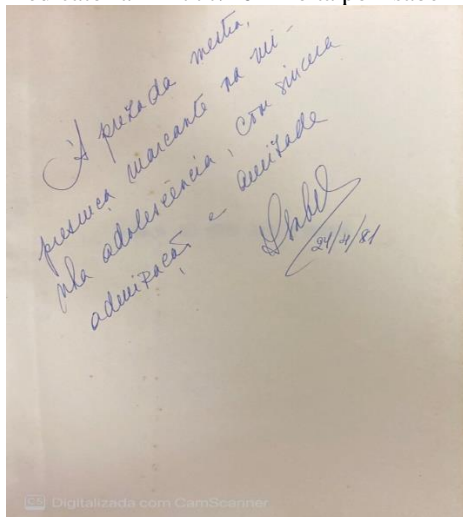
<sup>412</sup> CHAVES, Lilia Silvestre (org.). *O Amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém : Secult-PA, 2011, p. 54.

Quadro 2 – Séries da Coleção Amazônia da UFPA

N	Nome	Diretor da Coleção	Coordenador da Série	Q
1)	Coleção amazônica. Série Farias Brito	Arthur Cezar Ferreira Reis	Benedito Nunes	12
2)	Coleção amazônica. Série Francisco Bolonha	Arthur Cezar Ferreira Reis	Angenor Pôrto Penna de Carvalho	1
3)	Coleção amazônica. Série Augusto Montenegro	Arthur Cezar Ferreira Reis	-	1
4)	Coleção amazônica. Série Camillo Salgado	Arthur Cezar Ferreira Reis	João Prisco dos Santos	1
5)	Coleção amazônica. Série Ernesto Chaves	Arthur Cezar Ferreira Reis	Joaquim Gomes de Norões e Souza	1
6)	Coleção amazônica. Série Ferreira Penna	Arthur Cezar Ferreira Reis	Inocência Machado Coelho	2
7)	Coleção amazônica. Série Inglês de Souza	Arthur Cezar Ferreira Reis	Francisco Paulo do Nascimento Mendes	4
8)	Coleção amazônica. Série José Veríssimo	Arthur Cezar Ferreira Reis	Maria Anunciada Chaves	14
9)	Coleção amazônica. Série Tavares Bastos	Arthur Cezar Ferreira Reis	Manoel Orlando Ferreira	2

Fonte: Adaptado pela autora desta tese de UFPA. BC (1986)<sup>413</sup>

Outra questão que aproxima Cassiano de Anunciada Chaves se deve ao fato de que ele atuou na Câmara Brasileira do Livro (CBL) e também trabalhou na Livraria Saraiva.

Foto 191 – Dedicatória n° 2777/2012 feita por Isabel Barreto.<sup>414</sup>

Transcrição

À prezada mestra, // presença marcante na mi- //nha adolescência, com sincera // admiração e amizade, // Isabel Barreto // 24.04.81.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

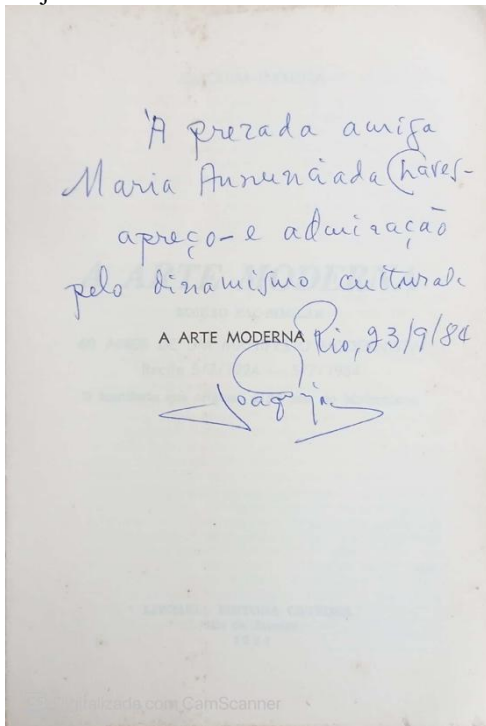
<sup>413</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Biblioteca Central. **Coleção Amazônica**: avaliação feita pelo Conselho Editorial em 1986. Belém, 1986. [7 p.].

<sup>414</sup> Isabel Lima Barreto: escritora e cronista paraense, foi casada com o famoso médico Aracy Amazonas Barreto, reitor da UFPA, no período de 1977-1981. Foi articulista dominical do jornal A Província do Pará, do Jornal *O Estado do Pará* em que mantinha uma coluna semanal denominada de *Presença*. Isabel Barreto publicou dois livros pela editora da UFPA: *Corações em tormentos* e *Nós e os outros*. Ela foi membro da AJEB, tendo sido uma das fundadoras da AJEB, seção Pará, e participou da 1ª Feira do Escritor Paraense (Cf. ROCHA, Nelly Cecilia Paiva Barreto da. Orelha. In: BARRETO, Isabel L. **Nós e os outros**. Belém : Ed. da UFPA, 1981; AJEB, 1983, op. cit., p. 135-137).

Na dedicatória supracitada, Isabel Lima Barreto conta que Annuciada Chaves marcou a sua adolescência, elas eram vizinhas e Isabel foi sua aluna no Colégio Moderno; além disso, seu pai, Orlando Lima, admirava muito Annuciada Chaves por ser estudiosa, e foi um dos incentivadores a que ela se graduasse.<sup>415</sup> Ambas fizeram parte da Associação das Jornalistas e Escritoras Brasileiras (AJEB).

Joaquim Inojosa, na dedicatória nº 2715/2012, revela seu apreço por Annuciada Chaves e confessa um interesse que eles tinham em comum – a Arte Moderna. Inojosa era um grande propagandista do Modernismo em Pernambuco e Annuciada Chaves participava frequentemente das reuniões sobre este movimento artístico e cultural ocorridas no Café Central (este Café não existe mais, somente o Hotel Central, cujo prédio se situa entre a Av. Presidente Vargas e a Rua Senador Manoel Barata, onde atualmente funciona a loja de departamentos C&A) ou no terraço do Grande Hotel (atual Hotel Princesa Louçã).

Foto 192 – Dedicatória n. 2715/2012 feita por Joaquim Inojosa Transcrição



À prezada amiga // Maria Annuciada Chaves //, apreço e admiração // pelo dinamismo cultural da // arte moderna. // Rio, 23.9.84, // Joaquim Inojosa

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2019).

Carlos Branco relata que o movimento modernista foi arrebatador em Belém do Pará, se dividindo em grupos fortes que possuíam diferentes pontos de encontro: um grupo se reunia no Café Central; já outro, cujo maior predomínio era de alunos do Colégio Estadual Paes de

<sup>415</sup> Cf: CHAVES, Maria Annuciada. Centenário de Orlando Lima. *Revista da Academia Paraense de Letras*, Belém, v. 28, p. 106-113, jul./dez. 1987.

Carvalho se congregava no Café Albano (situava-se na Av. Portugal, bem próximo ao CEPC), havia também os que se agregavam na casa do escritor Machado Coelho, no Cine Clube "Os Espectadores", e no Museu Paraense Emílio Goeldi.

Em sua crônica intitulada *o Modernismo literário no Pará*, Carlos Branco fez um interessante registro sobre os intelectuais que vivenciaram esse novel movimento artístico em terras paraenses, a saber:

Francisco Paulo Mendes, Benedito Nunes [...], o poeta Mário Faustino, o romancista Haroldo Maranhão, o poeta Ruy Guilherme Paranatinga Barata, o jurista e cinéfilo Orlando Teixeira da Costa, o ensaísta e tradutor Machado Coelho, o poeta Paulo Plínio Abreu, o poeta Max Martins, o jurista e ensaísta Cécil Meira, o ensaísta Levy Hall de Moura, o jornalista Cléo Bernardo de Macambira Braga, o jurista Raimundo de Souza Moura, o poeta Maurício Rodrigues, o poeta Cauby Cruz, o poeta Leonan Cruz, o poeta Alonso Rocha, o ensaísta e contista Simão Bitar, o ensaísta Ruy Coutinho, a especialista em teatro Sílvia Silva Nunes, a ensaísta Angelita Silva; idem, alguns escritores um pouco mais novos, tais como o jornalista e poeta Evandro de Oliveira Bastos, o poeta Orlando Sampaio Silva (eu próprio, que, à época, ainda não era antropólogo, mas que logo vim a ser professor de História e de Literatura), a poetisa, tradutora e, depois, médica Edith Seligmann (logo minha esposa), o poeta e filósofo Octávio Avertano Barreto da Rocha, o poeta Carlos Alberto Dias de Andrade Monteiro, a poetisa Carmen Lúcia Paes, o poeta Jorge Ramos, o cinéfilo e jornalista Acyr Castro, o cinéfilo Rafael Costa, o cinéfilo Manoel Penna, o ensaísta e cinéfilo Isidoro Alves, o cinéfilo e ensaísta Amilcar Tupiassu, o cinéfilo e pesquisador Pedro Veriano; também, outros ainda mais novos: o poeta João de Jesus Paes Loureiro, o poeta Pedro Galvão de Lima, o jornalista e poeta José Seráfico, o engenheiro e físico José Maria Filardo Bassalo, o futuro ensaísta Joaquim Francisco Mártires Coelho, a futura professora de Letras Célia Mártires Coelho, o futuro jurista Inocêncio Mártires Coelho, o jornalista e futuro historiador José Ubiratan da Silva Rosário, o historiador (e, depois, antropólogo) Raymundo Heraldo Maués, o antropólogo Roberto Maria Cortez de Souza, o jornalista e sociólogo Lúcio Flávio Pinto, o antropólogo Édson Diniz; ainda outros intelectuais foram importantes, na produção literária e em outras artes, na época, tais como: o romancista Dalcídio Jurandir, o poeta e romancista Benedito Vilfredo Monteiro, a poetisa Adalcinda Camarão, o poeta Jurandyr Bezerra, o jornalista e antropólogo (cultura material e arte indígena) Frederico Barata, o jurista e tradutor do alemão Sílvio Meira, o jornalista e poeta Georgenor Franco, o antropólogo Nunes Pereira, o poeta Bruno de Menezes, o poeta Romeu Mariz, o poeta De Campos Ribeiro, o filósofo e historiador da medicina Avertano Rocha, os romancistas Abguar Bastos e Osvaldo Orico, o ensaísta e jurista Daniel Coelho de Souza, **a historiadora Maria Annunciada Ramos Chaves**, o jurista e ensaísta Octávio Mendonça, o ensaísta, jurista e poliglota Orlando Bitar, o teatrólogo Nazareno Tourinho, o ensaísta e cônego Ápio Campos, os pintores Ismael Nery, Rui Meira, José e João Pinto, Leônidas Monte, Ângelus Nascimento etc. [...]<sup>416</sup>.

Essas reuniões de entusiastas do Modernismo ocorridas em diferentes pontos de Belém, implicavam também em alguns dissensos de ponto de vista, em função disso sendo passou-se a ter um grupo mais elitista, formado em sua maioria por membros da APL, assim sendo naturalmente começou a se formar um outro grupo capitaneado pelo jovem Benedito Nunes, o

<sup>416</sup> BRANCO, Carlos. *Modernismo literário no Pará*. 18/01/2019. Disponível em: <https://www.carlosbranco.com.br/artista-culista-orlando-silva/>. Acesso em: 14.05.2020.

qual foi denominado como “Grupo dos Novos”, que segundo Marinilce Oliveira Coelho, era formado por:

Alonso Rocha, Benedito Nunes, Cauby Cruz, Floriano Jaime, Jurandyr Bezerra, Haroldo Maranhão, Mário Faustino, Maurício Rodrigues, Max Martins. Além desses, pode-se citar os nomes de Francisco Paulo Mendes, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, Paulo Plínio Abreu [...]. A esses nomes, deve-se acrescentar outro também representativo da literatura paraense, a partir de 1946: a figura feminina de Sultana Levi Rosenblatt.<sup>417</sup>

De acordo com o historiador Aldrin Figueiredo,<sup>418</sup> o modernismo paraense se configura em uma das vozes regionais que bradava dentro do movimento artístico de 1922, assim como o modernismo brasileiro se insurgia quanto à dominação estrangeira sob a estética literária do Brasil, fazendo aquilo que Mário de Andrade chamava de Antropofagia Cultural, em que os escritores brasileiros tinham que ter contato com os padrões estéticos dos movimentos literários alógenos, se apropriar e ressignificar aquele conhecimento, dando origem a um novo conteúdo. Do mesmo modo, o modernismo paraense se insurgiu ao modernismo brasileiro, posto que escritores de outros estados brasileiros, principalmente os do eixo Rio - São Paulo, falavam da região amazônica em um tom edênico, fantasioso, sem demonstrar uma visão real que só quem vive na região conhece.

Ressalta-se que a escritora modernista paulista Clarice Lispector morou em Belém, por seis meses, no Central Hotel, durante os anos 1940. Na parte térrea deste hotel, funcionava, o famoso Café Central, que foi um ponto de encontro da nata da intelectualidade paraense, por lá circulavam: jornalistas, artistas, além de escritores (novatos e experientes)<sup>419</sup>.

Clarice era uma escritora iniciante, tinha acabado de lançar o livro *Perto do coração Selvagem*.

---

<sup>417</sup> COELHO, Marinilce Oliveira. **O Grupo dos novos: memórias literárias de Belém do Pará**. Belém : Edufpa, 2005, p. 15.

<sup>418</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Os Vândalos do Apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20**. Belém: IAP, 2012.

<sup>419</sup> NUNES, Dulcília Maneschy Correa; SANTOS, Larissa Correa Acatuassu. **A Memória da Hotelaria de Belém e o Grande Hotel, 1850-1950**. Belém: ABIH-PA, 2016.



Foto 193 – A escritora Clarice Lispector, contemplando Belém do Pará, na Praça da República.



Fonte: Luiz Davi (2020)<sup>420</sup>

E pode acompanhar a boa recepção se sua obra, que foi bem avaliada pela exigente audiência composta pelos intelectuais supracitados. Ademais, ela teve uma grande aproximação com o Prof. Francisco Paulo Mendes e com o filósofo Benedito Nunes, o qual dispõe de uma considerável crítica literária sobre a lavra clariceana. Neste sentido, Benedito Nunes escreveu: *Leituras de Clarice Lispector*, publicado em 1973, pela Quirón; *Clarice Lispector: a Paixão* segundo G. H. Wells, publicado em 1988, pela Editora da UFSC; e *O Drama da Linguagem: uma Leitura de Clarice Lispector*, publicado pela Ática em 1989.

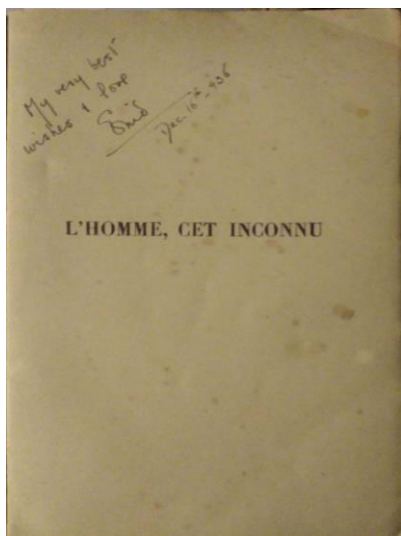
As produções e análises de obras modernistas eram escoadas nos seguintes periódicos: nos suplementos literários dos jornais: *A Província do Pará* ("Diários Associados"), *Folha do Norte*, e *O Estado do Pará* (dirigido por Santana Marques), sendo que este jornal também publicou o suplemento *Página do Estudante*; que era o *Suplemento Literário da Folha* e, posteriormente foi publicado na *Revista do Norte* (dirigida por Benedito Nunes), periódico que surgiu depois do fim do *Suplemento Literário da Folha do Norte*, em fevereiro de 1952, teve duração de 6 meses e circulou em 3 edições<sup>421</sup>.

O vasto conhecimento linguístico também era uma característica de Annuciada Chaves, e como era comum aos intelectuais do início do século XX, ela tinha uma predileção pela língua francesa, e por conta disso, os livros em francês eram um dos itens com os quais ela era frequentemente presenteada. A dedicatória abaixo é fruto de um desses oferecimentos.

<sup>420</sup> CLARICE Lispector faz 100 anos; sabia que ela já morou em Belém?. *Diário do Pará On-Line (DOL)*. 2020. Disponível em: <https://dol.com.br/entretenimento/cultura/598104/clarice-lispector-faz-100-anos-sabia-que-ela-ja-morou-em-belem?d=1>. Acesso em: 18.09.2020.

<sup>421</sup> ALENCAR, M., 2011, op. cit.

Foto 194 – Dedicatória n. 2550/2012 feita por Enid Silva Santos. Transcrição



My very best // wishes & love // Enid // Dec.  
16<sup>th</sup> 1936

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

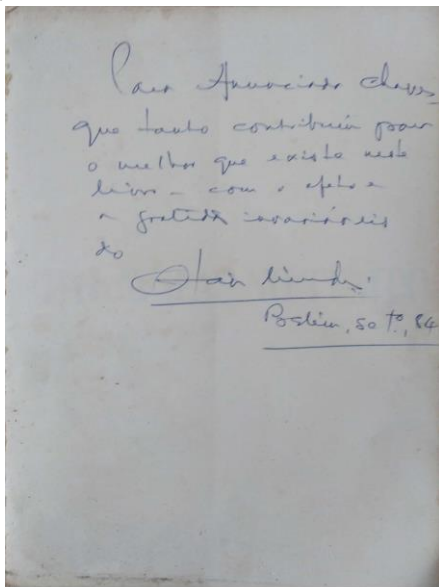
Nota-se que apesar do livro ser escrito em francês, a dedicatória foi grafada em inglês, significando: “Meus melhores desejos e amores”, devido tal dedicatória ter sido escrita por Enid Silva Santos, professora de língua inglesa do Colégio Paes de Carvalho<sup>422</sup>.

A professora Anunciada Chaves tinha ampla compreensão sobre assuntos inerentes à região amazônica, tendo sido uma espécie de embaixadora amazônica para o restante do Brasil. A dedicatória cod. 2804/2012 demonstra esse *status*, nela o advogado e professor da UFPA Otávio Mendonça<sup>423</sup> revela que Anunciada Chaves vem corroborando “para o que de melhor existe nesta terra [Belém do Pará]”, infere-se que o jurista tenha feito esta assertiva devido à sua atuação diligente na defesa do patrimônio histórico, quando era membro do Conselho Estadual de Cultura do Pará.

<sup>422</sup> REGO, 2003, *op. cit.*, p. 101.

<sup>423</sup> Otávio Mendonça (1921 - 2005): advogado e escritor belenense. Fez o curso primário no Grupo Escolar Floriano Peixoto e o secundário fundamental no Ginásio Paes de Carvalho, de Belém, então Ginásio Paraense. Nos anos 1936 e 1937, no Rio de Janeiro, no Colégio Pedro II, o Curso Complementar. Em 1938 ingressou na Faculdade de Direito do Pará, diplomando-se em 1942. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Pará, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e da Academia Paraense de Letras (ocupante da cadeira de n. 4). Professor universitário de Direito Internacional e História. Consultor jurídico do I COMAR (Ministério da Aeronáutica) e da Federação do Comércio do Pará. Foi consultor Geral do Estado, representando na SPVEA, hoje SUDAM. Presidente seccional da Ordem dos Advogados do Brasil. Chefe do Gabinete do Governador, Pará. Secretário da Educação do Amapá. Inspetor escolar. Membro do Conselho Superior de Desenvolvimento e do Conselho de Educação do Estado do Pará. Foi professor emérito da Universidade Federal do Pará. Recebeu as seguintes condecorações: medalha do Mérito do Grão-Pará, Santos Dumont, Tamandaré, Serviço de guerra, Palma universitária, Sociedade Nacional de Agricultura, Ruy Barbosa, Augusto Montenegro, Pedro Teixeira, Paulino de Brito, Olavo Bilac e outras. É autor da obra *Da ordem pública no Direito Internacional Privado - Tese de Concurso*; e da obra *Palavras no Tempo*, seleção de conferências; Universidade do Pará: alicerce da valorização da Amazônia, e da conferência **Presença portuguesa na Amazônia**. Membro das comissões elaboradas da Constituição, código do judiciário e Lei de Terras do Estado do Pará. (Cf. MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (org.). **Introdução à literatura no Pará**: antologia. Belém: CEJUP, 1990-1997. V. 2). Recebeu o título de Professor Emérito da UFPA, pela Resolução nº 7, de 07 de abril de 1969.

Foto 195 – Dedicatória n. 2804/2012 feita por Otávio Mendonça



Para Annuciada Chaves, // que tanto contribuiu para // o melhor que existe nessa // terra, com o afeto // e gratidão amáveis // do // Otávio Mendonça. // Belém, set. 84.

Fonte: MLM. Acervo Annuciada Chaves (2018).

As trajetórias existenciais de Otávio Mendonça e Annuciada Chaves estavam sempre se cruzando, pois ele se graduou em Direito pela Universidade do Pará (Turma de 1942), além disso ele, juntamente com ela, foi um dos fundadores do Conselho Estadual de Cultura do Pará. E eles também foi imortal da APL, onde ocupou a cadeira de número 4. Outra instituição em que foram confrades foi o IHGP. Annuciada Chaves admirava a oratória e as habilidades redacionais de Otávio Mendonça, quando dizia:

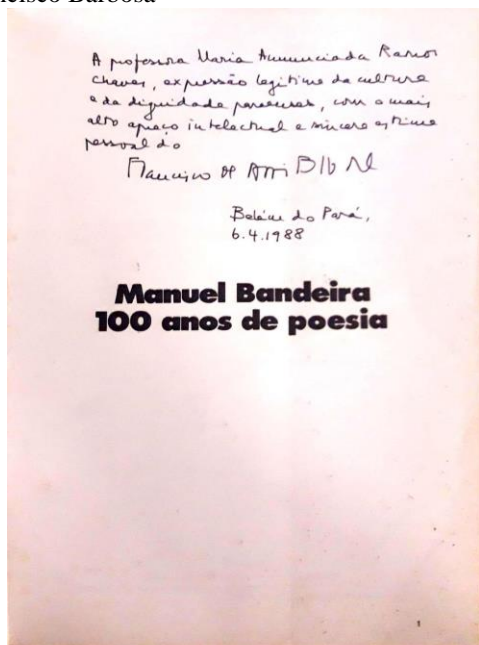
[...] quem passou a maior parte de sua vida, lendo, falando e escrevendo com lucidez, clareza e elegância, não pode nem deve deixar que o tempo arrebate suas palavras para sempre. É preciso fixá-las em livro, guardá-las nas estantes dos estudiosos, dos letrados, dos curiosos ou dos amigos, para que permaneçam e transmitam aos que vierem depois as várias facetas do pensar e do sentir do autor e, através delas, os principais aspectos da época em que viveu e produziu.<sup>424</sup>

Essas palavras gentis foram dirigidas por Annuciada ao Otávio Mendonça ao prefaciar a obra intitulada *Palavras no Tempo*, na qual Otávio Mendonça faz um apanhado de sua produção científica engendrada ao longo de tantos anos.

Uma característica muito forte em Annuciada Chaves era a sua defesa da identidade amazônica, inclusive ela era conhecida por ser uma propagandista do Norte em outras regiões brasileiras, como pode ser visto na dedicatória nº 2529/2012.

<sup>424</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Apresentação In: MENDONÇA, O. *Palavras no tempo*. Belém: Grafisa, 1984. p. 10.

Foto196 – Dedicatória n. 2529/2012 feita por Transcrição Francisco Barbosa<sup>425</sup>

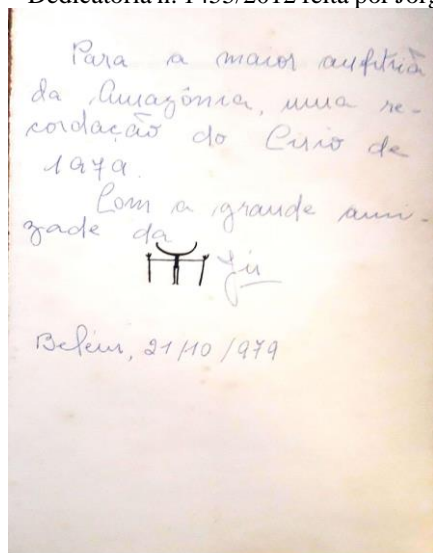


À Professora Maria Anunciada Ramos // Chaves, expressão legítima da cultura // e da dignidade paraenses, com o mais // alto apreço intelectual e sincera estima // pessoal do // Francisco de Assis Brasil // Belém do Pará // 6.4.1988

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

Uma característica que é comum aos paraenses, e não poderia ser diferente com Anunciada Chaves, é a hospitalidade, como observa-se na dedicatória n. 1455/2012.

Foto 197 – Dedicatória n. 1455/2012 feita por Jorge Amado Transcrição



Para a maior anfitriã da Amazônia, uma re- // cordação do Círio de // 1979 // Com a grande ami- // zade da Ju. // Belém, 21.10.1979

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>425</sup> Francisco de Assis Barbosa (1914 - 1991): advogado, jornalista, biógrafo, historiador e ensaísta paulista. Foi redator dos jornais: *A Noite*, *Correio da Manhã*, *Diretrizes*, *Diário carioca* e *Última Hora*. Coordenou, durante o governo de Juscelino Kubitschek, o Serviço de Documentação da Presidência da República. Dirigiu também o Centro de Estudos Históricos da Casa de Rui Barbosa. Foi um dos fundadores da Associação dos Escritores Brasileiros. Foi membro da ABL (ocupante da cadeira 13) e do IHGB (Cf. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Dicionário Biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros*. Rio de Janeiro: IHGB, 1991. 4V., v. 1, p. 26).

Em 2003, o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) fez uma pesquisa a fim de resgatar a identidade do paraense, devido uma série de movimentos separatistas principalmente das regiões de Carajás e Tapajós e visando identificar a unidade do ser paraense, foi desenvolvido um estudo a fim de identificar quais as características mais evidentes no povo paraense e obteve os seguintes resultados:

[...]

Elementos da cultura que conduzem a imagem unitária são: hospitalidade, criatividade, cultura familiar: o paraense é muito arraigado à família e parte de sua vida se circunscribe a esse espaço de relações; sensibilidade; relação bastante próxima com a natureza e sua exuberância; a sua capacidade de falar dos prazeres que são provenientes de sua tradição [...]; a alegria e disponibilidade pessoal; o perfume das pessoas, das plantas, das frutas e dos pratos e a vivacidade das cores em geral.

[...] <sup>426</sup>

Os resultados demonstrados acima foram frutos da pesquisa *Cara Paraense: a identidade Cultural como diferencial competitivo para o mundo dos negócios*, ela foi efetuada em todos os 144 municípios que compõe o Estado do Pará e como pode ser observado a característica Hospitalidade foi a resposta mais recorrente. A hospitalidade reconhecida em Anunciada Chaves por Jorge Amado não era de se estranhar posto que é uma das grandes características dos paraenses.

Jorge Amado esteve algumas vezes em Belém, nessas visitas, era comum que os grandes escritores ficassem horas a fio confraternizando com os intelectuais locais, esses encontros ocorriam nos cafés, nas livrarias, nos teatros, etc.

Anunciada Chaves se interessava muito por assuntos artísticos, sobretudo pintura, escultura, arquitetura e teatro (como foi mostrado no capítulo 1 desta tese), e essa temática a aproximava de Mário Barata, consultor de arte.

As dedicatórias são uma marca de propriedade muito interessantes, elas contam a história de um exemplar e o particularizam. Às vezes, é possível ter acesso a uma história que aconteceu entre dedicatário e dedicado, eventualmente, o teor da dedicatória nos permite entender a situação que ocorreu entre aquelas partes; por vezes, a situação relatada é tão particular ou a mensagem é tão codificada que só o dedicante e o dedicado conseguem entendê-la. Neste sentido, a poetisa e escritora brasileira Priscila Lopes, descreve muito bem essa cumplicidade que envolve a relação entre dedicatário e dedicado, ao dizer: “[...] Sempre que adquiero livros usados, dou importância à dedicatória. A dedicatória é como um conto breve, são

---

<sup>426</sup> SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Cara Paraense: a identidade Cultural como diferencial competitivo para o mundo dos negócios**. Belém: Edição Sebrae, 2003, p. 8.

sempre instigantes, contam histórias significativas que podem servir de inspiração”. Nesta esteira, separou-se dois textos de tributo da biblioteca particular analisada nesta tese, em que os dedicadores revelaram em suas dedicações uma situação que os aproximou de Anunciada Chaves, como veremos a seguir:

Foto 198 – Dedicatória n. 0071/2012 feita por Simão Bitar.<sup>427</sup>

Profa. Anunciada  
 Quando eu era seu aluno, o Grêmio que havia no Moderno criou um Círculo de Estudos. A senhora, na direção dele, incumbiu-me de dissertar sobre qual assunto, na História da Civilização, gostaria de estudar. Escolhi a Antiguidade Clássica e, como escrevesse sobre "templos mutilados", a senhora submeteu estas palavras à apreciação dos meus colegas. Todos as desaprovaram. Então a senhora elogiou a imagem e, - isso me acontecia pela primeira vez - apontou em mim uma vocação literária. Por causa disso lhe pertence, em parte, o que escrevo. E é com os mesmos sentimentos daquele tempo que lhe ofereço este livro.

Srs  
 27-9-76

#### Transcrição

Professora Anunciada, // quando eu era seu aluno, o // Grêmio que havia no Moderno criou // um Círculo de Estudos. A senhora, na // direção dele, incumbiu-me de disser- // tar sobre qual assunto, na História da/ Civilização, gostaria de estudar. Esco- // lhi a Antiguidade Clássica, e como // escrevesse sobre "Templos mutilados", a // senhora submeteu essas palavras à // apreciação dos meus colegas. Todos os // desaprovaram. Então, a senhora elogiou // a imagem e -isso me acontecia pela/ primeira vez - apontou em mim uma // vocação literária. Por causa disso, lhe // pertence, em parte o que escrevo. E é com/ os mesmos sentimentos daquele tem- // po que lhe ofereço este livro. // Simão, // 27.9.76.

Fonte: MLM. Acervo Anunciada Chaves (2019).

<sup>427</sup> Simão Chicre Miguel Bitar foi poeta, contista, cronista, ensaísta, romancista, tradutor, desenhista, pintor e escultor. Era poliglota, pois dominava espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, russo, grego, latim e hebraico. Cf. BITAR, Simão. **Viagem a minha janela**. Belém : Falangola, 1983. Contracapa.

O empresário Simão Bitar nasceu na Líbia, em 1879, e migrou para Belém do Pará<sup>428</sup> nos últimos anos do século XIX, inaugurando uma loja de armarinhos: a *Bitar & Irmãos*, em sociedade com os seus oito irmãos. Entusiasmado pelo soerguimento da economia gomífera, ele veio para Belém, como relatou Edna Alencar<sup>429</sup>, assim como muitos outros migrantes de países do oriente, como: os sírios, os libaneses e os judeus de diferentes origens (às vezes, genericamente referidos como sírios ou libaneses), principalmente os advindos do Marrocos e da Jordânia.

Contudo, o historiador Aldrin Figueiredo afirmou que os migrantes oriundos do Oriente-Médio chegaram ao Pará em um período bem anterior, mais precisamente, no início do século XIX, entretanto as fontes que apontam a chegada dos migrantes árabes para o Extremo Norte do Brasil, afirmam que tal fato ocorreu mais firmemente a partir de 1880, e que sobretudo os libaneses começaram a desembarcar no Porto de Belém. Aldrin ainda acredita que o principal motivo da diáspora, seria a falta de perspectivas econômicas no seu país de origem, além da obrigatoriedade de terem que servir ao exército turco.

Simão mudou seu ramo de atuação para pneumáticos, fundando, em 1897 a *Sociedade Anonyma Bitar Irmãos*, o que lhe transformou em um dos precursores da industrialização da borracha no Brasil<sup>430</sup>. Com muito esforço, os irmãos Bitar conseguiram prosperar, e, em 1936, a fábrica, que teve início em uma localidade da Rua Siqueira Mendes, passou a ocupar quatro quarteirões do logradouro, chegando até a Travessa Félix Rocque<sup>431</sup>, como, a arquiteta Moema Barcelar, aduz:

[...] Cada casa desempenhava um papel diferente. Enquanto uma tinha maquinário, a outra era o prédio administrativo, a outra ainda o laboratório e centrifugação, e a quarta, a Casa Rosada, servia de residência de diretores ou funcionários que trabalhavam no prédio administrativo.

O arrojo de Simão Bitar em desbravar a Amazônia e empreender nesta ignota região brasileira em tempos de economia desfavorável em nível mundial (anos 1920), fez com que

<sup>428</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Belém dos Imigrantes, 1616-2004: história, memória, encontros e confrontos. In: BELÉM dos imigrantes: história e memória. Belém: MABE, 2004, p. 7-30.

<sup>429</sup> ALENCAR, Edna Ferreira. Gentes de todas as paragens: retratos da imigração no Pará. In: CANCELA, Cristina Donza; CHAMBOULEYRON, Rafael. **Migrações na Amazônia**. Belém: Ed. Açaf, 2010, p. 107-129.

<sup>430</sup> SOCIEDADE Anonyma Bitar Irmãos. **Revista do empresário**: [uma publicação da Associação Comercial do Rio de Janeiro], Rio de Janeiro, v. 18, n. 739, p. 67, jan. 1953.

<sup>431</sup> ALVES, Moema de Barcelar. **Casa Rosada de Belém**: os caminhos de um patrimônio. 2008. 87 f. Orientador: Prof. Dr. Décio Guzmán. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Interpretação, Conservação e Revitalização do Patrimônio Artístico de Antônio José Landi) – Faculdade de Arquitetura, Instituto de Ciências Tecnológicas, Universidade Federal do Pará, 2008, f. 29-30.

Gabriel Hermes Filho, então presidente da Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA), atribuiu seu nome para a medalha que premia os empresários que se destacam anualmente<sup>432</sup>.

Objetivando melhorar suas condições financeiras, fez o curso secundarista no Colégio Moderno, instituição de ensino particular da qual Annunciada Chaves foi sócia proprietária. Na dedicatória, n. 0071/2012, Simão Bitar relembra um episódio em que teve que apresentar um discurso como atividade do grêmio acadêmico, cuja recepção da produção textual não foi muito exitosa, porém, após a professora Annunciada Chaves ter feito um comentário positivo, o juízo da audiência em relação ao escrito passou a ser favorável também, e este acontecimento aparentemente singelo, foi o suficiente para incentivar Simão Bitar a se enveredar pela vida literária. O livro que Simão estava atualmente dedicando à professora lembrou esse episódio e acabou se configurando como um agradecimento pelo seu incentivo dado outrora, o que resultou na obra *Galo Azul* (1976). Além deste, são da sua lavra: *Oferenda* (1976), *Poemas dos quarenta e sete anos* (1977), *Contos de Outono* (1982), *Viagem à minha janela* (1983), *Guillaumet, ou, A vida de Orlando Bitar* (1984); e *O Outro lado da lua: ensaios e conferências* (1986). Assim como Orlando, Simão Bitar também enveredou pela tradução e fez a versão em português das *Bucólicas*, de Virgílio, publicadas em Separata, na Revista da Universidade do Pará, em 1971<sup>433</sup>.

As dedicatórias, nos livros analisados, eram espaços de comemorações. Celebrava-se, nos impressos, a afetividade, reverenciava-se a recordação, a satisfação em compartilhar, a emoção da benesse, enfim, pela prática de ações amáveis penetrando no mundo da palavra escrita como dimensão de autoridade e de usufruto. Estas sensações aparentavam impulsionar a escrita das dedicatórias e possibilitavam considerar esta ação como traços simbólicos de autoridade e limites de uma cultura, em certa medida, encomiástica. As dedicatórias demonstravam a consideração do dedicador em falares amistosos, nas letras ornamentadas, na esmerada no preenchimento do espaço da página branca: uma disposição que aparenta enobrecer o texto a ser lido e incide para o avivamento de sensibilidades.

As dedicatórias, que constam nas publicações, com as quais Annunciada Chaves foi presenteada, e que estão conservadas em seu acervo particular, constituem-se num ponto importante não só para o resgate de alguns aspectos de sua vida, mas também para clarificar a essência e as peculiaridades da aceitação de seus pensamentos e produções. Particularmente,

---

<sup>432</sup> BITAR, Luftala de Castro. Da borracha à Construção Civil. In: PALHETA, José Nélio Silva (Org.). **ACP: 200 anos** ajudando a escrever a História do Pará. Belém: Marques Ed., 2019, p. 153.

<sup>433</sup> Cf. BITAR, Simão. **O Outro lado da Lua**. Belém: CEJUP, 1986. Publicações do autor.



elas incidem para o fato de Annuciada Chaves ter construído notabilidade como uma intelectual respeitada na cena cultural.

Apesar das dedicatórias se apresentarem, *a priori*, como mensagens carinhosas expressadas por uma grafia caprichada, elas, de fato, são imbuídas de todo um contexto subjacente de trocas de favores, reconhecimento, apelação e outras estórias que às vezes só fazem sentido para o dedicador e para o dedicatário. Portanto, obedecendo à máxima de Jacques Le Goff, ao afirmar que: “nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é ‘falso’, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo”<sup>434</sup>; ou seja, cabe ao pesquisador interpretá-lo a fim de atingir os objetivos de sua pesquisa. As pistas, reveladas pelas dedicatórias grafadas em inúmeros livros, que pertenceram à Annuciada Chaves nos permite visualizar aspectos da cena política e intelectual glocal, reveladas por meio da identificação dos dedicantes, seus modos de representar e interpretação de práticas sociais em conjunturas específicas, e deste modo, os livros e suas respectivas dedicatórias constituem-se como objeto de estudo relevantes para o debate historiográfico.

---

<sup>434</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. Ed. rev. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, c2013, p. 108.

### CAPÍTULO 3 - UM BAÚ DE ESCRITOS: DISCURSOS, CONFERÊNCIAS, PARECERES, TESE E LIVROS

A professora Annunciada Chaves possuiu uma produção científica pujante, muito embora não se considerasse uma escritora, vide seu discurso apresentado na Academia Brasileira de Letras ao receber a Medalha Machado de Assis, ao proferir:

Escritora não sou, ilustres membros dessa Casa, e se a nossa língua tenho manejado com carinhoso respeito, falando ou escrevendo, é como instrumento de trabalho, pois professora tenho sido infatigavelmente, vocação que trouxe do berço e à qual procurei dar o máximo do meu esforço e dedicação. O que escrevi - ensaios, discursos, conferências, palestras, teses, estudos, pareceres - foi apenas consequência dessa atividade pedagógica, uma espécie de nota à margem do meu labor didático, iniciado em estabelecimento de ensino secundário<sup>435</sup>.

Entrementes, afora a sua modéstia, Annunciada Chaves foi uma perdulária da pena. Escreveu apenas três livros<sup>436</sup>, no entanto, produziu: vinte e três apresentações de livros, cinco prefácios, trinta e sete artigos publicados em periódicos de grande circulação em Belém, sete capítulos de livros, quarenta e nove discursos, três entrevistas, três textos de conferência, quatro textos de palestras, uma tese de cátedra, uma tese de doutoramento, e, sobretudo, inúmeros pareceres que a notabilizaram quando foi membro do Conselho de Cultura do Pará<sup>437</sup>.

Como pode ser observado acima Annunciada Chaves teve nos jornais e revistas os principais meios de comunicação para disseminar suas ideias, infere-se que ela tenha optado por estes meios de vulgarização de informações, devido ao fato de o livro, mesmo que em

<sup>435</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Na Academia Brasileira de Letras ao receber a Medalha Machado de Assis. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 19, p. 100, 1976.

<sup>436</sup> Annunciada Chaves escreveu, em 1968, a obra intitulada: **O Asilo D. Macedo Costa**: 66º aniversário (1902 - 1968): estudo histórico, publicada pela Imprensa Oficial do Estado do Pará. Este livro foi escrito sob encomenda do Tenente-coronel Alacid da Silva Nunes, governador do Pará no período de 1966-1971; para tornar esse resumo histórico exequível, a Professora Annunciada Chaves consultou relatórios administrativos, fez visita *in loco* e entrevistas com as religiosas da Ordem “Filhas de Santana” e com ex-asilados (Cf. BORGES, Ricardo. Apresentação. In: CHAVES, Maria Annunciada. **O Asilo D. Macedo Costa**: 66º aniversário (1902 - 1968): estudo histórico. Belém: IOE-PA, 1968, p. 4). O antigo Asilo D. Macedo da Costa atualmente é o Colégio Militar de Belém (CMBel). A segunda publicação de sua lavra foi **Traços de Cultura Paraense**, obra publicada pela Imprensa Universitária (atual Editora da Universidade Federal do Pará - Eufpa) em 1981. E por fim, o seu terceiro livro foi **O Açúcar na História do Brasil**, publicado pela Eufpa, com apoio do Fundo Estadual de Ciência e Tecnologia (FUNTEC) e Secretaria do Estado de Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM), em 1999; organizado pelos seus ex-alunos: José Maria Filardo Bassalo, Paulo de Tarso Santos Alencar e José Miguel Martins Veloso (cf. CASTRO, Acyr. De Annuciada à energia luminosa. **A Província do Pará**, Belém, p. 4, 19 de novembro de 1999), fazendo parte da Série Memórias a qual visava publicar teses dos Concursos Públicos para provimento de cadeiras dos antigos silogeu paraenses, dentre eles destacam-se: a Escola Normal do Pará (atual Instituto de Educação do Pará - IEP), o Colégio Estadual Paes de Carvalho (CEPC), o Arsenal de Marinha etc., educandários os quais fizeram uso deste procedimento para contratação de professores durante os anos de 1920 a 1960. Essa modalidade de seleção de professores também foi utilizada no nível superior para contratar professores e formar o corpo docente de Faculdades e cursos de nível superior até 1974. Ver: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino. Resolução n. 315, de 11 de dezembro de 1975. O texto original foi escrito por Annuciada em 1950, para concorrer à cadeira de História Brasil no CEPC.

<sup>437</sup> Levantamento bibliográfico efetuado no Acervo de Annuciada pertencente ao Centro de Memória da Amazônia e na Hemeroteca da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN, antigo Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves - CENTUR), cujos pormenores podem ser observados nas referências desta tese.

épocas mais recentes, ainda ser um bem cultural de onerosa fabricação, não só em questão de tempo de produção como também no aspecto financeiro. A opção por veicular a produção intelectual em periódicos é uma prática que acompanha os intelectuais brasileiros desde a segunda metade do século XIX. E esse posicionamento foi defendido inclusive por Machado de Assis, que em sua coluna intitulada *O Jornal e o Livro*, publicada no *Jornal Correio Mercantil*, de 10 a 12 de janeiro de 1859<sup>438</sup>, ele enumerava as vantagens de o intelectual disseminar suas produções em jornais ao invés de fazê-lo em livros; para Machado, os jornais traziam mais liberdade para o escritor, rapidez de acesso pela audiência, eram mais baratos e, conseqüentemente, atingiam um número maior de leitores, além do que o escritor poderia publicar mais rápido suas produções, ao invés de ter que ficar adulando editores e autoridades políticas para ter seus escritos publicados.

Devido ao fato de a professora Anunciada Chaves não se considerar escritora, recusou se a concorrer a uma vaga na Academia Paraense de Letras, porém foi inscrita à revelia por seus amigos, como relatou em entrevista à jornalista Cláudia Melo, ao dizer: “Até meu currículo *vitae* foi organizado por amigos. Entrei para a Academia a contragosto. Não por menosprezá-la, mas por prezá-la muito”<sup>439</sup>, e, apesar de seus protestos, foi aprovada por unanimidade, ingressando neste sodalício, em 28 de maio de 1975<sup>440</sup>, para a cadeira de número 22, primeiramente ocupada por Alcides Gentil e depois por Tomás Joaquim Celestino Nunes<sup>441</sup>. Presume-se que Anunciada Chaves comungava da mesma opinião de Nelson Werneck Sodré, ao considerar que: “[...] Escrever corretamente não é o suficiente para caracterizar aquele que usa o idioma para fazer literatura”<sup>442</sup>.

Ressalta-se que Anunciada Chaves foi a terceira mulher admitida na APL, antes dela vieram Adalcinda Camarão<sup>443</sup> (que ingressou em 1950), e a precursora - a capixaba Guily

<sup>438</sup> ASSIS, Machado de. *O Jornal e o livro*. **Correio Mercantil**. Rio de Janeiro, 10 a 12 jan. 1859. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=8321>. Acesso em: 30.01.2019.

<sup>439</sup> MELO, Cláudia. Um Toque feminino na Academia. **Jornal O Liberal**, Belém, 04 de outubro de 1998, p. 1, Caderno Mulher.

<sup>440</sup> O ano de ingresso de Anunciada Chaves na APL foi bastante emblemático para a história das mulheres, pois 1975 foi considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o “Ano Internacional das Mulheres”, ano também em que ocorreu a I Conferência Mundial da Mulher, sob o mote “Igualdade, Desenvolvimento e Paz”, cujo tema central versava sobre o combate à discriminação da mulher e o seu avanço social (Cf. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DAS MULHERES. Conferências Mundiais das Mulheres. [2022]. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>. Acesso em: 18.07.2022.

<sup>441</sup> ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS. **Quadro de Sócios**. Belém, 2001.

<sup>442</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **Em defesa da cultura**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 17.

<sup>443</sup> Adalcinda Camarão, poetisa paraense, nascida em Muaná, pertencente à família do poeta Santa Helena Magno, começou a ser reconhecida como poetisa nos anos 1940, e já na década seguinte, ingressou na APL, eleita para a cadeira de n. 17, que pertenceu anteriormente ao jurista, tipógrafo e jornalista Felipe Patroni.

Furtado (que ingressou em 1903), foi uma das fundadoras da APL e a primeira mulher<sup>444</sup> a ingressar em uma Academia de Letras no Brasil (ver foto 199)<sup>445</sup>.

De acordo com Eustachio Azevedo, a escritora Guily Furtado fez parte da reinauguração da APL em sua segunda fase, posto que a APL foi fundada inicialmente em 03 de maio de 1900, juntamente com o IHGP, em uma cerimônia realizada no Teatro da Paz, presidida pelo governador José Paes de Carvalho. Passos de Miranda, foi o orador da APL, e o prof. Barroso Rebelo foi o orador do IHGP<sup>446</sup>.

A APL era sediada na Rua 13 de maio e possuía trinta sócios efetivos e perpétuos, porém suas atividades foram descontinuadas. Assim, em 1913, houve a troca da sede, quando passou a se situar na Rua João Diogo, ocorrendo a sua reinauguração<sup>447</sup>. Guily Furtado fez parte deste grupo que se empenhou em reativá-la, neste ínterim, ela escreveu a obra *Esmaltes e Camafeu*.<sup>448</sup>

Após casar-se em 1914, passou a se chamar Guily Tesch Furtado Bandeira, transferindo-se para o Rio de Janeiro, quando seu marido a convenceu a se retirar de vez da cena intelectual<sup>449</sup>. Tal sina acometia a maioria das mulheres naquele período, talvez por isso muitas delas que pretendiam ser intelectuais tinham uma certa aversão ao casamento, e Annuciada Chaves não fugia a essa regra, como aduz em entrevista concedida à Daniele Damaso, em que confessou: “Tenho um temperamento muito independente, por isso não me casei. Não que eu menospreze o casamento, mas eu acho que fiz bem em não me casar. Eu não tenho as virtudes ideais para ser uma boa esposa”.<sup>450</sup> Essas “virtudes ideais” as quais Annuciada Chaves se refere muito provavelmente dizem respeito às *18 Regras do Guia da boa esposa*, que foi publicado em 1950 pela revista americana *Housekeeping Monthly*, e que durante muitos anos permeou o ideário das mulheres que procuravam se adequar a esses dezoito “cânones”, a fim de manter seus casamentos, sendo que as mesmas crenças limitantes bitolavam as moças casadoiras. Uma mulher como Annuciada Chaves, que já tinha desenvolvido uma série de

<sup>444</sup> Apesar de Guily Furtado ter sido a primeira mulher a ingressar em uma academia de letras, cerca de quarenta anos depois foi criada uma Academia específica para mulheres: a Academia de Letras Feminina do Rio Grande Sul, fundada em 12 de abril de 1943 por sete mulheres: Lydia Moschetti (a idealizadora), Stella Brum, Alzira Freitas Tacques, Aurora Nunes Wagner, Aurea Pereira Lemos, Aracy Froes e Beatriz Regina (Cf. ACADEMIA DE LETRAS FEMININA DO RIO GRANDE SUL. Vozes femininas. Porto Alegre: Ed. Carré, 1984, p. 15-16). Instituição que existe até os dias de hoje.

<sup>445</sup> Cf. MARIA Annuciada Ramos Chaves na Academia Paraense de Letras. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 16, p. 178-186, 1973, p. 178.

<sup>446</sup> Lamentavelmente, a ata da fundação desses silogues foi perdida, as informações sobre essas efemérides são extraídas de jornais daquele período.

<sup>447</sup> BELÉM Antiga. A Academia Paraense de Letras. 21.10.2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/belemdopassado/photos/a.1430888137132389/2453708401517019/?type=3>. Acesso em: 03.07.2020.

<sup>448</sup> MEIRA, Clóvis. A Lira e a mulher paraense. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 12, n. 2, p. 182, dez. 1991.

<sup>449</sup> DRUMMOND, Josina Nunes. Mulheres notáveis na Academia Espírito-santense de Letras. **Fernão**: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo, Vitória, ano 3, n. 6, p. 1-24, jul./dez. 2021.

<sup>450</sup> DAMASO, [1997], op cit., p. 9.

estratagemas para se desvencilhar do autoritarismo que seu pai tentou exercer para impedi-la de estudar ou de trabalhar, jamais correria o risco de ficar refém das proibições de um marido<sup>451</sup>.

Foto 199 – Reinauguração da APL (1903)<sup>452</sup>.



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: LEÃO, Acilino (1950)<sup>453</sup>.

Legenda: Da esquerda para direita sentados: Alfredo Lamartine, Guily Furtado, Manoel Lobato, Heliodoro de Brito, Luís Barreiros, Conego João Crolet, J. Armando Mendes, Tito Franco de Almeida. De pé, na mesma ordem: Bento Miranda, Remígio Fernandez, João Pedro de Figueiredo, Bertoldo Nunes, Rocha Moreira, Raimundo Morais, Augusto Meira, Inácio Moura, Dejard de Mendonça, Martinho Pinto e Jaime Calheiros.<sup>454</sup>

<sup>451</sup> Um elemento que contribuiu muito nesse ideário da obrigatoriedade do casamento às mulheres e no combate às “solteironas”, foram as ditas “revistas femininas”, que de femininas nada tinham, se configurando em verdadeiros aparelhos de lavagem cerebral, induzindo as mulheres a se manterem submissas aos seus maridos e afastadas das oportunidades de crescimento e liberdade que o estudo e o trabalho poderiam proporcionar-lhes, expoentes brasileiros deste tipo de revista foram: O Jornal das moças, O Cruzeiro, Querida, Revista do Rádio e Cláudia (Cf. PINSKY, Carla Bassamenzi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014).

<sup>452</sup> LEÃO, Acilino. Os meus cinco feriados nacionais. (Conferência proferida na Academia Paraense de Letras...). **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 1, n. 1, p. 6, maio de 1950.

<sup>453</sup> *Id.*, p. 9.

<sup>454</sup> LEGENDAS das fotografias desta edição. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 1, n. 1, p. 98, maio de 1950.

Annunciada Chaves mais estupefata ainda ficou quando, em 15 de janeiro de 1976, recebeu a medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, e desconfiava que o imortal paraense Osvaldo Orico fosse o responsável pela deferência, ação que denominou de “criminosa bondade”<sup>455</sup>. E em emocionante discurso, expressou sua surpresa pela indicação e seu amor pela Amazônia, contudo não perdeu a oportunidade de falar sobre os problemas que afligiam a região, sobre os projetos desenvolvimentistas sem os desprezarem, mas asseverando que seu êxito só seria possível se fossem levadas em consideração as peculiaridades regionais e a sabedoria de sua população. Assim, Annunciada Chaves expôs o seu sentimento de surpresa, ao ser contemplada com esta honraria, dizendo:

Não posso, portanto, aceitar, sem protestos, desculpai a audácia – a insigne homenagem que me prestam nobres integrantes da Academia Brasileira de Letras. Recebo-a sem compreendê-la, buscando em vão na minha carreira o que posso justificá-la. E porque não compreendo e não consigo explicá-la, mas me curvo diante de vossa generosidade.

Não seria difícil identificar o principal responsável por essa resolução, mesmo que não se tivesse manifestado como o fez há pouco. Osvaldo Orico, único paraense a ter assento, hoje, nesta Casa, onde já esplenderam as figuras grandiosas de José Veríssimo e Inglês de Souza [...].

Recebo, pois, a medalha “Machado de Assis” por motivo idêntico ao que me conduziu às instituições culturais da minha terra: a generosidade de um grupo de amigos [...].

A maior responsabilidade, portanto, de ostentar, eu agora, com orgulho, a gloriosa insígnia que traz o nome do insubstituível autor de “D. Casmurro” cabe a Osvaldo Orico – réu confesso, aliás dessa criminosa bondade<sup>456</sup>.

Annunciada Chaves, sempre que possível, fazia questão de reverenciar paraenses ilustres e, no trecho do discurso supracitado, ela enalteceu Osvaldo Orico, que era um paraense membro da Academia Brasileira de Letras naquela época. Porém ela foi um pouco mais longe e exaltou as figuras de Herculano Marcos Inglês de Sousa e José Veríssimo, que juntamente com: Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Aluísio Azevedo, Araripe Júnior, Artur Azevedo, Barão de Loreto, Carlos de Laet, Clóvis Beviláqua, Coelho Neto, Domício da Gama, Eduardo Prado, Filinto de Almeida, Garcia Redondo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Lúcio de Mendonça, Luís Guimarães Júnior, Luís Murat Machado de Assis, Magalhães de Azeredo, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Oliveira Lima, Pedro Rabelo, Pereira da Silva, Raimundo Correia, Rodrigo Otávio, Rui Barbosa, Salvador de Mendonça, Silva Ramos, Sílvio Romero, Teixeira de Melo, Urbano

<sup>455</sup> MARIA Annunciada Ramos Chaves na Academia Paraense de Letras. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 16, p. 179, 1973.

<sup>456</sup> CHAVES, Maria Annunciada, 1976, *op. cit.*, p. 181.

Duarte, Valentim Magalhães e Visconde de Taunay, sob a presidência de Machado de Assis, fundaram, em 20 de julho de 1897 a Academia Brasileira de Letras<sup>457</sup>.

Inclusive, José Veríssimo foi um dos maiores entusiastas para a criação da ABL e sempre cedia salas do prédio da sua *Revista Brasileira* (periódico de crítica literária que ele comandava no Rio de Janeiro) para as reuniões que ensejaram a fundação da ABL; já Inglês de Sousa foi o tesoureiro da ABL<sup>458</sup>. Supõe-se que Annuciada Chaves fez questão de frisar o nome destes dois intelectuais paraenses, pois pouco se fala sobre eles na literatura brasileira e, muito provavelmente, para audiência que a ouvia menos pessoas ainda soubessem que José Veríssimo e Inglês de Sousa eram paraenses, e mais que isso, seria provável que até os próprios paraenses não soubessem que tivemos representantes na fundação de tão importante silogeu nacional.

Os discursos de Annuciada Chaves têm uma característica própria em que autora sempre constitui sua narrativa revelando algum fato, ou episódio de proximidade com a pessoa sobre a qual ela está dissertando. Tal como pode ser observado na Apresentação que Annuciada redigiu para o folheto *Fran Paxeco no Brasil*, escrito por Eugênio Leitão de Brito e publicado pelo Grêmio Literário e Recreativo Português, em 1994, como segue:

(p. 18) **Conheci** a família Fran Paxeco em Belém, na década de 20, residente no antigo casarão localizado à esquina da Travessa Rui Barbosa, com a Rua Boaventura da Silva, hoje sob o número 921<sup>459</sup>. Já **pertencia o imóvel**, naquela época, a **meu pai, Joaquim Chaves**, que mantinha relações amistosas com o seu inquilino. Às vezes, descia este a Boaventura, rumo à Vila Bolonha, onde morava o locador para satisfazer seus compromissos de locatário.

Em reuniões sociais, **travei relações com D. Belina**, simples e acolhedora, e **com sua filha Elza**, conhecida pela inteligência e dedicação aos estudos, feitas sob a orientação da competente educadora e artista portuguesa Clotilde Pereira, acatada e respeitada em Belém pelo seu valor intelectual e moral.

Ao regressar a Portugal, o Dr. Fran Paxeco fez leiloar o recheio da sua residência, **tendo meu pai me presenteado, então, com delicada estante em pau marfim do mobiliário de Elza, que conservo até hoje** (p. 19)<sup>460</sup>.

Neste excerto, Annuciada Chaves faz um juízo sobre o opúsculo escrito por Eugênio Brito acerca de Fran Paxeco e não se furta de fornecer dados e fatos biográficos do eminente escritor português, informações ora extraídas da própria publicação em tela apreciada, ora fornecidas pela apresentadora, fruto de seus conhecimentos e vasto manancial existente em sua

<sup>457</sup> PIZA, Daniel. *Academia Brasileira de Letras: histórias e revelações*. São Paulo: Dezembro Editorial, 2003.

<sup>458</sup> BERTOL, Rachel. *Revista Brasileira*, dirigida por José Veríssimo – motor de uma geração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 35, n. 103, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/3510306/2020>.

<sup>459</sup> Esta casa veio a se tornar morada de Annuciada e de suas irmãs na vida adulta e onde residiu até sua morte ocorrida em 2006; pois anteriormente ela morou na casa J (atual número 134) na Vila Bolonha, onde atualmente funciona a Sociedade de Médico Cirúrgica do Pará. Cf. REGO, Clóvis, 2002, *op. cit.*, p. 22.

<sup>460</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Apresentação. In: BRITO, Eugênio Leitão de. *Fran Paxeco no Brasil*. Belém: Supercores, 1994, p. 6. Grifo meu.

biblioteca particular, além de revelar alguns episódios que demonstram a proximidade de Annuciada Chaves com o biografado, característica marcante em suas produções textuais, como fica patente nos termos e frases que grifei no excerto supracitado.

Fato análogo se verificou na nota biográfica feita para a coletânea de obras de Eidorfe Moreira. Neste texto, a autora relata um episódio traumático da vida do insigne geógrafo e que talvez explique o porquê da sua introspecção, e, por conseguinte, a pouca vazão de sua relevante produção científica, assim, Annuciada Chaves narra sobre a vida do insigne geógrafo:

Nasceu Eidorfe Moreira a 30 de julho de 1912, na cidade de Paraíba, capital do Estado de igual nome, hoje chamada de João Pessoa [...].

Antes de completar dois anos, Eidorfe foi trazido para Belém, onde passaria o resto da vida e morreria aos 77 anos, vítima de um colapso cardíaco, a 2 de janeiro de 1989 [...]. Toda a sua formação fez-se no Pará, onde estudou, trabalhou e sofreu, considerando-se paraense de coração [...].

Em 1921, ingressou no Colégio Progresso Paraense, conceituado educandário do Desembargador Arthur Porto, e, em 25, passou a estudar no Externato Santa Júlia, do Prof. Gasparino Barata da Silva, em Soure (Marajó), para onde se mudara sua família após a reforma de seu pai [...].

Em 1927, de volta a Belém, preparou-se, com o abalizado educador Prof. Mateus do Carmo, para os exames de conclusão do curso primário. No ano seguinte, prestou exame de admissão no Ginásio Paes de Carvalho, e aí permaneceu até o fim dos estudos secundários [...].

Prestes a terminar o curso ginásial, em 6 de setembro de 1932, participou da revolta estudantil de apoio à Revolução Constitucionalista de S. Paulo, que marcaria, fundamente, sua personalidade e sua vida. Ferido à bala no braço esquerdo, teve de amputá-lo, aos vinte anos de idade, no Hospital da Santa Casa, onde se internara com os colegas Almerindo Freire e Temístocles Cunha, também vitimados pela violenta reação do Governo do Estado contra a intentona, na qual perdeu a vida o ginásiano Cícero Teixeira.

[...] Eidorfe evitava referir-se ao episódio sangrento e só se manifestou sobre ele, publicamente, uma vez, em artigo inserto em *A Província do Pará* (8/9 de junho de 1973), sob o título de *Uma Página Memorável da Mocidade Paraense – Os Estudantes na História Pátria*.

[...]

Quem escreve estas linhas foi sua amiga durante meio século e conheceu-o jovem, expansivo e alegre. A cruel mutilação de que foi vítima, na defesa de seus ideais, atingindo-lhe também a alma. Quando deixou o hospital da Santa Casa, sem o braço esquerdo, perdera a confiança nos homens e na vida. Refugiado no seu mundo interior, dedicou-se às suas atividades intelectuais, nas quais sua bela inteligência, seu profundo senso crítico e amplos conhecimentos lhe asseguraram um lugar especial. Fez de sua casa o seu castelo, do qual só saía para ganhar o seu pão cotidiano. Pouquíssimos amigos conservou, aos quais dedicava fraternal afeto. Honro-me de ter estado entre eles, e mais que isso, guardo, entre minhas mais gratas lembranças, os momentos inesquecíveis que seu convívio me proporcionou.

Sua obra, carinhosamente reunida, aí está, para preservar-lhe, além-túmulo, a limpidez de pensamento e a sóbria beleza da expressão<sup>461</sup>.

<sup>461</sup> CHAVES, Maria Annuciada (Org.). Nota biográfica. Apresentação. In: MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Belém: CEJUP, 1989<sup>a</sup>, p. 17, V. 1.



Outro relato íntimo feito por Annunciada Chaves diz respeito a Orlando Bitar, no período próximo a seu adoecimento e conseqüente morte, em que ela revela o quanto os encontros nas sessões semanais (sempre ocorridas às terças-feiras) faziam bem ao eminente jurista e latinista, assim relata:

Membro fundador do Conselho de Cultura, não só frequentava assiduamente as sessões semanais e especiais, como as pronunciava, muitas vezes, com o seu vasto cabedal de conhecimentos e culto ao idioma, colaborando, também, na Revista de Cultura do Pará. Não quis, todavia, ascender à presidência. De fato, nas últimas vezes que foi ao Conselho, denotava fadiga e desânimo. Sentava-se na bancada ao meu lado. Certa vez, ao chegar, recostou-se na poltrona, com ar de sofrimento, e disse-me: “Não imagina, minha amiga, como estou cansado! Tudo me custa; qualquer esforço, por mínimo que seja, exige de mim muita força de vontade. Estou amargurado. A vida lá fora me esgota. Sinto-me tão bem aqui, neste ambiente amigo. Compreendo e sou compreendido. Todos nós nos entendemos tão bem. Isto é um oásis na minha vida”. Dias depois recolhia-se ao Hospital dos Servidores, de onde não sairia com vida. Seu nome, hoje, enobrece a biblioteca<sup>462</sup> do órgão que considerava um bálsamo na sua existência<sup>463</sup>.

Uma declaração um tanto quanto inusitada foi feita por Annunciada Chaves no seu artigo intitulado: *Antonio Nazareth Frazão Tavernard*, em que a professora releva que o poeta tinha uma personalidade expansiva, alegre, era entusiasta de esportes, e incentivava seus colegas a praticarem a luta livre, ao dizer:

[...] O Dr. Adriano Guimarães, conceituado médico paraense, seu contemporâneo, no vestuto Ginásio, salienta-lhe o gosto pelo esporte, sobretudo pela luta livre, que introduziu entre os alunos do “Paes de Carvalho”, organizando torneios movimentados, cujo objetivo principal era cultivar o físico dos estudantes e neles desenvolver o espírito de camaradagem, a competição sadia, o tão falado *mens sana in corpore sano*, época em que a ginástica não configurava nos currículos do segundo grau<sup>464</sup>.

A declaração feita por Annunciada Chaves na passagem supracitada é bastante insólita, porque geralmente a imagem de Antonio Tavernard é associada à doença, à fragilidade, ao martírio, ao poeta que morreu jovem, que passou o final da vida exilado por conta de ter contraído hanseníase. Essa passagem lança um novo olhar sobre a figura do jovem poeta que geralmente é representado de forma triste e moribunda, poucas pessoas deveriam saber que antes de ter adoecido, ele tinha uma vida voltada a prática de exercícios físicos.

<sup>462</sup> A Biblioteca do Conselho Estadual de Cultura do Pará adotou o nome de Orlando Bitar em 1974, após o seu falecimento. Para saber que obras faziam parte desta biblioteca, sugiro a consulta ao artigo GUEDES, Rita de Cássia P. Catálogo de Obras Raras da Biblioteca “Orlando Bitar”. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 5, n. 18/19, p. 153-182, jan./jun. 1975.

<sup>463</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Orlando Bitar. In: BITAR, Simão. **Guillaumet ou A Vida de Orlando Bitar**. Belém : Falângola, [1984], p. 66.

<sup>464</sup> *Id.* Antonio Nazareth Frazão Tavernard. **Asas da Palavra**: Revista de Graduação em Letras da Universidade da Amazônia, Belém, v. 4, n. 9, p. 46, out. 1998.

Na apresentação de *Três séculos de moda*, escrito pelo jornalista e cartunista maranhense por João Affonso Nascimento – o Joaffnas, a professora Annunciada Chaves também revelou um assunto pouco conhecido pela maioria dos leitores a respeito das dificuldades que o autor teve para publicar a sua obra pela primeira vez, ao relatar:

“Circunstâncias que em nada interessa mencionar aqui” declara o autor na breve explicação que abre a primeira edição “contrariam a projetada publicação impedindo-a de realizar-se”.

Guilherme Paiva, Porfírio Moreira, e Enéas Pinheiro, genros do escritor, com o apoio de Paulo Maranhão, seu antigo confrade, trouxeram a lume o ensaio em 1923, fazendo-o imprimir na Editora Tavares Cardoso, em Belém do Pará.

[...]

Três séculos de moda, são, de fato, três séculos da vida de nossa cidade, que palpita nessas páginas, impregnada do sussurro das sedas e cambraias das damas elegantes e do cheiro cheiroso das mulatas belenenses.

Francisco Paulo do Nascimento Mendes, grande professor de literatura e arte e dono de apurado bom gosto, supervisionou, com ternura de neto e cuidado de esteta, a segunda edição da obra de João Affonso, enriquecendo-a com uma introdução que lhe realça o valor literário e a significação artística.

Com esta publicação, o Conselho Estadual de Cultura do Pará presta carinhosa homenagem ao 360<sup>o</sup> aniversário da nossa Belém<sup>465</sup>.

No trecho supracitado Annunciada Chaves, faz questão de revelar as dificuldades que João Affonso do Nascimento enfrentou para publicar uma obra considerada muito relevante para a moda, mas que, apesar de tudo sua vazão não seria possível se não fosse o patrocínio de parentes e amigos. Esse relato a despeito de ser a revelação de uma intimidade e, de certa forma, um infortúnio, serviu também para ilustrar os óbices que os intelectuais atravessam para dar visibilidade às suas produções e, sobretudo, o importante papel que instituições culturais têm no sentido de fazer essas reparações históricas.

Outra obra que suplantou adversidades, pois, no caso, teve um alto grau de complexidade para ser editada novamente foi o *Batuque*, de Bruno de Menezes, porém, desta vez, a professora Annunciada Chaves teve uma participação muito grande neste projeto. Trata-se de uma obra póstuma, da qual, infelizmente, a própria viúva de Bruno de Menezes não pôde participar do lançamento, porque também faleceu antes da obra ser concluída, devido ao longo trâmite para a sua feitura, como foi descrito na apresentação desta reedição a seguir:

Rejubila-se, pois, o Conselho Estadual de Cultura, em reeditá-lo, a pedido da Professora Francisca Santos de Menezes, viúva do saudoso escritor. Lamenta, entretanto, que a extraordinária mulher, cuja compreensão, generosidade e abnegação tanto contribuíram para que o poeta pudesse construir a sua grande obra, não mais esteja conosco para receber, entre suas mãos enérgicas, que a eternidade tornara frágeis e trêmulas, este volume com o qual tanto sonhara. A

<sup>465</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Apresentação. In: AFFONSO, João. **Três séculos de moda**. 2. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976, p. 8.

sua memória dedica o Conselho, com afeto, admiração, e saudade, esta 6ª edição de “Batuque”, na certeza de que o canto pagão, sublimado pela fé que a enriquecia, alcançara alturas misteriosas, onde ela se encontra, na mais original oferenda partida da terra rumo ao céu [...]”<sup>466</sup>.

Uma particularidade em relação à opção política foi divulgada por Annuciada Chaves a respeito de Levy Hall de Moura, como segue: “Era, também, dotado de viva inteligência, irrequieto, estudioso. Cultivava com carinho o nosso idioma, estudava o Marxismo como poucos nesta terra, e a ele se dedicou com entusiasmo, preferindo abandonar a política, quando o partido comunista, ao que pertencia, foi declarado ilegal”.<sup>467</sup> Levy Hall de Moura pertencia ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi contemporâneo de Raimundo Jinkings, Rui Barata e Benedito Monteiro que também foi preso com eles. Porém, os ditadores puniam os seus adversários de modo desproporcional, como pode ser visto nesta matéria do Jornal Resistência:

**LEVI HALL DE MOURA** - Juiz de Direito da Comarca de Conceição do Araguaia. Aposentado compulsoriamente, em 1964.

**RAIMUNDO JINKINGS** - Funcionário do Banco da Amazônia, com 14 anos de serviço, presidente do Comando Geral dos Trabalhadores e delegado da Confederação dos Bancários no Pará. Secretário local do Partido socialista. Demitido e aposentado compulsoriamente. Preso várias vezes.

**JOCELYN BRASIL** - Coronel-aviador da reserva da Aeronáutica. Nacionalista, participou da Campanha do Petróleo. Demitido em 1964, sua esposa ficou recebendo pensão como se fosse viúva.

**VIRGÍLIO DE CARVALHO MELO** - Diretor dos Correios e Telégrafos no Pará. Foi demitido sem nenhum direito em 1964, depois de 22 anos de serviço. Pleiteou ação ordinária e ganhou. Entretanto, o juiz recorreu ao Tribunal Federal de Recursos e o processo foi arquivado já com base no Ato Institucional nº 5 assinado por Costa e Silva.

[...]

**BENEDICTO MONTEIRO** - Deputado Estadual pelo PTB, secretário de Obras e Agricultura, delegado da SUPRA, advogado. Foi preso, sofreu maus tratos e humilhações. Teve seus direitos políticos suspensos em 1964.<sup>468</sup>

[...]

**FIEL FILHO** - Presidente da Associação dos Funcionários dos Correios. Foi preso e torturado.

**ORLANDO SILVA** - Professor de Sociologia da antiga Faculdade de Filosofia. Foi aposentado compulsoriamente.

[...]

**WALBER MONTEIRO** - Preso em 1968.

**HERALDO MAUÉS** - Preso em 1964.

**WALTER PINHEIRO** - Estudante de História. Preso, perdeu a vaga na Universidade.

**SEBASTIÃO HOYOS** - Dirigia uma academia de lutas e era membro da Juventude Socialista. Exilou-se na Europa, onde se encontra depois de ser expulso da então Guiana Francesa.

[...]

<sup>466</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Apresentação. In: MENEZES, Bruno de. **Batuque**: poemas. 6. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1984. 93 p., p. 5 (Coleção literatura paraense. Série Inglez de Souza).

<sup>467</sup> *Id.* Em memória do Desembargador e Conselheiro Silvio Hall de Moura. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 2, p. 352, jul./dez. 1990.

<sup>468</sup> RESSISTÊNCIA, v. 8, Belém, 8 de janeiro de 1979. ACERVO MUFPA, 2022.

**DIRCE ALVARADO HOYOS** - Esposa de Sebastião Hoyos. Também encontra-se exilada na Europa.

**FERNANDO FIÚZA DE MELO** - Líder estudantil na década de 60, médico. Foi preso na Paraíba em 1974. Condenado, cumpriu pena.

**MARIA MARGARIDA ROCHA DE MELO** - Presa na Paraíba em 1974. Torturada pela Repressão, cumpriu pena. Foi líder estudantil na década de 60 da antiga Faculdade de Agronomia do Pará.

**PAULO CÉSAR FONTELES DE LIMA** - Estudante da Universidade Federal do Pará, curso de História. Preso em 1971. Torturado pela Repressão, inclusive, no 2º andar do Ministério do Exército. Foi condenado, cumpriu pena.

**HECILDA VEIGA** - Estudante da Universidade de Brasília. Presa em 1971. Foi torturada grávida, inclusive, no 2º andar do Ministério do Exército. Condenada, cumpriu pena.

**HUMBERTO CUNHA** - Estudante de Agronomia. Cassado pelo Decreto n. 477. Foi preso em Minas Gerais e torturado pela Repressão.

**ISABEL CUNHA** - Estudante Universitária. Presa pela Repressão e torturada.

[...]

Nesta matéria, foi revelado que algumas pessoas foram presas, outras presas e torturadas, outras foram demitidas de cargos públicos, outras foram presas e tiveram seus direitos políticos cassados, outros foram exilados, alguns cumpriram pena, alguns universitários foram expulsos da UFPA etc. Porém, Levi Hall de Moura foi compulsoriamente aposentado, proibido de lecionar, tanto na Universidade do Pará quanto nas escolas secundárias, os jornais para os quais ele escrevia também não puderam mais receber seus artigos. Ele passou a ocupar seus dias escrevendo livros.

Levi Hall foi contemporâneo de Anunciada Chaves na Faculdade Livre de Direito do Pará, e talvez por observar as represálias que ocorreram com Levi e outros de seus coetâneos, ela procurou se manter neutra sobre as questões políticas. Essa suposta neutralidade a ajudou a fundar e lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e, posteriormente, a se tornar sub-reitora de Assuntos Estudantis no período de 1970 a 1979.

No entanto, apesar de a professora Anunciada Chaves ter ocupado altos cargos na Universidade, e, aparentemente, ser uma pessoa acima de qualquer suspeita, ela foi alvo de investigações do Serviço Nacional de Informações (SNI), inclusive quase foi impedida de fazer uma viagem de negócios para Portugal em 1973.

A professora só pôde viajar porque teve parecer favorável de todas as autoridades consultadas à época, a saber: o Governador do Estado do Pará, o Prefeito de Belém, o Arcebispo de Belém, o Ministro da Educação e o Reitor da UFPA. É válido salientar que a viagem era técnica e estratégica, a professora Anunciada Chaves ia a Portugal visitar algumas universidades lusitanas a fim de compartilhar experiências entre as universidades brasileiras e portuguesas. Todavia, apesar do país estrangeiro a ser visitado não ser um local estigmatizado como subversivo, tal como: URSS, China ou Cuba, esta visita técnica quase foi embargada, por

algumas de suas atitudes terem sido consideradas suspeitas, especificamente, como informa o *Pedido de busca n. 1864*, de 23 de maio de 1973

Foto 200 – Documento governamental que levanta suspeitas de subversão de Anunciada Chaves

**CONFIDENCIAL**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES  
PED. DE BUSCA Nº **1864** /553/DSI/MEC/73  
**21 MAI 1973**

01315

ASSUNTO: MARIA ANUNCIADA RAMOS CHAVES e MARIA APARECIDA POURCHET CAMPOS

ORIGEM: DSI/MEC

AValiação: S.N.I. AGENCIA CENTRAL 00870-27MM/73 PROTOCOLO

DIFUSÃO ANTERIOR: SNI/AC

DIFUSÃO ATUAL: SNI/AC

REFERÊNCIA:

ANEXOS: 2 I DUAS FICHAS DE QUALIFICAÇÃO

**DADOS CONECTIVOS**

a - Os constantes das fichas de qualificação, em anexo, a respeito de:  
MARIA ANUNCIADA RAMOS CHAVES  
MARIA APARECIDA POURCHET CAMPOS

b - As nominadas são cogitadas para ajeitarem-se do País.

**DADOS SOLICITADOS**  
Antecedentes das nominadas.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
D.S.I.

**CONFIDENCIAL**

15

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES  
FICHA DE QUALIFICAÇÃO  
Mod. 13  
Anexo ao PR nº **1864** de **21 MAI 1973**

A	NOME	MARIA ANUNCIADA RAMOS CHAVES						
B	NASCIMENTO	DATA	16/12/15	LOCAL	Belém/PA			
C	FILIAÇÃO	PAI Joaquim Chaves MÃE Maria D'Ascensão Ramos Chaves						
	IDENTIDADE	Nº	136581	EXP.	SEQUIP/PA	DATA		
	T. ELEITOR	Nº	4258	ZONA	1a	DATA		
	CIC ou CPF	Nº	000 425 882					
	EST. CIVIL	Solteira					Cônjuge	
	RESIDÊNCIAS	ATUAL Trav. Rui Barbosa 921						
		ANTERIOR						
	PROFISSÃO	Professora						
	ATIVIDADES	ATUAL Sub-Reitora da UFPA						
		ANTERIOR Diretora do Colégio Moderno						
		ANTERIOR Professora Titular da UFPA						
	COGITADO	CARGO					Vide outras fichas	
		AUTORIDADE					Presidente da República	
	REGISTROS	ANTERIORES					Vide observações	
E	ESCOLARIDADE	Superior - Faculdade de Direito - 1932/36.						
F	LIGAÇÕES POLITICAS	Não tem						
G	OUTROS DADOS	Ajeitam-se do País no período que se estende de 16/05/73 a 10/08/75 e fim de Vizinia Universidade Portuguesa, a convite da Comunidade Portuguesa e do Consulado Portuguesa.						

PREENCHIDA EM: 17/MAI/73  
(OBSERVAÇÕES E INSTRUÇÕES NO VERSO) V. 10 V. 200

**OBSERVAÇÕES**

a) Em 1969, o DR/DP/PPA nos dá a seguinte informação: Tida como esquerdista por colegas professores democratas. Consta ser da A.P.

b) Passou nº 07/69/CISMEC: Elemento que integrou o movimento de estudantes de agosto de 68. Considerada pelos alunos como elemento esquerdista. - Participou a turma do Colégio Alameda Chaves, no ano de 1968, proferindo discurso baseado no leito de música de Geraldo Vandré, não se ajeitando-se esquerdista.

c) Declarações do Prefeito da cidade, do Governador do Pará, Reitor da Universidade e Arcebispo de Belém, dão boas referências a respeito da epigrama.

**INSTRUÇÕES**

**NOME** Preencher em letra de forma ou a máquina;

**NASCIMENTO** Preencher como indicado;

**FILIAÇÃO** Nome do pai e da mãe, mesmo que falecidos;

**IDENTIDADE** Número da carteira, órgão expedidor e data da expedição;

**T. ELEITOR** Preencher como indicado;

**CIC ou CPF** Número do cartão de Identificação do Contribuinte ou cartão de Pessoa Física do Imposto de Renda;

**EST. CIVIL** E nome do cônjuge, quando casado;

**RESIDÊNCIAS** No atual, colocar o endereço completo e, nas anteriores, apenas cidade e estado;

**PROFISSÃO** A que tiver (Economista, Advogado, Estudante, etc.);

**ATIVIDADES** Atual: cargo ou função que desempenha no momento, nome e endereço do local de trabalho e desde quando a exercer; Anteriores: os cargos, funções ou empregos anteriores, citando locais e datas em que foram exercidos;

**COGITADO** Função ou cargo para o qual esteja cogitado e autoridade a quem está afeto o ato de admissão ou recondução;

**REGISTROS** Sempre mencionar a existência de Informes, Informações, ANTERIORES ou a não existência de registros;

**ESCOLARIDADE** Escolas pelas quais se formou ou frequentou, com locais e datas;

**LIGAÇÕES POLITICAS** Filiação a partidos e ligações com elementos políticos ou movimentos;

**OUTROS DADOS** Que não constam dos Itens anteriores nas que possam interessar à pesquisa, inclusive cognome ou apelidos, se tiver;

**OBSERVAÇÕES** Qualquer elemento que possa complementar ou completar os lançamentos anteriores.

Fonte: BRASIL. Divisão de Segurança da Informação. *Pedido de Busca n. 1864/553/DSI/MEC/73*, de 21 de maio de 1973.

A professora Annunciada Chaves supostamente teria declarado ser esquerdista segundo alguns de seus colegas, bem como alguns de seus alunos desconfiaram de suas tendências comunistas, devido ter utilizado o título de uma música de Geraldo Vandré em seu discurso de paraninfa da turma de 1968 do curso Alfredo Chaves. Fato é, que o renomado compositor brasileiro costumava ter suas canções censuradas, e por conseguinte, quem consumia suas produções virava alvo de investigações policiais. Embora no Pedido de busca, não conste o título, ao se verificar a data, infere-se que, muito provavelmente, deve se tratar da canção *Para não dizer que não falei em flores*, que se tornou um hino de combate à ditadura civil-militar brasileira<sup>469</sup>.

Foto 201 – Documento do SNI solicitando informações sobre a Professora Annunciada Chaves

The image shows two pages of a document from the Serviço Nacional de Informações (SNI). The document is marked 'CONFIDENCIAL' and 'S/PRC'. It contains the following information:

**Page 1 (Left):**

- CONFIDENCIAL
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
- SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
- AGÊNCIA CENTRAL
- DOCUMENTO DE INFORMAÇÕES Nº 251/72E/AC/73
- DATA - 23 MAI 73
- ASSUNTO - VIAGEM AO EXTERIOR
- REF - PL 2079/SIGAB/SNI, de 16 Mai 73
- DIPURNO - GAR/SNI
- INFORMAÇÃO
- a. Atendendo à solicitação constante do documento de referência, a AC/SNI informa que, sobre MARIA ANNUNCIADA RAMOS CHAVES, existem no "UI, registros que comprovam ter sido relacionada pela CTS/MSC, em 1969, para fins de aplicação do AI-5, por suas atividades esquerdistas como professora no PAE.
- b. Quanto a ARLINDO LOPES CORREIA, DIRCE ENIMIE, DJAIRO GUEDES DE FIGUEIREDO, GIOVANI VIDIGOS, HILTON VIEIRA MACHADO, JOSÉ ALFREDO ANÍSICO LEITE, JOSÉ HENRIQUE SOUZA DA SILVA, JÚLIO MENEGAS, LARI DA SILVA SCHMITZ, MIGUEL RIBON e PEDRO HENRIQUE MONNERAT, nada foi encontrado nos arquivos do SNI, até a presente data, que desabone os nominados.
- \*\*\*
- CONFIDENCIAL

**Page 2 (Right):**

- CONFIDENCIAL
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
- SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
- AGÊNCIA CENTRAL
- DOCUMENTO DE INFORMAÇÕES Nº 0258/72E/AC/73
- DATA - 24 MAI 73
- ASSUNTO - MARIA ANNUNCIADA RAMOS CHAVES
- MARIA APARECIDA FOUQUET CAMPOS
- REF - PR 1864/DSI/MSC, de 21 Mai 73
- DIPURNO - DSI/MSC
- INFORMAÇÃO
- a. Em atendimento à solicitação constante do documento de referência, a AC/SNI informa que, sobre MARIA ANNUNCIADA RAMOS CHAVES, existem no SNI, registros que desabone a viagem pleiteada.
- b. Quanto a MARIA APARECIDA FOUQUET CAMPOS, até a presente data, nada foi encontrado nos arquivos do SNI, que desabone a nominada.
- \*\*\*
- CONFIDENCIAL

Fonte: BRASIL. Serviço Nacional de Informações. Agência Central. Documento de informação n. 251/72E/AC/73, de 23 de maio de 1973.

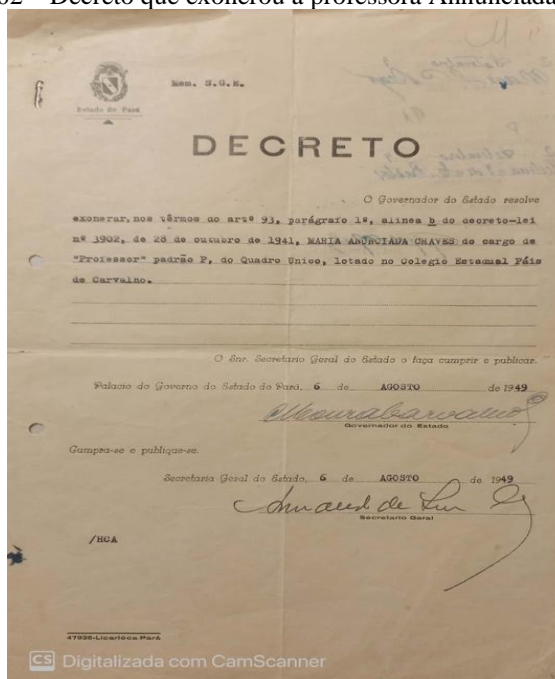
É de causar estranheza esta desconfiança em relação à filiação política da professora Annunciada Chaves, dado que ela era membro do Conselho Estadual de Cultura desde a sua criação (1968), instituição esta derivada do Conselho Federal de Cultura (CFC), implantado em 1966, órgãos criados como aparelhagens intelectuais, pelos militares, para exercer controle

<sup>469</sup> CASAS VILARINO, Ramon. *A MPB em movimento: música, festivais e cesura*. São Paulo: Olho d' água, 1999.

sobre as produções culturais nacionais, visando, a longo prazo, o desenvolvimento de uma política nacional de cultura<sup>470</sup>.

Annunciada Chaves testemunhou inúmeras represálias as quais eram imputadas a quem desafiava o sistema, e nem por isso passou incólume pela situação. Além de alguns desconfortos ocorridos esporadicamente, ela, anteriormente já tinha sofrido na pele a repressão por evitar se comprometer politicamente, tendo bastante motivo para não simpatizar com os baratistas, por causa de Luís de Moura Carvalho, ferrenho apoiador de Magalhães Barata, ter promovido a maior frustração profissional de sua vida, posto que em 1947, a professora foi designada a ocupar interinamente a cátedra de História do Brasil<sup>471</sup> no Colégio Estadual Paes de Carvalho, substituindo o prof. Sylvio Nascimento, que faleceu em 23 de maio de 1947. Annunciada Chaves foi convidada a preencher a vacância do cargo porque ela sempre o substituíra quando tirava licença ou férias<sup>472</sup>. No entanto, apesar de sua assiduidade, pontualidade, manejo de classe, pleno domínio de nomes, datas e fatos, tais qualidades não foram suficientes para mantê-la no cargo de docente interina do CEPC, fato é, que em 6 de agosto de 1949 ela foi sumariamente afastada do cargo, como pode ser verificado no Decreto a seguir.

Foto 202 – Decreto que exonerou a professora Annunciada Chaves.



Fonte: CMA. Acervo Annunciada Chaves (2023)

<sup>470</sup> FERNANDES, Natalia Ap. Morato. A política cultural à época da ditadura militar. Contemporânea. **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 3, n. 1 p. 173- 192, jan./jun., 2013.

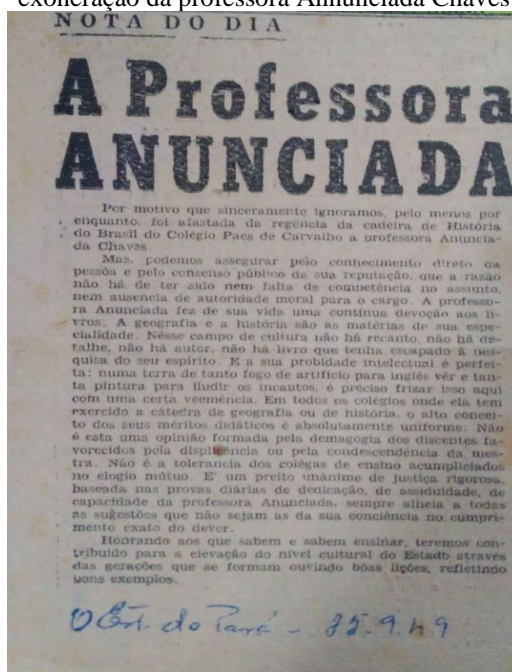
<sup>471</sup> OLIVEIRA, Bianca Ferreira de. **A Produção intelectual e a docência de Domingos Sylvio Nascimento**: Contribuições para a História da Educação no Pará (1903 - 1947). Orientadora: Maria José Aviz do Rosário. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/8486>. Acesso em: 26/07/2019.

<sup>472</sup> REGO, 2002, *op. cit.*

Este decreto informa sobre a exoneração da professora Anunciada Chaves, entretantes, não esclarece o porquê de tal decisão tomada pelo Interventor Federal do Pará, especula-se que a motivação seria política mesmo, pois ela não integrava a “Legião Feminina Magalhães Barata”<sup>473</sup>, e apesar de não manifestar apoio a seus opositores, a sua neutralidade irritava o então interventor Luís de Moura Carvalho<sup>474</sup>, apoiador do ex-governador Joaquim Magalhães Barata, e como, naquele período, prevalecia o lema: “se você não me apoia está contra mim” a abstenção redundou em seu afastamento da sala de aula. Anunciada Chaves comungava dessa premissa, ao dizer: “Fiquei muito decepcionada. Ninguém fica satisfeito em ser demitido bruscamente, sem qualquer satisfação. Depois descobrimos que o motivo da demissão era político. O governador queria empossar o professor Artur Napoleão Figueiredo, que era baratista como ele. Eu, ao contrário, achava que Magalhães Barata era um político prepotente e ditatorial”<sup>475</sup>.

A imprensa local também saiu em defesa de Anunciada Chaves e fez uma cobertura jornalística ostensiva do caso, como demonstra a foto abaixo.

Foto 203 – Matérias jornalísticas que denunciaram a suspeita exoneração da professora Anunciada Chaves



Fonte: O Estado do Pará (15.09.1949).

<sup>473</sup> Grupo de mulheres que se mobilizava para auxiliar nas campanhas eleitorais do Tenente Magalhães Barata, tendo na professora Francisca do Céu Ribeiro de Sousa (1898-1993), uma de suas fundadoras (Cf. CENTRO DE MEMÓRIA MULHERES DO BRASIL E PESQUISA. **Francisca do Céu Ribeiro de Sousa (1898-1993)**. Mulheres 500 anos por trás dos panos. 2017. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/category/biografia/page/64/>. Acesso em: 14.05.2020.

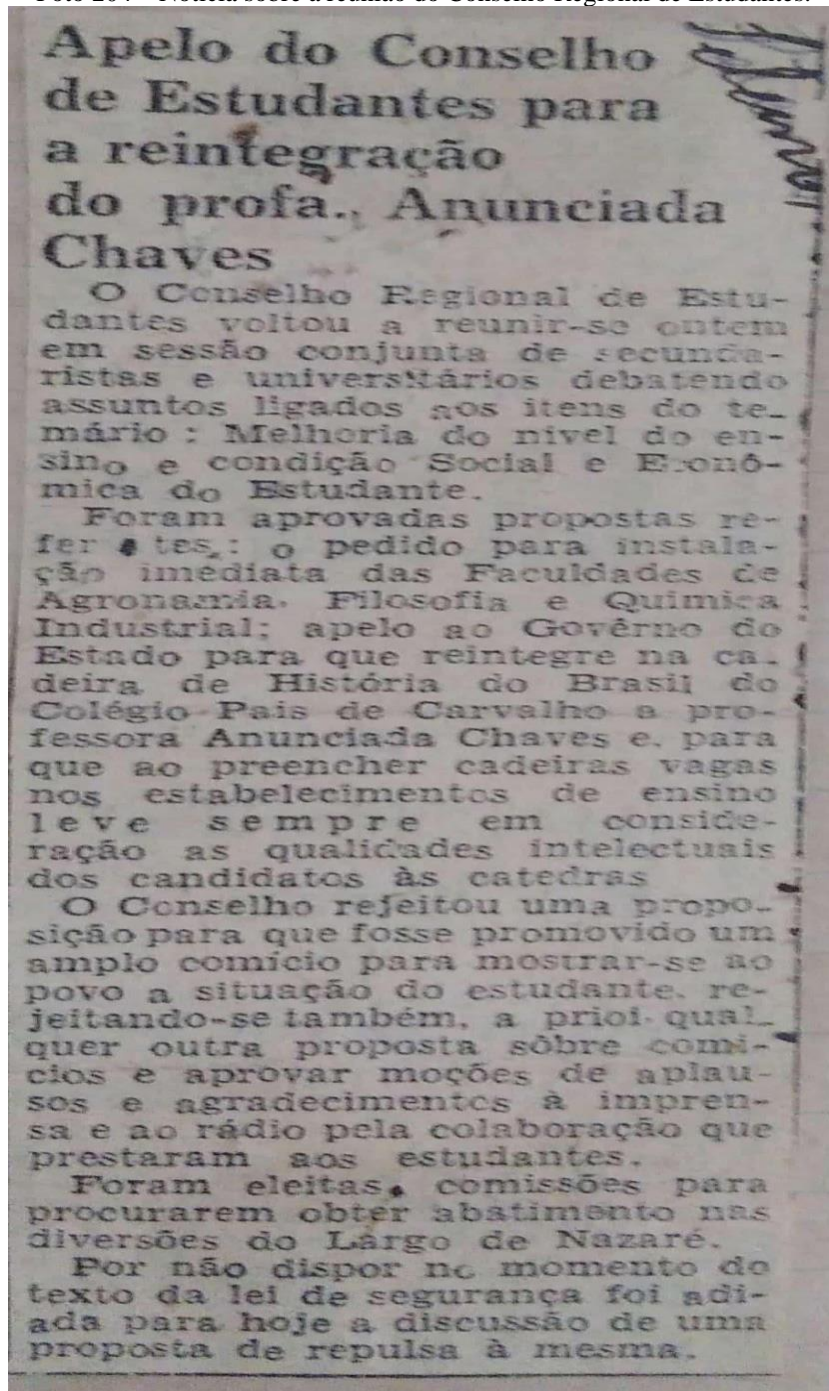
<sup>474</sup> Luís de Moura Carvalho, político paraense pertencente à legenda do Partido Social Democrático (PSD), governou o Estado do Pará, no período de 11 de março de 1947 a 29 de junho de 1950. Moura Carvalho foi eleito em sufrágio universal, porém abdicou do cargo a fim de pleitear uma vaga no Senado Federal.

<sup>475</sup> CHAVES apud DAMASO, *op cit.*, p. 5.



Essa atitude de Moura Carvalho foi revoltosamente repreendida pelos alunos, que boicotavam as aulas de Napoleão Figueiredo, professor contratado para substituir a mestra. E essa situação, inclusive, virou pauta na reunião do Conselho Regional de Estudantes (ver Foto 204).

Foto 204 – Notícia sobre a reunião do Conselho Regional de Estudantes.



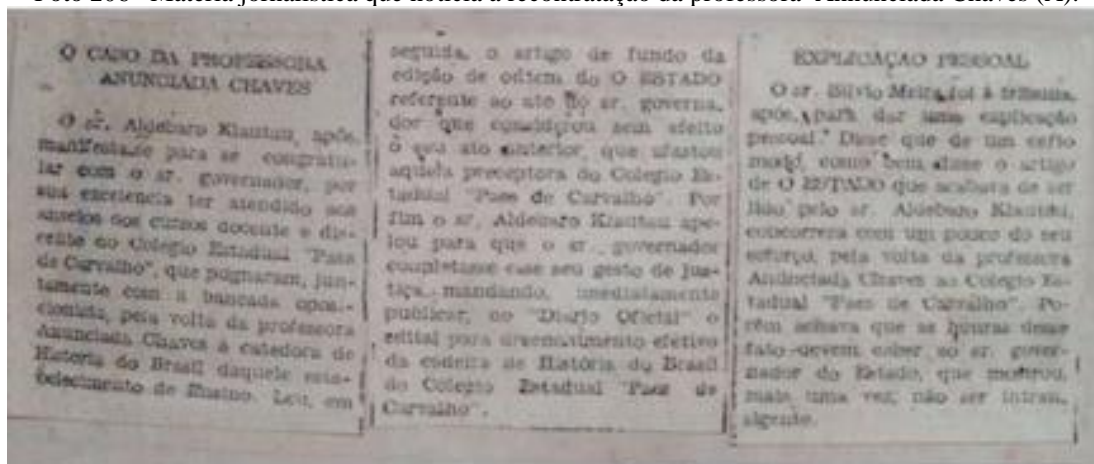
A má repercussão sobre a exoneração da professora Anunciada Chaves levou o governador Moura Carvalho a declinar de sua decisão e recontratá-la, ato que foi instituído pelo decreto de 8 de outubro de 1949.

Foto 205 – Decreto que reconduz a professora Anunciada Chaves ao cargo de professora do CEPC.



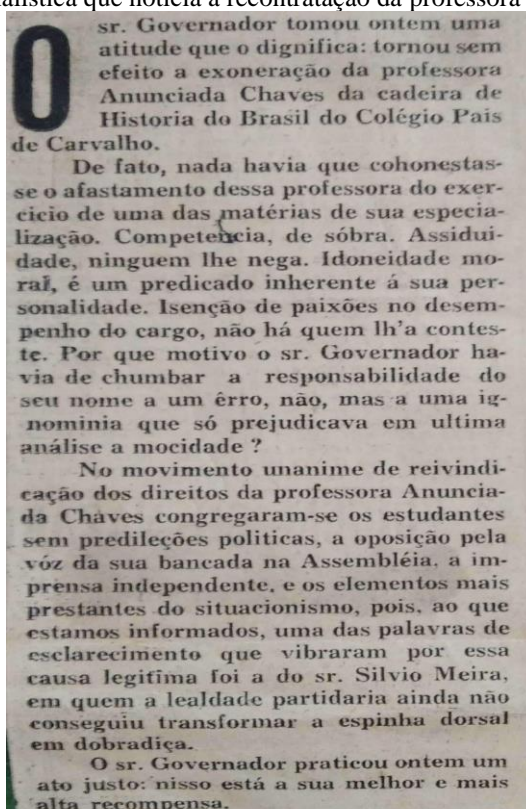
A recondução da professora Anunciada Chaves ao corpo docente do antigo educandário da Rua Saldanha Marinho foi fartamente comemorada e documentada pela imprensa local, como pode ser visualizado na foto a seguir.

Foto 206 – Matéria jornalística que noticia a recontração da professora Anunciada Chaves (A).



Fonte: O Estado do Pará (13.10.1949).

Foto 207 – Matéria jornalística que noticia a recontração da professora Anunciada Chaves (B).



Fonte: O Estado do Pará (12.10.1949).

Inobstante da grave represália sofrida, Anunciada Chaves não se calava frente ao autoritarismo político vivido em sua época, tanto que, sempre que possível, criticava a atitude

despótica dos políticos, bem como a falta de consciência de nosso povo, descrita no discurso *A Cultura política do Brasil*, que Annunciada Chaves proferiu na Faculdade de Direito do Pará, em 14 de janeiro de 1950, sob os auspícios do Diretório Acadêmico de Direito, assim enunciou:

A Revolução de 1930 tentou eliminar os quadros políticos de 89, buscando novos pontos de apoio e desenvolvimento para a República. Mas o que conseguiu, realmente, foi um choque entre os resíduos autoritários, personalistas, ditatoriais e as ideias democráticas, com o predomínio dos primeiros.

[...] Por outro lado, o rádio, permitindo relações mais diretas entre os homens de destaque político e o povo, disseminado a grandes distâncias, aumentou o prestígio do chefe, facilitou os exageros demagógicos, incrementou os idealismos de fachada, deturpou, contaminou, intoxicou, perturbou, a maior parte da sociedade brasileira. Incapaz, pelo seu baixo nível cultural, de criticar, selecionar, repetindo o que lhe chega de falso e de insidioso no bojo das ondas do rádio.<sup>476</sup>

Acredita-se que Annunciada Chaves não queria partir para o conflito aberto contra os opressores, como assim fizeram: Eneida de Moraes, Raimundo Jinkings, Hecilda Veiga entre outros, mas também não aceitava tudo passivamente. E pertencia a uma família abastada e poderosa, tinha muitos amigos influentes na imprensa e em outros segmentos da sociedade, e sabia como se sair de situações difíceis; isso não diminui o seu ímpeto de combate às injustiças, mas, com certeza, se ela não tivesse toda essa rede de proteção ao seu redor, ela não seria tão desafiadora. Fato é que Annunciada Chaves tinha muito tato para lidar com autoridades, pois, caso contrário, ela não teria sido sub-reitora por duas gestões consecutivas na UFPA, e também não teria tanto apoio para o Conselho Estadual de Cultura na gestão de Alacid Nunes.

Esse episódio inglório na vida de Annunciada Chaves a motivou a candidatar-se à vaga de docente efetivo no quadro permanente do Colégio Paes de Carvalho, para que ela não ficasse mais vulnerável ao sabor dos desígnios das narcisísticas autoridades políticas governamentais paraenses.

Desta feita, o governo do estado lançou a Portaria n. 187 (ver foto 208), instituindo concurso público para provimento de vagas do corpo docente do CEPC. No entanto, Moura Carvalho não iria suportar as afrontas de Annunciada Chaves, imprensa e de seus alunos tão facilmente, e por isso, esse edital ficou meses engavetado até ser publicado em outubro de 1949.

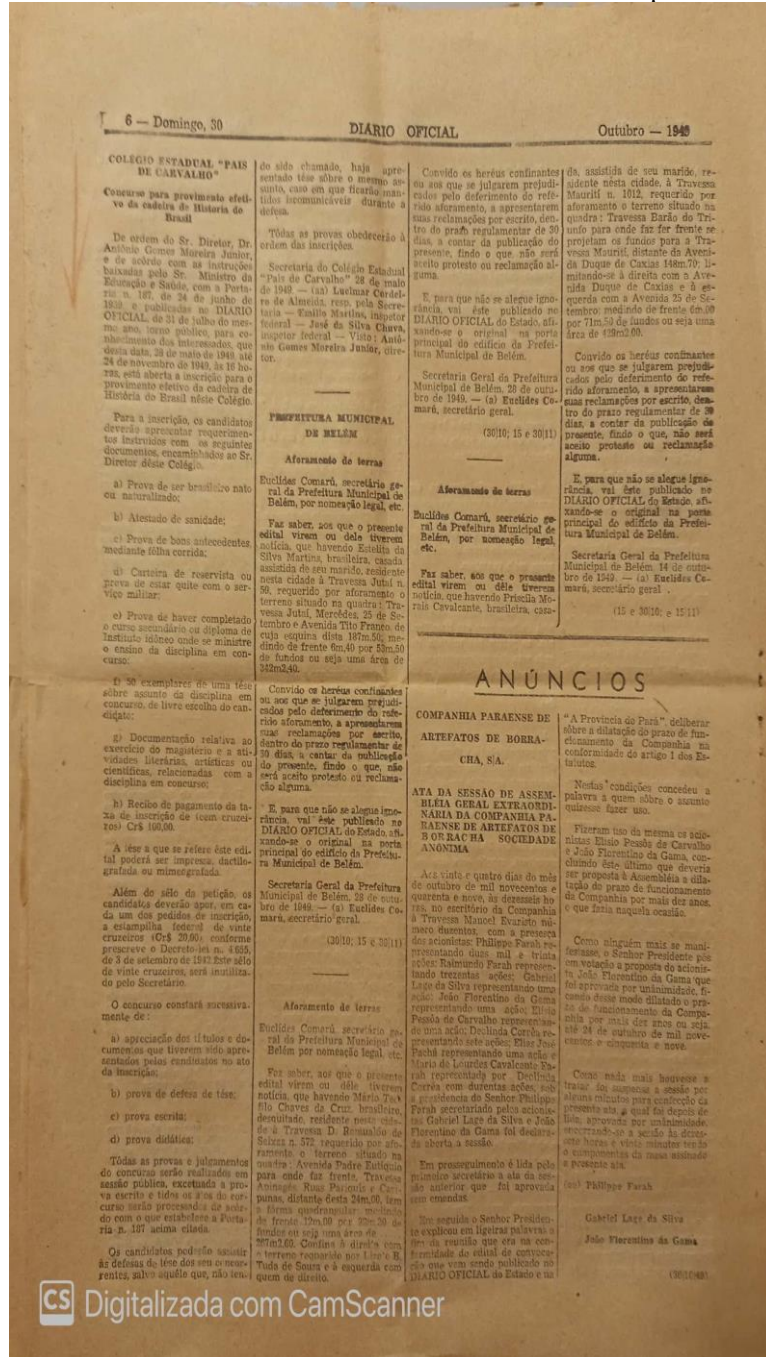
Assim sendo, a professora Annunciada Chaves, de imediato, se candidatou, contudo, o certame não fora nada fácil, haja vista a dinâmica das provas ser bem parecida com a dos concursos para nível superior da atualidade, consistindo em três etapas: uma prova de títulos, uma prova escrita e uma prova didática<sup>477</sup>. A prova de títulos foi realizada em 12 de agosto de

<sup>476</sup> CHAVES, Maria Annunciada. *A Cultura política do Brasil*. A **Província do Pará**, Belém, p. 1, de 31 de dezembro de 1950.

<sup>477</sup> PARÁ. Governo do Estado. Portaria n. 187. **Diário Oficial do Estado do Pará**, Belém, p. 6, out. 1949.

1952, e nesta prova, chamou a atenção da banca examinadora a obra: *Anotações para o dicionário geográfico da Amazônia*, a qual ocupou bastante tempo de Annuciada Chaves, porém não foi publicada.

Foto 208 – Portaria n. 187 no Diário Oficial do Estado do Pará informando o provimento de vaga

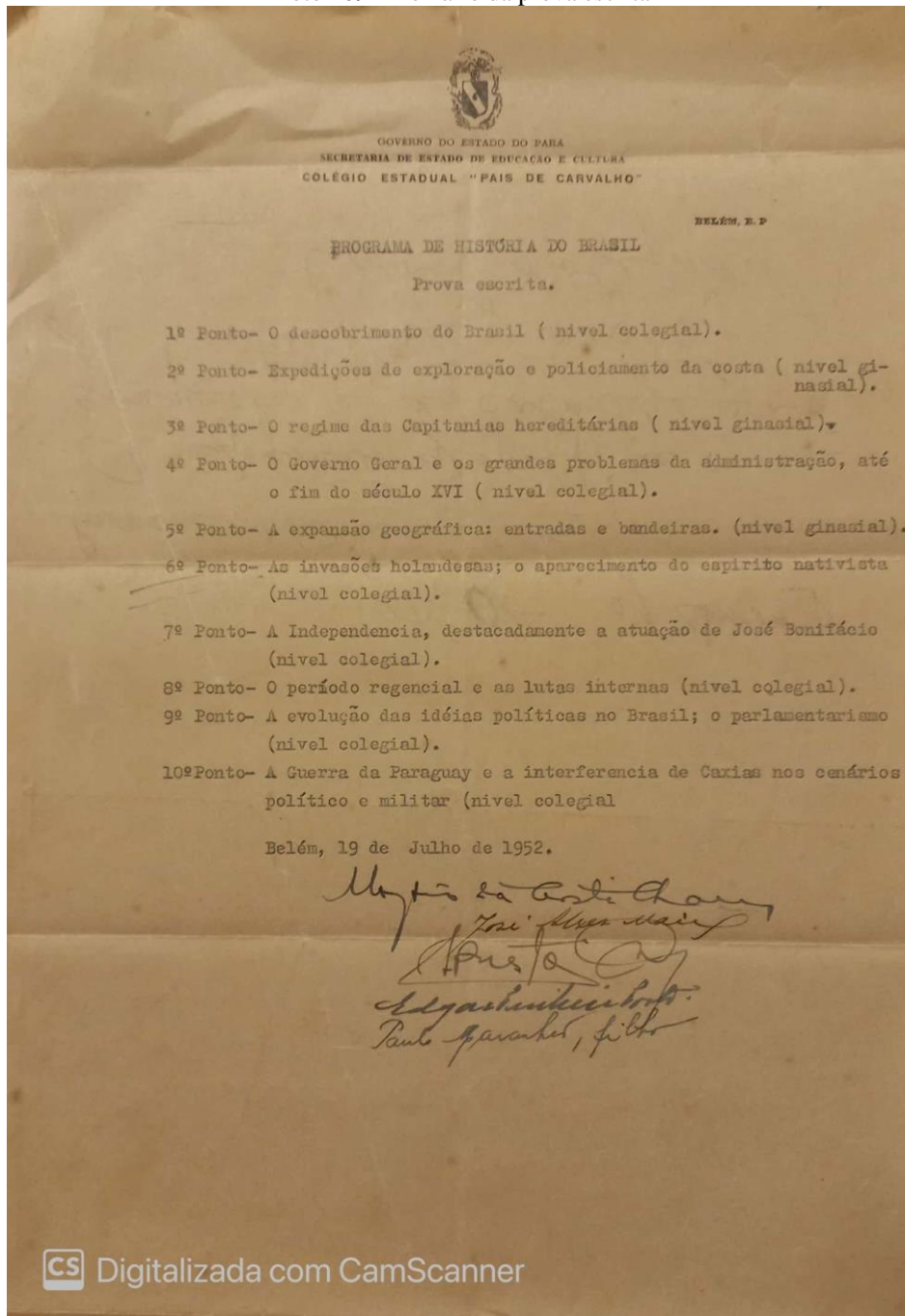


Fonte: Diário Oficial do Estado, outubro, 1949.

No tocante à prova escrita, efetuada no dia 13 de agosto de 1952, houve o sorteio dos assuntos, e o tema eleito foi o de n. 6, referente às *Invasões holandesas: o aparecimento do*

*espírito nativista*<sup>478</sup>. A professora Annunciada Chaves fez uso de vinte e um minutos e quarenta segundos dos trinta minutos a que tinha direito para concluir a prova<sup>479</sup>.

Foto 209 – Temário da prova escrita



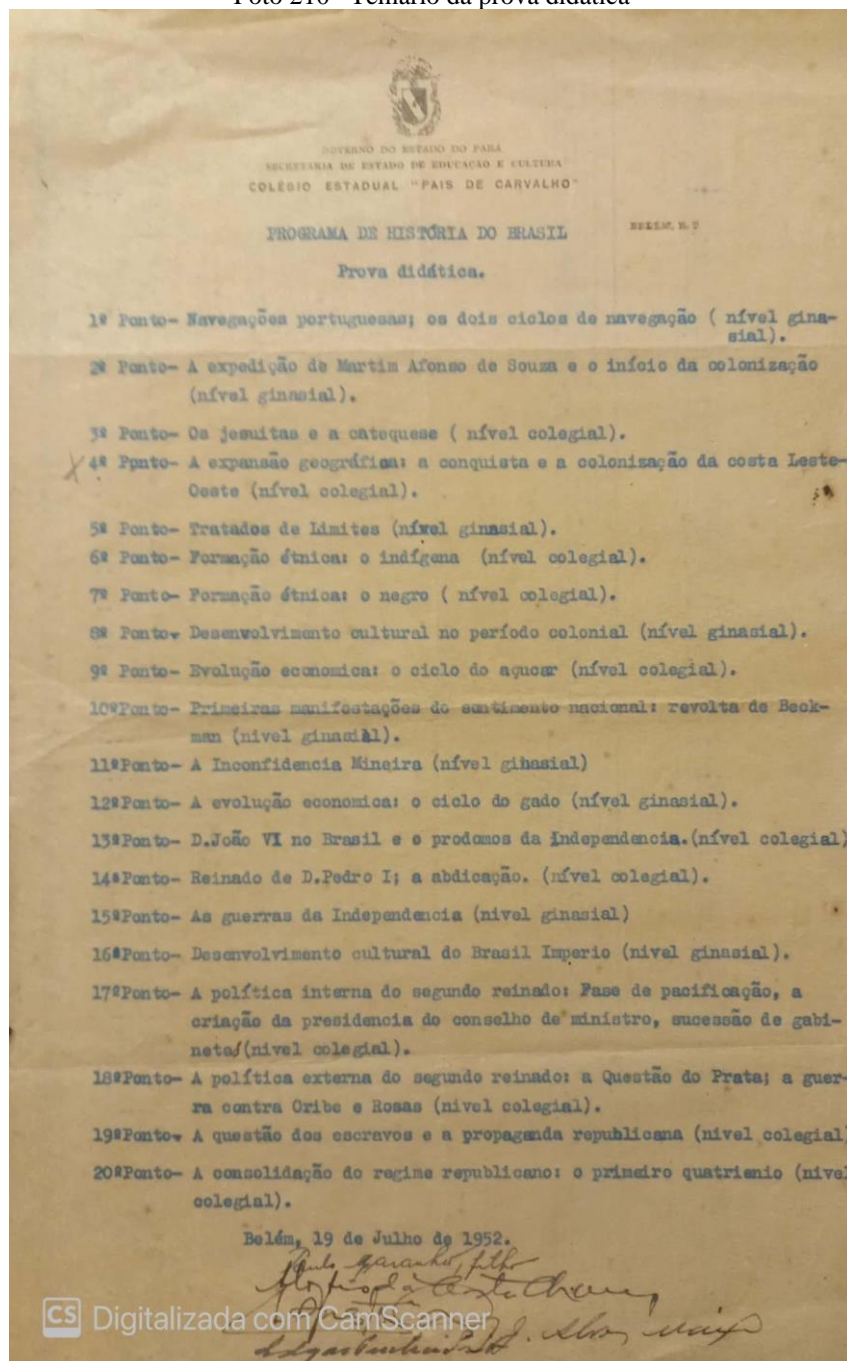
Fonte: CMA. Acervo Annunciada Chaves (2023).

<sup>478</sup> PARÁ. Governo do Estado. Secretaria de Estado de Educação e Cultura. Colégio Estadual Paes de Carvalho. **Programa de História do Brasil**: prova escrita. Belém, 19 de julho de 1952. Datilografado. 1 f.

<sup>479</sup> REGO, 2002, op. cit.

Posteriormente, foi feito o sorteio do tema da prova didática<sup>480</sup>. O ponto da prova didática sorteado, foi o de n. 4 que versava sobre *A expansão geográfica: a conquista e a colonização da costa leste-oeste*<sup>481</sup> (ver foto 210).

Foto 210– Temário da prova didática



Fonte: CMA. Acervo Annuciada Chaves (2023).

<sup>480</sup> PARÁ. Governo do Estado. Secretaria de Estado de Educação e Cultura. Colégio Estadual Paes de Carvalho. **Programa de História do Brasil**: prova didática. Belém, 19 de julho de 1952. Datilografado. 1 f.

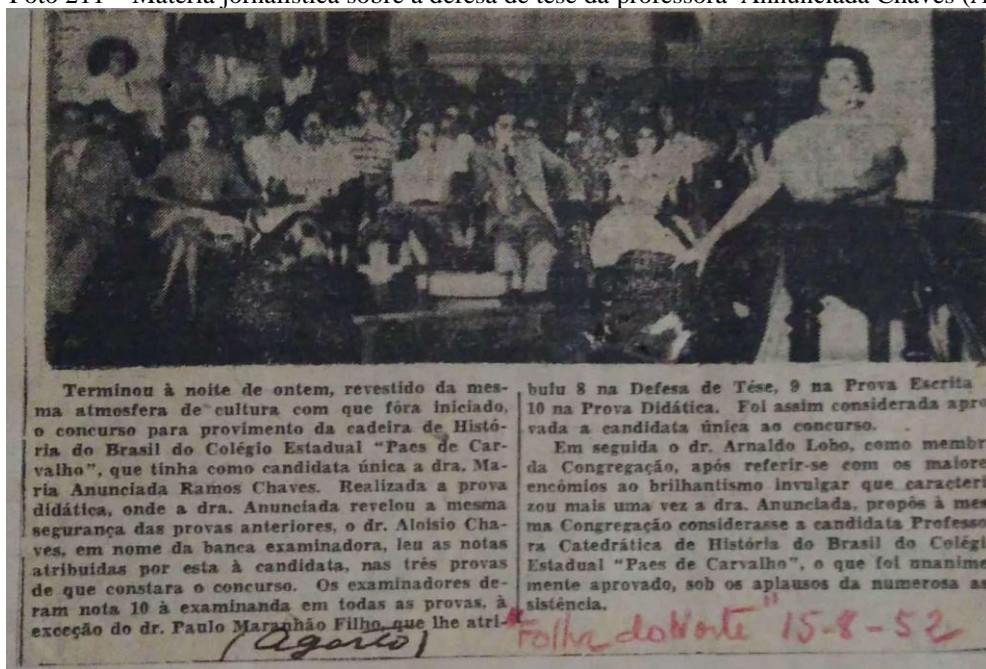
<sup>481</sup> REGO, 2002, *op. cit.*

A última e mais difícil fase do concurso era a prova didática, a qual ocorrera em 14 de agosto de 1952, no salão nobre do CEPC, iniciara às 20h e terminara à meia noite<sup>482</sup>. A professora Anunciada Chaves fez sua apresentação durante os cinquenta minutos regulamentares. E a tese defendida pela candidata única foi: *A importância do açúcar para a economia do Brasil*.

A banca examinadora foi composta pelos lentes: José de Alves Maia, Aloisio da Costa Chaves (examinadores internos); e Edgar Pinheiro Porto, Paulo Maranhão Filho e Ernesto Cruz (examinadores externos, oriundos do Conselho Nacional de Educação - CNE)<sup>483</sup>. Após a arguição da banca, a candidata fez a leitura da prova escrita e, por fim, houve a apreciação do parecer da comissão julgadora.

A apresentação da professora Anunciada Chaves contou com uma grande plateia, e seu teste e desempenho foram noticiados no jornal (ver foto 211).

Foto 211 – Matéria jornalística sobre a defesa de tese da professora Anunciada Chaves (A).



Fonte: CMA. Acervo Anunciada Chaves (2023).

A arguição da banca foi bem criteriosa e, ao que parece, Paulo Maranhão Filho estava disposto a embargar a aprovação de Anunciada Chaves lhe perguntando questões bem difíceis,

<sup>482</sup> PROSSEGUE o concurso para catedrático do C. E. P. C., houve-se ontem, mais uma vez, com brilho invulgar, a Dra. Maria Anunciada Ramos Chaves. **Folha do Norte**, Belém, p. 2, 14 de agosto de 1952.

<sup>483</sup> Ressalta-se que o quinto jurado seria Otávio Mendonça, porém devido a problemas de saúde, ele foi substituído por Ernesto Cruz. PEROBA, J. O Concurso de História do Brasil no Colégio Paes de Carvalho. **O Estado do Pará**, Belém, p. 5, 21 de agosto de 1952.



que foram todas respondidas por ela com maestria e um certo sarcasmo, como pode ser visto no trecho abaixo, recontado por Clóvis Moraes Rego:

[...] com o segundo examinador, foi mais severa e transmutou-se, pouco a pouco, em verdadeiro duelo. Queria ele, insistentemente, que a candidata revelasse quem era Amarilius, pseudônimo ou nome de determinado autor por ela citado na tese. De tanto perguntar sobre a identificação de Amarilius, para confundir Annunciada, teve, desta, também com aquela característica muito ao seu jeito e com altivez, a seguinte e inesperada resposta: Não sei. Citei-o como o citaram quantos li em minhas perquirições. Mas, confesso, muito estimaria sabê-lo agora, desde que mo revele o ilustrado arguidor. Este não respondeu. Porque não sabia também. E emudeceu, melancolicamente, a todos decepcionando, por ter levado a pior<sup>484</sup>.

Finalmente, em 15 de agosto de 1952, a professora Annunciada Chaves foi aprovada no concurso público para provimento da cátedra de *História do Brasil* no CEPC, lugar que há muito almejava estar, local de trabalho muito disputado pelos professores da época, cujo ingresso era laborioso, como descreve Clóvis Moraes Rêgo:

O corpo docente do “Paes de Carvalho” era um viveiro de eruditos, de iluminados, de gigantes pelo saber e pela opulência moral. O acesso aos novos não era fácil, senão quase impossível. Tentá-lo valia arriscar-se a duro e penoso crivo. Ninguém escaparia ao vozerio atordoante e estrepitoso, mais que irreverente, ferino, de Remígio Fernandez, faiscando desconfianças e crítica pelo olhar profundo projetado de dois arredondados e miúdos globos oculares, cravados em rosto amplo, recoberto de algodoadada e esvoaçante cabeleira de poeta; ninguém conquistaria um fácil e complacente sorriso, além de um seco “Bom dia, moço”, da professora Sarmento, uma rara espécie de “fortaleza inexpugnável”, têmpera de aço, mulher extraordinária entre as mais impressionantes personalidades que já pude conhecer; ninguém à toa sensibilizaria a austeridade imperturbável de Joaquim Viana, exigente, seguro, pontual, exato, inflexível; ninguém, à primeira vista, lograria confundir Angelus Nascimento, trepidante e luminosa inteligência, impregnada de irresistível tentação sarcástica; nem muito menos, o espírito invulgar de Mestre Arnaldo, valente no nome e nas atitudes, impetuoso, resoluto e essencialmente líder, por índole e vocação. Até mesmo no discreto e dulcificado sorriso de Avertano, o filósofo; no piedoso e paternal semblante de Antônio Augusto de Carvalho Brasil – o “Mimo Brasil” como era mais conhecido – com o seu indefectível “Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo” ao início de suas aulas; na irrequieta, generosa e desmensurada candura de Frota Lima; na imensa benignidade de Alves Maia; ou na tenra e angelical mansuetude de Maria Amélia Ferro de Souza, somando, num todo inexprimível, um ar pesado que era menos de despreço, de menosprezo ou de desdém, do que o facho vivo da sagrada vigília com que, cada qual no seu estilo, se empenhava na defesa do alto nível do professorado do secular educandário.

Foi nessa mesma atmosfera, entre titãs desse quilate, entre figuras desse porte, que me iniciei professor. E dizer que me iniciei professor de História! Já se vão mais de dois decênios, Sylvio Nascimento, que uma impiedosa moléstia imobilizara no morno aconchego da família, emudecia e estancava os borbotões do fraseado pomposo com que, em timbres de acentuada ressonância, soube derramar, por longos anos, lições repletas de colorido, de calor e de veemente vibração. Maria Annunciada Chaves, que hoje prestigia este tabernáculo com os clarões do seu talento incomum, teve a seu cargo a interinidade da cátedra e a mim me coube a regência das turmas do velho mestre<sup>485</sup>.

<sup>484</sup> REGO, 2002, *op. cit.*, p. 48.

<sup>485</sup> *Ibid.*, p. 43-44.

A caracterização feita por meio de termos, tais como: “ferino”, “fortaleza inexpugnável”, “viveiro de talentos”, “titãs”, “opulência mental”, “ar pesado”, “fraseado pomposo”, que são alguns termos utilizados por Clóvis Moraes Rêgo para descrever como eram os docentes que compunham o quadro efetivo de CEPC, nos ajuda a entender o quão difícil era se tornar um membro desse *staff*, e que a seletividade desses lentes era acurada, independentemente de ser um par, um novo professor ou um aluno.

A aprovação de Anunciada Chaves no concurso foi também muito noticiada pela imprensa, como se observa visto nas fotos 212 e 213, inclusive foram realizados vários jantares para comemorar a sua conquista.

Foto 212 – Divulgação do resultado do concurso para docente do CEPC.



Fonte: A Província do Pará (15.08.1952)<sup>486</sup>.

Foto 213 – Notícia sobre o jantar em comemoração da aprovação no concurso



Fonte: A Província do Pará (09.09.1952)<sup>487</sup>.

O retorno da professora Anunciada Chaves era muito esperado pelos alunos, tanto que estes lhe prestaram homenagens em seus primeiros dias de aula como professora efetiva, fato ao qual ela relata: “No dia 22 de agosto de 1952, ao entrar na 3ª série, 2ª turma, do Colégio

<sup>486</sup> LAUREADA a Professora Maria Anunciada Chaves. **A Província do Pará**, Belém, p. 8, 15 de agosto de 1952.

<sup>487</sup> JANTAR em homenagem à professora Anunciada Chaves. **A Província do Pará**, Belém, p. 3, 09 de setembro de 1952.

Estadual, um aluno fez um pequeno discurso cumprimentando-a pelo Concurso. O mesmo aconteceu em outras classes e em todas foi muito aplaudida”<sup>488</sup>.

Foto 214 – Homenagem à Professora Anunciada Chaves



Fonte: A Província do Pará, Belém, p. 7, 14.09.1952.

Foto 215 – Jantar de comemoração da aprovação de Anunciada Chaves no Concurso para provimento do cargo de professor de História do Brasil do CEPC (1952), realizado no Grande Hotel, em Belém do Pará.



Fonte: CMA. Acervo Anunciada Chaves (2023).

<sup>488</sup> CHAVES, Maria Anunciada, professora, advogada. **Anotações**. Belém, 1952.

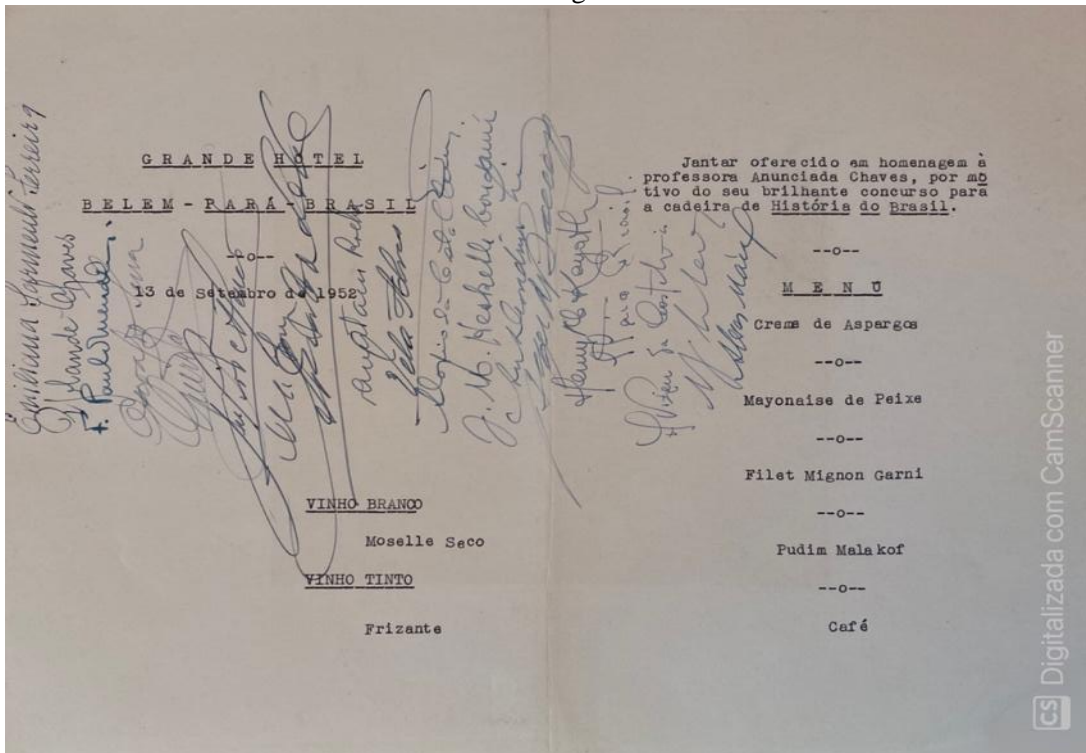
Esse jantar registrado na foto 215 contou com a participação do corpo docente do Colégio Estadual Paes de Carvalho, que desde o anúncio da exoneração foi contra a arbitrariedade de Moura Carvalho. O jantar foi muito requintado a começar pelo menu, como pode ser visto nas fotos 216 e 217.

Foto 216 - Anverso do menu do Jantar em Homenagem a Anunciada Chaves



Fonte: CMA. Acervo Anunciada Chaves

Foto 217- Verso do menu do Jantar em Homenagem a Anunciada Chaves



Fonte: CMA. Acervo Anunciada Chaves.

Um escrito em que Anunciada mostra ainda mais a sua intimidade com o biografado é o artigo intitulado: *O Jubileu sacerdotal de D. Alberto Gaudêncio Ramos*, no qual ela relata fatos de coincidência de sua vida com a do sacerdote D. Alberto, e inclusive, ela comparava o seu ofício de professora com a do religioso ao considerar a docência uma espécie de sacerdócio.

Debruçando-me sobre sua biografia, noto que nossa existência terrena apresenta um certo paralelismo, que muito me honra. Nasceros ambos em Belém, ele na rua dos Mundurucus, eu na Vila Bolonha, no mesmo ano – 1915 – em plena Primeira Guerra Mundial, ele no término do primeiro trimestre, eu quase ao fim do último. Tivemos educação profundamente cristã, dirigida por pais desvelados, que nos infundiram valores espirituais impagáveis: respeito por si mesmo e pelos outros, simplicidade, desprendimento dos bens materiais, considerados, sempre, como um meio e não um fim, cultivo da inteligência, dedicação ao trabalho, encarado não só como um dever, como também, fonte permanente de aperfeiçoamento pessoal e auto-afirmação. Talvez provenha dessa formação semelhante a empatia que me ligou a D. Alberto desde quando o conheci, recém-ordenado, capelão e professor de religião do Instituto Gentil Bittencourt, onde eu lecionava, sentimento que o tempo transforma em admiração e o convívio mais estreito, no Conselho Estadual de Cultura e demais órgãos culturais a que ambos pertenceram, em sincera estima. Outro aspecto paralelo entre a vida do Arcebispo de Belém e a minha é a fidelidade à vocação, cedo desabrochada e solidificada através dos anos: ele, ao sacerdócio, eu, ao magistério. Aos 16 anos entrou no seminário, em Fortaleza; aos 18, dava eu minha primeira aula. Alcançaria ele as culminâncias da hierarquia eclesiásticas, ficaria eu na planura do ensino, ambos, porém, imbuídos da fidelidade às tendências juvenis<sup>489</sup>.

Os muitos anos de convívio entre Anunciada Chaves e Ruy Meira em instituições culturais permitiram que ela fizesse uma descrição muito perfeita do insigne engenheiro e artista plástico paraense, como descreve:

[...]

Em Ruy Meira, engenheiro atuante, pintor, escultor e poeta, os conhecimentos científicos alicerçam as manifestações mais variadas e mais amplas do espírito. O gosto pelas formas e cores, o amor à palavra como suprema expressão do sentimento humano fazem com que o homem de ciência e execução se amplie no homem de cultura e contemplação, interessado não só no cálculo das construções que planeja e dirige, como em todas as manifestações de inteligência e de sensibilidades humanas. Em vez de fixar-se num ponto único, sabe “olhar a volta”, como sugeriu Bacon, procurando abranger os múltiplos aspectos da vida. Em Ruy Meira, a arte que cria e a ciência que interpreta se conjugam, revelando extensa e intensa experiência das emoções humanas e fina sensibilidade ao lado poético das coisas e dos seres. O esquadro, a régua, o compasso, o pincel, o escopo e a pena encontram-se harmoniosamente nas mãos deste artista nato.

[...].<sup>490</sup>

<sup>489</sup> CHAVES, Maria Anunciada. O Jubileu sacerdotal de D. Alberto Gaudêncio Ramos. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 1, p. 95, jan. / jun. 1990. Discurso pronunciado em nome da Academia Paraense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e do Conselho Estadual de Cultura, em sessão solene realizada a 26.09.89, na sede da primeira.

<sup>490</sup> CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. In: MEIRA, Ruy Bastos. **Fragil canto**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1978. Não paginado.

No discurso acima, Annuciada Chaves exalta o caráter polímata de Ruy Meira e nos chama atenção para o fato de este ter a característica rara de se destacar quer no campo do cálculo, quer no campo das letras e das artes, ou seja, ele lidava com áreas do conhecimento díspares com maestria.

As referências e ênfases aos nomes de famílias tradicionais era outra característica dos discursos de Annuciada Chaves, ou seja, a sua necessidade de ressaltar a importância de determinado nome de família ou par na sociedade, mostrando que ela pertencia àquele ciclo privilegiado, como podemos observar no excerto abaixo:

Nossa amizade, todavia, estreitou-se ainda mais, tomando aspectos fraternais, fora do habitual ambiente de trabalho, quando tivemos a oportunidade de gozar férias, no Rio, como hóspedes do nosso comum amigo Pedro Borges. Lúcida inteligência e grande coração, o ilustre médico paraense nos acolheu como se em nossa própria casa estivéssemos, secundado por sua admirável Julieta, **membro da tradicional Família Teixeira, muito conhecida e atuante no Pará**<sup>491</sup>.

O trecho supracitado foi extraído do capítulo do livro intitulado *Inteligência, cultura e dedicação*, que é parte da coletânea intitulada: *O Amigo Chico: fazedor de poetas*, organizada pelo filósofo Benedito Nunes, publicado pela Secretaria de Estado de Cultura do Pará (Secult-PA) em 2001, no qual Annuciada Chaves homenageou o professor Francisco Paulo Mendes. Fica patente a ênfase que a autora dá a narrativa em se mostrar como pertencente a um pecunioso ciclo de amizade. Esse seu estratagema parece que chancela as informações transmitidas, uma espécie de demonstração de que aquele assunto foi desenvolvido por uma pessoa integrante de um meio opulento, de pessoas poderosas que possuem características mais ou menos similares e que, por isso, sabem do que estão falando. Desta maneira, a autora enaltece a pessoa de quem ela fala, bem como a si mesma.

Analogamente, esse estratagema pode ser verificado no início do discurso que Annuciada Chaves proferiu a respeito de Raymundo de Souza Moura, em que fala sobre membros da família Souza do município de Óbidos no Estado do Pará, a saber:

Conheci Raymundo de Souza Moura quando ambos ingressamos na Faculdade de Direito do Pará, em 1932. Era ele um jovem delgado, de olhar doce e profundo, que penetrava nas pessoas e nas coisas com benévola curiosidade. Vinha de Óbidos, onde nascera a 11 de abril de 1912, não na cidade propriamente dita, mas perto dela, em Juruti, pequena localidade na qual se achava a fazenda que lhe serviu de berço “Sempre Viva”, propriedade de seu avô materno, Antônio Rodrigues de Souza, irmão do ilustre jurista e escritor Herculano Marcos Inglês de Souza, fundador da Academia Brasileira de Letras, cujos três famosos romances: “O Cacaulista”, “O Coronel

<sup>491</sup> *Id.* *Inteligência, cultura e dedicação*. In: NUNES, Benedito (org.). **O Amigo Chico: fazedor de poetas**. Belém: Secult, 2001, p. 52. Grifo meu.

Sangrado” e “O Missionário” retratam a sociedade amazônica na fase da borracha. Grande proprietário e fazendeiro, era o avô de Moura, o tipo perfeito do patriarca de então, com suas virtudes e defeitos. Casara-se três vezes, gerando trinta e cinco filhos legítimos e, dentre os vários naturais que produzira, reconheceu dois, havido com escravas, perfeitamente integrados à família. Contava Moura que se lembrava de ter ouvido na infância, dos lábios de sua mãe, oriunda do terceiro casamento de seu avô, a afirmativa de que a rua Bacuri, hoje Marechal Deodoro, na cidade de Óbidos, pertencera, toda ela, a Antônio Rodrigues de Souza.

Pelo lado materno, portanto, ligava-se Raymundo Moura à classe abastada dos proprietários rurais, cujas terras não tinham limites, que dominavam família, trabalhadores, vaqueiros e correligionários políticos com extrema autoridade.<sup>492</sup>

A valorização de nomes de família também é vista no discurso que Anunciada Chaves fez a respeito de Helena Sousa, assim relata sobre a genealogia da insigne musicista paraense:

[...] Filha de Alexandre de Oliveira e Sousa, conceituado comerciante português que integrou a firma Tomé de Vilhena e Cia, e de Laura Gomes de Oliveira e Sousa, de tradicional família paraense, nasceu em Belém, mas cedo se deslocou para Portugal, onde cursou letras num dos mais importantes liceus de Lisboa, adquirindo base para uma sólida cultura, fortalecida e ampliada ao longo da vida com leitura variada e observação inteligente de tudo que a cercava.

[...]

De volta a Belém, dedicou-se ao ensino da música decadente após a retirada do talentoso maestro Paulino Chaves para o Rio. Quer no conservatório Carlos Gomes, quer em aulas particulares ministradas em sua própria casa, belo sobrado antigo no *boulevard* Castilhos França, reanimou e renovou o ensino pianístico, tendo como auxiliares sua irmã, a pintora e escultora Carmen Sousa, e sua prima-irmã Maria de Nazareth de Oliveira, hoje esposa de Álvaro Coelho de Sousa, em cuja residência terminou seus dias, cercada de afeto fraternal. Com ela fundou, em sua residência, o Jardim Santa Cecília, destinado a iniciação musical de crianças de maneira intuitiva e amena. Os recitais com que costumava encerrar o ano letivo, apresentando à sociedade paraense os seus alunos, tornaram-se conhecidos pela perfeita organização e alto valor artístico.<sup>493</sup>

A genealogia do autor do trabalho é recorrentemente evocada por Anunciada Chaves, fazendo uma espécie de chancela, mostrando que o autor tem uma linhagem em relação a determinado assunto, a fim de garantir-lhe mais propriedade, como pode ser verificado neste trecho extraído de *Uma Leitura da música de Waldemar Henrique*, escrito por Maria Lenora Menezes, como segue: “Maria Lenora Menezes de Brito, filha dos poetas Bruno e Francisca Menezes, nasceu poetisa... Não usa, porém, a palavra como seu principal instrumento de expansão. Prefere a música, a poesia dos sons”.<sup>494</sup>

<sup>492</sup> CHAVES, Maria Anunciada, Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará. **O Menino de Óbidos**. Discurso de homenagem ao jurista Raymundo de Souza Moura, em Sessão especial no CEC-PA, 11 de novembro de 1983, por ocasião do Centenário de Silvio Nascimento e lançamento do livro “O Pará Republicano”. p. 1. Datilografado.

<sup>493</sup> *Id.* Helena Souza. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 2, p. 357, jul./dez. 1990. Reconstituição do pronunciamento feito de improviso na sessão ordinária de 14.08.1990, do Conselho Estadual de Cultura.

<sup>494</sup> *Id.* Apresentação. In: BRITO, Maria Lenora Menezes de. **Uma Leitura da música de Waldemar Henrique**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1986. p. 6. (Coleção Cultura paraense. Teodoro Braga).

Em relação à escrita da história, Annunciada Chaves se aproximava mais do estilo de Varnhagen calcado em recortes cronológicos e temáticos tecidos a partir do êxito da colonização portuguesa do Brasil, direcionado às ações do Estado, aos fazeres administrativos e aos marcos políticos. Ou seja, uma visão tradicional e linear da história em detrimento de um outro estilo de escrita desenvolvido pelo historiador Capistrano de Abreu, por exemplo, que tecia sua narrativa com base nos contrastes econômicos brasileiros, mas também não se descuidava de abordar aspectos da História Social, tais como: os festejos, a alimentação, o folclore, a visão do povo e não somente da classe dominante, aspectos de brasilidade, dos povos miscigenados que formaram a nação brasileira, uma história mais local como fizeram alguns de seus contemporâneos, tais como: Ernesto Cruz, Frederico Barata e Arthur Vianna.

Não se assevera que Annunciada Chaves negasse a sua regionalidade, muito pelo contrário, ela foi uma das vozes que mostrou para o restante do Brasil que havia intelectualidade em seu extremo Norte, no entanto seu discurso revela uma certa subserviência no sentido de dizer que a Amazônia tem muito potencial, porém não tem recebido a atenção que merece no cenário intelectual brasileiro. É como se aqui sempre fosse o paraíso perdido, quando na verdade, os centros decisórios do Brasil só tinham olhos para nossa flora, fauna e minerais no sentido extrativista, uma visão de usufruto, e não uma visão desenvolvimentista, de que se possa pensar em contar com os intelectuais amazônicos para desenvolver a região e a nação.

O orgulho de ser amazônida era uma tônica constante nos discursos de Annunciada Chaves como pode ser visto no discurso *O Processo de independência no Pará*, como aduz:

Como filha da região, nela tendo sempre vivido e trabalhando intensamente, dedicada, sobretudo, ao estudo e ao ensino da sua História e da sua Geografia, ousou afirmar que a Amazônia assegura ao Brasil grandeza não só territorial, como também, econômica, cultural, política e social. Não é mera fantasia geográfica. É realidade essencial ao progresso de desenvolvimento do País e o atestado de maturidade brasileira perante o mundo<sup>495</sup>.

Esse ufanismo amazônida também se faz sentir no discurso que Annunciada Chaves proferiu ao receber a medalha Machado de Assis, ao dizer:

Quando os dois primeiros, que viveram em Belém e se sentiram como se autênticos paraenses fossem a magia do açaí e do banho de cheiro, o próprio Osvaldo Orico não esconde que compartilhara da bancada paraense nesta academia. São por isso suspeitos. Os demais nomeados já tiveram ocasião de experimentar o feitiço da doce

---

<sup>495</sup> CHAVES, Maria Annunciada. O Processo de independência do Pará. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 2, n. 8/9, p. 73-74, jul./dez. 1972. Conferência proferida na Casa do Pará na Guanabara pela delegação do Governo do Estado do Pará e do Conselho Estadual de Cultura no Rio de Janeiro, em 15/08/1972.



hospitalidade paraense, visitando o nosso Conselho de Cultura e nele deixando o eco da sua palavra inconfundível.

[...] <sup>496</sup>

A Amazônia, de onde venho, meus caros ouvintes, é um mundo à parte, cheio de riquezas em potencial, cujo homem continua a ser para o resto da nação um desconhecido <sup>497</sup>.

Aqueles que faziam duras críticas ao Pará sentiram o peso da revolta de Annuciada Chaves em seus escritos, foi o caso do crítico literário José Veríssimo, que depreciou a literatura paraense a ponto de afirmar que ela não poderia constar como expoente de uma literatura brasileira, como de fato não constou em sua obra intitulada *História da Literatura Brasileira*, atitude que foi contundentemente reprovada pela professora, ao dizer:

Muitas injustiças têm sido proferidas contra a literatura paraense. A maior delas foi cometida por José Veríssimo, apesar de sua grandeza e da circunstância de ser filho do Pará. Não só silencia sobre a nossa produção literária em sua notável obra *História da Literatura Brasileira*, como na “Revista Amazônica” afirma, a propósito de estudos e resenhas literárias, que “o Pará é impossível figurar” porquanto a ele “a civilização brasileira nada, absolutamente, deve”. Não atentou o erudito e abalizado escritor para o fato de que, pelo menos ele próprio, era uma contribuição do Pará à cultura brasileira <sup>498</sup>.

Com muita elegância, Annuciada Chaves refuta os argumentos de José Veríssimo sem ridicularizar a sua pessoa e a sua obra, e, inclusive, na última parte deste trecho, ela desmonta a crítica negativa feita por Veríssimo à literatura paraense provando que ele se contradiz, porque o próprio muito contribuiu para o desenvolvimento da cultura brasileira e era filho do Pará. <sup>499</sup>

Nas apresentações escritas por Annuciada Chaves, sempre havia um resumo de dados do autor e da obra, infere-se que para dar uma noção a quem fosse ler o texto saber um pouco mais de quem se trata a autoria, tal estratégia pode ser acompanhado a seguir:

<sup>496</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Na Academia Brasileira de Letras ao receber a Medalha Machado de Assis. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 19, p. 102, 1976.

<sup>497</sup> *Id.*, p. 103.

<sup>498</sup> *Id.* **Traços de Cultura Paraense**. Belém: Imprensa Universitária, 1981, p. 16.

<sup>499</sup> José Veríssimo Dias de Matos (1857 – 1916): foi um educador, escritor, jornalista e historiador da literatura brasileira. Nasceu em Óbidos, município do Pará. Fez seus estudos primários em Belém e em Manaus, mudou-se para o Rio de Janeiro para fazer estudos superiores na Escola Central (atual Escola Politécnica). Escreveu alguns livros e dedicou-se ao estudo da história da literatura brasileira. Escreveu as seguintes obras: *Quadros Paraenses* (1877), *As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia* (1880), *Cenas da Vida Amazônica* (1886), *A Pesca na Amazônia* (1895), *Homens e Coisas Estrangeiras* (1899-1908), “*Estudos de Literatura Brasileira*” (1901-1907), “*A Educação Nacional*” (1906) e *História da Literatura Brasileira* (1908). José Veríssimo destacou-se também no jornalismo, foi articulista de: *A Província do Pará*, *Diário do Grão Pará*, *Diário de Notícias* e *Diário de Belém*. E, também, se destacou na editoração, principalmente de periódicos, tais como: no Pará - *O Gazeta*, e a *Revista Amazônica*, periódico bem reputado que contou com as contribuições de: Emílio Goeldi, Ferreira Penna, João Lúcio Azevedo, Lauro Sodré, Paes de Carvalho e Tito Franco; e no Rio de Janeiro - *A Revista Brasileira*, cujo escritório arrebanhou uma plêiade de escritores que fundaram a Academia Brasileira de Letras. Todavia, José Veríssimo possui um papel destacado também na Educação, tendo sido diretor de Instrução Pública na capital paraense entre os anos de 1880 até 1891, no ano que se transferiu para o Rio de Janeiro para ser professor e depois diretor da Escola Normal e do Ginásio Nacional, atual Colégio Pedro II. (cf. VERISSIMO, Ignácio José. **José Veríssimo visto por dentro**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966. 309 p. (Série Raimundo Monteiro, 8).

Alto funcionário da Fazenda Nacional, tendo exercido funções importantes, em Belém, a de inspetor de alfândega, EURICO SERZEDELLO MACHADO, não deixou que os números e as cifras nele estancassem o amor às letras, para cujo desenvolvimento vem contribuindo, infatigavelmente, com a finura do seu espírito e a sensibilidade do seu coração<sup>500</sup>.

A francofilia era uma característica muito forte em Annuciada Chaves e bastante presente em sua produção científica, hábito comum aos intelectuais da época, portanto não era atípico se deparar com frases em francês permeando seus textos, como pode ser verificado no artigo *Geografia, paisagem e emoção*<sup>501</sup>, publicado por ela na *Revista Norte* em fevereiro de 1952, neste artigo ela faz uma análise interessante das sinestésias que as paisagens geográficas provocam nos indivíduos. A inserção de citações em francês, no fragmento a seguir, demonstra não só o seu vasto conhecimento linguístico, como também a sua necessidade de demarcar seu espaço na seara intelectual por meio da incorporação de citações francêlas em seus textos, como é perceptível:

Elementos acessórios, mas, sem dúvida, de grande valor como realce panorâmico, são o vermelho e o amarelo, principalmente o primeiro, que, sobretudo nos tons escarlate e carmesim, é um estimulante elementar poderosíssimo, com forte influência, não somente sobre o homem, como sobre vários animais. Talvez provenha o alto valor excitante dessas cores da relativa raridade com que surgem na paisagem, onde, habitualmente secundárias, assumem, vez por outra, posição dominante, apesar de efêmera, como no romper do dia, nos crepúsculos e nas auroras boreais, imprimindo, então, à natureza aspectos inesquecíveis, de extraordinário poder emotivo e sugestão artística incomum, capazes de fixar para sempre, no espírito, cenas, palavras, gestos, sentimentos que, sem eles, acabariam por perder-se nas pregas do esquecimento. Obedeceu a essa força evocativa o poeta, quando cantou:  
 “Tu m’appelles ta vie, appelle moi ton âme;  
 Car l’âme est immortelle, et la vie est un jour.  
 Pourquoi devant ce ciel que le couchant enflame  
 Me suis-je souvenu de ces deux vers d’amour?”<sup>502</sup>

As artes também foram uma temática bastante abordada pela professora Annuciada Chaves, principalmente o Teatro, que era uma fonte de lazer contumaz em sua vida, tanto que foram encontrados, em seu acervo particular existente no Centro de Memória da Amazônia da UFPA, 39 programas de peças que ela assistiu. Além disso, ela frequentemente comprava livros de crítica teatral e história do teatro, sendo que este assunto ocupava cerca de 9,9% de seu acervo (como foi apontado no capítulo 1 desta tese).

<sup>500</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Apresentação. In: MACHADO, Eurico Serzedello. *Na Seara do pensamento*. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1975, p. 3.

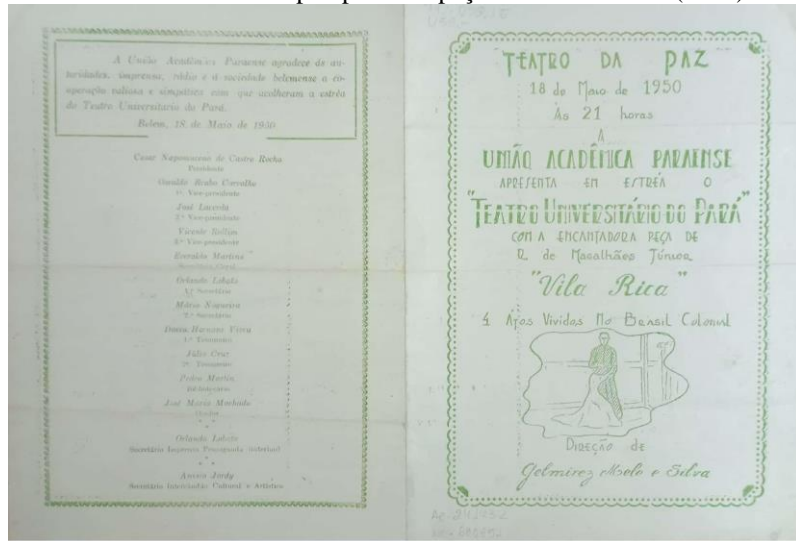
<sup>501</sup> *Id.* *Geografia, paisagem e emoção*. **Norte**: revista bi-mensal, Belém, v. 1, n. 1, p. 19, fev. 1952.

<sup>502</sup> *Id.*, 1952, p. 19. Tradução minha: “Você me chama de sua vida, me chama de sua alma; / Pois a alma é imortal, e a vida é um dia. / Por que diante desse céu que o pôr do sol acende/ Eu me lembrei dessas duas linhas de amor?”

Esse seu interesse pelo Teatro a motivou a escrever “Música sacra, autos e teatros profanos”, publicada no livro *Pará, capital: Belém: memória & pessoas & coisas & loisas da cidade*, de autoria de Haroldo Maranhão<sup>503</sup>.

Sua atuação destacada em conhecimentos tanto históricos quanto teatrais, lhe conferiu um convite para ser a Consultora histórica da peça *Vila Rica*, encenada pela União Acadêmica Paraense, no Teatro da Paz, em 1950, sob a direção de Gelmirez Melo e Silva, seu ex-aluno do Colégio Moderno<sup>504</sup>.

Foto 218 – Frente do prospecto da peça teatral *Vila Rica* (1950)



Digitalizado com CamScanner

Fonte: Acervo da BC/UFPA (2018).

Foto 219 – Verso do prospecto da peça teatral *Vila Rica* (1950).



Digitalizado com CamScanner

Fonte: Acervo da BC/UFPA (2018).

<sup>503</sup> CHAVES, Maria Anunciada. *Música sacra, autos e teatros profanos*. In: MARANHÃO, Haroldo. *Pará, capital: Belém: memória & pessoas & coisas & loisas da cidade*. Belém: Fundação Cultural do Município de Belém, 2000. 377 p., p. 69.

<sup>504</sup> UNIÃO ACADÊMICA PARAENSE. *Peça Vila Rica*. Belém, 1950. Orientação Histórica de Maria Anunciada Chaves. Peça encenada no Teatro da Paz, em 18 de maio de 1950. 4 p.

Embora a língua inglesa não fosse alvo de predileção de Anunciada Chaves, ela também era utilizada em alguns de seus escritos, como se pode ver no artigo: *Em memória de Augusto Serra e Emiliana Sarmiento Ferreira*, a seguir:

De Emiliana Sarmiento Ferreira – a Professora Sarmiento do “Paes de Carvalho” – poder-se-ia dizer como Sir Christopher Wren, famoso arquiteto da era elisabetana: “If you seek for my monument, look around”<sup>505</sup>. Basta olhar ao redor da vida longa e fecunda de uma das mais notáveis figuras que por aqui passaram para deparar com gestos de bravura, dignidade, dedicação, probidade e firmeza [...].<sup>506</sup>

Analogamente Anunciada Chaves, com frequência, fazia uso de expressões latinas, muito provavelmente, essa influência se deva à sua formação jurídica, além da ostentação *do background* cultural que é próprio dos intelectuais que faziam parte de associações que compuseram aquela que Maria Madalena Diegues Quintela chamou de “elite cultural”<sup>507</sup>, como bem se observa aqui:

Aos três últimos lustros percorridos por essa correnteza, integrou-se o Conselho Estadual de Cultura, que desfruta o privilégio de ouvir Otávio Mendonça, quase semanalmente, em suas reuniões ordinárias. Vários dos pronunciamentos ali feitos nesta seleta, ligando-a indelevelmente à instituição, que se orgulha de ter ensejado ambiente propício a tão belas manifestações da inteligência do saber. “Verba volant, scripta manent”<sup>508</sup>.

No trecho acima, Anunciada Chaves elogia a eloquência e a produtividade científica de Otávio Mendonça, a quem ela considerava “o mago da palavra”<sup>509</sup>, e ao prefaciar a obra *Palavras no tempo*, na qual Otávio Mendonça reúne boa parte de seus discursos, palestras e conferências, a professora usa a expressão latina: “Verba volant, scripta manent”, o que traduzindo corresponde a “As palavras voam, os escritos permanecem”, frase muito adequada por sinal, já que o próprio livro denomina-se *Palavras no tempo*. Desse modo, Anunciada Chaves adverte para a importância do registro das produções intelectuais para que as futuras gerações conheçam o modo de pensar dos intelectuais de outrora.

<sup>505</sup> Tradução minha: Se você procurar meu monumento, basta olhar ao redor.

<sup>506</sup> CHAVES, Maria Anunciada. Em memória de Augusto Serra e Emiliana Sarmiento Ferreira, no ato de inauguração dos seus retratos na galeria da Congregação do Colégio Estadual Paes de Carvalho, em 13 de março de 1979. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 9, n. 33/34, p. 113, jan./jun. 1979.

<sup>507</sup> QUINTELA, Maria Madalena Diégues. Cultura e poder ou espelho, espelho meu: existe alguém mais culto do que eu?. In: MICELI, Sérgio (Org.). **Estado e cultura no Brasil**. São Paulo: Difel, 1984, p. 113 – 134.

<sup>508</sup> CHAVES, Maria Anunciada Ramos. Apresentação In: MENDONÇA, Otávio. **Palavras no tempo**. Belém: Grafisa, 1984. p. 9-11., p. 10.

<sup>509</sup> *Ibid.*

O uso do latim nunca foi tão apropriado quanto no artigo *O Jubileu sacerdotal de D. Alberto Gaudêncio Ramos*, visto que o uso de língua latina é um conhecimento contumaz na vida dos sacerdotes, assim sobre o sétimo Arcebispo de Belém do Pará, Annunciada Chaves fala:

Simple e generoso, tolerante e prudente, tem conduzido a barca de Pedro nas águas nem sempre tranquilas do Rio Mar. Sem se afastar dos princípios da Igreja **Semper inhaerere mandatis**<sup>510</sup> – tem sabido manter a harmonia com a sociedade e o poder público, o respeito mútuo, a indulgência necessária ao convívio humano, numa época difícil como a que atravessam o país e o mundo<sup>511</sup>.

O fecho dos textos era um lugar comum para Annunciada Chaves utilizar o latim, como foi feito na apresentação de *Uma Leitura da música de Waldemar Henrique*, escrito por Lenora Menezes, ao dizer:

No seu pórtico, em sinal de admiração e reverência, inscreve os nomes de Carlos Gomes e Manuel Bandeira, no sesquicentenário e no centenário dos respectivos nascimentos, e de Antonio Tavernard, no cinquentenário de sua morte, e o de Waldemar Henrique, aos oitenta e um anos de sua gloriosa existência.  
*Nunc et semper!*<sup>512</sup>

Todavia, apesar de Annunciada Chaves utilizar com frequência expressões latinas em seus textos, ela acreditava que o estudo do latim nas escolas secundaristas era excessivo e tomava espaço de outras disciplinas mais práticas que poderiam auxiliar muito mais os estudantes a se aperfeiçoarem para o ingresso no mercado profissional em detrimento da vasta carga horária que se despendia ao estudo de uma língua morta, assim, sobre a manutenção do estudo do latim na grade curricular do ensino secundário, Annunciada Chaves aduz:

[...]  
Tome-se como ilustração aos dois últimos pontos o latim, ensinado intensamente no curso secundário e do qual os alunos nada, ou quase nada aprendem. Um só ano de estudo dessa língua se coloca em momento próprio na distribuição do curso, talvez lhe fosse muito mais útil e contribuísse até para o descongestionamento dos exames de segunda época nas series iniciais. O que a intensificação do ensino do latim produziu entre os secundaristas foi imensa ojeriza, a uma língua que, embora morta, não perdeu o seu valor no mundo hodierno, como expressão de cultura e de beleza, mas deixou de ser o “Abra-te sésamo de outrora”. Qualquer idioma vivo de ampla repercussão na atualidade, como o francês ou o inglês, bem manejado representa hoje

<sup>510</sup> Tradução nossa: Siga sempre as instruções.

<sup>511</sup> CHAVES, Maria Annuciada. O Jubileu sacerdotal de D. Alberto Gaudêncio Ramos. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 1, p. 98-99, jan./jun. 1990. Discurso pronunciado em nome da Academia Paraense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e do Conselho Estadual de Cultura, em sessão solene realizada a 26.09.89, na sede da primeira. Tradução nossa: Seguir sempre as orientações.

<sup>512</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Apresentação. In: BRITO, Maria Lenora Menezes de. **Uma Leitura da música de Waldemar Henrique**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1986. 71 p., p. 6, (Coleção Cultura paraense. Teodoro Braga). Tradução nossa Agora e sempre.

uma fonte informativa muito mais importante que o latim, mesmo para a compreensão da civilização clássica”.  
[...]<sup>513</sup>.

Frequentemente, Annuciada Chaves costumava dizer que não era escritora e muito menos poetisa como assim expressou na apresentação do livro *Rumotempo*, do imortal De Campos Ribeiro, ao afirmar:

[...] Acatei o convite para apresentar esta coletânea de versos ao público pela amizade que me liga a De Campos Ribeiro, sobretudo ao *velho*, o lírico admirável de “Gostosa Belém de Outrora”. Não sou poeta, e, de poesia, só sei dizer se gosto ou se não gosto. E, como *gosto* deste RUMOTEMPO, abalanchando-me a entregá-lo aos leitores, certa de que será bem recebida.  
[...]<sup>514</sup>.

No entanto, por mais que Annuciada Chaves não se considerasse uma poetisa como afirmou no excerto acima, ela escrevia com um certo lirismo mesmo em textos mais científicos, como pode ser visto neste trecho extraído do artigo *Cotijuba*<sup>515</sup>, publicado na *Revista Tribunal de Justiça do Estado do Pará* em 1986, a seguir: “Poucas vezes vi obra tão digna de admiração. A ilhota erguia-se pouco acima do nível das águas, plana, tranquila e repousante, cercada de praias acolhedoras, lambida por todos os lados pela baía envolvente, ostentando os leques dos seus altos coqueiros, na maioria carregados de frutos”<sup>516</sup>.

Peça de inigualável beleza é parte do discurso que Annuciada Chaves fez por ocasião dos 127 anos do Colégio Paes de Carvalho, em que revela todo o seu amor pelo o CEPC e, inclusive, confessa que se sente em casa quando pisa no antigo casarão da Rua Saldanha Marinho, ao revelar:

Conta Joaquim Nabuco, em “Minha formação”, que muitas vezes, ao pisar as ruas de Paris, Londres ou Roma, sentia, de súbito, o solo amolecer sob seus pés, dando-lhe a impressão de que pisava o bagaço da cana do engenho em que passara grande parte de sua infância. Quando contemplou o “Angelus” de Millet, no Museu do Louvre, julgou ouvir, ao longe, o toque da sineta que, no engenho de sua madrinha, chamava os escravos à oração da Ave Maria. Todos nós temos no íntimo do ser profundas ressonâncias que nos ficaram da infância e da adolescência e vibram dentro de nós durante toda a vida.

Para mim, o Colégio Estadual “Paes de Carvalho” é uma das mais vivas caixas de ressonância, pois, apesar de não ter sido aluna do velho estabelecimento, ocupa ele lugar importante em minha formação<sup>517</sup>.

<sup>513</sup>CHAVES, Maria Annuciada. O Ensino no Brasil e a criação da Faculdade de Filosofia do Pará. **O Estudante**: Órgão oficial da União dos estudantes dos Cursos Secundários do Pará, Belém, v. 8, n. 4, p. 2, maio de 1954.

<sup>514</sup> *Id.* Prefácio. In: RIBEIRO, José Guilherme de Campos. **Rumotempo**: poesias. [Belém]: Semec, 1979, p. 7.

<sup>515</sup> *Id.* Geografia, paisagem e emoção. **Norte**: revista bi-mensal, Belém, v. 1, n. 1, fev., p. 16-25, fev. 1952.

<sup>516</sup> *Id.* Cotijuba. **Revista do Tribunal de Justiça do Estado do Pará**, Belém, v. 30, n. 39, p. 123, 1986.

<sup>517</sup> *Id.* Os 127 anos do CEPC. In: REGO, Clóvis Moraes. **Subsídios para a história do Colégio Estadual Paes de Carvalho**. Belém : Edufpa ; L&A, 2002, p. 377.

A lusofilia também é uma característica muito acentuada na obra de Annuciada Chaves, temática que ocupou muito de sua produção científica, característica que demonstra uma certa visão tradicionalista da história brasileira. E essa sua postura não se alterou mesmo com o passar dos anos, prova disso pode ser constatada no prefácio da obra *A Amazônia que os portugueses revelaram*<sup>518</sup>, escrita pelo historiador manauara, Arthur Cezar Ferreira Reis, originalmente publicada em 1957 e reeditada pela Secretaria de Cultura do Estado do Pará (SECULT-PA), em 1994, na coleção *Lendo o Pará*<sup>519</sup>, como segue: “Politicamente uno, graças, sobretudo, à atuação colonizadora dos portugueses, nosso País apresenta, geograficamente, regiões bem definidas, entre as quais sobressai a Amazônia por suas características especiais”<sup>520</sup>.

Annuciada Chaves realça também que os portugueses foram os imigrantes que mais se adaptaram à região Amazônica, como ela explicita no trecho abaixo:

[...]

Nesta época, em que se tornou uma espécie de moda malsinar, caluniar e denegrir a obra lusitana no Brasil, particularmente no imenso vale, a reedição deste livro pela Secretaria da Cultura, na coleção vitoriosa *Lendo o Pará*, é não só oportuna, como profundamente salutar à formação das novas gerações. Nele ressaltam os variadíssimos aspectos de que se reveste a Amazônia, que tanto dificultam a sua compreensão, bem como o esforço extraordinário feito pelos portugueses no século XVII, para iniciar a sua ocupação.

[...] <sup>521</sup>.

<sup>518</sup> *Id.* Prefácio. In: REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Amazônia que os portugueses revelaram**. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. 129 p., p. 7, (*Lendo o Pará*; 17).

<sup>519</sup> Essa coleção foi um projeto desenvolvido pela Secretaria de Estado de Cultura do Pará e da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, lançado em 1998, na gestão do governador Hélio da Mota Gueiros. Em linhas gerais, o projeto tinha o objetivo de: “Promover a valorização e o resgate da produção literária paraense através da reedição e divulgação de obras significativas dos seus diferentes ciclos” (PARÁ. Governo do Estado. Secretaria de Cultura do Estado do Pará. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. Projeto: *Lendo o Pará*: resgate da produção literária paraense. Belém: SECULT-PA, 1998). Foram reeditados 20 títulos, a saber: v. 1: ARANHA, Bento de Figueiredo Tenreiro. Obras literárias de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha; v. 2: Eneida. Aruanda. Banho de cheiro; v. 3: CARVALHO, João Marques de. Hortência; v. 4: MOURA, Ignacio Baptista de. De Belém a S. João do Araguaia: vale do rio Tocantins; v. 5: BETTENDORFF, João Felipe. Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. 2. ed.; v. 6: FLORES, Jaques. Panela de barro: (Crônicas - Ensaios - Fantasias). 2. ed.; v. 7: AZEVEDO, J. Eustachio de. Literatura paraense. 3. ed.; v. 8: SOUSA, H. Inglês de. História de um pescador: cenas da vida do Amazonas. 2. ed.; v. 9: VIANNA, Arthur. A Santa Casa de Misericórdia Paraense: notícia histórica 1650-1902. 2. ed.; v. 10: TAVARES, Luiz Demétrio Juvenal. Serões da mãe preta: contos populares para as crianças. 2. ed.; v. 11: VIANNA, Arthur. **A Santa Casa de Misericórdia Paraense**: notícia histórica 1650-1902. 2. ed.; v. 12: MARAJÓ, José Coelho da Gama e Abreu Barão de. As Regiões amazônicas: estudos chorographicos dos Estados do Gram Pará e Amazonas. 2. ed.; v. 13: LUSTOSA, Antonio de Almeida. Dom Macedo Costa: (Bispo do Pará). 2. ed.; v. 14: MENEZES, Bruno de. Obras completas de Bruno de Menezes; v. 15: REIS, Arthur Cezar Ferreira. Limites e demarcações na Amazônia brasileira. [2. ed.]; v. 16: REIS, Arthur Cezar Ferreira. A Política de Portugal no Valle Amazônico. 2. ed.; v. 17: REIS, Arthur Cezar Ferreira. *A Amazônia que os portugueses revelaram*; v. 18: VERÍSSIMO, José. Que é literatura? e outros escriptos; v. 19: AZEVEDO, J. Lúcio de. Estudos de história paraense; e v. 20: AZEVEDO, J. Lúcio de. Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização: bosquejo histórico com vários documentos inéditos. (UFPA. Sistema de Bibliotecas. Relatório de Produção Sistema Pergamum. Belém, 2022).

<sup>520</sup> CHAVES, Maria Annuciada. **Traços de Cultura Paraense**. Belém: Imprensa Universitária, 1981, p. 7.

<sup>521</sup> *Id.*, 1994, op. cit., não paginado. Grifo da autora do prefácio.

Com base no excerto acima percebe-se uma certa indignação de Annuciada Chaves com as novas correntes historiográficas brasileiras que passaram a se ocupar não mais com a reprodução da História do Brasil como vinha sendo feita há anos, e sim com a busca de novas interpretações de fatos históricos que nem sempre culminavam com uma visão muito positiva dos lusitanos. Os termos adotados por ela, tais como: “malsinar, caluniar, denegrir” – demonstram bem, como ela se incomodava com essa postura adotada pelos novos historiadores.

Salientamos que a postura de Annuciada Chaves não mudou àquela altura, porque, por mais que os seus escritos lusófonos supracitados datem de 1957, este trecho extraído de seu prefácio data de 1994.

Ao discursar de improviso em homenagem aos 127 anos do Colégio Paes de Carvalho, faz associação entre a saudação ao rei de Portugal e ao Colégio Paes de Carvalho, como segue:

Na fase final da Independência de Portugal – narra Alexandre Herculano – acostumaram-se os que lutaram pela libertação de seu país a saudar-se com uma frase que exprimia sua confiança naquele que se tornara símbolo da nascente nacionalidade: “Vida longa e vida nobre ao nosso Rei – Afonso Henriques!”. Nós também reunidos aqui, neste momento, para comemorar mais um aniversário de uma das mais respeitáveis casa de ensino do Brasil podemos exclamar, cheios de fé e de esperança: “Vida longa e vida nobre ao Colégio Estadual “Paes de Carvalho”! No curso dessa brilhante oração, cujo integral texto seria impraticável fielmente recompor, mas que a síntese retrata o porte de sua expressão, houve, vez por outra, lances de grandes emoções, de rara propriedade vocabular, de singular felicidade e de impressionante colorido<sup>522</sup>.

A perspicácia em determinar locais estratégicos para proteger suas colônias e a desenvoltura nas habilidades de navegação eram frequentemente evidenciadas por Annuciada Chaves, a fim de enaltecer os ex-colonizadores do Brasil, ao dizer:

A Amazônia lusitana, hoje brasileira, originou-se no forte do Presépio, ponto de partida da cidade de Belém, fundada por Francisco Caldeira Castelo Branco, em 1616. Daí surgiria, a reação lusa contra ingleses e holandeses estabelecidos em fortins e feitorias na foz do Amazonas. O domínio dessa foz resultaria, por imposição histórico-geográfica, na implantação do Império português ao longo do enorme rio e seus afluentes. Aqueles cursos d’água, que “pareciam infinitos” aos olhos inteligentes do Padre Antônio Vieira, conduziram a penetração lusitana no imenso vale. A exploração da Amazônia se fez sob o signo potâmico, sendo os rios os verdadeiros fios de Ariadne a guiar os portugueses, exímios navegadores, na penetração da planície<sup>523</sup>.

Annuciada Chaves também sublinhava frequentemente, em seus escritos, as qualidades do povo amazônida e dos demais povos que vieram para a Amazônia e ajudaram a

<sup>522</sup> CHAVES, Maria Annuciada, 2002, op. cit., p. 380.

<sup>523</sup> *Id.* Notas sobre o povoamento da Amazônia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA, 1., 198?, Recife. **Anais ...** Recife : Fundação Joaquim Nabuco, 198?., p. 98.



povoá-la e desenvolvê-la, principalmente os lusitanos, como pode ser visto na passagem abaixo extraída do texto honorífico que escreveu em favor do D. Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo de Belém, no período de 1957-1990, quando aduz: “[...] Filho de portugueses horados e laboriosos, Manoel Gaudêncio Ramos e Aurora d’ Abreu Pereira Ramos, trouxe do berço os traços característicos de seus ancestrais: **coragem, tenacidade, sobriedade, dedicação ao trabalho e perseverança.** [...]”<sup>524</sup>.

Tais características do povo português que grifei, e que foram elencadas por Annuciada Chaves, dizem respeito ao povo lusitano com certeza, porém existem algumas características pouco dignificantes dos lusos, das quais o povo brasileiro foi vítima, e que parecem ser naturalizadas pela historiadora.

Essa lusofonia de Annuciada Chaves era muito influenciada também pela sua aproximação de Gilberto Freyre, criador do Lusotropicalismo. Para o eminente sociólogo pernambucano, Lusotropical é uma expressão: “própria a definir o que há de comum às civilizações de origem portuguesa, cuja projeção sobre as áreas sobretudo tropical de paisagem, de vida, de cultura, só modificado e alterado por variações secundárias de região ou províncias”<sup>525</sup>.

Numa conferência pronunciada em Goa, no ano de 1951, (incluída no livro “Um brasileiro em terras portuguesas”) Gilberto Freyre avança um pouco mais no seu novo campo de estudos – a sociologia tropicalista – uma sociologia que é, também, história lusotropicalista, filosofia lusotropicalista, antropologia lusotropicalista – e nos explica:

[...] No caso dos povos lusotropicais, acontece, porém, isto de singular, não deixam de ser lusos ao tomarem consciência de sua condição de povos extra-europeus, com um novo tipo de civilização a desenvolver. O Brasil, já grande nação da América desde o fim da 1ª Grande Guerra, começa a ser a primeira potência, principalmente tropical, sem sentir a necessidade de deixar de ser lusitana nas suas principais formas de convivência e de cultura. Ao contrário, fazendo gala de uma lusitanidade que não lhe compete a condição de povo criador extra-europeu; e não passivamente lacaio de Paris ou de Londres; de Lisboa ou de Madri [...]<sup>526</sup>.

O Lusotropicalismo foi um conceito que entendia que os países que foram colonizados por Portugal acabavam se convertendo em um país híbrido, que possuía hábitos próprios de localidades influenciadas pelos trópicos aliados às influências da cultura do colonizador. Freyre chegava a dizer que estes eram países extra-europeus. No entanto, as situações criadas para

<sup>524</sup> *Id.*, 1990, *op. cit.*, p. 96. Grifo meu.

<sup>525</sup> TOCANTINS, Leandro. Introdução. In: FREYRE, Gilberto. **A Amazônia brasileira e uma possível lusotropicologia**. Rio de Janeiro : SPVEA, [19--]., p. ix.

<sup>526</sup> Gilberto Freyre *apud* LEME, Rafael Souza Campos de Moraes. **Absurdos e milagres: um estudo sobre a política externa do lusotropicalismo (1930-1960)**. Brasília: FUNAG, 2011. 160 p., p. 35.

além desses encontros de raças revelam contornos bem mais dramáticos, pois os portugueses possuíam outras características além da mobilidade, da miscibilidade e da aclimatabilidade elencadas por Gilberto Freyre, e sobre as quais ele teceu todo o seu conceito de Lusotropologia. Houve uma série de roubos, estupros, desmandos e outras degenerações que trouxe muito sofrimento e perdas às populações nativas dos trópicos, que o digam os decolonialistas: Edward Said<sup>527</sup>, Gayatri Spivak<sup>528</sup>, e Homi Bhabha<sup>529</sup>, que através de seus estudos de insurgência à cultura eurocêntrica, vêm modificando os discursos científicos de várias ciências, inclusive o da História.

Para a socióloga paraense Edna Castro, a deconialidade: “Trata-se de imaginar uma perspectiva crítica à epistemologia moderna visando romper com o evolucionismo, e alterar as narrativas dominantes na medida que reconhece que o saber é parte da *práxis* e da experiência coletiva<sup>530</sup>.”

A decolonialidade representa uma releitura dos fatos históricos sob uma outra perspectiva, sob a ótica dos vencidos em suas várias experiências. Isto é, romper a mudez historiográfica e enaltecer os aspectos peculiares e avaliativos perante os vencidos, isso sem invisibilizar os traços da colonização, mas antes a considerando e fornecendo um viés de teoria e análise de transpô-la e gerar o seu ambiente usual epistemológico em face do panorama eurocêntrico existente na esfera da ciência.

Outra característica recorrente nos escritos de Annuciada Chaves era o uso de vocábulos invulgares, nota-se no discurso *As Festas da inteligência*<sup>531</sup>, proferido por ocasião da formatura da turma de Guarda Livros do Colégio Moderno, em 14 de dezembro de 1944, a seguir:

Brumoso é o horizonte que descortinamos. Violentas convulsões agitam o organismo social, criando um ambiente de inquietação e urgência que empana as paisagens doces e tranquilas da vida. Instituições e ideais periclitam: estruturas outrora consideradas de indiscutível solidez, desabam; o Homem caminha, hesitante, cercado de incertezas e de escombros.

O extraordinário desenvolvimento mecânico e industrial de nossos dias, gerador de um elevado grau de conforto que bem poucos podem gozar de sua plenitude acentua as desigualdades da orografia social, em vez de dirimi-las, e agrava o mal-estar característico de nossa época.

[...]

<sup>527</sup> SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>528</sup> SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

<sup>529</sup> BHABHA, Homi. **O Local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

<sup>530</sup> CASTRO, Edna. Epistemologias e caminhos da crítica sociológica latino-americana. In: CASTRO, Edna; PINTO, Renan Freitas (orgs.). **Decolonialidade e sociologia na América Latina**. Belém: NAEA/UFPA, 2018.

<sup>531</sup> CHAVES, Maria Annuciada. **As Festas da Inteligência**, discurso proferido por ocasião da formatura da turma de Guarda Livros do Colégio Moderno, em 14 de dezembro de 1944, p. 2.

Tem havido na História fluxos que impellem para as praias remansosas os menos hábeis nadadores. Não nos encontrais num deles. Tereis de nadar contra a correnteza em mar encapelado. A princípio sentir-vos-eis prestes a soçobrar. Lembrai-vos, então, que outros, antes de vós, encontraram também vagas enormes e não submergiram [...].

Esse uso de palavras difíceis se configura como uma demarcação de território intelectual, pois ao mesmo tempo em que Annuciada Chaves exhibe seu *background* cultural, ela também torna a sua produção particular, o que faz com que os leitores a recebam, a assimilem, e aprendam com ela. Entretanto, apesar deste preciosismo linguístico, é notório que os seus escritos eram inteligíveis.

Annuciada Chaves era apaixonada por dicionários, uma afeição que nutria desde a infância. Ela tinha o *hobby* de lê-los aleatoriamente em seus momentos de ociosidade<sup>532</sup>, infere-se, portanto, que tenha surgido desse hábito a facilidade com que ela redigia seus textos permeados de termos pouco conhecidos da maioria da audiência.

A participação de Annuciada Chaves em afamadas instituições culturais as quais foi associada e, sobretudo, por ter sido presidente do CEC-PA, e mesmo depois de não ocupar mais este cargo, por ter pertencido a várias câmaras deste Conselho, além de ter organizado séries editoriais, conferiram-lhe a elaboração de muitos prefácios e apresentações, assim sendo, era comum ela se valer de duas estratégias discursivas, a saber: a) salientar alguns traços da personalidade do autor prefaciado, e b) fazer um resumo biográfico do autor prefaciado.

Para a primeira estratégia discursiva, separamos o excerto abaixo extraído da apresentação de *A Obra poética e a crítica de Mário Faustino*, escrito por Benedito Nunes, em 1986, assim descreve, o jovem poeta piauiense:

[...] Simpático, irrequieto e comunicativo, dirigiu-se a mim, no primeiro dia de aula, a fim de solicitar permissão para retirar-se antes do término da hora regimental, o que precisaria fazer frequentemente, em face de seus compromissos jornalísticos, visto que as aulas de História eram ministradas no fim da tarde. Atendi, de pronto, seu pedido, sem prejuízo da frequência obrigatória, e logo percebi que se tratava de um moço inteligente, sensível, estudioso, mas pouco interessado pelo passado da humanidade<sup>533</sup>.

Igualmente fez no artigo *Helena Sousa*, em que descreve a insigne articulista e musicista paraense:

Seu porte intelectual e moral contrastava com sua pequena estatura, manifestando-se, de pronto, na linguagem viva, fluente e correta, nas observações sagazes, na lucidez,

<sup>532</sup> MORAES, Ruth Burlamaqui de. Maria Annuciada e o ensino superior no Pará. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 14, n. 1, p. 12, jan. 2003.

<sup>533</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Apresentação. In: NUNES, Benedito. *A Obra poética e a crítica de Mário Faustino*: com um adendo comemorativo sobre o poeta. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1986. p. 12. (Coleção 'Literatura Paraense'. Série 'Eustachio de Azevedo').

na originalidade do pensamento. Falando ou escrevendo, revelava a inteligência brilhante que cultivava, sempre a serviço de ideias elevadas, tanto no território literário como no espiritual, onde seus sentimentos cristãos de católica sincera e estudiosa espalhavam um suave perfume de fé, esperança e caridade<sup>534</sup>.

Quanto à segunda estratégia discursiva, é possível conhecer um pouco mais sobre a vida de Arthur Cezar Ferreira Reis, um confrade de Annunciada Chaves, que além de amigo pessoal, trabalhou com ela em várias instituições educacionais e culturais, e que tem uma trajetória de vida bem similar a sua, pois também migrou das ciências jurídicas para o ensino de história, como pode ser visto na passagem abaixo extraída do prefácio redigido para a obra *A Amazônia que os portugueses revelaram*, escrita pelo historiador manauara, como segue:

[...]

Formado em Direito, Arthur Cezar Ferreira Reis não se integrou às atividades jurídicas. Voltou-se desde cedo aos estudos históricos, núcleo da sua vida intelectual, que se projetou no jornalismo, no magistério e na administração pública, onde deixou marcas indeléveis. Trabalhador infatigável, dedicou parte de sua permanência em Belém à investigação criteriosa e inteligente do Arquivo Público, [...]. Natural do Amazonas, considerava a capital paraense sua terra de eleição, na qual conquistou lugar privilegiado como jornalista e professor e exerceu funções importantes, entre as quais: a de Chefe da Divisão de Expansão Econômica do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; e a de Superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPEVEA), em que atuou com grandeza intelectual, invulgar capacidade de trabalho e inatacável probidade.

Em virtude do movimento militar de 64, ocupa o cargo de Governador do Amazonas, no qual realizou notável trabalho cultural, com a edição e reedição de obras importantes sobre a Amazônia [...].

Terminando seu mandato no governo do Amazonas, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde continuou, sem desfalecimento, sua fulgurante trajetória, escrevendo obras admiráveis e integrando o Conselho Federal de Cultura, que presidiu durante vários anos, com invariável competência<sup>535</sup>.

Com esse estratagema, Annunciada Chaves não só exalta as características laborais e intelectuais do prefaciado, como também ostenta que pertence a um meio social culto, repleto de personalidades de grande projeção no setor político, cultural e social, quer seja local e nacional.

Uma temática contumaz nos escritos de Annunciada Chaves era a sua ênfase a importância dos livros e de instituições culturais, como bibliotecas, arquivos e museus, além da própria leitura, como demonstra o texto a seguir:

17 - Muito importante são, nesse trabalho de aprofundamento e difusão cultural, as bibliotecas, os arquivos e os museus. Todo município pode ter sua biblioteca pública, por mais modesta que seja, reduzida, se melhor não for possível, a uma sala num

<sup>534</sup> CHAVES, Maria Annunciada. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 11, n. 2, p. 358, jul./dez. 1990. Reconstituição do pronunciamento feito de improviso na sessão ordinária de 14.08.1990, do Conselho Estadual de Cultura.

<sup>535</sup> *Id.* Prefácio. In: REIS, Arthur Cezar Ferreira. *A Amazônia que os portugueses revelaram*. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. 129 p. (Lendo o Pará; 17). Não paginado.

estabelecimento de ensino ou numa repartição pública. A semente, embora singela, germinará ao calor da administração e do povo, e poderá transformar-se em árvore frondosa. Goza o Brasil, nesse aspecto, de uma característica fundamental, herdada da colonização portuguesa e que constitui a base principal da unidade nacional – a língua única. Se o nosso idioma apresenta traços regionais, que diferenciam o nortista do gaúcho, o nordestino do carioca, o baiano do mineiro, a motivação interna das populações desde o século XVI, determinou a intercomunicação dos grupos humanos, permitindo a unidade linguística, sem prejuízo dos aspectos peculiares a cada região, por força de circunstâncias ecológicas e influências psicológicas locais<sup>536</sup>.

Ao homenagear o insigne literário luso-brasileiro (e porque não considerá-lo luso-paraense) Ferreira de Castro, no artigo que Annunciada Chaves apresentou no I Congresso Luso-Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em 1980, ela elogiou o caráter polímato do autor do romance *A Selva* e, de igual modo, enfatizou a importância da Biblioteca e Arquivo Público do Pará para a sua formação cultural, ao dizer:

Afirmou que Belém [do Pará] exerceu grande influência sobre sua formação. Foi aí que iniciou sua cultura, frequentando-lhe a Biblioteca Pública, a primeira que entrou. Autodidata, só fez estudos regulares em sua terra natal – Ossela – onde cursou o primário até a quarta série, tendo como professor o Sr. Alfredo Francisco Portela, pai do comerciante Victor Constante Portela, há muitos anos radicado em Belém, atual presidente da Comunidade Luso-Brasileira em nosso Estado. Foi por meio da leitura e da observação direta, que o criador de tantas obras notáveis desenvolveu a inteligência e adquiriu conhecimentos. Iniciou essa formação cultural espontânea na Biblioteca Pública de Belém, pela qual tinha verdadeira veneração, não só por ter sido a primeira casa do gênero em que penetrou e, depois, frequentou, como por lhe ter desvendado o mundo dos livros, que o fascinou, e do qual nunca mais se afastou. Em sinal de amor e gratidão tinha por hábito reservar um dos primeiros exemplares de cada uma de suas obras para essa Biblioteca, tão querida, remetendo-os à instituição que tanto o ajudara a formar o acervo cultural que lastrearia o escritor. Por tudo isso, ficou profundamente emocionado ao receber a medalha comemorativa do centenário daquele valioso depósito de sabedoria<sup>537</sup>.

Inclusive, Annunciada Chaves possuía muito conhecimento sobre a história da biblioteca pública paraense, traçando um panorama histórico em seu artigo intitulado *Biblioteca Pública Arthur Vianna*, em que conta sobre as mudanças de sede, fala um pouco de seus diretores e informa sobre o porquê de a biblioteca pública ter sido batizada com o nome de Arthur Vianna, quando a sede foi transferida da Trav. Campos Sales para a Av. Gentil Bittencourt, o motivo revelado por Annunciada Chaves se deve ao fato de que:

[...] Quando Arthur Vianna assumiu, em 1899, a direção da Biblioteca que possuía, então, 6.000 obras, não havia sequer uma relação das mesmas, conforme declara o ilustre historiador em relatório ao Governador Paes de Carvalho. Coube-lhe a tarefa, desempenhada com extrema competência e dedicação, de reorganizar a Biblioteca,

<sup>536</sup> *Id.* A importância do setor cultural nas prefeituras municipais. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 12, n. 2, p. 217-218, dez. 1991.

<sup>537</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Ferreira de Castro e o Pará. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO, 1., 1980: Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980, p. 151-152.

adotando o sistema de Charles Brunet, que dividia o acervo em sete classes: Teologia, Jurisprudência, Ciência, Artes, Belas Letras, História e Geografia, cada uma delas abrangendo várias subclasses.

Muito justo que se tenha dado o nome de Arthur Vianna à Biblioteca, ao transferi-la para o Centro Cultural e Turístico, em 27 de junho de 1986, já sob a direção abalizada da bibliotecária Valdeia de Nazaré Cunha da Silva, que a ela se tem dedicado com especial carinho<sup>538</sup>.

A professora Annunciada Chaves valorizava muito a feitura de pesquisas, consultando vários materiais bibliográficos e, principalmente, recorrendo às bibliotecas, como ela afirmou na apresentação da obra *Estado do Pará: pesquisa histórico-bibliográfica*, escrita pelas bibliotecárias: Denise Helena Farias de Souza, Maria de Nazareth Moreira Martins de Barros e Luiza Castro das Chagas, a seguir:

Que seria dos escritores, professores, jornalistas, estudantes, médicos, magistrados, advogados, engenheiros, arquitetos, enfim, de todos os que exercem constante atividade intelectual sem os dicionários, as enciclopédias, os manuais, os vocabulários, as antologias, as seletas, os relatórios, os catálogos, os almanaques etc? Quatorze horas por dia, durante trinta anos, dedicou Émile Littré à composição do famoso “Dictionnaire de la langue française” e, mais infelizes que o célebre lexicólogo francês, Bartolomeu Inácio Jorge e Agostinho José da Costa Macedo, organizadores do “Dicionário da Língua Portuguesa”, publicado, em 1793, pela Academia de Ciências de Lisboa, (o qual, aliás, não passou da letra A) cegaram em consequência do longo e desgastante esforço despendido<sup>539</sup>.

Em defesa da leitura, a professora Annunciada Chaves expõe, no seu discurso *Tradição e liberdade*, os benefícios que ela traz para a humanidade, ao dizer:

Haverá fonte mais preciosa de informações, de conhecimentos, de luz, de arejamento intelectual e espiritual do que a leitura? Não é ela uma das mais notáveis conquistas do homem, um dos mais eficientes fatores da civilização, um dos pilares da cultura? No entanto, quanta deturpação, quanta desonestidade, quanta propaganda mentirosa e deformante, no livro, na revista, no jornal, no cartaz, no anúncio. Espalhando jorros de banalidade, saturando a alma de fórmulas preconcebidas, matando a elaboração mental interior e a originalidade do pensar e do sentir, o impresso, muitas vezes, atrofia ou deforma. Ninguém, contudo, poderá considerar a escrita e a imprensa em si, mesmas, como verdadeiros males. São, pelo contrário, instrumentos poderosos, que, frequentemente, pela sua aplicação defeituosa, aceleram a regressão da personalidade, mas que, sem dúvida, se destinam a favorecer-lhe a exaltação. O mundo de hoje é, principalmente, um produto da imprensa, do que se lê diariamente nos jornais, ou mais esparsadamente nas revistas e nos livros<sup>540</sup>.

<sup>538</sup> *Id.* Biblioteca Pública Arthur Vianna. **Jornal O Liberal**, Belém, p. 9, 27 de março de 1988.

<sup>539</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Apresentação. In: SOUZA, Denise Helena Farias de; BARROS, Maria de Nazareth Moreira Martins de; CHAGAS, Luiza Castro das. **Estado do Pará: pesquisa histórico-bibliográfica**. Belém : IOE-PA, 1986. V. 1, p. 4.

<sup>540</sup> *Id.* Tradição e liberdade, discurso proferido no Colégio Moderno durante a formatura dos Técnicos em Contabilidade de 1952. **Folha do Norte**, Belém, 21 de dezembro de 1952., p. 1.

Sempre defendendo o exalçamento dos livros, da leitura, da literatura e a outros temas correlatos a esfera cultural, a professora Annunciada Chaves chama a atenção da audiência sobre a pouca produção editorial de obras que versem sobre autores paraenses ou críticas literárias as suas obras, como pode ser constatado no texto infracitado, extraído da apresentação feita para a obra *Na Academia: Juvenal Tavares e Azevedo Ribeiro: traços biográficos*, escrita pelo jurista José Maria de Azevedo Barbosa, em que aduz:

Tão cuidadosos foram, todavia, as pesquisas e investigações realizadas para traçar os dois perfis – sobretudo, por mais recuados no tempo, o do inspirado poeta de ‘Pyriamos’ – que a peça oratória, de mera oração de praxe, reduzida, por ocasião da solenidade, a proporções adequadas ampliou-se em alendado ensaio, cujo texto integral seria lamentável deixar trancado na gaveta do autor, justamente quando aumenta a mocidade pela literatura paraense, a respeito da qual tão pouco se tem escrito, desde que J. Eustachio de Azevedo publicou ‘Antologia Amazônica’ e ‘Literatura Paraense’ valiosas contribuições para uma futura história literária do Brasil<sup>541</sup>.

Ressalta-se que a observação feita pela professora Annunciada Chaves foi muito pertinente, já que tanto a *Antologia Amazônica* (1904) quanto a *Literatura Paraense* (1922), escritas pelo crítico literário José Eustachio Azevedo, foram lançadas no início do século XX, e a obra por ela apresentada data de 1980, ou seja, já estava quase no final do século, demonstrando que existe um grande hiato intelectual atinente à temática do estudo da literatura paraense. Essa reflexão de Annunciada Chaves serviu para que, na década de 1990, importantes obras fossem produzidas para suprir essa carência; nesse ensejo, que a editora Cejup lançou uma série de oito livros intitulados *Introdução à Literatura no Pará*, organizados pelos escritores José Ildone, Clóvis Meira e Acyr Castro; além disso, a Fundação Cultural do Pará; produziu a *Série Lendo o Pará*, também passou-se a inserir livros de literatura regional como literatura obrigatória nos exames vestibulares das Instituições de Ensino Superior do Pará, e o próprio Conselho Estadual de Cultura criou a *Coleção Literatura Paraense* e a *Série José Eustachio de Azevedo*, justamente para reeditar clássicos da literatura do Pará ou editar obras de críticas literárias de paraenses, como a obra que estava apresentando.

Nessa esteira, Annunciada Chaves procurava fazer justiça em seus escritos por intelectuais que foram pouco valorizados pela sociedade ao longo da vida daquele sujeito ou próximo do findar da existência daquela pessoa, como podemos comprovar na mesma

---

<sup>541</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Apresentação. In: BARBOSA, José Maria de Azevedo. **Na Academia: Juvenal Tavares e Azevedo Ribeiro: traços biográficos**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980, p. 3. (Coleção Literatura Paraense. Série Eustachio Azevedo).

apresentação que escreveu para a obra *Na Academia: Juvenal Tavares e Azevedo Ribeiro: traços biográficos*, ao proferir:

[...] Se não somos de grande riqueza literária possuímos nomes que podem alinhar ao lado dos maiores do país e do estrangeiro, embora não tenham tido a divulgação que mereciam. Entre eles, Juvenal Tavares, que enfrentou sérias dificuldades e morreu esquecido e obscuro. No termo de óbito, desentranhado pelo estudioso autor deste trabalho do Arquivo do Cemitério de S. Nicolau, em Soure, lê-se, apenas: ‘Luiz Juvenal Tavares: com cinquenta e oito anos de idade, cor branca, casado, brasileiro, natural, residente nesta cidade, moléstia ignorada, profissão pescador, em 30 de junho de 1907’. Assim findara a dura existência de quem fora promotor, jornalista, professor e chegara as culminâncias de Diretor de Instrução Pública, figurando entre os grandes nomes da literatura regional no século passado, tais como: Domingos Soares Ferreira Pena, Domingos Antônio Rayol (Barão de Guajará), José da Gama Abreu (Barão de Marajó), Tito Franco de Almeida, José Veríssimo, João Lúcio de Azevedo, Clementino José Lisboa, Geraldo Barbosa de Lima, José Joaquim de Assis, Joaquim Pedro de Correia Freitas, Júlio Cezar Ribeiro de Souza e outros [...]’<sup>542</sup>.

Na passagem acima, Anunciada Chaves demonstra toda a sua indignação com a ignorância das pessoas, principalmente com os conterrâneos de Juvenal Tavares, em cuja lápide consta uma descrição simplória, como se ele tivesse sido um filho de Soure qualquer. E contrapondo a isso, ela fez questão de elencar os diversos cargos e profissões exercidos pelo insigne intelectual sourense, inclusive o ombreando a outros celebre intelectuais paraenses, ou que tiveram atuação destacada na cena cultural paraense.

Consciente das mudanças comportamentais que a sociedade vinha sofrendo em relação principalmente, à educação e seus bens culturais, Anunciada Chaves acreditava que sua biblioteca particular iria ser incorporada ao acervo da UFPA<sup>543</sup>, e por isso, frequentemente em seus discursos mostrava preocupação com a destinação da biblioteca pessoal de seus coetâneos após a sua passagem, como pode ser verificado neste pronunciamento proferido na sessão de 10 de janeiro de 1989, no CEC-PA, em alusão ao falecimento do geógrafo paraibano Eidorfe Moreira, ao dizer:

Não posso deixar de encerrar esta sessão, já bastante extensa, sem fazer uma referência especial à memória do Prof. Eidorfe Moreira, cujo desaparecimento a 2 do mês em curso, representa enorme perda para a cultura paraense.

[...]

Certa de que os ilustres Confrades comungam dos meus sentimentos, proponho que se faça, em Ata, a inserção de um voto de profunda saudade pela irreparável perda de Eidorfe Moreira, disso se dando conhecimento a sua família, à Universidade Federal do Pará, à Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – SUMAM – sucedânea da SPVEA, à Academia Paraense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará, bem como que, tão logo seja possível, o Conselho procure

<sup>542</sup> *Id.*, 1980, *op. cit.*, p. 2.

<sup>543</sup> *Cf.* DAMASO, *op. cit.*, p. 6.



inteirar-se, junto aos familiares do grande Mestre, do destino a ser dado a sua obra valiosa e aos remanescentes de sua preciosa biblioteca<sup>544</sup>.

O espírito crítico aguçado da professora Annunciada Chaves conduziu consideravelmente sua produção textual para a emissão de pareceres e para avaliação da produção científica de terceiros.

Embora boa parte da sua produção científica fosse voltada para assuntos históricos, ela também dedicou produções textuais para outros temas, como foi o caso do artigo *Os Lusíadas: epopeia histórica*, fruto de uma palestra que proferiu em 9 de junho de 1972, em Belém, no Grêmio Literário e Recreativo Português, por ocasião do IV Centenário de Camões. Neste texto, a autora faz uma crítica literária sobre o importante poema escrito por Luís de Camões, insigne poeta lusitano, ao qual ela considerava como “grande poeta nacional de Portugal”<sup>545</sup> cuja obra é reverenciada como um dos maiores expoentes da literatura portuguesa e mundial, a denominando como: “a Bíblia dos portugueses”<sup>546</sup>. Em um dado momento do artigo, Annunciada Chaves faz um interessante exercício biográfico ao extrair de *Os Lusíadas* alguns traços da personalidade e alguns fatos que ocorreram na vida de Camões.

Não se acha apurada a data de seu nascimento (4 a 5 de fevereiro de 1524 ou 25), se nasceu em Lisboa ou Coimbra, nem se existiu realmente a paixão do poeta por Natércia - D. Catarina Ataíde, dama da Rainha, ou se teria trocado amores com a infanta D. Maria, filha mais nova de D. Manuel.

Sabe-se, certamente, que foi espadachim ousado – o Trinca fortes – [...]. Perdeu o olho direito em combate contra os mouros, em Ceuta, antes disso, e participando de várias campanhas no Oriente, contra os turcos e o malabar. Foi provedor de defuntos na Índia e esteve preso em Goa por dívidas. É quase certo ter naufragado no Oriente, na foz do Cambodge, mas é fruto da imaginação ter conservado fora d’água o manuscrito de “Os Lusíadas”, embora a isso aluda em seus poemas.

Boêmio inveterado e espadachim intemorato sem dúvida o foi, e se tal não tivesse sido, não teria ganho experiências, em viagens e aventuras, para chegar a ser o grande poeta nacional de Portugal.

Que morreu em 10 de junho de 1580, é fato seguro, tanto que a data de sua morte foi oficializada, como Dia da Raça Portuguesa<sup>547</sup>. É certo que morreu pobre e que foi levado morto à porta do Mosteiro de Sant’Ana, e aí deixado do lado de fora<sup>548</sup>.

No trecho supracitado, é interessante perceber o grande poder de síntese de ideias que Annunciada Chaves possuía, pois conseguiu em poucas linhas resumir a conturbada vida de Luís Vaz de Camões. Chama atenção também a maneira elegante com a qual ela desmente o aludido poeta lusitano ao dizer ser “fruto da imaginação” a assertiva que Camões fazia em

<sup>544</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Eidorfe Moreira. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 10, n. 1, p. 75-76, jun., 1989.

<sup>545</sup> *Id.* *Os Lusíadas: epopeia*. *Revista da Academia Paraense de Letras*, Belém, v. 34, p. 73, 1991.

<sup>546</sup> *Id.*, p. 74.

<sup>547</sup> Desde 02 de julho de 2003, o dia 10 de junho passou a ser conhecido aqui no Brasil como o *Dia da Imigração Portuguesa no Brasil*, após a aprovação do Projeto de Lei n. 1385/2003, proposto pelo deputado Gastão Vieira do PMDB/MA.

<sup>548</sup> *Id.*, 1991, *op. cit.*, p. 75.

alegar que o manuscrito de sua mais celebrada obra tinha se mantido enxuto mesmo após ele ter enfrentado um naufrágio no Oriente.

Entretanto, apesar do artigo orbitar no campo da literatura mundial, Annuciada Chaves, como boa amante da História que era, não podia se furtar de elencar fatos sobre a História de Portugal abordados no poema, como o trecho abaixo descreve:

No entanto, neste assunto histórico de aventura marítima, entrelaçam-se, constituindo mais um terço, quase metade do poema, acontecimentos da História de Portugal anteriores aos descobrimentos; os reis de Portugal; desde Afonso Henriques; guerreiros e conselheiros; batalhas decisivas, como as de Ourique, Salado e Ajuarota. Depois, como uma peça central, o caminho para as índias que, como se sabe, impressionou mais, na época, que a chegada de Colombo à América ou a circunavegação de Magalhães<sup>549</sup>.

Similarmente, ela demonstrou bastante desenvoltura em conhecimento literário ao analisar a produção do escritor Ferreira de Castro, em especial o romance *A Selva*, que o notabilizou internacionalmente e que tão bem descreve a realidade amazônica de um seringal no segundo quartel do século XX, ao descrever:

Não é, portanto, somente um grande escritor português que se homenageia neste momento, mas também um homem de letras brasileiro, que, nos confins do vale amazônico, passou parte da sua adolescência pobre, embalado pelo sonho de prosperidade que impelia para o Brasil as populações rurais do Norte de Portugal. Órfão de pai aos oito anos de idade, tendo cursado a escola primária de Orsela até a 4ª série – únicos estudos regulares que realizou. Ferreira de Castro, com pouco mais de 12 anos, viajou para Belém do Pará, como emigrante. Um mês depois, deslocou-se para o seringal “Paraíso”, às margens do Rio Madeira, em território do Estado do Amazonas, onde, à custa do árduo trabalho, obteve o sustento diário durante alguns anos, e que seria o cenário do mais famoso de seus romances “A Selva”. A Amazônia luxuriante de indômita, fixou-lhe profundamente o espírito e nele permaneceu em estado latente, para eclodir, em 1930, nas páginas dolorosas do famoso romance em que a vida de escravidão do seringueiro é pintada em toda a sua crueza<sup>550</sup>.

Sempre diletante pela cultura, Annuciada Chaves, na apresentação do n. 30 da *Revista da Academia Paraense de Letras*<sup>551</sup>, exalta a produção da APL, mas ao mesmo tempo, critica a falta de verbas para este órgão que teve dificuldades de editar aquele número antes, devido à escassez de recursos financeiros, contudo, ela também agradece ao patrocínio de João de Jesus Paes Loureiro o Secretário de Cultura da época, que promoveu a confecção do mesmo.

<sup>549</sup> CHAVES, Maria Annuciada, 1991, *op. cit.*, p. 72.

<sup>550</sup> *Id.* Ferreira de Castro e o Pará. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO, 1., 1980: Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980, p. 150.

<sup>551</sup> *Id.* Apresentação. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 30, p. 11, jul./dez. 1989.

Matéria para publicação não lhe falta, dada a notável atividade intelectual dos componentes da ilustre confraria e elementos a ela ligados. Falta-lhe, porém, - e como! “o vil metal que faz a vida nobre” e, agora, lhe chega, diretamente, pelas mãos dadivosas do Secretário de Cultura, que não lhe integra o quadro social, mas sabe dar-lhe o justo valor no cenário cultural do Pará.

Outra característica marcante na escrita de Annuciada Chaves era o seu conhecimento profundo sobre os assuntos variados dos livros para os quais ela escrevia apresentações, ela não se limitava simplesmente a emitir uma opinião sobre o autor ou a obra em si, mas sempre tinha algo relevante a dizer sobre a temática da publicação prefaciada, como pode ser visto na apresentação da obra *A Música e o tempo no Grão-Pará*, escrita por Vicente Salles. Neste texto, ela explana minuciosamente sobre o que a música representa como expressão nobre de sentimentos humanos, ao dizer:

Fenômeno social de alta significação, a música é a linguagem universal, que transmite os sentimentos humanos sem fronteiras, em toda a sua pureza. Estudá-la é acompanhar o desenvolvimento da sociedade em que se processa, pois impossível seria perceber a evolução do espírito humano negligenciando uma das suas mais profundas e nobre expressões. A vida de um povo é um organismo onde tudo se liga, inclusive, fenômenos econômicos e artísticos intimamente. Não esqueçamos que *Viollet-le-Due* consegue reconstituir as grandes vias de comércio europeu no século XII pelo estudo comparativo dos momentos góticos<sup>552</sup>.

De igual modo, se observa na apresentação da obra *Do vôo dos pássaros à dirigibilidade da navegação aérea: vida e obra do sábio paraense Júlio Cesar Ribeiro de Souza*, escrito por Fernando Medina do Amaral, seu ex-aluno do Colégio Moderno, que, em 1987, escreveu essa obra a fim de homenagear o centenário de falecimento do poeta e inventor Júlio Cesar Ribeiro de Souza, e Annuciada Chaves a respeito do homenageado discorre:

[...] Baseando-se no voo dos pássaros, transformou suas minuciosas e inteligentes observações em leis aplicáveis a dirigibilidade da navegação aérea – o voo dos homens. As experiências realizadas em Paris, com o balão fusiforme “Vitória” em novembro de 1881, atestam o êxito dos trabalhos de Júlio Cesar, embora outras tivessem fracassado, inclusive a efetuada na capital, no Largo da Sé, em 12 de julho de 1884, com o balão “Santa Maria de Belém”, cujos restos foram guardados em nossa Catedral, com autorização do preclaro Bispo D. Antônio de Macedo Costa, que, assim, os livrou da ação deletéria da chuva e do sol<sup>553</sup>.

<sup>552</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Apresentação. In: SALLES, Vicente. *A Música e o tempo no Grão-Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980, p. 11. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).

<sup>553</sup> *Id.* Prefácio. In: AMARAL, Fernando Medina do; *Do vôo dos pássaros à dirigibilidade da navegação aérea: vida e obra do sábio paraense Júlio Cesar Ribeiro de Souza*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1987. 66 p., p. 8. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).

A escrita de Annuciada Chaves era marcada também por uma falsa modéstia, como pode ser visto no texto da palestra intitulada *Felipe Patroni: um revolucionário dominado pela ânsia da liberdade*, que ela proferiu a convite de Alacid Nunes, no início de seu primeiro mandato como governador do Pará (1966-1971), em alusão à efeméride da Adesão do Pará a Independência do Brasil, dizendo:

Quis Sua Excelência o senhor Governador do Estado que, entre as comemorações oficiais de hoje, figurassem algumas palavras explicativas do significado do 15 de Agosto no relicário histórico do Pará. Incumbindo-me de pronunciar-las, visou, sem dúvida, Sua Excelência, a distinguir não a minha pessoa, tão desprovida de credenciais para tanto, mas a nobre classe do magistério paraense, a qual me honro de pertencer<sup>554</sup>.

A mesma autarcia foi praticada por Annuciada Chaves ao proferir a palestra *A Influência das Ciências Sociais na formação da mocidade*, quando afirma:

[...] O que vou dizer aos que tiveram a generosidade de deixar o repouso ou os entretenimentos dominicais para me escutarem não terá o sabor de novidade, nem acrescentará uma grama sequer à sua cultura. Desejo, por isso, frisar bem que, se aqui estou, não é com a convicção de trazer-vos algo que possa enriquecer a vossa inteligência, mas, apenas, com a intenção de cumprir um dos deveres que mais prezo – um dever de amizade – e, ao mesmo tempo, de prestar minha singela homenagem de mestre-escola à entidade que, corajosamente, vem trabalhando pelo desenvolvimento dos estudos pedagógicos entre nós<sup>555</sup>.

No trecho anterior, Annuciada Chaves exagera na sua circunspeção ao dizer que sua fala não irá acrescentar em nada ao conhecimento da sua audiência. Isso é óbvio que era uma aldrabice, pois ela guarnecia seus textos com sinopses e estatísticas, devorava livros e jornais, lia em outros idiomas e estava sempre se atualizando. Boa parte dos trechos de seus escritos, apresentados neste capítulo são fragmentos de palestras e conferências que ela frequentemente proferia, isto posto se sua produção não fosse tão boa, ela não receberia tantos convites. Tais argumentos de Annuciada Chaves são facilmente combatidos pelo texto de teor elogioso escrito por Angelina Santalices na *Folha do Norte*, de 20 de novembro de 1951, intitulado *Tesouro da humanidade*, em que ela, empolgada, relata o quanto que aprendeu com a palestra, ao afirmar:

Fui, sem convite, levada pelo fascínio do assunto, conforme divulgação na imprensa, à “Casa do Professor”, onde tem sede a Sociedade Paraense de Educação, assistir à conferência da ilustradíssima professora dra. Maria Annuciada Chaves, não a

<sup>554</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Felipe Patroni: um revolucionário dominado pela ânsia de liberdade. **A Província do Pará**, Belém, p. 5, 27 de agosto de 1967. Palestra proferida em 15 de agosto de 1967 a convite do Governo do Estado, transmitida pela Rádio Marajoara.

<sup>555</sup> *Id.* A Influência das Ciências Sociais na formação da mocidade. **Folha do Norte**, Belém, p. 1, de 25 de novembro de 1951.

conhecia, mas o seu nome é sinônimo de cultura, competência e equilíbrio moral. Bastaria isso para aguçar a curiosidade e o interesse dos que, como eu, se curvam apenas, fora das convicções religiosas, perante a inteligência, o talento e o saber. Havia, porém, uma outra sedução, o tema da palestra. Ei-lo: A Influência das Ciências Sociais na formação da mocidade.

[...]

A dra. Maria Anunciada Chaves, iniciou, finalmente, a sua magistral conferência. Nunca o tempo passou tão veloz. Dicção perfeita, serenidade absoluta, ideias claras, conceitos profundos, diretrizes seguras, confrontos impressionantes [...]. O seu trabalho é digno de louvor e de ser amplamente divulgado. Considerei-o uma lição para discípulos e mestres<sup>556</sup>.

Nesse texto, Angelita Santalices manifesta toda a sua gratidão com os conhecimentos que adquiriu com a palestra, como também ressalta as características oratórias da professora Anunciada Chaves, consideramos que se a palestra não tivesse um bom conteúdo e a oradora não tivesse qualidades, nem a articulista se dignaria a escrevê-lo, nem o jornal iria publicá-lo.

A demarcação de sua experiência profissional de anos devotados à docência era sempre que possível enfatizada pela professora Anunciada Chaves em seus escritos, ao dizer: “[...] Ensinando História há mais de três décadas, tenho visto em minhas salas de aula inúmeros estudantes dos mais variados tipos”<sup>557</sup>.

Como ampla defensora da docência, Anunciada Chaves costumava escrever muitos artigos a respeito da educação, porém, neles, ela cometeu alguns lapsos históricos, como foi o caso do artigo *O Ensino no Brasil e a criação da Faculdade de Filosofia do Pará*, publicado no periódico **O Estudante**, em maio de 1954, em que ela atribui o início de nosso processo educacional exclusivamente aos jesuítas, e também imputa a eles a ânsia de estar mais preocupados com a catequização do que com a real educação dos habitantes da América portuguesa, como segue:

[...] Até a vinda da côrte portuguesa para o Brasil, encararam os colonizadores a terra como simples zona de exploração. Os próprios missionários jesuítas, iniciadores do ensino entre nós, preocupavam-se mais com a formação de catequistas que com o esclarecimento da população. Certo é que D. João VI fundou vários estabelecimentos de ensino e formação cultural. Todos eles, porém, mais cruamentais que realmente produtivos e, por isso, com reduzida influência social<sup>558</sup>.

No excerto supracitado, podemos perceber algumas imprecisões históricas cometidas por Anunciada Chaves. Em primeiro lugar, os jesuítas têm sim um papel de destaque na educação brasileira, mas eles não foram nem os primeiros e nem os únicos a trabalhar com a

<sup>556</sup> SANTALICES, Angelita. O Tesouro da humanidade. **Folha do Norte**, Belém, p. 3, 20 de novembro de 1951.

<sup>557</sup> CHAVES, Maria Anunciada. A Formação do professor. **Folha do Norte**, Belém, p. 1, de 13 de fevereiro de 1957.

<sup>558</sup> *Id.* O Ensino no Brasil e a criação da Faculdade de Filosofia do Pará. **O Estudante: Órgão oficial da União dos Estudantes dos Cursos Secundários do Pará**, Belém, v. 8, n. 4, p. 1, maio de 1954.

conquista espiritual dos indígenas por meio da educação, junto a eles trabalharam outras ordens religiosas, tais como: os franciscanos<sup>559</sup>, os carmelitas<sup>560</sup> e os mercedários<sup>561</sup>. Inclusive, muitas técnicas pedagógicas usadas pelos jesuítas foram criadas anteriormente pelos franciscanos<sup>562</sup>. Ademais, a ordem dos jesuítas foi uma das últimas a chegar no Pará no período de formação do núcleo colonizador<sup>563</sup>.

E quanto ao segundo ponto, a assertiva de Anunciada também foi equivocada, haja vista que as ordens religiosas não vieram para a América portuguesa para elevar o nível educacional dos povos tradicionais; eles vieram, de fato, para acalmar os ânimos dos gentios e tentar tornar o processo de colonização menos sangrento e mais tranquilo para os colonizadores, que perceberam que, sem a ajuda dos autóctones eles não iam conseguir sobreviver no novo mundo.

Outra questão levantada sobre a fundação de estabelecimento de ensino e formação cultural, também não procede, uma vez que porque D. João VI veio passar uma temporada na colônia só que para fugir da belicidade de Napoleão Bonaparte; ele veio com a sua corte para a América portuguesa, e aparelhou o Brasil com uma série de instituições culturais e educativas para o usufruto de sua corte e das famílias aristocráticas que aqui estavam, nunca foi pensado na evolução intelectual dos verdadeiros donos da terra, muito pelo contrário, os portugueses sempre quiseram que os povos não lusitanos tivessem pouco contato uns com os outros, a estes era sempre dispensado o mínimo de instrução, a fim de que os povos sublevados não se insurgissem aos desmandos dos reinóis.

Os indígenas que estudavam nos colégios dos jesuítas eram somente os meninos e, assim mesmo, eles tinham aulas mais voltadas a tarefas práticas, como carpintaria, escultura e pintura,

---

<sup>559</sup> CARVALHO JÚNIOR, Roberto Zahluth de. **Espíritos inquietos e orgulhosos: os frades capuchos na Amazônia Joanina**. 2009. 167 f. Dissertação (mestrado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009; AMORIM, Maria Adelina. **Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará: missão e cultura na primeira metade dos seiscentos**. Lisboa: CLEPUL; CEHR, 2005.

<sup>560</sup> BUECKE, Jane Elisa Otomar. **Infância e práticas educativas na Amazônia Seiscentista**. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém. 2019.

<sup>561</sup> SILVA, Thais Cybelle Araujo da. Racionalidade teológica medieval e as práticas educativas da ordem de N. Sra das Mercês no Grão-Pará. In: ALBUQUERQUE, Maria Betânia B.; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de; BUECKE, Jane Elisa Otomar (org.). **História da Educação na Amazônia Colonial: instituições e práticas educativas**. Curitiba: CRV, 2021, p. 53-68.

<sup>562</sup> COSTA, Elisângela Silva da. **A Ação pedagógico-formativa da Companhia de Jesus na cidade de Belém do Grão-Pará (1652-1759)**. Curitiba: CRV, 2017.

<sup>563</sup> Para mais informações a este respeito ler: AZEVEDO, J. Lúcio de. **Os Jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização: bosquejo histórico com vários documentos inéditos**. Lisboa: Liv. Ed. Tavares Cardoso & Irmão, 1901; LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Portugalia; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950. 10 v., v. 3 e v. 4; BETTENDORFF, João Felipe. **Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. 2. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. liii, 697 p. (Lendo o Pará, 5); ARENZ, Karl Heinz. **'Fazer sair da selva': as missões jesuítas na Amazônia**. Belém: Estudos Amazônicos, 2012. 56 p. (Coleção Estudos Amazônicos. História); SOUZA JÚNIOR, José Alves de. **Tramas do cotidiano: religião, política, guerra e negócios no Grão-Pará do setecentos**. Belém: EDUFPA, 2012.

um pouco de leitura e de escrita; e só os filhos dos caciques que possuíam aulas completas como a dos meninos brancos, aprendendo a ler, escrever e contar. Os negros só aprendiam os chamados “serviços mecânicos” de carpintaria, olaria, etc<sup>564</sup>.

Os livros e impressos eram irrisórios e se concentravam nas mãos de pouquíssimas pessoas, geralmente reinóis, funcionários da corte e eclesiásticos. A própria tipografia sempre foi condenada no Brasil Colônia<sup>565</sup>, a sua liberação só foi permitida no início do século XIX, com a chegada da família real em 1808, devido à instalação da Imprensa Régia, no Rio de Janeiro<sup>566</sup>. Isso desencadeou a implantação de tipografias privadas nas demais províncias do Brasil, como é o caso: de Salvador, em 1811, a de Manoel António da Silva Serva; do Recife, em 1815, a de Ricardo Rodrigues Castanho; e sobretudo, a partir de 1820, ano em que a censura prévia foi encerrada; assim, em 1821, foi instalada no Maranhão pelo Governador Bernardo Silveira e, no mesmo ano, foi montada uma tipografia em Belém do Pará, por Daniel Garção de Melo; e duas em Vila Rica, a Patrícia e a Provincial<sup>567</sup>. Desta feita, a Província do Grão-Pará foi a quinta tipografia particular do Brasil<sup>568</sup>.

A gênese da tipografia no Pará é controversa, a maioria dos autores a atribui a Felipe Patroni, porém é inegável que antes dele, houve as tentativas pioneiras (nem sempre bem sucedidas), de Daniel Garção de Melo e de João Francisco Madureira<sup>569</sup>, este último tentou fazer uma prensa artesanal, utilizando matéria-prima local associada a insumos que importou de Portugal, graças a incentivos financeiros que recebeu do imperador D. Pedro II, chegando a implantar em Belém, uma oficina tipográfica em 1820, produzindo o folheto intitulado: *O despotismo desmascarado ou a verdade denodada*, a fim de provar que sua tipografia artesanal era exequível.<sup>570</sup> Entretanto, eles produziram itens menores, panfletos, documentos administrativos, talvez por conta disso, seus nomes não figuram como introdutores da tipografia aqui no Pará. Felipe Patroni, que trouxe uma prensa industrial de Lisboa<sup>571</sup>, e produziu alguns

<sup>564</sup> CUNHA, Luís Antônio. **O Ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Ed. da UNESP; Brasília : Flacso, 2000; GUZMAN, Décio Alencar. Festa, preguiça e mulatagem: o trabalho indígena e as oficinas de cultura e escultura no Grão-Pará, sécs. XVII-XVIII. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 13, n. 1, p. 01-29, 2015.

<sup>565</sup> Cf. Mariza Lajolo e Regina Zilberman, a imprensa no Brasil-colônia foi prejudicada sobremaneira devido : “o Alvará de 20 de março de 1720, que impedia a instalação na colônia de manufaturas, inclusive, as dedicadas às ‘letras impressas’ [...]”. (LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2011 374 p., p. 122. (Temas ; v.58. Literatura brasileira).

<sup>566</sup> HALLEWELL, *op. cit.*

<sup>567</sup> RIZZINI, 1945, *op. cit.*, p. 322

<sup>568</sup> MARTINS, Fernanda de O.; LIMA, Edna Cunha; LIMA, Guilherme Cunha. O Engenhoso pioneiro da tipografia da Província do Grão-Pará - João Francisco Madureira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN E INFORMAÇÃO, 8., 2017, Natal. **Anais...** Natal: Blucher, 2017. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/cidi2017/113.pdf>. Acesso em: 14.01.2024

<sup>569</sup> ELEUTÉRIO SÊNIOR, Paulo. Escorço histórico da imprensa no Pará. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará**, Belém, v. 12, p. 129-156.

<sup>570</sup> ROSÁRIO, José Ubiratan. **Amazônia: Processo civilizatório**, apogeu do Grão-Pará. Belém: GEU, 1986, p. 107.

<sup>571</sup> COELHO, Geraldo Mártires. **Letras & Baionetas**. Belém: CEJUP, 1989.

folhetos e livros de melhor qualidade <sup>572</sup>, e sobretudo o jornal *O Paraense*, que é considerado “o ponto de partida do jornalismo do Extremo Norte”<sup>573</sup>.

Uma grande aposta de Annuciada Chaves visando a difusão da educação foi a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras<sup>574</sup>, pois, para ela, o principal objetivo da FFCL era: “[...] A preparação de educadores, isto é, de elementos que, pela prática do ensino ou por atividades extra-escolares, contribuam para o desenvolvimento da cultura”<sup>575</sup>.

Um maior nível de especialização dos cursos integrantes da FFCL, muitos deles, em grande medida, voltados para dinamizar o setor cultural, convenciam cada vez mais Annuciada Chaves sobre esse objetivo da FFCL.

Uma concepção de intelectual foi nutrida pela professora Annuciada Chaves, como aduz:

[...] À medida que se complica e avança a estrutura da sociedade, que se avoluma e enriquece a herança das gerações anteriores, diferenciam-se as atividades sociais pela divisão do trabalho, a seleção e preparo das aptidões e especializações das tarefas materiais e intelectuais. Surgem os primeiros professores, agentes especiais da educação, que, pouco a pouco, passam a formar um grupo técnico distinto – o grupo pedagógico.

Integra-se esse bloco profissional a um outro maior, de formação mais rápida e mais ampla, cuja função social consiste em provocar a transmissão e circulação dos bens e valores espirituais, quer pela produção, quer pela crítica ou pelo aperfeiçoamento do patrimônio intelectual e moral da sociedade. Esse grande grupo é dos intelectuais, que, acima e fora da estruturação classista, forma uma categoria especial, aberta a todos, em permanente renovação. Dentro desse grande conjunto, avulta, pelo seu importante papel na sociedade, um bloco menor, dos professores e pedagogos, enfim dos educadores, cuja função específica consiste em transmitir, pela palavra e pelo exemplo, a herança social, capitalizada através de gerações.<sup>576</sup>

Para Annuciada Chaves, o elemento que garantia bom resultados à educação era o papel do bom professor, pois, para ela, este profissional seria aquele que educa pelo que sabe e pelo exemplo, como enuncia:

De todos os elementos que intervêm na educação, o mais importante é, por certo, o educador. Os demais fatores – programas, planos de estudo material, instalações – são, sem dúvida, relevantes, porém, não decisivos, como é a personalidade do mestre. O bom professor faz a boa escola, mesmo deficientes sejam suas instalações. Ao

<sup>572</sup> MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. *História da tipografia no Brasil*. [São Paulo]: Secult-SP, 1979.

<sup>573</sup> DIÉGUES JÚNIOR, Manuel (Coord.). *História da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: MEC; CFC; Fename; 1976. 2 V., v. 2, p. 377.

<sup>574</sup> Além de Annuciada Chaves, um grupo de professores de diferentes áreas do conhecimento se uniram para fundar a FFCL, a saber: o etnólogo Max Boudin; os juristas: Aluísio Chaves, Daniel Coelho de Souza, Orlando Bitar e Otávio Mendonça; os religiosos: D. Mário de Miranda Vilas-Boas, Pe. Cupertino Contente, Pe. Leandro Pinheiro, Pe. Belchior Ataíde, Pe. Ápio Campos; os professores: Francisco Paulo Mendes, Regina Gonçalves, Angelita Ferreira da Silva e Edgar Pinheiro Porto; o poeta Paulo Plínio Abreu e o médico Armando Bordalo (Cf. CUNHA, Manoel, 1985, *op. cit.*).

<sup>575</sup> CHAVES, Maria Annuciada. O Objetivo das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. **A Província do Pará**, Belém, p. 7, 26 de outubro de 1960.

<sup>576</sup> *Ibid.*, p. 7.



contrário, embora aparelhada com o melhor material didático, a escola será má, se maus forem os professores. E para que esses sejam bons, não basta saber o que ensinar e como ensinar. É preciso que sintam aquele “estado d’alma” peculiar de que fala. Dithley: “tão difícil de examinar e descrever como o de um poeta”. Despertar e cultivar esse estado d’alma é a função capital das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.<sup>577</sup>

Annunciada Chaves acreditava na unidade nacional do Brasil e atribuía não ao período colonial, e sim ao período imperial, sobretudo a gestão de D. Pedro I, a hegemonia desta unificação brasileira, dizendo: “[...] A verdadeira unidade nacional foi obra do império e só se pode considerá-la historicamente consumada em meados do século passado, graças à energia definitiva com o que o governador monárquico soube enfrentar e depois aglutinar forças tradicionalmente divergentes”.

A solução para muitas mazelas do Brasil estava na educação ao ver de Annunciada Chaves, e, mais que isso, ela reivindicava que fosse ampliada a contratação e qualificação de professores. Esse pensamento ficou patente na palestra *A formação do professor*, proferida no salão nobre do Instituto de Educação do Pará, em 31 de janeiro de 1957, promovida pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário instituído pelo Ministério da Educação.

Uma visão muito eurocêntrica da História era apresentada por Annunciada Chaves, e ela demonstrava algumas vezes um certo menosprezo pelas contribuições indígenas e africanas na formação do povo brasileiro, como pode ser visto no trecho abaixo:

Embora constituído de partes desconexas, e, muitas vezes opostas, o Brasil pôde superar tantos contrastes e particularismos devido: à relativa homogeneidade de sua população, proveniente, em suma, das mesmas origens e cruzamentos em diferentes dosagens; à língua única, apesar de regionalismos irrelevantes e remanescentes indígenas facilmente diluíveis, e à formação religiosa comum que tanto tem influído sobre a educação e a psicologia popular.<sup>578</sup>

Neste excerto, em especial, Annunciada Chaves afirma que os vocábulos indígenas foram “facilmente diluíveis” no contexto do português falado no Brasil, e essa assertiva, em particular, não é verdadeira, principalmente em se tratando da Amazônia, cuja influência na língua se faz sentir, sobretudo nos termos ligados: à fauna, à flora e à toponímia, prova disso é uma série de dicionários e glossários que até hoje são reeditados<sup>579</sup>.

<sup>577</sup> CHAVES, Maria Annunciada, 1960, *op. cit.*, p. 7

<sup>578</sup> *Id.*, 1967, *op. cit.*, p. 4.

<sup>579</sup> Cf. MIRANDA, Vicente Chermont de. **Glossário paraense ou coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó**. Belém: Imprensa Universitária, 1968. 98 p. (Coleção Amazônica. Série Ferreira Pena); MORAIS, Raimundo de. **O Meu dicionário de cousas da Amazônia**. Brasília, DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013. 212 p. (Edições do Senado federal, 175); LOUREIRO, Arthur A.; SILVA, Marlene Freitas da; SUDAM. **Catálogos das**

Annunciada Chaves sequer menciona a contribuição africana à língua brasileira, porém esta ocorreu e de maneira significativa, principalmente associada ao culto religioso do Candomblé. Bruno de Menezes, por exemplo, foi um escritor muito celebrado por Annunciada Chaves sendo que boa parte de sua produção literária é marcada pela valorização de africanismos na língua portuguesa<sup>580</sup>. Além disso, o folclorista e musicólogo Vicente Salles, em seu *Vocabulário crioulo*, demonstrou toda a pujança da contribuição da inserção de palavras de origem africana à língua portuguesa falada no Brasil<sup>581</sup>. Essa profusão de influências de diversas nacionalidades nos ajuda a entender a etimologia das palavras que tornam o português do Brasil uma língua ímpar.

Como um bom membro da ala da história tradicional, Annunciada Chaves se dedicou a escrever sobre os feitos dos grandes homens, estadistas, militares e eclesiásticos, diferente dos novos historiadores que estão preocupados com o estudo e ações das pessoas comuns, prova disso são os sujeitos de sua produção científica, voltada a estudar:

- Os escritores portugueses antigos, como: Luís de Camões<sup>582</sup>, <sup>583</sup>; e novos, tais como: Ferreira de Castro<sup>584</sup>;
- os governadores do Pará, tais como: Fernando Guilhon (1971-1975)<sup>585</sup>, Aloysio da Costa Chaves (1975-1978)<sup>586</sup>, e Clóvis Moraes Rêgo (1978-1979)<sup>587</sup>;

---

**madeiras da Amazônia.** Belém: SUDAM, 1968. 2 v.; TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi:** significação dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço, c1985 e PINTO, Olivério M. de Oliveira. **Ornitologia brasiliense:** catálogo descritivo e ilustrado das aves do Brasil. São Paulo: IOE-SP, 1964.

<sup>580</sup> Cf. SILVA, Elanir Gomes da. **O Africanismo em Batuque de Bruno de Menezes.** Belém: Falangola, 1981.

<sup>581</sup> SALLES, Vicente. **Vocabulário crioulo:** contribuição do negro ao falar regional amazônico. Belém: IAP: Programa Raízes, 2003.

<sup>582</sup> CHAVES, Maria Annunciada. **Atualidade de Os Lusíadas**, palestra proferida em nome do Conselho Estadual de Cultura no Grêmio Literário Português, em solenidade de 9 de junho de 1972, como parte das comemorações neste Estado, do IV Centenário de publicação de “Os Lusíadas”.

<sup>583</sup> *Id.* Os Lusíadas: epopéia. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 34, p. 61-74, 1991.

<sup>584</sup> *Id.* Ferreira de Castro e o Pará. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO, 1., 1980: Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980.

<sup>585</sup> *Id.* Discurso de saudação ao Governador do Estado e relato das atividades do Conselho Estadual de Cultura em 1971, proferido no salão nobre do CEC-PA, na Festa de Confraternização deste realizada em 28.12.1971. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 2, n. 5, p. 138-150, nov./dez. 1971.

<sup>586</sup> *Id.* Saudação aos Conselheiros Aloysio da Costa Chaves e Clóvis Moraes Rêgo para futuros Governador e Vice-Governador, respectivamente. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 4, n. 14/15, p. 177-180, jan./jun. 1974

<sup>587</sup> *Ibid.*

- de juristas, como: Djacir Menezes<sup>588</sup>, Daniel Coelho de Souza<sup>589</sup>, Raymundo de Souza Moura<sup>590</sup>, Desembargador Silvio Hall de Moura<sup>591</sup>, Tavares Bastos<sup>592</sup>, Acy de Jesus Neves de Barros Pereira<sup>593</sup>, e Orlando Bitar<sup>594</sup>,<sup>595</sup>;
- os religiosos, como: Padre Florêncio Dubois<sup>596</sup>, e os Arcebispos D. Alberto Gaudêncio Ramos (1957-1990)<sup>597</sup>, Dom Frederico de Souza Castro<sup>598</sup>, e D. Antônio de Almeida Lustosa (1931-1941)<sup>599</sup>;
- os professores, como: Augusto Serra<sup>600</sup>, Eidorfe Moreira<sup>601</sup>,<sup>602</sup>,<sup>603</sup>, Silvio Nascimento.<sup>604</sup>,<sup>605</sup>. Críticos literários Benedito Nunes<sup>606</sup> e Francisco Paulo Mendes<sup>607</sup>,<sup>608</sup>,

<sup>588</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Saudação a Djacir Menezes. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 7, n. 28/29, p. 13-18, jul./dez. 1977.

<sup>589</sup> *Id.* Discurso de recepção ao acadêmico Daniel Coelho de Souza, proferido na APL, em 18 de novembro de 1976. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 6, n. 24-25, p. 203-209, jul./dez. 1976.

<sup>590</sup> *Id.* Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará. **O Menino de Óbidos**. Discurso de homenagem ao jurista Raymundo de Souza Moura, em Sessão Especial no CEC-PA, em 11 de novembro de 1983, por ocasião do centenário de Silvio Nascimento e lançamento do livro “O Pará Republicano”. 3 p. Datilografado.

<sup>591</sup> *Id.* Em memória do Desembargador e Conselheiro Silvio Hall de Moura. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 2, p. 351-355, jul./dez. 1990.

<sup>592</sup> *Id.* No centenário de Tavares Bastos: palavras de abertura de Sessão Especial conjunta do Conselho Estadual de Cultura e Instituto Histórico e Geográfico do Pará. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 7, n. 26/27, p. 15-29, jul./dez. 1977.

<sup>593</sup> *Id.* Homenagem póstuma ao Conselheiro Acy de Jesus Neves de Barros Pereira. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 6, n. 22/33, p. 19-22, jul./dez. 1976.

<sup>594</sup> *Id.* Orlando Bitar. In: BITAR, Simão. **Guillaumet ou A Vida de Orlando Bitar**. Belém : Falângola, [1984], p. 65-68.

<sup>595</sup> *Id.* **Discurso de homenagem a Orlando Bitar, junho de 1983**. 4 p. Datilografado.

<sup>596</sup> *Id.* Relembrando o Padre Florêncio Dubois. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 3, n. 12/13, p. 218-220, jul./dez. 1973.

<sup>597</sup> *Id.* O Jubileu sacerdotal de D. Alberto Gaudêncio Ramos. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 1, p. 95-101, jan./jun. 1990. Discurso pronunciado em nome da Academia Paraense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e do Conselho Estadual de Cultura, em Sessão Solene realizada a 26 de setembro de 1989, na sede da primeira.

<sup>598</sup> *Id.* Dom Frederico de Souza Castro, no centenário de seu nascimento. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 5, n. 20/21, p. 113-115, jul./dez. 1975.

<sup>599</sup> *Id.* Apresentação. In: LUSTOSA, D. Antônio de Almeida. **No Estuário Amazônico – “À margem da visita pastoral”**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976, p. 5-7

<sup>600</sup> *Id.* Em memória de Augusto Serra e Emiliana Sarmiento Ferreira, no ato de inauguração dos seus retratos na galeria da Congregação do Colégio Estadual Paes de Carvalho, em 13 de março de 1979. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 9, n. 33/34, p. 109-116, jan./jun. 1979. Oração proferida Pela Professora Maria Annunciada Chaves no Colégio Paes de Carvalho, a 13 de março último.

<sup>601</sup> CHAVES, Maria Annunciada (Org.). Nota biográfica. Apresentação. In: MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Belém: CEJUP, 1989a, p. 17-24. v. 1.

<sup>602</sup> *Id.* Juízos sobre suas obras. In: MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Belém: CEJUP, 1989b, p. 377-382. v. 8.

<sup>603</sup> *Id.* Eidorfe Moreira. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 10, n. 1, p. 75-76, jun. 1989.

<sup>604</sup> *Id.* **Discurso de abertura da Sessão Especial no CEC-PA, em 11 de novembro de 1983, por ocasião do centenário de Silvio Nascimento e lançamento do livro “O Pará Republicano”**. 3 p. Datilografado.

<sup>605</sup> *Id.*, *ibid.* 1 p. Datilografado.

<sup>606</sup> *Id.* Na abertura da Sessão Especial do 10º aniversário do Conselho Estadual de Cultura, com a conferência do Prof. Benedito Nunes sobre a Paixão de Clarisse Lispector. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 8, n. 32, p. 119-120, jan./jul. 1978.

<sup>607</sup> *Id.* Inteligência, cultura e dedicação. In: NUNES, Benedito (org.). **O Amigo Chico: fazedor de poetas**. Belém: Secult, 2001, p. 52-56.

<sup>608</sup> *Id.* **Discurso de homenagem ao Prof. Paulo Mendes pela obtenção do título de “Professor do Ano de 1960”**, realizado na Sociedade Paraense de Educação, em 06 de novembro de 1960.

- os cientistas, como: Júlio César Ribeiro de Souza<sup>609</sup>, e Samuel Benchimol<sup>610</sup> e Gilberto Freyre<sup>611</sup>.
- os militares, tais como: Caxias<sup>612</sup>, além de Ex-Combatentes<sup>613</sup>.
- os artistas devotados à literatura, como: Mário Faustino<sup>614</sup>, Antônio Tavernard<sup>615</sup>, Alphonsus de Guimarães<sup>616</sup>, Orlando Lima<sup>617</sup> e Ricardo Borges<sup>618</sup>; à música, como: Beethoven<sup>619</sup>, Paulino Chaves<sup>620</sup> e Waldemar Henrique<sup>621</sup>; ou ao desenho e à pintura, como João Affonso Nascimento<sup>622</sup>.
- os historiadores, tais como: Francisco Adolfo de Varnhagen<sup>623</sup>, e Ernesto Cruz<sup>624</sup>, <sup>625</sup>, <sup>626</sup>.
- os jornalistas, tais como: Temístocles Santana Marques<sup>627</sup>, Manuel Lobato<sup>628</sup>, e Fran Paxeco<sup>629</sup>.

Raramente Anunciada Chaves falou sobre os “excluídos da história”, como: indígenas, negros, mulheres, pobres, etc. Exceção feita aos artigos sobre as mulheres: Emiliana Sarmiento

<sup>609</sup> CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. In: AMARAL, Fernando Medina do; **Do vôo dos pássaros à dirigibilidade da navegação aérea: vida e obra do sábio paraense Júlio Cesar Ribeiro de Souza**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1987. 66 p. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).

<sup>610</sup> *Id.* Na abertura da sessão de conferência de Samuel Benchimol sobre “O Pacto Amazônico e a Amazônia Brasileira. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 8, n. 32, p. 119-120, jan./jul. 1978. Número especial do 10 aniversário do CEC-PA.

<sup>611</sup> *Id.* Sessão de abertura. In: FREYRE, Gilberto. **O Pará amazônico: seu relacionamento com o Brasil total**. [Belém]: Conselho Estadual de Cultura, [1982]. 65 p. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).

<sup>612</sup> *Id.* Caxias. **A Província do Pará**, Belém, p. 1, de 23 de agosto de 1957.

<sup>613</sup> *Id.* 8 de maio de 1945. Belém, **Discurso proferido na Associação de Ex-Combatentes**, em 08 de maio de 1980. 14 f.

<sup>614</sup> *Id.* Apresentação. In: NUNES, Benedito. **A Obra poética e a crítica de Mário Faustino: com um adendo rememorativo sobre o poeta**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1986. 54 p., p 11-13. (Coleção 'Literatura Paraense'. Série 'Eustachio de Azevedo').

<sup>615</sup> *Id.* Apresentação. In: TAVERNARD, Antônio. **Edição comemorativa do cinquentenário da morte do poeta**. V. 1. Poesia. Belém : Conselho Estadual de Cultura, 1986. p. 11-21.

<sup>616</sup> *Id.* **Discurso honorífico ao centenário de nascimento do poeta Alphonsus de Guimarães (24 de junho de 1970), em Sessão Ordinária do CEC-PA**, realizada em 11 de agosto de 1970.

<sup>617</sup> *Id.* Centenário de Orlando Lima. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 28, p. 106-113, jul./dez.

<sup>618</sup> *Id.* **Discurso de homenagem ao escritor Ricardo Borges**, em Sessão Especial no CEC-PA, 11 de novembro de 1983, 3 p. Datilografado.

<sup>619</sup> *Id.* Beethoven, o homem. Conferência proferida no Conservatório Carlos Gomes em 09 de novembro de 1970.

<sup>620</sup> *Id.* Apresentação. In: SALLES, Vicente. **Paulino Chaves ante o próprio centenário**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1983, p. 5-7. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).

<sup>621</sup> *Id.* Apresentação. In: BRITO, Maria Lenora Menezes de. **Uma Leitura da música de Waldemar Henrique**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1986. 71 p. (Coleção Cultura paraense. Teodoro Braga).

<sup>622</sup> *Id.* Apresentação. In: AFFONSO, João. **Três séculos de moda**. 2. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976, p. 7-8.

<sup>623</sup> *Id.* Na abertura da sessão de conferência de José Honório Rodrigues sobre Varnhagen no primeiro centenário do seu falecimento. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 8, n. 32, número especial de 100 aniversário, p. 69-79, jul./dez. 1978.

<sup>624</sup> *Id.* **Historiador Ernesto Cruz**. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Exposição de aspectos da cultura paraense. Belém: Edufpa, 1981. 45 p., p. 11.

<sup>625</sup> *Id.* Ernesto Cruz. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 22/23, p. 13-20, jul./dez. 1979-jan./jun. 1980. Oração pronunciada pela Professora Maria Anunciada Chaves, no Instituto Histórico e Geográfico do Pará, em 16 de maio de 1979, na abertura da exposição em homenagem ao terceiro aniversário de falecimento do historiador Ernesto Cruz.

<sup>626</sup> *Ibid.*

<sup>627</sup> *Id.* Homenagens póstumas aos Conselheiros Temístocles Santana Marques e Orlando Chicre Miguel Bitar. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 4, n. 12/13, p. 19-21, jan./jun. 1974.

<sup>628</sup> *Id.* No centenário de nascimento de Manuel Lobato. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 5, n. 18/19, p. 47-66, jan./jun. 1975.

<sup>629</sup> *Id.* Apresentação. In: BRITO, Eugênio Leitão de. **Fran Paxeco no Brasil**. Belém: Supercoros, 1994.

Ferreira<sup>630</sup>, Eneida de Moraes<sup>631</sup>, da mártir Severa Romana<sup>632</sup> Ermelinda de Almeida<sup>633</sup> e Helena Souza<sup>634</sup>. Também escreveu sobre Felipe Patroni<sup>635</sup>,<sup>636</sup>, no entanto é sabido que apesar de revolucionário, ele pertencia a uma classe abastada; e ainda discorreu sobre africanismos, porém, eles estavam associados à poesia de Bruno de Menezes<sup>637</sup>.

Annunciada Chaves escrevia muito sobre a História, sobretudo no que tange ao seu ensino, ao dizer:

Dentre as Ciências Sociais, a que produz maior impressão nos espíritos infantis e juvenis é a História. Simultaneamente, registro, conhecimento, pensamento, sentimento e, também, atualidade, a História agita e sistematiza uma gigantesca malha de conhecimentos, símbolos, fatos, figuras, interpretações, que não pode deixar de fascinar as inteligências moças, tão fartas de imaginação, tão ricas de curiosidade. Não fora o rigorismo de certos programas de ensino que aprisionam os professores e alunos dentro de uma malha cerrada, a História ritmada pelo encadeamento de causas e efeitos, solicitada pelo interesse dos próprios discentes e conduzida pelo toque subtil da batuta do mestre, seria a disciplina mais agradável de ser ensinada e, ousou dizê-lo, de ser aprendida<sup>638</sup>.

Por outro lado, Annunciada Chaves nutria uma visão um tanto quanto radical sobre quem não gostava de História, assim aduz:

[...] O homem que nada sabe da História é um ser intelectualmente isolado, emparedado, emurado, uma espécie de surdo mental, incapaz de perceber as sintonias que ecoam em torno de si e dentro de si próprio, resíduos de civilizações seculares, incapaz de compreender sua posição na grande massa humana, ante a qual possui direitos, mas para a qual tem, também, deveres. Todos nós fazemos parte da História, uns de modo brilhante, outros apagada e obscuramente, todos, porém, integrados na grande marcha universal<sup>639</sup>.

<sup>630</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Em memória de Augusto Serra e Emiliana Sarmiento Ferreira, no ato de inauguração dos seus retratos na galeria da Congregação do Colégio Estadual Paes de Carvalho, em 13 de março de 1979. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 9, n. 33/34, p. 109-116, jan./jun. 1979. Oração proferida pela Professora Maria Annunciada Chaves no Colégio Paes de Carvalho, a 13 de março de 1979.

<sup>631</sup> *Id.* **Traços de Cultura Paraense**. Belém: Imprensa Universitária, 1981.

<sup>632</sup> *Ibid.*

<sup>633</sup> *Id.* Uma poetisa esquecida (Sobre Ermelinda de Almeida). **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 17, n. 2, p. 105-108, jan./jun. 1974.

<sup>634</sup> *Id.* Helena Souza. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 2, p. 357-359, jul./dez. 1990. Reconstituição do pronunciamento feito de improviso na Sessão Ordinária, de 14 de agosto de 1990, do Conselho Estadual de Cultura.

<sup>635</sup> *Id.* Felipe Patroni: um revolucionário dominado pela ânsia de liberdade. **A Província do Pará**, Belém, 27 de agosto de 1967. Palestra proferida em 15 de agosto de 1967 a convite do Governo do Estado, transmitida pela Rádio Marajoara.

<sup>636</sup> Para mais informações sobre Felipe Patroni, leia: SOUZA JÚNIOR, José Alves de. **Constituição ou Revolução: os projetos políticos para a emancipação do Grão-Pará e a atuação política de Felipe Patroni (1820-1823)**. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1998; BARROS, Michelle Rose Menezes de. **“Germes de grandeza”**: Antônio Ladislau Monteiro Baena e a descrição de uma província do Norte durante a formação do Império brasileiro (1823-1850). 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia

<sup>637</sup> *Id.* Bruno: símbolo de inteligência paraense. In: MENEZES, Bruno. **Obras completas de Bruno de Menezes**. Belém: SECULT, 1993, p. 15-18. v. 3.

<sup>638</sup> *Id.* A Influência das Ciências Sociais na formação da mocidade. **Folha do Norte**, Belém, p. 1, de 25 de novembro de 1951.

<sup>639</sup> *Ibid.*

Em discurso proferido sobre o 110º Aniversário do CEPC<sup>640</sup>, Annunciada Chaves volta a criticar o descaso com que os brasileiros tratam o seu passado, como aduz:

[...] O brasileiro médio, geralmente, não gosta de ‘olhar para trás’. Imbuído da ideia de que Deus é seu compatriota e que essa terra é “um país de futuro”, vive negligentemente embalado por um remoto sonho de grandeza que o torna demasiado otimista quanto ao destino nacional. Lembra-se vagamente que o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral, ouviu falar em Bandeirantes, descobridores de ouro no interior do país, sabe que D. Pedro I deu o grito do Ipiranga e não ignora que o general Deodoro da Fonseca proclamou a República. Está ingenuamente convencido de que a história de seu país é seca, pobre, insossa e, sem o menor conhecimento das realidades pretéritas, base de verdades e esperanças porvindouras, prefere importar as fórmulas econômicas, políticas, sociais, jurídicas, morais, intelectuais dos chamados países cultos<sup>641</sup>.

Os diletantes da História eram igualmente reverenciados por Annunciada Chaves, como pode ser conferido no artigo que ela escreveu em homenagem a Ernesto Cruz na *Revista da Academia Paraense de Letras*, ao dizer:

[...] Não conheceu o ócio. O apego ao trabalho era uma das características de sua personalidade. Durante as duas últimas décadas de sua existência, passou a maior parte das horas de labor na Biblioteca e Arquivo Públicos, cujos documentos valiosíssimos soube interpretar com argúcia e extraordinário amor à verdade. Não era um improvisador. Lia e estudava, com afinco, os códices, onde buscava vestígios do passado paraense e sobre os quais baseava a maior parte de seus livros, ensaios e crônicas. Desde moço, voltou sua atenção para a história, sobretudo da Amazônia e do Pará, construindo, nesse terreno, uma obra admirável e imperecível, constituída por mais de trinta publicações valiosas que vão desde “Noções de História do Pará”, de cunho didático, editada em 1937, pela Livraria Internacional, até Casas e Palácios do Governo – Residências dos Capitães Mores, Governadores e Capitães Gerais e Presidentes da Província do Pará: 1616-1974, publicada pelo Governo do Estado, na gestão de um homem de grande saber, que também amava o passado da sua terra, tanto que teve a iniciativa de restaurar o Palácio de Landi, retirando-lhe, quanto possível, as características iniciais – o engenheiro Fernando José de Leão Guilhon. [...]<sup>642</sup>.

A professora Annunciada Chaves tinha certas reservas em relação ao endeuamento da tecnologia e, sempre que possível, externava essa sua aversão à supervalorização dos recursos tecnológicos em seus textos, como pode ser conferido no excerto abaixo:

Na obra do grande filósofo e historiador contemporâneo Marc Bloch, deparo com uma definição, sugestiva e bela, ao mesmo tempo: a educação da criança e do adolescente deve ser “um sistema que se apoie na psicologia integral das tendências do educando”. Este conceito tão claro e tão sincero, tão profundo e tão completo, chega oportunamente num mundo esmagado pela técnica, dominado por prodigiosas invenções mecânicas e extraordinárias conquistas científicas, renovadoras, sem

<sup>640</sup> CHAVES, Maria Annunciada, 1951, *op. cit.*, p. 1.

<sup>641</sup> *Ibid.*

<sup>642</sup> *Id.*, Homenagem póstuma ao Conselheiro Ernesto Horácio da Cruz. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 22/23, p. 16, jul./dez. 1979, jul./dez. 1980.

dúvida, das condições do trabalho e da vida, mas perturbadoras do ritmo intelectual e moral da coletividade humana<sup>643</sup>.

Embora não se considerasse feminista, Annuciada Chaves, sempre que possível, deslustrava estudiosos que inferiorizavam a importância das mulheres na sociedade, tais como: Anatole France ou Friederich Nietzsche.

André Lothe, pintor e crítico de grande influência na moderna arte francesa, afirma, em um ensaio recentemente publicado, que abandonada a si mesma a criança, embora dotada de gênio artístico, poderá, quando muito “copiar calendários”. Essa opinião que tanto exalta a educação, mostra a importância do convívio cotidiano, da assistência material intelectual e moral, direta em certos casos, discreta em outros, na formação da mentalidade infantil. Não se pode negar que, em nosso tempo, se oferecem ao adolescente e até a criança, mais que em outras épocas, numerosos ensejos de auto-decisão de afirmação de vontade de criar e aceitar responsabilidade ou iniciativas que, há menos de uma centúria, lhes eram negadas pela organização social. Nos dias correntes, há mais fusão, mais aproximação entre presente, passado e futuro, pondo a nu o artificialismo da famosa observação de Anatole France: “A única realidade da vida é o passado”. A eterna luta, ora mais, ora menos ostensiva entre as gerações que se sucedem, cada qual procurando reivindicar para si as primícias da tranquilidade e a felicidade, tende a diminuir numa aliança entre pretérito, presente e porvir. As mais antigas começam a perceber que os ensinamentos de ontem já se aplicam, inteiramente, às horas de hoje. As mais jovens, embora impacientes por conquistar novas posições, não podem sacudir de todo peso de heranças nem sempre aproveitáveis. E assim, consciente ou inconscientemente, vão umas ou outras colaborando para o dia de amanhã.<sup>644</sup>

O filósofo alemão Nietzsche corriqueiramente hostilizava os movimentos de libertação da mulher. Em sua obra *Para além de Bem e Mal*<sup>645</sup>, ele tenta descredibilizar a atitude de mulheres que procuram demonstrar quem elas são o que sentem e qual o seu papel na sociedade. Para Nietzsche, as mulheres deveriam ter pudor, porque na visão dele, elas tinham muito a esconder. As mulheres tinham que ser discretas, não podiam se sobressair, caso contrário, se tornariam pernósticas e dogmáticas, acreditava ele que somente o temor ao homem que fazia a mulher se recolher a sua modéstia. Para esse filósofo, ao invés de reivindicar a sua liberdade, a mulher deveria ser mansa e se ocupar apenas da amenidade, da beleza e da passividade, que são características intrínsecas à sua natureza, e, por conseguinte, qualidades que agradavam aos homens. Desta feita, as mulheres, cabia apenas corresponder àquilo que sempre o homem esperou dela - passividade.

Ao proferir o discurso *Tradição e Liberdade*, por ocasião da formatura da turma de 1952 dos Técnicos em Contabilidade do Colégio Moderno, Annuciada Chaves discorda das ideias

<sup>643</sup> CHAVES, Maria Annuciada, 1951, p. 1.

<sup>644</sup> *Ibid.*

<sup>645</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Para além de bem e mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: M. Claret, 2004. 228 p. (Coleção a obra-prima de cada autor; v.85).

de Frederich Nietzsche em relação à conduta do homem na sociedade e ironiza a visão do homem feita pelo celebrado filósofo alemão, e ela a alcunha de “super-homem”, ao dizer:

Certo, não é possível viver em sociedade e ser, ao mesmo tempo, o super-homem de Nietzsche, aquele que não precisa de contato com os demais seres humanos, que está além de todas as convenções, de todos os interesses, acima do bem e do mal, preocupado, apenas, com sua própria realização. Deixemos essa posição difícil para os gênios e para os loucos. O homem comum tem de adaptar-se, mas que o faça com dignidade, consciente de sua alma e da alheia, cedendo, tão somente, naquilo que for indispensável na vida coletiva.<sup>646</sup>

No trecho acima, Annuciada Chaves diverge veemente de Nietzsche por entender que o modelo de homem proposto pelo filósofo está muito distante do que a sociedade espera do indivíduo moderno, uma vez que se o cidadão se dispuser apenas ao que lhe convém, falar tudo o que pensa, ir somente para os lugares que deseja, será na opinião de Annuciada Chaves, um indivíduo descolado do meio em que vive, uma pessoa antissocial, bastante destoante das demais, como ela aduz, um ser que se colocará em uma posição difícil, conflitante, que poderá ser visto por alguns membros da sociedade como um gênio, ou na maioria das vezes como um louco.

Em outro discurso, desta vez, o das formandas da turma de 1944 de Guarda Livros, do Colégio Moderno, Annuciada Chaves adverte as formandas para as intempéries do mundo do trabalho, que traz muitas adversidades, além das próprias dificuldades da vida laboral, permeadas pela hostilidade ou desconfiança dos homens.

Tereis, no início de vossa vida, imensas decepções. Sentireis profundamente a hostilidade dos homens e das coisas. [...] Não receeis, obstáculos, lutas e dificuldades. São eles que nos obrigam ao trabalho, à reflexão, e nos detém a borda do precipício de indiferença e comodismo onde nos lançaria a excessiva facilidade de viver. Provavelmente, já ouvistes contar a estória de certo criador de insetos que, penalizado por perceber o esforço das frágeis borboletas para romperem o casulo em que se encontram encerradas, resolveu auxiliar uma delas, e com seus próprios dedos rasgou um dos invólucros delicados. Privado da ginástica natural que lhe fortaleceria as asas, aquele animalzinho jamais conseguiu voar. Não soliciteis o auxílio alheio senão como último recurso; poderia repetir-se convosco o caso da borboleta.

Quando vencedoras, não vos esqueçais de que os triunfos humanos são sempre parciais. Nada pode ser considerado definitivo, jamais tarefa alguma ficará concluída; tudo se renova, tudo se modifica<sup>647</sup>.

No texto acima, Annuciada Chaves fala sobre a metáfora do entomólogo que auxiliou a borboleta, que retrata um comportamento comum dos machistas que consideram que as

<sup>646</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Tradição e liberdade, discurso proferido no Colégio Moderno durante a formatura dos Técnicos em Contabilidade de 1952. **Folha do Norte**, Belém, 21 de dezembro de 1952, p. 6.

<sup>647</sup> *Id.* **As Festas da Inteligência**, discurso proferido por ocasião da formatura da Turma de Guarda Livros do Colégio Moderno, em 14 de dezembro de 1944, p. 3.



mulheres não são capazes de fazer determinadas atividades, o que os obriga a fazer a tarefa por elas, tal como: os professores que dão a resposta dos problemas matemáticos por pensar que suas alunas não são capazes de fazer o cálculo<sup>648</sup>.

No capítulo do livro intitulado *Bruno, símbolo de inteligência paraense*, que compõe a coletânea *Obras completas de Bruno de Menezes*, editada pela Secretaria Estadual de Cultura do Pará, em 1993, Anunciada Chaves repete a “muleta histórica” de considerar que os nordestinos migraram para o Pará, sobretudo, fugindo da seca que recorrentemente assolava aquela região brasileira, fato retratado na passagem a seguir:

*Candunga*, publicado em 1954, nas oficinas gráficas de José Hermógenes Barra, que tantos serviços prestou à cultura paraense em sua modesta tipografia, é um romance regional, o único saído da pena de Bruno, que retrata “cenas das migrações nordestinas na zona bragantina”, como se lê no subtítulo da própria obra.

Com esse trabalho, o admirável poeta de *Lua Sonâmbula* consolidou sua condição de exímio prosador, dotado de estilo vivo e gosto apurado, o que lhe valeu a conquista do prêmio “José Veríssimo”, instituído pelo Governo do Estado, em virtude da lei nº 501, de 27 de julho de 1952, da autoria do saudoso cineasta Libero Luxardo, então deputado estadual.

Abordando o doloroso e sempre atual drama das secas nordestinas e o êxodo de inúmeras de suas vítimas para a região bragantina, o autor de *Batuque* reafirma o seu porte intelectual com um excelente estudo econômico e social do fenômeno cíclico que tanto maltrata o Nordeste. Tangido de sua terra pelas impiedosas alternativas climáticas, o sertanejo buscava, em grande parte, a Amazônia, localizando-se, não raro, em território paraense, na faixa beneficiada pela velha e saudosa Estrada de Ferro de Bragança.

[...]

Funcionário categorizado do Serviço de Agricultura do Estado, pôde o romancista acompanhar *in loco* o drama dos refugiados nordestinos no vale do Caeté, traçando, com seu talento inato e agudo senso de observação, um vigoroso quadro de um dos aspectos mais dolorosos da colonização da Amazônia<sup>649</sup>.

Ressalta-se que este ideário de condicionar a migração do nordestino para a Amazônia devido o infortúnio da seca foi brilhantemente combatido pela historiadora Franciane Lacerda Gama em sua tese intitulada: *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*<sup>650</sup>, defendida no Programa de História Social da Amazônia da Universidade de São Paulo, em 2006. Em que a autora demonstra que existiam outras motivações que atraíam os cearenses para migrarem para o Pará que não estavam somente ligadas ao flagelo das secas,

<sup>648</sup> Cf. ALMEIDA, Edileuza de Sarges. **Relações de gênero e seus efeitos discursivos na constituição de subjetividades nos cursos de engenharia do Campus Universitário de Tucuruí - CAMTUC/UFPA**. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

<sup>649</sup> CHAVES, Maria Anunciada. Bruno: símbolo de inteligência paraense. In: MENEZES, Bruno. **Obras completas de Bruno de Menezes**. Belém: SECULT, 1993, p. 16. 3V.; v. 1. Grifos da autora do capítulo.

<sup>650</sup> GAMA, Franciane Lacerda. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva. 2006. 340 f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007105321/publico/TESE\\_FRANCIANE\\_GAMA\\_LACERDA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007105321/publico/TESE_FRANCIANE_GAMA_LACERDA.pdf). Acesso em: 21.07.2021.

como, por exemplo, a possibilidade de prosperar com as benesses da economia gomífera, que foi um chamariz não só para os cearenses, como para outros migrantes que vieram ao Pará.

Annunciada Chaves demonstrava também nutrir um certo pessimismo em relação aos avanços do mundo, e ela fazia questão de advertir as novas gerações de que o mundo do trabalho era bem difícil, isso se fazia sentir, sobretudo, quando ela era convidada a proferir discursos para turmas de formandos, como se pode perceber a seguir:

Podereis, porém, construir, no mais profundo do vosso ser, um abrigo que desafiará o mundo impiedoso. Hibernareis dentro de vós mesmas em face dos ventos glaciais da injustiça ou da incompreensão, como fazem certos animais sobre gelos polares. O tempo vos fortalecerá. Mais tarde, adquirireis o aspecto vigoroso das rochas castigada pelas intempéries. Tereis o vosso próprio modo de encarar a vida, sabeis descobrir oásis repousantes no meio da aridez dos caminhos e o vai e vem da opinião pública não mais vos impressionará. Estareis, então, bem perto daquela “maravilhosa tendência para a tolerância e mansidão” que Montaigne considera a mais nobre atitude do Homem. Perdoai-nos se acaso levantamos em demasia a cortina tecida de sonhos e esperanças que encobre a vossos olhos as graves responsabilidades do porvir [...] <sup>651</sup>.

Uma outra visão pouco positiva da sociedade é esboçada por Annunciada Chaves no discurso *Tradição e modernidade* proferido à turma de Contabilidade do Colégio Moderno, ao dizer:

A mecanização do homem, o automatismo convencional, a estilização esmagadora determinada pelas convenções, que constituem grave ameaça ao verdadeiro humanismo e assinalam as maiores dificuldades de nossa época, não produzem resultado tão completo quanto parece à primeira vista. O homem continua o mesmo desde os albores da História: pequeno, medíocre, dependente, cheio de ressonâncias atávicas, porém, reagindo sempre, apesar de tudo, contra a estandardização de sua alma.

[...]

O homem policiado e estandardizado de hoje, cercado de cadernetas e fichários, comprimido pelo horário e pela etiqueta, não perdeu de todo a noção da imensa emotividade existente dentro de si, de sua vida íntima e profunda, de suas desilusões e de suas esperanças, de seus breves momentos de ventura e de suas longas horas de angústia. Por isso, recusa-se, aberta ou disfarçadamente, apesar da rigidez das modernas formas estatais, a ser uma simples peça na engrenagem econômica da comunidade, um átomo no funcionamento mecânico da sociedade. [...]

Perdoai-nos queridos graduandos, por abordarmos assuntos tão sérios, tão graves, no dia festivo de vossa colação de grau. Não nos julgamos, porém, com o direito de iludir-vos, antes com o dever de aproveitar as emoções do momento, para melhor gravar em vossos corações, como vossa amiga e, até hoje, companheira de trabalho e de lutas, o senso da responsabilidade <sup>652</sup>.

<sup>651</sup> CHAVES, Maria Annunciada. **As Festas da Inteligência**, discurso proferido por ocasião da formatura da turma de Guarda Livros do Colégio Moderno, p. 5, 14 de dezembro de 1944

<sup>652</sup> *Id.* *Tradição e liberdade*, discurso proferido no Colégio Moderno durante a formatura dos Técnicos em Contabilidade em 1952. **Folha do Norte**, Belém, p. 4, 21 de dezembro de 1952.

Essa desconfiança de Annuciada Chaves no que concerne à automação da sociedade e à reificação da humanidade era levada para o campo das ciências, como ficou patente no discurso que proferiu ao saudar o professor e jurista Daniel Queima Coelho de Souza pelo seu ingresso na Academia Paraense de Letras, quando disse:

[...]

Os inúmeros meios de informação tudo invadem ou quase tudo alteram ou adaptam a prejuízos e preconceitos, o supérfluo ocupa o lugar do essencial, a tecnologia o da ciência, a especialização o da sabedoria, os números o das palavras, escravizando-nos, de tal maneira, às estatísticas e aos computadores, que já suspiramos pela hora de libertar-nos de suas frias garras.

[...]

Confio, porém, na História – “instrumento judiciário”, na lapidar expressão de Montaigne. Certa estou de que ela trará soluções inesperadas, como tantas vezes tem acontecido através do enorme rolar dos séculos, e que os humanistas serão, enfim, ouvidos, antes da derrocada fatal que tanto tememos.

Milhares de artistas, de escritores, de músicos, de poetas têm nutrido, ao longo da marcha da civilização, a chama de sonho e de esperança que dá ao Homem essa extraordinária capacidade de ressurgir, de renascer sempre das próprias cinzas

[...] <sup>653</sup>.

Na passagem supracitada, Annuciada Chaves expõe todo o seu desânimo atinente à mecanização da sociedade e vê nas Humanidades a solução para o resgate da sensibilidade e confiança do ser humano em suas potencialidades, apostando, sobretudo, na História para auxiliar o homem nessa reconquista de si mesmo.

A dependência do homem em relação às máquinas, transformando a sociedade em uma massa pouco crítica, também foi exposta pela professora Annuciada Chaves na sua palestra intitulada: *A criança e o professor*, proferida no Orfanato Antônio Lemos, em 15 de outubro de 1962, sob a promoção da Secult-PA, ao citar Max Scheler, como segue:

[...]

Como observa Max Scheler “o desenvolvimento da civilização moderna, as coisas humanas, a máquina da vida, a natureza que o homem quis dominar e procurou reduzir a um mecanismo, se fizeram donas e senhoras do homem: as coisas ficaram cada vez mais ágeis e vigorosas, cada vez mais belas e grandiosas, ao passo que o homem, que as criou, se tornou cada vez menor e mais insignificante, simples roda de sua própria engrenagem.

[...] <sup>654</sup>.

Apesar de um certo pessimismo quanto aos rumos da sociedade moderna, a professora Annuciada Chaves acreditava muito na importância do investimento na educação de crianças

<sup>653</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Discurso de Recepção ao acadêmico Daniel Coelho de Souza, proferido na APL, em 18 e novembro de 1976. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 6, n. 24-25, p. 203, jul./dez. 1976.

<sup>654</sup> *Id.* A Criança e o professor. *Folha do Norte*, Belém, p. 12, de 01 de janeiro de 1962.

e jovens como uma tentativa de reverter os descaminhos que a humanidade vinha tomando, prova disso são suas palavras proferidas na palestra *A Criança e o professor*, que demonstram a importância das crianças para o futuro dos seres humanos.

[...]

Nada mais belo, pois nem mais significativo, que o engaste do Dia do Professor na semana da criança. Entrelaçam-se, assim, no simbolismo das comemorações festivas, as duas fartas e perenes fontes de esperança para a humanidade cansada, porém não desanimada, o mestre – elo entre o passado e o presente, a criança – traço de união entre o presente e o futuro, “novo habitante da grande cidade da vida”, sobre cuja cabeça “o esplendor da manhã desce como uma benção celestial” e cujas mãos frágeis e pequeninas abrem “o misterioso portão que conduz à terra do porvir<sup>655</sup>.

Fenômeno análogo é exposto na palestra *Educação e cultura e previdência social*, em que Anunciada Chaves tece algumas críticas negativas à juventude, porém, logo em seguida, ela exalta os jovens e lhes atribui a razão de ser da sua profissão, ao dizer:

[...] Gilberto Freyre, o sociólogo admirável, cuja voz nordestina se tem erguido sempre em defesa de legítima brasilidade, sustentou, em recente pronunciamento, que é errôneo supor-se que a predominância dos moços no quadro demográfico brasileiro devia ser motivo de júbilo ou ideia de superioridade sobre povos de idade mais provectora. Vai mais longe o cientista patricio, chegando a classificar de ‘demagogia eufórica de certos manipuladores de estatísticas que teimam em criar mitos que não passam de puras deformações da realidade’ o ufanismo por esse predomínio, característico do nosso subdesenvolvimento.

Enquanto as nações maduras podem jogar, na solução dos seus problemas, com a experiência, a vivência, o saber acumulado por inúmeras gerações, os povos imaturos, além dos inúmeros problemas que a crise de crescimento provoca, têm contra si a impulsividade, a inconseqüência, a inconstância, a displicência, a irreflexão, características da mocidade. Não se julgue, por isso, que menosprezo os jovens. Pelo contrário: admiro e amo a juventude, a cuja transformação tenho me dedicado a maior parte de minha vida, a que me tem dado as mais inesquecíveis manifestações de compreensão e afeto<sup>656</sup>.

Em uma entrevista publicada no jornal *Vanguarda*, quando perguntada sobre o que pensava a respeito da juventude da atualidade, Anunciada Chaves apenas respondeu: [...] Não é pior nem melhor que a de outros tempos. É apenas juventude<sup>657</sup>.

Anunciada Chaves tinha orgulho de ser paraense e, geralmente, reverenciava conterrâneos que, assim como ela, enalteciam suas raízes, como se pode observar na apresentação das *Obras escolhidas de Felipe Patroni*:

Abolicionista, republicano e, acima de tudo, nativista, consagrou-se o notável paraense, inteiramente, à luta “contra o despotismo que oprimia as manifestações de

<sup>655</sup> CHAVES, Maria Anunciada, 1962, *op. cit.*, p. 14.

<sup>656</sup> *Id.* Educação, cultura e previdência social. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 6, n. 24-25, p. 48, jul./dez. 1976.

<sup>657</sup> *Id.* **A Vanguarda**, Belém, p. 5, 15 de junho de 1957.

liberdade, certo de que seria mais fácil converte-se em sangue as águas do Amazonas ou reduzir-se o Pará a cinza, pó e nada do que abaixar de novo a cerviz ao jugo sacudido<sup>658</sup>.

Esse mesmo mote foi utilizado pela professora Annuciada Chaves na apresentação de *A Música e o tempo no Grão-Pará*, escrito por Vicente Salles, ao dizer:

Vicente Salles, antropólogo, folclorista e musicólogo, é uma das figuras mais admiráveis da cultura paraense contemporânea. Nascido no Pará, em Vila Caripi (Município de Igarapé-Açu), a 27 de novembro de 1931, somente no ano vindouro alcançará meio século de existência, dedicada, na maior parte, ao estudo da sua terra e da sua gente, o que o credencia ao nosso respeito, estima e admiração.<sup>659</sup>

[...].

Embora distanciado materialmente da província natal, o autor continua voltado para o seu desenvolvimento musical, investigando coleções de jornais, consultando documentos, colecionando peças de compositores paraenses, eruditos ou populares, num constante e tenaz trabalho de pesquisa<sup>660</sup>.

Nas apresentações de palestrantes em visita ao Conselho Estadual de Cultura do Pará, Annuciada Chaves também fazia questão de associar aquela personalidade ao Pará, quer fosse por círculo de amizade, quer fosse pelo fato da pessoa ter trabalhado ou estudado em terras paraenses, como fez na apresentação do professor manauara Samuel Benchimol, antes deste iniciar a sua conferência intitulada: *O Pacto Amazônico e a Amazônia brasileira*, assim a presidente do CEC-PA, o apresentou: “Acresce a circunstância de que o nosso eminente patricio agasalha fortes influências paraenses em sua formação, influências que muito preza, [...] ex-aluno do Colégio Progresso Paraense, do saudoso Desembargador Arthur Porto, a quem – afirma – “tanto deve a sua formação”.<sup>661</sup> Bem como na obra *Paulino Chaves ante o próprio centenário*, em que Annuciada Chaves também o vincula ao Pará, quando descreve parte da vida do insigne maestro e relata a sua passagem por Belém:

[...]

Eis que ele foi convidado para interpretar os sentimentos do Conselho, na sessão especial de 25 de junho de 1980, quando se comemorou o centenário do maestro Paulino Lins de Vasconcelos Chaves, nascido em Natal (R. G. do Norte) e trazido por seus pais, aos quatro meses de idade, para Belém, onde passou grande parte de sua vida, considerando-se, ele próprio, paraense por adoção<sup>662</sup>.

<sup>658</sup> *Id.* Apresentação. In: PATRONI, Felipe. **Obras escolhidas de Felipe Patroni**. Belém: Falângola, 1975, p. 3. (Coleção Cultura Paraense. Série Ignácio Moura).

<sup>659</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Apresentação. In: SALLES, Vicente. **A Música e o tempo no Grão-Pará**. Belém: CEC-PA, 1980. Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga, p. 9.

<sup>660</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>661</sup> *Id.* Na abertura da sessão de conferência de Samuel Benchimol sobre “O Pacto Amazônico e a Amazônia Brasileira. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 9, n. 33/34, p. 122, jan./jun. 1978. Número especial de 10<sup>o</sup> aniversário.

<sup>662</sup> *Id.* Apresentação. In: SALLES, Vicente. **Paulino Chaves ante o próprio centenário**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1983, p. 5. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).

No discurso que Annuciada Chaves proferiu quando recebeu a medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, ela enaltece três acadêmicos que nasceram, moraram ou passaram uma temporada no Pará, como segue:

[...] Três membros desta Casa – ao que sei – nele [Colégio Paes de Carvalho] adquiriram as bases de suas humanidades: Oswaldo Orico, paraense de corpo e alma; Josué Montello, maranhense de corpo e semi-paraense de coração; e Peregrino Júnior, nascido no Rio Grande do Norte, mas que afirma dever ao Pará, onde “alvoreceu para as lides do pensamento”, “tudo o quanto há de essencial em seu ser: o amor da terra e da gente do Brasil, a curiosidade, a disciplina do trabalho, a paixão dos problemas do homem, e, sobretudo, a temática dos seus livros de ficção e inspiração inicial da sua vida de devoção social, literária e científica<sup>663</sup>.

A professora Annuciada Chaves também reverenciava escritores que não eram paraenses de origem, mas que mantinham proximidade com o Estado por laços de parentesco, como observamos na apresentação da obra *Poder e independência no Grão-Pará: (1820-1823) – gênese, estrutura e fatos de um conflito político*, escrita por Mário Barata, obra vencedora do Concurso de monografias sobre a Adesão do Pará à Independência do Brasil, apesar de o autor não ser paraense, ele escreveu com desenvoltura por ter sido sobrinho do político paraense Manuel Barata e fazer vistas frequentes ao Estado, enunciando:

Seu autor, figura de projeção na cultura nacional – jornalista de alto mérito, historiador, conferencista e crítico de arte abalizado – interessa-se profundamente por tudo quanto diz respeito ao Pará, ao qual está ligado por sólidas raízes. Embora nascido no Rio de Janeiro, descende de ilustre família de Manuel Barata, escritor, político e historiador de extraordinário merecimento<sup>664</sup>.

Outro autor que adotou o Pará como torrão e, por conta disso, também foi decantado pela professora Annuciada Chaves foi Ricardo Borges na obra *O Pará republicano, ensaio histórico: 1824-1929*, em que ela elogia o conhecimento histórico e a completeza dos fatos sobre o Pará que são revelados:

Na modéstia com que a si mesmo julgava, jamais pensou o saudoso escritor ter conquistado um lugar entre as figuras ilustres dessa mesma terra. Certa estou, porém, de que ninguém mais poderá ocupar-se dos “vultos notáveis do Pará”, sem deixar de incluir entre eles o baiano lúcido e intímato que aqui viveu, aqui lutou e aqui morreu<sup>665</sup>.

<sup>663</sup>CHAVES, Maria Annuciada. Perfil da Amazônia incompreendida. *Revista da Academia Paraense de Letras*, Belém, v. 19, p. 103, jul./dez. 1976. Discurso pronunciado pela Professora Maria Annuciada Chaves, na Academia Brasileira de Letras, em 15 de janeiro de 1976, ao receber a Medalha Machado de Assis, com que foi contemplada por esse ilustre silogeu.

<sup>664</sup> *Id.* Apresentação. In: BARATA, Mário. *Poder e independência no Grão-Pará: (1820-1823) – gênese, estrutura e fatos de um conflito político*. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1974., p. 8. (Coleção História do Pará. Série Arthur Vianna).

<sup>665</sup> *Id.* Apresentação. In: BORGES, Ricardo. *O Pará republicano, ensaio histórico: 1824-1929*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1983, p. 6. (Coleção História do Pará. Série Arthur Viana).

Ainda seguindo essa perspectiva do ufanismo paraense, Annuciada costumava descrever alguns hábitos locais, como o fez no capítulo intitulado *Orlando Bitar*, que compõe a obra *Guillaumet ou A Vida de Orlando Bitar*, em que relata o famoso “passar o dia”, descrevendo:

Quando eu era menina, havia, em nossa cidade, o hábito curioso e carinhoso de passar o dia na casa de amigos ou parentes. Nos aniversários, sobretudo, preparava-se um tabuleiro com roupas adequadas ao ritual, mamadeiras para as criancinhas, remédios para os idosos, presentes para os aniversariantes, às vezes, quitutes e guloseimas para reforçar o cardápio, e confiava-se tudo isso a um moleque esperto, que precedia as visitas e, geralmente, ficava na casa visitada, para ajudar ...

Fazíamos esse tipo de visita, duas a três vezes por ano, à casa da minha tia Lili (Olívia Chaves Rodrigues), irmã de meu pai, bondosa matrona que morava em ampla mansão, na S. Jerônimo, e recebia todos satisfeitos de braços e coração abertos. Seu marido, Sebastião Rodrigues, o tio Sabá, era homem simples e trabalhador, que passava a maior parte do ano às margens do Xingú, auxiliando seu padasto, Miguel Bitar, na administração de grandes seringais que, anteriormente, haviam sido propriedade de seu pai<sup>666</sup>.

Com muita personalidade, Annuciada Chaves sempre se manifestava em seus escritos em favor de determinados vultos históricos, alvos de críticas negativas, devidamente defendidas, sobretudo, quando se tratava de obras honoríficas editadas pelo CEC-PA, fazendo uma espécie de reparação, como podemos perceber na passagem a seguir:

Domingos Antônio Rayol nunca pôde entender os escritos de Patroni (“Juízo crítico sobre as obras literárias de Felipe Patroni”), apesar de os ter lido uma e muitas vezes, com o máximo interesse, solicitando esclarecimentos aos admiradores do grande liberal, que nunca os puderam dar. Para o Barão de Guajará, “Patroni não era homem assisado” e “a sua linguagem rude denuncia que ele pelo menos sofria excitações nervosas, das quais poderia vir-lhe facilmente a perturbação mental”.

Em que pese a opinião tão digna de acatamento, a produção de Patroni merece o maior respeito e admiração pelo seu teor político-doutrinário e pela inalterável linha revolucionária que a orienta, sempre em luta pela dignidade do Pará<sup>667</sup>.

Uma linguagem um pouco mais amena, poder-se-ia dizer até eufêmica, foi utilizada por Annuciada Chaves em favor de J. P. Grenfell, militar britânico, responsável por debelar os revoltosos da Cabanagem com muita crueldade; utilizando-se de linguagem atenuada, a autora justifica a má impressão que o senso comum nutria, em relação à Grenfell, como segue:

A grande culpa de Grenfell, que o tornaria *antipático* aos olhos dos seus coevos e que lhe deformaria a figura perante os pósteros, foi o ardil de que se serviu para apressar a adesão do Pará à independência, aludindo a uma esquadra inexistente, que estaria

<sup>666</sup> CHAVES, Maria Annuciada. *Orlando Bitar*. In: BITAR, Simão. **Guillaumet ou A Vida de Orlando Bitar**. Belém : Falângola, [1984], p. 65.

<sup>667</sup>. *Id.* Apresentação. In: PATRONI, Felipe. **Obras escolhidas de Felipe Patroni**. Belém: Falângola, 1975, p. 3. (Coleção Cultura Paraense. Série Ignácio Moura).

próximo. *Ardis dessa e de outra natureza, mais ou menos hábeis, têm sido utilizados em todas as guerras*, em todas as épocas. O Cavalo de Tróia tornou-se famoso até os dias de hoje, sem ter lançado o opróbrio sobre os gregos, antes conferindo-lhes o laurel de astuciosa imaginação, artilosa e sutil. A introdução de uma esquadra fantasma no agitado capítulo da adesão do Pará à Independência dá uma nota de fantasia ao conjunto, fantasia que só vantagem trouxe, poupando vidas humanas e impedindo uma resistência inútil, cuja triste consequência teria sido ensanguentar mais ainda esse processo histórico.

O episódio do Brigue Palhaço é o que mais pesa sobre a reputação de Grenfell [...]. Os amotinados foram tratados com *severidade*. Cinco morreram fuzilados. Seus nomes não são bem conhecidos: Sargentos Manoel Raimundo e Felipe, soldados Maximiano e Antônio, e o porteiro do Arsenal de Marinha, Custódio. Os restantes recolhidos à prisão, tentaram, sublevar-se, tendo sido transferidos, a pedido da Junta Governativa, para bordo do Brigue ‘S. José Diligente’, posteriormente, denominado ‘Palhaço’. Fechados no porão, semi-asfixiados, agitaram-se, desesperados, atirando-se uns contra os outros e tentando subir ao tombadilho. Eram 256, tiroteados a esmo pela guarnição, que, ainda, *segundo tradição verbal não documentada*, ter-lhes-ia lançado cal, tiveram morte horrível, da qual só quatro escaparam, tendo 3 falecidos pouco depois, na manhã de 21 de outubro<sup>668</sup>.

Na passagem acima, Anunciada Chaves diz que Grenfell se tornou “antipático a seus coevos”, porém, perto dos atos vis que ele cometeu, o termo antipático é um adjetivo muito leve para descrevê-lo. Além disso, no trecho em que ela afirma que: “recursos ardis sempre foram usados em todas as guerras”, ela naturaliza uma atitude extremamente sádica de Grenfell. Em seguida, Anunciada Chaves ainda minimiza a crueldade de Grenfell enfatizando que a ação de jogar cal nos revoltosos que estavam presos no porão do *Brigue Palhaço* é um fato que não tem comprovação, pois, como ela diz, esse fato foi veiculado: “segundo tradição verbal não documentada”, dando a entender que essa acusação seja possivelmente um exagero. No entanto o historiador José Maia Bezerra Neto faz uma interpretação bem diferente de tal episódio no seu escrito *A Cabanagem: a Revolução no Pará*, ao considerar que a atitude de Grenfell contra os revoltosos foi “um crime hediondo”<sup>669</sup>.

O próprio termo que Anunciada Chaves usa para se referir aos Cabanos<sup>670</sup> é pejorativo, ela os chama de “amotinados”, que provém de “motim”<sup>671</sup>, que significa “Revolta armada; ação contra quaisquer autoridades que se define pelo uso de violência, pela falta de ordem ou pela utilização de armas; conflito”<sup>672</sup>. Porém, a Cabanagem era mais do que um motim, ela se

<sup>668</sup> CHAVES, Maria Anunciada, 1972, *op. cit.*, p. 69.

<sup>669</sup> BEZERRA NETO, José Maia. *A Cabanagem: a Revolução no Pará*. In: ALVES FILHO, Armando; ALVES JÚNIOR, José; BEZERRA NETO, José Maia. **Pontos de História da Amazônia**. 3. ed. rev. e ampl. Belém: Pakatatu, 2001, 109 p., p. 85.

<sup>670</sup> Importantes percepções sobre os cabanos, sua formação e reivindicações são refletidas pela historiadora Magda Ricci no artigo: RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. **Tempo**, Niterói, v. 11, n. 22, p. 5-30, 2007. Uma interessante revisão de literatura foi feita também por esta mesma autora no artigo: RICCI, Magda. Do sentido aos significados da cabanagem: percursos historiográficos. **Anais do Arquivo Público do Pará**, Belém, v. 3, n. 2, p. 241-274, 2001.

<sup>671</sup> CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. In: DI PAOLO, Pasquale. **Cabanagem: a revolução popular da Amazônia**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, p. 7. (Coleção História do Pará. Série Arthur Vianna).

<sup>672</sup> MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. [Lisboa]: Confluência, 1952-1959. 2 v., v. 1, p. 589



configura como uma revolução, porque visava provocar transformações profundas na conjuntura política e social da Província do Pará, e principalmente, porque, na sua constituição, os cabanos eram um grupo bem heterogêneo, formado por: índios, negros, tapuios e brancos de classes economicamente favorecidas, cada uma dessas classes possuía motivações próprias para lutar na Cabanagem.

Uma perfeita definição da Cabanagem foi feita por Annuciada Chaves na apresentação da obra *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*, escrita pelo professor Pasquale Di Paolo, em que ela diz: “A Cabanagem foi, na verdade, uma ideia em ebulição, cuja expressão corporal foi destruída pela reação tirânica, mas cujo espírito não desapareceu, mantendo-se vivo no processo político da Amazônia”<sup>673</sup>.

O conhecimento aprofundado de arquitetura e decoração era usado por Annuciada Chaves para, além de transportar o seu leitor para o ambiente descrito no texto, demonstrar seus sólidos conhecimentos em outras disciplinas para além da história, objetivando fornecer um texto ainda mais enriquecido e fidedigno; exemplo deste recurso discursivo pode ser visto no livro *O Asilo D. Macedo da Costa*, em que a professora descreve minuciosamente (com um estilo de escrita tão detalhado quanto o dos escritores da primeira fase do romantismo brasileiro) a arquitetura e os elementos decorativos que ornamentavam o Asylo e exalavam o gosto refinado do ex-intendente de Belém do Pará, Antônio Lemos, como segue:

Moldado no estilo clássico italiano, o edifício é, ao mesmo tempo, singelo e grandioso, sólido, amplo e sóbrio, como convém aos fins que se destina.

Compõe-se de três alas perpendiculares à fachada principal, voltada para a atual Avenida Almirante Barroso, lembrando a forma de um E.

[...]

Sólidos castelos e arcarias de alvenaria servem de apoio ao piso, quase todo de acapu amarelo, com tábuas macheadas, entabeiradas e pregadas no vigamento, que é todo de acapu. [...].

Os pisos do vestíbulo, das varandas, das instalações higiênicas e dos banheiros são revestidos de mosaicos, assentes sobre vigamentos e soalho de acapu.

Ao fundo do vestíbulo, que dá acesso ao corpo central do prédio, destaca-se grande placa retangular, de mármore branco, fixada acima da porta que liga essa peça a ala principal do edifício.

[...]

A portaria é um compartimento pequeno, com piso mosaicado e mobiliário antigo, no qual se distingue um grande espelho de cristal biselado encaixado em linda moldura de madeira entalhada [...]. Na farmácia, onde se encontra uma escada que conduz ao porão, há uma rara coleção de bolões de porcelana inglesa, para medicamentos, e dois grandes depósitos de vidro fino, muito decorativos.

[...] Ao fundo dessas áreas ajardinadas, erguem-se dois belos pavilhões, com estrutura de ferro [...] Verdadeiras obras primas da arte metalúrgica, foram eles executados na França, nas oficinas de Guillet, Peletier, Frères e Comp. E acham-se montadas sobre sólidas paredes de alvenaria. Elegantes e resistentes têm atravessado o tempo em

<sup>673</sup> CHAVES, Maria Annuciada, 1985, *op. cit.*, p. 5.

perfeito estado e formam um dos aspectos mais nobres e mais decorativos do conjunto, quer pela pureza das linhas, quer pelo acabamento artístico dos detalhes.

[...]

Antigo lustre de cristal côm de rosa e branco pende do teto, enriquecendo a sóbria decoração da Secretaria.

[...]

A cobertura de telhas francesas, de excelente qualidade, repousa sobre madeiramento de acapu. As calhas e os condutores de águas pluviais são de cobre e o cano de esgoto para materiais fecais, concretado, possui abóbada de tijolos<sup>674</sup>.

Com base no trecho acima, percebe-se que Annuciada Chaves era muito detalhista na sua escrita e exibia um estilo muito elegante de redigir, bem como um bom conhecimento de elementos arquitetônicos e de decoração; infere-se que ela tenha se valido desse recurso estilístico para aguçar mais a imaginação dos consulentes, tornando a leitura da obra mais agradável, não se atendo a mera reprodução maçante dos dados que extraiu dos relatórios do Asylo D. Macedo da Costa, e para trazer mais vida e fidegnidade a descrição das instalações físicas, ela fez visitas *in loco*, triangulando esses dados, com os insumos que colheu das pesquisas bibliográfica e documental, temperados com seus sólidos conhecimentos de arquitetura e artes decorativas<sup>675</sup>.

Os vencedores da história eram geralmente retratados ou defendidos por Annuciada Chaves, como pode ser observado no excerto abaixo extraído de seu discurso *O Processo de Independência no Pará*, como segue: “Homens notáveis como Pombal, Mauá, Tavares Bastos, Rio Branco, foram, sem dúvida, em vários setores, os pioneiros da grande obra que se começa a realizar na mais vasta e mais vazia região do país, visando a garantir a unidade e soberanias nacionais”<sup>676</sup>.

Ressalta-se que estes “homens notáveis” exaltados por Annuciada Chaves, não eram tão notáveis assim, o Marques de Pombal desmantelou o sistema educacional da América Portuguesa<sup>677</sup>. O Barão do Rio Branco desencorajou Lima Barreto<sup>678</sup> e o jornalista João do Rio<sup>679</sup> a ingressarem na diplomacia brasileira por serem negros.

Saudosista, Annuciada Chaves costumava rememorar algumas passagens da vida acadêmica na Faculdade Livre de Direito do Pará, sobretudo quando falava sobre seus coevos, como fez em relação a Raymundo Souza de Moura, em seu discurso intitulado: *O Menino de Óbidos*, ao dizer:

<sup>674</sup> CHAVES, Maria Annuciada, 1968, *op. cit.*, *passim*.

<sup>675</sup> *Ibid.*

<sup>676</sup> *Id.* 1972, *op. cit.*, p. 73..

<sup>677</sup> LOPES, António Padre. **Enigma Pombal**: nova documentação, tentativa de interpretação. Lisboa: Roma Ed., 2002; COSTA, E., 2017, *op. cit.*

<sup>678</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. [São Paulo]: Companhia das Letras, c2017.

<sup>679</sup> RODRIGUES, Joao Carlos. **João Do Rio**: Vida, paixão e obra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

[...] Lembro-me da ternura com que, em gostosas conversas no intervalo das aulas, no enorme “salão dos passos perdidos”, como apelidávamos o compartimento destinado ao recreio dos estudantes, que se estendia da Almirante Tamandaré, sobre a qual se abriam amplas janelas, ao estreito saguão mosaicado que separava o velho casarão do Largo da Trindade da casa vizinha, na Padre Prudêncio, Moura, com a pronúncia inconfundível da gente do Baixo Amazonas, descrevia as belezas de sua terra

[...]

Parece-me ver ainda Moura, encostado ao peitoril da janela, as costas voltadas para a Tamandaré, olhos perdidos nos contornos do vasto salão, onde parecia divisar a paisagem que descrevia com tanta precisão e carinho, arrematando ao som da campã que nos chamava para aula: “Vocês precisam ver, meninos! Vamos aproveitar umas férias e organizar uma excursão até lá, no “Barão de Cameté”. Mergulhámos no Direito Civil ou no Direito Constitucional, ou, por mal dos nossos pecados, na Introdução à Ciência do Direito, pensando na projetada excursão que nunca se realizou, dispersos que ficávamos durante as férias. Mas as palavras, tão expressivas do colega nostálgico do seu chão permaneciam na nossa memória e no nosso coração e voltam-me, agora, em tropel, quando não mais poderei ouvi-las.<sup>680</sup>

No fragmento acima, Annunciada Chaves reproduz com fidelidade detalhes de algumas dependências da Faculdade Livre de Direito do Pará<sup>681</sup>, antigo silogeu jurídico do Largo da Trindade (onde atualmente funciona a Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Pará (OAB-PA), fornecendo a quem lá estudou uma grata lembrança, e para quem não viveu aquela época, uma janela do passado para poder antever como era a mais antiga instituição de ensino superior do Estado do Pará, criada em 1902, que anos mais tarde veio se fundir a mais seis estabelecimentos de ensino superior e dar origem a Universidade do Pará (atual Universidade Federal do Pará)<sup>682</sup>.

O cotidiano dos estudos na antiga Faculdade Livre de Direito é novamente reavivado para alguns, ou relatado para outros por Annunciada Chaves, no capítulo *Inteligência, cultura e dedicação*, da coletânea *O Amigo Chico: fazedor de poetas*, em que a autora relembra o seu convívio com o Prof. Francisco Paulo Mendes à época em que ele era bibliotecário da Faculdade<sup>683</sup>, como aduz:

<sup>680</sup> CHAVES, Maria Annunciada. **O Menino de Óbidos**. Discurso de homenagem ao jurista Raymundo de Souza Moura, em Sessão Especial no CEC-PA, em 11 de novembro de 1983, por ocasião do centenário de Silvio Nascimento e lançamento do livro “O Pará Republicano”. P. 1-8, p. 1. Datilografado.

<sup>681</sup> Para mais informações, leia: CHAVES, João. *Memória histórica da Faculdade de Direito do Pará: 1902-1907*. Belém: Tip. do Instituto Gentil Bittencourt, 1908 e BORBOREMA, Augusto Rangel de; SOUZA, Joaquim Gomes de Norões e. *Memória histórica da Faculdade de Direito do Pará*. Belém: Of. graf. da Rev. da Veterinária, 1956.

<sup>682</sup> Para mais informações, leia: MOREIRA, Eidorfe. **Para a história da Universidade Federal do Pará: (panorama do primeiro decênio)**. Belém: [Grafisa], 1977.

<sup>683</sup> Ressalta-se que aquela época, ainda não existiam profissionais formados em Biblioteconomia no Estado do Pará, assim sendo o cargo era ocupado por intelectuais de diversas formações, que possuíam muita erudição, e desenvoltura com técnicas de pesquisa e leitura. Os primeiros bacharéis de Biblioteconomia só surgiram em 1966, após a formatura da primeira turma, no novel curso criado em 1963 pelo Prof. Dr. Clodoaldo Beckmann, fundador da Biblioteca Central da Universidade do Pará e do primeiro curso de Biblioteconomia do norte do Brasil. (Cf. CHELALA, Ruthe Condurú; CUNHA, Alda das Mercês Moreira da; GALVÃO, Clara Maria. **A Biblioteconomia no Pará**. Belém: [s.n.], 1975. 95 p. e BECKMANN, Clodoaldo. **Para a história da UFPA: o ensino da biblioteconomia**. Belém: Ed. da UFPA, 2007).

Quando ingressei na Faculdade de Direito do Pará, em 1932, Francisco Paulo do Nascimento Mendes nela exercia função de bibliotecário. Era diretor o Sr. Genuíno Amazonas de Figueiredo, que lecionava Introdução à Ciência do Direito, incluída no curso jurídico em face da supressão absurda da cadeira de Direito Romano. Suas aulas começavam às 7 horas. Pontualíssimo, entrava na sala de aula na hora exata, chovesse ou fizesse sol. Os calouros chegavam à escola um pouco antes da hora marcada, e, frequentemente, aí encontravam o bibliotecário, ágil e expedito, pronto a atender as solicitações do mestre, que, não raro, recorria à biblioteca para orientar os estudantes nas leituras que deveriam fazer, dada a inexistência de obras específicas sobre a nova disciplina<sup>684</sup>.

De igual modo, Annuciada Chaves valeu-se de suas memórias para relembrar as disciplinas cursadas na Faculdade do Largo da Trindade, quando relata a dificuldade em estudar a Filosofia do Direito e desventuras vividas ao lado de seu colega Daniel Queima Coelho de Souza, rememoradas durante o discurso que proferiu quando este foi aceito para ocupar a cadeira de n. 35 da Academia Paraense de Letras, ao dizer:

[...]

Estudioso e amigo de transmitir conhecimentos, ingressou muito cedo no magistério superior, na difícil seara da filosofia jurídica, tendo lecionado, primeiro, Teoria Geral do Estado, depois Introdução à Ciência do Direito, disciplina criada quando nós, ambos, cursávamos a velha Faculdade do Largo da Trindade e que tantas dificuldades oferecia aos estudantes, pelo seu caráter misto, propedêutico e filosófico ao mesmo tempo, tormento e glória do saudoso mestre Genuíno Amazonas de Figueiredo [...] <sup>685</sup>.

A defesa do patrimônio nacional sempre foi uma temática presente nos escritos de Annuciada Chaves, como se observa na conferência *Trópico, mulher e atualidade brasileira*, em que ela faz um paralelo entre os modos como os europeus e os brasileiros tratam seu patrimônio arquitetônico, ao dizer:

Enquanto na Europa, cidades várias vezes seculares evoluem lentamente, sem perder as características arquitetônicas e históricas que se celebrizavam, no Novo Mundo, elas se desenvolvem precipitada e desordenadamente, plantando suas pesadas e monótonas construções verticais sobre as ruínas de um passado recente, impiedosa e imparcialmente destruído para dar lugar à novidade reluzente e banal. Para as cidades europeias, os séculos de existência constituem uma promoção, um requinte, um patrimônio, concentrado na catedral gótica ou românica, no castelo medieval, no convento antiquíssimo, de preciosa arquitetura. Na América, os núcleos urbanos são construídos às pressas, para se renovarem constantemente, na ânsia de parecerem cada vez mais novos.

Os jovens países americanos atestam a precariedade das vantagens conferidas pelo tempo e mostram que os grandes movimentos históricos, que, à primeira vista, parecem resultar do jogo de forças anônimas, podem provir, também, de um rápido envolver de populações ainda não contidas pela forma opressora de uma civilização

<sup>684</sup> CHAVES, Maria Annuciada. Inteligência, cultura e dedicação. In: NUNES, Benedito (org.). **O Amigo Chico**: fazedor de poetas. Belém: Secult, 2001, p. 53.

<sup>685</sup> *Id.* Discurso de recepção ao acadêmico Daniel Coelho de Souza, proferido na APL, em 18 de novembro de 1976. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 6, n. 24-25, p. 204, jul./dez. 1976.

longamente estratificada, capazes de atravessar, em poucos anos, a distância correspondente, em outras sociedades, a vários séculos<sup>686</sup>.

Por mais que o fulcro do texto não fosse a dilapidação do Patrimônio histórico, ela sempre encontrava alguma circunstância oportuna, para falar sobre monumentos ou locais que foram sumariamente destruídos, como pode ser verificado no artigo que Anunciada Chaves produziu sobre a escritora Ermelinda Amazonas de Almeida, como segue:

As adversidades da vida forçaram-na a misteres que não correspondiam ao seu temperamento vibrátil e emotivo. Nos escritórios da antiga Farmácia Central e do Grande Hotel<sup>687</sup> – ambos desaparecidos – conheceu a tristeza de ganhar a subsistência de maneira bem diferente da que desejava<sup>688</sup>.

Na passagem acima, Anunciada Chaves menciona a extinção de duas edificações muito tradicionais de Belém. Embora o mote do texto fosse reverenciar uma poetisa amazônica pouco alardeada, ela aproveitou para situar o leitor no ambiente que Ermelinda Amazonas viveu e pontuar o descaso com prédios históricos, que não existem mais na atualidade.

Outra forma de patrimônio, além do histórico, que também defendida por Anunciada Chaves, foi o patrimônio cultural, como pode ser visto no prefácio da obra *Paulino Chaves: ante o seu centenário*, em que ela julga que este livro representa uma salvaguarda do patrimônio cultural, como relata: “O legado musical de Paulino Chaves é um patrimônio cultural que o Pará não pode e nem deve esquecer. Alegra-se, portanto, o Conselho Estadual de Cultura por contribuir, desta maneira, para preservá-lo, dando, assim, à nossa música e aos nossos músicos o carinho que merecem”<sup>689</sup>.

Como bibliófila, professora e estudiosa, Anunciada Chaves se preocupava com a destinação que a biblioteca de seus coevos ia receber após o falecimento de seus proprietários,

<sup>686</sup> CHAVES, Maria Anunciada. Trópico, mulher e atualidade brasileira. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA, 1982: Recife. **Conferência ...** Recife, 1982, f. 73. Datilografado.

<sup>687</sup> O Grande Hotel foi um dos estabelecimentos de mais alto padrão de Belém, a sua fachada foi desenhada pelo arquiteto José Sidrim. O Grande Hotel foi inaugurado em julho de 1913, ele foi engenhosamente projetado para aproveitar a iluminação e a ventilação natural, ofertava refeições que mesclavam pratos franceses e pratos regionais, além de um sistema de escadas externo para ser usado como emergência no caso de incêndio, possuía bar, lanchonete, barbearia, móveis feitos com matéria prima da Amazônia, toda essa inovação conferiu-lhe um destaque no ramo hoteleiro de Belém. Em 28 de dezembro de 1971, o Grande Hotel foi vendido para Itape-ssoca Agro-Industrial S.A., sediado no Município de Goiana, Pernambuco. Em junho de 1973, o Grupo Sisal Hilton comprou o Grande Hotel, e apesar dos protestos de artistas e escritores, o seu processo de demolição teve início em agosto de 1973, causando grande comoção na cidade. Em 1984, o sucessor do Grande Hotel foi inaugurado – o Hilton Hotel de Belém, primeiro estabelecimento hoteleiro da rede Hilton a ser inaugurado no Brasil; entretanto, após 30 anos de funcionamento, a franquia Hilton Hotel terminou e, em 1º de dezembro de 2014, foi inaugurado um novo estabelecimento hoteleiro naquele local – o Princesa Louçã Hotel Belém (Cf. NUNES, Dulcília Maneschy Correa A.; SANTOS, Larissa Corrêa Acatuassu. **A Memória Hoteleira de Belém e o Grande Hotel: 1850 – 1950**. Belém: ABIH, 2016).

<sup>688</sup> *Id.* Uma poetisa esquecida (Sobre Ermelinda de Almeida). **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 17, n. 2, p. 105, jul./dez. 1974.

<sup>689</sup> *Id.* Apresentação. In: SALLES, Vicente. **Paulino Chaves ante o próprio centenário**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1983, p. 5. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).

de certa forma, apesar do conceito de patrimônio bibliográfico ter sido cunhado mais recentemente. É possível dizer que ela também protegia o patrimônio bibliográfico, prova disso foi uma assertiva que ela fez ao ter interesse de incorporar a biblioteca particular do geógrafo Moreira à biblioteca do CEC-PA, no pronunciamento que fez na sessão de 10 de janeiro de 1989, em alusão ao desencarne de do insigne geógrafo, como segue:

Não posso deixar de encerrar essa sessão, já bastante extensa, sem fazer uma referência especial a memória do Prof. Eidorfe Moreira, cujo desaparecimento a 2 do mês em curso, representa enorme perda para a cultura paraense.

[...]

Certa que os ilustres Confrades comungam dos meus sentimentos, proponho que se faça em Ata a inserção de um voto de profunda saudade pela irreparável perda de Eidorfe Moreira, disso se dando conhecimento a sua família, à Universidade Federal do Pará, à Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM – sucedânea da SPEVEA, à Academia Paraense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará, bem como que, tão logo seja possível, o Conselho procure inteirar-se, junto aos familiares do grande Mestre, do destino a ser dado a sua obra valiosa e aos remanescentes da sua preciosa biblioteca<sup>690</sup>.

Em seus discursos, Anunciada Chaves costumava falar sobre algumas particularidades da cidade que somente quem é munícipe ou estudioso da cultura belenense conhece, como se observou no necrológio a respeito de Sílvio Hall de Moura, como segue:

Prostrado pela enfermidade, recolheu-se a sua casa, na Pariquis “cercado de índios por todos os lados”, como ele mesmo gostava de dizer. Confortado pelo carinho da família e pela solidariedade de amigos e confrades, viu escoarem-se os últimos dias de sua existência, morrendo lentamente<sup>691</sup>.

O uso da expressão “cercada de índios por todos os lados” feito por Anunciada Chaves se deve ao fato da toponímia, da região, já que as transversais à Rua dos Pariquis, receberam nomes escolhidos para homenagear as antigas tribos indígenas residentes no Brasil antes da chegada dos exploradores portugueses, tais como: Tupinambás, Mundurucus, Caripunas, Tamoios, Apinagés, Timbiras<sup>692</sup> (Ver Mapa 1).

<sup>690</sup> CHAVES, Maria Anunciada. Eidorfe Moreira. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 10, n. 1, p. 75, jun. 1989.

<sup>691</sup> *Id.* Em memória do Desembargador e Conselheiro Sílvio Hall de Moura. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 2, p. 352, p. 354, jul./dez. 1990.

<sup>692</sup> REVISÃO nas denominações das vias públicas de Belém. **Folha do Norte**, Belém, 30 de janeiro de 1966, p. 3. Anunciada Chaves tinha bastante conhecimento de causa a este respeito, pois foi designada pelo Major Alacid Nunes, prefeito de Belém, a compor uma comissão, juntamente a Ernesto Cruz (Presidente), Raimundo Souza Moura, Cônego Ápio Campos e Machado Coelho (Secretário) responsável por revisar os nomes de todas as: avenidas, praças, ruas, travessas e passagens da capital paraense. As denominações das ruas honoríficas às tribos indígenas foi o tópico VII, sendo considerada como uma homenagem justa de ser mantida pela Comissão. Os resultados dessa revisão foram expostos em matéria do jornal supracitado.



historiador José Honório Rodrigues, quando este veio proferir uma conferência no CEC-PA em 30 de junho de 1978, assim disse:

[...]

Depois da **prata da casa** da melhor qualidade, o **ouro puro** dos mais ricos filões do Sul do país, a enriquecerem o transcurso do primeiro decênio desta Casa, com sua palavra, com sua inteligência, com seu saber, com sua generosidade em repartir conosco os frutos de seu labor intelectual.

[...]

Há, todavia, uma particularidade na honrosa visita de José Honório Rodrigues que fazemos questão de salientar: a presença de Leda Boechat Rodrigues, historiadora de grande **quilate**, que tanto se tem dedicado ao estudo da evolução do Poder judiciário e cooperando na vasta e valiosa produção intelectual de seu marido, que a ela se refere, com carinho e gratidão, no prefácio de várias de suas obras.<sup>696</sup>

Na passagem acima, Annunciada Chaves faz um interessante jogo de palavras com metais preciosos e congêneres a fim de elogiar a participação valorosa dos palestrantes da noite: iniciada pelo filósofo paraense Benedito Nunes que ia abrir os trabalhos falando sobre Clarice Lispector, ou seja o “prata da casa”; seguido pelo historiador José Honório Rodrigues, a quem chamou de “ouro puro” devido este ser um dos maiores historiadores brasileiros da atualidade e ainda arrematou o discurso mencionando Leda Boechat, esposa de José Honório, que, seguindo a mesma linha de raciocínio, a denominou de “historiadora de grande quilate”, a fim envolvê-la nesta fala de pessoas que trazem contribuições valiosas. Esse mesmo estratagema foi adotado por ela, no discurso que proferiu a respeito da cultura política, em que ela usa termos relativos à costura para se referir à falta de consciência política dos brasileiros, como segue:

[...]

Como poderia sair de uma sociedade pouco esclarecida, em sua maioria, um colégio eleitoral consciente, plenamente responsável pelos seus atos, capaz de contribuir pelo voto, para seu progresso nacional? A **veste** política, embora de rico **tecido**, não fora **talhada** sob medida para o corpo social que a **envergava**. E até hoje se procura corrigir esse **talho** mal feito...

[...] <sup>697</sup>

Um outro tipo de jogo de palavras, também era utilizado por Annunciada Chaves em seus escritos, baseado no uso de termos duais, como pode ser visto na Apresentação que ela fez para o livro *No estuário Amazônico: a margem da visita pastoral*, escrito por Dom Antônio Lustosa, como segue:

[...]

Assim o mineiro das montanhas, nascido entre as **brumas** de São João Del Rey, canta ‘o irmão **Sol**’, qual novo São Francisco, apaixonado pela natureza e desejoso de pô-

<sup>696</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Discurso de abertura da sessão de conferência de José Honório Rodrigues sobre Varnhagen no primeiro centenário do seu falecimento. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 8, n. 32, p. 69, jul./dez. 1978. Número especial de 10 aniversário. Grifos meus.

<sup>697</sup> *Id.* A Cultura política do Brasil. **A Província do Pará**, Belém, p. 1, de 31 de dezembro de 1950. Grifos meus.



lo a serviço de todos os homens. E, foi, ainda, com o pensamento no **astro-rei**, como elemento saneador, que escreveu na apresentação da sua obra derradeira: ‘**Essas breves palavras para cada dia do ano** são **raios de sol fulgidos**, mas capazes de lançar nas almas um **clarão** salutar, um estímulo para o bem, uma ideia generosa, uma resolução decidida, um impulso para Deus’. [...]<sup>698</sup>.

No trecho acima, Anunciada Chaves faz jogos de palavras trabalhando com termos opostos, tais como bruma e raios de sol. É importante perceber como ela ainda faz a contraposição em referência à pessoa de Dom Antônio Lustosa como alguém que veio de uma terra cinzenta, pois São João Del Rey é uma cidade que vive em constante penumbra, por ser serrana e encoberta por nuvens, mas que a despeito disso ele se revela como uma pessoa solar, cujo discurso lança lume e esperança aos ouvintes. E ela ainda aproveita para chamá-lo de “irmão sol”, alcunha atribuída a São Francisco de Assis. Entretanto, o motivo pelo qual São Francisco de Assis era chamado de “irmão sol” é um pouco diferente da denominação atribuída por Anunciada Chaves a D. Lustosa, pois, São Francisco de Assis acreditava que todos os seres animados e inanimados eram seus irmãos, sendo assim considerava: o sol, a lua e os animais como se fossem seus irmãos<sup>699</sup>. Diz-se, também, que antes de morrer São Francisco de Assis cantou um hino de sua autoria<sup>700</sup>, intitulado *Cântico do Irmão Sol* e, por isso, os seus devotos passaram a chamá-lo carinhosamente por essa alcunha:

[..] Louvado sejas, meu Senhor,  
Com todas as tuas criaturas,  
Especialmente o Senhor Irmão Sol,  
Que clareia o dia  
E com sua luz nos alumia.  
E ele é belo e radiante  
Com grande esplendor:  
De ti, Altíssimo é a imagem[...]<sup>701</sup>.

Contudo, São Francisco de Assis tinha um grande poder de chamar a atenção das pessoas com suas pregações, era uma pessoa iluminada, acolhedora e magnética, e isso também lhe conferia a associação ao sol<sup>702</sup>. Talvez Anunciada Chaves tenha atribuído a alcunha de São Francisco de Assis a D. Antônio Lustosa, por essa coincidência de serem pessoas atrativas por suas oratórias e carisma.

<sup>698</sup> CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. In: LUSTOSA, D. Antônio de Almeida. **No Estuário Amazônico – “À margem da visita pastoral”**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976, p. 6.

<sup>699</sup> ASSOCIAÇÃO REI SOL. **Quem somos**. 2023. Disponível em: <https://irmaosol.org.br/sao-francisco-de-assis/#:~:text=O%20santo%20de%20Assis%20sentia,As%20coisas%20tem%20coração>. Acesso em: 21.07.2023.

<sup>700</sup> CONTEÚDO ESPÍRITA. **Francisco de Assis e o Espiritismo: história e vida do irmão sol**. 2023. Disponível em: <https://conteudoespirita.com/francisco-de-assis-espiritismo/>. Acesso em: 21.07.2023.

<sup>701</sup> ASSOCIAÇÃO REI SOL, 2023, *op cit*.

<sup>702</sup> DOYLE, Eric. **Francisco de Assis e o cântico da fraternidade universal**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

As funções do CEC-PA são sempre que possível lembradas por Anunciada Chaves em seus escritos, como pode ser visto na Apresentação da obra *No estuário Amazônico: a margem da visita pastoral*, escrito pelo quarto Arcebispo do Pará – Dom Antônio de Almeida Lustosa, ao dizer:

[...]

Este Conselho, guardião das tradições intelectuais da nossa gente, tem a certeza de prestar, com a reedição desta obra preciosa, há muito esgotada e, por isso, quase esquecida, justa homenagem a uma figura humana excepcional e, ao mesmo tempo, um verdadeiro serviço à cultura paraense [...] <sup>703</sup>.

Conforme o texto acima, Anunciada Chaves revela uma das principais características do CEC-PA que é a salvaguarda das tradições eruditas do Pará, e divulgá-las, sobretudo, por meio da reedição de obras de relevância artística, religiosa ou social. Tal característica se amalgamou a personalidade de Anunciada Chaves, pois como foi exibido no capítulo 2 desta tese, a professora frequentemente era presenteada com livros por intelectuais de diferentes áreas do saber na expectativa de que ela recomendasse ou fomentasse edições futuras.

Um certo pessimismo em relação à velhice era esboçado ocasionalmente por Anunciada Chaves em seus escritos, embora no excerto abaixo ela demonstre felicidade pelo homenageado do CEC-PA não apresentar essas características sua exposição demonstra, mais ou menos, o que esperar da terceira idade, como segue:

[...] por tanto, está confirmado, uma vez mais, essa ‘juventude na velhice’, que é talvez a melhor recompensa que um ser humano possa ter nessa terra. Atingir uma idade avançada com lucidez de espírito, com desembaraço de movimentos, com facilidade de convivência, é realmente um dom divino, porque é a simbiose, a combinação de experiência da longevidade com o entusiasmo da juventude. E é isso que Gilberto Freire tem, e é isso que ele nos traz hoje, com grande generosidade, enchendo de alegria e de admiração a todos nós [...] <sup>704</sup>.

Como todo bom professor, Anunciada Chaves incentivava e gostava de acompanhar o êxito de seus alunos. Ver aquela pessoa que foi sua aluna, progredindo na vida acadêmica é muito gratificante, dá uma sensação de dever cumprido, de que todo o seu esforço não foi em vão, e que você foi compreendido. Um exemplo disso foi o acaso de Ubiratan Rosário, como Anunciada Chaves revela na apresentação do livro escrito por ele *Amazônia: processo civilizatório apogeu do Grão-Pará* <sup>705</sup>, vencedor do prêmio José Veríssimo 83, da Academia

<sup>703</sup> CHAVES, Maria Anunciada, 1976, *op. cit.*, p. 7.

<sup>704</sup> *Id.* Sessão de abertura. In: FREYRE, Gilberto. **O Pará amazônico**: seu relacionamento com o Brasil total. [Belém]: Conselho Estadual de Cultura, [1982], p. 3. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).

<sup>705</sup> CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. In: ROSÁRIO, José Ubiratan da Silva. **Amazônia, processo civilizatório**: apogeu do Grão-Pará. Belém: Ed. da UFPA, 1986, p. 13.

Brasileira de Letras, e publicado pela Editora da UFPA em 1986. Na apresentação, Annuciada Chaves se orgulha de seu discípulo, ao dizer:

Conheci José Ubiratan Rosário no velho e querido Colégio Estadual “Paes de Carvalho”, onde foi meu aluno. Menino ainda, viera de Vizeu, seu berço natal, para prosseguir os estudos em Belém, mas já revelava acentuado pendor pelas Ciências Sociais, particularmente pela História. Não se limitava a preparar as lições que a rotina escolar exigia, detendo-se na leitura cuidadosa de obras não didáticas e ampliando seus conhecimentos ao sabor de suas preferências. Adquiriu cedo o hábito e o gosto do trato com os livros, e aprendeu a manejar a língua sem desrespeitá-la.

Voltei a encontrá-lo, alguns anos passados, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, havia pouco integrada à Universidade Federal do Pará, e pude constatar o desenvolvimento da sua inteligência, apoiado no estudo e na reflexão. Um traço de suas tendências intelectuais, porém, não sofrera *alteração*; o gosto pela História, do qual comungávamos e que tornou amigos, professora e aluno, pouco depois, colegas no magistério.

Não me surpreendeu, por isso, que, na lista dos premiados pela Academia Brasileira de Letras em 1993, figurasse o autor de “Amazônia, processo civilizatório: apogeu do Grão-Pará”.

Depois de apreciar os oito trabalhos concorrentes ao Prêmio José Veríssimo – 83, Alceu Amoroso de Lima, relator da Comissão Julgadora designada pela Academia, opinara pela concessão da láurea ao ensaio apresentado sob o pseudônimo de Pereira Ludon, que ocultava o estudioso professor paraense. Declarou Tristão de Ataíde que assim agira pela “importância geo-cultural e panorâmica da nossa Amazônia e seu processo civilizatório em curso”, consubstanciado em “estudo do maior valor científico e social sobre o apogeu da região do Grão-Pará”.

A mesma estratégia também foi usada por Annuciada Chaves ao fazer a apresentação da obra *Os Confederados em Santarém*, em que exalçou Norma Guilhon, sua ex-aluna do Colégio Moderno, sendo que ao tecer elogios à autora pela originalidade da obra, Annuciada Chaves acaba enaltecendo a si mesma, por acreditar que influenciou sua discípula a desenvolver essa pesquisa tão bem fundamentada com temática inédita, como pode ser observado na passagem abaixo:

NORMA DE AZEVEDO GUILHON, viúva do Engenheiro FERNANDO JOSÉ DE LEÃO GUILHON, que tanto dignificou o Governo do Pará, pela sua capacidade, honradez e extraordinária modéstia, relata, neste volume, a tentativa de um grupo de sulista norte-americanos, derrotados na Guerra de Secessão, “tão inevitável quanto inútil”, de implantar, em 1867, um núcleo de colonização da Amazônia. O lugar escolhido foi Santarém, onde se instalaram os pioneiros da iniciativa, pouco mais de uma centena, sob a direção do Major Landsdorf Warren Hastings, que logrou boa acolhida do poder público. Outros colonos, de igual procedência, foram se estabelecendo, posteriormente, no local, sem qualquer dificuldade<sup>706</sup>.

Desde que iniciou a sua carreira acadêmica, Annuciada Chaves era convidada a proferir palestras e discursos nos mais variados eventos culturais. Ela pertencera a uma linha historiográfica tradicional, que contava a história dos vencedores: a história tida e dita como oficial. E embora tenha sido uma das fundadoras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

<sup>706</sup> *Id.* Apresentação. In: GUILHON, Norma. **Os Confederados em Santarém**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1979, p. 5 (Coleção 'História do Pará. Série 'Arthur Vianna').

Humanas da Universidade do Pará, com o passar do tempo, a linha de trabalho que seguia não se adequava mais aos novos rumos que os estudos historiográficos vinham tomando, muito influenciados pelos Historiadores do Annales, que começaram a privilegiar outros objetos de estudo pouco estudados, bem como modificar a ótica sobre os sujeitos, que agora incidia o foco para os pobres os vencidos a chamada História vista de baixo. Essas mudanças radicais conduziram Anunciada Chaves a se retirar da docência, ato concretizado em 1977<sup>707</sup>.

Durante a pesquisa de campo desta tese, observou-se que, por volta dos anos 2000, Anunciada Chaves passou a se dedicar mais à editoração de periódicos, tais como: a *Revista de Cultura do Pará*<sup>708</sup> e a *Revista da Academia Paraense de Letras*<sup>709</sup>, gradativamente ela foi se retirando do cenário intelectual paraense.

Anunciada Chaves tinha um carinho especial pela *Revista de Cultura do Pará*, por ser um dos poucos periódicos culturais paraenses a passar do seu terceiro número de existência<sup>710</sup>. Este periódico não teve início junto com o Conselho, ele foi criado dois anos<sup>711</sup> depois de sua fundação, em 1970, e existe até os dias de hoje<sup>712</sup>, possui 36 números e boa parte da editoração destes números boa parte foi organizada pela professora Anunciada Chaves. A respeito da RCP, a professora com entusiasmo comentou:

[...] O aparecimento da Revista de Cultura do Pará, editada pelo Conselho de Cultura, ocorreu em 70, mas o segundo e terceiros número, publicados em 1971, revelam o desenvolvimento dos trabalhos dessa entidade. A história do Conselho está sendo escrita, pouco a pouco, conscientemente nas páginas dessa publicação. Talvez, não seja exagero dizer que, ao lado da história do Conselho, nela se está escrevendo, também, a história da própria cultura paraense contemporânea. Os historiadores que vierem a pesquisar a época em que estamos vivendo terão, ali, uma grande fonte de informações fidedignas, pois a Revista contém não só o desenvolvimento das atividades do conselho, como, também, palestras de autoria de membros do Conselho e de figuras que se destacam em nosso meio cultural ou no país. Aliás, é acontecimento digno de nota uma revista cultural alcançar o terceiro número<sup>713</sup>, no Pará, e, mais ainda, já dispor de matérias suficientes para o quarto e quinto números<sup>714</sup>.

<sup>707</sup> SARGES, Maria de Nazaré. **Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Pará**. Belém, 2016, p. 13.

<sup>708</sup> REVISTA DE CULTURA DO PARÁ, Belém, v.16, n. 2, jul./dez. 2005. Expediente.

<sup>709</sup> REVISTA DA ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS, Belém, v. 41, 2002. Expediente.

<sup>710</sup> A *Revista Norte*, por exemplo, foi uma excelente revista dirigida por Benedito Nunes, Max Martins e Orlando Costa, criada após o fim do *Suplemento Literário da Folha do Norte*, em fevereiro de 1952, porém durou somente por 6 meses e dela circularam apenas três edições. Cf. ALENCAR, Melissa, 2011, op. cit.

<sup>711</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Catálogo Coletivo Nacional**. 2023. Disponível em: <https://cn.ibict.br/visualizar.jsf>. Acesso em: 21.07.2023.

<sup>712</sup> Entretanto, os números mais recentes datam de 2006, só é possível considerar uma revista extinta quando o CCN assim a denomina.

<sup>713</sup> Anunciada Chaves ao longo da vida, veio se envolvendo com o consumo e editoração de revistas, e sabia que boa parte das revistas e jornais não passavam do terceiro número, era uma métrica muito comum que assombrava a maioria dos intelectuais, em nível mundial, porém mais especificamente em termos de Pará, esse temor pode ser percebido ao consultarmos: Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO (IBBD); INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA. **Amazônia**: bibliografia. Rio de Janeiro: IBBD, 1963-1972. 2 v. (para compreender o histórico das revistas paraenses); ou Cf. BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: SECDT, 1985 (para termos um panorama dos jornais que foram produzidos no Pará).

<sup>714</sup> CHAVES, 1971, op. cit., p. 142

Embora o Catálogo Coletivo Nacional (CCN) considere a *Revista de Cultura do Pará* como ativa, seus últimos números foram lançados em 2006. Ademais, essa assertiva feita por Anunciada Chaves a respeito da cobertura de assuntos da RCP é mesmo verdadeira; na revista, constam as atas das sessões ordinárias e extraordinárias, além dos pareceres sobre as publicações que foram editadas pelo Conselho. De igual modo, a premissa sobre a publicação de mais de três números de uma revista voltada ao ramo da cultura paraense também é verossímil, basta consultar a Amazônia Bibliografia, em que se nota que a maioria das revistas não passa do segundo número, à exceção: das Revistas: *A Semana*, *da Revista Belém Nova*, *da Revista de Cultura do Pará*, *da Revista da Academia Paraense de Letras e da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* etc., porém, a maior parte dos periódicos desta temática teve uma vida muito breve<sup>715</sup>.

No tocante à editoração de revistas, a professora Anunciada Chaves também foi membro da Comissão Técnica da *Revista Página*,<sup>716</sup> periódico pertencente à Sociedade Paraense de Educação (SPE), que foi uma instituição voltada à capacitação de professores, da qual Anunciada Chaves também foi uma de suas fundadoras, juntamente a outros eminentes professores, cujos nomes podem ser vistos na foto 221.

Foto 220 – Capa da Revista Página da SPE.



Fonte: CMA. Acervo Anunciada Chaves (2024).

Foto 221 – Expediente da Revista Página.

CORPO ADMINISTRATIVO DA SOCIEDADE PARAENSE DE EDUCAÇÃO	
NO PERÍODO DE 20 DE JULHO DE 1960 A 20 DE JULHO DE 1961	
<b>Assembleia Geral</b>	
Presidente — Dr. Ovídio Melo	Vice-Presidente — Prof. <sup>a</sup> Zilda Garcia
1. <sup>a</sup> Secretária — Prof. <sup>a</sup> Mariana Chaves	2. <sup>a</sup> Secretária — Prof. <sup>a</sup> Maria L. Barros
<b>Diretoria</b>	
Presidente — Dr. Hilda Vieira	Vice-Presidente — Prof. <sup>a</sup> Justina M. e Peper
Secretaria Geral — Prof. <sup>a</sup> Arzulla Malta	1. <sup>a</sup> Secretária — Prof. <sup>a</sup> Odete Bousa
2. <sup>a</sup> Secretária — Prof. <sup>a</sup> Ivete Vieira de Almeida	Adjunto-tesoureira — Prof. <sup>a</sup> Maria Amélia P. de Melo
Bibliotecária — Prof. <sup>a</sup> Pholomena Cândida Figue	
<b>Membros da Comissão Fiscal:</b>	
Prof. <sup>a</sup> — Alexandrina B. Alves Dias	— Adalgisa Condru
<b>Membros da Comissão Técnica:</b>	
Prof. <sup>a</sup> — Carolina Figue Bimeno	Dra. — Maria Anunciada Chaves
<b>Conselho Julgador</b>	
Presidente — Prof. <sup>a</sup> — Amélia Condru	Secretária — Prof. <sup>a</sup> Maria Barros
<b>Membros:</b>	
Prof. <sup>a</sup> — Arzulla Malta	— Rainaldia Américo
— Crispina Maria Ribeiro	— Eudene Alves
— Eudene Alves	— Eudene Alves
— Margareta Schiverson	— Antônia Paes da Silva
<b>Suplentes:</b>	
Prof. <sup>a</sup> — Raquel Amado	— Maria Rosa
— Maria Carmelita Guedes	— Maria Carmelita Silva
<b>REALIZAÇÕES DA S. P. E.</b>	
<b>NO PERÍODO DE 29 DE JULHO DE 1960 A 29 DE JULHO DE 1961</b>	
1 — Reunião pública em homenagem ao Professor, dia de Santana	7 — Inauguração da escola com o Voto de Bastiana de Casa do Professor
2 — Entrega de prêmio aos alunos por valor de Cr\$ 2.000,00	8 — Modificação no Regulamento da S. P. E. e do Regulamento Interno
3 — Entrega de prêmios aos alunos que obtiveram as melhores classificações nos concursos da "Página Escolar"	9 — Pauta de 8.º ponto realizada para a Assembleia da S. P. E. em dia 29 de julho
4 — Aprovação de propostas para admissão em quarto ano	10 — Pagamento de parcelas às famílias de alunos faltosos
5 — Publicação do XIII número da Revista "Página"	11 — Realização do Prêmio de Anos, com Prêmio de 1.º, 2.º e 3.º lugares em cada um dos 5.º, 6.º, 7.º e 8.º anos da educação

Fonte: CMA. Acervo Anunciada Chaves (2024).

A professora Anunciada Chaves foi se desgostando do rumo que as coisas estavam tomando, principalmente das questões políticas, frequentes eram suas queixas quanto ao desprestígio que os governantes do Pará tratavam as questões culturais, sobretudo o patrimônio

<sup>715</sup> IBBD, *op. cit.*

<sup>716</sup> Cf. PÁGINA: Revista Lítero-Pedagógica-Noticiosa da Sociedade Paraense de Educação, Belém, v. 14, n. 14, 26 de julho de 1961. Créditos. CMA. Acervo Anunciada Chaves.

histórico, visto que edificações ícones de efemérides paraenses estavam em ruínas. A respeito de sua insatisfação com a atividade dos governantes em relação à esfera cultural, Annunciada Chaves externou o seguinte comentário em entrevista feita à Daniela Damaso, em 1997: “Houve momentos em que ficávamos sobrecarregados de tanto trabalho. Hoje, a calma reflete o desinteresse dos órgãos públicos e privados em incentivar a produção cultural de nosso Estado”<sup>717</sup>. Esse desabafo feito pela entrevistada demonstra o quanto ela estava decepcionada com a falta de políticas públicas em prol da cultura paraense na contemporaneidade.

O apoio que o Conselho Estadual de Cultura do Pará recebia em anos idos não era o mesmo de que dispunha em fins do século XX e início do século XXI (nas gestões de Almir Gabriel, 1999-2003; e Simão Jatene, 2003-2007), haja vista que não havia mais benesses, tais como: recursos financeiros para premiações de Concursos promovidos pelo CEC-PA, e insumos para produção editorial, assim, o CEC-PA teve que buscar parceria, principalmente com a Universidade Federal do Pará, para dar vazão à sua produção editorial. E por fim, a própria sede<sup>718</sup>, que ficava no terceiro andar do Edifício Ipasep, sito à Rua Senador Manoel Barata, n. 50, foi vendida, naquela época, a maior preocupação de Annunciada Chaves era com a situação da biblioteca, em meio a todos esses infortúnios, Clodoaldo Beckmann, presidente do CEC-PA neste período, resolveu incorporá-la ao acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna e alocar a parte administrativa em duas salas no subsolo do antigo Centro Cultural Turístico Tancredo Neves (Centur), atual Fundação Cultural do Pará (FCP).

Esse foi um duro golpe para Annunciada Chaves, pois ela se orgulhava muito de o Conselho ter uma sede própria, a qual foi celebrada em discurso proferido em homenagem ao Governador Fernando Guilhon, enunciando:

[...] O ano de 1971 foi muito fecundo, muito próspero, para o Conselho Estadual de Cultura. Uma das realizações de maior alcance, e que tem muito contribuído para o desenvolvimento deste cenáculo, foi a localização em sede própria.<sup>719</sup>[...] A existência de uma sede como essa em que o Conselho se vê senhor de um pavimento todo e pode, portanto, dispor os seus diversos serviços de forma conveniente e dignificante, veio dar-lhe, incontestavelmente, novo entusiasmo, até mesmo uma fé mais viva nos seus próprios destinos [...] <sup>720</sup>.

Essa comemoração que Annunciada Chaves fez em torno da existência de uma sede própria, se deve ao fato de que tal conquista ser importante para qualquer instituição, porque

<sup>717</sup> DAMASO, [1997], p. 7.

<sup>718</sup> CHAVES, Maria Annunciada. Discurso ao Senhor Governador do Estado e relato das atividades do Conselho Estadual de Cultura em 1971, proferido no salão nobre do CEC-PA, na Festa de Confraternização deste realizada em 28.12.1971. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 2, n. 5, p. 140, nov./dez. 1971,

<sup>719</sup> *Ibid.* p. 141.

<sup>720</sup> *Ibid.*

pode acomodar todas as suas dependências, pode-se criar a sua rotina de trabalho etc. Ressalta-se que quando o CEC-PA foi criado, ele não tinha essa benesse, tendo funcionado provisoriamente no Solar Barão do Guajará, sede do Instituto Histórico e Geográfico do Pará<sup>721</sup>, situação a qual Annunciada Chaves denominava de ‘casa emprestada’<sup>722</sup>, posteriormente, no início de 1971, o Conselho passou a funcionar temporariamente no Ed. Justo Chermont, até ser transferido em definitivo para Ed. Ipasep em março de 1971, com certeza essas sedes anteriores apesar da boa vontade, deveriam gerar algumas situações conflitantes, daí a exortação da Professora Annunciada Chaves em ter uma sede própria.

Outra situação que a desanimou foi a mudança de tratamento dos governantes em relação a sua pessoa, visto que, anteriormente, para ser atendida ela não marcava audiência, nem aguardava, era prontamente atendida, principalmente por Jader Barbalho, que tinha sido seu aluno no Colégio Moderno. Esse tratamento prioritário não vinha mais acontecendo com os demais governadores, que instituíram uma agenda de audiências, em que Annunciada Chaves teria que aguardar a sua vez como qualquer outro cidadão.

Os tempos mudaram e o serviço público se modernizou, se profissionalizou, os governadores passaram a ter agendas assoberbadas, e a partir de agora então, a precisava marcar audiências. Essas mudanças políticas e comportamentais desagradaram muito Annunciada Chaves, que aliadas à velhice, aos problemas de saúde, ao fim das deferências a que estava acostumada a receber, culminou numa somatória de eventos foi a conduzindo, gradativamente, a se retirar da cena intelectual paraense e se enclausurar cada vez mais em sua casa, até adoecer gravemente e perecer em 16 de agosto de 2006.

Após a sua morte, algumas homenagens lhe foram feitas, a saber:

- Em Goianésia do Pará, foi criada uma escola de ensino médio com o seu nome<sup>723</sup>.
- Em 26 de dezembro de 2007, a Faculdade de História da Universidade Federal do Pará inaugurou a sede do seu recém-criado Mestrado em História Social da Amazônia<sup>724</sup>, a qual foi

<sup>721</sup> CHAVES, Maria Annunciada, 1971, *op. cit.*

<sup>722</sup> *Ibid.*

<sup>723</sup> PARÁ. Secretaria de Estado de Educação. **C.E.E.M Profa Anunciada Chaves**. 2024. Disponível em: [https://www.seduc.pa.gov.br/portal/escola/consulta\\_matricula/RelatorioMatriculasDetalhado.php?nome\\_ure=16A%20URE%20-%20TUCURUI&codigo\\_municipio=43885&codigo\\_escola=3869](https://www.seduc.pa.gov.br/portal/escola/consulta_matricula/RelatorioMatriculasDetalhado.php?nome_ure=16A%20URE%20-%20TUCURUI&codigo_municipio=43885&codigo_escola=3869). Acesso em: 19.07.2024.

<sup>724</sup> Oficializado via Resolução n. 3.572, de 09 de agosto de 2007. (Cf. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução n. 3.572, de 09 de agosto de 2007**. Homologa o Parecer n. 085/04-CPPG, que aprova a criação do curso de Mestrado em História. 2007. Disponível em: [https://sege.ufpa.br/boletim\\_interno/downloads/resolucoes/consepe/2007/Microsoft%20Word%20-%203572.pdf](https://sege.ufpa.br/boletim_interno/downloads/resolucoes/consepe/2007/Microsoft%20Word%20-%203572.pdf). Acesso em: 19.02.2024).

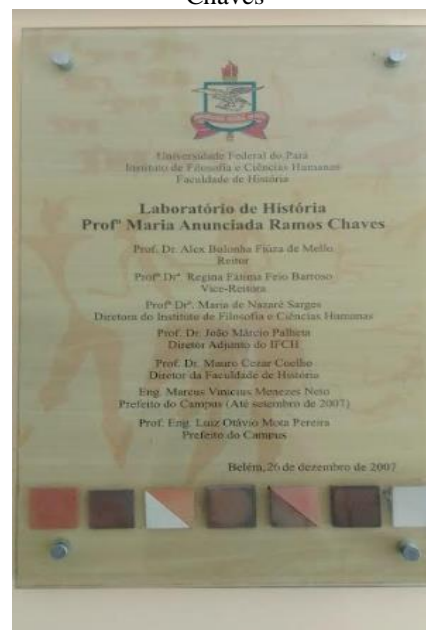
denominada de Laboratório de História Profa. Maria Anunciada Ramos Chaves (ver fotos 211 e 222);

Foto 222 – Laboratório de História Profa. Maria Anunciada Ramos Chaves



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Foto 223 – Placa de inauguração do Laboratório de História Profa. Maria Anunciada Ramos Chaves



Fonte: Acervo pessoal (2024).

- Sua casa e acervo<sup>725</sup> foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Geográfico Nacional – Seção Pará pela inscrição no Livro de Tombo n. 03 do IPHAN-PA<sup>726</sup> em 24 de agosto de 2010.

- Sua biblioteca particular foi resgatada da rua e deu origem ao Projeto Memorial do Livro Moronguetá, em 12 de setembro de 2012<sup>727</sup>.

Apesar de alguns episódios inglórios ocorridos no final da vida de Anunciada Chaves, ela recebeu o reconhecimento de seus pares justamente na esfera que mais a comprazia o ensino, sobretudo da História.

<sup>725</sup> PARÁ. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Seção Pará. Lei estadual n. 5.629, de 22 de agosto de 2010. Dispõe sobre a Preservação e Proteção do Patrimônio Histórico, Artístico, Natural e Cultural do Estado do Pará. **Diário Oficial do Estado do Pará**, Belém, 20 de agosto de 2010. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei\\_n\\_5.629\\_de\\_20\\_de\\_dezembro\\_de\\_1990.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_n_5.629_de_20_de_dezembro_de_1990.pdf). Acesso em: 06.11.2019.

<sup>726</sup> PARÁ. Departamento de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural. **Certidão de Tombamento sob a denominação Antiga Residência de Maria Anunciada Chaves e o Acervo Documental e Bibliográfico da Biblioteca Pessoal da Referida Professora**, Belém, 24 de agosto de 2010.

<sup>727</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Pró-Reitoria de Relações Internacionais. **Projeto Memorial do Livro Moronguetá**, Belém, 2013. 12 f.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioteca pessoal é o *locus* privilegiado de estudo e lazer que todo intelectual possui, cuja organização e proporção são testemunhas de si. Neste sentido, se fizermos uma breve consulta à biblioteca de um estudioso, poderemos identificar seu modo de pensar e de se posicionar em relação à ciência que ele estuda, suas tendências políticas, se possui ou não afinidades religiosas, suas preferências artísticas, seus *hobbies*, seus projetos passados e nupérrimos, pois ela é a materialização da sua forma de pensar e de agir.

Uma biblioteca não é apenas um receptáculo de documentos do passado, mas também um lugar onde o passado é reconstruído, repensado, problematizado e ressignificado. A biblioteca está associada à escrita que extraiu a memória de dentro do ser humano e a transformou autônoma dos portadores vivos.

O desenvolvimento de uma biblioteca pessoal suscita o questionamento quanto às razões pelas quais um indivíduo se dispõe a guardar aquela documentação, o seu interesse pessoal ou profissional por uma temática peculiar que o levou a reunir determinados impressos, já que o gesto de guardar documentos é atravessado por uma fabricação material e simbólica. O ato de reunir documentos é intrínseco ao ser humano, independentemente da profissão, etnia, idade, gênero, posto que a nossa sociedade é grafocêntrica; e, para que vivamos no meio social, precisamos apresentar documentos, comprovantes, certificados e outros tipos de documentos comprobatórios, os quais vamos acumulando de modo espontâneo ou compulsório ao longo da vida.

Convém frisar que uma biblioteca pessoal de um intelectual eminente é importante não só no momento em que foi gerada, como também com o passar dos anos, para que se possa compreender como se deu determinado processo, como a ciência era produzida e disseminada em tempos idos, como os intelectuais interagem etc. Inicialmente os acervos são gerados por seus proprietários, o que corresponde ao processo de acumulação documental e sua utilização no cotidiano, como uma forma de comprovar a existência civil do sujeito perante as instituições ou um modo de remeter a seus relacionamentos com pessoas. Posteriormente, após a doação por decisão do proprietário ou da família, ocorre a preservação, em que o acervo pessoal extrapola a finalidade jurídica, profissional ou pessoal do seu titular e seu uso é destinado a pesquisa realizada por terceiros: O historiador não analisa o documento pelo documento; antes, utiliza-o como ponte para o passado, ou do arquivo para uma realidade. Esta passagem do documento ao passado é um processo decisivo pelo qual cumpre o essencial da elaboração do

conhecimento histórico<sup>728</sup>.

É relevante perceber a biblioteca pessoal como uma fonte para a pesquisa historiográfica, por se configurar em um eficiente nicho de pesquisas e intervenções que facilitam o historiador do presente a eternizar a memória do proprietário daquele determinado acervo<sup>729</sup>.

A biblioteca pessoal preservada por uma instituição ajuda a pensar as variadas etapas daquele acervo, bem como a compreender aquela seleção de materiais bibliográficos, mais como produtos naturais das trajetórias dos indivíduos do que como produtos de motivações e investimentos pessoais<sup>730</sup>. Se faz necessário investigar as singularidades do processo de acumulação documental, o qual se caracteriza como uma prática dinâmica operada em diferentes temporalidades e que expressa a relação dos titulares com a guarda dos seus papéis ao longo dos anos. Seus apontamentos sugerem a análise do trajeto percorrido pelos documentos, da acumulação documental operada pelo titular à organização do arquivo pelo profissional.

Entre os procedimentos que, hoje, parecem mais importantes, encontram-se o levantamento da história de cada acervo, o contato com as pessoas envolvidas na acumulação, ordenamento e guarda das obras - antes e depois da morte do titular -, bem como o investimento nas intenções, projeções e expectativas depositadas no acervo por este último, tanto no momento em que seleciona documentos para serem guardados como depois, ao vislumbrar a possibilidade de atribuir a seu acúmulo documental um valor histórico ou patrimonial<sup>731</sup>.

Na fase de acumulação documental, o titular arruma os seus alfarrábios e os objetos, realizando triagens que são guiadas por intenções sucessivas e distintas, conforme as circunstâncias da vida, como: uma mudança de emprego ou de cidade, o momento de abandonar o teto familiar, divórcio ou a ocasião da morte de algum ente querido<sup>732</sup>.

O ato de colecionar livros, fotos, correspondências, recortes de jornal com matérias relativas a recebimento de prêmios, lançamento de livros, realização de cursos e proferimento de palestras, efetuados pelo antigo proprietário do acervo configura aquilo que modernamente se chama de “arquivar a própria vida”, que consiste em o guardador imortalizar uma época e produzir representações e marcas de si mesmo. Os objetos autobiográficos que compõem um acervo pessoal materializam, assim, uma proposta de leitura associada à imagem que se quis

---

<sup>728</sup> BELLOTO, *op. cit.*, p. 24.

<sup>729</sup> CUNHA; PHILIPPI, *op. cit.*

<sup>730</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>731</sup> HEYMANN, 2009, *op. cit.*, p. 55.

<sup>732</sup> ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, v. 11, n. 21, p. 10, 1998.

preservar de si mesmo. No processo de construção ou de reorganização de um acervo pessoal, seja esta atividade desenvolvida pelo proprietário ou por outrem, há sempre a preocupação com a reputação do proprietário do acervo.

No caso desta tese, percebeu-se uma preocupação da professora Annunciada Chaves em “arquivar a si mesma”, posto que ela possuía os seus cadernos em que colava recortes de jornal que remetiam a vários momentos de sua vida, os bons e os ruins, neles constam divulgações de palestra que fez, reuniões que participou, anúncio de suas visitas técnicas, a exoneração injustificada do cargo de professora da cadeira de História do Brasil do Colégio Paes de Carvalho, as etapas do concurso que prestou para se efetivar neste cargo, a sua aprovação, as homenagens que recebeu dos seus alunos e de seus pares após ter sido aprovada no concurso etc.

Cumprir destacar que além do desejo de notoriedade envolvido na doação de um acervo particular, há também o desejo de que aquele material esteja à disposição de gerações posteriores, motivado pelo fato de que seu proprietário não irá mais fazer uso daquela massa documental, devido a uma aposentadoria, doença ou morte. Annunciada Chaves tinha certeza de que sua biblioteca pessoal, cuidadosamente amalhada ao longo de sua vida seria recebida pela Universidade Federal do Pará e disponibilizada para uso das futuras gerações, apesar de seu acervo ter sido conduzido por caminhos íngremes e não goze de sua completude, o seu desejo foi parcialmente atendido<sup>733</sup>.

A ampliação do interesse historiográfico por bibliotecas pessoais, e mais especificamente sobre as chamadas escritas ordinárias, tem se tornado crescente. Seu uso representa uma mudança significativa na construção de uma história da ciência e um marco que revolucionou as práticas intelectuais.

Adverte-se, portanto, que o estudo de bibliotecas pessoais traz implícitos vestígios das dimensões temporais e históricas projetadas pelo passado, que demonstram o dinamismo e a amplitude dos interesses humanos, frequentemente alterados com o passar do tempo. É papel do historiador construir o objeto histórico a partir desse passado deduzido, demarcando-o historicamente pelo uso de procedimentos metodológicos, próprios de seu ofício, cujos critérios serão responsáveis por dotá-lo de uma "validade universal"<sup>734</sup>. Os embates presentes entre o momento de doação e a triagem institucional são aqui tomados como parte de um processo de patrimonialização que inclui a consolidação de uma memória. Busca-se, finalmente, mostrar que a dimensão de memória de um tempo pode ser forjada por variadas perguntas que o objeto

---

<sup>733</sup> Ver detalhes deste controverso processo de doação na Introdução desta tese.

<sup>734</sup> CHARTIER, 2009, *op cit.* p. 16

suscita ao historiador em cada situação em que é utilizado.

Primo Levy citado por Joel Candau diz que: “[...] não é raro, quando se perdeu tudo, que se perca a si próprio. O sequestro de objetos que evocam a vida exterior, é ao mesmo tempo um sequestro da identidade”<sup>735</sup>. Voltando à cena narrada no início desta tese, a disputa pelos livros que pertenceram à Annunciada Chaves, possivelmente, representou, para algumas pessoas que a conheciam uma tentativa de possuir um fragmento dela, a apreensão de parte de sua identidade, de sua inteligência. Sua biblioteca era cobiçada pela intelectualidade de Belém; portanto, possuir uma ou várias obras daquela coleção, significava obter parte de um lastro intelectual. Assim sendo, provavelmente, quem se desfez desse material não podia realizar a carga patrimonial bibliográfica que possui, posto que seus móveis e objetos de arte foram vendidos a antiquários (ou leiloados; porém as pessoas que recolheram seus livros tinham plena consciência do valor intelectual agregado que aqueles livros expostos a res pública possuíam).

É importante perceber que Annunciada Chaves viveu em uma outra época em que os intelectuais e suas falas eram muito valorizados, em que suas palestras eram publicadas, quer fossem em separatas, quer fossem em revistas ou em jornais diários, elas eram transmitidas via rádio. Neste momento, é oportuno refletir o quanto de importantes ideias são perdidas na contemporaneidade porque esse procedimento não se usa mais.

É óbvio que, no tempo presente, seria humanamente impossível difundir esse tipo de notícia dada a grande quantidade de professores e pesquisadores existentes no Pará na atualidade, o que se espera é que o próprio intelectual faça a divulgação de seus trabalhos em suas redes sociais (caso tenha), ou em ferramentas de veiculação de produção científica, como: Currículo Lattes, Orcid e Escavador, Repositórios institucionais ou redes profissionais como o LinkedIn. Tal fato está sendo, em parte, reparado devido aos webnários e gravação de defesas de dissertações e teses que são transmitidas na atualidade via Youtube.

Outro aspecto relevante que me ajudou muito a compreender traços da personalidade de Annunciada Chaves foram as situações externadas nas dedicatórias e autógrafos grafados em seus livros, que foram úteis por revelar situações íntimas vivenciadas entre dedicador e dedicatário, bem como fatos maiores que já se relacionam com a imagem de mulher pública, sujeito político e tomadora de decisões atribuída à Annunciada Chaves, como é o caso da dedicatória que Mário Barata lhe fez falando sobre a criação do Museu de Arte Sacra para Belém do Pará em plenos anos 1970, fato que só veio a se consumir quase três décadas depois.

---

<sup>735</sup> CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

Chama a atenção, também, as relações de sociabilidade entre Annuciada Chaves e grandes expoentes da intelectualidade nacional (de diversas regiões do Brasil) e, em alguns casos internacional, bem como a sua habilidade de transitar por várias esferas políticas e ideológicas, em alguns casos bem conflitantes e polarizadas, como por exemplo, ao se relacionar com militares, como o Coronel Alacid Nunes, Dirceu Figueiredo (filho do ex-presidente militar do Brasil, João Batista Figueiredo) e Max Justo, ao mesmo tempo em que interagia com intelectuais assumidamente esquerdistas, tais como: Jorge Amado, Vicente Sales, Silvio Hall de Moura, Ruy Barata entre outros.

No que se refere à escrita da história de Annuciada Chaves, percebe-se uma produção textual de influência positivista, extremamente lusófila, voltada à história dos vencedores, com pouca produção à história vista de baixo. Entretanto, esse era o posicionamento de um determinado fazer histórico, que precisa ser respeitado e analisado pois seus escritos eram bem guarnecidos de fontes estatísticas, geográficas, históricas, metodológicas, filosóficas e bibliográficas. Suas produções, quer fossem textuais, ou orais, eram marcadas pela linguagem rebuscada, pela linearidade de pensamento e clareza de proposições.

É notável, no objeto de estudo, uma escrita singular de prefácios e de discursos, sendo que por mais que fosse, elementos acadêmicos e de exposição da imagem pública da professora Annuciada Chaves, tais produções, por vezes, revelam uma escrita íntima, com revelações de peculiaridades envolvendo a produtora do discurso e o referenciado, conferindo uma certa humanidade à fala neutra e impessoal da ciência. E por sinal, esse tipo de material foi muito útil à feitura desta tese, pois ajudou a compreender determinadas passagens da vida da biografada, mesmo com sua ausência ou de alguns de seus coetâneos, o que reforçou ainda mais o objetivo desta pesquisa que se propunha a fazer um estudo biográfico da professora Annuciada Chaves fundamentado nos vestígios que ela deixou em sua biblioteca.

Com base no exposto, observa-se que o objetivo da tese foi plenamente atingido, pois, através dela, foi possível recontar a história de vida de Annuciada Chaves a partir da investigação dos vestígios de seu acervo em seus aspectos mais intrínsecos, trazendo à tona situações bem conhecidas, e outras nem tanto, da vida dessa importante intelectual que ajudou a fundar a Faculdade de História do Pará e ensinou a História, nos níveis fundamental, médio e superior, para estudantes do sistema público e do sistema privado de educação; que muito lutou pela preservação do patrimônio histórico paraense; que passou boa parte de sua vida voltada a proferir palestras, escrever textos, dar consultorias e lecionar (atividade que ela comparava ao sacerdócio). Desta feita, o estudo leva em conta a seriedade e dedicação diária que Annuciada Chaves dispensava às lides magisteriais e administrativas em boa parte de sua existência.

Ademais, é louvável destacar o papel do patrimônio bibliográfico em escrutínio, posto que as técnicas de pesquisa nele utilizadas, me ajudaram a extrair insumos que propiciaram a melhor analisar as fontes de pesquisa empregadas nesta tese, haja vista a análise das dedicatórias; as marcas de proveniência (carimbos da proprietária da biblioteca, etiquetas e carimbos de livrarias), o ato de grafar o *ex-libris* manual nos livros; as encadernação de luxo determinadas publicações em detrimento de outras; o trabalho de ‘garimpar’ novos materiais bibliográficos a serem adquiridos; além do próprio uso que a Professora Annunciada Chaves fez destes materiais, quer seja produzindo marginálias avulsas, quer fosse marcando as páginas com objetos inusitados (que, contudo, possuíam ligação direta com a publicação), e ainda o ato de manter apenso aos livros os artigos de jornais sobre determinado autor, obra ou assunto. Tudo isso, me auxiliou a inferir quanto às práticas de leitura, ao estilo de aprendizagem e, por extensão, aos modos de viver da professora Annunciada Chaves e que, sobremaneira, me ajudaram a recontar a sua trajetória existencial e, porque não dizer, rememorar um momento histórico na vida intelectual do Brasil, dada a sua relação com seus contemporâneos, pois a participação de Annunciada Chaves na fundação e desenvolvimento de instituições culturais, a sua escrita clara e cronológica que imprimia em seus discursos e até mesmo seus *hobbies* de garimpar livros, de colecionar cartões ou programas de peças de teatro, nos ajudam a compreender, como os intelectuais de um passado não tão distante interagiam.

Uma boa contribuição trazida por esta tese diz respeito à confirmação de Annunciada Chaves como bibliófila, mediante ações, como: recuperando o seu processo de “garimpagem” das novas aquisições; o tratamento *vip*, com encadernações de luxo, com que guarnecia as obras que mais gostava; a identificação minuciosa que fazia em seus livros (que também percebo como sendo uma escrita de si, porque ela anotava em que ocasião aquele livro foi comprado, se ele pertencia a ela ou a outro membro de sua família); o prestígio que nutria perante os livreiros; a disponibilização de estantes diversas para acondicionar, com conforto, seus materiais bibliográficos; o ato de receber suas visitas na Biblioteca, ações estas que revelam traços de uma autêntica amante dos livros. Contudo, ela ainda é, uma cidadã pouco estudada no meio científico, existem alguns trabalhos sobre bibliófilos, mas referente a bibliófilas são pouquíssimos, pois geralmente, as mulheres são retratadas como bibliófobas, ou no máximo figuravam como meras auxiliares de seus maridos na ampliação e organização das bibliotecas deles, pois dificilmente se representa a mulher como hábil colecionadora de livros. É hora de trazer esses personagens à lume e mostrar que possuem um papel ativo na história.

Nesta tese, focalizou-se mais a questão de uma bibliófila paraense com a qual a autora tem mais familiaridade, todavia enseja-se que os fatos, os exemplos e as situações aqui

apresentados poderão ser ponto de partida à percepção das pessoas sobre o papel das minorias como agentes históricos. Desse modo, espera-se que este estudo inspire pesquisas futuras atinentes a outras bibliófilas brasileiras ou estrangeiras.

Mais uma contribuição que esta tese trouxe, apesar de não ser um de seus objetivos, foi o resgate das informações sobre as antigas livrarias que existiram em Belém, por meio das etiquetas e carimbos existentes nos livros da biblioteca particular de Anunciada Chaves, a recolha desse material, permitiu também prospectar o seu *hobbie* dos sábados a tarde de “garimpar livros”, em que tentou-se refazer itinerário percorrido pela biografada na busca de novos itens para compor o tesouro de sua biblioteca, levando-se em consideração o *corpus* desta pesquisa foi possível identificar que Belém do Pará teve quarenta e oito livrarias entre o final do século XIX e início do século XXI<sup>736</sup>.

Devido essa tese se ancorar ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, o foco principal incidiu sobre a performance da professora Anunciada Chaves em relação ao estudo e ensino da história, porém a biografada também possuía atuação destacada na área da geografia, inclusive os estabelecimentos de ensino em que ela trabalhou, geralmente ela lecionava História e Geografia, ciências irmãs e complementares. E por conta disso, recomendamos também que outros pesquisadores realizem trabalhos explorando a contribuição de Anunciada Chaves para o ensino da Geografia.

Como foi demonstrado no capítulo I desta tese, Anunciada Chaves guardou inúmeros programas de peças teatrais e de concertos musicais que ela assistiu. Esses documentos embora sejam restritos a uma folha, são tão ricos em informações que podem auxiliar em pesquisas sobre o teatro produzido no Pará entre as décadas de 1930 a 1980 (um recorte temporal considerável). Esses programas apresentam informações sobre os atores, diretores, figurinistas, cenógrafos e demais profissionais que tornavam os espetáculos exequíveis. Ademais, Anunciada Chaves era bem eclética e assistia desde as peças mais rebuscadas apresentadas no Teatro da Paz, passando pelas produções em formação do teatro universitário, indo até o teatro amador apresentado em quermesses, escolas e nos bairros. Bem como é possível deprender informações sobre as afamadas companhias de teatro nacionais e estrangeiras que se deslocaram para Belém, motivadas pelo soerguimento do segundo ciclo da borracha. Do mesmo modo informações riquíssimas sobre os regentes, cantores e músicos que se apresentaram no Teatro da Paz, podem ser consultados nos libretos que Anunciada Chaves guardou, ou seja, uma fonte

---

<sup>736</sup> Mais informações sobre esse assunto podem ser encontradas em: COSTA, Elisângela Silva da; SARGES, Maria de Nazaré. Rememorando as antigas livrarias de Belém do Pará: um estudo com base nas etiquetas e carimbos dos livros da coleção Anunciada Chaves. **PontodeAcesso**, Salvador, v.16, n.3, p. 505-531, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52322>. Acesso em: 14.01. 2023.

inesgotável de insumos para subsidiar pesquisas sobre a primeira arte – a Música, ou sobre a quinta arte – o Teatro.

Além de bibliófila, Annuciada também era cartófila, e possui um acervo composto por 2.241 cartões postais, de temáticas variadas, compreendendo: pontos turísticos de Belém e de outras cidades e países, temas religiosos, tipos característicos de populações, etc. Esses materiais podem ser úteis para pesquisadores das áreas de: Biblioteconomia (que podem propor sistemas de organização de informação iconográfica); de Arquitetura, Turismo, de História, de Geografia (que podem estudar as mudanças na feição de muitas cidades nacionais e internacionais), e de Artes Visuais que podem estudar, as técnicas fotográficas empregadas, o plano, a iluminação, a perspectiva e demais aspectos que compõem o documento iconográfico.

Não se pode perder de vista, também, que Annuciada Chaves participou da fundação não só de uma das células *máter*, como também da própria Universidade do Pará e de sua consequente federalização. Sendo assim a professora possui documentos administrativos, legislativos da criação e desenvolvimento da UFPA, além de itens que subsidiaram as pesquisas que estão ajudando a recontar os setenta anos da Faculdade de História do Pará, que está sendo comemorada esse ano.

A biblioteca analisada nesta tese, vem funcionando como uma reserva técnica, da Coleção Memória Editorial da UFPA, uma coleção especial mantida e ampliada pela Biblioteca Central que se propõe a salvaguardar tudo o que foi produzido pela Edufpa, que por motivos óbvios, possui uma quantidade maior de exemplares, porém o acervo de Annuciada Chaves também possui uma certa expressividade, pois a professora, organizou séries de livros e periódicos da UFPA, tinha o hábito de prestigiar o lançamento de livro de seus pares, bem como era presenteada com as produções de jovens escritores, e também recebeu obras de cortesia por ter sido prefaciadora. Desta feita, todo aquele que se ocupa do estudo da universidade pioneira do norte do Brasil precisa visitar o acervo da Professora Annuciada Chaves.

A pesquisa nesse acervo pessoal, depositado no Centro de Memória da Amazônia, continua, pois, as informações são muitas e os caminhos para realizá-la são infindáveis. Refazer os passos dessa trajetória é uma atividade hermenêutica construída a partir da observação, interrogação, interpretação e comparação desses registros aparentemente aleatórios, procurando sempre dar-lhe um sentido que parte de uma intenção verossimilhante.

Para finalizar, me alinho ao pensamento de Ailton Krenack<sup>737</sup>, que, advertiu que: “cada ancião que morre é um livro que desaparece da biblioteca da vida, pois com ele se vai todo o

---

<sup>737</sup> KRENACK, Ailton, político e historiador indígena. **Informações verbais**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 30., 2022. Palestra de encerramento.



conhecimento acumulado ao longo de sua existência”. Essa analogia até se adequaria, em parte à Annuciada Chaves, já que ela teve uma vivência quase centenária, e como era uma bibliófila com certeza gostaria de ser associada a um livro; entretanto, compreende-se que Annuciada Chaves não poderá ser descartada da biblioteca da vida após seu desencarne, conforme tal analogia, porque ela pertenceu a uma sociedade grafocêntrica, e por conseguinte seus pensamentos e ensinamentos se mantêm eternizados por meio dos escritos que ela nos deixou, das memórias saudosas daqueles que conviveram com ela, e, sobretudo, dos vestígios de sua biblioteca que permitiram além da tessitura desta tese, a possibilidade de recontar momentos da trajetória existencial de alguém que foi atravessada pela História e dedicou toda a sua vida ao estudo e propagação da ciência que humaniza os indivíduos, que permite contemplar o passado, pensar o presente e prospectar o futuro.

## REFERÊNCIAS

- [ALMOÇO de congregação da OAB-PA, oferecido por Aldebaro Klautau em 1951]. 1 Foto, p&b, 10x15 cm. Memorial do Livro Moronguêta. Acervo Annunciada Chaves.
- [CONJUNTO de estanterias da Casa da Professora Annunciada Chaves]. 1 foto. color., 10x15 cm. Acervo Fórum Landi.
- [JOAQUIM Chaves]. Belém. 1 foto p&b, 7x11 cm. Memorial do Livro Moronguêta
- [MARIA Annunciada e suas irmãs: Maria Paula, Maria de Lourdes e Maria Júlia]. Belém. 1 foto p&b, 7x11 cm. Memorial do Livro Moronguêta. Acervo Annuniada Chaves.
- [MARIA D' Ascensão Ramos Chaves]. Belém. 1 foto p&b, 7x11 cm. Memorial do Livro Moronguêta. Acervo Annuniada Chaves.
- ABELEM. Auriléa Gomes. A Formação para pesquisa e planejamento em Ciências Sociais. **Memória a Belém**. 2016. Disponível em: [https://memoriaabelem.blogspot.com/2016/05/formacao-para-pesquisa-e-planejamento\\_30.html](https://memoriaabelem.blogspot.com/2016/05/formacao-para-pesquisa-e-planejamento_30.html). Acesso em: 08.06.2024.
- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Seleta de Bernardo Élis**. São Paulo: Abril Educação, 1983.
- ACADEMIA DE LETRAS FEMININA DO RIO GRANDE SUL. **Vozes femininas**. Porto Alegre: Ed. Carré, 1984
- ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS. **II Concurso Intermunicipal de Poesia e Conto - Bruno de Menezes**. Belém: Cejup, [1988], p. 7-8.
- ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS. **Poesia & prosa**: antologia. Belém: Cultural CEJUP, 1987.
- ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS. **Poesia & prosa**: antologia. Belém : CEJUP, 1990.
- AGÊNCIA PARÁ. **Colégio Estadual Visconde de Souza Franco**. 2022. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/galeria/14977/colégio-estadual-visconde-de-souza-franco>. Acesso em: 08.06.2024.
- ALENCAR, Cristina. **A Trajetória de Bettina Ferro**: e sua contribuição para a ciência e a sociedade. Belém: Ponto Press, 2013.
- ALENCAR, Edna Ferreira. Gentes de todas as paragens: retratos da imigração no Pará. In: CANCELA, Cristina Donza; CHAMBOULEYRON, Rafael. **Migrações na Amazônia**. Belém: Ed. Açai, 2010, p. 107-129.
- ALENCAR, Gualter Loiola (edt.). Maria Annunciada Ramos Chaves. In: \_\_\_\_\_. **Quem é quem no Pará**. [Belém] : Ed. Persona, [1970]. p. 392-394.
- ALENCAR, Melissa da Costa. **1952**: a poesia de o Estranho de Max Martins. 2011. 247 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Letras.

ALENCAR, V. (Org.). **Castro Maya bibliófilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2002

ALMEIDA, Edileuza de Sarges. **Relações de gênero e seus efeitos discursivos na constituição de subjetividades nos cursos de engenharia do Campus Universitário de Tucuruí - CAMTUC/UFGA**. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

ALVES, Moema de Barcelar. **Casa Rosada de Belém: os caminhos de um patrimônio**. 2008. 87 f. Orientador: Prof. Dr. Décio Guzmán. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Interpretação, Conservação e Revitalização do Patrimônio Artístico de Antônio José Landi) – Faculdade de Arquitetura, Instituto de Ciências Tecnológicas, Universidade Federal do Pará, 2008. P. 29-30.

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Impressão & Acabamento**. Porto Alegre : Bookman, 2009

AMORIM, Maria Adelina. **Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará: missão e cultura na primeira metade do seiscentos**. Lisboa: CLEPUL; CEHR, 2005.

ANAIS CIENTÍFICOS. Universidade do Pará. Alicerce da Valorização da Amazônia, v. 21, n. 74, [1964]. Separata Especial.

ANO em que Anunciada faleceu. Missa-enterro-convite. **O Liberal**, Belém, 17 de agosto de 2006.

ANNUNCIADA eleita para a Academia. **O Liberal**, Belém, 26 abr., 1973.

ANNUNCIADA Chaves morre aos 90 anos. **O Liberal**, Belém, p. 9, Quinta-feira, 17 de agosto de 2006. Caderno Atualidades.

APELO DO CONSELHO de estudantes para a reintegração da Professora Anunciada Chaves. A Província do Pará, Belém, p. 3, 29 de setembro de 1949.

ARAÚJO, Adema Ferreira de. **Rubens Borba de Moraes e José Mindlin: bibliofilia como patrimônio informacional**. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/25239/1/DISSERTAÇÃO%20Adema%20Ferreira%20de%20Araújo.pdf>. Acesso em: 10.11.2019.

ARENZ, Karl Heinz. **'Fazer sair da selva': as missões jesuítas na Amazônia**. Belém, PA: Estudos Amazônicos, 2012. 56 p. (Coleção Estudos Amazônicos. História)

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, FGV, v. 11, n. 21, p. 10, 1998.

ASSIS, Eneida. Vivendo a UFGA: 1965-1973. In: MELLO, Alex Fiuza Bolonha de (org). **UFGA 50 anos: relatos** de uma trajetória. Belém : Edufga, 2007. P. 77-90.

ASSIS, Machado de. O Jornal e o livro. **Correio Mercantil**. Rio de Janeiro, 10 a 12 jan. 1859. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=8321>. Acesso em: 30.01.2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação – Representação e formatos do tempo – darás e horas – Apresentação**. Rio de Janeiro, 2019

ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORAS DO BRASIL; TOCANTINS, Sylvia Helena (Org.). **Ajebianas no vôo da palavra**. Belém: IOE-PA, 1973.

ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORAS DO BRASIL. **Ajebianas vôo da palavra**. Belém: IOE-PA, 1983.

ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORAS DO BRASIL. **Ajebianas no vôo da palavra**. Belém: IOE-PA, 1993

ASSOCIAÇÃO REI SOL. **Quem somos**. 2023. Disponível em: <https://irmaosol.org.br/sao-franciscocodeassis/#:~:text=O%20santo%20de%20Assis%20sentia,As%20coisas%20tem%20coração>. Acesso em: 21.07.2023.

ASSUNÇÃO, Suelene Santana. **O Livreiro Raimundo Jinkings: a venda de livros e a divulgação do Comunismo no período da Ditadura Militar em Belém – PA**. 2015. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo. **Editar livros, sonho de livreiros: os Zahar e o livro no Brasil (1940-1970)**. 2018. 402 f. Orientadora: Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira. Coorientador: Thomás Augusto Santoro Haddad. (Tese Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo. Ex-libris manuscrito *In*: AZEVEDO, Fabiano Cataldo. **As Marcas de proveniência bibliográfica**. Belém, 5 de setembro de 2019. Curso de Gestão e curadoria de acervos especiais.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo, professor universitário da UFBA e bibliotecário. **Informações verbais**. Salvador, 13 de junho de 2023. Curso de Catalogação de Obras Raras.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo; SILVA, Kátia Leal da; COSTA, Elisângela Silva da. Bibliófilas, sim! Breves apontamentos sobre duas bibliotecas de mulheres brasileiras. **Herança**, Lisboa, 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/44330753/Bibliófilas\\_sim\\_Breves\\_apontamentos\\_sobre\\_duas\\_bibliotecas\\_de\\_mulheres\\_brasileiras](https://www.academia.edu/44330753/Bibliófilas_sim_Breves_apontamentos_sobre_duas_bibliotecas_de_mulheres_brasileiras). Acesso em: 20.02.2021

AZEVEDO, Fernando. As faculdades de filosofia e o ensino secundário: para uma aproximação entre mestres e discípulos. *In*: AZEVEDO, Fernando. **Educação e seus problemas**. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

AZEVEDO, J. Lúcio de. **Os Jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização: bosquejo histórico com vários documentos inéditos**. Lisboa: Liv. Ed. Tavares Cardoso & Irmão, 1901

BAKHOUCHE, Béatrice et al. **De l'annotation aux marginalia**. 2010. Disponível em: [https://www.univ-montp3.fr/uoh/lelivre/partie2/de\\_lannotation\\_aux\\_marginalia.html](https://www.univ-montp3.fr/uoh/lelivre/partie2/de_lannotation_aux_marginalia.html). Acesso em: 16.01.2020.

BALEIXE, Haroldo. **Ex-libris históricos**. 30.07.2010. Disponível em: <http://haroldobaleixe.blogspot.com/2010/07/ex-libris-historicos.html>. Acesso em. 03.10.2019.

BANDEIRA, Suelena Pinto. **A Paixão que vem dos livros: um estudo biográfico sobre Rubens Borba de Moraes**. 1990. 308 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília. 1990.

BARATA, Mário *In*: PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 51

BARATA, Mário. Manuel Barata, republicano histórico. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 12, n. 2, p. 203, dez. 1991.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O Poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 2. ed. Trad. Marcelo Mortara. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006.

BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel: gênero e poder no século XIX**. Tradução de Luiz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Ed. UNESP, 2005

BASSALO, Célia Coelho; ARAÚJO, Leopoldina; ASSIS, Rosa (coord.). **Centro de Letras e Artes: breve histórico**. Belém: Ed. da UFPA, 1985.

BATTLES, Matthew. **A Conturbada história das bibliotecas**. São Paulo : Planeta, 2003.

BECKMANN, Clodoaldo F. R. Homenagem à Maria Annunciada Chaves. **Revista Cultura do Pará**, Belém , v. 17, n. 2, p. 177-182, jul./dez. 2006.

BECKMANN, Clodoaldo. **Para a história da UFPA: o ensino da biblioteconomia**. Belém: Ed. da UFPA, 2007

BELCHIOR, Elysio de Oliveira. Apresentação. *In*: GORBERG, Samuel. **A Propaganda no Brasil através do cartão-postal: 1900-1950**. Rio de Janeiro: S. Gorberg, 2002.

BELÉM Antiga. A Academia Paraense de Letras. 21.10.2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/belemdopassado/photos/a.1430888137132389/2453708401517019/?type=3>. Acesso em: 03.07.2020.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A Reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/277>. Acesso em: 08 nov. 2019.

A BEM dos interesses do ensino secundário. **Folha do Norte**, Belém, 17 de março de 1957.

BENJAMIN, Walter. Unpacking my library: A talk about book collecting. In: BENJAMIN, Walter. **Illuminations**. Edited by Hannah Arendt; trad. inglês Harry Zohn. New York: Schocken Books, 2007, p. 61.

BERTOL, Rachel. Revista Brasileira, dirigida por José Veríssimo – motor de uma geração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 103, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/3510306/2020>.

BESSA, Esperança. Polêmica ronda espólio de professora. **O Liberal**, Belém, p. 5. Domingo, 28 de janeiro de 2007. Caderno Atualidades.

BESSONE, Tânia Maria Tavares. **Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. São Paulo: Edusp, 2014.

BETTENDORFF, João Felipe. **Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. 2. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. liii, 697 p. (Lendo o Pará, 5).

BEVILAQUA, Jaime. Fantástico. Fechou boate, abriu livraria. **A Província do Pará**, Belém, 30 set. 1979. Cad. A, p. 10.

BEZERRA NETO, José Maia. A Cabanagem: a Revolução no Pará. In: ALVES FILHO, Armando; ALVES JUNIOR, José; BEZERRA NETO, José Maia. **Pontos de História da Amazônia**. 3. ed. rev. e ampl. Belém: Pakatatu, 2001, 109 p., p. 85.

BHABHA, Homi. **O Local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliane Livia reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: SECDET, 1985

BITAR, Luftala de Castro. Da borracha à Construção Civil. In: PALHETA, José Nélio Silva (Org.). **ACP: 200 anos ajudando a escrever a História do Pará**. Belém: Marques Ed., 2019.

BITAR, Simão. **O Outro lado da Lua**. Belém: CEJUP, 1986. Publicações do autor.

BITAR, Simão. **Viagem a minha janela**. Belém : Falangola, 1983. Contracapa.

BONNA, Mauro; MENDONÇA, Beth. **Antônio Vaz: A trajetória de um mestre: do papel do pão à Reitoria**. Belém: Ed. Verde; Ed. Guia, 2014. 131 p. (Sucesso Paraense, 6).

BORBOREMA, Augusto Rangel de; SOUZA, Joaquim Gomes de Norões e. **Memória histórica da Faculdade de Direito do Pará**. Belém: [s.n.], 1956.

BORGES, Jorge Luis. **Poesía**. Trad. de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

BORGES, Tatiana Carepa Roffé. **Do Largo das Mercês à Praça Visconde do Rio Branco: um estudo de gestão do patrimônio histórico em Belém do Pará, 1941-2011**. 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Belém, 2013. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

BORGES, Vavy Pacheco. Fontes biográficas: Grandezas e misérias da Biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 84.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRAGA, João Alberto de Oliveira. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana P. M. **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 17-38.

BRANCO, Carlos. **Modernismo literário no Pará**. 18/01/2019. Disponível em: <https://www.carlosbranco.com.br/articulista-orlando-silva/>. Acesso em: 14.05.2020.

BRANDÃO, Ruth Silviano; OLIVEIRA, José Marcos Resende. **Machado de Assis**: uma viagem à roda de livros. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011.

BRASIL. Câmara dos deputados. **Jader Barbalho**: biografia. 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/73929/biografia>. Acesso em: 21.01.2024

BRITO, Eugênio Leitão de. **História do Grêmio Literário e Recreativo Português**. Belém: Santo Antônio, 1994

BUECKE, Jane Elisa Otomar. **Infância e práticas educativas na Amazônia Seiscentista**. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém. 2019

BURY, Richard. **Philobiblion**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. **Colecionar, Escrever** A História: A História de Portugal e de suas possessões na perspectiva do bibliófilo Diogo Barbosa Machado. 175 f. 2007. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

CALVINO, I. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância**: a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamentos e família em uma capital amazônica**: Belém 1870-1920. Belém: Ed. Açaí, 2011.

CANCELA, Cristina Donza. **A Família na época da borracha**. Belém: Estudos Amazônicos, 2012. 60 p. (Coleção Estudos Amazônicos. História).

CÂNDIDO, Antônio. Recado dos livros. In: CÂNDIDO, Antônio. **Recortes**. São Paulo : Cia das Letras, 1996. p. 216-221.

CÂNDIDO, Antônio. A Evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. **Notícia Bibliográfica e histórica**, v. 22, n. 138, p. 82-86, abr./jun. 1990.

CARDOSO, João Batista. **Um Mapa da história sobre o mapa da ficção**. Goiânia: Ed. da UCG, 2009

CARTA MENSAL ACARJ, Rio de Janeiro, n. 9, out. 1988.

CARTER, Philpa. Work, gender and witchcraft in early modern England. **Gender & History**. London, 2023. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-0424.12717>. Acesso em: 06.05.2024.

CARVALHO, Gilberto Villar de. **Biografia da Biblioteca Nacional: 1807 – 1990**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994.

CARVALHO JÚNIOR, Roberto Zahluth de. **Espíritos inquietos e orgulhosos: os frades capuchos na Amazônia Joanina**. 2009. 167 f. Dissertação (mestrado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009

CASAS VILARINO, Ramon. **A MPB em movimento: música, festivais e cesura**. São Paulo: Olho d' água, 1999.

O CASO Anunciada Chaves. **O Estado do Pará**, Belém, p. 5 13 de outubro de 1949.

CASTELO BRANCO, Zelina. **Encadernação: histórica e técnica**. São Paulo : Hucitec, 1978,

CASTILLO GOMÉZ, Antônio. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, 2012.

CASTRO, Acyr. De Anunciada à energia luminosa. **A Província do Pará**, Belém, p. 4, 19 de novembro de 1999

CASTRO, Edna. Epistemologias e caminhos da crítica sociológica latino-americana. In: CASTRO, Edna; PINTO, Renan Freitas (orgs.). **Decolonialidade e sociologia na América Latina**. Belém: NAEA/UFPA, 2018.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CEC faz sessão de homenagem póstuma a Acyr Barros Pereira. **O Liberal**, Belém, 23 de maio de 1979.

CEC homenageou Ismael Nery. **A Província do Pará**, Belém, p. 9, 16 de maio de 1984. Caderno 1.

CEIA, Carlos. Dedicatória. In: CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/dedicatoria/>. Acesso em: 30.01.2018.

CENTENAS de livros são descartados no meio da rua em bairro nobre de Belém. **Portal G1 Pará**. 20/06/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/centenas-de-livros-sao-descartados-no-meio-da-rua-em-bairro-nobre-de-belem.ghtml>. Acesso em: 20.10.2019.



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO. **Dicionário Biobibliográfico de autores brasileiros**. Salvador: Senado Federal, 1999

CENTRO DE MEMÓRIA MULHERES DO BRASIL E PESQUISA. **Francisca do Céu Ribeiro de Sousa (1898-1993)**. Mulheres 500 anos por trás dos panos. 2017. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/category/biografia/page/64/>. Acesso em: 14.05.2020.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL.; BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984. 4. v.

CHARTIER, Roger. **Écouter les morts avec les yeux**. Paris : Collège de France ; Fayard, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, R. O Homem de letras. In: VOVELLE, Michel (edit.). **O Homem do iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história e a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O Livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Trad. De: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

CHAVES, Lilia Silvestre (org.). **O Amigo Bené: fazedor de rumos**. Belém: SECULT, 2011.

CHAVES, Maria Anunciada, Diretora do Colégio Moderno. Greve não é para professor. **Jornal O Liberal**, Belém, p. 6-7, 17 de março de 1959. Entrevista concedida aos redatores do Jornal O Liberal.

CHAVES, Maria Anunciada. Enterro Missa-Convite. In: **O Liberal**, Belém, p. 4, 16 de agosto de 2006. Obituários.

CHAVES, João. **Memória histórica da Faculdade de Direito do Pará: 1908-1955**. Belém: Of. Revista de Veterinária, 1956.

CHELALA, Ruthe Condurú; CUNHA, Alda das Mercês Moreira da; GALVÃO, Clara Maria. **A Biblioteconomia no Pará**. Belém: [s.n.], 1975. 95 p. e

CHENÊ, Sérgio. Lei de Incentivo à Cultura e ao Esporte é aprimorada para acesso mais democrático e transparente. **Rede Pará**. 29.11.2019. Disponível em: <https://redepara.com.br/Noticia/206963/lei-de-incentivo-a-cultura-e-ao-esporte-e-aprimorada-para-acesso-mais-democratico-e-transparente>. Acesso em: 21.07.2023.

CIM, Albert. **Petit manuel de l'amateur de livres**. Paris : E. Flammarion, 1908. Disponível em: <https://archive.org/details/petitmanueldelam00cimauoft/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 15.07.2022.

CLARICE Lispector faz 100 anos; sabia que ela já morou em Belém?. **Diário do Pará On-Line (DOL)**. 2020. Disponível em: <https://dol.com.br/entretenimento/cultura/598104/clarice-lispector-faz-100-anos-sabia-que-ela-ja-morou-em-belem?d=1>. Acesso em: 18.09.2020.

CLÁSSICA, uma livraria de muito passado. **A Província do Pará**, Belém, p. 4, 17-18 de junho de 1973.

COELHO, Geraldo Mártires. Eidorfe Moreira e o conhecimento transdisciplinar. **Novos Cadernos NAEA**, v. 15, n. 2, p. 5-20, dez. 2012.

COELHO, Geraldo Mártires, historiador. Informações verbais... In: UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA. **Documentário Professora Anunciada Chaves**. Belém: UNAMA, 2001. 44 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wuNHYf-uym4&t=7s>. Acesso em: 27.01.2019.

COELHO, Geraldo Mártires. **Letras & Baionetas**. Belém: CEJUP, 1989.

COELHO, Marinilce Oliveira. **O Grupo dos novos: memórias literárias de Belém do Pará**. Belém : Eufpa, 2005, p. 15.

COLÉGIO MODERNO. **Histórico**. 2020. Disponível em: < <http://colegiomoderno.com.br/institucional/historico/>>. Acesso em: 08 jan. 2020.

COMANDULLI, Ana Cristina. A Biblioteca Mental de Maria Peregrina de Sousa. **Informações verbais ...** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL “AS MULHERES E SUAS BIBLIOTECAS PESSOAIS NO CONTEXTO DO PATRIMÔNIO BIBLIOGRÁFICO”. Salvador, 2022.

CONCEIÇÃO, Maria do Rosário Alves Moreira da. A Biblioteca de Almeida Garrett: a formação de um homem de Letras oitocentista. In: BESSONE, Tânia et al (Org.). **Imprensa, livros e política no oitocentos**. São Paulo : Alameda, 2018, p.

CONCURSO de História prorrogado. **A Província do Pará**, Belém, 16 de outubro de 1960.

CONCURSO de História do Brasil. **A Província do Pará**, Belém, 13 de agosto de 1952.

CONTEUDO ESPÍRITA. **Francisco de Assis e o Espiritismo: história e vida do irmão sol**. 2023. Disponível em: <https://conteudoespirita.com/francisco-de-assis-espiritismo/>. Acesso em: 21.07.2023.

CONTOS Paraenses. Belém: Cultural Cejup, 1988.

COSTA, C. O Amante dos livros: o bibliófilo José Mindlin ganha documentário e Cecília Costa participa de homenagem a Castro Maya. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 maio. Prosa & Verso, p. 2, 2002.

COSTA, Camila. As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. **BBC News Brasil**. 15 abril 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em: 18.06.2020.

COSTA, Elisangela Silva da. **A Ação pedagógico-formativa da Companhia de Jesus na cidade de Belém do Grão-Pará (1652-1759)**. Curitiba: CRV, 2017.

COSTA, Elisangela Silva da. Ex-libris da Coleção Maria Anunciada Chaves. **Canal Caçadora de ex-libris**, de 23 de março de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YAtOqyGzhYQ&t=6s>. Acesso em: 21.07.2023

COSTA, Elisangela Silva da; ASSUNÇÃO, Suelene Santana. Estudo bibliométrico do Acervo Raimundo Jinkings, integrante do Memorial do Livro Moronguetá da UFPA. In: TERRA, Guilhermina de Melo (org.). **Biblioteconomia e os ambientes de informação**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2019. p. 132-139. (Biblioteconomia e os Ambientes de Informação; v. 2), 2V., v. 2. DOI 10.22533/at.ed.42219220514

COSTA, Elisangela Silva da; SARGES, Maria de Nazaré. Rememorando as antigas livrarias de Belém do Pará: um estudo com base nas etiquetas e carimbos dos livros da coleção Anunciada Chaves. **PontodeAcesso**, Salvador, v.16, n.3, p. 505-531, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52322>. Acesso em: 14.01.2023.

COURBET, Gustav. **A Young Woman Reading**. 2023. Arthurio. Disponível em: <https://arthur.io/art/gustave-courbet/a-young-woman-reading>. Acesso em: 09.08.2023.

CULTURA I. **O Liberal**, Belém, 05 de março de 1982. Repórter 70.

CULTURA II. **O Liberal**, Belém, 05 de março de 1982. Repórter 70.

CUNHA, Luís Antônio. **O Ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Ed. da UNESP; Brasília : Flacso, 2000

CUNHA, Manoel Alexandre Ferreira da. História da Ciência e da Tecnologia no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA. In: SIMPÓSIO SOBRE A HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA NO PARÁ. **Anais ...** Belém : GEU, 1985. T. 1. P. 229-249.

CURY, Maria Zilda Ferreira. A biblioteca como metáfora. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG. n.10. p. 42-45. dez. 1989.

DAHL, Svend. **Histoire du livre de l'antiquité à nos jours**. 2 ème. Paris: Poinat, 1960.

DALZOTO, José Carlos. **Cartão-postal, Arte e Magia**. Presidente Prudente, SP: Gráfica Cipola, 2006. Disponível em: [http://www.afsc.org.br/wp-content/uploads/2020/07/CP\\_artemagia.pdf](http://www.afsc.org.br/wp-content/uploads/2020/07/CP_artemagia.pdf). Acesso em: 09.04.2020.

DAMASO, Daniele. **Anunciada**: a história de um compromisso. Orientador: Lúcio Flávio Pinto. [1997]. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 1997.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia de Bolso, 2010.

DELMAS, Ana Carolina Galante. Elogios impressos: dedicatórias no Brasil de D. João VI. In:

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das Neves. **Livros impressos: retrato dos setecentos e dos oitocentos.** Rio de Janeiro : EdUERJ, 2009, p. 269-302.

DIACONOFF, Suellen. **Through the reading glass: women, books, and sex in the French Enlightenment.** New York: State University of New York Press, 2005.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel (Coord.). **História da Cultura Brasileira.** Rio de Janeiro: MEC; CFC; Fename; 1976. 2 V., v. 2,

DIOGO, Marciano. **Dedicatórias em livros transformam-se em preciosidades para colecionadores.** 2015. Disponível em: <https://ndmais.com.br/entretenimento/dedicatorias-em-livros-transformam-se-em-preciosidades-para-colecionadores/>. Acesso em: 10.07.2019.

DOSSE, François. Os Historiadores do mental. In: DOSSE, François. **A História em migalhas: dos Annales a nova História.** Trad. Dulce A. Silva Ramos. P.84-93.

DOYLE, Eric. **Francisco de Assis e o cântico da fraternidade universal.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1985

DRUMMOND, Josina Nunes. Mulheres notáveis na Academia Espírito-santense de Letras. **Fernão: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo**, Vitória, ano 3, n. 6, p. 1-24, jul./dez. 2021.

DUARTE, Marcelo. **A Origem de datas e festas.** São Paulo: Ed. Panda, 2005

DUCROT, Ariane. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998, p. 151.

ECO, Humberto. **A Memória vegetal.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, Umberto. Como justificar uma biblioteca particular. In: ECO, Umberto. **O Segundo diário mínimo.** Rio de Janeiro : Record, 1993. p. 191-99

EDUCALINGO. **Intonso.** 2020. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-it/intonso>. Acesso em: 22.01.2020.

ELEUTÉRIO SÊNIOR, Paulo. Escorço histórico da imprensa no Pará. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará**, Belém, v. 12, p. 129-156.

EM BELÉM, livros didáticos novos são encontrados no meio do lixo. **Portal G1 Pará.** 20/06/2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/05/em-belem-livros-didaticos-novos-sao-encontrados-no-meio-do-lixo.html>. Acesso em: 20.10.2019.

EM ORGANIZAÇÃO o 1º Salão de Pintura da S.A.I. **O Liberal**, Belém, n. 799, p. 3, 10 de outubro de 1951.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Felipe Augusto Fidanza.** 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21622/felipe-augusto-fidanza>. Acesso em: 24.09.2019

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Ruy Meira**. 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24730/ruy-meira>. Acesso em: 27.01.2022

ENCONTRO. **O Liberal**, Belém, 05 de março de 1982. Repórter 70.

ENTREGA de medalhas encerram as homenagens a Ismael Nery. **A Província do Pará**, Belém, 16 de maio de 1984.

ESCARPIT, Robert. **A Revolução do livro**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1976.

ESTEVES, Manuel. **O Ex-Libris**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1956.

FACULDADE de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará: Reunião da congregação. **Folha do Norte**, Belém, 30 de março de 1958

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria das Graças. **Dicionário do livro : da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Edusp, 2008.

FARGE, Arlette. **O Sabor do arquivo**. São Paulo: EdUSP, 2009, p. 15.

FEBVRE, Lucien Paul Victor; MARTIN, Henri-Jean. **L'Apparition du livre**. Paris: A. Michel, 1958. 557 p. (Bibliothèque de synthèse historique. L'évolution de l'humanité; 49).

FEIO, Aldemyr. **Denis Cavalcante: um carioca que virou paraense**. Jornal do Feio. 2008. Disponível em: <http://aldemyrfeio.blogspot.com/2008/12/denis-cavalcante-um-carioca-que-veio.html>. Acesso em: 22.02.2020.

FERNANDES, Natalia A. M. A política cultural à época da ditadura militar. Contemporânea. **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 3, n. 1 p. 173- 192, jan./jun., 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4. Ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. A biblioteca de Rui Barbosa: uma concepção de cidadania. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 13., Rio de Janeiro, 2018. **Anais eletrônicos ...** Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2008. Disponível em: [http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212979382\\_ARQUIVO\\_AbibliotecaRui.cidadania.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212979382_ARQUIVO_AbibliotecaRui.cidadania.pdf). Acesso em: 10.11.2019.

FIGUEIREDO, Antero de. **A Arte na educação da mulher**. 2. ed. Paris ; Lisboa : Liv. Aillaud e Bertrand; Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1914.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Os Vândalos do Apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20**. Belém: IAP, 2012.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Belém dos Imigrantes, 1616-2004: história, memória, encontros e confrontos. In: BELÉM dos imigrantes: história e memória. Belém: MABE, 2004, p. 7-30.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Quimera amazônica: arte, mecenato e colecionismo em Belém do Pará, 1890-1910. **Clio: Revista de Pesquisa Histórica do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco**, Olinda, v, 28, n. 1, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/viewFile/24241/19663> Acesso em: 15.09.2019

FIGUEIREDO, Aldrin, historiador, professor da UFPA. **Informações verbais**. Belém, 14 de outubro de 2019.

FILGUEIRAS, Lorena. **Campus do Guamá passa a ser Cidade Universitária Prof. José da Silveira Netto**. 28.12.2007. Disponível em: <https://ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=1697>. Acesso em: 14.09.2019.

FRANCO FILHO, Georgenor. Giorgio Falângola: um mecenas das letras paraenses. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 39, p. 126-129, 1997.

FREIRE, Flávio. José Mindlin: Vida dedicada aos livros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28.12.2006.

FREIRE, Stefanie Cavalcanti. **Dedicatórias manuscritas: relações de afeto e sociabilidade na biblioteca Manuel Bandeira**. 2013. 406 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

FUKELMAN, Clarisse (org.). **Eu assino embaixo: biografia, memória e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

FUNDAÇÃO CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESCOLA BOSQUE “PROFESSOR EIDORFE MOREIRA”. **Histórico**. Disponível em: <https://funbosque.belem.pa.gov.br/institucional/historia/>. Acesso em: 20.05.2023

G1 PARÁ. **É calouro ou caloura da UFPA? Veja o calendário da habilitação no seu campus**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/02/17/e-calouro-ou-caloura-da-ufpa-veja-o-calendario-da-habilitacao-no-seu-campus.ghtml>. Acesso em: 01.06.2024.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; OLIVEIRA, Poliana Janaina Prates de. O Estudo de bibliotecas particulares e a reconstrução de trajetórias leitoras. *In: YAZBEK, Dalva Carolina; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da (org.). **Cultura e História da Educação: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa***. Juiz de Fora, MG: Ed. da UFJF, 2009, p. 211-232.

GAMA, Franciane Lacerda. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva. 2006. 340 f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde16072007105321/publico/TESE\\_FRANCIANE\\_GAMA\\_LACERDA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde16072007105321/publico/TESE_FRANCIANE_GAMA_LACERDA.pdf). Acesso em: 21.07.2021.

GARCÍA AGUILAR, Idália. **Secretos del estante: elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo**. Ciudad de México: Universidad Nacional de México, 2011.

GASKELL, Philip. Photographic Reproduction versus Quase-Facsimile transcription. **Library** 5th ser. 7, 1952, p. 135-137.

GASKELL, Philip. **A New introduction to bibliography**. London: Oak Knoll, 1995.

GELBER, Steven M. **Hobbies: leisure and the culture of work in America**. New York. Columbia University Press, 1999.

GELMIREZ (escritor). **Isóbaros: poemas**. Belém: Ed. Graf. Santo Antônio, 1983.

GENETTE, Gerard. **Paratextos editoriais**. Cotia, SP: Ateliê Ed., 2009. 372 p., p. 110. (Artes Editoriais, 7).

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

GOLBERG, Samuel. **A Propaganda no Brasil através do cartão-postal: 1900-1950**. Rio de Janeiro: S. Gorberg, 2002

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação: Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)arquivar biografemas: a Biblioteca de Cora Coralina**. 2016. 459 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/174705>. Acesso em: 12.09.2019.

GUIMARÃES, Luiz Antonio Valente. **De chegadas e partidas: migrações portuguesas no Pará (1800-1850)**. Orientador: Antônio Otaviano Vieira Júnior. 2016. 371 f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: [http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/7231/1/Tese\\_ChegadasPartidas\\_Migracoes.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/7231/1/Tese_ChegadasPartidas_Migracoes.pdf) Acesso em: 05 de setembro de 2019.

GUEDES, Rita de Cássia P. Catálogo de Obras Raras da Biblioteca “Orlando Bitar”. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 1, p. 153-182.

GURJÃO, Maria Thereza. **O Coração não envelhece**. Belém: CEJUP, 1989. Orelha

GUZMAN, Décio Alencar. Festa, preguiça e mulatagem: o trabalho indígena e as oficinas de cultura e escultura no Grão-Pará, sécs. XVII-XVIII. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 13, n. 1, p. 01-29, 2015.

HABIB, Salomão. **Tó Teixeira: o poeta do violão**. Belém: Violões da Amazônia, 2013.

HAIGHT, Anne Lyon. Are women the natural enemies of books? *In*: ROGERS, Bruce; STEIN, Gertrude; WAKEFIELD, Lucina Smith. **Bookmaking on the Distaff Side**. New York. The Distaff Side, 1937.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2015.

HALLEWELL, Laurence. Brasiliana. *In*: HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo : Edusp, 2017, p. 420-424.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, 2006.

HOMENAGEM à professora Anunciada Chaves. **A Província do Pará**, Belém, p. 7, 14.09.1952.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de Bibliologia**. Rio de Janeiro: INL, 1967,

IMDb. **Gelmirez Melo e Silva**: biography. 2022. Disponível em: [https://www.imdb.com/name/nm1293733/bio?ref\\_=nm\\_ov\\_bio\\_sm](https://www.imdb.com/name/nm1293733/bio?ref_=nm_ov_bio_sm). Acesso em: 18.01.2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO (IBBD); INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA. **Amazônia**: bibliografia. Rio de Janeiro: IBBD, 1963-1972. 2 v.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Catálogo Coletivo Nacional**. 2023.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO BRASIL. **Sócios titulares**. 2023. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/VCCMiranda.html>. Acesso em: 24.01.2023

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **Geraldo Mártires Coelho. Sócios correspondentes brasileiros**. 2023. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/GMCoelho.html>. Acesso em: 27.01.2023.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **Dicionário Biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros**. Rio de Janeiro: IHGB, 1991. 4V., v. 1

JALES, Luana. Visibilidade histórica para mulheres, negros e indígenas. *In*: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos combates pela História**: Desafios, ensino. São Paulo: Contexto, 2021, p. 201-226.

JANTAR em homenagem à professora Anunciada Chaves. **A Província do Pará**, Belém, p. 3, 09 de setembro de 1952.

JANTAR de comemoração da aprovação de Anunciada Chaves no Concurso para provimento do cargo de professor de História do Brasil do CEPC (1952), realizado no Grande Hotel, em Belém do Pará. Belém, 1952. 1 foto p&b, 13x11cm.



JOBIM, José Luís (org.). **A Biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro : TopBooks; ABL, 2001.

JOSÉ NETO, Adrião. **Dicionário Biobibliográfico de Escritores Brasileiros Contemporâneos**. Teresina: Comepi, 1998. p. 150

JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. **José Carlos Rodrigues: um interlocutor privilegiado nos bastidores do poder (1867-1915)**. 2015. 273 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

KATZENSTEIN, Úrsula E. **A Origem do livro: da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no ocidente**. São Paulo : Hucitec ; Brasília : INL, 1986.

KOFES, Suely; MANICA, Daniela. **Vida & grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina ; Faperj, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto: PUCRJ, 2014.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, Jacobus. **Malleus Malleficarum: Manual da Caça às Bruxas**. São Paulo : Ed.Três, 1976.

KRENACK, Ailton, político e historiador indígena. **Informações verbais**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 30., 2022. Palestra de encerramento.

LACERDA, Franciane Gama; SARGES, Maria de Nazaré (Org.). **Belém do Pará: história, cultura e cidade, para além dos 400 anos**. 2. Ed. Belém: Ed. Açaí, 2016. P. 267-284.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2011 374 p., p. 122. (Temas ; v.58. Literatura brasileira)

LAUREADA a Professora Maria Anunciada Chaves. **A Província do Pará**, Belém, p. 8, 15 de agosto de 1952.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. Ed. rev. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, c2013.

LEAL, Cláudio de La Rocque. A História da Clássica, uma Alexandria N'América. **O Liberal**, Belém, p.7, sábado, 31 de maio de 2003. Caderno Cartaz.

LEÃO, Acylino. Os meus cinco feriados nacionais. (Conferência proferida na Academia Paraense de Letras...). **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 1, n. 1, p. 6, maio de 1950.

LEGENDAS das fotografias desta edição. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 1, n. 1, p. 98, maio de 1950.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Portugalíia; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950. 10 v., v. 3.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950. 10 v., v. 4.

LEME, Rafael Souza Campos de Moraes. **Absurdos e milagres**: um estudo sobre a política externa do lusotropicalismo (1930-1960). Brasília: FUNAG, 2011.

LEVAY, Emeric. A Codificação do Direito Civil Brasileiro pelo jurisconsulto Teixeira de Freitas. **Justiça & História**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, 2002. Disponível em: [https://www.tjrs.ju s.br/export/poder\\_judiciario/historia/memorial\\_do\\_poder\\_judiciario/memorial\\_judiciario\\_gau cho/revista\\_justica\\_e\\_historia/issn\\_1676-5834/v2n3/doc/08\\_EMERIC\\_LEVAY.PDF](https://www.tjrs.ju s.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gau cho/revista_justica_e_historia/issn_1676-5834/v2n3/doc/08_EMERIC_LEVAY.PDF). Acesso em: 02.07.2017

LIMA, Constância Duarte. Nísia Floresta e a educação feminina no século XIX. In LÔBO, Yolanda; FARIA, Lia (org.). **Vozes Femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008. p. 105-144.

LIMA, Marcelino Carmo de. **A Institucionalização do ensino odontológico na Escola Livre de Odontologia do Pará**: dos 'sacamuelas' aos cientificistas (1911-1920). Belém, PA, 2016. 97 p. Dissertação (mestrado) -Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

LITTON, Gaston. **O livro e sua história**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975.

LOPES, António Padre. **Enigma Pombal**: nova documentação, tentativa de interpretação. Lisboa: Roma Ed., 2002

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Tarefa: poemas**. [2. Ed.]. Belém: Falângola, 1989

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 10. Ed. São Paulo : Contexto, 2013, p. 443-481.

LUZ, Elias. UFPA recebe biblioteca de Silveira Netto. Acervo formado por cerca de 17 mil volumes ficará em espaço específico na Biblioteca Central. **Beira do Rio**, Belém, out. 2007.

LYONS, Martyn. Introdução: o poder e a magia dos livros. In: LYONS, Martyn. **Livro**: uma história viva. São Paulo : Senac, c2011., p. 7-14.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. [Lisboa]: Confluência, 1952-1959. 2 v., v. 1, p. 589

MACHADO, Ubiratan. Sua excelência o Ex-Libris. In: SILVA, Alberto da Costa; MACIEL, Anselmo (org.). **Ex-Libris**. Rio de janeiro: ABL ; São Paulo : Imprensa Oficial, 2014.

MACHADO, U. **Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras**. São Paulo: Ateliê, 2008

MAGALHÃES, Pablo Antônio Iglesias. Rosa Maria Conceição Servo: a primeira empresária das letras no Brasil (1819-1846). **Informações verbais ...** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL "AS MULHERES E SUAS BIBLIOTECAS PESSOAIS NO CONTEXTO DO PATRIMÔNIO BIBLIOGRÁFICO". Salvador, 2022.

MANKE, Lisiane Sias. Práticas rurais de leitura dos acervos aos modos de ler. **Cadernos de Pesquisa**, v.43 n.150 p.1054-1075 set./dez. 2013.

MARTINS, Fernanda de O.; LIMA, Edna Cunha; LIMA, Guilherme Cunha Lima. O engenhoso pioneiro da tipografia da Província do Grão-Pará - João Francisco Madureira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN E INFORMAÇÃO, 8., 2017, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: Blucher, 2017. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/cidi2017/113.pdf>. Acesso em: 14.01.2024

MARTINS, Guilherme D' Oliveira. **Por que alfacinhas?** Centro Nacional de Cultura. 01.08.2017. Disponível em: <https://www.cnc.pt/diario-de-agosto-i-porque-alfacinhas/>. Acesso em: 06.11.2019

MARTINS, José Vitorino de Pina. **História de livros para a História do Livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

MARTINS, Wilson. **A Palavra escrita:** história do livro, da imprensa e da biblioteca. Com um capítulo referente à propriedade literária e, em apêndice, as convenções de Berna, de Washington. São Paulo: Anhembi, 1957.

MASSA, J-M. A Biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (org.). **A Biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro : TopBooks; ABL, 2001, p. 21-90.

MANDADO de segurança contra a desídia do Governo do Estado. **Folha do Norte, Belém**, 06 de outubro de 1949.

MAROMBA. I Antologia de contos e poesia da Associação paraense de escritores. Belém: Cejup, 1990

MC MURTRIE, Douglas. **O Livro**. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

MC KEMMISH, Sue. Provas de mim... Novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais:** reflexões multidisciplinares e experiência de pesquisa. Rio de Janeiro : Ed. da FGV, 2013, p. 17-44.

MELO, Clarice; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro (org.). **História da Educação no Pará**. Belém: Eduepa, 2014.

MELO, Cláudia. Um Toque feminino na Academia. **Jornal O Liberal**, Belém, 04 de outubro de 1998, p. 1, Caderno Mulher

MELO, Veríssimo. Veríssimo de Melo In: MELO, Veríssimo. **Patronos e acadêmicos:** Academia Norte Rio-Grandense de Letras: antologia e biografia. Rio de Janeiro: Pongueti, 1974. 2v., v. 2. P. 115-121

MELO, Veríssimo de. Maria Anunciada Chaves em Natal. **A República**, Natal, p. 6, 4 de dezembro de 1983.

MEIRA, Clóvis. A mestra esquecida. **O Liberal**, Belém, p. 3, 30 de outubro de 1988.

MEIRA, Clóvis. Não é possível. **O Liberal**, Belém, 10 de agosto de 1988.

MEIRA, Clóvis. A Lira e a mulher paraense. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 12, n. 2, p. 192-202, dez. 1991

MEIRA, Clóvis. **A Lira na minha Terra**. Belém: CEJUP, 1996. p. 93-94;

MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr. CHAVES, Maria Anunciada Ramos. *In:* MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr. **Introdução à Literatura no Pará**. Belém: Cejup, 1990. P. 127-139.

MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (org.). Aspectos econômicos políticos e educacionais na primeira metade do século XX. *In:* MEIRA, Clóvis; ILDONE, J.; CASTRO, Acyr. **Introdução à literatura no Pará**. Belém : Cejup, 1990, v. 1.

MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (org.). **Introdução à literatura no Pará:** antologia. Belém: CEJUP, 1990. 2 v., p. 495.

MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (org.). Licínio Castro. *In:* MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (org.). **Introdução à literatura no Pará:** antologia. Belém: CEJUP, 1995. 8 v., v. 5, p. 130

MEIRA, Octávio. **Memórias de quase ontem**. Rio de Janeiro: Lidador, 1976.

MELO, Cláudia. Um toque feminino na Academia. **O Liberal**, Belém, 4 de outubro de 1998, p. 1. Caderno Mulher.

O MEMORIAL do Colégio Paes de Carvalho. **Folha Vespertina**. Belém, 19 de março de 1957.

MEMORIAL DO LIVRO MORONGUÊTÁ. **Acervo Anunciada Chaves**, Belém, 2019. Pesquisa de campo realizada no período de ago./dez. 2019.

MENDES, Armando Dias. **A Cidade transitiva:** rascunho de recordância e recorte de saudade da Belém do meio do século. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

MENEZES, Maria de Belém, professora. **Informações verbais...** *In:* UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA. Documentário Professora Anunciada Chaves. Belém : UNAMA, 2001. 44 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wuNHYf-uym4&t=7s>. Acesso em: 27.01.2019.

MENEZES, Maria de Belém, MENEZES, Maria Ruth; BRITO, Maria Lenora Menezes de. Dalcídio Jurandir, dedicatórias e bilhetes. *In:* NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon. **Dalcídio Jurandir:** romancista da Amazônia. Belém: Secult; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Instituto Dalcídio Jurandir, 2006, p. 191.

MIGNOT, Ana Chrystina V. **Papéis guardados**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, Rede Sirius, 2003.

MINDLIN, José. O Bibliófilo e a leitura. *In:* ABREU, Márcia. (org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999, p.114.

MIRANDA, Ana Mary, bibliotecária e estilista. **Informações verbais**. Belém, 03.05.2019.

MIRANDA, Antônio. **Poesia dos Brasis**: Antônio Coelho Sampaio. 2021. Disponível em: [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/ceara/ANTONIO%20COELHO%20SAMP AIO.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/ceara/ANTONIO%20COELHO%20SAMP AIO.html). Acesso em: 06.11.2023.

MIRANDA, Victorino Chermont de. Fidanza: o fotógrafo da cartofilia paraense. **Carta mensal**. Rio de Janeiro: ACARJ, v. 15, n. 110, p. 5-17, ago. 2002.

MIRANDA, Vicente Chermont de. **Glossário paraense ou coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó**. Belém: Imprensa Universária, 1968. 98 p. (Coleção Amazônica. Série Ferreira Pena)

MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont de. **A Notícia**: registro de uma folha paraense no 80o aniversário do seu aparecimento. Rio de Janeiro: Traço três, 1988;

MONTANER FRUTOS, Alberto. La Edición de textos Aljamiados: balance de um decênio (1994-2004). **Romance Philology**, n. 59, v.2, 2006, p. 343-371;

MONTEIRO, Glauce. **Embaixador de Portugal Assina Cátedra do Instituto Camões na UFPA**. 29.09.2017. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias/658-embaxador-de-portugal-assina-catedra-do-instituto-camoes-na-ufpa>. Acesso em: 18.08.2019

MOREIRA, Eidorfe. **Para a história da Universidade Federal do Pará**: (panorama do primeiro decênio). Belém: [Grafisa], 1977.

MORAES, Rubens Borba. **O Bibliófilo aprendiz**. 3. ed. Brasília-DF : Briquet de Lemos; Casa da Palavra, 1998

MORAES, Ruth Burlamaqui de. Maria Anunciada e o ensino superior no Pará. **Rev. Cult. Pará**, Belém, v. 14, n. 1, p. 11-18, jan. 2003.

MORAIS, Raimundo de. **O Meu dicionário de cousas da Amazônia**. Brasília, DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013. 212 p. (Edições do Senado federal, 175);

MOUREN, Raphaelae (edt.). **Ambassadors of the book**: competences and training for heritage librarians. Hague, NE, c2012

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Sem perder a pose!. In: FIGUEIREDO, Luciano (org). **Imagens de uma nação**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009. P. 42-28. (Coleção Revista História da Biblioteca Nacional no bolso; 4).

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. **História da tipografia no Brasil**. [São Paulo]: Secult-SP, 1979.

8 FACULDADES integram a Universidade do Pará. Aprovado integralmente o substitutivo Lameira Bittencourt criando a Universidade do Pará. **Jornal O Liberal**, Belém, p. 1, de 15 de fevereiro de 1957.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Epoque tropical**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

NEVES, Fernando Arthur de Freitas; BEZERRA NETTO, José Maia. UFPA: 1988 a 1997 Democratização, crise, mudança. In: MELLO, Alex Fiuza Bolonha de (org). **UFPA 50 anos: histórias e memórias**. Belém : Edufpa, 2007. P. 199-244.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: M. Claret, 2004. 228 p. (Coleção a obra-prima de cada autor; v.85).

NOTÍCIA Biobibliográfica de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro: Ed. Meio-Dia, 1975

NUNES, Benedito. Dois mestres [Arthur Reis e Annunciada Chaves] e uma só lembrança. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 14, n. 1, p. 7-9, 2003.

NUNES, Benedito. Prefácio. In: Platão. **Diálogos de Platão**. Tradução do grego feita por Carlos Alberto Nunes. 1. ed. Belém: Ed. da UFPA, 1973-1980. 14 v. (Coleção Amazônica. Série Farias de Brito).

NUNES, Dulcília Maneschy Correa; SANTOS, Larissa Correa Acatauassu. **A Memória da Hotelaria de Belém e o Grande Hotel, 1850-1950**. Belém: ABIH-PA, 2016.

OLIVEIRA, Alfredo. **Cabanos & Camaradas**. Belém: [s.n.], 2012.

OLIVEIRA, Bianca Ferreira de. **A Produção intelectual e a docência de Domingos Sylvio Nascimento: Contribuições para a História da Educação no Pará (1903 - 1947)**. Orientadora: Maria José Aviz do Rosário. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/8486>. Acesso em: 26/07/2019.

OLIVEIRA, J. C. Joaquim Chaves. **A Palavra**. Belém, 6 de junho de 1940.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL - SEÇÃO PARÁ. **Advogado Agildo Monteiro lança livro “Brigue Palhaço”, na OAB/PA**. 2021. Disponível em: <https://www.oabpa.org.br/noticias/advogado-agildo-monteiro-lanca-livro-brigue-palhaco-na-oabpa>. Acesso em: 20.05.2023

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS MULHERES. **Conferências Mundiais da Mulher**. [2022]. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>. Acesso em: 18.07.2022.

PAIXÃO, Fernando (coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo : Ática, 1995

PALESTRA no Conselho relembra Ismael Nery. **A Província do Pará**, Belém, 15 de maio de 1984.

PANDOLFO, Sérgio Martins. **Português em números**. Belém : O Autor, 2000. Orelha;

PARÁ. Secretaria Executiva de Cultura. Feliz Lusitânia. **Museu de Arte Sacra**. Belém: Secult, 2005. 308 p. (Restauro, 3).

PARKER, Wyman W. Henry Stevens: The Making of a bookseller. **The Papers of the bibliographical Society of America**, v. 48, n. 2, Jul./Dec., p. 149-169, 1954. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable24299574>. Acesso em: 04.10.2024.

PECAUT, Daniel. **Os Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

PEIGNOT, Étienne Gabriel. **Manual du bibliophile, ou Traité du choix des livres**. Oxford: OUP, 1823. Disponível em: <https://archive.org/details/manualdubibliop00peiggoog/page/n4/mode/2up>. Acesso em: 15.07.2022.

PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. **Fotografia e modernidade na cidade de Belém (1846-1908)**. Orientadora: Professora Dra. Maria de Nazaré Sarges. 2006. 190 f. Dissertação (mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4368>. Acesso em: 26.08.2019

PEROBA, J. O Concurso de História do Brasil no Colégio Paes de Carvalho. **O Estado do Pará**, Belém, p. 5, 21 de agosto de 1952.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PIENTA, A. C. G. et al. Educação, formação profissional docente e os paradigmas da ciência. **Revista Olhar de Professor**. Ponta Grossa: Ed. da UEPG, v. 8, n. 2, p. 93-106, jul./dez., 2005.

PIMENTEL, Roberto. Em Goiânia, Conselhos discutem Cultura. **Folha de Goiaz**, Belém, 28 de maio de 1982. Caderno 2.

PINSKY, Carla Bassamenzi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014

PINTO, Elias Ribeiro. Cultura à deriva sem eira nem beira. **O Estado do Pará**, Belém, p. 4-5, 31 de outubro de 1999.

PINTO, Elias Ribeiro. Livrarias e leitores de Belém. **Asas da palavra: Revista do Curso de Letras da Universidade da Amazônia**, Belém, v. 6, n. 12, p. 55-56, jul. 2001.

PINTO, Olivério M. de Oliveira. **Ornitologia brasiliense: catálogo descritivo e ilustrado das aves do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1964.

PINTO JÚNIOR, Antônio Carlos Pimentel. **A Biblioteca vermelha de Raimundo Jinkings: uma história de livros**. 2011. 131, 105 f. Dissertação (mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

PIRES, Homero. **Rui Barbosa e os livros**. 5. ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB\\_HomeroPires\\_RuiBarbosa\\_e\\_os\\_livros.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_HomeroPires_RuiBarbosa_e_os_livros.pdf). Acesso em: 10.11.2019.

PIZA, Daniel. **Academia Brasileira de Letras: histórias e revelações**. São Paulo: Dezembro Editorial, 2003.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Divisão de Biblioteconomia e Documentação. **Ex-Libris**. 2010. Disponível em: <http://www.dbd.puc-rio.br/ex-libris/pg/miolo.htm>. Acesso em: 12.12.2019

A PROFESSORA Anunciada. **A Província do Pará**, Belém, p. 1, 25 de setembro de 1949. Nota do Dia. Nota informando o afastamento arbitrário de Anunciada Chaves da docência da Cadeira de História do Brasil do Colégio Paes de Carvalho.

A PROFESSORA Anunciada. **O Estado do Pará**, Belém, p. 2, 15 de setembro de 1949. Nota do dia.

PRORROGADO por 10 dias, o concurso sobre o Infante D. Henrique. **Folha do Norte**, Belém, 16 de outubro de 1960.

PROSSEGUE o Concurso para catedrático do CEPC. **Folha do Norte**, Belém, 14 de agosto de 1952.

PROVÍNCIA do Pará, Belém, p. 8, 15 de agosto de 1952.

QUINTELLA, Maria Madalena Diégues. Cultura e poder ou espelho, espelho meu: existe alguém mais culto do que eu?. *In*: MICELI, Sérgio (Org.). **Estado e cultura no Brasil**. São Paulo: Difel, 1984, p. 113-134.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. *In*: ARIÉS, Philippe; CHARTIER, Roger (orgs.). **História da vida privada: da renascença ao século das luzes**. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 211-263.

REGISTRO fúnebre. **Folha do Norte**, Belém, 21 de novembro de 1967.

RÊGO, Clóvis Moraes. *Curriculum vitae* da Professora Doutora Maria Anunciada Ramos Chaves. *In*: RÊGO, Clóvis Moraes. **Subsídios para a história do Colégio Estadual 'Paes de Carvalho'**. Belém: EDUFPA, 2002, p. 145-162. (Memórias especiais, 1).

RÊGO, Clóvis Moraes. **Subsídios para a história do Colégio Estadual 'Paes de Carvalho'**. Belém: EDUFPA, 2002, p. 145-162. (Memórias especiais, 1).

REGO, Clóvis S. Moraes. **O Labirinto do pseudônimo**. Belém: O Autor, 2004.

REGULAMENTADA a matrícula no CEPC e no Ginásio “Magalhães Barata”. **Folha do Norte**, Belém, 12 de outubro de 1961.



REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. **A Bibliofilia no Brasil**. 303 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/10744>. Acesso em: 12.05.2020.

RESISTÊNCIA, v. 8, Belém, 8 de janeiro de 1979. ACERVO MUFPA, 2022.

REVISÃO nas denominações das vias públicas de Belém. **Folha do Norte**, Belém, 30 de janeiro de 1966, p. 3-4.

REVISTA PARAENSE, Belém, v. 1, n. 6, p. 5, 10 de abril de 1909.

REYES GÓMEZ, F. El libro moderno desde la bibliografía material y la biblioteconomía. **Ayer**: revista de historia contemporánea, Madrid, v. 58, n. 2, p. 35-56, 2005.

RIBEIRO, Erick Elisson Hosana. **As Condições de emergência da Escola de Engenharia do Pará (1870-1931)**. Belém, PA, 2013. 111 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Educação Ciências e Matemáticas, Belém, 2013.

RIBEIRO, José Sampaio de Campos. **Gostosa Belém de outrora**. Reedição Fac-símile. Belém: Secult/PA, [2005]. 180 p. (Lendo os municípios; n.4).

RIBEIRO, Odnei Souza. Leandro Tocantins e a Amazontropicologia. **Textos & Debates**, Boa Vista, n. 27, v. 1, p. 37, jan./jun. 2015.

RICHARDSON, R. J.; PERES, J. A. de S. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999. P. 69.

RICOEUR, P. **A História, a memória, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

ROCHA, Nelly Cecilia Paiva Barreto da. Orelha. *In*: BARRETO, Isabel L. **Nós e os outros**. Belém : Ed. da UFPA, 1981

ROCQUE, Carlos. CHAVES, Maria Annunciada Ramos. *In*: ROCQUE, Carlos. **Grande enciclopédia da Amazônia**. Belém: Amel, [1967]. 6 V., v. 2, p. 492-493.

ROCQUE, Carlos. Hélio Antônio Mokarzel. *In*: ROCQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**. Manaus: AMADA, 1968., 6V., v. 4, p. 1134-1135

ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amel, 1970. 6 V., v. 4, p. 138.

ROCQUE, Carlos. Leandro Tocantins. *In*: ROCQUE, Carlos. **Grande enciclopédia da Amazônia**. Belém: Amada, 1970. 6 V., v. 6, p. 242

ROCQUE, Carlos. Armando Dias Mendes. *In*: ROCQUE, Carlos. **Antologia da Cultura Amazônica**. Manaus: AMADA, 1970. 9 V., v. 9: Ciência em geral, p. 73.

ROCQUE, Carlos. Acyr Castro. *In*: ROCQUE, Carlos. **Antologia da Cultura Amazônica**. Manaus : AMADA, 1971. 9 V., v. 7: Artigos e crônicas: ensaios e críticas, p. 17; UFPA, 2023

ROCQUE, Carlos. Líbero Luxardo. *In*: ROCQUE, Carlos. **Antologia da Cultura Amazônica**. Manaus: AMADA, 1970. 9V., v. 1: Contos. Romances: Trecho escolhidos, p. 358-359.

ROCQUE, Carlos. Benedito Nunes. *In*: ROCQUE, Carlos. **Grande enciclopédia da Amazônia**. Belém: AMADA, 1967-1968. 6 V., v. 6, p. 201.

ROCQUE, Carlos. Mário Barata. *In*: ROCQUE, Carlos. **Antologia da Cultura Amazônica**. Manaus: AMADA, 1970. 9V., v. 7: Artigos e crônicas: ensaios e críticas, p. 260

RODRIGUES, José Honório. O Livro e a civilização brasileira. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, RJ, a. 65, v. 65, n. 3, p. 21-24, abr. 1971.

ROSÁRIO, José Ubiratan. **Amazônia**: Processo civilizatório, apogeu do Grão-Pará. Belém: GEU, 1986, p. 107.

ROUMIÉ, Pedro. Anunciada Chaves e as entidades culturais. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 14, n. 1, p. 54, jan. 2003

RYBACK, T. **A Biblioteca esquecida de Hitler**. São Paulo : Companhia das letras, [19--].  
RIBEIRO, Odnei Souza. Leandro Tocantins e a Amazontropicologia. **Textos & Debates**, Boa Vista, n. 27, v. 1, p. 33-42, jan./jun. 2015.

RODRIGUES, Joao Carlos. **João Do Rio**: Vida, paixão e obra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

SALLES, Carolina. Escolas brasileiras jogam livros no lixo. **Jus Navegandi**. 2014. Disponível em: <https://carollinasalle.jusbrasil.com.br/noticias/131353928/escolas-brasileiras-jogam-livros-no-lixo>. Acesso em: 20.07.2020

SALLES, Vicente. **O Siso e o riso de Mestre Angelus**. Brasília: Microedição do autor, 1998

SALLES, Vicente. **Vocabulário crioulo**: contribuição do negro ao falar regional amazônico. Belém: IAP: Programa Raízes, 2003.

SALVADOR, Cybelle; CARVALHO, Ronaldo Marques de; TUTYIA, Dinah. **Uma Formação em Curso**: esboços da graduação em Arquitetura e Urbanismo. Belém: UFPA, 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/13450372/Uma\\_Formação\\_em\\_Curso\\_esboços\\_da\\_graduação\\_em\\_Arquitetura\\_e\\_Urbanismo](https://www.academia.edu/13450372/Uma_Formação_em_Curso_esboços_da_graduação_em_Arquitetura_e_Urbanismo). Acesso em: 13.06.2020

SANTALICES, Angelita. O Tesouro da humanidade. **Folha do Norte**, Belém, 20 de novembro de 1951.

SANTOS, Marcos Pereira dos. Profissão mestre, por que não?. @**ProfessorNews**. 2014. Disponível em: [https://professornews.com.br/utilidades/dicas-e-tecnicas-de-ensino/5591-o-verdadeiro-sentido-de-ser-mestre.html#google\\_vignette](https://professornews.com.br/utilidades/dicas-e-tecnicas-de-ensino/5591-o-verdadeiro-sentido-de-ser-mestre.html#google_vignette). Acesso em: 12.01.2019.

SANTOS, Rosina Bahia Alice Carvalho dos. **A Antiga Biblioteca de Carlos e Margarida Costa Pinto e suas dedicatórias**. Salvador: Fundação Carlos Costa Pinto, 1995.

SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. **Memórias do velho intendente**: Antônio Lemos, 1876-1973. 1998. 304 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1998.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a *Belle-Époque* (1870-1912). 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010. 230 p. (Coleção Açai).

SCHAUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. Eneida (1904-1971). *In*: SCHAUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 203-204.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A Arte de Lidar com as Mulheres**. São Paulo: Ed. Brasileira, 1982. 3V. (Os grandes clássicos da Literatura; v. 3)

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

SÉRGIO Martins Pandolfo. **Site de Poesias**. Disponível em: <https://sitedepoesias.com/poetas/serpan>. Acesso em: 22.08.2021

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Cara Paraense**: a identidade Cultural como diferencial competitivo para o mundo dos negócios. Belém: Edição Sebrae, 2003.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. *In*: BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011., p. 65-98.

O SENHOR Governador... **O Estado do Pará**, Belém, p. 1, 12 de outubro de 1949.

SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (Org.). **O Livro do Ex-Libris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial, 2014.

SILVA, Antônio de Moraes da. **Diccionario da Língua Portuguesa**. Lisboa: Typ. de Antônio José da Rocha, 1885

SILVA, Elanir Gomes da. **O Africanismo em Batuque de Bruno de Menezes**. Belém: Falangola, 1981.

SILVA, Helen Castro da. **A Biblioteca da Fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX**. 2002. 327 f. Tese (doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, Araraquara, 2002. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102417/silva\\_hc\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102417/silva_hc_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20.08.2019.

SILVA, Kátia Leal. **A Biblioteca de uma mulher**: a doação da coleção Salette Maccalóz ao Centro Cultural Justiça Federal. 2018. 60 f. Orientador: Fabiano Cataldo Azevedo. TCC (Graduação em Biblioteconomia) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: [http://www.unirio.br/cchs/eb/arquivos/tccs-2018-2/TCC\\_Katia\\_Leal\\_da\\_Silva\\_2018\\_2\\_v.final.pdf](http://www.unirio.br/cchs/eb/arquivos/tccs-2018-2/TCC_Katia_Leal_da_Silva_2018_2_v.final.pdf). Acesso em: 10.11.2019.

SILVA, Rosário Lima da; FERNANDES, Paulo Chaves (org.). **Belém da saudade**: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 4. ed., rev. aum. Belém: Secult, 2014., p. 18.

SIRINELLI, Jean-François. Le Hazard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. Vingtième siècle. **Revue d' Histoire**, Paris: Sciences Po University Press, n. 9, p. 97-108, jan./mar. 1986. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3768995>>. Acesso em: 30 nov. 2011.

SOCIEDADE Anonyma Bitar Irmãos. **Revista do empresário**: [uma publicação da Associação Comercial do Rio de Janeiro], Rio de Janeiro, v. 18, n. 739, p. 67, jan. 1953.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. Violeta Refkalefsky Loureiro. **Bio Notas**. 2023. Disponível em: <https://sbsociologia.com.br/project/violeta-refkalefsky-loureiro/>. Acesso em: 28.01.2023.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Em defesa da cultura**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOUZA, Maria Amélia Ferro de. **O Papel do mar na economia do mundo**. Belém: Ed. da UFPA, 2000. 178 p. (Memórias; 4).

SOUZA JÚNIOR, José Alves de. **Tramas do cotidiano**: religião, política, guerra e negócios no Grão-Pará do setecentos. Belém: Ed. da UFPA, 2012

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da compadecida**. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1967. 203 p.

TAYASSU, Catitu. Prefácio. In: PINHEIRO, Alexandra Santos. **Leitoras e interlocutoras da literatura oitocentista**: literatura e gênero: através do Jornal das Famílias (1863-1878). Porto Alegre : Renascença; Edigal, 2010. P. 11-18.

TERMINOU à noite de ontem... **Folha do Norte**, Belém, 15 de agosto de 1952, p. 2.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

TIBA, I. **Ensinar aprendendo**: novos paradigmas na educação. São Paulo: Integrare, 2015

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi**: significação dos nomes geográficos de origem tupi . São Paulo: Traço, c1985.

TOCANTINS, Leandro. Introdução. In: FREYRE, Gilberto. **A Amazônia brasileira e uma possível lusotropicalologia**. Rio de janeiro : SPVEA, [19--], p. ix.

TOMBADO acervo de Anunciada. **O Liberal**, Belém, p. 3, 25 de agosto de 2010. Magazine.

TORII, Leonardo da Silva. **O Guardiã da memória do Estado do Pará: acesso à informação e a política na criação do Arquivo Público do Estado do Pará (1894-1906)**. Orientadora Professora Dra. Magda Ricci. 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado em História

Social da Amazônia) – Programa de História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

TOURINHO, Nazareno. **Lei é lei e está acabado!**. Belém: [Grafisa], 1984.

TRINDADE, Elna Maria Andersen. **O Desenhador de Belém Antônio José Landi e o movimento das imagens na Amazônia Colonial (1753-1791)**. 2017. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2017.

UNIVERSIDADE. **Folha do Norte**, Belém, 12 de fevereiro de 1957.

UNIVERSIDADE DO PARÁ. União Acadêmica Paraense. Teatro Universitário do Pará. **Vila Rica**: quatro atos vividos no Brasil Colonial, Belém, 1950

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Informativo da UFPA**: UFPA 20 anos. Ed. Histórica, Belém, jun. 1977.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Benedictus**. Belém: [UFPA], 1998. 66 p., p. 21.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **No dia 13 de agosto de 1968, portanto há exatos 50 anos, a UFPA inaugurava o Conjunto Universitário Pioneiro, atual Campus Guamá**. 2018. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/8794-no-dia-13-de-agosto-de-1968-portanto-ha-exatos-50-anos-a-ufpa-inaugurava-o-conjunto-universitario-pioneiro-atual-campus-guama>. Acesso em: 01.06.2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Biblioteca Central. **Catálogo da Coleção Silveira Netto**. Belém, 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Cátedra João Lúcio de Azevedo. **Histórico**. 2018. Disponível em: <https://cjlda.blogspot.com/p/historico.html>. Acesso em: 18.08.2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de Arquitetura. **Histórico**. 2022. Disponível em: <https://fau.ufpa.br/index.php/pt/institucional>. Acesso em: 14.06.2020

VERISSIMO, Ignácio J. **José Veríssimo visto por dentro**. Manaus: IOE-AM, 1966.

VIANNA, Arthur. **O Instituto Gentil Bittencourt**: esboço histórico. Belém: Typ. Instituto Lauro Sodré, 1906.

VIANNA, Glória. Revendo a Biblioteca de Machado de Assis. *In*: JOBIM, José Luís (org.). **A Biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro : TopBooks; ABL, 2001.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografismos**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo : Unesp, 2014.

VOGT, Carlos. A raridade Mindlin. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 2011. Editorial. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edio=65&id=819>. Acesso em: 12.03.2020

WEYDEN, Rogier van der; Wauquelin, Jean. **Chroniques de Hainaut. 1448.** Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55013200s/f18.item>. Acesso: 31.01.2021.

WIERTZ, Antoine. **La liseuse de romans (1853).** Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique. [2023]. Disponível em: <https://fine-arts-museum.be/fr/la-collection/antoine-wiertz-la-liseuse-de-romans?artist=wiertz-antoine>. Acesso em. 09.08.2023.

## FONTES

ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS. **Quadro de Sócios**. Belém, 2001.

BRASIL. Biblioteca Nacional. **Critérios para a qualificação de Obra Rara**. Rio de Janeiro, 1984.

BRASIL. Decreto n. 8.024, de 12 de março de 1881. Manda executar o Regulamento para os exames das Faculdades de Medicina. **Coleção de Leis do Império do Brasil - 1881**, Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1881, p. 171, v. 1, pt 2. Também disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-8024-12-marco-1881-546191publicacaooriginal-60103-pe.html>. Acesso em: 24.03.2020.

BRASIL. Decretos e Leis. Decreto Federal n. 4.271, de 27 de março de 1925. **Coleção das leis da República dos Estados Unidos do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 20-96, 1926.

BRASIL. Decretos e Leis. Decreto no 35.456, de 4 de maio de 1954. Concede autorização para funcionamento dos cursos de filosofia, matemática, geografia e história, ciências sociais, letras clássicas e pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Belém. **Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 8875, 17.05.1954. Também disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-35456-4-maio-1954-324810-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22.07.2020.

BRASIL. Decretos e Leis. Decreto n. 3.191, de 2 de julho de 1957. Cria a Universidade do Pará e dá outras providências. **Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 16645, 02.07.1957. Também disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-3191-2-julho-1957-354771-norma-pl.html>. Acesso em: 21.07.2023.

BRASIL. Decreto e leis. Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969. **Diário Oficial [da União da República Federativa do Brasil]**, Brasília, 15 de setembro de 1969. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1960-1969/decreto-lei-869-12-setembro-1969-375468-norma-pe.html>. Acesso em: 20.08.2019.

BRASIL. Serviço Nacional de Informações. Agência Central. **Documento de informação n. 251/72E/AC/73**, de 23 de maio de 1973.

CHAVES, Joaquim. **[Autorização permitindo que a aluna Maria Annunciada Ramos Chaves curse o ano letivo na Faculdade Livre de Direito do Pará]**. Belém, 1934.

FALECIMENTOS. Sra Maria D' Ascensão Ramos Chaves. **Província do Pará**, Belém, 21.11.1967. p. 12.

FARIA, Maria Beatriz Maneschy, arquiteta. **Informações verbais ...** Belém, 2022. Entrevista concedida em 13.06.2022

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ. **Cadeiras e patronos**. 2018. Disponível em: < <http://ihgp.net.br/principal/index.php/caadeiras-patronos>>. Acesso em: 27.06.2018.

INSTRUÇÃO Primária. Diploma de Estudos primários. CHAVES, Maria Annunciada Ramos.

MENU do Jantar em Homenagem a Annunciada Chaves, Belém, 1952. 1 folheto. Color.

MISSA-enterro-convite. **O Liberal**, Belém, 17 de agosto de 2006.

NASSAR, Flávio, professor, arquiteto, coordenador do Fórum Landi e do Memorial do Livro Moronguêta. **Informações verbais ...** Belém, 28.09.2012. Entrevista concedida a Elisangela Costa.

NASSAR, Flávio, coordenador do Fórum Landi e do Projeto Memorial do Livro Moronguêta. **Informações verbais**. Entrevista concedida em 05.07.2017

PÁGINA: Revista Lítero-Pedagógica-Noticiosa da Sociedade Paraense de Educação, Belém, v. 14, n. 14, 26 de julho de 1961. Créditos.

PARÁ. Governo do Estado. **Ofício n. 356/68**, de 15 de abril de 1968.

PARÁ. Conselho Estadual de Cultura. Ata da sessão especial do egrégio Conselho Estadual de Cultura do Pará, realizada aos vinte dias do mês abril do ano de 1978. Fala do 10 aniversário.

PARÁ. Governo do Estado. **Ofício n. 356/68**, de 15 de abril de 1968.

PARÁ. Conselho Estadual de Cultura. **Relatório 1969**. Belém, 1970.

PARÁ. Decretos e leis. Decreto de 8 de outubro de 1949. **Diário oficial do Estado do Pará**. Belém, v. 59, n. 16.254, quinta-feira, 13 de outubro de 1949.

PARÁ. Departamento de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural. **Certidão de Tombamento sob a denominação Antiga Residência de Maria Annunciada Chaves e o Acervo Documental e Bibliográfico da Biblioteca Pessoal da Referida Professora**, Belém, 24 de agosto de 2010.

PARÁ. Governador (1925-1929 : Dionísio Bentes). **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado, em sessão solenne de abertura da 2ª reunião de sua 12ª legislatura, a 7 de setembro de 1925**. [Belém]: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1925. 137 p.

PARÁ. Governador (1925-1929 : Dionísio Bentes). **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado, em sessão solenne de abertura da 3ª reunião de sua 12ª legislatura a 7 de setembro de 1926**. [Belém]: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1926. 155 p.

PARÁ. Governador (1929-1930 : Eurico de Freitas Valle). **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Pará, em sessão solenne de abertura da 3ª reunião de sua 13ª legislatura, a 7 de setembro de 1929**. Belém: Off. Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1929

PARÁ. Governo do Estado. Portaria n. 187. **Diário Oficial do Estado do Pará**, Belém, p. 6, out. 1949.



PARÁ. Governo do Estado. Secretaria de Estado de Educação e Cultura. Colégio Estadual Paes de Carvalho. **Programa de História do Brasil**: prova escrita. Belém, 19 de julho de 1952. Datilografado. 1 f.

PARÁ. Governo do Estado. Secretaria de Estado de Educação e Cultura. Colégio Estadual Paes de Carvalho. **Programa de História do Brasil**: prova didática. Belém, 19 de julho de 1952. Datilografado. 1 f.

PARÁ. Governo do Estado. Secretaria de Cultura do Estado do Pará. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. **Projeto: Lendo o Pará**: resgate da produção literária paraense. Belém: SECULT-PA, 1998

PARÁ. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Seção Pará. Lei estadual n. 5.629, de 22 de agosto de 2010. Dispõe sobre a Preservação e Proteção do Patrimônio Histórico, Artístico, Natural e Cultural do Estado do Pará. **Diário Oficial do Estado do Pará**, Belém, 20 de agosto de 2010. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei\\_n\\_5.629\\_de\\_20\\_de\\_dezembro\\_de\\_1990.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_n_5.629_de_20_de_dezembro_de_1990.pdf). Acesso em: 06.11.2019.

PARÁ. Secretaria de Estado de Educação. **C.E.E.M Profa Anunciada Chaves**. 2024. Disponível em: [https://www.seduc.pa.gov.br/portal/escola/consulta\\_matricula/RelatorioMatri culasDetalhado.php?nome\\_ure=16A%20URE%20%20TUCURUI&codigo\\_municipio=43885 &codigo\\_escola=3869](https://www.seduc.pa.gov.br/portal/escola/consulta_matricula/RelatorioMatri culasDetalhado.php?nome_ure=16A%20URE%20%20TUCURUI&codigo_municipio=43885 &codigo_escola=3869). Acesso em: 19.07.2024.

PARÁ. Tribunal de justiça. **Processo de Joaquim Chaves**. Out. 1913. Cx. 54. Notação A. Procedência 2ª Vara. Disponível no Centro de Memória da Amazônia da Universidade Federal do Pará.

PORTARIA n. 187. **Diário Oficial do Estado do Pará**, Belém, p. 6, 30 de outubro de 1949.

REGO, Ronaldo Moraes, Artista plástico. **Informações verbais**. Belém, 17 de abril de 2014.

REVISTA DA ACAD.EMIA PARAENSE DE LETRAS, Belém, v. 41, 2002. Expediente.

REVISTA DE CULTURA DO PARÁ, Belém, v.16, n. 2, jul./dez. 2005. Expediente.

REVISTA DE CULTURA DO PARÁ, Belém, v. 14, n. 1, jan. 2003. Créditos.

SÃO PAULO. 4º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS. Cartório Medeiros. **Termo de doação**, São Paulo, 03.10.1983.

SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. **Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Pará**. Belém, 2016. 13 p.

SECULT tomba a antiga residência e acervo da Professora Maria Anunciada Chaves. **Diário Oficial [do Estado do Pará]**, Belém, v. 119, n. 31.737, p. 1, 24 de agosto de 2010. Caderno 1.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Biblioteca Central. **Relatório do Sistema Pergamum**, Belém, 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Sistema de Bibliotecas. Biblioteca Central. **Coleção Amazônica**: avaliação feita pelo Conselho Editorial em 1986. Belém, 1986. [7 p.].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Sistema de Bibliotecas. Biblioteca Central Prof. Dr. Clodoaldo Beckmann. **Relatório de Atividades 2007**. Belém, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino e Pesquisa. **Resolução n. 1.983, de 1 de abril de 1992**. Concede título honorífico de Professor emérito à professora MARIA ANNUNCIADA RAMOS CHAVES.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Pró-Reitoria de Relações Internacionais. **Projeto Memorial do Livro Moronguêta**. Belém, 2013. P. 2.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Pró-Reitoria de Reações Internacionais. Memorial do Livro Moronguêta. **Inventário da Biblioteca Particular da Professora Annunciada Chaves**, Belém, 2012, Planilha em Excel.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Universitário. **Títulos honoríficos outorgados**. Disponível em: [http://sege.ufpa.br/boletim\\_interno/downloads/resolucoes/titulos\\_honorificos/professor\\_emerito/silvio\\_meira.jpg](http://sege.ufpa.br/boletim_interno/downloads/resolucoes/titulos_honorificos/professor_emerito/silvio_meira.jpg). Acesso em: 26.11.2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho universitário. **Resolução nº 91, de 2 de maio de 1972**. Autoriza aceitação de oferta. Disponível em: [https://sege.ufpa.br/boletim\\_interno/downloads/resolucoes/consun/1972/91%20Autoriza%20aceitacao%20de%20oferta.pdf](https://sege.ufpa.br/boletim_interno/downloads/resolucoes/consun/1972/91%20Autoriza%20aceitacao%20de%20oferta.pdf). Acesso em: 10.08.2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução n. 3.572, de 09 de agosto de 2007**. Homologa o Parecer n. 085/04-CPPG, que aprova a criação do curso de Mestrado em História. 2007. Disponível em: [https://sege.ufpa.br/boletim\\_interno/downloads/resolucoes/consepe/2007/Microsoft%20Word%20-%203572.pdf](https://sege.ufpa.br/boletim_interno/downloads/resolucoes/consepe/2007/Microsoft%20Word%20-%203572.pdf). Acesso em: 19.02.2024.

WIEGANDT, Bernhard. **Vista da Baía de Guanabara**. Rio de Janeiro: Banerj, [198-]. 1 cartão postal, color., 10x13cm. Emissor: Mário Barata. Destinatário: Maria Annunciada Chaves.

**APÊNDICE A - PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA PROFESSORA MARIA  
ANNUNCIADA RAMOS CHAVES**

**APRESENTAÇÃO**

1. CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. *In*: MEIRA, Silvio. **Fronteiras sangrentas**: [heróis do Amapá]. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1975.
2. CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. *In*: MACHADO, Eurico Serzedello. **Na Seara do pensamento**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1975.
3. CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. *In*: LUSTOSA, D. Antônio de Almeida. **No Estuário Amazônico – “À margem da visita pastoral”**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976, p. 5-7
4. CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. *In*: AFFONSO, João. **Três séculos de moda**. 2. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976, p. 7-8
5. CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. *In*: ANTUNES, Mariano. **Penas e sistemas repressivos**. 2. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1977, p. 7-8. Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor a 1 de dezembro de 1977.
6. CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. *In*: LIMA, José Eugênio de Aragão e. **Drama recitado no Theatro do Pará ao principio das operas, e comedia nelle postas pelo doutor juiz presidente da camara, e vereadores, do anno de 1793, em applauso do Fausto Nascimento de sua alteza real a serenissima senhora D. Maria Thereza, Princeza da Beira e presumptiva herdeira da coroa de Portugal**. Edição fac-similar. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1978. 22 p., p. 5 (Coleção Cultura Paraense. Inácio Moura).
7. CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. *In*: MEIRA, Ruy Bastos. **Frágil canto**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1978.
8. CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. *In*: INOJOSA, Joaquim. **Tito Franco de Almeida - reações políticas**: conferência realizada no Conselho Estadual de Cultura do Pará. Rio de Janeiro: [s.n.], 1979.
9. CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. *In*: BARBOSA, José Maria de Azevedo. **Na Academia**: Juvenal Tavares e Azevedo Ribeiro: traços biográficos. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980, p. 3-8. (Coleção Literatura Paraense. Série Eustachio Azevedo).
10. CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. *In*: SALLES, Vicente. **A Música e o tempo no Grão-Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980, p. 9-12. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga)
11. CHAVES, Maria Anunciada. Apresentação. *In*: SALLES, Vicente. **Paulino Chaves ante o próprio centenário**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1983, p. 5-7. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).

12. CHAVES, Maria Annunciada. Apresentação. *In:* BORGES, Ricardo. **O Pará republicano, ensaio histórico: 1824-1929.** Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1983, p. 5-7. (Coleção História do Pará. Série Arthur Viana).
13. CHAVES, Maria Annunciada Ramos. Apresentação *In:* MENDONÇA, Otávio. **Presença portuguesa na Amazônia:** conferência pronunciada no Conselho Estadual de Cultura do Pará, em 29.09.83. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1984. 41 p. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).
14. CHAVES, Maria Annunciada Ramos. Apresentação *In:* MENDONÇA, Otávio. **Palavras no tempo.** Belém: Grafisa, 1984. p. 9-11.
15. CHAVES, Maria Annunciada Ramos. Apresentação. *In:* MENEZES, Bruno de. **Batuque:** poemas. [6. ed.]. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1984. 93 p. (Coleção literatura paraense. Série Inglez de Souza).
16. CHAVES, Maria Annunciada Ramos. Apresentação *In:* DI PAOLO, Pasquale. **Cabanagem:** a revolução popular da Amazônia. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1985. 415 p. (Coleção História do Pará. Série Arthur Vianna).
17. CHAVES, Maria Annunciada Ramos. Apresentação. *In:* BRITO, Maria Lenora Menezes de. **Uma Leitura da música de Waldemar Henrique.** Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1986. 71 p. (Coleção Cultura paraense. Teodoro Braga).
18. CHAVES, Maria Annunciada Ramos. Apresentação. *In:* NUNES, Benedito. **A Obra poética e a crítica de Mário Faustino:** com um adendo rememorativo sobre o poeta. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1986. 54 p., p. 11-18. (Coleção 'Literatura Paraense'. Série 'Eustachio de Azevedo').
19. CHAVES, Maria Annunciada Ramos. Apresentação. *In:* ROSÁRIO, José Ubiratan da Silva. **Amazônia, processo civilizatório:** apogeu do Grão-Pará. Belém: Ed. da UFPA, 1986.
20. CHAVES, Maria Annunciada Ramos. Apresentação. *In:* SOUZA, Denise Helena Farias de; BARROS, Maria de Nazareth Moreira Martins de; CHAGAS, Luiza Castro das. **Estado do Pará:** pesquisa histórico-bibliográfica. Belém : IOE-PA, 1986. 4v.
21. CHAVES, Maria Annunciada Ramos. Apresentação. *In:* TAVERNARD, Antônio. **Edição comemorativa do Cinquentenário da morte do poeta.** V. 1. Poesia. Belém : Conselho Estadual de Cultura, 1986. p. 11-21.
22. CHAVES, Maria Annunciada. Apresentação. *In:* AMARAL, Fernando Medina do. **Do vôo dos pássaros à dirigibilidade da navegação aérea:** vida e obra do sábio paraense Júlio César Ribeiro de Souza. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1987. 66 p. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).
23. CHAVES, Maria Annunciada. Duas palavras. *In:* GURJÃO, Maria Tereza. **Amigo.** [s.L: s.n., 1991].
24. CHAVES, Maria Annunciada. Apresentação. *In:* BRITO, Eugênio Leitão de. **Fran Paxeco no Brasil.** Belém: Supercores, 1994.

### ARTIGOS DE PERIÓDICOS

25. CHAVES, Maria Annunciada. A Cultura política do Brasil. **A Província do Pará**, Belém, p. 1, de 31 de dezembro de 1950.
26. CHAVES, Maria Annunciada. O 110º Aniversário do Colégio Estadual “Paes de Carvalho”. **Estado do Pará**, Belém, p. 1, de 26 de agosto de 1951.
27. CHAVES, Maria Annunciada. A Influência das Ciências Sociais na formação da mocidade. **Folha do Norte**, Belém, p. 1, de 25 de novembro de 1951.
28. CHAVES, Maria Annunciada. Um livro. **Folha do Norte**, Belém, p. 1, de 8 de janeiro de 1952.
29. CHAVES, Maria Annunciada. O Ensino no Brasil e a criação da Faculdade de Filosofia do Pará. **O Estudante: Órgão oficial da União dos estudantes dos Cursos Secundários do Pará**, Belém, v. 8, n. 4, p. 1, maio de 1954.
30. CHAVES, Maria Annunciada. Colégio Estadual Paes de Carvalho: Histórico. **A Província do Pará**, Belém, 14 de dezembro de 1955.
31. CHAVES, Maria Annunciada. A Formação do professor. **Folha do Norte**, Belém, p. 1, de 13 de fevereiro de 1957.
32. CHAVES, Maria Annunciada, Falam os mestres. **A Vanguarda**, Belém, 15 de junho de 1957, p. 5.
33. CHAVES, Maria Annunciada. O Objetivo das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. **A Província do Pará**, Belém, p. 7-8, 26 de outubro de 1960.
34. CHAVES, Maria Annunciada. A criança e o professor. **Folha do Norte**, Belém, p. 12, de 01 de janeiro de 1962.
35. CHAVES, Maria Annunciada. Nacionalismo: atitude consciente do povo brasileiro. **Revista de Educação e Letras**, Belém, v. 1, n. 1, p. 49-54, jun. 1963.
36. CHAVES, Maria Annunciada. Belém: casa do pão. **Folha do Norte**, Belém, p. 1, de 12 de janeiro de 1966.
37. CHAVES, Maria Annunciada. Independência e educação. **Folha do Norte**, Belém, p. 7-6, 07 de setembro de 1970.
38. CHAVES, Maria Annunciada. Relembrando o Padre Florêncio Dubois. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 3, n. 12/13, p. 218-220, jul./dez. 1973.
39. CHAVES, Maria Annunciada. Uma poetisa esquecida (Sobre Ermelinda de Almeida). **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 17, n. 2, p. 105-108, jan./jun. 1974.

40. CHAVES, Maria Annunciada. Homenagens póstumas aos Conselheiros Temístocles Santana Marques e Orlando Chicre Miguel Bitar. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 4, n. 12/13, p. 19-21, jan./jun. 1974.
41. CHAVES, Maria Annunciada. Vianna Moog e o Ciclo do Ouro Negro. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 5, n. 18/19, p. 189-192, jan./jun. 1975.
42. CHAVES, Maria Annunciada. No centenário de nascimento de Manuel Lobato. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 5, n. 18/19, p. 47-66, jan./jun. 1975.
43. CHAVES, Maria Annunciada. Dom Frederico de Souza Castro, no centenário de seu nascimento. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 5, v. 20/21, p. 113-115, jul./dez. 1975.
44. CHAVES, Maria Annunciada. Homenagem póstuma ao Conselheiro Ernesto Horácio da Cruz. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 6, n. 22/23, p. 263-264, jan./jun. 1976.
45. CHAVES, Maria Annunciada. Homenagem póstuma ao ex-governador José de Leão Guilhon. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 6, n. 22/23, p. 287-289 jan./jun. 1976.
46. CHAVES, Maria Annunciada. Batalha do Riachuelo. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 7, n. 26/27, p. 189-195, jan./jun. 1977.
47. CHAVES, Maria Annunciada. Aspectos sociais dos fins da educação brasileira. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 7, n. 28/29, p. 97-114, jul./dez. 1977.
48. CHAVES, Maria Annunciada. Ernesto Cruz. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 22/23, p. 13-20, jul./dez. 1979-jan./jun. 1980.
49. CHAVES, Maria Annunciada. Centenário de Orlando Lima. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 28, p. 106-113, jul./dez. 1987.
50. CHAVES, Maria Annunciada. Eidorfe Moreira. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 10, n. 1, p. 75-76, jun. 1989.
51. CHAVES, Maria Annunciada. Trópico, mulher e atualidade brasileira. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 30, p. 73-89, maio/nov. 1989.
52. CHAVES, Maria Annunciada. Os Lusíadas: epopéia. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 34, p. 61-74, 1991.
53. CHAVES, Maria Annunciada. Geografia, paisagem e emoção. **Revista do Norte**, Belém, v. 1, n. 1, p. 16-25, fev. 1952.
54. CHAVES, Maria Annunciada. *Antonio Nazareth Frazão Tavernard*. **Asas da Palavra: Revista de Graduação em Letras da Universidade da Amazônia**, Belém, v. 4, n. 9, p. 44-51, out. 1998.
55. CHAVES, Maria Annunciada. Notas sobre o povoamento da Amazônia. **Revista Estudos Amazônicos: Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia**, Belém, v. 4, n. 2, p. 153-164, 2009.

## CAPÍTULO DE LIVROS

56. CHAVES, Maria Annunciada. Orlando Bitar. *In*: BORGES, Ricardo. **Vultos notáveis do Pará**. Belém: Cejup, 1986, p. 11-18. Classe 981.15 B782v
57. CHAVES, Maria Annunciada. Orlando Bitar. *In*: BITAR, Simão. **Guillaumet ou A Vida de Orlando Bitar**. Belém : Falângola, [1984], p. 65-68.
58. CHAVES, Maria Annunciada. **Historiador Ernesto Cruz**. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Exposição de aspectos da cultura paraense. Belém: Edufpa, 1981. 45 p., p. 11.
59. CHAVES, Maria Annunciada. Sessão de abertura. *In*: FREYRE, Gilberto. **O Pará amazônico: seu relacionamento com o Brasil total**. [Belém]: Conselho Estadual de Cultura, [1982]. 65 p. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga).
60. CHAVES, Maria Annunciada (Org.). Nota biográfica. Apresentação. *In*: MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Belém: CEJUP, 1989a, p. 17-24. v. 1.
61. CHAVES, Maria Annunciada (Org.). Juízos sobre suas obras. *In*: MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Belém: CEJUP, 1989b, p. 377-382. v. 8.
62. CHAVES, Maria Annunciada. Música sacra, autos e teatros profanos. *In*: MARANHÃO, Haroldo. **Pará, capital: Belém: memória & pessoas & coisas & loisas da cidade**. Belém: Fundação Cultural do Município de Belém, 2000.
63. CHAVES, Maria Annunciada. Inteligência, cultura e dedicação. *In*: NUNES, Benedito (org.). **O Amigo Chico: fazedor de poetas**. Belém: Secult, 2001, p. 52-56. JÁ DIGITEI.
64. CHAVES, Maria Annunciada. Os 127 anos do CEPC. *In*: REGO, Clóvis Silva de Moraes. **Subsídios para a história do Colégio Estadual Paes de Carvalho**. Belém : Edufpa ; LA Ed., 2002, p. 377-381.

## CONFERÊNCIAS

65. CHAVES, Maria Annunciada. Beethoven, o homem. Conferência proferida no Conservatório Carlos Gomes em 09.11.1970.
66. CHAVES, Maria Annunciada. O Processo de independência do Pará. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 2, n. 8/9, p. 63-74, jul./dez. 1972. Conferência proferida na Casa do Pará na Guanabara pela delegação do Governo do Estado do Pará e do Conselho Estadual de Cultura no Rio de Janeiro, em 15/08/1972.
67. CHAVES, Maria Annunciada. O Pará, o Mar e a Independência. *In*: COLOQUIO A MARINHA E A INDEPENDENCIA, 1972, Rio de Janeiro. Anais ... Rio de Janeiro, 1972. Nesse período Annunciada era Sub-Reitora e Representante da UFPA.

68. CHAVES, Maria Annunciada. Educação, cultura e previdência social. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 6, n. 24/25, p. 47-66, jul./dez. 1976.
69. CHAVES, Maria Annunciada. Saudação a Djacir Menezes. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 7, n. 28/29, p. 13-18, jul./dez. 1977.
70. CHAVES, Maria Annunciada. O Educador no fim do segundo milênio da Era Cristã. **Jornal O Liberal**, Belém, 30 de setembro de 1979. P. 47-63. Conferência proferida na Delegacia Regional do Ministério da Educação e Cultura, no dia 27.09.1979, abrindo o ciclo de conferência para o magistério de 1º e 2º graus, promovido pelo titular do órgão, prof. Meirivaldo Paiva.
71. CHAVES, Maria Annunciada. Trópico, mulher e atualidade brasileira. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA, 1982: Recife. **Conferência ...** Recife, 1982. 73-89 f. Datilografado.
72. CHAVES, Maria Annunciada. Palestras e conferências. A Importância do setor cultural nas prefeituras municipais. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 12, n. 2, p. 214-220, dez. 1991.

#### CONSULTORIA DE ARTE

73. UNIÃO ACADÊMICA PARAENSE. **Peça Vila Rica**. Belém, 1950. Orientação Histórica de Maria Annunciada Chaves. Peça encenada no Teatro da Paz, em 18 de maio de 1950.

#### CURSOS MINISTRADOS

74. CHAVES, Maria Annunciada. **Curso de atualização feminina**, Belém, 9 p., 02 de maio de 1983. Apostila.

#### DISCURSOS

75. CHAVES, Maria Annunciada. **As Festas da inteligência**. Oração pronunciada pela Dra. Maria Annunciada Ramos Chaves, como paraninfa a turma de guarda-livros do Ginásio Moderno a 14 de dezembro de 1944.
76. CHAVES, Maria Annunciada. **Tradição e liberdade**, discurso proferido no Colégio Moderno durante a formatura dos Técnicos em Contabilidade de 1952. **Folha do Norte**, Belém, 21 de dezembro de 1952.
77. CHAVES, Maria Annunciada. **Discurso de homenagem ao Prof. Paulo Mendes pela obtenção do título “Professor do Ano 1960”**, realizado na Sociedade Paraense de Educação, em 06 de novembro de 1960.
78. CHAVES, Maria Annunciada. Comemoração da fundação de Belém. **Revista do IHGP**, Belém, v. 13, p. 71-73, dez. 1952/1965.



79. CHAVES, Maria Annunciada. Discurso proferido em nome do Instituto, na sessão solene conjunta efetuada dia 7 de maio de 1696 na sede da Academia Paraense de Letras, comemorativa do 69º aniversário de fundação das aludidas associações culturais. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará**, Belém, v. 15, p. 119-130, dez. 1966/1967.
80. CHAVES, Maria Annunciada. Quando não se pode falar de flores a uma juventude que perdeu a inocência. **A Província do Pará**, Belém, 25 de novembro de 1968. Discurso de paraninfa dos diplomados da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Pará.
81. CHAVES, Maria Annunciada. Discurso comemorativo do 69º Aniversário do Instituto Histórico Geográfico do Pará. **Folha de Norte**, Belém, 25 de maio de 1969.
82. CHAVES, Maria Annunciada. Palavras proferidas pela conselheira Maria Annunciada Chaves. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 1, n. 1, p. 80-81, set./dez. 1971
83. CHAVES, Maria Annunciada. Discurso de saudação ao Governador do Estado e relato das atividades do Conselho Estadual de Cultura em 1971, proferido no salão nobre do CEC-PA, na Festa de Confraternização deste realizada em 28.12.1971. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 2, n. 5, nov./dez. 1971.
84. CHAVES, Maria Annunciada. Centenário do poeta Alphonsus de Guimarães - Pronunciamento. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, n. 2, p. 91-92, 1971.
85. CHAVES, Maria Annunciada. **Atualidade de Os Lusíadas**, proferida em nome do Conselho Estadual de Cultura no Grêmio Literário Português, em solenidade de 09/06/1972, como parte das comemorações neste Estado, do IV Centenário de publicação de “Os Lusíadas”.
86. CHAVES, Maria Annunciada. Rememorando o Padre Florêncio Dubois - Discursos e Pronunciamento. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 3, n. 12/13, p. 218-220, jul./dez. 1973.
87. MARIA Annunciada Ramos Chaves na Academia Paraense de Letras. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 16, p. 178-186, 1973
88. CHAVES, Maria Annunciada. Palavras ao assumir a presidência do Conselho Estadual de Cultura. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 5, n. 16/17, p. 8-9, jul./dez. 1974.
89. CHAVES, Maria Annunciada. Dom Frederico Benício de Souza Costa. Saudação aos Conselheiros Aloysio da Costa Chaves e Clóvis Moraes Rego. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 4, n. 14/15, p. 177-180, jan./jun. 1974.
90. CHAVES, Maria Annunciada. Homenagem póstuma do Conselho Estadual de Cultura ao conselheiro Orlando Chicre Miguel Bitar - Pronunciamentos dos Conselheiros: Otávio Mendonça, Clóvis Moraes Rego, Aloysio da Costa Chaves, De Campos Ribeiro e Maria Annunciada Chaves. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 4, n. 14/15, p. 236-252, jan./jun. 1974.
91. CHAVES, Maria Annunciada. Dom Frederico Benício de Souza Costa. Palavras proferidas na sessão especial de homenagem ao centenário de nascimento de Dom Frederico Costa. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 5, n. 20/21, p. 113-115, jul./dez. 1974.

92. CHAVES, Maria Annunciada. No centenário de nascimento de Manuel Barata: pronunciamento. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, n. 5, v. 18/19, p. 229-230, jan./jun. 1975.
93. CHAVES, Maria Annunciada. Maria Annunciada Chaves na Academia Brasileira de Letras. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. 19, p. 100-108, jul./dez. 1976. Discurso pronunciado na Academia Brasileira de Letras, em 15.01.1976, ao receber a Medalha Machado de Assis, com que foi contemplada por esse ilustre silogeu.
94. CHAVES, Maria Annunciada. Discurso de Recepção ao acadêmico Daniel Coelho de Souza, proferido na APL, em 18.11.1976. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 6, n. 24-25, p. 203-209, jul./dez. 1976.
95. CHAVES, Maria Annunciada. Homenagem póstuma a Pedro Borges. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 8, n. 30/31, p. 119-138, jan./jul. 1978.
96. CHAVES, Maria Annunciada. 362<sup>o</sup> Aniversário de Belém: palavras proferidas na inauguração da Praça Antônio Marçal. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 8, n. 30/31, p. 15-17, jan./jul. 1978.
97. CHAVES, Maria Annunciada. Na abertura da Sessão Especial do 10 Aniversário do Conselho Estadual de Cultura com a conferência do Prof. Benedito Nunes sobre a Paixão de Clarice Lispector. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 8, n. 32, p. 119-120, jan./jul. 1978.
98. CHAVES, Maria Annunciada. Quinze homens de boa vontade. **Jornal O Liberal**, Belém, p. 9, 14 de maio de 1978.
99. CHAVES, Maria Annunciada. Abertura da sessão e apresentação da conferência do Prof. Luís Mendonça de Albuquerque sobre Humanismo e Renascimento em Portugal. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 32, n. esp. De 10 aniversário, p. 171-175, jul./dez. 1978.
100. CHAVES, Maria Annunciada. Em memória de Augusto Serra e Emiliana Sarmiento Ferreira, no ato de inauguração dos seus retratos na galeria da Congregação do Colégio Estadual Paes de Carvalho, em 13 de março de 1979. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 9, n. 33/34, p. 109-116, jan./jun. 1979.
101. CHAVES, Maria Annunciada. Ernesto Cruz. Belém, 1979. Oração pronunciada, no Instituto Histórico e Geográfico do Pará, em 16.05.1979, na abertura da exposição em homenagem ao terceiro aniversário de morte do saudoso historiador. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 9, n. 33/34, p. 8-18, jan./jun. 1979.
102. CHAVES, Maria Annunciada. 8 de maio de 1945. Belém, **Discurso proferido na Associação de Ex-Combatentes**, em 08.05.1980. 14 f. Datilografado
103. CHAVES, Maria Annunciada, Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará. **Discurso de lançamento do livro “O Pará Republicano”, na Sessão especial no CEC-PA**, 11 de novembro de 1983. 5 p. Datilografado.
104. CHAVES, Maria Annunciada, Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará. **Discurso de abertura da Sessão especial no CEC-PA, 11 de novembro de 1983, por ocasião**

**do Centenário de Silvio Nascimento e lançamento do livro “O Pará Republicano”.** 3 p. Datilografado.

105. CHAVES, Maria Annunciada, Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará. **Discurso de homenagem ao escritor Ricardo Borges**, em sessão especial no CEC-PA, 11 de novembro de 1983, 3 p. Datilografado.

106. CHAVES, Maria Annunciada, Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará. **Discurso de encerramento da Sessão especial no CEC-PA, 11 de novembro de 1983, por ocasião do Centenário de Silvio Nascimento e lançamento do livro “O Pará Republicano”.** 1 p. Datilografado.

107. CHAVES, Maria Annunciada, Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará. **Discurso de homenagem a Orlando Bitar, junho de 1983.** 4 p. Datilografado.

108. CHAVES, Maria Annunciada, Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará. **O Menino de Óbidos.** Discurso de homenagem ao jurista Raymundo de Souza Moura, em sessão especial no CEC-PA, 11 de novembro de 1983, por ocasião do Centenário de Silvio Nascimento e lançamento do livro “O Pará Republicano”. 3 p. Datilografado.

109. CHAVES, Maria Annunciada. Biblioteca Pública Arthur Vianna. **Jornal O Liberal**, Belém, p. 12, 27 de março de 1988.

110. CHAVES, Maria Annunciada. Discursos e pronunciamentos: Helena Sousa. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 2, p. 357-360, dez. 1990.

111. CHAVES, Maria Annunciada. Na abertura da sessão de conferência de José Honório Rodrigues sobre Varnhagen no primeiro centenário do seu falecimento. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 8, n. 32, número especial de 10<sup>o</sup> aniversário, p. 69-79, jul./dez. 1978.

112. CHAVES, Maria Annunciada. Na abertura da sessão de conferência de Samuel Benchimol sobre “O Pacto Amazônico e a Amazônia Brasileira. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 8, n. 32, Número especial de 10 aniversário, p. 119-126, jul./dez. 1978.

113. CHAVES, Maria Annunciada. Discursos e pronunciamento: Em memória do Desembargador e Conselheiro Silvio Hall de Moura. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 2, p. 351-355, jul./dez. 1990.

114. CHAVES, Maria Annunciada. Discursos e pronunciamentos. O Jubileu sacerdotal de D. Alberto Gaudêncio Ramos. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 11, n. 1, p. 95-101, jan./jun. 1990.

115. CHAVES, Maria Annunciada. Discurso como oradora oficial do Colégio Estadual Paes de Carvalho, na magna sessão do 127º Aniversário de fundação, Belém, 28 de julho de 1968. In: REGO, Clóvis Silva Morais. **Subsídios para a história do Colégio Estadual Paes de Carvalho.** Belém : Edufpa; L & A ed., 2002. P. 377-381.

### EDITORIAL

116. CHAVES, Maria Annunciada. Editorial. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 10, n. 2, p. 6, dez. 1989.

### ENTREVISTA

117. CHAVES, Maria Annunciada, Diretora do Colégio Moderno. GREVE não é para professor. **Jornal O Liberal**, Belém, p. 6-7, 17 de março de 1959. Entrevista concedida aos redatores do Jornal O Liberal.

118. CHAVES, Maria Annunciada, Diretora do Colégio Moderno. **A Província do Pará**, Belém, 13 de agosto de 1960. Entrevista concedida aos redatores do Jornal para esclarecer sobre a greve da Faculdade de Filosofia da Universidade do Pará.

### LIVRO

119. CHAVES, Maria Annunciada. **O Asilo D. Macedo Costa: 66º aniversário (1902 - 1968): estudo histórico**. Belém: Governo do Estado do Pará, 1968.

120. CHAVES, Maria Annunciada. **Traços de Cultura Paraense**. Belém: Imprensa Universitária, 1981.

121. CHAVES, Maria Annunciada; BASSALO, J. M.; ALENCAR, Paulo de Tarso; VELOSO, José Miguel Martins (Org.). **O Açúcar na história do Brasil**. Belém: Ed. da UFPA, 1999. 280 p. (Memórias; 3).

### PALESTRAS

122. CHAVES, Maria Annunciada. Caxias: fruto sazonado da nossa extraordinária natalidade. **A Província do Pará**, Belém, p. 1, de 23 de agosto de 1957. Palestra da professora Maria anunciada Chaves no Rotary Club.

123. CHAVES, Maria Annunciada. **A Importância da personalidade do jovem estudante**. Belém, 23 de setembro de 1960. Local: Salão nobre do CEPC.

124. CHAVES, Maria Annunciada. Felipe Patroni: um revolucionário dominado pela ânsia de liberdade. **A Província do Pará**, Belém, 27 de agosto de 1967. Palestra proferida em 15 de agosto de 1967 a convite do Governo do Estado, transmitida pela Rádio Marajoara.

125. CHAVES, Maria Annunciada. Aspectos sociais dos fins da Educação Brasileiro. Palestra proferida na Escola Técnica Federal do Pará. **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v. 7, n. 26/27, p. 97-114, jul./dez. 1977.

126. CHAVES, Maria Annunciada. **Aspectos históricos do Tribunal de Contas da União**. Belém, 12 de março de 1981. 18 p. Datilografado. Alusiva aos 90 anos do TCU.

127. CHAVES, Maria Annunciada. Justiça. **Revista do TJE**, Belém, 8 de dezembro de 1981. P. 7-14. Datilografado. Palestra proferida no Tribunal de Justiça do Estado.

128. CHAVES, Maria Annunciada. Dia da Justiça. **Revista do TJE**, Belém, v. 26, p. 215-220, 1982.

### PREFÁCIO

129. CHAVES, Maria Annunciada. Prefácio. In: ANTUNES, Mariano. **Penas e sistemas repressivos**. 2. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1977, p. 8-9. (Coleção Cultura Paraense. Série Ignácio Moura).

130. CHAVES, Maria Annunciada. Prefácio. In: GUILHON, Norma. **Os Confederados em Santarém**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1979. 233 p. (Coleção 'História do Pará. Série 'Arthur Vianna'). Classe 981.1 G956c

131. CHAVES, Maria Annunciada. Prefácio. In: RIBEIRO, José Guilherme de Campos. **Rumotempo: poesias**. [Belém]: Semec, 1979. 109 p.

132. CHAVES, Maria Annunciada. Prefácio. In: MEIRA, Octávio. **A Primeira República no Pará: desde o crepúsculo da Monarquia até o Golpe de 1891**. Belém: Falangola, 1981. 417p.

133. CHAVES, Maria Annunciada. Prefácio. In: REIS, Arthur César Ferreira; SANTOS, Carlos José Oliveira (Pref.). **A Amazônia que os portugueses revelaram**. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. 129 p. (Lendo o Pará; 17).

### TESE

134. CHAVES, Maria Annunciada. **O Açúcar na história do Brasil**. Belém: Of. Graf. da Revista de Veterinária, 1952. 175 f. Tese (cátedra) – Colégio Paes de Carvalho, Belém, 1952.

### TRABALHOS APRESENTADOS EM EVENTOS

135. CHAVES, Maria Annunciada. Ferreira de Castro e o Pará. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO, 1., 1980: Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980.

136. CHAVES, Maria Annunciada. Notas sobre o povoamento da Amazônia In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA, 1., 1982: Recife. **Conferência ...** Recife, 1982. 11 f. Datilografado.

137. CHAVES, Maria Annunciada. Trópico, mulher e atualidade brasileira. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA, 1982: Recife. **Conferência ...** Recife, 1982. 73-89 f. Datilografado.

